UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DIÉLEN DOS REIS BORGES ALMEIDA

CARTOGRAFIA DAS RELAÇÕES DE SABER-PODER NO DISCURSO SOBRE CIÊNCIA NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO 21

UBERLÂNDIA
2025

DIÉLEN DOS REIS BORGES ALMEIDA

CARTOGRAFIA DAS RELAÇÕES DE SABER-PODER NO DISCURSO SOBRE CIÊNCIA NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO 21

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A447 Almeida, Diélen dos Reis Borges, 1984-
2025 Cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21 [recurso eletrônico] / Diélen dos Reis Borges Almeida. - 2025.

Orientador: Vinícius Durval Dorne.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.32
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Dorne, Vinícius Durval,1987-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de doutorado - PPGEL				
Data:	Vinte e um de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12113ELI010				
Nome do Discente:	Diélen dos Reis Borges Almeida				
Título do Trabalho:	Cartografias das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Identidades em (dis)curso(s): sentidos (im)possíveis para os sujeitos				

Reuniu-se, na sala 209, bloco G, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Vinícius Durval Dorne - UFU, orientador da Tese; Cleudemar Alves Fernandes - UFU; Israel de Sá - UFU; Antônio Fernandes Júnior - UFCat; Natália Martins Flores - UNICAMP.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Vinícius Durval Dorne, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Natália Martins Flores**, **Usuário Externo**, em 21/02/2025, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Vinicius Durval Dorne**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2025, às 17:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **ANTONIO FERNANDES JUNIOR**, **Usuário Externo**, em 21/02/2025, às 17:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cleudemar Alves Fernandes**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2025, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Israel de Sá**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2025, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6065829** e o código CRC **54D67DD5**.

Referência: Processo nº 23117.006156/2025-59 SEI nº 6065829

AGRADECIMENTOS

Quantas vezes um doutorando abre os arquivos da sua tese ao longo de quatro anos? Suponho que, em centenas, eu os acessei com senso de obrigação e, em algumas dezenas, cheia de entusiasmo por uma aula instigante ou um pensamento novo. O que sei com precisão é que, por duas vezes, abri os arquivos da tese e chorei. E não foi porque fazê-la fosse difícil, embora seja, mas porque a vida é mais. A primeira vez que chorei diante dos meus arquivos foi no início de 2022, depois que minha mãe recebeu o diagnóstico de câncer, com metástase e sem cura. Após passar semanas lidando com a nossa nova realidade, voltei aos trabalhos do doutorado preenchendo alguma parte sobre previsão de data de defesa, escrevi "fevereiro de 2025" e, só então, me veio o pensamento de que minha mãe não me veria doutora. A segunda vez que chorei ao retomar a escrita foi no fim de 2023, quando meu pedido de um ano de afastamento para pós-graduação, para o qual eu havia me planejado com bastante antecedência, organização e transparência, ter sido negado pelo setor em que trabalho, na própria universidade, onde, nos dez anos anteriores, eu havia coberto os afastamentos de todos os colegas que haviam solicitado o acesso a esse direito, pois todos tiveram o pedido aceito. Quase toda esta tese eu escrevi ouvindo música instrumental, um hábito para concentração que trago da rotina de jornalista, mas é uma música com letra que pode dizer o que senti: "Forte eu sou, mas não tem jeito. Hoje eu tenho que chorar", de Fernando Brant e Milton Nascimento (Travessia, 1967).

Além de uma 'Travessia', esse doutorado foi um reencontro. Comecei o curso em março de 2021 e todas as minhas aulas foram remotas. Vinha de um mestrado em outra área e trabalhava muito, afinal, sou jornalista de ciência e estávamos na pandemia de covid-19. Mas, antes da graduação em Jornalismo e do mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação, eu havia me graduado em Letras e trabalhado como professora de Redação. Escolher fazer o doutorado em Estudos Linguísticos foi voltar ao Instituto de Letras e Linguística. Levei um tempo até me sentir parte de novo e dois motivos foram fundamentais para, hoje, eu me reconhecer linguista e analista do discurso: participar do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (Ledif) e ter ido ao meu primeiro evento presencial pós-pandemia, o Cartografias do Contemporâneo de 2022 (e a todas as edições seguintes). São grupos de excelência e de afetividade, feitos de pessoas que me acolheram, me formaram e me alegraram.

Agora, está chegando “fevereiro de 2025” e minha mãe já comprou a roupa que ela vai usar para me assistir na banca de defesa da tese, que concluí entre os expedientes do meu outro trabalho, como ainda precisam fazer tantos pesquisadores em formação na pós-graduação brasileira. Faço parte da primeira geração da família a ingressar no ensino superior e, se a palavra “aprovada” estiver na ata da defesa, serei a primeira doutora da família. Além disso, como doenças incuráveis podem ser estabilizadas pela ciência e corações partidos podem ser remendados pela nossa rede de apoio, dois dias de choro em quatro anos diante da tese são até pouco. Nós sorrimos muito mais! “Solto a voz nas estradas. Já não quero parar” (Travessia, 1967).

Nessas histórias que contei e em muitas outras estão os personagens da vida, a quem estão endereçados meus agradecimentos por motivos que cada um sabe: meu orientador Vinícius Dorne; meus professores Cleudemar Fernandes e Israel de Sá; os demais integrantes da banca, Natália Flores e Antônio Fernandes Júnior; a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mais especificamente os profissionais que atuam no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), no serviço de Normalização das Bibliotecas e na Diretoria de Comunicação Social (Dirco) com senso de serviço público; a sociedade brasileira que financia a universidade federal; meu amor Arthur Almeida; minha mãe Valda; meu irmão Dielton e a nova família que ele começou a formar; meus amigos Jussara Coelho, Cintia Sousa, Marco Cavalcanti, Flávia Araújo e Carlos Henrique de Carvalho; meu tio João e sua família; meus orientadores de graduação, Gerson de Sousa, e de mestrado, Ana Spannenberg; minha alfabetizadora, Nialva Fernandes; meus pets Tufão, Capitu, Charlotte e Rebeca; e outros professores, familiares, amigos, estagiários e colegas de trabalho e de pós-graduação que, em algum momento desses quatro anos, deixaram comigo uma indicação, uma oração, um abraço, um brinde, um sorriso.

Tudo importa. “Sonho feito de brisa. Vento, vem terminar” (Travessia, 1967). Obrigada!

A escrita consiste essencialmente em empreender uma tarefa graças à qual e ao final da qual poderei, para mim mesmo, encontrar alguma coisa que não tinha visto inicialmente. Quando começo a escrever um estudo, um livro, qualquer coisa, não sei realmente aonde isso vai, nem em que vai dar, nem o que demonstrarei. Só descubro o que tenho para demonstrar no próprio movimento da escrita, como se escrever fosse precisamente diagnosticar aquilo que eu queria dizer no exato momento em que comecei a escrever. (Foucault, 2016 [1968], p. 49).

RESUMO

Esta pesquisa se situa teórica e metodologicamente no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos e está relacionada às investigações sobre comunicação pública, divulgação científica e percepção pública da ciência. O objetivo geral é cartografar, em diferentes instâncias discursivas, as relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil nas primeiras décadas do século 21. Os objetivos específicos são: investigar os focos difusos de poder e resistência quanto às suas condições de possibilidade da/na história para surgimento, debate e circulação do conceito de ciência no país; analisar como se constituem os sujeitos discursivos envolvidos na comunicação pública da ciência; observar o que está em tensionamento nos efeitos de verdade sobre ciência nas diferentes instâncias de dizibilidade; e colaborar com a interface e os diálogos entre as áreas de estudos linguísticos e de ciências da comunicação. Nesta tese, toma-se a "ciência" como um referencial dos discursos, constituída no próprio dizer, conforme as possibilidades históricas de aparecimento e de delimitação. A composição do arquivo analítico leva em conta a função que os enunciados exercem na rede de saber-poder sobre ciência. A partir de três acontecimentos discursivos — as políticas de governo para a ciência (implementações e/ou cortes); a emergência de conteúdos de divulgação científica; e a disseminação de *fake news* e negacionismo científico — e considerando o campo associado formado a partir deles, observa-se como se constroem dizibilidades e visibilidades pelas/nas seguintes instâncias de saber-poder: pesquisadores, instituições de pesquisa e sociedades científicas; jornalistas e veículos de mídia; autoridades políticas; e sociedade. As análises do corpus composto por pronunciamentos políticos, matérias jornalísticas, temas de eventos, ações de comunicação pública, cartazes e postagens em redes sociais revelam discursos sobre ciência como condição para desenvolver o país — ora fala-se em desenvolvimento econômico, ora em desenvolvimento social, inclusive em democratização do acesso à ciência — em uma perspectiva bastante emaranhada com a racionalidade neoliberal; e discursos sobre ciência como autoridade para produzir e dizer o que é verdade, ou não, sobre diversas áreas da vida. Não obstante, percebe-se como o discurso de divulgação científica pode ser uma prática de resistência ao modelo empresarial da ciência. Portanto, tem-se a seguinte tese: a ciência no Brasil nas primeiras décadas do século 21 é resultado das relações de saber-poder, deve servir para o desenvolvimento, constrói verdades para a conduta dos sujeitos e é, ela própria, objeto de disputas sobre o que seria o dizer verdadeiro. Essas observações possivelmente se estendem a outros tempos e territórios.

Palavras-chave: Ciência. Discurso. Estudos Discursivos Foucaultianos. Saber-poder. Divulgação científica.

ABSTRACT

This research is theoretically and methodologically situated within the field of Foucauldian Discourse Studies and is connected to investigations on public communication, scientific dissemination and the public perception of science. The main goal is to map, in distinct discursive levels, knowledge/power relations in the discourses on science in Brazil in the first decades of the 21st century. The specific objectives are: to investigate diffuse points of power and resistance in regards of its conditions of possibility on/of history for the emergence, debate and circulation of the concept of science in the country; to analyze how discursive subjects on public communication of science are constituted; to examine what is in conflict on truth effects on science in different say-ability instances; and to collaborate with the interface and the dialogues between linguistics studies and communication sciences. In this thesis, "science" is taken as a reference point for discourse, constituted on the act of saying, according to the historical possibilities of emergence and delimitation. The analytical archive's constitution takes into consideration the role that statements take on the knowledge/power network of science. From three separate discursive events — government policies for sciences (implementations and/or cuts); the emergence of content on scientific dissemination; and the propagation of fake news and scientific denialism — and considering the associated field that is constructed from them, it is observed how say-abilities and visibilities are formed through/in the following instances of knowledge/power: researchers, research institutes and scientific societies; journalists and media vehicles; political authorities; and society. The analysis of the corpus composed of political statements, journalistic articles, event topics, public communication actions, posters and social media publications shows discourses on science as a condition to develop the country — at times it is talked about an economic progress, other times social progress, including the democratization of access to science — in a viewpoint rather tangled with neoliberal rationality; as well as discourses about science as an authority to create and say what is truthful, or not, about various areas of life. However, science dissemination discourse can be an act of resistance to the business model of science. Therefore, the following thesis is presented: in the first decades of the 21st century, science in Brazil is the result of knowledge/power relations, it has to serve the purpose of progress, it constructs truths for subjects' conducts and it is, in itself, object of conflicts over what constitutes the true statement. These observations possibly extend to other times and territories.

Keywords: Science. Discourse. Foucauldian Discourse Studies. Knowledge/power. Scientific dissemination.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
ABJC	Associação Brasileira de Jornalismo Científico
Andes-SN	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
Andifes	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
ANPG	Associação Nacional de Pós-Graduandos
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Asfoc-SN	Sindicato dos Servidores de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCT	Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia
CGEE	Centro de Gestão de Estudos Estratégicos
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Covid-19	*(Co)rona (vi)rus (d)isease* (em inglês); doença do coronavírus (em português), surgida no ano de 2019
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapii	Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAPs	Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa
Fasubra	Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil
Fenaj	Federação Nacional dos Jornalistas
Finep	Financiadora de Estudos e Projetos
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
Funed	Fundação Ezequiel Dias
Furb	Universidade Regional de Blumenau
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICT	Institutos de Ciência e Tecnologia

IES	Instituições de Ensino Superior
INCT-CPCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Inpa	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
Inpe	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MCTIC	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PACTI	Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação
RedeComCiência	Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência
RedPOP	*Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología de América Latina y del Caribe*
RMCC	Rede Mineira de Comunicação Científica
SBF	Sociedade Brasileira de Física
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Ufam	Universidade Federal do Amazonas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	POR QUE E COMO FAZER ESTA PESQUISA SOBRE CIÊNCIA?	12
2	FAZER E DIZER CIÊNCIA	25
2.1	O que é e como surge a ciência?	25
2.2	Ciência no Brasil: história, divulgação e percepção pública	33
2.3	O ecossistema atual da ciência brasileira	50
3	A CIÊNCIA PARA DESENVOLVER O PAÍS	56
3.1	Ciência, economia e neoliberalismo	56
3.2	Ciência, educação e desenvolvimento social	76
4	CIÊNCIA (D)E VERDADE	87
4.1	A verdade da ciência no jornalismo: saber-poder de responder e conduzir	87
4.2	A verdade da ciência na política: saber-poder de atacar e defender	107
4.3	A verdade da ciência para pesquisadores e divulgadores: saber-poder de fazer e comunicar	119
5	REFLEXÕES SOBRE O DIZER (DA) CIÊNCIA: DISPUTAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E VERDADE	139
	REFERÊNCIAS	142
	ANEXOS	161

1 POR QUE E COMO FAZER ESTA PESQUISA SOBRE CIÊNCIA?

O discurso sobre ciência no Brasil esteve tensionado por múltiplos focos de poder nas pouco mais de duas décadas do século 21. Em um país que faz pesquisa científica predominantemente em instituições públicas, ou seja, financiadas pelo Estado, sucederam-se governos de diferentes polos políticos, com (ou sem) projetos muito divergentes de investimento em educação e pesquisa. As práticas em divulgação científica se ampliaram, desde os setores institucionais de comunicação pública da ciência até os canais de influenciadores nas mídias digitais, ao mesmo tempo em que o negacionismo científico ascendeu relacionado às disputas políticas. Houve uma pandemia[1]. Nesta rede de saber-poder, entram na ordem do discurso sobre ciência, primeiramente, os pesquisadores, as instituições de pesquisa e as sociedades científicas. Os veículos de mídia, principalmente os especializados ou que tenham a editoria de ciência e os divulgadores científicos também penetram nessa ordem, fazendo a ponte entre o mundo da ciência e a população. Considerando o impacto científico na vida das pessoas, ainda mais acentuado no contexto de pandemia, governantes e governados também ingressam na ordem do discurso sobre ciência, esse poder exercido sobre as coisas e os seres vivos. É frente a essa conjuntura e imersa nela que se desenvolveu, de 2021 a 2024, esta tese de doutorado intitulada ‘Cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21’, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU) e no Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (Ledif) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

As inquietações que germinaram esta tese interpelaram a autora antes do ingresso no curso de doutorado. Por isso, neste momento, situo-me em primeira pessoa neste relato. Sou servidora pública no cargo de jornalista da Diretoria de Comunicação Social da UFU desde 2013, onde idealizei e participei da criação da Divisão de Divulgação Científica, lançada em 2018, com o objetivo de ampliar as ações de comunicação pública da ciência produzida na universidade. Coordenei essa divisão desde o seu lançamento até 2023 e continuo atuando no setor em funções como repórter de ciência, *podcaster* e supervisora de estágio. Também integro a Rede Mineira de Comunicação Científica (RMCC) desde 2016.

[1] A pandemia de covid-19 foi declarada em 11 de março de 2020, pelo diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus. Ele anunciou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 5 de maio de 2023. A covid-19 é uma infecção respiratória aguda provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de transmissibilidade alta e de distribuição global. O SARS-CoV-2 foi detectado pela primeira vez em pacientes na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. De acordo com a OMS, em três anos, foram registradas 7 milhões de mortes por covid-19 no mundo, mas o número real pode ter chegado a 20 milhões de óbitos, devido à subnotificação. No Brasil, foram confirmados 39 milhões de casos e mais de 714 mil mortes. (Biernath, 2023; Brasil, 2024c; Opas, 2023).

Como jornalista de ciência, que trabalha de dentro para fora de uma universidade, fui percebendo um movimento nos transformando cada vez mais em *cheerleaders* da ciência, animadores efusivos, onde antes, talvez, houvesse espaço para debater criticamente o fazer científico. Não de repente, mas ao longo desse primeiro quarto de século 21, falar de ciência foi passando a nos inscrever de um lado ou de outro do cenário político-social brasileiro. Mas, afinal, que acontecimentos se dão a partir do que se diz sobre ciência? Para responder a inquietações como essa — estando tão inserida nos discursos, ou aquários, como propõe Paul Veyne (2011) e é explicado adiante nesta tese — escrevi um projeto de pesquisa para analisar o discurso sobre ciência no Brasil produzido pelas instituições de pesquisa, como a universidade em que trabalho. Com ele, fui aprovada no processo seletivo e ingressei no curso de doutorado do PPGEL/UFU.

Meu segundo encontro definidor para esta tese foi com o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), justamente aquele para o qual as palavras constituem as coisas enquanto essas são ditas, e isso se dá por meio de relações de saber e poder. O que um olhar discursivo, a partir das reflexões de Foucault, observaria no que é dito sobre ciência no Brasil contemporâneo? Considerando seu método arqueogenealógico, suponho que olharia para a dispersão dos dizeres, muito além de onde se faz ciência. E, por aqui, encerro o uso da primeira pessoa do singular e seguimos com o plural, porque o texto desta tese, além de ser fruto de um trabalho colaborativo entre mim, meu orientador, meus professores e colegas de grupo de pesquisa e do programa de pós-graduação, é um convite aos leitores, sejam eles examinadores ou não, a percorrer o "movimento da escrita" e "encontrar alguma coisa que não tinha visto inicialmente" (Foucault, 2016 [1968], p. 49).

Assim, no transcorrer de quatro anos do curso de doutorado, foi imprescindível ampliar o arquivo desta pesquisa (descrito e explicado adiante), como se percebe no seu volumoso conjunto de anexos que podem ser consultados no fim do trabalho, reunindo enunciados produzidos por pesquisadores, comunicadores, governantes e governados. A tese, em compensação, é concisa ao articular e analisar essa dispersão de dizeres.

Como resultado desses movimentos, que delinearam os caminhos da pesquisa, chegamos ao objetivo geral desta tese: cartografar, em diferentes instâncias discursivas, as relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil nas primeiras décadas do século 21. Os objetivos específicos são: investigar os focos difusos de poder e resistência quanto às suas condições de possibilidade da/na história para surgimento, debate e circulação do conceito de ciência no país; analisar como se constituem os sujeitos discursivos envolvidos na comunicação pública da ciência (comunicadores, cientistas, gestores e públicos); observar o

que está em tensionamento nos efeitos de verdade sobre ciência nas diferentes instâncias de dizibilidade; e colaborar com a interface e os diálogos entre as áreas de estudos linguísticos e de ciências da comunicação.

A cartografia, desenvolvida por Deleuze a partir dos eixos metodológicos de Foucault — saber-poder-subjetividade —, é uma estratégia flexível de análise que vai além de um mapeamento físico, pois "trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade" (Prado Filho; Teti, 2013, p. 47). As práticas de normalização, como saúde, educação e criminalidade — e, nesta tese, a ciência —, são objetos importantes para a análise cartográfica, pois ela possibilita a problematização da história do presente, a crítica do nosso tempo e o enfrentamento de enunciações, modos de sujeição e de resistência que "fazem de nós aquilo que nós somos" (Prado Filho; Teti, 2013, p. 51).

A análise cartográfica é rizomática, segundo esses autores, pois se desdobra horizontalmente, sem hierarquias, mas com multiplicidades e heterogeneidades, em uma teia de relações, por vezes, subterrâneas, composta por nós e atravessada por linhas, a serem observadas por suas conexões, bifurcações e convergências. Portanto, o cartógrafo não chega até seu objeto de pesquisa com o mapa pronto. Ele deve estar "aberto a percorrer e descrever novos trajetos e caminhos que se apresentam como possíveis" (Prado Filho; Teti, 2013, p.56). O resultado é um desenho dinâmico, pois são traçados lugares e diagramas de poder, linhas capilares de forças e de enfrentamentos, que não estão fixos, mas em movimento.

Como adiantamos na narrativa do percurso acadêmico, esta pesquisa se assenta teórico-metodologicamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Os procedimentos envolvem levantamento bibliográfico qualitativo, que proporcione condições de caracterizar a ciência, a comunicação pública, a divulgação científica e a percepção pública da ciência, com base no que já foi publicado no Brasil e em outros países, e de aprofundar-se nos estudos do discurso a partir de Foucault e de autores contemporâneos. Os objetivos se apoiam numa proposta exploratória, no sentido de analisar o funcionamento dos enunciados sobre ciência produzidos por diferentes instâncias de saber-poder. Nos valemos do incômodo de Foucault (2014a [1970]), para questionar essas relações: quais "vontades de verdade" sustentam essas bases institucionais?

A constituição do arquivo analítico desta pesquisa leva em conta a função que os enunciados exercem na rede de saber-poder sobre ciência, tal como propõe a perspectiva foucaultiana explicada por Deleuze (2019[1988], p. 26, grifos do autor):

> [...] a originalidade de Foucault está na maneira pela qual determina ele os *corpus*: não é em função de frequências ou de constantes linguísticas, nem por conta de qualidades pessoais dos que falam ou escrevem. [...] É que ele não escolhe as palavras e as proposições de base segundo a estrutura, nem segundo um sujeito-autor de quem elas emanariam, mas segundo a simples função que exercem num conjunto [...]. Caso se insista em perguntar que critérios Foucault utiliza, a resposta só aparecerá com toda a clareza nos livros posteriores à *Arqueologia*: as palavras, frases e proposições retidas no *corpus* devem ser escolhidas em torno dos focos difusos de poder (e resistência) acionados por esse ou aquele problema.

Nessa perspectiva dos focos de poder e resistência tensionados no Brasil no século 21, a seleção dos discursos para serem cartografados nesta pesquisa se dá a partir das noções que, segundo Foucault (2014a [1970], p. 51), devem servir de princípio regulador para a análise: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade e a de condição de possibilidade. Afinal, a análise das condições históricas de possibilidade e de emergência dos saberes possibilita detectar discursos "que constroem verdades e possibilitam o exercício do poder" (Navarro-Barbosa, 2004, p. 103). Foucault (2014a [1970]) trata de quatro exigências de método: um princípio da inversão, segundo o qual se observa o que está por baixo da instância fundamental e fonte criadora dos discursos; um princípio de descontinuidade, pois os discursos são práticas descontínuas, que podem se cruzar, se ignorar ou se excluir; um princípio de especificidade, que concebe o discurso não como um jogo de significações prévias, mas como uma violência feita às coisas; e um princípio de exterioridade, ou seja, as condições externas de possibilidade do discurso.

O discurso é entendido por Foucault, de acordo com Paul Veyne (2011), como a descrição mais precisa e concisa de uma formação histórica e, considerando que todo fato histórico é uma singularidade e não existem verdades gerais, a sugestão de Foucault "[...] é levar o mais longe possível a análise das formações históricas ou sociais, até desnudar sua singular estranheza" (Veyne, 2011, p. 23). É para explicar o conceito de discurso na perspectiva foucaultiana que Veyne utiliza a analogia do aquário:

> A cada época, os contemporâneos estão, portanto, tão encerrados em discursos como em aquários falsamente transparentes, e ignoram que aquários são esses e até mesmo o fato de que há um. As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros. De modo que a verdade se reduz a um *dizer verdadeiro*, a falar de maneira conforme o que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde. (Veyne, 2011, p. 25, grifos do autor).

Nas palavras de Foucault (2020 [1969], p. 60), os discursos devem ser considerados "como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam". Ou seja, o discurso não se reduz à língua ou ao ato de fala e vai além de um conjunto de signos que designam coisas, justamente porque faz "mais" do que isso, e "é esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (Foucault, 2020 [1969], p. 60). Na primeira das cinco conferências que proferiu no Brasil, reunidas na obra 'A verdade e as formas jurídicas', Foucault (2013 [1973], p.19) trata da importância e originalidade, em outra época, dos estudos linguísticos que demonstraram as regularidades internas do que se produzia por meio da linguagem, mas diz ainda que o método de análise dos discursos que ele propõe considera o discurso como "conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro", a fim de analisar esse jogo polêmico e estratégico. Ao responder às perguntas de encerramento das conferências, aborda a forma do discurso como "estratégia verbal para conseguir a verdade" (Foucault, 2013 [1973], p.133) e que "estabelecemos discursos e discutimos, não para chegar à verdade, mas para vencê-la" (Foucault, 2013 [1973], p. 136).

O enunciado, átomo do discurso, é definido por Foucault (2020 [1969]) pelo que é e pelo que não é. Não é proposição, nem frase, nem ato de fala. O enunciado é uma função de existência relacionada ao sentido dos signos, a partir da qual se pode decidir se eles fazem sentido ou não. A função enunciativa tem quatro características: o referencial, a posição de sujeito, o campo associado e a existência material. O referencial é constituído de leis de possibilidade ou regras de existência e "forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado" (Foucault, 2020[1969], p. 110-111). Sobre a posição de sujeito, Foucault (2020[1969], p. 113) explica que "um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos". O campo associado é constituído pelas outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento, como um jogo de réplicas; pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere para repetir, modificar, adaptar, opor-se a elas ou falar delas; "não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados" (Foucault, 2020[1969], p. 119). Quanto à última característica da função enunciativa, a existência material, é importante destacar que os enunciados configuram uma materialidade repetível, que é constituinte dos dizeres. Essa repetibilidade "faz aparecer o enunciado como um objeto específico e paradoxal, mas também como um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem" (Foucault, 2020[1969], p. 128).

Nesta tese, o objeto "ciência" é pensado como referencial dos discursos, que vai sendo constituído no próprio dizer, conforme as possibilidades de aparecimento e de delimitação. Por isso, a análise deve ser "das relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças" (Foucault, 2020[1969], p. 111). Ou, nas palavras de Deleuze (2017 [1985], p. 26), cada enunciado tem seu próprio objeto discursivo, que é "o mundo do qual se circunda um certo enunciado na sua diferença com relação a qualquer outro enunciado". Assim o referencial, em batimento com os outros elementos da função enunciativa, "é uma importante ferramenta analítica [...] ao considerar como os enunciados constroem os objetos de que falam, a partir de leis e regimes de dizibilidade de um momento histórico" (Dorne; Dagatti, 2023, p. 133).

Foucault (2020[1969], p. 34) afirma que, na análise do campo discursivo, trata-se de compreender o enunciado "na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui". O conceito de enunciado, para o autor, é uma função de existência relacionada ao sentido dos signos:

> O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (oral ou escrita). (Foucault, 2020 [1969], p. 105).

Percebendo o discurso nessa dimensão histórica, interessa-nos, para a constituição do *corpus* de enunciados sobre ciência no Brasil nas primeiras décadas do século 21, especialmente a noção de acontecimento discursivo, compreendido como "cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis" (Foucault, 2014a [1970], p. 55). Uma vez que há rupturas no saber, os sentidos são construídos nas práticas discursivas, e não dados *a priori*.

Nas 'Aulas sobre a vontade de saber', Foucault (2014b [1970-1971]) explica que o acontecimento não é uma unidade indivisível que possa ser situada no tempo e no espaço, nem mesmo no texto, mas, sim, uma dispersão e uma multiplicidade. É um acontecimento "que se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações" (Foucault, 2014b [1970-1971], p. 182). Essa multiplicidade do acontecimento discursivo define "o lugar e o papel de um tipo de discurso,

a qualificação daquele que deve fazê-lo, o âmbito de objetos ao qual se dirige, o tipo de enunciados que ocasiona" (Foucault, 2014b [1970-1971], p. 182).

Quando se trabalha com o conceito foucaultiano de acontecimentos discursivos, explica Navarro-Barbosa (2004), compreende-se a história como descontínua e serialista e concebe-se o discurso como prática discursiva localizada entre a estrutura (as regras da linguagem) e o acontecimento (o que é efetivamente dito). Nas palavras do próprio Foucault (2014a [1970], p. 53), "é para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o 'lugar' do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição". Assim, despoja-se o discurso de uma origem e de uma causalidade entre as palavras e as coisas, ou, mais especificamente, de uma causalidade mecânica ou de uma necessidade ideal (Foucault, 2014a [1970]). Ao invés de causalidade, é a casualidade (ou o acaso, a depender da tradução dos originais de Foucault) que passa a ser considerada como categoria na produção dos acontecimentos. Desse modo, "entender o discurso como acontecimento é aceitar que é ele que funda a interpretação, constrói uma verdade, dá rosto as coisas. Por isso o discurso é objeto de disputa, em vista do poder que, por seu intermédio, se exerce" (Navarro-Barbosa, 2004, p. 108).

O enunciado-acontecimento surge a partir do arquivo, que é o objeto específico da arqueologia e define o regime de enunciabilidade, formação e transformação do que pode ser dito ou escrito (Navarro-Barbosa, 2004). Os acontecimentos discursivos instauram rupturas nos regimes de saber e os enunciados são sempre acontecimentos, pela ordem da enunciação. O arquivo, explica Foucault (2020[1969]), é o que faz com que tantas coisas ditas tenham aparecido graças a um jogo de relações que caracterizam o nível discursivo. "O arquivo é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (Foucault, 2020[1969], p. 158).

A partir do arquivo que existe em nossa sociedade sobre o que é ciência, dos lugares de dizibilidade e dos acontecimentos discursivos relacionados ao saber-poder sobre ciência nas primeiras décadas do século 21, constitui-se o *corpus* desta pesquisa observando como se constroem dizibilidades. A tarefa que se pretende empreender é uma cartografia, "coextensiva a todo o campo social" (Deleuze, 2019[1988], p. 41), mapeando as relações de forças que constituem o saber-poder sobre ciência no Brasil.

Contudo, antes de apresentar o quadro de constituição do arquivo desta pesquisa (Imagem 1), é importante esclarecer alguns procedimentos metodológicos: a nomeação ou o estabelecimento dos acontecimentos discursivos, além de ser uma estratégia teórico-metodológica de organização do arquivo e do trabalho a ser realizado com os

enunciados, já é, em si, o resultado do empreendimento analítico; toma-se como acontecimentos discursivos aquilo que reorganiza os discursos sobre a ciência [por exemplo, a disseminação de *fake news* (notícias falsas) e negacionismo científico que produz, em contrapartida, o *fact-checking* (publicação de conteúdos por veículos de mídia, agências e assessorias que apresentam a checagem de informações a fim de confirmá-las ou refutá-las)][2]; as materialidades não são analisadas por meio de descrição e interpretação isoladas; o empreendimento analítico é olhar para essa profusão de dizeres, observando como elas estão imersas e exercem relações de saber e de poder, em cada acontecimento discursivo.

Dada a dimensão desse arquivo, é necessário também estabelecer critérios de inclusão e exclusão dos enunciados para análise. A partir desses critérios, chegamos a 71 materialidades discursivas, reproduzidas integralmente nos Anexos, das quais extraímos os enunciados analisados no decorrer da tese. É nessa ótica que se apresenta, na sequência, a Imagem 1, em que se esquematiza a constituição do *corpus* desta pesquisa.

[2] Não partimos da pandemia de covid-19 como acontecimento discursivo, embora outros caminhos de análise pudesse fazê-lo, porque consideramos que ela é perpassada pelos demais acontecimentos que estabelecemos nesta pesquisa.

Imagem 1 - Constituição do *corpus* da pesquisa ‘Cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21’

Acontecimentos discursivos		
As políticas de governo para a ciência (implementações e/ou cortes)	A emergência de conteúdos de divulgação científica	A disseminação de *fake news* (notícias falsas) e o negacionismo científico

A partir desses acontecimentos discursivos, como se constroem dizibilidades nas instâncias de poder?

Lugares de dizibilidade das instâncias de saber-poder	**Critérios de inclusão/exclusão dos enunciados para análise**
Pesquisadores, instituições de pesquisa e sociedades científicas	Temas das reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); temas das reuniões magnas da Academia Brasileira de Ciências (ABC); manifestos divulgados por grupos; cartazes em manifestações contra cortes de recursos para ciência; conteúdos produzidos pelas assessorias de comunicação institucional e postagens em redes sociais em campanhas pró-ciência.
Jornalistas e veículos de mídia	Capas, matérias, artigos e editoriais cujos temas sejam a própria ciência, prioritariamente os veículos especializados ou que tenham a editoria de ciência; matérias, artigos e editoriais acionados por meio do campo associado, a partir de outros lugares de dizibilidade.
Autoridades políticas	O que os quatro presidentes eleitos e/ou empossados no século 21 (Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro) disseram sobre ciência em seus pronunciamentos de posse, em anúncios de políticas públicas relacionadas à ciência e/ou quando questionados pela imprensa sobre assuntos referentes à ciência.
Sociedade	Cartazes e postagens em redes sociais que homenageiam a ciência, como se observou durante a vacinação contra covid-19.
Todos	Serão considerados enunciados sobre ciência produzidos no Brasil de 2001 a 2024, especialmente até os primeiros meses deste último ano, devido ao prazo para conclusão da tese.
	Serão priorizados enunciados que utilizam a palavra “ciência” e/ou palavras sinônimas e derivadas.
	As ações de divulgação científica serão observadas em sua dispersão entre pesquisadores, instituições de pesquisa, sociedades científicas, jornalistas e veículos de mídia, com destaque para o Instituto Butantan, vencedor do Prêmio José Reis de Divulgação Científica do CNPq.

Fonte: Elaborada pela autora.

Esse arquivo é analisado por meio do método arqueogenealógico foucaultiano. Em ‘A arqueologia do saber’, Foucault (2020[1969]) propõe que, diferentemente da história tradicional, que transformava os monumentos do passado em documentos que seriam analisados e trariam revelações, faça-se o inverso: transformar os documentos em monumentos nos quais se observam os elementos a serem isolados, agrupados, relacionados, organizados e descritos. As consequências disso são: a multiplicação das rupturas na história das ideias, a importância da noção de descontinuidade, a substituição de uma história global por uma história geral e os problemas metodológicos dessa história nova. A tarefa da história geral envolve determinar a forma de relação entre as diferentes séries, que sistema vertical podem formar, o jogo de correlações e dominâncias, o efeito das temporalidades diferentes, enfim, que quadros (ou mesmo que séries de séries) é possível constituir.

Para o empreendimento analítico, nos guiamos pelos dois conjuntos propostos por Foucault (2014a [1970]) ao fazer análises discursivas: o conjunto crítico e o conjunto genealógico, que devem alternar-se, apoiar-se e complementar-se.

> A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. [...] A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação e, por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. (Foucault, 2014a [1970], p. 65).

E, sobremaneira, pensar genealogicamente pressupõe compreender como o poder é pensado por Foucault: não tem relação direta com o Estado, mas “se exerce em níveis e pontos diferentes da sociedade, configurando uma rede de micro-poderes” (Navarro, 2008, p. 63). De acordo com Navarro (2008), o poder, na perspectiva foucaultiana, produz saberes e induz ao desejo. A compreensão sobre o eixo do poder, no pensamento de Foucault, é esmiuçada na publicação das transcrições das aulas ministradas por Gilles Deleuze, de outubro de 1985 a maio de 1986, na Universidade de Paris. O curso ‘Michel Foucault: o poder’ (Deleuze, 2020[1986]) reforça a explicação de como o poder é produtivo, ou seja, não é algo que só diz “não”; o poder é um exercício, que se dá em uma relação entre sujeitos livres; o poder não é propriedade, e sim uma estratégia; o poder não é homogêneo, pois passa por pontos de singularidade; o poder é difuso, isto é, não tem uma única localização, como o Estado; o poder não está subordinado a um modo de produção ou relações exteriores, porque,

de fato, o que existem são focos de poder; o poder não age por violência ou ideologia e, sim, por relações (Deleuze, 2020[1986]).

Em seu texto 'O sujeito e o poder', Foucault (1995[1982]) propõe que se questione não como o poder se manifesta, mas, antes, como uns o exercem sobre os outros; que se tome por objeto de análise não um poder, mas relações de poder; enfim, que se considere o poder como um exercício de conduzir condutas, um modo de ação sobre as ações dos outros, que são livres. Foucault (1995[1982]) estabelece cinco pontos para a análise das relações de poder: os sistemas das diferenciações (jurídicas, econômicas, de lugar, linguísticas ou culturais etc.), que permitem a ação sobre a ação dos outros; os objetivos de quem age sobre a ação dos outros; as modalidades instrumentais, por exemplo, ameaça das armas, efeitos da palavra, disparidades econômicas e sistemas de vigilância; as formas de institucionalização, como a tradição, as estruturas jurídicas ou um sistema complexo como o Estado; e os graus de racionalização, a depender da eficácia dos instrumentos, da certeza do resultado e do custo eventual, de modo que o poder se reorganiza. Esse entendimento de poder produtivo e difuso é fundamental para a nossa análise da profusão de dizeres de pesquisadores, instituições de pesquisa e sociedades científicas; jornalistas e veículos de mídia; autoridades políticas e sociedade.

Por fim, justifica-se a relevância científica da pesquisa relatada nesta tese na medida em que busca contribuir com as investigações sobre comunicação da ciência, abordada como disciplina emergente em âmbito mundial, há pouco mais de uma década, por Trench e Bucchi (2010), no artigo intitulado '*Science communication, an emerging discipline'*. Nesse texto, os autores argumentam que é necessário um maior desenvolvimento teórico para apoiar o pleno surgimento da comunicação científica como uma disciplina. Na revista da '*Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RedPOP)'*, Almeida, Amorim e Massarani (2017) também se referem aos estudos sobre divulgação da ciência como emergentes na América Latina. Esses autores defendem que, para a consolidação de um campo acadêmico na divulgação da ciência, "é necessário fortalecer a pesquisa empírica e seus referenciais teóricos e metodológicos, bem como a solidificação de grupos de pesquisa, fóruns de discussão e jornais voltados para a área"[3] (Almeida; Amorim; Massarani, 2017, p. 94, tradução nossa). Na mesma publicação, Rocha e Massarani (2017)

[3] "*Pero, para la consolidación de un campo académico autónomo en divulgación de la ciencia, es necesario el fortalecimiento de la investigación empírica y de sus referentes teóricos y metodológicos, así como la solidificación de grupos de investigación, foros de discusión y periódicos enfocados en el área*." (Almeida; Amorim; Massarani, 2017, p. 94).

traçaram o panorama geral da investigação em divulgação da ciência na América Latina e concluíram que os estudos na região se concentram, principalmente, na investigação sobre divulgação científica nos meios de comunicação de massa e nos museus. As autoras apontam que, apesar da relevância desses estudos, outras áreas acabam negligenciadas pela pesquisa em divulgação científica.

Em resposta a esse panorama, entende-se que esta pesquisa, que se insere na interface entre Linguística e Comunicação para se pensar a ciência, é importante para ambas as áreas do conhecimento. Com uma proposta de cartografia inédita dentro dos Estudos Discursivos Foucaultianos, em que a "ciência" é tomada como um referencial, constituída no próprio dizer, conforme as possibilidades históricas de aparecimento e de delimitação, acredita-se que também possa contribuir para o avanço do conhecimento sobre comunicação, divulgação e percepção pública da ciência.

Não obstante, esta pesquisa demarca sua importância frente ao contexto social contemporâneo, devido à dimensão política da ciência em circunstâncias de fragilidades decorrentes de pandemia, crise ambiental e climática e desigualdade social; cortes sucessivos do investimento público na ciência brasileira; e de propagação de conteúdos falsos relacionados ao saber científico. Desse modo, busca-se contribuir com os estudos sobre a comunicação, a divulgação e a percepção pública da ciência, não apenas no seio dessa área, mas em uma interface, à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

Nesta tese optamos por trabalhar com a escrita descritiva-analítica, sem a separação entre seções teóricas e analíticas. Após esta seção introdutória sobre 'Por que esta pesquisa sobre ciência?', há três seções que têm como pontos de partida os enunciados recolhidos e colocados em batimento, não para analisar cada grupo das instâncias de dizibilidade, mas para articulá-los de acordo com os trajetos temáticos, que são: o funcionamento da ciência e da sua divulgação, a ciência para o desenvolvimento do país e a ciência para a produção de efeitos de verdade. Por vezes, foi difícil fazer essa divisão em seções, justamente por trabalharmos com enunciados que se ligam na rede discursiva, e não raro encontramos trechos que bem poderiam ser deslocados para outra seção.

Contudo, sendo importante organizar o trabalho, a próxima seção, intitulada 'Fazer e dizer ciência', aborda a história da ciência ocidental, o ecossistema das pesquisas científicas no Brasil contemporâneo e alguns conceitos e dados sobre comunicação, divulgação e percepção pública da ciência, para refletir sobre a noção de ciência nos Estudos Discursivos Foucaultianos e discutir como esse campo compreende a ciência não como saber, mas, sim, como fruto de relações de saber e poder. Na sequência, estão duas seções que foram

estruturadas a partir das hipóteses que foram sendo levantadas e, no decorrer das análises, refutadas ou confirmadas.

‘A ciência para desenvolver o país’ reúne as descrições e as análises de arquivos compostos por enunciados sobre “ciência” que a apresentam como condição ou meio para se atingir a situação denominada como desenvolvimento do Brasil. Essa é uma regularidade que observamos primeiramente no discurso político e, posteriormente, percebemos sua repetibilidade no discurso de pesquisadores e sociedades científicas. A partir dessas observações, são identificados dois tipos de construções discursivas que partem da ciência para atingir o desenvolvimento: ora fala-se em desenvolvimento econômico, ora fala-se em desenvolvimento social, inclusive numa perspectiva de democratização do acesso à ciência.

A seção ‘Ciência (d)e verdade’ reúne o arquivo em que se observa como “ciência” representa um valor acionado para legitimar ideias e informações e que entra na arena de disputas político-sociais como um campo ora sob ataque, ora sob defesa, que inscreve os sujeitos discursivos em grupos com uma ou outra visão de mundo, a depender de como se relacionam com o saber-poder científico. Talvez esta pudesse ser desdobrada em duas seções e, assim, a tese seria composta por partes quantitativamente mais semelhantes. Porém, perderia em termos de articulação da rede enunciativa. Assim, em três subseções, descrevemos e analisamos a verdade da ciência no jornalismo, construída a partir das relações de saber-poder de responder às dúvidas e conduzir as condutas dos sujeitos; a verdade da ciência na política, em que as relações de saber-poder produzem dizibilidades sobre o que seria a ciência de verdade ou não, sob forças de ataque e defesa de diferentes grupos; e a verdade da ciência para pesquisadores e divulgadores, demandados pelo saber-poder tanto de fazer quanto de comunicar a ciência.

Como considerações finais, na seção ‘Reflexões sobre o dizer (da) ciência: disputas sobre desenvolvimento e verdade’, apresentamos observações sobre o encerramento da pesquisa, sintetizamos as quatro constatações sobre dizer “ciência” a que chegamos no decorrer do trabalho cartográfico e que constituem a própria tese e retomamos uma provocação feita nas primeiras páginas desta seção introdutória.

2 FAZER E DIZER CIÊNCIA

Há muitos caminhos para se pensar cientificamente o primeiro quarto do século 21 no Brasil. Neste estudo, escolhe-se a própria ciência como objeto do discurso, ou seja, como a ciência é construída pela e na linguagem, como referencial dos enunciados: quem fala sobre ciência, o que se enuncia quando se aciona essa palavra, como emerge a ideia de divulgação científica e que relações de saber e de poder são estabelecidas por meio desses discursos. Percorrer esse caminho é traçar uma cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21.

Nesta seção da tese, fazemos uma espécie de sobrevoo pela história da ciência e as suas possibilidades de conceituação no mundo ocidental e no Brasil, até chegarmos às reflexões contemporâneas sobre comunicação e percepção pública da ciência e ao ecossistema atual das pesquisas brasileiras. A partir disso, refletimos sobre a noção de ciência nos Estudos Discursivos Foucaultianos, a fim de discutir como esse campo compreende a ciência não como saber, mas, sim, como fruto de relações de saber e poder.

2.1 O que é e como surge a ciência?

Antes de haver a ciência, já havia o mundo, o caos e as vontades, quer se pense a origem da humanidade cientificamente, a partir dos primeiros hominídeos que descobriram o fogo, ou não cientificamente, crendo na Eva mítica que provou o fruto do conhecimento. “Em algum ponto perdido deste universo cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e da suprema arrogância da história universal”, afirma Friedrich Nietzsche (1873) em um aforismo citado por Michel Foucault (2013 [1973]) no livro ‘A verdade e as formas jurídicas’. Conforme foram-se atribuindo normas para se chegar ao conhecimento, inventou-se a ciência, uma atividade humana de investigação em constante desenvolvimento que segue um método – e nisso concordam os livros de metodologia e de filosofia da ciência, de positivistas a dialéticos, chegando ao pós-estruturalismo e à pós-modernidade, ainda que apresentem variadas definições para o referencial “ciência”.

A partir da leitura que faz de Nietzsche, Foucault (2013 [1973]) afirma que o conhecimento é fabricado, inventado. É um paradoxo: o conhecimento não é um instinto e não tem origem ou continuidade na natureza humana, mas é o resultado do jogo entre os

instintos humanos, que se encontram e lutam entre si e, em um instante de estabilização, chegam a um estado em que aparece o conhecimento, como uma centelha entre duas espadas. O conhecimento não é instintivo, é contrainstintivo; não é natural, é contranatural. Não está ligado à natureza humana e não é nem "aparentado" com o mundo a conhecer. Não há nenhuma semelhança ou afinidade prévia entre conhecimento e as coisas a conhecer. As condições de experiência e as condições do objeto de experiência são totalmente heterogêneas – e, nisso, Nietzsche rompe com o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), que dizia que as condições de experiência e do objeto eram idênticas (Foucault, 2013 [1973]).

Não é possível definir o que é ou não é ciência de forma objetiva e neutra; talvez, apenas, conceituar ciência, escreve o filósofo brasileiro Hilton Japiassu (1981). De acordo com esse autor, a ciência pode ser uma procura metódica do saber, um modo de interpretar a realidade, uma instituição, uma aventura intelectual, um poder exercido sobre as coisas e os seres vivos, mas as condições em que são produzidos os conhecimentos estão imersas em uma atmosfera sócio-política — uma perspectiva coerente com a foucaultiana adotada nesta tese. "É nesse enquadramento sócio-político, fazendo da ciência um produto humano, nosso produto, que leva os conhecimentos objetivos a fazerem apelo quer queiram quer não, a pressupostos teóricos, filosóficos, ideológicos ou axiológicos, nem sempre explicitados", afirma Japiassu (1981, p. 44). Dessa forma, podemos dizer nesta tese que as condições de possibilidade histórica permitem um dado tipo de ciência em cada formação histórica (Foucault, 2014a [1970]; Deleuze, 2017 [1985]).

Desde o século 4 antes da Era Comum (AEC)[4], os filósofos da Grécia Antiga buscavam dominar todas as áreas do conhecimento e, portanto, já faziam algum tipo de ciência. Na linha do tempo do pensamento ocidental, como explica Lana (2006), considera-se que a ciência começa a ser desenvolvida a partir da lógica de Aristóteles (384 AEC - 322 AEC). Mais próximos da ciência que se faz hoje em dia estão os marcos estabelecidos a partir do Renascimento, como Galileu Galilei (1564 - 1642) e a experimentação metódica, Isaac Newton (1643 - 1727) e as leis matemáticas, Karl Popper (1902 - 1994) e a falseabilidade, e outros homens europeus (Lana, 2006). A despeito do que documenta a história tradicional, as demais partes do mundo, que tiveram seus registros destruídos em processos violentos de invasão e colonização, como a América Latina, e grupos socialmente excluídos, como mulheres e povos escravizados, certamente também fizeram ciência.

O escritor e líder indígena Ailton Krenak (2021) explicita que a ciência é a produção de conhecimento ao longo de milhares de anos, "desde que os humanos aprenderam a fazer

[4] Antes do ano zero no calendário gregoriano, também referido como 4 a. C. (antes de Cristo).

observações sobre a vida", e que há uma dada arrogância de algumas ciências nas últimas décadas, quando elas viraram um serviço de afirmação de ideias pré-concebidas, e a ideia de conceber ciência e tecnologia como sinônimas. "Ciência é produção de conhecimento e tecnologia, é a apropriação e o desenvolvimento desses processos. Faço crítica a essa malandragem corporativa de produzir mercadorias toda hora para nos surpreender como se fosse uma caixinha de surpresas" (Krenak, 2021).

Os livros de metodologia, como o de Marina Marconi e Eva Lakatos (2006), diferenciam o conhecimento científico, basicamente, de outras três formas de conhecimento: o popular, o filosófico e o religioso. Somente o conhecimento científico é conceituado como uma sistematização de pensamentos e atividades racionais, objetivas, lógicas e confiáveis, direcionadas a um objeto, capaz de passar por experimentação para verificar se é falível ou não. Os demais são considerados todos valorativos, o popular é assistemático, o filosófico e o religioso não são verificáveis, entre outras diferenças. Quem também sistematiza critérios de cientificidade é Umberto Eco (2016), para o qual o estudo deve abordar um objeto reconhecível e definido, ser inédito quanto ao que diz ou à ótica sob a qual observa o objeto, ser útil aos outros e fornecer elementos para verificação, contestação e continuidade.

As reflexões tratadas por Marconi e Lakatos (2006) e Eco (2016), nos impelem a asseverar como, segundo Foucault (2013 [1973]), tais formas de investigação como o inquérito e o exame vêm das práticas políticas, administrativas e judiciárias e passaram a ser exercidas também por filósofos e cientistas e a constituir uma forma de verdade em nossas sociedades. "Até na ciência encontramos modelos de verdade cuja formação deriva das estruturas políticas que não se impõem do exterior ao sujeito de conhecimento, mas que são, elas próprias, constitutivas do sujeito de conhecimento" (Foucault, 2013 [1973], p. 35).

Enfim, um conhecimento é reconhecido como científico se for produzido por meio de um método científico. Um dos métodos mais antigos, utilizados desde a lógica aristotélica, é o dedutivo, em que se parte do maior para o menor, de uma premissa geral para uma conclusão singular. Ao contrário, o método indutivo vai do menor ao maior, porque se observa fatos concretos, passa-se a uma generalização e chega-se a uma lei científica. Esse método foi importante para o desenvolvimento da ciência moderna, que se faz até os dias de hoje, mas, como é normativo no que se refere à ciência, foi recebendo críticas de pesquisadores e filósofos da ciência, como Popper, que já mencionamos, Gaston Bachelard (1884 - 1962), Ludwik Fleck (1896 - 1962), Imre Lakatos (1922 - 1974), Thomas Kuhn (1922 - 1996) e Paul Feyerabend (1924 - 1994). De forma geral, continua válido afirmar que o método científico compreende etapas como: estado da arte, observação, formulação do problema, levantamento

de dados, elaboração de hipóteses, desenvolvimento de experimentos e/ou análises, constatação (ou não) de resultados e produção de conclusões. Contudo, não se trata de um método universal para todas as áreas e deve variar, a depender do problema e dos objetos de estudo (Rozentalski, 2023).

A ciência contemporânea é demandada por lutas, em relações saber e de forças que buscam torná-la mais democrática, inclusiva, valorizada e divulgada. Há datas que marcam essas demandas. Uma delas é 11 de fevereiro, Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, por meio de sua agência para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), para promover o acesso e a participação de forma igualitária de mulheres e meninas nessa área (Unesco, 2024). No âmbito nacional, há o 8 de julho, Dia Nacional da Ciência (Lei nº 10.221, de 18 de abril de 2001) e Dia Nacional do Pesquisador (Lei nº 11.807, de 13 de novembro de 2008), data escolhida em homenagem à criação da SBPC, em 8 de julho de 1948. E, ainda, na agenda internacional, o 10 de novembro, Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento, criado pela ONU/Unesco, que "destaca o papel importante da ciência na sociedade e a necessidade de envolvimento de um público mais amplo nos debates sobre as questões científicas emergentes" e "sublinha a importância e a relevância da ciência em nosso cotidiano" (ONU, 2020).

Na medida em que se aprofundam em torno de objetos específicos, vão sendo constituídas diferentes ciências que se encaixam em áreas do conhecimento. No Brasil contemporâneo, território da nossa cartografia, consideram-se oito ou nove grandes áreas, de acordo com as principais agências de fomento. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) divide as áreas em oito e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), além dessas oito, acrescenta a Multidisciplinar. Portanto, são elas: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes; e Multidisciplinar. Ao longo desta tese, em outras seções, essa divisão em áreas é retomada em discussões como quais formas de ciência são consideradas como mais produtivas ou não para o desenvolvimento econômico e, inclusive, quais devem receber financiamento estatal, segundo enunciam alguns veículos de imprensa e alguns governos.

Entretanto, para se analisar o discurso sobre ciência no século 21, é imprescindível refletir sobre a perspectiva decolonial da ciência: uma virada epistemológica que retira do eurocentrismo o eixo supostamente universal da produção do conhecimento. Esta tese já passa

por esse prisma quando, anteriormente, cita escritores como Japiassu (1981) e Krenak (2021) para problematizar a ciência. Em um dossiê sobre descolonizações publicado pela revista ‘Com Ciência’, Baliana (2020) esclarece que a colonialidade se caracteriza pela acumulação e exploração econômica e assimetria das relações de poder em escala global, que servirão de base para controlar o trabalho, a subjetividade, o gênero, a cultura, a natureza, entre outros. A autora escreve sobre a colonialidade do ser — que possibilita uma desqualificação epistêmica e ontológica do outro, isto é, a negação do que não se enquadra no padrão europeu — e a colonialidade do saber — que sistematiza o modelo europeu de produção de conhecimento a ser seguido de maneira universal em diferentes áreas, da medicina à literatura. Essa noção de universalidade implica reproduzir moldes canonizados de maneira naturalizada, sem elaborar perspectivas analíticas que questionem justamente o que os canonizou (Baliana, 2020).

O debate sobre colonialidade acontece na América Latina desde os movimentos de independência, especialmente no século 19, e se fortalece a partir da segunda metade do século 20, quando estão acontecendo processos de independência na Ásia e na África.

> Teóricos como Franz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Edward Said e Ranajit Guha foram influências determinantes para a constituição dessas linhas conceituais, inspiradas por uma reformulação da perspectiva discursiva social a partir principalmente de tradições críticas como as de Michel Foucault e Jacques Derrida; da descentralização da noção de sujeitos e de narrativas contemporâneas, com o pós-modernismo e as contribuições de Jean-François Lyotard; e dos estudos culturais empreendidos em solo britânico, com as reflexões de nomes como Stuart Hall. (Baliana, 2020).

A ‘Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos’, vinculada ao Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), publicou, em 2024, o dossiê ‘Foucault e o Pensamento Decolonial’, com as contribuições dos comentadores e estudiosos de suas obras para os temas relacionados à decolonialidade. São citados trabalhos sobre os arquivos de Foucault na Tunísia (país no norte da África onde ele lecionou de 1966 a 1968), o livro ‘Dispositivo da Racialidade’, resultante da tese de doutorado da socióloga Sueli Carneiro, em que o conceito foucaultiano de biopoder é importante para abordar as dinâmicas do racismo no Brasil, entre outros. Enfim, para Foucault interessava como as formas de dominação de uns sobre os outros puderam fazer funcionar a sociedade (França Júnior; Souto, 2024).

Na América Latina, pesquisadores como o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo argentino Walter Mignolo, o cientista social colombiano Arturo Escobar e a socióloga argentina María Lugones [entre outros, citados anteriormente] discutem a ideia de

colonialidade como padrão de dominação global (Baliana, 2020). Krenak foi além, durante a conferência de inauguração da cátedra Darcy Ribeiro, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2 de dezembro de 2024, e defendeu a ideia de um pensamento contracolonial, como mostra a matéria publicada no site da UFMG:

> Sou convidado por muitos de vocês a ler suas teses e dissertações, e então vejo vocês fazendo lá uma 'crítica decolonial'. Eu fico me perguntando: a gente está na Europa? [...] Ora, a gente não tem de fazer uma crítica 'decolonial', a gente tem de fazer uma crítica contracolonial. A gente tem é de denunciar e detonar o pensamento colonial como uma coisa que se perpetua inclusive a partir da nossa própria maneira de produzir conhecimento. Muitas vezes, pensamos que estamos produzindo novas epistemologias, mas elas estão eivadas de pensamento colonial, cheias de vícios. (Krenak *apud* Ribeiro; Sanches, 2024).

Não nos punimos, por exemplo, por uma tese que analisa discurso a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos do francês Michel Foucault, que inclusive é apontado como uma das influências do pensamento decolonial. Mas nos vigiamos para captar aquilo que só é possível de ser produzido pelos pesquisadores foucaultianos que vivem e atuam no Brasil contemporâneo, com os quais esta tese dialoga nos decorrer de suas seções, numa análise do discurso à brasileira. Ou seja, não se trata de uma repetição mnemônica do pensamento foucaultiano; antes, um fazer científico sustentado em pesquisas e fazeres de diversos pesquisadores brasileiros, e que tensiona as certezas, as ferramentas de análise, as noções e conceitos, e que produz, ele próprio, um caminho de análise.

Na perspectiva decolonial, as origens da modernidade são deslocadas do eixo Iluminismo-Revolução Industrial para os conflitos no controle do Atlântico por parte da Europa entre os séculos 15 e 16 (Baliana, 2020). Os estudos decoloniais propõem outras possibilidades de conhecimento, em diálogo com vertentes teóricas e culturais de diferentes continentes "capazes de ilustrar a importância da busca de um saber – ou de saberes – que assuma suas próprias diferenças, parcialidades e responsabilidades na construção de sociedades democráticas" (Baliana, 2020). Não se trata de recusar todo o conhecimento de origem eurocêntrica, negando a ciência e seus métodos, mas de questionar as formas centralizadas e universais de conhecimento, buscando compreender o que elas suprimiram e os dualismos hierarquizantes que criaram, como "cultura/natureza; homem/mulher; original/tradução; norte/sul" (Baliana, 2020). Ou ainda, no caso que se observa nesta tese, qual ciência é, e qual não é, de verdade e capaz de desenvolver o país.

Um exemplo, que chamou a atenção internacional inclusive pelo ineditismo, ocorreu em dezembro de 2024, quando a revista estadunidense *'Science'*, uma das publicações científicas com maior prestígio no mundo, publicou, pela primeira vez, um artigo assinado por pesquisadores indígenas brasileiros. "Indigenizando a ciência da conservação para uma Amazônia sustentável"[5] defende que a ciência ocidental precisa se abrir para os conhecimentos indígenas para salvar a Amazônia (Levis *et al*, 2024). O texto é assinado por 14 cientistas, sendo cinco deles pesquisadores dos povos Tuyuka, Tukano, Bará, Baniwa e Sateré-Mawé, que já estiveram ou estão vinculados ao projeto Brazil Lab, da Universidade de Princeton. Existem condições de possibilidade histórica que permitem que esse fato possa ocorrer, que este enunciado, o artigo, possa ser considerado como ciência e publicado nesta revista, as quais vão desde os estudos e as lutas decoloniais até a necessidade de preservação ambiental da qual a visão eurocêntrica não deu conta.

Em diálogo com o explicitado por Baliana (2020), quando trata do papel de filósofos como Foucault que influenciam o processo de decolonialidade da ciência, a compreensão mesma da ciência como fruto de relações de saber e poder se faz imperiosa. Em 'A arqueologia do saber', Foucault (2020 [1969], p. 219) afirma que a ciência se relaciona ao que deve ser dito "para que possa haver um discurso que, se for o caso, responda a critérios experimentais ou formais de cientificidade". Já o saber são os elementos regularmente formados por uma prática discursiva que não necessariamente dão lugar a uma ciência, mas que a constituem. "Há saberes que são independentes das ciências [...]; mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma" (Foucault, 2020 [1969], p. 220). Nas 'Aulas sobre a vontade de saber', Foucault (2014b [1970-1971]) desloca o tema do saber para o da verdade:

> Sem dúvida seria possível reconhecer em textos científicos o que poderíamos chamar de "operadores epistemológicos": eles se referem à própria possibilidade do discurso em cujo interior são considerados. E por possibilidade não devemos entender aqui os axiomas ou postulados, os símbolos empregados e suas regras de uso; devemos entender aquilo que torna possível não a coerência, o rigor, a verdade ou a cientificidade do discurso, mas sua existência. Penso, por exemplo, no início do *Curso de linguística geral* de Saussure; ou no texto de Lineu sobre a estrutura do aparelho sexual das plantas (na medida em que funda a possibilidade de uma descrição taxonômica, descrição que tem como objeto precisamente sua própria condição de possibilidade – ou seja, justamente essa estrutura). (Foucault, 2014b [1970-1971], p. 7).

[5] No original: "*Indigenizing conservation science for a sustainable Amazon*".

Poucos anos depois, em ‘A verdade e as formas jurídicas’, obra que reúne cinco conferências ministradas no Brasil, Foucault (2013 [1973]) apresenta uma reflexão metodológica, o ponto de convergência entre pesquisas que já existem para confrontá-las e reuni-las em uma pesquisa renovadora. “Em primeiro lugar, uma pesquisa propriamente histórica, ou seja: como se puderam formar domínios de saber a partir das práticas sociais?” (Foucault, 2013 [1973], p. 18). Ele também critica a tendência marxista de “supor que o sujeito de conhecimento, as próprias formas do conhecimento são de certo modo dados prévia e definitivamente, e que as condições econômicas, sociais e políticas da existência não fazem mais do que depositar-se ou imprimir-se neste sujeito definitivamente dado” (Foucault, 2013 [1973], p. 18) e retoma, no fim do primeiro capítulo (ou primeira conferência), a explicação de que “as condições políticas e econômicas da existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade” (Foucault, 2013 [1973], p. 34).

Se o primeiro eixo de pesquisa proposto por Foucault (2013 [1973]) é como as práticas sociais podem engendrar domínios de saber que fazem aparecer novos objetos, conceitos, técnicas e sujeitos de conhecimento, o segundo eixo é metodológico: a análise dos discursos. O filósofo trata da importância da descoberta do caráter linguístico dos fatos de linguagem, da tradição que considerou o discurso como um conjunto de fatos linguísticos ligados por regras sintáticas de construção. Se anos atrás foi relevante e original mostrar que o que se fazia com a linguagem obedecia a leis ou regularidades internas, havia chegado o momento de considerar os fatos de discurso não apenas sob seu aspecto linguístico, mas como “jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta. O discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro” (Foucault, 2013 [1973], p. 19). Ou seja, todo fato de discurso se constitui por relações de poder. O terceiro eixo é a reelaboração da teoria do sujeito como ponto de origem de todo conhecimento e verdade para a teoria de um sujeito que se constitui no interior da história, sendo constantemente refundado (Foucault, 2013 [1973]).

Assim, atentando-se para a demanda por se pensar as relações de saber e de poder na contramão da visão eurocêntrica e considerando o arquivo desta pesquisa, formado por enunciados sobre ciência produzidos no Brasil no início do século 21, a próxima subseção historiciza a ciência nacional, bem como a sua divulgação, incluindo o jornalismo científico, que são narrativas com descontinuidades que se misturam.

2.2 Ciência no Brasil: história, divulgação e percepção pública

Quando voltamos nosso olhar para o Brasil, a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, é o prelúdio do que se convencionou tradicionalmente chamar de história da ciência oficial do país, assim como da educação, da imprensa e de outras atividades intelectuais, o que também é uma forma de desconsiderar os saberes dos povos originários e suas formas próprias de desenvolvimento e circulação. A linha do tempo da ciência brasileira é traçada a partir dos processos de institucionalização do fazer científico. Fundam-se as primeiras instituições ligadas à ciência, como o Real Horto (1808), que posteriormente viria a ser o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a Real Academia Militar (1810) e o Museu Real (1818), que se tornou o Museu Nacional (Chagas; Massarani, 2020). Outras instituições de ensino e de pesquisa foram inauguradas no início do século 20, como o Instituto Butantan, em 1901, e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 1908. Entre 1911 e 1950, foram criadas dezenas de universidades. Concomitantemente, formaram-se sociedades científicas, como a Academia Brasileira de Ciências (ABC), em 1916, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, e outras de áreas específicas. Outro marco temporal é 1951, quando são criados o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atualmente vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), que viria a ser constituído só em 1985, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ligada ao Ministério da Educação (MEC), que existia desde 1930 (Ferreira, 2024).

"Fazer ciência" surge e se desenvolve junto com "dizer ciência", por isso, vamos, arqueologicamente, fazendo descidas verticais em alguns pontos dessa história, em que estão imbricadas as atividades de pesquisadores e divulgadores. A comunicação científica é considerada, por Trench e Bucchi (2010), como um campo de estudo reconhecido, com pesquisadores de diferentes origens e com potencial de se estabelecer como uma disciplina com fortes características interdisciplinares. Contribuir com esse campo está entre os objetivos desta pesquisa, em interface com os Estudos Discursivos Foucaultianos. Por isso, esta subseção aborda a comunicação da ciência e também o jornalismo, mais especificamente o científico e o de revista, que integram o arquivo desta cartografia de discursos.

Com relação às terminologias da área, Rocha, Massarani e Pedersoli (2017) explicam como as expressões popularização da ciência, comunicação pública da ciência, comunicação da ciência, educação científica não formal e informal e apropriação da ciência têm sido utilizadas na América Latina para se referirem a um mesmo campo do conhecimento que une ciência e sociedade. Nesta tese, utilizamos preferencialmente os termos divulgação científica,

comunicação pública da ciência e popularização da ciência como sinônimos de ações que abordam ciência com quem não é cientista.

Existem iniciativas de divulgação científica no Brasil há pelo menos dois séculos, segundo Chagas e Massarani (2020). É uma história que se mistura à da própria ciência, como dissemos. Tem como início formal a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, e juntamente com ela a imprensa, os primeiros jornais e livros, e que vai se desenvolvendo conforme vão sendo criadas as primeiras instituições de ensino e de pesquisa, principalmente no decorrer do século 20. Mas sempre relembramos, na perspectiva decolonial, que os povos originários que já habitavam o território que viria a se tornar o Brasil e também a população africana que foi escravizada e trazida para cá tinham saberes sobre diferentes áreas e, como esse saber era partilhado entre os integrantes desses povos, a divulgação científica também ocorria antes da institucionalização portuguesa.

A respeito da comunicação pública da ciência, Caldas (2011) apresenta quatro conceitos históricos: o modelo do déficit, surgido na metade do século 19, a partir da ideia de alfabetização científica de um público ignorante; o modelo contextual, da década de 1980, que começa a valorizar experiências culturais e saberes prévios, mas não leva em conta as respostas do público; o modelo de experiência leiga, da década de 1990, que reconhece os saberes e os valores do público, bem como a arrogância dos cientistas; e o modelo de participação pública, mais aceito após a década de 1990 até os dias atuais, que considera a opinião do público sobre as decisões políticas públicas de ciência. Todavia, segundo Caldas (2011, p. 21), o modelo de participação pública também pode ser criticado, "por estar mais centrado na discussão das políticas científicas em lugar da compreensão pública da ciência".

Em diversos países, incluindo o Brasil, há uma intensificação das atividades de divulgação científica na segunda metade do século 19, devido à Revolução Industrial. "Uma onda de otimismo em relação ao progresso científico e técnico – expressa na realização das grandes Exposições Universais, iniciadas em 1851 – percorreu o mundo e atingiu o país, ainda que em escala pequena" (Chagas; Massarani, 2020, p. 23). Aqui foram criados cerca de 7 mil periódicos e, dentre eles, aproximadamente 300 relacionados à ciência, e as notícias ficaram mais atualizadas com a ligação telegráfica por meio de cabo submarino, em 1874. As Exposições Nacionais começaram em 1861 e, em 1873, iniciaram-se as Conferências Populares da Glória, no Rio de Janeiro, que debatiam temas como clima, saúde, educação etc. O Museu Nacional, também no Rio de Janeiro, passou a promover atividades de divulgação científica a partir dos anos 1870, como cursos públicos e palestras, assim como o Museu Paraense, a partir de 1896. Houve ainda a publicação de um documento do biólogo francês

Louis Couty, na ‘Revista Brazileira’, em 1875, em que ele defendia o desenvolvimento das ciências experimentais no Brasil e da vulgarização científica, como já ocorria na Europa (Chagas; Massarani, 2020). As autoras apontam que a divulgação científica diminuiu no fim do século 19 e início no século 20, não só no Brasil como em outros países, mas foi possível traçar como se deu essa primeira onda de ações que visavam a uma comunicação pública da ciência:

> Duas características emanam da análise da divulgação da ciência na segunda metade do século XIX. Em primeiro lugar, os principais divulgadores eram homens ligados à ciência por sua prática profissional, como professores, engenheiros e médicos, ou por suas atividades científicas, como naturalistas ou astrônomos. Não parece ter sido relevante a atuação de jornalistas ou escritores interessados em ciência. O segundo aspecto se refere ao caráter predominante do interesse pelas aplicações práticas da ciência. (Chagas; Massarani, 2020, p. 24).

No século 20, Chagas e Massarani (2020) destacam dois movimentos liderados por cientistas, professores e intelectuais que visavam a comunicar a ciência para além dos pares, um nos anos 1920, na recém-criada ABC, e outro nos anos 1940, que originou a SBPC. Em 1917, foram realizadas conferências públicas sobre temas científicos; em 1923, fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para difundir temas educacionais, culturais e científicos; retomaram-se, na década de 1920, as atividades de popularização da ciência no Museu Nacional; houve a publicação de livros, coleções e revistas de divulgação científica, como a revista ‘Rádio’, em 1923, e ‘Electron’, em 1926, além da abertura de espaço para notícias de ciência e tecnologia nos jornais diários, que cobriram eventos importantes, como a vinda ao Brasil de cientistas como Albert Einstein, em 1925, e Marie Curie, em 1926.

Chagas e Massarani (2020, p. 28) comparam as atividades de divulgação científica crescentes, especialmente na década de 1920, com as do século anterior: “as iniciativas do século XX estavam voltadas mais para a difusão de conceitos e conhecimentos da ciência pura e menos para a exposição e a disseminação dos resultados das aplicações técnicas dela resultantes”. As autoras também observam que, no início do século 20, os cientistas e os acadêmicos se envolveram mais com a divulgação científica, com o objetivo de sensibilizar o poder público para a valorização da área e a melhoria das condições para se fazer ciência no Brasil, mas o público atingido ainda era restrito.

Entre os anos 1930 e 1970, segundo as autoras, o desenvolvimento da ciência brasileira e também da sua divulgação foi lento, mas houve fatos importantes relacionados ao fazer científico, que inclusive já mencionamos, como a criação da SBPC, das primeiras

faculdades e institutos de pesquisa e do CNPq. Na divulgação científica, destacou-se a produção de centenas de filmes sobre ciência e tecnologia pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo, com ênfase no nacionalismo e no didatismo, e de livros, inclusive para o público infantil. Na década de 1940, um dos pioneiros do jornalismo científico no Brasil, José Reis, começou a escrever para os jornais, que abriram mais espaço para divulgação científica depois da Segunda Guerra Mundial e do fim do Estado Novo. José Reis é considerado patrono do jornalismo científico no país e um dos fundadores da SBPC, em 1948, e da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em 1977. Ele defendia que a ciência deve ter função social. Nos anos 1950, despertam o interesse do público as discussões sobre uso militar e civil da energia nuclear e a participação do cientista brasileiro César Lattes na descoberta e identificação do méson pi[6]. Nas décadas seguintes, são abertos novos museus e centros de ciência e, nos anos 1970, consolida-se a importância do jornalismo científico em todo o mundo.

Entretanto, nessa mesma época, após o Golpe de Estado de 1964, que destituiu o presidente João Goulart, o Brasil vivia sob a ditadura militar, que perseguiu diversos grupos, entre eles, cientistas, estudantes e comunicadores. A estimativa da Comissão Nacional da Verdade é de que entre 800 e 1.000 pesquisadores foram perseguidos de 1964 a 1985 (Brasil, 2014, p. 266). Desses, 471 tiveram suas histórias contadas pelo projeto Ciência na Ditadura, desenvolvido pelos pesquisadores Alfredo Tiomno Tolmasquim, da Coordenação de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), e Gilda Olinto e Ricardo Pimenta, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), quando o Golpe Militar de 1964 completou 50 anos (Tolmasquim; Olinto; Pimenta, 2014).

“Professores e pesquisadores sofreram prisões, demissões, aposentadorias, censura de publicações, cancelamento de bolsas e de contratações. Alunos foram proibidos de ingressar em cursos e estágios, enquanto projetos e grupos de pesquisa foram desmantelados”, expõe o jornalista Sérgio Barbo (2024), no especial ‘Ditadura: 60 anos do golpe’, da Agência Pública, de jornalismo investigativo. A repressão a pesquisadores começou nos primeiros dias após o golpe de Estado. Por exemplo, com o primeiro Ato Institucional (AI), de 9 de abril de 1964, foram cassados o antropólogo e sociólogo Darcy Ribeiro, o economista Celso Furtado, o

[6] Mais informações sobre o méson pi: VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Produção artificial do méson pi teve ampla repercussão na mídia norte-americana na década de 40. **Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas**, Rio de Janeiro, 04 fev. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/cbpf/pt-br/assuntos/noticias/producao-artificial-do-meson-pi-teve-ampla-repercussao-na-midia-norte-americana-na-decada-de-40. Acesso: 24 jan. 2025.

médico, geógrafo e cientista social Josué de Castro e o historiador Nelson Werneck Sodré (Barbo, 2024).

Segundo a reportagem da Agência Pública (2024), muitos cientistas deixaram o país para trabalhar no exterior, a chamada "fuga de cérebros", e o isolamento político do Brasil dificultou colaborações científicas com outros países. Nas universidades, consideradas pelo regime militar campo de revolucionários e esquerdistas, foram instaladas comissões de Inquérito Policial Militar, que vigiavam quem pudesse ser considerado dissidente (Barbo, 2024).

A perseguição ocorreu a pesquisadores das áreas de humanidades, como os citados anteriormente, mas também da medicina e de exatas. Um exemplo é o do então presidente da Sociedade Brasileira de Física (SBF), José Leite Lopes, que atuou na criação de instituições como o CNPq e a Finep e era crítico do programa nuclear com fins militares. Depois de ser compulsoriamente aposentado, em 1969, descobriu que seu nome estava na lista de pessoas a serem assassinadas e se exilou nos Estados Unidos e, em seguida, na França. Na área da saúde pública, pretendia-se o desmonte para favorecer o setor privado, afirma a historiadora Janice Theodoro, que foi presa na ditadura devido à sua militância estudantil (Barbo, 2024). A parasitologia ganhou fama de ciência comunista, porque, ao combater as endemias, acabava denunciando a pobreza e as condições sanitárias precárias no país (Barbo, 2024).

Nesse momento, as Reuniões Anuais da SBPC, sobre as quais discorremos mais nas próximas seções, funcionaram como movimento de oposição e resistência política pela democracia, além de serem eventos de divulgação científica que atraíam (e ainda atraem) públicos diversos (Chagas; Massarani, 2020). Também a SBPC, juntamente com o Ministério das Relações Exteriores e setores desenvolvimentistas do regime militar, tentaram promover a Operação Retorno, em 1967 e 1968, para trazer de volta os cientistas exilados. Mas esse movimento durou pouco, porque, em dezembro de 1968, foi implantado o Ato Institucional Número 5 (AI-5), que endureceu a caça aos intelectuais considerados comunistas. A repressão na Fiocruz, em abril de 1970, chegou a ser chamada de "Massacre de Manguinhos", quando dez pesquisadores seniores tiveram seus cargos cassados, seus direitos políticos suspensos e foram impedidos de trabalhar nas esferas federal, estadual e municipal (Barbo, 2024).

Entretanto, ao mesmo tempo que punia intelectuais, o governo ditatorial tinha um projeto tecnocrático que investia em áreas que pudessem ser interessantes para desenvolver a economia e atender ao interesse de empresários — uma lógica que permanece no discurso sobre ciência no século 21, como trata a seção 3 desta tese. De acordo com a Agência Pública:

> Enquanto punia cientistas, professores e alunos, o governo investia estrategicamente no binômio ciência-tecnologia e no ensino superior, ampliando a pós-graduação e promovendo a reforma universitária em 1968, com a criação de novos departamentos e o fim da cátedra vitalícia, um cargo em que o professor tinha emprego garantido sem possibilidade de demissão, algo que existia desde a época do Império. [...] O sistema político, assim, "simultaneamente foi destrutivo e reformador, embora o seu impulso modernizador tenha sido viabilizado por meios repressivos", diz [Rodrigo Patto Sá] Motta [professor de história da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autor do livro *As universidades e o regime militar*]. "Os militares tinham a perspectiva de tornar o país uma potência e perceberam que o crescimento econômico seria ótima estratégia para legitimar a ditadura." (Barbo, 2024).

A redemocratização do Brasil acontece a partir de 1985, principalmente pelo movimento das Diretas Já, que defendia eleições diretas para a Presidência da República. Também, como já mencionamos, é o ano de fundação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). A partir da década de 1980 até os dias atuais, a divulgação científica volta a crescer no Brasil e as experiências se diversificam, "embora o país ainda esteja longe de ter uma ação ampla, abrangente e de qualidade nesse domínio, escorada em políticas públicas consistentes e continuadas" (Chagas; Massarani, 2020, p. 33). Especialmente nas primeiras décadas do século 21, que são o recorte deste estudo, a internet passa a ser utilizada para divulgar a ciência por museus, centros de ciência, instituições científicas, grupos de pesquisa e agências governamentais. Cientistas e comunicadores passam a escrever, de forma acessível, em *blogs*, inclusive em rede, por exemplo, a que forma o portal '*Science-Blogs* Brasil', criado em 2008 e que tem quase 50 *blogs*. As redes sociais digitais, como as da empresa Meta (proprietária do Facebook, Instagram, Whatsapp, entre outras), também passam a ser usadas, mas Chagas e Massarani (2020) consideram que o potencial dessas redes ainda é pouco explorado.

Nas últimas décadas também foram criados no país novos espaços científico-culturais. De acordo com o 'Guia de Museus e Centros de Ciência 2015', existem no Brasil 26 espaços sobre ciência e tecnologia, como museus de história natural, jardins botânicos, zoológicos e observatórios. Alguns exemplos são o Museu de C&T da Bahia (1979); o Centro de Divulgação Científica e Cultural (1980), ligado à Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos; o Espaço Ciência Viva (1982), no Rio de Janeiro; o Museu de Astronomia e Ciências Afins (1985), no Rio de Janeiro; a Estação Ciência (1987), em São Paulo; o Museu de C&T da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), em Porto Alegre; o Museu da Vida (1999), na Fiocruz, no Rio de Janeiro; o Espaço Ciência (1994), em Pernambuco; o Catavento Cultural e Educacional (2010), em São Paulo; entre outras iniciativas. Chagas e Massarani (2020), porém, apontam que o número desses espaços é reduzido, considerando o

tamanho do país, e que a distribuição é desigual, estando mais concentrados em áreas ricas das grandes cidades da Região Sudeste. A maioria é pequena e média, com pouca interatividade e financiada por recursos públicos. Além disso, 60% dos visitantes desses espaços são grupos escolares.

Os profissionais e as instituições que fazem divulgação científica também foram se organizando em movimentos, como a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (1977), que não está mais ativa; a *Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología de América Latina y del Caribe* (RedPOP) (1990); a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (1999); a Rede Mineira de Comunicação Científica (RMCC) (2015); a Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência (RedeComCiência) (2018); além de outras iniciativas.

Como resultado da atuação desses movimentos organizados por pesquisadores, comunicadores e instituições em prol da valorização e do fortalecimento da divulgação científica, a partir de 2003, foram estabelecidas políticas públicas e criados instrumentos governamentais, como o Departamento de Popularização e Difusão da C&T (2004), vinculado ao então Ministério da Ciência e Tecnologia (Chagas; Massarani, 2020).

> Isso permitiu ampliar significativamente o estímulo às atividades de divulgação científica, inclusive com apoio financeiro para a área, e estabelecer uma articulação nacional de muitas dessas ações. Ao longo dos dez anos seguintes, foram lançadas cerca de três dezenas de editais, por meio do CNPq, para apoiar projetos de divulgação científica, entre os quais a criação e o desenvolvimento de espaços científico-culturais, a realização de olimpíadas, feiras e mostras de ciências e outras atividades. (Chagas; Massarani, 2020).

Em 2004, foi criada, por decreto presidencial, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), coordenada pelo MCTI e da qual participam instituições de todo o país com atividades de popularização da ciência. Em 2009, o CNPq criou o Comitê Assessor de Divulgação Científica, que apoia ações nesta área inclusive com bolsas de produtividade, e incluiu na Plataforma Lattes, que registra o currículo de pesquisadores, uma seção específica para serem cadastradas atividades de educação e popularização da ciência. Há grupos dedicados à divulgação científica nas universidades e instituições de pesquisa, ainda que careçam de apoio institucional, e também aumentou o número de teses e dissertações sobre comunicação pública da ciência (Chagas; Massarani, 2020). Muitas instituições criaram seus

setores focados em comunicação pública da ciência, como é o caso da UFU, que, desde 2018, tem a Divisão de Divulgação Científica vinculada à Diretoria de Comunicação Social[7].

As políticas públicas para ciência diminuíram nos anos mais recentes, como detalhado na seção 3, quando analisamos o que é dito sobre ciência pelos presidentes do Brasil no século 21. Mas, em 2023, o Governo Federal lançou o Programa Nacional de Popularização da Ciência (POP Ciência) para desenvolver a cultura científica no país e estimular a utilização da ciência, tecnologia e inovação como ferramentas para inclusão e redução das desigualdades. O anúncio foi feito pela ministra da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil, Luciana Santos (Brasil, 2023).

Uma vez que a ciência brasileira é desenvolvida predominantemente em instituições públicas, é importante refletir sobre como elas se comunicam. A comunicação na administração pública tem sido vista como fundamental e estratégica no século 21, segundo Kunsch (2013), assim como aconteceu com a propaganda após a Revolução Industrial. A autora defende que a instituição pública/governamental deve ser aberta e interagir com o cidadão comum, por meio de um trabalho conjunto com os meios de comunicação. Com a abertura de canais, a instituição deve ouvir a sociedade e procurar amenizar problemas como os relacionados à saúde, à educação e à exclusão social. "Para colocar em prática esses princípios, faz-se necessário adotar o verdadeiro sentido da comunicação pública estatal, que é o do interesse público" (Kunsch, 2013, p. 4).

Colocar o interesse público acima das instâncias governamentais, privadas, midiáticas, pessoais ou políticas é, para Duarte (2011), o desafio da comunicação pública. O autor destaca que os governos devem ser os principais indutores dessa comunicação, "assumindo o compromisso de promover políticas públicas, desenvolver uma gestão aberta e qualificar canais, meios e recursos que permitam a viabilização da comunicação de interesse público e o envolvimento de todos os interessados" (Duarte, 2011, p. 128).

Tanto Duarte (2011) quanto Kunsch (2013) defendem que as ações de comunicação pública pressupõem pesquisas, planejamentos e políticas. Duarte (2011) propõe quatro eixos centrais da comunicação pública – transparência, acesso facilitado, interação e ouvidoria social – e Kusch (2013, p. 12) destaca como necessidade "a prática de uma comunicação integrada, que capitalize eficaz e eficientemente a sinergia das distintas subáreas de comunicação social". Também Caldas (2004, p. 46) sustenta que "é preciso recuperar a utopia

[7] Este é o setor onde trabalha, como servidora pública no cargo de jornalista, a autora desta tese, como consta no Expediente disponível em: https://comunica.ufu.br/expediente. Acesso: 22 jan. 2025.

da Comunicação Pública em realidade para uma ação transformadora e coletiva", o que seria tarefa de cooperação entre formadores de opinião: educadores, cientistas e jornalistas.

A necessidade de se refletir sobre as relações de poder envolvidas na produção científica é apontada por Caldas (2011). "Não se trata, obviamente, de demonizar os diferentes atores sociais que envolvem a política científica do país, seja a comunidade científica, o governo, o setor produtivo, mas garantir a polifonia das vozes" (Caldas, 2011, p. 26). Ao defender a construção coletiva do conhecimento no processo de divulgação científica, sustenta que "jornalistas e pesquisadores de todas as áreas, inclusive de Comunicação, possam atuar em regime de parceria, considerando o interesse público" (Caldas, 2011, p. 34).

Sobre a circulação do conhecimento científico, Guimarães (2009, p. 7) – após distinguir a divulgação científica, que busca alcançar a sociedade como um todo, da circulação entre pares, no interior da comunidade científica, "que se formula por 'línguas' específicas de cada domínio de ciência" – reflete que deve ser considerada como um elemento do processo de produção de conhecimento e envolve relações político-enunciativas entre Estado, cientista, sociedade e mídia. O autor aponta as tensões que permeiam essas relações:

> [...] quero neste ponto frisar, simplesmente, como o modo de circulação é parte de uma prática fortemente dirigida por um aspecto das políticas públicas (a política científica) que se constitui por uma tensão constante entre estado de um lado e de outro os cientistas, a sociedade e a mídia, numa relação, entre estes últimos, que não é de simples aliança, mas também de tensão constante, isto é, o modo de circulação se relaciona, de algum modo, com as políticas que buscam definir as direções ou as condições das políticas científicas. (Guimarães, 2009, p. 8).

Esse autor se refere ao discurso de divulgação como um discurso segundo, pois é formulado a partir do discurso científico, que seria o primeiro. De acordo com Guimarães (2009, p. 13), a divulgação científica, ao constituir "o povo como destinatário do conhecimento científico e tecnológico [...] acaba por articular o povo como um partícipe do processo de um modo mais específico, e não só como mero espectador e beneficiário" e constitui também os argumentos a respeito do lugar da ciência na sociedade. Vale ponderar que a concepção de discurso desse autor é diferente daquela com que trabalha esta tese, pois a ideia de um discurso segundo pressupõe um discurso primeiro, que o antecede, como se antes do primeiro não houvesse nada, de modo que os enunciados de divulgação da ciência só podem existir porque há os enunciados dos cientistas, retomados para serem divulgados. Além disso, outras pesquisas podem surgir a partir da divulgação científica, bem como dos saberes populares, dentro desse campo que se denomina de discurso científico. Assim, esta

tese compreende os discursos como práticas histórico-sociais que extrapolam a língua e formam os objetos enquanto falam deles.

Além das reflexões sobre comunicação pública e divulgação científica, é importante atentar para os estudos sobre percepção pública da ciência. O MCTI já realizou, em conjunto com o CGEE, seis edições da pesquisa 'Percepção Pública da C&T no Brasil'. A edição mais recente é de 2023 e entrevistou 1.931 pessoas acima de 16 anos, de todas as regiões do país. A pesquisa indica que 60,3% dos brasileiros dizem ser interessados ou muito interessados em ciência e tecnologia, número próximo à edição anterior, de 2019, mas houve queda na porcentagem dos que acreditam que ciência e tecnologia trazem mais benefícios que malefícios, ou apenas benefícios, para a humanidade: de 72,1% observados em 2019 para 66,2% em 2023. Na pesquisa anterior, apenas 6,6% souberam citar o nome de um cientista brasileiro e 9,1% conseguiram indicar alguma instituição que faça pesquisa científica no país, mas esses índices aumentaram, em 2023, para 9,6% e 17,9%, respectivamente (CGEE, 2019; CGEE, 2023). O próprio estudo indica que esse aumento deve ter ocorrido devido à pandemia de covid-19, quando as instituições de pesquisa receberam maior cobertura da mídia.

Apesar do aumento do conhecimento dos brasileiros sobre a ciência nacional, o índice ainda é considerado muito baixo, entre os menores da América Latina (CGEE, 2023). Observando esses dados, pode-se ponderar que, por mais que a divulgação institucional e jornalística de ciência faça circular enunciados cujas formas sejam linguisticamente mais acessíveis ao público não especializado, ainda implica restrições no processo de circulação, o que acaba reduzindo o impacto do discurso científico e o seu alcance na produção de sentidos na sociedade.

Outro estudo sobre percepção pública da ciência, conduzido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (INCT-CPCT), com sede na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), foi divulgado em dezembro de 2022. Intitulada 'Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia', a pesquisa ouviu 2.069 pessoas com 16 anos ou mais entre os meses de agosto e outubro de 2022 e concluiu que "a confiança na ciência e nos cientistas brasileiros, ainda que alta, parece ter sido afetada negativamente por campanhas de desinformação, que cresceram consideravelmente durante o período da pandemia de covid-19" (Massarani *et al*, 2022, p. 10). Segundo a população entrevistada pelo estudo, os cientistas são percebidos como honestos e responsáveis por um trabalho que beneficia a população, mas teriam permitido que "ideologias políticas" influenciassem suas pesquisas sobre covid-19, por exemplo (Massarani *et al*, 2022). A seção 4

desta tese analisa justamente a circulação de enunciados que dizem que a ciência pode ser influenciada por "ideologias"[8] e de que há ciência de acordo com eixos políticos distintos.

Mas, afinal, por que divulgar a ciência? Porque é dever dos cientistas e direito da população é a explicação mais simplista, segundo Yurij Castelfranchi (2010), que expõe outros argumentos. Há razões econômicas e políticas, uma vez que o desenvolvimento do país se relaciona ao seu sistema de ciência e tecnologia (como nos aprofundamos na seção 3); por meio da comunicação da ciência, forma-se a opinião pública sobre essa área, inclusive, sobre os investimentos a serem feitos; e atraem-se jovens para a carreira científica. O principal motivo, contudo, é o bom funcionamento da democracia, como detalha o autor:

> Inúmeros debates politicamente, eticamente, economicamente relevantes são atravessados hoje por informações científicas e técnicas. O direcionamento e a gestão não apenas da pesquisa científica e das aplicações tecnológicas, mas também da política nacional e internacional como um todo, envolvem, cada vez mais, a sociedade civil. O cidadão participa, de forma indireta (com suas escolhas como consumidor, eleitor, educador etc.) ou de forma direta (protestos, lobbies, greves, referendos etc.) em tomadas de decisões sobre temas importantes e tão variados como transporte, tratamento de lixo, drogas, políticas sanitárias, experimentações médicas, comida transgênica, pesticidas, usinas hidrelétricas e nucleares, gestão das áreas indígenas, manejo florestal e inúmeras outras. Para tanto, precisa de uma informação cada vez mais aprofundada e de qualidade. (Castelfranchi, 2010, p. 14).

Portanto, a divulgação científica propicia o bem dos cidadãos em dois sentidos: o de uma utilidade instrumental, pois o conhecimento científico os auxilia a tomar decisões sobre saúde, economia, política, entre outras; e o de um valor não instrumental, mas estético, intelectual e moral. "A ciência, tal como a arte, a filosofia, a religião, o esporte, é uma parte importante de nossa cultura, que os cidadãos têm direito de usufruir e apreciar" (Castelfranchi, 2010, p. 15).

Com similaridades à divulgação científica, mas também com diferenciações, há o jornalismo científico, sobre o qual também discorremos neste trabalho, porque dele são colhidos enunciados que compõem o arquivo da pesquisa. Enquanto a expressão "divulgação científica" é mais ampla e se refere a diversas atividades que abordam a ciência com a sociedade em geral, seja por meio das mídias, de eventos, de atividades de extensão, entre outras, o "jornalismo científico" é, antes de tudo, jornalismo, uma prática milenar que tem suas próprias características.

---

[8] A palavra "ideologia" é reproduzida aqui como seu uso mais corriqueiro do senso comum, especialmente quando se fala sobre política no Brasil contemporâneo, no sentido de modo de pensar ou visão de mundo, e porque foi o termo utilizado no estudo citado. Não trabalhamos com o conceito de ideologia adotado em outras linhas da análise do discurso francesa, como a que se fundamenta em Michel Pêcheux (1938-1984).

Em âmbito mundial, a circulação de informações foi revolucionada pela invenção do papiro, do papel e da imprensa. A criação da impressão com tipos móveis é frequentemente atribuída ao alemão Johannes Gutenberg (1400-1468), mas, segundo Pena (2005), os chineses imprimiram o primeiro livro no ano 868 e inventaram o tipo móvel em 1040 e os japoneses faziam impressão em xilogravura desde o ano 764 AEC (antes da Era Comum). Além do que, antes, as informações circulavam de forma oral e manuscrita, ainda que de maneira mais restrita. Mas, afirma Pena (2005), de fato, a impressão é a verdadeira revolução na história do jornalismo, essa atividade tão interligada à comunicação da ciência, em que há, inclusive, a especialidade jornalismo científico.

Definir o que é jornalismo pode ser difícil, admite Traquina (2012), mas, de acordo com o próprio autor, pode-se dizer que ele é a vida contada nas notícias; ou aquilo que funciona como efeito de realidade, isto é, a não ficção; ou a resposta à pergunta sobre o que aconteceu ou está acontecendo do local ao mundial; ou um conjunto de "estórias" da sociedade contemporânea. "Tentamos ter o dom da ubiquidade através da alteridade, pois a ilusão da onipresença é construída pelas informações produzidas pelo outro" (Pena, 2005, p. 22). Conforme esse autor, as produções jornalísticas são caracterizadas pela atualidade, periodicidade, universalidade de assuntos e publicidade. Além disso, explica Traquina (2012), o jornalismo não deve ser reduzido ao domínio técnico da linguagem.

Jornalismo é uma atividade intelectual possível de ser exercida somente na democracia, uma vez que "existe uma relação simbiótica entre jornalismo e democracia na teoria democrática. Mas a teoria democrática define claramente um papel adversarial entre o poder político e o jornalismo, historicamente desde o século XIX chamado de o 'Quarto Poder'" (Traquina, 2012, p. 23). A expressão "Quarto Poder" para se referir ao jornalismo foi dita, pela primeira vez, por um deputado do parlamento inglês, McCaulay, ainda no século 19.

> [McCaulay] um dia apontou para a galeria onde se sentavam os jornalistas e os apelidou o "Quarto Poder" (tradução do termo inglês *Fourth Estate*). No ano de 1828, ainda sobre a influência da Revolução Francesa, quando McCaulay referiu-se ao "quarto" *état* (o termo francês para *estate*) ou "poder", tinha como quadro de referência os três etats da Revolução Francesa: o clero, a nobreza e o *troisième état*, que engloba os burgueses e o povo. No novo enquadramento da democracia, com o princípio de "poder controla poder" (*power checks power*), a imprensa (os *media*) seria o "quarto" poder em relação aos outros três: o poder executivo, o legislativo e o judicial. (Traquina, 2012, p. 46).

Entretanto, conforme a abordagem foucaultiana que sustenta esta tese, o poder não se concentra somente no Estado, mas, sim, configura uma rede de micropoderes que se exerce

por meio de relações em diferentes pontos da sociedade, sendo produtivo, estratégico e difuso (Deleuze, 2020[1986]; Navarro, 2008). Por isso, preferimos considerar o jornalismo não como um quarto poder, mas como uma das instâncias possíveis do exercício do poder, capaz de produzir enunciados que socialmente circulam como efeito de verdade, atuando na condução de condutas. As análises das relações de poder no arquivo jornalístico são feitas em conformidade com os cinco pontos apontados por Foucault (1995[1982]): os sistemas das diferenciações, que permitem a ação sobre a ação dos outros; os objetivos de quem age sobre a ação dos outros; as modalidades instrumentais, especialmente os efeitos da palavra; as formas de institucionalização; e os graus de racionalização. Foucault (2021 [1979], p. 339) chama o jornalismo de "invenção fundamental do século XIX", que manifestou o caráter utópico da política do olhar (segundo a qual as pessoas se tornaram virtuosas por ser observadas), e que os *media* são necessariamente comandados por interesses políticos e econômicos.

Com relação às liberdades no exercício do jornalismo nas democracias, Traquina (2012) afirma que o que existe é uma autonomia relativa, concomitante a um alto condicionamento da atividade. Esse condicionamento se relaciona ao modelo de jornalismo como negócio, que envolve relações hierárquicas empresariais, competitividade entre diferentes veículos, pressão para publicação de notícias em tempo curto e interferências de agentes sociais diversos que buscam promover seus acontecimentos por meio de publicações de destaque (Traquina, 2012). Contudo, havendo uma autonomia relativa, há o exercício de poder por parte dos jornalistas: "o jornalismo, devido à sua 'autonomia relativa', tem 'poder', e, por consequência, os seus profissionais têm poder. Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias e, por efeito, na construção da realidade" (Traquina, 2012, p. 26).

É importante ponderar que, embora esse autor utilize o verbo "ter" para se referir ao poder, nesta pesquisa tratamos do poder como relação de forças, que se exerce, e não que se possui. Mas é possível fazer pontes entre as abordagens, considerando os lugares teóricos que lhes são próprios, especialmente ao considerar o jornalismo como uma instituição social, sustentada e que exerce poder na sociedade contemporânea, autorizada a produzir enunciados que funcionam como "efeito de verdade" sobre a realidade. Traquina (2012) explica que prefere utilizar a expressão "campo jornalístico" no lugar de jornalismo e cita Pierre Bourdieu, para o qual os dois polos do jornalismo contemporâneo são o intelectual e o econômico, e há constante tensão entre esses polos – como demonstra esta tese quando

cartografa os discursos sobre ciência no Brasil no século 21. Isso é corroborado pela visão de porque as notícias são como são:

> [...] ver as notícias como uma "construção" social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia. (Traquina, 2012, p. 28).

A natureza do jornalismo, afirma Pena (2005), está no medo do desconhecido, que leva o ser humano a querer conhecer. "E assim, ele acredita que pode administrar a vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante do meio ambiente" (Pena, 2005, p. 23), especialmente na chamada pós-modernidade, como exemplificamos na seção 4. Porém, o autor explicita que não basta a produção de cientistas e filósofos, pois "também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do 'conhecimento'. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso denominar jornalismo" (Pena, 2005, p. 23).

Assim, chegamos à especialidade jornalística que entra na constituição do arquivo desta pesquisa, o jornalismo científico, que atua "em conformidade com os procedimentos rotineiros de qualquer outra expressão jornalística" (Bertolli Filho, 2009, p. 3), como apuração e checagem de informações, contato com as fontes e escrita em linguagem de fácil compreensão. Esse último autor define jornalismo científico como:

> [...] um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluida a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado. (Bertolli Filho, 2009, p. 3).

O jornalismo científico é uma das primeiras formas de jornalismo especializado, surgida no século 17, na sequência da invenção da imprensa, no século 15, e da revolução científica europeia, nos séculos 16 e 17. Continuou se desenvolvendo no século 18, mas como assunto de elite, e avançou muito no século 19, no contexto das duas guerras mundiais, quando houve ênfase na ciência para produção de armas e meios de transporte (Oliveira, 2014).

As primeiras associações de jornalismo científico foram criadas nos Estados Unidos, como a Associação Nacional de Escritores de Ciência, em 1934, e a Associação Internacional

de Escritores de Ciência, em 1965 (Oliveira, 2014). Lá, segundo a autora, a comunicação pública de ciência e tecnologia chega aos dias atuais incorporada à cultura. A profissão é chamada de "escritor de ciência" e há ampla oferta de cursos de especialização na área. Mas o jornalismo científico estadunidense passou por diferentes momentos: fase do romantismo ufanista, do século 19 à década de 1970, construindo uma visão de mundo governado pela ciência e sem visão crítica; fase do ceticismo, especialmente com a explosão do ônibus espacial Hallenger, em 1987; e fase mais crítica, a partir dos anos 1990, quando se intensificam debates sobre mudanças climáticas e biotecnologia e aumenta o acesso às fontes de informação por meio da internet. Na I Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, em Tóquio, em 1992, o tema central foi o resgate da ciência a serviço da humanidade.

No Brasil, Oliveira (2014) expõe que a história foi bem diferente: séculos de colonização acarretaram uma ciência incipiente até o século 19 e, no século seguinte, houve décadas de ditaduras e censura. Falamos anteriormente sobre os cientistas perseguidos pela ditadura militar, o que também ocorreu com jornalistas, e há casos bastante conhecidos, como o de Vladimir Herzog. Ele era diretor de jornalismo da TV Cultura, apresentou-se ao Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), do Exército, em São Paulo, para prestar esclarecimentos sobre sua atuação política e profissional e acabou morto, em 25 de outubro de 1975, em consequência das torturas que sofreu no local. A causa da morte foi encoberta por uma farsa montada para sugerir um suicídio.

A partir da criação da Comissão Nacional da Verdade, em 2011, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) criou a Comissão da Verdade, Memória e Justiça, em 2013, para levantar o envolvimento dos jornalistas na luta pela democracia. O Relatório da Comissão Nacional da Verdade dos Jornalistas, elaborado pela Fenaj e por sindicatos da categoria, apresenta uma lista com 27 jornalistas mortos e desaparecidos durante a ditadura militar (1964- 1985). O monitoramento pelos órgãos de repressão foi o tipo de violação de direitos mais citado (32,5%) pelos profissionais ouvidos pela comissão, seguido por episódios de prisão (23,3%) e de tortura (12,4%) (Fenaj, 2014).

> O que foi encontrado nessa pesquisa aos arquivos oficiais, nos depoimentos comoventes de 89 profissionais, em sua maioria muito jovens, quando a democracia brasileira foi usurpada pela ditadura militar [...] revelam o terror, a perseguição por militares, infiltrados e chefes de redações; a censura prévia e a autocensura por medo de represálias, sequestros, as prisões, torturas, desaparecimentos e mortes. (Fenaj, 2014, p. 9).

Nas descontinuidades da história, com rupturas e retornos, como apresenta Foucault (2020 [1969]), observamos como o cerceamento sobre o dizer a verdade, tão intenso durante a ditadura militar, retorna ao contexto brasileiro, mesmo após a redemocratização e ainda que com outras roupagens. As seções 3 e 4 desta tese apresentam alguns desses casos, mais especificamente relacionados à ciência, ocorrido durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Além de tudo isso, os jornalistas científicos brasileiros, ainda hoje em dia, enfrentam problemas como dificuldade de acesso a fontes e falta de oferta de especializações. Tornou-se comum que os veículos de comunicação de massa reproduzam, na editoria de ciência, matérias que chegam prontas de outros países (Oliveira, 2014).

Nos últimos 40 anos, assim como ocorreu com a divulgação científica mais ampla, houve crescimento da produção jornalística científica no Brasil, com o surgimento, nos anos 1980, de revistas como ‘Ciência Hoje’ (SBPC) e ‘Ciência Ilustrada’ (Editora Abril) e, nos anos 1990, das revistas ‘Globo Ciência’, atual ‘Galileu’ (Editora Globo), e ‘Superinteressante’ (Editora Abril) e de programas de TV como ‘Globo Ciência’ (TV Globo). Nos anos 2000, temos diversas iniciativas na internet, especialmente com canais de divulgação científica no Youtube, como ‘Nerdologia’ e ‘Manual do Mundo’, e podcasts, como o ‘Dragões de Garagem’, ‘37 Graus’, ‘Ciência ao Pé do Ouvido’ e ‘A Terra é redonda (mesmo)’. No ano de 2020, foi criada a Agência Bori, que conecta jornalistas (que precisam de fontes) e cientistas (que são fontes). Durante a pandemia de covid-19, foi possível observar que os veículos jornalísticos que abordam assuntos gerais, como telejornais nacionais e portais de atualidades, abriram mais espaço para o jornalismo científico, cobrindo desde a corrida pela vacina nos laboratórios pelo mundo até os cuidados cotidianos que a população deveria tomar em casa, conforme a condução do saber científico.

Diante de tão vasta produção no jornalismo científico, o arquivo desta tese tem matérias publicadas em diferentes veículos de comunicação (todas reproduzidas nos anexos), às quais chegamos por meio do campo associado aos pontos que elas ocupam na rede de saber-poder do discurso sobre ciência no Brasil nos últimos anos. Além disso, no caso de uma pesquisa que cartografa quase um quarto de século, há um formato jornalístico propício para a observação do que é dito sobre ciência nesse período: as revistas mensais de ciência, especialmente as que se mantêm há décadas no mercado editorial. É o caso da ‘Superinteressante’, da Editora Abril, e da ‘Galileu’, da Editora Globo, as quais são analisadas na seção 4.

Assim como o jornalismo científico, as primeiras revistas, segundo Scalzo (2003), também surgiram no século 17 em países europeus e a sua circulação cresceu no século 19, com a alfabetização de mais algumas camadas da população e os avanços técnicos das gráficas. Com maior circulação, passaram a atrair anunciantes e se tornaram um negócio. No Brasil, assim como a imprensa de maneira geral, de que já tratamos, elas chegaram no começo do século 19, com a corte portuguesa.

"Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento" (Scalzo, 2003, p. 11). É um objeto com tratamento estético – inclusive, colecionável e decorativo nas versões impressas – e também uma relação entre os profissionais que a produzem e os leitores, que passam a pertencer a um grupo. Devido à periodicidade semanal, quinzenal ou mensal, as revistas fazem uma cobertura mais focada em análises, informações inéditas e aprofundadas e experiência de leitura, quando comparadas com outros meios de comunicação, que priorizam a rapidez na divulgação de informações. Assim, são mais profundas que os jornais e menos que os livros (Scalzo, 2003).

A autora cita o jornalista Harold Hayes, para o qual "uma revista de sucesso tem de erigir um mito no qual seus leitores acreditem" (Scalzo, 2003, p. 16), por exemplo, como foram as revistas '*Life'* nos Estados Unidos, especialmente nas décadas de 1940 e 1950, quando abordava uma cultura vibrante e em movimento, e 'Realidade' (1966-1976) no Brasil, que "ajudou o país a descobrir-se" (Scalzo, 2003, p. 17). As revistas apresentam informações que vão "ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática" (Scalzo, 2003, p. 14).

Jornalismo científico, como especialidade, e de revista, como formato, misturam-se na história também quando há o desenvolvimento das revistas científicas no século 19, como as estadunidenses 'Scientific American' e 'National Geografic Magazine'. Trata-se de um período em que cresce a circulação de publicações dirigidas a uma área do conhecimento.

> Assim, arqueólogos, filólogos, geógrafos, médicos, engenheiros e tantos outros estudiosos ao redor do mundo passam a contar com revistas específicas, que trazem as últimas novidades e estudos da área. Com circulação restrita, elas se transformaram em referência em seu meio e deram origem às revistas especializadas, ligadas a categorias profissionais ou a temas de interesse público. (Scalzo, 2003, p. 22).

Ainda em 2003, a autora dedica um capítulo do livro 'Jornalismo de Revista' para responder como estava o mercado para as revistas e já responde que estava em crise, como toda a imprensa, especialmente com o impacto dos meios eletrônicos. Mas, algumas páginas

antes desse capítulo, ela afirma que “as revistas são impressas e o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é” (Scalzo, 2003, p. 12). Atualmente, os conteúdos das revistas circulam predominantemente nas mídias digitais, em um meio no qual também proliferam postagens de origens diversas, inclusive *fake news*, mas, em nosso entendimento, as publicações analisadas na seção 4, as revistas ‘Superinteressante’ e ‘Galileu’, mantêm uma credibilidade construída ao longo das décadas de circulação. Assim, ainda que não gozem mais do impacto do que é impresso como peso de mais verdadeiro, usufruem da credibilidade jornalística na construção da vontade de verdade.

Voltado para jornalistas e estudantes de jornalismo, o livro de Scalzo (2003) também é prescritivo e detalha as características de uma revista inteira, mas, para esta tese, interessa mais o que diz sobre a capa, que é a parte das edições analisadas que constitui o arquivo da pesquisa. Ela é o que convence possíveis leitores a comprarem a revista e, por isso, “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (Scalzo, 2003, p. 62). São importantes uma boa imagem; o logotipo da revista que, quanto mais conhecida ela é, mais confere credibilidade; chamadas claras e diretas; e personalidade visual que os leitores reconheçam. Scalzo (2003) defende ainda que design de revista não é arte, é comunicação e é utilizado para que a revista seja mais atrativa e fácil de ler. Essas características são consideradas ao analisarmos as capas das revistas que compõem o corpus de análise desta tese em torno do referencial “ciência” no Brasil nos últimos anos.

Depois de termos visto como nasce e se desenvolve a ciência no Ocidente e no Brasil, em histórias descontínuas e entremeadas por política e comunicação, a próxima subseção explica como funciona a pesquisa científica no país hoje, especialmente dependente do financiamento público, ainda que, como será mais aprofundado mais adiante, o interesse público seja envolto no jogo de disputas político-econômicas.

2.3 O ecossistema atual da ciência brasileira

Como temos defendido, é possível contar a história recente do Brasil por meio de uma análise de discurso sobre ciência devido a várias formações históricas, tomadas como “agenciamento do visível e do enunciável” (Deleuze, 2017 [1985-1986]). Aqui, as pesquisas científicas são desenvolvidas principalmente nas instituições públicas; as práticas em divulgação científica aumentaram nas últimas décadas; houve políticas públicas muito diferentes, entre cada governo federal, para as áreas de ciência e educação; em meio à

polarização política, cresceu o negacionismo científico e a disseminação de notícias falsas relacionadas à ciência; e o mundo todo foi acometido por uma pandemia, mas com características muito específicas no território brasileiro.

Já citamos o negacionismo científico anteriormente nesta tese, quando apresentamos a pesquisa, e a expressão é, em certa medida, autoexplicativa. Mas, como já estamos empreendendo discussões, descrições e análises, é importante abrir espaço para conceituá-la. De acordo com Valim, Avelar e Bevernage (2021), o termo "negacionismo" tornou-se mais comum no fim da década de 1980, quando o historiador francês Henry Rousso o empregou para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio de judeus pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em seus estudos mais recentes, Rousso entende negacionismo como uma modalidade discursiva de representação do passado e percepção do presente (Valim; Avelar; Bevernage; 2021). A negação de evidências científicas é ainda mais antiga, como ocorre com os criacionistas que recusam a teoria da evolução. Um estudo publicado pela revista *'Studies in History and Philosophy of Science'*, do Instituto Real de Tecnologia da Suécia, aponta três características do negacionismo científico: "[...] sua persistente fabricação de controvérsias falsas, o extraordinário domínio masculino entre seus ativistas e sua forte conexão com várias formas de política de direita"[9] (Hansson, 2017, p. 39, tradução nossa).

Características como essas podem ser observadas no arquivo do que é dito sobre ciência no Brasil contemporâneo. Além disso, para empreender essas análises, também é necessário compreender como funciona a ciência no país na atualidade. Nesse primeiro quarto de século 21, o Brasil é o 13º país com maior número de publicações científicas no mundo, de acordo com levantamento feito de 2011 a 2016 pela *Clarivate Analytics* encomendado pela Capes (Cross; Thomson; Sinclair, 2018). Outros dados desse estudo são apresentados em um artigo do projeto 'Ciência na Rua', que afirma que "Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil" (Moura, 2019). A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC, 2018) publicou ainda que "80% da pesquisa no Brasil está ligada a programas de pós-graduação".

O ecossistema da ciência brasileira é formado por órgãos públicos, como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e o Conselho Nacional de Educação (CNE), vinculados ao Ministério da Educação (MEC), e o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

[9] *"[...] its persistent fabrication of fake controversies, the extraordinary male dominance among its activists, and its strong connection with various forms of right-wing politics."* (Hansson, 2017, p. 39).

(IBICT), vinculados ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI); pelas agências de fomento, como a Capes e o CNPq, de que já falamos, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao MCTI, e as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs); pela comunidade científica, organizada em sociedades como a ABC, a SBPC e outras específicas de cada área do conhecimento, como também já mencionamos; pelas instituições de ensino e pesquisa, como as Instituições de Ensino Superior (IES) e os Institutos de Ciência e Tecnologia (ICT); pelas entidades de representação, como a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG); e pelo setor produtivo não acadêmico, como a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (Ferreira, 2024). Acrescentamos ainda as associações nacionais de pesquisa e pós-graduação.

Entre as universidades públicas brasileiras, três estaduais paulistas aparecem em posições de destaque em rankings como *Times Higher Education*[10] (2023) e Ranking Universitário Folha (2023), inclusive no que se refere às atividades de pesquisa: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Estadual Paulista (Unesp). Na rede federal, há 69 universidades que também são responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico do país, além dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e outros centros, que estão listados no site do MEC (Brasil, 2018). Existem ainda as universidades municipais, por exemplo, a Universidade Regional de Blumenau (FURB). Outros estudos importantes acontecem nas 16 unidades de pesquisa vinculadas ao MCTI (Brasil, 2022), como Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). E, ainda, outras grandes instituições públicas de pesquisa no Brasil são as pioneiras, de que já falamos, Instituto Butantan e Fiocruz, além de Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Fundação Ezequiel Dias (Funed), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre outras.

Os maiores financiadores de pesquisas no Brasil, de acordo com levantamento na Plataforma *InCites* de 2011 a 2018, são o CNPq e a Capes (ABCD, 2018). Na sequência, estão as FAPs. A primeira instituição privada sem fins lucrativos de fomento à ciência no Brasil é o Instituto Serrapilheira. A origem dos recursos é de um fundo patrimonial

[10] O ranking é elaborado, desde 2004, pela revista inglesa Times Higher Education (THE) e avalia instituições de ensino superior de todo o mundo com base em indicadores de pesquisa, ensino e impacto. Disponível em: https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/about-the-times-higher-education-world-university-rankings. Acesso: 5 dez. 2024.

constituído em 2016 por uma doação filantrópica familiar do casal João Moreira Salles e Branca Vianna (Instituto Serrapilheira, 2024). As instituições públicas que desenvolvem pesquisas também fazem parcerias público-privadas (PPP), especialmente em áreas como engenharia, farmácia e agronegócio.

No Brasil, assim como nos outros países, a produção científica segue um caminho. Afinal, conforme Foucault (2014a [1970]), existem procedimentos que determinam as condições de funcionamento dos discursos, regras que garantem que nem todos tenham acesso a eles. “Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 2014a [1970], p. 35). Dessa forma, o desenvolvimento e os resultados parciais ou finais de estudos são oficialmente publicados para a comunidade científica, que avalia esses estudos, seja para apresentações em eventos, publicações ou conclusão de cursos. Os congressos científicos, por exemplo, abrem inscrições para participação como ouvintes ou para apresentação de trabalho, geralmente na forma de comunicação oral ou pôster. Para apresentar, o pesquisador precisa submeter seu trabalho de acordo com as normas de cada evento, que podem variar entre resumos simples, resumos expandidos ou artigos completos. Uma comissão científica avalia os trabalhos enviados e informa aos autores se estão aceitos, se precisam de correção ou se estão recusados.

Outra forma de comunicar um estudo aos pares é submetê-lo a um periódico científico ou à organização de um livro. Também, nesses casos, há período de inscrição, normas específicas e conselho editorial que avalia a qualidade do trabalho e informa aos autores se o artigo está aprovado, se precisa de correção ou está recusado. As revistas científicas também são avaliadas. No Brasil, existe o sistema Qualis Periódicos, da Capes, que classifica a produção científica dos programas de pós-graduação. A melhor classificação é A1, seguida por A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Mas a Capes anunciou, em outubro de 2024, uma nova forma de avaliar a produção intelectual dos pesquisadores dos programas de pós-graduação para o quadriênio de 2025 a 2028. O foco será na classificação de cada artigo publicado e não mais no periódico onde o texto foi divulgado (Brasil, 2024b). Portanto, há um dado ordenamento do discurso sobre como se pode fazer ciência no país, para que seja legitimado pelos pares, e autorizado a funcionar como um enunciado científico. Essas grades e instâncias são, elas próprias, pontos de poder e de força, que determinam para os sujeitos o que e como eles devem fazer.

Entretanto, no meio acadêmico atual, há ainda o problema das chamadas revistas predatórias, que publicam uma grande quantidade de artigos sem revisão criteriosa por pares,

desde que o(s) autor(es) paguem pela publicação. O ‘Jornal da USP’ abordou a questão em reportagem de 2023, apontando a pressão por produtividade como um dos motivos que favorecem a proliferação de revistas predatórias, as quais abordam os pesquisadores por e-mail com a oferta de publicação. “Chamada de *publish-or-perish* (em português, ‘publique ou pereça’), essa conjuntura é aproveitada por periódicos fraudulentos para lucrar e transformar a ciência em um produto passível de ganhos financeiros” (Almeida, 2023). Em outro texto, um artigo de opinião, também no ‘Jornal da USP’, os pesquisadores Hock e Menck (2024) elogiam o modelo *open access* (acesso aberto), em que as editoras deixam de cobrar dos leitores, mas alertam que isso abriu caminho para que a cobrança recaísse sobre os autores, o que piorou o problema das revistas predatórias. A consequência dessas publicações sem revisão criteriosa é o maior risco de divulgação de informações erradas que podem impactar toda a sociedade.

A elaboração de rankings de melhores universidades, o controle de avaliação das publicações, em estratificações, bem como outros mecanismos de classificação e competitividade, dizem o quanto a ciência, em nosso momento histórico, está emaranhada com a racionalidade neoliberal. O neoliberalismo produz modos de subjetivação identificados com a competitividade e o empresariamento de si mesmo, de modo que os pesquisadores, para estarem inseridos no ecossistema da ciência, acabam se constituindo como a figura do *Homo oeconomicus* que Foucault (2008 [1978-1979]) aborda em ‘Nascimento da biopolítica’. Essa reflexão é aprofundada, nesta tese, na seção 3, intitulada ‘A ciência para desenvolver o país’.

As bancas examinadoras de conclusão de curso são outros instrumentos de avaliação de pesquisas feitas por cientistas em formação, orientados por professores. Em muitos cursos de graduação e de especialização, os estudantes desenvolvem o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No mestrado acadêmico, a pesquisa é apresentada na forma de dissertação e, no doutorado, na forma de tese. No mestrado e no doutorado profissionais, pode-se desenvolver uma pesquisa ou um produto (uma técnica, um processo, um projeto, um plano de negócios etc.), em que os conhecimentos da área são aplicados. Em todos esses casos, constitui-se uma banca com pesquisadores da área que avaliam a pesquisa de cada estudante de graduação ou pós.

Também existem várias plataformas que reúnem trabalhos científicos já avaliados e publicados. Entre elas estão *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* (www.scielo.org), Periódicos da Capes (www.periodicos.capes.gov.br), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (https://bdtd.ibict.br) e Google Acadêmico (https://scholar.google.com.br). Os

artigos ainda podem ser encontrados diretamente nas revistas científicas e livros. Como abordado anteriormente, algumas revistas cobram tanto para publicar quanto para ler, mas no Brasil predominam as de acesso gratuito. As instituições públicas de pesquisa também disponibilizam, gratuitamente, seu acervo de pesquisa em repositórios. Os Anais e Cadernos de Resumos de eventos são outros materiais em que se publicam trabalhos científicos.

Esse ecossistema da ciência brasileira, composto principalmente por instituições, profissionais e publicações, quase sempre se circunscreve em si mesmo, em uma espécie de "bolha" acadêmica (historicamente elitista, embora tenha havido mudanças a partir de políticas públicas de inclusão social e assistência estudantil no período estudado nesta pesquisa, como aborda a seção 3), que dialoga regularmente com os pares, mas menos com a sociedade em geral. Existem, porém, as ações sobre as quais discorremos na subseção 2.2, que buscam relacionar a comunidade científica e a população, por meio de comunicação, divulgação e percepção pública da ciência.

Tendo refletido, nesta seção, sobre ciência na ocidentalidade, na perspectiva decolonial e no Brasil, e compreendendo que, para os Estudos Discursivos Foucaultianos, a ciência é fruto das relações de saber e de poder que tornam possível a sua existência, incluindo nessas relações de forças a divulgação e a percepção pública da ciência, podemos pensar o objeto "ciência" como referencial dos discursos produzido no próprio dizer. Desta forma, na próxima seção, analisamos arquivos compostos por enunciados que apresentam a ciência como condição ou meio para se atingir o desenvolvimento do país, um dos trajetos temáticos estabelecidos para nosso exercício de análise.

3 A CIÊNCIA PARA DESENVOLVER O PAÍS

Esta seção reúne as descrições e as análises de arquivos compostos por enunciados sobre "ciência" que a apresentam como condição ou meio para se atingir a situação denominada como desenvolvimento do Brasil. Essa é uma regularidade que observamos primeiramente no discurso político e, posteriormente, percebemos seu funcionamento também no discurso de pesquisadores e sociedades científicas.

A partir dessas observações, são identificados dois tipos de construções discursivas que partem da ciência para atingir o desenvolvimento: ora fala-se em desenvolvimento econômico, dentro de uma racionalidade neoliberal, como apresentamos na subseção 'Ciência, economia e neoliberalismo', ora fala-se em desenvolvimento social, inclusive numa perspectiva de democratização do acesso à ciência, como explicamos na subseção 'Ciência, educação e desenvolvimento social'.

As análises são feitas buscando observar como os enunciados estão sustentados em jogos de saber-poder, que são o objetivo geral desta pesquisa. O que está em tensionamento nesses efeitos de verdades sobre ciência nos diferentes governos, nos manifestos e nas reuniões das organizações científicas? — também é uma pergunta que buscamos responder, como um de nossos objetivos específicos. Empreendemos um jogo de descrição e análise de cada enunciado e ampliamos a discussão sobre a arena pública e os tensionamentos em que esses enunciados se inserem, em um batimento com outros enunciados dentro do campo associado do (não) acesso à educação superior.

3.1 Ciência, economia e neoliberalismo

Todos os presidentes do Brasil empossados no século 21 trataram, em seus pronunciamentos, de ciência como um elemento para o desenvolvimento econômico. Para descrever esses acontecimentos do discurso, repetimos a pergunta de Foucault (2020 [1969], p. 33) na 'Arqueologia do Saber': "como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?" Como é possível que, para falar de ciência nos governos do Brasil, seja preciso falar mais de economia que de educação, cidadania, formação crítica ou democracia? A resposta se sustenta nos conceitos de racionalidade política, governamentalidade e neoliberalismo elaborados por Foucault (2008[1978-1979]) em 'Nascimento da biopolítica'.

Esses conceitos foucaultianos são retomados, atualizados e historicizados no século 21 por Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 17, grifo dos autores) em 'A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal', sob a tese de que "o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma *racionalidade* e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados". Essa racionalidade neoliberal, segundo os autores, é constituída por discursos, práticas e dispositivos que generalizam a concorrência como norma de conduta e estabelecem a empresa como modelo de subjetivação, ou seja, cada sujeito é um empresário de si mesmo e concorre com todos os outros.

Em 2002, o Brasil elegeu um governo mais à esquerda que seus antecessores, mas que também precisou construir alianças com setores econômicos durante a campanha para viabilizar a vitória no pleito e, após a posse, para se manter em exercício. Um acontecimento discursivo foi a publicação da 'Carta ao povo brasileiro' pelo então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, para "acalmar o mercado financeiro" (Leia [...], 2002), em um caso de "porosidade da 'esquerda moderna' aos grandes temas neoliberais", expressão usada por Dardot e Laval (2016) para falar de casos semelhantes, como o de Tony Blair, primeiro-ministro do Reino Unido de 1997 a 2007.

Em 1 de janeiro de 2003, Lula tomou posse como presidente da República e subiu a rampa, como mostra a Imagem 2, ao lado do vice-presidente José Alencar, empresário e político de direita que, na época, era filiado ao Partido Liberal (PL). Assim como a 'Carta ao povo brasileiro', a chapa montada com Alencar em uma parceria exibida no ato de subir a rampa também foi uma estratégia para fazer ponte entre Lula e o mercado financeiro. Durante o pronunciamento na sessão solene de posse, no Congresso Nacional, Lula disse:

> Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo (Silva, 2003, grifos nossos).[11]

[11] O arquivo original de onde foi extraído este enunciado e todos os outros analisados nesta tese estão disponíveis, na íntegra, nos Anexos.

Imagem 2 — Cerimônia de posse de Lula da Silva como presidente da República, em Brasília, em 1º de janeiro de 2003



Fonte: Dias (2003)

Ao dizer que o Brasil vai dar "um salto de qualidade" e que é "o país do novo milênio", registra-se uma mudança de época e que o país vai ocupar, no mundo, um lugar que é novo, diferente e melhor. Só é possível dizer isso compreendendo o Brasil em sua historicidade: três séculos de colonização, quatro séculos de escravização, genocídio dos povos originários e, no século anterior, décadas de ditadura. Em relação ao mundo, até os anos 1990, o Brasil era situado como país subdesenvolvido ou de Terceiro Mundo, dentro do regime discursivo ocidental na Guerra Fria, em que os países capitalistas industrializados foram chamados de Primeiro Mundo, os países comunistas industrializados de Segundo Mundo e os demais, economicamente mais pobres, ex-colônias e não necessariamente alinhados a algum dos blocos capitalista ou comunista, foram nomeados como Terceiro Mundo (Lowe, 2011). Após o fim da Guerra Fria e a virada do milênio, no regime discursivo capitalista que passou a predominar, o Brasil e outros países semelhantes passaram a ser nomeados de emergentes, ou seja, aqueles que vão emergir, "dar um salto". Atualmente, alguns economistas, como Peter Marber, já apontam essa nomenclatura como ultrapassada, por levar em conta apenas questões financeiras e desconsiderar índices sociais, e sugerem uma divisão em dez grupos, sendo 1 o grupo de países mais sujeitos a riscos ou menos

desenvolvidos e o grupo 10 o de países que mais pontuaram em desenvolvimento financeiro, índice de desenvolvimento humano (IDH) e outros critérios. Nesta classificação, o Brasil está no grupo 6, como explica reportagem da BBC Brasil (Novo [...], 2015).

Com relação ao momento que o país vivia na área político-científica, em 2001, no governo que antecedeu Lula, o de Fernando Henrique Cardoso, foi realizada a Primeira Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, quando se criou o Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE) do então Ministério da Ciência e Tecnologia (Miguel, 2003). Posteriormente, essa viria a ser chamada de segunda conferência, considerando como primeira o Debate Nacional: Ciência e Tecnologia numa Sociedade Democrática, promovido em 1986. A alteração aconteceu quando foi promovida a terceira conferência, em 2005, no governo Lula (Mourão, 2017).

Essa primeira eleição de um governo mais à esquerda do Brasil é discursivizada em torno da esperança e da potência – "este é um país que pode" – e o que garante que haja essas possibilidades são os seus atributos naturais e culturais. A ciência aparece com a sétima das dez características que o Brasil já tinha para alcançar esse novo regime de saber-poder e ser o país do terceiro milênio.

No segundo mandato, o governo Lula lançou o Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação (PACTI 2007-2010), com quatro prioridades estratégicas norteadas pela Política Nacional de C,T&I, que estão listadas a seguir, e também realizou a Quarta Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação:

> I - Expansão e Consolidação do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação;
> II - Promoção da Inovação Tecnológica nas Empresas;
> III - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Áreas Estratégicas; e
> IV - Ciência,Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Social (Brasil, 2010, p. 9). (Brasil, 2010).

A análise desse enunciado indica o quanto a ciência é associada ao desenvolvimento, mas também como, às vezes, é difícil separar se o que está em evidência é o desenvolvimento econômico ou o social. É comum encontrá-los imbricados, como nas prioridades do PACTI 2007-2010, em que as empresas aparecem como segundo ponto prioritário, mas o desenvolvimento social também está lá, ainda que na quarta colocação.

A noção de investir em ciência para colher desenvolvimento aparece com ainda mais força nos pronunciamentos de Dilma Rousseff. Em 2011, ao tomar posse pela primeira vez, durante o Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional, Dilma disse: "Meu

Governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e para a inovação como instrumento fundamental de produtividade e competitividade do nosso País" (Rousseff, 2011; grifos nossos). Na segunda posse, em 2015, ela disse primeiramente: "Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo as parcerias entre o setor produtivo e nossos centros de pesquisa e universidade" (Rousseff, 2015; grifos nossos); e, em outro momento, afirmou: "Vamos continuar apoiando nossas universidades e estimulando sua aproximação com os setores mais dinâmicos da nossa economia e da nossa sociedade" (Rousseff, 2015; grifos nossos).

Dilma trata de ciência associada à economia, ao desenvolvimento, à produtividade e à competitividade e essa prática discursiva constitui as ações de seu governo. Um exemplo é que, em 2011, a Medida Provisória nº 541 alterou o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), criado em 1985, para Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e atribuiu novas competências ao ministério. A inovação científica pressupõe o desenvolvimento de processos e produtos que satisfaçam necessidades e tenham impacto na vida das pessoas e na economia.

Outra ação de Dilma foi sancionar o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio da Lei nº 13.243, de 11 de Janeiro de 2016, que dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação (Brasil, 2016), e é interessante observar o que ela afirma nessa cerimônia: "que a inovação se torne o motor de nosso desenvolvimento" (Rousseff, 2016; grifos nossos). No neoliberalismo, a correlação entre ciência e economia, produção e produtividade, por vezes, é mais forte do que com áreas correlatas, como a educação, ainda que o lema do então Governo Federal, "Brasil, Pátria Educadora", estivesse estampado, inclusive, durante a assinatura do Marco Legal, como se pode observar na Imagem 3 . Houve resistência a essa legislação por parte da comunidade científica, como aborda a subseção 3.2.

Imagem 3 — Dilma sanciona, em janeiro de 2016, o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação



Fonte: ABC (2016)

O sucessor de Dilma foi Michel Temer, que até então era vice dela. Após um processo oficialmente nomeado como impeachment da presidenta, mas que também é chamado de golpe por parte da população e de pesquisadores devido às controversas articulações políticas, jurídicas e midiáticas que levaram à destituição de Dilma do cargo, Temer foi empossado em 12 de maio de 2016. Em seu primeiro pronunciamento, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado, Temer (2016) não mencionou o tema ciência nem direta nem indiretamente. Seu mandato foi marcado por cortes de recursos financeiros para a pesquisa, como também aborda a seção 4, 'Ciência (d)e verdade', desta tese, e por outros retrocessos, por exemplo, a falta de diversidade na composição de sua equipe gestora. Na Imagem 4, que diz respeito à posse de Temer e dos ministros, é ostensiva a sua posição central na imagem, rodeado exclusivamente por homens brancos, assim como ele próprio.

Imagem 4 — Cerimônia de posse de Michel Temer como presidente da República e dos ministro do seu governo, em Brasília, em 12 de maio de 2016



Fonte: Campanato (2016)

Mas, em outras ocasiões, Temer também abordou a ciência como requisito para desenvolver o país. Um exemplo ocorreu, de acordo com a 'Agência Estado', em matéria reproduzida pelo 'Correio Braziliense', durante a cerimônia do dia 27 de setembro de 2018, no Palácio do Planalto, em que foi lançado um programa de descentralização do financiamento de projetos de inovação, que seria executado pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) – tratamos da junção de ministérios também na próxima seção desta tese – e pela Financiadora de Inovação e Pesquisa (Finep):

> Na cerimônia, o presidente Temer disse que o lançamento do programa mostra que o governo está "colocando o país efetivamente no século 21". "Nesse governo avançamos em vários pontos no âmbito da ciência e tecnologia que nos colocam ao lado dos países mais desenvolvidos. Nós estamos colocando o país nos termos da Constituição e o que fizemos ficará marcado para hoje e para o futuro", declarou. (Temer, 2018; grifos nossos).

Percebe-se como cada presidente batalha pelo crédito de ter sido quem efetivou um novo regime de país em uma época e em relação ao mundo. Lula disse que o Brasil seria o país do "novo milênio" e Temer que é ele quem está fazendo isso efetivamente, parafraseando

a data como “século 21”. Retomando Foucault (2013 [1973]), que citamos na seção introdutória ‘Como nasce uma pesquisa sobre ciência’, produzimos discursos para vencer a verdade, e não necessariamente para se chegar a ela.

Após Temer, o presidente do Brasil foi Jair Bolsonaro, empossado na Presidência da República em 1 de janeiro de 2019, e que, à semelhança de seu antecessor, também não falou sobre ciência em seu primeiro pronunciamento (Bolsonaro, 2019). Esse foi mais um mandato em que as instituições de pesquisa, especialmente as universidades federais, foram atacadas, por declarações e ações, e, ainda, um governo que corroborou o negacionismo científico no contexto da pandemia, como detalha a seção 4.

Neste tópico, porém, nos concentramos nos enunciados sobre ciência que a associam ao desenvolvimento econômico, o que também é encontrado em falas públicas de Bolsonaro. Durante a inauguração da primeira linha de pesquisa do superlaboratório Sirius, em Campinas (SP), o então presidente disse: “aqui, realmente podemos buscar a independência da nossa nação” (Corrêa, 2020; grifo nosso). Diferentemente de seus antecessores, cujo discurso sobre o Brasil relacionava o país à economia global, Bolsonaro fala em “independência”, o que é possível em sua posição sujeito de patriota, cujo slogan era “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. Colocando em suspenso, poderíamos perguntar discursivamente: que independência, do quê e de quem? Além disso, no registro do evento na Imagem 5, feito em 21 de outubro de 2020, durante a pandemia de covid-19 e quando a vacinação ainda não havia iniciado, de modo que as formas de prevenção à doença eram o uso de máscaras e o distanciamento social, é possível observar seis homens próximos — cinco deles, incluindo o ex-presidente Bolsonaro, sem máscaras. Há uma contradição explícita com o painel atrás deles, onde se lê a expressão “pesquisas científicas”. A ciência é acionada na fala em prol de uma suposta defesa da soberania nacional, mas é ignorada no que se refere à saúde pública, ao campo das práticas não-discursivas.

Imagem 5 — Inauguração da 1ª linha de pesquisa do Sirius, em 2020, em Campinas (SP)



Fonte: Corrêa (2020)

Candidato à reeleição, Bolsonaro perdeu para Lula, que reassumiu a presidência para seu terceiro mandato em 1 de janeiro de 2023. Entre outros pontos, que também serão analisados na subseção seguinte, Lula voltou a falar de ciência e desenvolvimento em seu terceiro pronunciamento de posse:

> Caberá ao estado articular a transição digital e trazer a indústria brasileira para o Século XXI, com uma política industrial que apoie a inovação, estimule a cooperação público-privada, fortaleça a ciência e a tecnologia e garanta acesso a financiamentos com custos adequados. O futuro pertencerá a quem investir na indústria do conhecimento, que será objeto de uma estratégia nacional, planejada em diálogo com o setor produtivo, centros de pesquisa e universidades, junto com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, os bancos públicos, estatais e agências de fomento à pesquisa. (Silva, 2023; grifos nossos).

Novamente se repete a ideia de atualizar o país em uma época, ora terceiro milênio, ora século 21. Aparece a formulação "indústria do conhecimento", que sublima o sentido de ciência como um ingrediente com que se produz o desenvolvimento de um país. Essa produção demanda cooperação público-privada, financiamentos e estratégia nacional e envolve diferentes atores, como setor produtivo, centros de pesquisa, universidades, MCTI,

agências de fomento e até os bancos. Uma articulação que garantirá um lugar no tempo cronológico: o futuro. Destacamos a expressão "setor produtivo", que se refere a empresas, indústrias, agronegócio, entre outras atividades econômicas, como se só fosse produtivo o que movimenta o capital financeiro.

Então, observamos que é sempre um devir, que acaba sendo uma contradição, como se a ciência nunca tivesse se realizado. O governante precisa sempre se afirmar e dizer que vai ser. E pensando no campo associado (Foucault, 2020[1969]), o discurso político sobre ciência se liga ao discurso capitalista e neoliberal; portanto, precisa servir ao mercado, ao material, ao produto, à ideia de retorno financeiro e lucro e, dessa maneira, pressupõe um resultado econômico. Só se pensa em desenvolvimento se a prioridade for econômica. A ciência é pensada como empresa.

Essa ideia de ciência para promover o desenvolvimento econômico também é discursivamente construída pelas comunidades científicas, como as que se associam e são representadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Neste primeiro quarto do século 21, a SBPC realizou as edições 53ª a 76ª de suas reuniões anuais, e já lançou o tema da 77ª, com representantes de sociedades científicas, autoridades e gestores do sistema nacional de ciência e tecnologia. Esses encontros acontecem ininterruptamente, desde 1949, em diferentes localidades, com os objetivos de debater políticas públicas em ciência, tecnologia, inovação e educação e de divulgar a ciência para a população. Cada reunião tem um tema central. A seguir, estão listados os temas de todas as reuniões do período que analisamos neste estudo e, na sequência, os cartazes de divulgação das reuniões cujos temas relacionam ciência e desenvolvimento e que, por isso, foram selecionados para o arquivo desta tese.

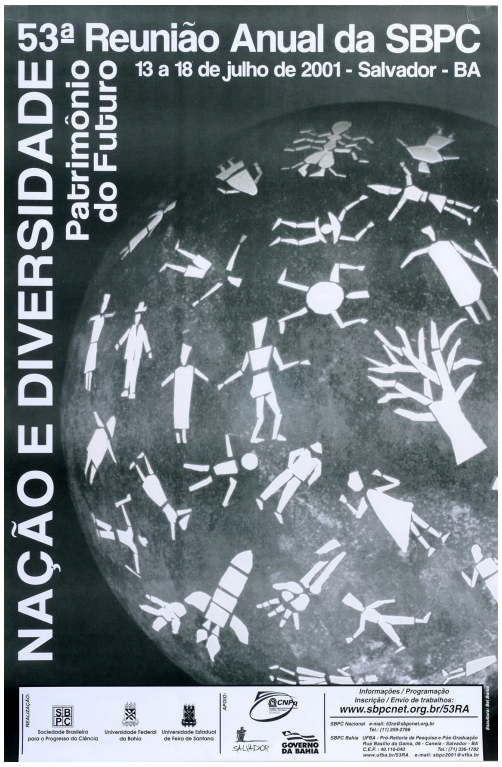
Quadro 1 – Edições, anos e temas das Reuniões Anuais da SBPC realizadas no século 21

Edição	**Ano**	**Tema**
53ª	2001	Nação e diversidade - patrimônio do futuro
54ª	2002	Ciência e universidade rompendo fronteiras
55ª	2003	Educação, ciência e tecnologia para a inclusão social
56ª	2004	Ciência na fronteira - ética e desenvolvimento
57ª	2005	Do sertão olhando o mar, cultura & ciência

58ª	2006	SBPC&T semeando interdisciplinaridade
59ª	2007	Amazônia: desafio nacional
60ª	2008	Energia – ambiente – tecnologia
61ª	2009	Amazônia: ciência e cultura
62ª	2010	Ciências do mar: herança para o futuro
63ª	2011	Cerrado: água, alimento e energia
64ª	2012	Ciência, cultura e saberes tradicionais para enfrentar a pobreza
65ª	2013	Ciência para o novo Brasil
66ª	2014	Ciência e tecnologia em uma Amazônia sem fronteiras
67ª	2015	Luz, ciência e ação
68ª	2016	Sustentabilidade, tecnologias e integração social
69ª	2017	Inovação - diversidade - transformações
70ª	2018	Ciência, responsabilidade social e soberania
71ª	2019	Ciência e inovação nas fronteiras da bioeconomia, da diversidade e do desenvolvimento social
72ª	2020	Ciência, educação e desenvolvimento sustentável para o século XXI
73ª	2021	Todas as ciências são humanas e essenciais à sociedade
74ª	2022	Ciência, independência e soberania nacional
75ª	2023	Ciência e democracia para um Brasil justo e desenvolvido
76ª	2024	Ciência para um futuro sustentável e inclusivo: por um novo contrato social com a natureza
77ª	2025	Progresso é Ciência em todos os Territórios

Fonte: SBPC (2024; grifos nossos)

Imagem 6 - Compilado de cartazes das 53ª, 61ª, 65ª, 71ª, 75ª e 76ª Reuniões Anuais da SBPC















Fonte: SBPC (2024)

Os temas das primeiras reuniões do século também situam o Brasil no tempo e na geopolítica, acionando ideias como a de "nação do futuro" e que "rompe fronteiras". A concepção de "desenvolvimento" aparece nominalmente nos temas de 2004, 2019, 2020 e 2023, mas nem sempre o termo aciona o campo econômico, pois se nota também a ideia de desenvolvimento social, que será abordada na próxima subseção. Em outras edições, surgem palavras correlatas, como "inovação" e "tecnologia". A ideia de conceber ciência e tecnologia como sinônimas é criticada por Krenak (2021), pois ciência é produção de conhecimento e tecnologia é a apropriação e o desenvolvimento desses processos para produzir mercadorias.

Ao mesmo tempo, há teóricos da comunicação que entendem tecnologia como todo conjunto de processos, práticas e hábitos que foram desenvolvidos pelos seres humanos. Nesse viés, a escrita, por exemplo, é uma tecnologia, e não necessariamente ela produz mercadorias. "Uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo é, portanto, o gesto de escrever", explica Dias (2009, p. 10), a partir do conceito foucaultiano de "tecnologias do eu", segundo o qual os sujeitos produzem tecnologias para moldar-se à vida em todas as sociedades.

Regularmente, as reuniões da SBPC retomam a temática da sustentabilidade, ou seja, a ideia de um progresso econômico que, ancorado nos conhecimentos científicos, não comprometa os recursos naturais e o futuro da própria humanidade. As reuniões são itinerantes e, a depender do lugar onde foi sediada, são apontados biomas ou outros elementos da natureza que precisam da atenção científica que os defenda dos riscos impostos pelo desenvolvimento econômico, por exemplo, mar (2005 e 2010), Amazônia (2007, 2009 e 2014), Cerrado (2011) e energia (2008 e 2011). O tema de 2019 chega a falar em "bioeconomia" e o de 2024 a propor "um novo contrato social com a natureza" para que o futuro seja sustentável.

A relação entre ciência e desenvolvimento sustentável também foi tema de uma ação da Organização das Nações Unidas (ONU), por meio de sua agência para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que declarou 2022 como Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável. O objetivo foi ressaltar a ligação entre as ciências básicas e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):

1. Erradicação da pobreza;
2. Fome zero e agricultura sustentável;
3. Saúde e bem-estar;
4. Educação de qualidade;
5. Igualdade de gênero;
6. Água potável e saneamento;

7. Energia limpa e acessível;
8. Trabalho decente e crescimento econômico;
9. Indústria, inovação e infraestrutura;
10. Redução das desigualdades;
11. Cidades e comunidades sustentáveis;
12. Consumo e produção responsáveis;
13. Ação contra a mudança global do clima;
14. Vida na água;
15. Vida terrestre;
16. Paz, justiça e instituições eficazes; e
17. Parcerias e meios de implementação. (ABC, 2022)

No Brasil, as parceiras da ação foram a ABC e a SBPC. Pode-se pensar o discurso sobre sustentabilidade como uma forma de resistência possível diante do desenvolvimento econômico que passa sobre quase tudo como um motor. Asseveramos, no entanto, como a própria ideia de sustentabilidade pressupõe a manutenção de práticas vigentes, produtivas, e, por que não, direcionadas ao mercado e ao consumo. O discurso de sustentabilidade, não raro, constitui enunciados de empresas e grandes conglomerados, produzindo um funcionamento de comprometimento para o com o social e o meio ambiente.

Na pauta da SBPC, há ainda temas que se conectam com a história política recente do Brasil. Em 2013 – ano das manifestações que levaram milhões de pessoas às ruas, que se iniciaram com protestos contra o aumento da tarifa de transporte público, escalaram para reivindicações relacionadas a temas diversos, como combate à corrupção, e resultaram, inclusive, na ascensão da extrema-direita[12] – o tema da Reunião Anual da SBPC foi "Ciência para o novo Brasil". Depois do impeachment/golpe de 2016 e do mandato de Bolsonaro (2018-2022), cujos apoiadores tentaram dar um golpe de estado no início do terceiro mandato de Lula (Costa, 2024), invadindo e vandalizando prédios públicos em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, o encontro da SBPC chamou atenção para a necessidade de se defender a democracia, com o tema "Ciência e democracia para um Brasil justo e desenvolvido".

Quanto aos encontros da ABC, o site da associação disponibiliza os temas das Reuniões Magnas a partir de 2012. Também listamos os temas no quadro 2 e, na sequência, a seleção de cartazes de divulgação das reuniões cujos temas associam a ciência ao desenvolvimento e, portanto, interessam à composição do arquivo desta tese.

---

[12] Para mais informações sobre as manifestações de 2013, veja:

ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria. **Junho de 2013**: a rebelião fantasma. São Paulo: Boitempo, 2023.

VICK, Mariana; SIMONETTI, Mariana; FRONER, Mariana. Junho de 2013: o passo a passo dos protestos que mudaram o Brasil. **Nexo Jornal**, 13 jun. 2023. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/especial/2023/06/05/junho-de-2013-o-passo-a-passo-dos-protestos-que-mudaram-o-brasil. Acesso: 22 jan. 2025.

Quadro 2 – Anos e temas das Reuniões Magnas da ABC realizadas no século 21

Ano	Tema
2012	Ciência para o desenvolvimento sustentável
2013	Desenvolvimento científico-tecnológico: rumo a novos patamares
2014	Inovação
2015	O valor da ciência
2016	Um século de ciência: construindo um futuro melhor
2017	Projeto de ciência para o Brasil
2018	Imaginando o futuro
2019	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
2020	O mundo a partir da covid-19
2021	Ciência: a fronteira infinita
2022	O futuro é agora
2023	Ciência Básica para o desenvolvimento sustentável
2024	Inteligência artificial e ciências: oportunidades e riscos
2025	Amazônia Já! Sem tempo a perder

Fonte: ABC (2024b; grifos nossos)

Imagem 7 - Compilado de cartazes das Reuniões Magnas da ABC de 2013, 2017, 2018, 2019, 2022 e 2023





Fonte: ABC (2024b)

A palavra "desenvolvimento" é ainda mais presente na ABC, aparecendo nos temas de 2012, 2013, 2019 e 2023. Nos encontros desta associação também se encontram as ideias de "futuro" (2016, 2018 e 2022) e de temas situados historicamente, como a pandemia de covid-19 (2020) e a expansão da inteligência artificial (2024). Outra regularidade são os debates sobre a própria ciência (2015, 2016, 2017, 2021 e 2023), que são abordados na seção 4 desta tese.

A ABC também lançou, em 2017, um projeto com o título "Ciência Gera Desenvolvimento", para veicular vídeos curtos que mostram, de acordo com a ABC, "como a ciência pode ser traduzida em benefícios palpáveis para todo um país" (ABC, 2017). A associação escreve ainda que o objetivo maior é "conscientizar a população em geral sobre o valor – sobretudo financeiro – que o investimento em produção científica pode oferecer a toda a sociedade" (ABC, 2017). São enunciados que mantêm a repetibilidade de ciência utilitária e discursivizada como mercadoria, mas que também são formas de resistência, porque assim podem entrar na ordem do discurso. Afinal, a ciência precisa ser "palpável" e ter um valor "sobretudo financeiro".

Imagem 8 - Cartaz do projeto “Ciência Gera Desenvolvimento”, lançado em 2017 pela ABC



Fonte: ABC (2017)

Na rede discursiva em que se aciona a ciência para abordar temáticas sociais, encontramos manifestos divulgados por grupos de pesquisadores. Utilizando o mecanismo de busca do Google e selecionando diferentes anos do século 21 nas configurações de pesquisa, fizemos um levantamento com os termos de busca “manifesto pesquisadores” e “manifesto cientistas”. Depois de uma primeira observação dos resultados, em que se abriram os *links* para ver do que se tratavam os conteúdos, constatamos que comumente os manifestos se referem à relação entre ciência e sociedade, e analisamos alguns deles nesta seção. Outros dizem respeito à vontade de verdade da ciência e, por isso, serão abordados na próxima seção desta tese. Não se trata de cobrir a totalidade de manifestos, mas de analisar aqueles que são representativos de um discurso coletivo que tenha circulado, ou ainda circule, na sociedade brasileira.

Um deles é o ‘Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica’, lançado em 13 de setembro de 2015 pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), por meio de uma videoconferência com pesquisadores que

estavam em Brasília (DF), São Paulo (SP), Campinas (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Fortaleza (CE) e Florianópolis (SC). O manifesto se insere em um movimento mundial que surgiu em decorrência das dificuldades de acesso da comunidade científica aos modelos tradicionais de publicação em revistas científicas pagas — conforme abordado na seção 2 — e defende o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação para que sejam construídos, implantados e mantidos repositórios de acesso livre. Há recomendações para autores, editores, agências de fomento e instituições acadêmicas (IBICT, 2015).

A relação entre ciência e desenvolvimento aparece logo no primeiro parágrafo. Na sequência do texto, argumenta-se que o acesso livre à informação vai gerar economia e aumentar a produtividade:

> A informação científica é o insumo básico para o desenvolvimento científico e tecnológico de uma nação. Trata-se de um processo contínuo em que a informação científica contribui para o desenvolvimento científico, e este, por sua vez, gera novos conteúdos, realimentando todo o processo. [...]
> É importante observar que o paradigma do acesso livre à informação provocará otimização nos custos de registro e acesso à informação, além de promover maior rapidez no fluxo da informação científica e no desenvolvimento científico e tecnológico. (IBICT, 2015, p. 1, grifos nossos)

Assim, aqueles que fazem e falam sobre ciência, incluindo os que gerem o fazer científico no Brasil, que se dá predominantemente nas instituições públicas, também são falados por essa rede de saber-poder sobre ciência atrelada ao desenvolvimento econômico e à razão neoliberal. A ciência, cada vez mais enunciada como a expressão "ciência, tecnologia e inovação", precisa ser útil e aplicável, deve trazer novidades, ainda que a obsolescência seja programada, deve gerar lucros a partir dos investimentos que recebe, enfim, deve funcionar como uma empresa lucrativa.

Entretanto, na rede discursiva sobre ciência no Brasil, há pontos em que se observa outra ideia de desenvolvimento que pode advir do fazer ciência: o desenvolvimento social. A próxima subseção aborda essa relação, que passa diretamente pela educação, sem, no entanto, a ilusão de desvincular-se das questões econômicas.

3.2 Ciência, educação e desenvolvimento social

A ciência como uma produção de interesse público é outro discurso que circula no Brasil do século 21. Especialmente na esfera política, há enunciados sobre ciência que defendem a necessidade de se democratizar o acesso a ela, o que inclui as ações afirmativas na área de educação. Contudo, não são todos os governos que tratam sobre isso. Escavando o século 21, encontramos enunciados de Lula e de Dilma sobre a democratização da ciência.

No pronunciamento de posse de Lula, em 1 de janeiro de 2007, que dá início ao seu segundo mandato, ele diz:

> O Brasil assistirá dentro de dez ou quinze anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população. Este foi sempre o nosso propósito: democratizar não só a renda, mas também o conhecimento e o poder. (Silva, 2007; grifos nossos).

Na posse de 2003, Lula havia abordado mais renda e economia, mas, em 2007, após ter governado o país por quatro anos e ter sido reeleito, há condições para dizer, em seu pronunciamento, que suas políticas visam (e já visavam desde antes) a incluir a população mais pobre não apenas no acesso aos bens econômicos, mas também ao conhecimento e ao poder. Também houve, no primeiro mandato, medidas voltadas para a ciência; por exemplo, o Decreto Presidencial de 09 de junho de 2004 que instituiu a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) a ser realizada em outubro de cada ano. E, logo no início do segundo mandato de Lula, o Decreto Presidencial Nº 6.096, de 24 de abril de 2007, instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em que é desenvolvida grande parte da pesquisa científica no Brasil.

É possível chamar a geração de intelectuais e cientistas que estará se formando de "nova" porque, historicamente, o ensino superior no Brasil foi predominantemente acessado pelas classes sociais mais altas, tanto que, em 2012, foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que garante que:

> Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
> Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes

> oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita. [...]
> Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (Brasil, 2012).

Também consideramos a Lei de Cotas como acontecimento discursivo, porque ela rearranja a ordem dos saberes, promove novos exercícios de poderes, portanto, desencadeia ou reconfigura novas ou distintas práticas sociais. O estatuto do acontecimento discursivo, explica Navarro-Barbosa (2004, p. 112), "pode ser definido como sendo as relações dos enunciados entre si, as relações entre grupos de enunciados e as relações entre enunciado ou grupos de enunciados e acontecimentos de outra ordem". No caso da Lei de Cotas, trata-se de um fruto das lutas nos movimentos sociais, especialmente dos movimentos negros. Foi aprovada durante o primeiro mandato de Dilma, que, dadas as particularidades de cada presidente e de suas equipes, é também um governo de continuidade aos mandatos anteriores de Lula, uma vez que ambos são do Partido dos Trabalhadores (PT) e sempre trabalharam com o apoio um do outro.

Nos pronunciamentos de Dilma sobre ciência também aparece fortemente outro programa, o Ciência Sem Fronteiras, criado em 2011, durante seu primeiro mandato, com o objetivo de incentivar a formação acadêmica no exterior, por meio da concessão de bolsas e outros incentivos. Na Imagem 9, em que Dilma posa para *selfies* com bolsistas do programa durante solenidade no Palácio do Planalto, em 2014, percebe-se como era mobilizada a euforia dos jovens beneficiários, numa continuidade à promessa feita por Lula em 2007 de que o país teria uma nova geração de intelectuais. Durante a posse do segundo mandato, em 1 de janeiro de 2015, Dilma disse: "vamos continuar apoiando nossas universidades" e "o Ciência Sem Fronteiras vai continuar garantindo bolsas de estudo nas melhores universidades do mundo para 100 mil jovens brasileiros" (Rousseff, 2015). Quando anunciou a segunda etapa do programa, em 25 de junho de 2014, já em seu segundo mandato, Dilma afirmou:

> Esse é um programa feito para garantir ao Brasil condições de gerar aqui inovação, aumentar o interesse pelas ciências exatas e a aplicação de tecnologia em todas as áreas. [...] Essas bolsas têm papel importante para os estudantes de graduação. Mostram os processos mais avançados existentes no mundo no que se refere ao estudo. Ao Ciência sem Fronteiras não importa a origem ou classe social da pessoa. Se ela se esforçou, pode participar do

> Ciência sem Fronteiras. Para fazer jus ao programa, há um critério meritocrático. (Rousseff *apud* Passarinho, 2014; grifos nossos).

A citação do Ciência sem Fronteiras também é bastante atrelada à ideia de desenvolvimento econômico que abordamos no tópico anterior. Dilma associa o Ciência sem Fronteiras à meritocracia, dizendo que para participar do programa "não importa a origem ou classe social da pessoa", entretanto, historicamente, não é raro que jovens de classe média alta e de classe alta participem de intercâmbios no exterior sustentados por suas famílias, diferentemente de jovens de classes sociais mais pobres, para os quais a bolsa paga pelo governo é imprescindível para a experiência no exterior.

Imagem 9 — Dilma posa para *selfies* com bolsistas do Ciência sem Fronteiras durante solenidade no Palácio do Planalto, em 2014



Fonte: Stuckert Filho (2014)

A partir do que é dito pela então presidenta, que "há um critério meritocrático", uma vez que o acesso ao Ciência sem Fronteiras depende do "esforço" individual, depreende-se que as políticas públicas também têm sua implantação condicionada à lógica neoliberal de competição entre os indivíduos, de modo que nem a educação ou o desenvolvimento social escapam dessa racionalidade discursiva. O neoliberalismo, como explicam Dardot e Laval (2016), vai além de uma doutrina econômica ou ideológica, pois é uma racionalidade global

que se estende a todas as relações sociais e vem transformando a sociedade de maneira profunda, modificando inclusive as nossas formas de sentir.

> A estratégia neoliberal consistirá, então, em criar o maior número possível de situações de mercado, isto é, organizar por diversos meios (privatização, criação de concorrência dos serviços públicos, "mercadorização" de escola e hospital, solvência pela dívida privada) a "obrigação de escolher" para que os indivíduos aceitem a situação de mercado tal como lhes é imposta como "realidade", isto é, como única "regra do jogo", e assim incorporem a necessidade de realizar um cálculo de interesse individual se não quiserem perder "no jogo" e, mais ainda, se quiserem valorizar seu capital pessoal num universo em que a acumulação parece ser a lei geral da vida (Dardot; Laval, 2016, p. 217).

Assim, os sujeitos vão se constituindo como empresários de si mesmos, supostamente livres e que concorrem entre si, até mesmo no acesso à educação e à ciência. Em outra obra, intitulada 'A escola não é uma empresa', Laval (2019) analisa a transformação da educação em mercadoria e mostra como as instituições de ensino se moldam às necessidades do capitalismo: "Da minha parte, atribuo à introdução do neoliberalismo uma grande responsabilidade na degradação mundial das condições de vida e trabalho, mas também na deterioração das instituições educacionais, universitárias e científicas" (Laval, 2019, p. 9).

Nós observamos que a democracia no acesso à ciência no Brasil está sempre atrelada ao mercado, para que um governo se sustente. E podemos pensar na contradição que é quando esse mercado vai falar contra a estatização. Novamente, citando Dardot e Laval (2016), longe de ser ausência de Estado, no neoliberalismo, o Estado está presente regulando as relações para favorecer os interesses econômicos, inclusive e prioritariamente do capital privado. Inclusive, em 2024, quando é retomada a Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia, em sua quinta edição, o tema proposto é "Ciência, Tecnologia e Inovação para um Brasil Justo, Sustentável e Desenvolvido" (Brasil, 2024a, grifo nosso).

Assim como vimos com relação ao desenvolvimento econômico, também o discurso sobre a ciência para o desenvolvimento social é produzido pelos pesquisadores, inclusive como resistência, como é caso do 'Manifesto do Movimento pela Ciência e Tecnologia Públicas', publicado em 29 de abril de 2016, contra o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (abordado na subseção 3.1) e assinado por diversas entidades representativas da comunidade científica, como Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN); Sindicato dos Servidores de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública (Asfoc-SN); Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil (Fasubra);

entre outras. O manifesto, reproduzido em diferentes sites, como o do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção Sindical Instituto Federal de Minas Gerais (Sinasefe IFMG), refere-se aos projetos de lei, emendas constitucionais e medidas provisórias da época, incluindo o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação, como "imposição de agendas privatizantes ao ensino superior e à pesquisa pública" (Sinasefe IFMG, 2016). Há todo um conjunto de enunciados que criticam o caráter mercadológico das medidas da nova legislação.

> Análise criteriosa da referida lei mostra ter sido urdida com a participação de parte da comunidade científica, sobretudo dos ditos "acadêmicos empreendedores", que somaram forças com empresas privadas na busca de flexibilizar o Complexo Público de Ensino Superior e de Pesquisa Brasileiro, com o objetivo de se apropriarem de maior parcela dos recursos públicos gastos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).
> [...]
> Pelo exposto, a Lei 13.243/16 desfecha ataque frontal ao Complexo Público de Ensino Superior e de Pesquisa e representa grave ameaça aos interesses da maioria da sociedade em favor de interesses privados, bem como aponta para a destruição da capacidade nacional de produção de C&T de interesse público.
> Faz-se, pois, necessária uma vigorosa mobilização contra esse "Marco Legal de CT&I" e em defesa da produção científica e tecnológica que responda às necessidades e aos problemas vividos pela maioria da sociedade brasileira. (Sinasefe IFMG, 2016; grifos nossos).

O manifesto coloca, de um lado, os interesses das empresas privadas e, de outro, o interesse público, marcando posição de que se tratam de interesses incompatíveis. Afinal, as empresas visam ao lucro, ao passo que as instituições públicas, segundo as entidades que assinam o manifesto, devem fazer pesquisas que respondam às necessidades da sociedade. Os cientistas que concordam com a nova legislação são chamados de "acadêmicos empreendedores", uma espécie de traidores, que se juntaram às empresas privadas e, portanto, estariam contra as instituições públicas e a população.

Mais de 600 cientistas também assinaram e divulgaram um 'Manifesto pela democracia', em 17 de outubro de 2018, quando faltavam 11 dias para o segundo turno das eleições presidenciais disputado entre Fernando Haddad e Bolsonaro. Ainda que fale em "progresso" e em "produzir", predomina no manifesto a defesa da ciência como bem público necessário para o desenvolvimento social, como destaca-se nos trechos a seguir:

> A ciência, como bem público, precisa do ambiente democrático para progredir e produzir seus benefícios. Os regimes autoritários muito frequentemente instrumentalizam a ciência para fins contrários aos interesses

> da sociedade. A boa ciência necessita da crítica e do contraditório, do reconhecimento das diferenças e do respeito a opiniões divergentes, todas características que somente podem florescer em ambiente democrático. [...]
> O fazer ciência pela vida, pelo progresso social, pelo bem estar da população, passa pela garantia da manutenção das liberdades, dos direitos humanos, pela pluralidade de ideias, pela eliminação da intimidação, da discriminação e da tortura, e pela oposição a qualquer tipo de violência, qualquer que seja sua motivação (étnica, de gênero, sexualidade, posição política ou qualquer outra).
> Necessitamos sempre aperfeiçoar e consolidar a democracia para que a ciência avance e possa contribuir para as transformações sociais, tão necessárias à nossa sociedade. (Moura, 2018).

A defesa do interesse público na produção científica por parte da comunidade científica também é abordada nos temas de pelo menos seis Reuniões Anuais da SBPC, cujos cartazes são reproduzidos na sequência.

Imagem 10 - Compilado de cartazes das 55ª, 64ª, 68ª, 69ª, 70ª e 72ª Reuniões Anuais da SBPC











Fonte: SBPC (2024)

Em enunciados como “Educação, ciência e tecnologia para inclusão social” (55ª Reunião) e “Ciência, cultura e saberes tradicionais para enfrentar a pobreza” (64ª Reunião), o uso da preposição “para” explicita a noção de finalidade da ciência e áreas afins, como educação, tecnologia, cultura e saberes tradicionais. A finalidade é promover a inclusão social e enfrentar a pobreza. Em outras edições, as partes dos temas são listadas, sem que os conectivos estabeleçam uma relação entre essas partes além de adição, e, nessas listas, aparecem palavras e expressões da ordem da inclusão ou do desenvolvimento social: “integração social” (68ª Reunião), “diversidade” (69ª Reunião) e “responsabilidade social” (70ª Reunião).

Nas Reuniões Magnas da ABC divulgadas no site, não há temas que abordem diretamente o debate sobre desenvolvimento social, embora as questões sociais possam ter transpassado outros temas, por exemplo, o do encontro de 2020, que é sobre “o mundo a partir da covid-19”.

Inclusive, a respeito da pandemia e seus impactos sociais, podemos fazer uma articulação, na rede de discursos, com a imprensa, pois um estudo publicado na JCOM América Latina e divulgado pela Agência Bori revelou que “noticiário sobre Covid-19 tratou pouco de novas pesquisas e muito de impactos sociais da pandemia” (Noticiário [...], 2023). De acordo com a pesquisa, que observou os jornais ‘Folha de São Paulo’ e ‘*The New York Times’* em junho de 2020, somente uma em cada dez reportagens sobre covid-19 foi sobre ciências e novas pesquisas. Predominaram as reportagens sobre impactos sociais da pandemia, como o desemprego e o fechamento das escolas. O estudo abordou ainda o tema da desigualdade de gênero na ciência, pois constatou que, na ‘Folha de São Paulo’, somente uma em cada quatro especialistas entrevistados era mulher.

Na rede de saber-poder sobre ciência para o desenvolvimento social, os sujeitos cientistas também produzem discursos sobre suas próprias condições de possibilidade. Além das manifestações contra cortes de recursos para as pesquisas, de que trata a seção 4, selecionamos para o arquivo o caso do movimento *Parent in Science*, que discute a parentalidade no universo da academia e da ciência e o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens. O movimento foi criado em 2016 pela pesquisadora Fernanda Staniscuaski, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e atualmente o núcleo central é composto por 17 pesquisadores de diferentes instituições (Parent [...], 2021b). No site do *Parent in Science*, há uma lista de manifestos, guias e cartas que fazem resistência a problemas enfrentados por cientistas no Brasil. Destacamos a carta ‘Maternidade no CV Lattes: quando será uma realidade?’, pois produziu o efeito de que o

CNPq alterasse a configuração da plataforma de currículos de pesquisadores para que fosse incluída a data de nascimento (ou adoção) de filhos. Da carta, extraímos o seguinte trecho:

> A licença-maternidade, que no Brasil varia de quatro a seis meses, costuma levar a uma diminuição da produtividade, afetando a competitividade das mulheres durante alguns anos após o nascimento de um filho (Machado *et al*. 2019). Por esse motivo, as agências de fomento e as universidades devem considerar a licença-maternidade como uma interrupção da carreira e criar estratégias para contornar seu efeito negativo nas avaliações da produtividade dos pesquisadores. [...]
> Dados coletados em uma pesquisa realizada por nosso grupo mostraram que acadêmicas mulheres, especialmente mulheres negras e mães, estão enfrentando dificuldades para submissão de artigos científicos conforme planejado, bem como para cumprir prazos durante o período da pandemia (Staniscuaski *et al*. 2020b). (Parent [...], 2021a, p. 1-2).

Até mesmo quando analisamos os enunciados de um movimento que busca melhorar as condições de trabalho dos cientistas, especialmente das mulheres, historicamente discriminadas inclusive nesse meio, observamos seu atravessamento pelo discurso neoliberal, na medida em que, no jogo hierárquico, precisa circular e produzir um efeito de legitimidade junto aos gestores públicos da relevância de suas pautas, como "produtividade", "competitividade" e "prazos". A despeito disso, o movimento foi criticado pelo atual presidente do CNPq, Ricardo Galvão, em uma mesa-redonda no evento GBMeeting, na Unicamp, em 30 de janeiro de 2024, quando ele disse que "[movimentos como] o *Parent in Science* atrapalham muito [a ciência]". O grupo divulgou nota de repúdio e houve manifestações de personalidades ligadas à ciência e aos movimentos feministas nas redes sociais. Galvão, primeiro, divulgou nota dizendo que as palavras haviam sido retiradas de contexto, mas depois admitiu que cometeu um "erro de linguagem grosseiro" (Bottallo, 2024).

Durante a constituição do arquivo desta pesquisa, por vezes, é difícil organizar os enunciados de acordo com as relações de saber-poder predominantes que intitulam cada seção. Por isso, nossa cartografia mapeia também discursos em que estão entrelaçadas as ideias de ciência para desenvolvimento econômico, mas também social. Pelo que observamos do nosso movimento analítico, esse princípio da contradição sustenta os enunciados sobre ciência: o econômico e o social, ora em disputas, ora em diálogo, em uma constituição mútua. É o caso do 'Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil', de 2010, elaborado pelo neurocientista e membro da ABC Miguel Nicolelis, que é brasileiro e, desde

1994, trabalha na Universidade de Duke, nos Estados Unidos. O subtítulo do manifesto é "um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil". Trata-se de um enunciado em que as duas modalidades de desenvolvimento – "econômico", que abordamos na subseção anterior, e "social", de que tratamos nesta – estão imbricadas. O manifesto apresenta 15 metas para o Programa Brasileiro de Ciência Tropical que são bastante objetivas, como educação científica infanto-juvenil, criação da carreira de pesquisador científico e investimento de 4-5% do Produto Interno Bruto (PIB) em ações de ciência e tecnologia. Mas, antes da apresentação das metas, há um texto introdutório, que reproduzimos a seguir, em que Nicolelis convoca a classe científica a participar de um compromisso social.

> É hora da ciência brasileira assumir definitivamente um compromisso mais central perante toda a sociedade e oferecer o seu poder criativo e capacidade de inovação para erradicar a miséria, revolucionar a educação e construir uma sociedade justa e verdadeiramente inclusiva.
>
> É hora de agarrar com todas as forças a oportunidade de contribuir para a construção da nação que sonhamos um dia ter, mas que por muitas décadas pareceu escapar pelos vãos dos nossos dedos.
>
> É hora de aproveitar este momento histórico e transformar o Brasil, por meio da prática cotidiana do sonho, da democracia e da criação científica, num exemplo de nação e sociedade, capaz de prover a felicidade de todos os seus cidadãos e contribuir para o futuro da humanidade.
>
> No intuito de contribuir para o início desse processo de libertação da energia potencial de criação e inovação acumulada há séculos no capital humano do genoma brasileiro, eu gostaria de propor 15 metas centrais para a capacitação do Programa Brasileiro de Ciência Tropical.
>
> A implementação delas nos permitirá acelerar exponencialmente o processo de inclusão social e crescimento econômico, que culminará, na próxima década, com o banimento da miséria, a maior revolução educacional e ambiental da nossa história e a decolagem irrevogável e irrestrita da indústria brasileira do conhecimento.
>
> Estas 15 metas visam a desencadear a massificação e a democratização dos meios e mecanismos de geração, disseminação, consumo e comercialização de conhecimento de ponta por todo o Brasil. (Nicolelis, 2010; grifos nossos).

Enfim, nós observamos disputas no entorno de uma vontade de verdade sobre o que é a universidade e quem pode estar nela. A universidade é lugar de quem? Ao mesmo tempo que tivemos a promoção do diálogo entre academia e sociedade por meio da divulgação científica e também a expansão das universidades federais, com o Reuni, e a democratização do acesso com a Lei de Cotas e políticas de permanência e assistência estudantil, tivemos o Prouni e o Fies, que atendem às necessidades de pessoas que a universidade pública ainda

exclui, seja pela concorrência ou até pela grade horária, e ao mesmo tempo o Prouni e o Fies foram recursos públicos investidos em empresas.

Cartografar, nesta seção 3, esse arquivo de enunciados que constituem a ciência como condição ou meio para se chegar ao desenvolvimento econômico-social do Brasil revela o tensionamento nos efeitos de verdades sobre ciência nos diferentes governos, nos manifestos e nas reuniões das organizações científicas. Por isso, para nos aprofundarmos na análise de "ciência" como referencial dos discursos, na próxima seção, intitulada 'Ciência (d)e verdade', descrevemos e analisamos o arquivo em que se observa o referencial "ciência" como um espaço de diferenciações que busca legitimar ideias e informações e que, a depender de como falam sobre ciência, atacando ou defendendo, os sujeitos se inscrevem em um lado ou em outro das relações do saber-poder científico.

4 CIÊNCIA (D)E VERDADE

Esta seção reúne o arquivo em que se observa como a "ciência" é acionada para legitimar ideias e informações, produzindo efeitos de verdade, e que, na arena de disputas político-sociais como um campo ora sob ataque, ora sob defesa, inscreve os sujeitos em posições distintas, a depender de como se relacionam com o saber-poder científico. Retomamos a problematização de verdade para Foucault (2013 [1973], p.136), que, como já citado em outros dois trechos desta tese, afirma que "estabelecemos discursos e discutimos, não para chegar à verdade, mas para vencê-la".

Seguimos com a proposta de trabalhar com o conceito foucaultiano de campo associado (Foucault, 2020 [1969]), segundo o qual o enunciado surge com valor de acontecimento em um espaço povoado por outros enunciados. Como reflete Navarro-Barbosa (2004, p. 117), "esses discursos não partem de um único, mas de vários lugares enunciativos (o jornalista, o historiador, o político etc.)" e é por isso que "a rede de formulações gerada pelo cruzamento dessas diferentes posições enunciativas põe em cena a angústia da sociedade para saber quem somos".

As reflexões analíticas apontam para a ciência como um objeto discursivo em constante disputas por diferentes sujeitos (em distintas posições-sujeito), bem como por instituições sobre o que seria o dizer verdadeiro. Não obstante, sobre como tal objeto se constituiu de modos distintos de acordo com as condições de possibilidade históricas de seu (des)aparecimento.

4.1 A verdade da ciência no jornalismo: saber-poder de responder e conduzir

O jornalismo é um dos lugares de dizibilidade das instâncias de saber-poder que compõem o arquivo desta pesquisa que analisa discursos sobre ciência. Na seção 2, discorremos sobre jornalismo, sobre a especialidade jornalismo científico e sobre o formato jornalismo de revista, cujas histórias se emaranham com a da própria ciência ocidental e brasileira. Ao longo da tese, vão sendo analisados editoriais, matérias e artigos de opinião relacionados ao campo associado dos outros lugares de dizibilidade, mas também decidimos cartografar enunciados produzidos por veículos especializados em ciência que pudessem abrir outras possíveis descontinuidades da "ciência" pensada como referencial dos discursos, que vai sendo constituída no próprio dizer.

Diante de tantas possibilidades de constituição desse arquivo analítico, elegemos, nesta subseção, as capas das duas principais revistas de jornalismo científico do Brasil, a ‘Superinteressante’, da Editora Abril, e a ‘Galileu’, da Editora Globo, sempre na perspectiva foucaultiana de considerar a função que os enunciados exercem na rede de saber-poder, neste caso, sobre ciência. Essa escolha se deu pela possibilidade de observar o período da pesquisa, que são as duas primeiras décadas e meia do século 21, pois se tratam de publicações consolidadas, que circularam e continuam circulando durante todo esse período, adaptando-se às transformações dos meios digitais. Além disso, são produzidas por duas das maiores empresas de mídia do Brasil, Globo e Abril (Intervozes, 2017).

Observamos as capas das edições publicadas entre janeiro de 2001 e março de 2024 e selecionamos aquelas em que a palavra “ciência” aparece no título ou subtítulo da reportagem principal. Em uma breve visada nas capas da ‘Super’ (apelido adotado pela própria ‘Superinteressante’ e que aqui utilizamos para evitar repetições textuais), já se nota que o substantivo “ciência” mobiliza expressões regulares como “o que diz a ciência”, “a ciência de/do/da”, “ciência para”, entre outras. Isso foi importante tanto para a análise quanto para a busca pelas capas da ‘Galileu’, como explicamos adiante.

A ‘Superinteressante’ é uma revista sobre ciência, voltada para o público não especializado, publicada pela Editora Abril mensalmente desde setembro de 1987, como contam as matérias especiais de seus 15 (Burgierman, 2002) e 35 anos (Garattoni, 2022). Naquela época, a Abril havia adquirido os direitos de publicar a revista espanhola ‘*Muy Interesante’* no Brasil. A proposta original seria a reprodução do conteúdo traduzido para o português, mas o fotolito (chapa metálica que imprime as páginas no papel) enviado da Espanha tinha tamanho diferente do utilizado no Brasil. Por isso, segundo a ‘Super’, a decisão foi que a revista brasileira produziria seus próprios conteúdos. Foram impressas 2 milhões de cópias da edição número zero, que tinha 20 páginas e foi encartada como amostra grátis em outras cinco revistas da editora (‘Veja’, ‘Playboy’, ‘Quatro Rodas’, ‘Bizz’ e ‘Cláudia’). A partir da edição 1, a revista deixou de ser um encarte e passou a ter mais de 80 páginas.

> Quinze dias depois, no fim de setembro de 1987, chegou às bancas o número 1, com um trem-bala na capa – uma boa imagem para representar a rapidez com que a revista se esgotou. Em poucos dias, já não se encontrava uma para comprar. A Abril reimprimiu o número 1 e ele esgotou outra vez. No primeiro dia da Super nas bancas, 5000 pessoas já eram assinantes. “Aquela revista inovadora, que prometia me explicar de modo simples como as coisas complexas funcionam, me arrebatou”, diz a socióloga paulistana Ana Maria Tetti, de 55 anos, uma das que fez sua assinatura logo no primeiro dia. (Burgierman, 2002).

As edições dos primeiros anos tinham características do jornalismo de revista tradicional, com mais textos, em colunas, e menos imagens. Em 1994, houve uma reforma gráfica, coordenada pelo então diretor Eugênio Bucci, e os infográficos passaram a ser mais utilizados nas publicações. Entre as edições de destaque, conforme classificação da própria revista, está a de janeiro de 1996, comemorativa por ser a centésima, em que elegeram "100 motivos para se orgulhar da ciência brasileira" (Burgierman, 2002).

Outra mudança foi o aumento da abordagem, por parte da revista, pelas ciências humanas, quando a sua direção foi assumida pelo cientista político André Singer. Houve mais uma transformação em agosto de 2000, período que se aproxima do início da nossa análise: "Adriano Silva chegou com a proposta de informalizar ainda mais a revista – diminuindo a distância com o leitor, conversando com ele" (Burgierman, 2002). A publicação afirma que buscou manter o rigor e a seriedade esperados dela, mas passou a abordar temas polêmicos, como drogas, eutanásia e aborto. "A inquietude espiritual do começo do milênio e os conflitos religiosos que se tornaram mais e mais comuns impuseram à revista um maior peso para as grandes discussões" (Burgierman, 2002).

Foi quando ocorreu um pico de vendas da revista: 111 mil exemplares em 2001 (Burgierman, 2002). Em 2003, a revista informou que as vendas avulsas cresceram 75% nos três anos anteriores, que as assinaturas chegaram a 300 mil e que 3,7 milhões de pessoas liam a 'Superinteressante', de modo que ela era a quarta maior entre todas as revistas do Brasil, ou a segunda maior, se consideradas as mensais (Quem [...], 2003). Atualmente, a editora Abril divulga apenas números gerais de consumidores dos seus produtos. Há planos de assinaturas de versões digitais e/ou impressas. Sob o sugestivo título "Somos a indústria do conhecimento", publicado no site PubliAbril, voltado para possíveis anunciantes, a editora afirma:

> Somos um dos maiores *publishers* da América Latina, há 70 anos atuando na difusão da educação, informação e cultura, contribuindo diariamente para o desenvolvimento do país. Uma empresa cuja história se confunde com a história midiática e jornalística do Brasil. Em 2022, os sites da Abril receberam 1,7 bilhões de page views e 474 milhões de usuários. Nas redes sociais, os seguidores das marcas Abril somam 97,6 milhões de usuários. Nossas 10 marcas impressas têm circulação mensal de 877.000 exemplares (PubliAbril, 2024).

A 'Superinteressante' recebeu alguns prêmios ao longo de sua história, inclusive o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, em 1990. A justificativa do CNPq, instituição

promotora da premiação, para a escolha da ‘Superinteressante’ foi “por se tratar de uma revista totalmente voltada para a divulgação da ciência e tecnologia e bastante acessível à população, face ao forte esquema de distribuição da Editora” (CNPq, 2024).

Alguns textos publicados pela ‘Superinteressante’ informam que seu público-alvo é constituído por jovens curiosos por diversas áreas do conhecimento, que a própria revista associa à figura do intelectual contemporâneo (Para que [...], 2012), e mais: sujeitos que consomem (Quem [...], 2003). A publicação afirma: “enxergamos gente curiosa, atilada, antenada. Gente inteligente, rigorosa, exigente. Gente brilhante, promissora. Que mantém a mente aberta, desprovida de preconceitos. [...] A Super é a grande revista do jovem consumidor brasileiro” (Quem [...], 2003, grifo nosso). Mas, para a revista, ocorreu uma transformação desses sujeitos interessados em conhecimento científico entre as primeiras edições, no fim da década de 1980, e o início do século 21, que ela chama de revolução no conceito de intelectual.

> Quem eram as pessoas apaixonadas por conhecimento em 1987? Os nerds, os estranhos, os impopulares da escola. Ter conhecimento não era descolado – era coisa de cientista e intelectual. Quem são as pessoas apaixonadas por conhecimento hoje? Os sujeitos mais criativos e ricos do mundo. Aqueles que estão fazendo as coisas mais transformadoras e geniais do nosso tempo. (Para que [...], 2012).

No mesmo texto, a ‘Superinteressante’ pontua ainda que, para o intelectual atual, assim como para a revista, houve uma aproximação entre as humanidades e o que ela chama de ciência tradicional. “A queda da bipolaridade do conhecimento foi só o começo. A transformação envolveu também a produção do saber. Vivemos na era da autoria universal: hoje, praticamente todas as pessoas podem publicar suas ideias para o mundo ler [...]” (Para que [...], 2012, grifo nosso). E essa nova forma de produzir saber, em que supostamente todos podem e devem produzi-lo e necessitam unir o máximo de áreas diferentes do conhecimento, é para atender a uma lógica produtiva: “E isso tudo não tem a ver apenas com ficar mais inteligente, mas também com ficar mais rico. Não é que a velha economia não exigia conhecimento – é que na nova economia existem empresas que vivem quase que exclusivamente de conhecimento” (Para que [...], 2012, grifo nosso). Inserida nessa economia do saber, a revista, que questiona no título da matéria qual a serventia de ela ser lida, já afirmando na pergunta que ler deve servir para alguma coisa, autodeclara-se como aquela que vai alimentar os sujeitos produtivos com o capital intelectual: “queremos brincar de dominó com os elétrons – do seu cérebro. E nos transformar em supercondutor – de conhecimento.

Não podemos garantir que seu corpo flutue. Mas tentaremos fazer sua mente voar bem alto" (Para que [...], 2012).

A outra revista em análise é a 'Galileu', uma publicação mensal lançada pela Editora Globo, em 1991, com outro título: 'Globo Ciência'. O nome foi alterado, seis anos depois, para 'Galileu', em referência ao cientista italiano Galileu Galilei (1564-1642), considerado fundador da ciência moderna, como aborda a seção introdutória desta tese. O próprio Galileu Galilei publicou, em 1610, o livro 'Mensageiro Celeste', em que relata suas observações sobre as luas de Júpiter em linguagem acessível ao público não especializado. Perseguido pela Inquisição da Igreja Católica, pela forma como falava sobre os corpos celestes, o astrônomo passou a usar a linguagem técnica nas obras seguintes (Oliveira, 2014).

De acordo com Lacombe (2023, p. 54), ao retirar o nome da editora do título da revista, as Organizações Globo se valeram da "notada relevância de Galileu dentro do contexto científico" para se posicionar no mercado: "ela irá tratar de descobertas científicas relevantes e não apenas a temas que são 'Superinteressantes'. Do mesmo modo que ela também não se vincula, diretamente, a quem a publica, como é o caso da revista da [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] Fapesp" (Lacombe, 2023, p. 54). A revista digital está disponível no aplicativo Globo+, que reúne outras publicações do grupo Globo, e nas revistarias eletrônicas das operadoras de telecomunicações.

O leitor de 'Galileu', na visão da editora, é "jovem adulto e quer se aprofundar nas discussões e descobertas da ciência", "antenado em tecnologia e cultura pop, engajado nas causas mais urgentes do momento, sobretudo diversidade e sustentabilidade" e tem "o desejo de inovar e quebrar paradigmas" (Galileu, 2021). Os dados sobre a audiência são de 3 milhões de seguidores, somados os perfis em quatro redes sociais (Facebook, X, Instagram e Pinterest), 2 milhões de visitantes únicos no site e 3,5 milhões de *pageviews* (visualizações de página). Desses, informa a revista, 53% são homens, 43% das classes AB e 44% da classe C. Embora a revista afirme que seu público-alvo é jovem, essa percepção difere dos dados sobre a faixa etária informada no Mídia Kit: 5% até 24 anos, 12% de 25 a 34 anos, 20% de 35 a 44 anos, 31% de 45 a 54 anos e 32% com mais de 55 anos. Ou seja, 62% da audiência têm mais de 45 anos.

Em seu Mídia Kit, a 'Galileu' defende que sua missão, desde a sua criação, é "traduzir em linguagem acessível as últimas descobertas: do mais singelo animal que habita (ou já habitou) a Terra aos estudos que ditam como lidar com crises sanitárias globais, o futuro do planeta ou mesmo o que há em mundos para além do Sistema Solar" (Galileu, 2021). A publicação também aborda como "obrigação" valorizar os cientistas ao mesmo tempo em que

se deve apontar as mudanças ainda necessárias, como mais mulheres, negros, indígenas e LGBTQIA+ nas carreiras acadêmicas. “Acreditamos que só sendo plural a ciência poderá ser realizada em sua melhor forma para, de fato, mudar o mundo” (Galileu, 2021).

Entretanto, Lacombe (2023) analisou 12 edições de ‘Galileu’, publicadas entre junho de 2009 e junho de 2010, também valendo-se da Análise do Discurso francesa como metodologia, e problematizou que a publicação veicula mais entretenimento do que ciência, e que o público-alvo é quem pode consumir o que os anunciantes oferecem. “A revista trabalha no limiar do entretenimento usando temas recorrentes da sociedade moderna para abordar questões científicas, e não o contrário, colocando questões científicas e mostrando sua aplicabilidade no cotidiano” (Lacombe, 2023, p. 104). Quando se divulga apenas o que é vendável, segundo o autor, podem ficar de fora da divulgação a pesquisa básica em detrimento da sua aplicação prática e também o percurso do trabalho do cientista.

> Ademais, é possível asseverar que o que merece destaque na Galileu, quer seja em termos de sujeito enunciador, quer seja em termos de conteúdo a ser tratado, sofre, como diz Michel Foucault em A ordem do discurso, do duplo interdito: do sujeito que fala e do que este sujeito está autorizado a falar: “A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (Foucault, 1996, p. 43). (Lacombe, 2023, p. 104).

Em outro estudo sobre a revista ‘Galileu’, Flores e Silveira (2011, p. 264) explicam como a instância midiática atua como “orientadora das condutas do homem contemporâneo, prescrevendo modos de ser e de agir corretos, por meio da oferta de realidades já estabelecidas”. Entretanto, segundo as autoras, embora a ciência moderna tenha sido discursivamente construída como unidade fixa, que chega a resultados exatos e deterministas, isso se modifica na pós-modernidade, com a “crise dos cânones modernistas” (Flores; Silveira, 2011, p. 267). A ciência passa a conviver com pluralidades de saberes, em um mundo disperso e fragmentado, e compreende-se que, na condição de construção humana, só pode chegar a resultados aproximados. O fim do século 20, quando é lançada a revista, é considerado pelas autoras um período propício para que surgissem publicações jornalísticas especializadas em ciência. “A necessidade de oferecer respostas úteis e transmitir segurança a esse homem contemporâneo molda os conteúdos da divulgação científica na mídia que oferecem ao leitor a ciência como solução de problemas no propósito de captá-lo para a leitura” (Flores; Silveira, 2011, p. 269).

O estudo aponta que, na revista ‘Galileu’, há elementos da formação discursiva da modernidade, em que a ciência é uma verdade absoluta, legitimada para dar explicações racionais e incontestáveis, e que se relaciona ao progresso e ao desenvolvimento econômico, técnico e social. Dessa forma, as notícias sobre ciência funcionam como ponto de segurança para os leitores (Flores; Silveira, 2011). Porém, segundo as autoras, na revista, há também elementos da formação discursiva da pós-modernidade, que compreendem a ciência como processo interdisciplinar, sujeito a falhas e com limitações para fornecer todas as respostas para a humanidade. “Na pós-modernidade, a ciência começou a ser vista não mais como a grande narrativa que daria soluções para o ser humano, mas sim como uma das respostas entre inúmeras outras possíveis” (Flores; Silveira, 2011, p. 275). Nessa tensão de uma prática científica (in)certa, a ‘Galileu’ aborda a ciência como uma possibilidade de respostas que preparam os leitores para o futuro, um “processo entre memória e promessa” (Flores; Silveira, 2011, p. 278).

A seguir, reproduzimos as capas da ‘Superinteressante’[13] e da ‘Galileu’[14] em que a palavra “ciência” aparece no título ou subtítulo da reportagem principal, produzindo efeitos de verdade sobre o tema pautado (essas capas podem ser vistas em tamanho maior nos Anexos X e Y desta tese). Na sequência, estão os enunciados extraídos dessas capas, que constituem o arquivo analítico desta subseção.

[13] Algumas edições disponíveis no site oficial da ‘Superinteressante’ estavam com baixa resolução, o que prejudica a leitura. Nesses casos, buscou-se a edição no Google Imagens e foram encontradas fotografias com qualidade melhor em sites de sebos e lojas virtuais, como Estante Virtual e Mercado Livre.

[14] A revista ‘Galileu’ não tem um acervo de capas. Por isso, a busca foi feita por meio do Google Imagens, utilizando os seguintes termos: “revista Galileu” “capa” “ciência”; “revista Galileu” “capa” “ciência de”; “revista Galileu” “capa” “ciência da”; “revista Galileu” “capa” “ciência do”; “revista Galileu” “capa” “ciência para”. A maioria foi encontrada em sebos e lojas virtuais, como Estante Virtual e Mercado Livre. Disponível em: https://images.google.com.br/. Acesso: 29 dez. 2024.

Imagem 11 - Compilado de capas da ‘Superinteressante’, publicadas entre janeiro de 2001 e dezembro de 2024, cuja matéria principal apresenta no título ou subtítulo a palavra “ciência”



Edição 169, outubro de 2001



Edição 182, novembro de 2002



Edição 212, abril de 2005



Edição 225, abril de 2006



Edição 257, outubro de 2008



Edição 296, outubro de 2011



Edição 311, novembro de 2012



Edição 413, março de 2020



Edição 427, maio de 2021

Fonte: Superinteressante (2024)

Imagem 12 - Compilado de capas da ‘Galileu’, publicadas entre janeiro de 2001 e dezembro de 2024, cuja matéria principal apresenta no título ou subtítulo a palavra “ciência”



Edição 143, junho de 2003



Edição 165, abril de 2005



Edição 171, outubro de 2005



Edição 214, maio de 2009



Edição 232, outubro de 2010



Edição 237, abril de 2011



Edição 243, outubro de 2011



Edição 244, novembro de 2011



Edição 252, julho de 2012



Edição 257, dezembro 2012



Edição 284, março de 2015



Edição 312, julho de 2017



Edição 317, dezembro de 2017



Edição 332, março de 2019



Edição 360, março de 2022

Fonte: Google Imagens (2024)

Damos sequência à análise do arquivo por meio dos trajetos temáticos, que, como explicamos na seção 1 desta tese, com base em Fernandes e Sá (2021), possibilitam observar como os sujeitos e os discursos se constroem, se deslocam e se modificam em diferentes formações discursivas historicamente produzidas e apreende o novo no interior da repetição, na produção do acontecimento pela linguagem de maneira articulada a outros enunciados de uma formação discursiva. Depois de termos traçado o trajeto do funcionamento da ciência e da sua divulgação e a ciência acionada para o desenvolvimento do país, chegamos ao trajeto da ciência para a produção de efeitos de verdade.

Na constituição do arquivo analítico, foram selecionadas as capas das revistas em que a palavra "ciência" aparece no título ou subtítulo da reportagem principal. Observando o

emprego desse substantivo nos enunciados, regularmente, aparecem expressões que configuram uma vontade de verdade sobre o tema pautado, como "o que a ciência diz", "a ciência de/do(s)/da(s)", "a [...] da ciência", "ciência contra", "a ciência garante", "usando ciência", "cientificamente testadas", "ciência para". Como explicamos na seção 2, recorrendo a Pena (2005), o jornalismo produz a sensação de ubiquidade e onipresença e, mais especificamente as notícias de ciência, conforme Flores e Silveira (2011), funcionam como ponto de segurança para os leitores, em uma mescla de formação discursiva de ciência moderna incontestável com outra formação, a pós-moderna, em que a ciência é uma possibilidade de respostas. O uso da palavra "ciência" – por exemplo, "a ciência de ser feliz" – produz um efeito de uma ciência como um *know-how*, um saber de passo a passo, enfim, uma prática. Embora sejam enunciados que provêm do campo jornalístico, eles reduzem e fecham um dado efeito de verdade sobre ciência.

"A verdade é o que permite excluir; separar o que está perigosamente misturado; distribuir devidamente o interior e o exterior; traçar os limites entre o que é puro e impuro", explica Foucault (2014b [1970-1971], p. 168) em 'Aulas sobre a vontade de saber'. Dessa forma, a verdade passa a fazer parte dos rituais jurídicos, religiosos e morais. "Uma cidade sem verdade é uma cidade ameaçada. Ameaçada pelas misturas, pelas impurezas, pelas exclusões não realizadas. A cidade precisa da verdade como princípio de separação. Precisa dos discursos de verdade como sendo os que mantêm as separações" (Foucault, 2014b [1970-1971], p. 168).

Dentre essas respostas trazidas pela ciência, que entram em circulação social por meio do jornalismo científico, observa-se que há dois conjuntos de enunciados que pronunciam a ciência como a formação capaz de responder às perguntas mais difíceis da humanidade: as que norteiam as condutas dos sujeitos e as que, menos pretensiosas, instigam ou respondem à curiosidade humana. Um terceiro conjunto de enunciados convoca os leitores leigos à reflexão crítica sobre o fazer científico, dado que ele impacta a vida das pessoas.

O discurso sobre ciência como norteadora das condutas dos sujeitos aparece em temas relacionados ao cuidado de si, como nos seguintes enunciados:

(1) "<u>A CIÊNCIA DE</u> SER SAUDÁVEL
Novos estudos mostram que ter saúde é mais fácil e barato do que você imagina." (Superinteressante, edição 182, novembro de 2002);

(2) “A CIÊNCIA DA FELICIDADE

Os cientistas nunca souberam explicar esse sentimento. Agora, pela primeira vez, novas pesquisas desvendam como você pode ser mais feliz” (Superinteressante, edição 212, abril de 2005);

(3) “A ciência de ser feliz

. Relacionamentos, trabalho, dinheiro, religiosidade, amor, auto-estima… Há uma receita mágica?

. Genética: o DNA da felicidade

. Teste: conheça melhor suas emoções” (Galileu, edição 165, abril de 2005);

(4) “A CIÊNCIA DE DORMIR BEM

APLICATIVOS, GADGETS, EXAMES, TÉCNICAS – AS MAIS NOVAS ARMAS PRA GARANTIR O SEU BOM SONO” (Galileu, edição 244, novembro de 2011); e

(5) “A DIETA DA CIÊNCIA

Chocolate pode emagrecer. Adoçante pode engordar. Batata frita vicia tanto quanto drogas. Conheça as novas descobertas que estão revolucionando o mundo das dietas.” (Superinteressante, edição 311, novembro de 2012).

O cuidado de si é um tema abordado por Foucault nos seus últimos trabalhos, quando trata da verdade e subjetivação, especialmente no terceiro dos quatro volumes de ‘História da Sexualidade’, intitulado ‘O cuidado de si’, e também nos Cursos do *Collège de France* da década de 1980. Foucault reflete sobre as “técnicas de si”, que existem em todas as civilizações como “pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (Foucault, 1997 [1980-1981], p. 109). A história do cuidado e das técnicas de si seria “uma maneira de fazer a história da subjetividade [...] através do empreendimento e das transformações, na nossa cultura, das ‘relações consigo mesmo’” e se entrecruzaria com a questão da governamentalidade: “o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro” (Foucault, 1997 [1980-1981], p. 111).

Nas capas das revistas analisadas, a ciência para o cuidado de si, seja com a saúde física ou mental, aparece marcada pela lógica econômica e mercadológica e norteada para o desempenho dos sujeitos. Saúde tem um preço, e a revista diz que, de acordo com a ciência, pode ser “mais barato do que você imagina”, já afirmando, ainda que para refutar, enunciados outros que asseveram que saúde é um produto e custa caro. Funcionamento semelhante ocorre

na capa sobre a dieta, em que se aciona a ciência para refutação de ideias presentes no imaginário coletivo a respeito do consumo de alimentos, como a de que chocolate engorda, adoçante não engorda e comida não vicia. Chega-se a falar em revolução das dietas por meio de descobertas científicas. É, também, portanto, uma ciência disciplinar, que produz sujeitos úteis e produtivos, com corpos e mentes saudáveis, para atender aos interesses do Estado e do mercado.

Há uma coincidência, em abril de 2005, quando as duas revistas, 'Superinteressante' e 'Galileu', publicam capas sobre o mesmo tema; a primeira chama de "a ciência da felicidade" e a segunda de "a ciência de ser feliz". Até mesmo as imagens convergem, pois ambas ilustram a felicidade com o *emoji* de rosto amarelo sorrindo, utilizado na comunicação eletrônica informal. Essa sincronia, inclusive, foi tema de um artigo de opinião publicado no 'Observatório da Imprensa'. O jornalista Serpa (2005), autor do artigo, analisa as edições completas e provoca que, se considerássemos as capas, depreenderíamos que teria acontecido alguma descoberta científica, que seria um gancho jornalístico, mas isso não se comprova nas publicações. As reportagens são diferentes e trazem informações da década anterior, mas convergem no tom de autoajuda. Para a nossa análise, focada nas capas e nas relações de saber-poder sobre ciência, importa apontar como a ciência aparece legitimada para a produção desse saber sobre felicidade, como aquela que "desvenda como", que pode fornecer uma "receita mágica" e que dá respostas por meio de um "teste" acessível aos leitores. A capa vendável se constitui em promessas como a de que informações estão sendo divulgadas "pela primeira vez". Além disso, a análise de Serpa (2005) nos instiga a inferir a possibilidade de que as outras edições, com promessas de grandes descobertas científicas nas capas, também podem se revelar frustrantes em suas reportagens.

O sujeito leitor é, ainda, convocado a utilizar a ciência para ser mais organizado, resolutivo, convincente, esperto e bem relacionado. E se, diante de tantas demandas, venha a faltar tempo para aprender o conhecimento científico, o jornalismo pode entregá-lo em versão expressa e sintética. É o que se observa no seguinte conjunto de enunciados:

(6) "ORGANIZE SUA VIDA
A ciência garante: ninguém é multitarefa. Conheça as novas estratégias pra você render mais e ganhar tempo – sem ansiedade." (Galileu, edição 243, outubro de 2011);
(7) "RESOLVA SEUS PROBLEMAS USANDO CIÊNCIA
. GELE SUA BEBIDA EM 3 MINUTOS
. TURBINE A MEMÓRIA EM 30 SEGUNDOS

. FAÇA O MICRO-ONDAS SE LIMPAR SOZINHO

. RESSUSCITE UM CELULAR MOLHADO

. E NUNCA MAIS DEIXE O FONE ENROLAR

25 DICAS CIENTIFICAMENTE TESTADAS" (Galileu, edição 252, julho de 2012);

(8) "A CIÊNCIA DE CONVENCER E NÃO SE DEIXAR MANIPULAR[:] PESQUISAS MOSTRAM O QUE ESTÁ POR TRÁS DE UMA BOA LÁBIA. CONHEÇA AS TÉCNICAS DE PERSUASÃO COMPROVADAS E APRENDA A USÁ-LAS EM SEU FAVOR" (Galileu, Edição 257, Dezembro de 2012);

(9) "A CIÊNCIA DA PAIXÃO

Em busca de um relacionamento estável? Pois saiba que pesquisadores de todo o mundo estudam a ação de hormônios no cérebro e trabalham em questionários que garantem uma intimidade quase instantânea – tudo isso para você ser feliz ao lado de quem faz seu coração bater mais forte <3

TESTE[:] 36 QUESTÕES PARA ENCONTRAR O AMOR DA SUA VIDA" (Galileu, edição 284, março de 2015); e

(10) "CIÊNCIA PARA QUEM TEM PRESSA

Os conceitos científicos de que você já ouviu falar explicados de um jeito fácil de entender" (Galileu, edição 312, julho de 2017).

Nos enunciados que acabamos de destacar, são recorrentes o uso de verbos no imperativo: "organize", "conheça", "resolva", "gele", "turbine", "faça", "ressuscite", "[nunca mais] deixe" e "aprenda". A promessa da ciência, para quem obedece a esse imperativo, é a de ser um sujeito que produz e conquista: "pra você render mais"; "ganhar tempo – sem ansiedade"; "convencer e não se deixar manipular"; "para você ser feliz"; e "para encontrar o amor da sua vida". Essas capas são constituídas por ilustrações que preenchem o espaço visual, com *post-its*, fios e lousa escrita, que produzem o efeito de necessidade do leitor em consumir aquela revista para dar conta de todas essas demandas que invadem seu lugar. A ciência, nas capas das duas principais revistas de jornalismo científico no Brasil no início do século 21, é uma entidade autorizada a constituir a subjetividade contemporânea ideal: ser produtivo e ser feliz.

Um segundo conjunto de enunciados se liga à curiosidade humana diante do que é inédito, inusitado ou misterioso, ou seja, ao desejo de saber:

(11) “COMO RACIOCINA UM TERRORISTA

O que a ciência diz sobre o funcionamento da mente de quem pratica o terror” (Superinteressante, edição 169, outubro de 2001);

(12) “CIÊNCIA CONTRA O CRIME

DNA em tempo real, impressões digitais embaixo de água, ‘retrato falado’ pela análise de um fio de cabelo: descubra as tecnologias de investigação que nem os seriados policiais conhecem.” (Superinteressante, edição 257, outubro de 2008);

(13) “CIÊNCIA ESPÍRITA

Eles são cientistas. E eles acreditam em espírito e reencarnação. Agora, estão usando o laboratório para provar que tudo isso não é apenas questão de fé. E dizem que estão conseguindo.” (Superinteressante, Edição 296, Outubro de 2011);

(14) “A CIÊNCIA DO DESTINO

A vida não é uma folha em branco; é um jogo de cartas. Saiba como a sociedade, a estatística e a biologia determinam grande parte do que vai acontecer com uma pessoa – antes mesmo de ela nascer.” (Superinteressante, edição 413, março de 2020);

(15) “A CIÊNCIA DOS sonhos

NOVOS ESTUDOS MOSTRAM SEUS REAIS SIGNIFICADOS E COMO ELES PODEM NOS AJUDAR A PREVER O FUTURO” (Galileu, edição 214, maio de 2009); e

(16) “POR QUE NOSSO CÉREBRO NOS ENGANA? A CIÊNCIA DO ERRO

NOVAS PESQUISAS MOSTRAM QUE NOSSO PADRÃO MENTAL É FALHAR, PRINCIPALMENTE QUANDO ACHAMOS QUE ESTAMOS CERTOS. ENTENDA O PORQUÊ” (Galileu, edição 237, abril de 2011)

Entre os temas que despertam o desejo de produzir saber, de acordo com o que se observa nas capas das revistas de ciência, estão os crimes, as crenças e as mentes, e isso é especialmente característico da nossa contemporaneidade. “O século XXI foi inaugurado pelo jornalismo. Com data e local bem definidos: Nova York, 11 de setembro de 2001”, reflete Pena (2005, p. 10). Imersa nessa historicidade, a edição de outubro de 2001 da ‘Superinteressante’ chegou às bancas após três semanas de cobertura intensiva da imprensa mundial sobre os atentados terroristas da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, nos Estados Unidos, contra as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, e contra o Pentágono, a sede do Departamento de Defesa do país, em Washington, D.C., que resultou em mais de 3 mil mortes. Após o 11 de setembro, o que havia a ser dito em outubro? Pela ciência? Como explicamos na seção 2, o jornalismo de revista pode perder em atualidade e

compensar em profundidade, assim como a própria ciência tem um tempo de elaboração mais prolongado, se comparados a outras atividades de mercado ou editorias jornalísticas, por exemplo. Assim, a edição 169 da 'Superinteressante' promete explicar, de acordo com a ciência, o funcionamento da mente de um terrorista, a produção de saber sobre o delinquente por meio do exercício do poder da sociedade punitiva, como aborda Foucault (2009 [1975]) em 'Vigiar e punir: nascimento da prisão'. O enunciado verbal é acompanhado da fotografia de Osama Bin Laden, fundador e líder da Al-Qaeda morto durante uma operação militar estadunidense no Paquistão em 2011. Nesses enunciados, há o funcionamento da fabricação do sujeito moderno, que precisa ser examinado, olhado, testado e esmiuçado em suas menores partes. Os enunciados jornalísticos se aliam à medicina moderna, que tem esse olhar para os sujeitos e os separa em bons e maus, loucos e sãos, terroristas e não terroristas. A matéria de capa da concorrente 'Galileu', naquele mês pós 11 de setembro, não foi sobre o atentado e, sim, sobre clonagem humana. Há uma chamada curta, no canto da página, para uma matéria sobre "Tecnologia[:] As armas da ciência no combate ao crime" (Galileu, edição 123, setembro de 2001), mas sem menção ao terrorismo.

'Ciência contra o crime' é a reportagem principal da 'Superinteressante' em outubro de 2008, quando são listadas tecnologias de investigação, especialmente relacionadas à genética, para investigar, vigiar e punir. Lembrando que revista é um veículo que transita entre jornalismo e entretenimento, a 'Super' compara o saber científico com a criatividade da teledramaturgia, produzindo o efeito de verdade de que a ciência já chegou além da imaginação, e, como capa vendável, inclui o leitor nesse saber privilegiado: "descubra". A capa se assemelha a um cartaz de filme de suspense ou terror, com a imagem de uma faca ensanguentada, sugerindo sua utilização em algum crime contra a vida, isolada dentro de um saco plástico, para ser observada cientificamente.

Há ainda um grupo de enunciados que abordam a possibilidade de haver explicações científicas – as mais legitimadas a dizer a verdade – sobre as crenças religiosas e místicas ou apenas misteriosas. Fala-se em provar a reencarnação em laboratório, define-se destino pela conjuntura social e biológica, promete-se previsão do futuro a partir de estudos sobre sonhos e a explicação (ou seria justificativa?) para o fato de que erramos. Outras capas destacam a relação entre ciência e religião, com informações que se relacionam a esse tópico que acabamos de tratar, mas em que predominam regularidades discursivas do terceiro agrupamento.

O terceiro conjunto de enunciados convoca os leitores leigos à reflexão crítica sobre o fazer científico e sobre as condições desse fazer no Brasil:

(17) “CIÊNCIA NAZISTA

Os pesquisadores de Hitler mataram, mutilaram, torturaram. Agora, 60 anos depois, cientistas querem usar os resultados daquelas experiências para salvar vidas. Temos esse direito?” (Superinteressante, edição 225, abril de 2006);

(18) “A CIÊNCIA BRASILEIRA PEDE SOCORRO

Cortes de verba, perseguição ideológica, universidades sucateadas. A pesquisa nacional vive um fundo de poço histórico. Entenda os cortes na área – e por que eles põem em xeque o futuro do país.” (Superinteressante, edição 427, maio de 2021);

(19) “DEUS na ciência? Conheça o criacionismo, o movimento que é contra a teoria da evolução e o Big Bang e conquista cada vez mais adeptos no Brasil” (Galileu, edição 143, junho de 2003);

(20) “RELIGIÃO X CIÊNCIA

Mais uma vez, o conflito pega fogo . No laboratório: a discussão sobre as células-tronco . Na sala de aula: Bush quer trocar Darwin pelo criacionismo . No Vaticano: qual é a opinião da Igreja sobre a polêmica?” (Galileu, edição 171, outubro de 2005);

(21) “LUTE PELA CIÊNCIA

CORTES DE RECURSOS E PÓS-VERDADE SÃO OS ATUAIS INIMIGOS. MAS A GENTE AJUDA A DEBATER COM QUEM ACHA QUE A TERRA É PLANA, O AQUECIMENTO GLOBAL É MENTIRA E VACINA FAZ MAL” (Galileu, edição 317, dezembro de 2017);

(22) “LUGAR DE MULHER É NA CIÊNCIA

Pesquisadoras extraordinárias, mas esquecidas. Como mudar isso? Conheça as incríveis histórias de 10 das maiores cientistas de todos os tempos

SABRINA LISBOA

Por sua pesquisa em busca de novos remédios para o transtorno do estresse pós-traumático, ganhou o prêmio Para Mulheres na Ciência” (Galileu, edição 332, março de 2019);

(23) “CIÊNCIA DESIGUAL

TRINTA ANOS APÓS A CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS REGRAS DE INCLUSÃO DE MULHERES EM ENSAIOS CLÍNICOS, A SAÚDE DELAS AINDA É MENOS ESTUDADA QUE A DE HOMENS” (Galileu, edição 360, março de 2022).

Essas pautas que se propõem a refletir sobre o fazer científico, incluindo os aspectos relacionados à divulgação científica e à política, de que já falamos nesta tese, são mais incomuns no jornalismo científico, como afirmam Chagas e Massarani (2020, p. 37):

> A discussão das políticas de C&T e a divulgação e análise das ações de popularização da ciência frequentemente ficam à margem dessa cobertura jornalística especializada, o que lhe confere um viés asséptico e a torna menos influente do que poderia na discussão das políticas públicas nessa área. (Chagas; Massarani, 2020, p. 37).

A mais antiga dentre as capas analisadas, da 'Superinteressante' de abril de 2006, é a que mais ousa questionar a vontade de verdade da ciência, pois instiga o leitor a considerar a historicidade do saber científico – a ciência nazista construída sobre mortes, mutilações e torturas – para avaliar se é ético ou não valer-se dele. Como questionamos na seção introdutória, será que, nos anos mais recentes, de fato, nós sujeitos divulgadores científicos fomos sendo constituídos como *cheerleaders* da ciência e que questioná-la passou a ser um risco de dar munição aos seus detratores? Como raramente observamos em nossas análises, na 'Super' de abril de 2006, o aspecto utilitário não prevalece ao falar sobre o saber produzido pelos "pesquisadores de Hitler" – redundantemente representados na imagem da capa pela foto típica de um homem de jaleco branco com dois símbolos em seu braço, a suástica nazista e a cruz vermelha –, nem mesmo se a utilidade for "salvar vidas". Na capa, a revista não dá uma resposta, mas provoca o leitor a refletir, no plural, se "temos esse direito".

As duas revistas têm capas dedicadas a abordar os principais problemas da ciência contemporânea, alguns mundiais e outros nacionais. A 'Galileu' fez isso mais cedo e por mais vezes. Ainda no início do século, em 2003 e 2005, ela abordou o criacionismo, o seu crescimento e a mistura com a política, o que viria a desembocar, anos depois, no negacionismo científico, que já abordamos nesta tese. As duas capas, "DEUS na ciência" (2003) e "RELIGIÃO X CIÊNCIA" (2005), são bastante semelhantes, releituras da obra renascentista 'A criação de Adão', de Michelangelo (1475-1564), com o dedo divino no canto superior direito apontando para uma imagem tipicamente associada à ciência apresentada no canto inferior esquerdo: na primeira, o cientista Albert Einstein e, na segunda, um primata. Ambos os enunciados principais trazem uma imbricação entre áreas das quais o esperado é a separação: uma por meio da preposição "em" (contraída com o artigo "a", na forma "na"), que pode denotar lugar, de modo que Deus estaria no espaço da ciência; e outra por meio do sinal de X (*versus*), evocando a ideia de disputa entre religião e ciência. Até aí, parece haver nas construções discursivas a produção de um efeito de "neutralidade" na abordagem do tema,

como é próprio do discurso jornalístico — o que seria impossível. Tanto que o próprio uso do sinal de *versus* (X) configura a historicidade na linguagem, que coloca essas duas áreas, religião e ciência, em disputa. Até mesmo esse esforço por uma impossível neutralidade é deixado de lado, em 2017, quando o Brasil estava no segundo ano de mandato de Michel Temer e a capa adota um tom imperativo junto aos seus leitores, "LUTE PELA CIÊNCIA", e nomeia os problemas pelos quais passou a ciência naquele período, como "cortes de recursos", "pós-verdade" e negacionismo científico. Essa expressão não é utilizada na capa, mas aparecem exemplos, como "a terra é plana", "o aquecimento global é mentira" e "vacina faz mal". Em uma busca no Google Trends[15], observa-se que a expressão "negacionismo científico" raramente aparece nas buscas de 2004 (menor data disponibilizada na plataforma) a 2020, mas há um crescimento expressivo a partir de 2021, quando o mundo está no segundo ano da pandemia de covid-19 e, no Brasil, o governo federal incentivava o uso de medicação não comprovada, como cloroquina e ivermectina, desestimulava o uso de máscaras e o isolamento social e dificultava a compra de vacinas.

Imagem 13 - Buscas pela expressão "negacionismo científico" no Google entre 2004 e 2024



Fonte: Negacionismo [...] (2024)

[15] Google Trends é uma ferramenta gratuita disponibilizada pela empresa Google sobre as buscas que são feitas pelos internautas utilizando determinada(s) palavra(s). Disponível em: https://trends.google.com.br/trends/. Acesso: 22 jan. 2025.

Na ‘Superinteressante’, o tema aparece destacado na capa apenas em maio de 2021, quando o Brasil já estava no terceiro ano do governo de Jair Bolsonaro e no segundo ano de pandemia de covid-19. O título é alarmista e também convoca os leitores ao engajamento: “A CIÊNCIA BRASILEIRA PEDE SOCORRO”. A capa lista os problemas pelos quais a ciência passa no país – “cortes de verba, perseguição ideológica, universidades sucateadas” e classifica como “fundo de poço histórico” capaz de comprometer “o futuro do país”.

Na rede de enunciados que colocam a reflexão crítica sobre o fazer científico, há duas capas da ‘Galileu’ sobre a desigualdade de gênero na ciência, as edições 332, de março de 2019, e a 360, de março de 2022. Ambas publicadas próximas ao Dia Internacional da Mulher, 8 de março, data em que os movimentos feministas pautam os problemas enfrentados pelas mulheres em todo o mundo, incluindo as diferentes formas de violência. A revista destaca duas questões principais sobre mulheres e ciência: as pesquisadoras são menos reconhecidas que seus colegas homens e a ciência se dedica mais a estudar os homens que as mulheres. Esse enunciado se dá em uma posição sujeito militante, ao retomar a expressão “lugar de mulher é” para dizer que “é na ciência”, uma formulação evocada pelos movimentos feministas na forma de “lugar de mulher é onde ela quiser” que já é uma transformação de formulações anteriores proferidos nas sociedades patriarcais em formas como “lugar de mulher é em casa” ou “lugar de mulher é na cozinha”. A capa de 2019 ainda chama os leitores para a reflexão e a ação, na forma do questionamento “como mudar isso?” e do imperativo “conheça” 10 cientistas mulheres. Todavia, alguns signos-estereótipos de feminilidade se materializam, como no vestido que deixa à mostra partes do corpo da pesquisadora, nos brincos grandes, na maquiagem e penteado e na bandeja que ela carrega, como quem está servindo outrem.

Reitera-se que os enunciados estão aqui organizados, para análise, de acordo com as relações de saber-poder sobre ciência observadas neles, mas que há sobreposição dessas relações. E um caso difícil de ser encaixado em um dos três agrupamentos que fizemos é o da edição 232 da ‘Galileu’, de outubro de 2010, cujo título é “A CIÊNCIA DA LEGALIZAÇÃO DA MACONHA”. De início, reiteradamente, observa-se por meio da expressão “a ciência da” um convite ao leitor à leitura sobre o tema legalização da maconha com a abordagem séria, legítima e verdadeira conferida pela ciência, em diferenciação ao debate público impregnado de questões morais. A ciência, por si só, não exerce poder de legalização, pois isso cabe ao Estado, mas o enunciado é construído de forma que o saber-poder da ciência pode ter efeito de legalizar a maconha. A capa já demarca a inscrição de sujeitos pesquisadores diante do tema, defender a legalização da droga, e a atitude é colocada como algo que destoa do

estereótipo do cientista, porque o enunciado registra que eles "estão saindo de seus laboratórios" para fazer isso, ou seja, o esperado é que atuem no âmbito do laboratório. Essa manifestação foi motivada por um fato, que inclusive ilustra a capa: na imagem, o guitarrista Pedro Caetano, do grupo Ponto de Equilíbrio, que foi preso na época por cultivar 10 pés de maconha em sua casa e defendido por pesquisadores, que argumentaram sobre os efeitos medicinais da *cannabis* e que mesmo os efeitos colaterais são menos prejudiciais que a violência associada ao tráfico de drogas. Por fim, o convite ao leitor é para entender "o que está por trás", sugerindo que há informações ocultas que o jornalismo pode revelar. Portanto, constitui-se um discurso que instiga a curiosidade e convoca à reflexão sobre a ciência, mas também conduz as condutas dos sujeitos, seja de usar ou não maconha, ou de se posicionar contra ou a favor de sua legalização, ao subsidiar suas escolhas com conhecimento produzido pela ciência.

Depois de observarmos, nesta subseção, a circulação, no jornalismo científico, de enunciados que constroem uma noção de verdade assegurada pela ciência, que exercem na trama discursiva relações de saber-poder apontar respostas e conduzir condutas, veremos, na próxima subseção, como a política também produz efeitos de verdades supostamente calcadas na ciência para exercer relações de forças. Nessa trama, a depender de como enuncia sobre ciência, o sujeito-discursivo se inscreve politicamente em um polo ou outro no Brasil do século 21.

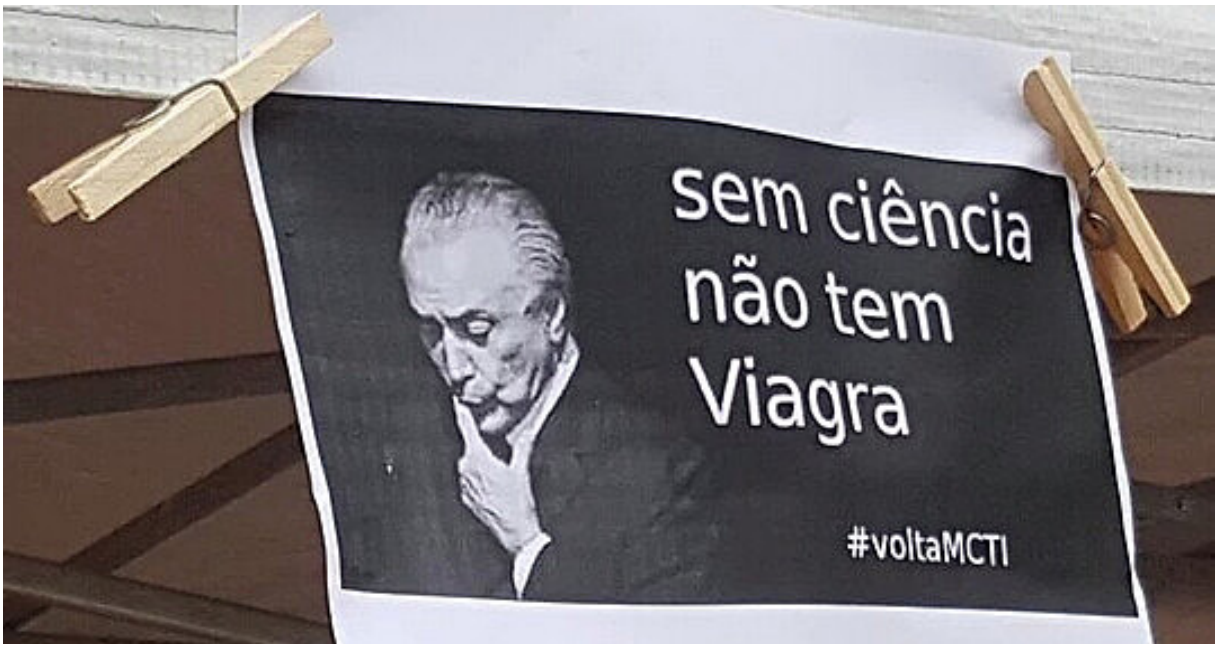
4.2 A verdade da ciência na política: saber-poder de atacar e defender

A ciência é enunciada para legitimar e dar credibilidade também na arena política. A seção 3, 'A ciência para desenvolver o país', desta tese historiciza a política brasileira nas primeiras décadas do século 21, ao analisar como a ciência vai sendo discursivizada em uma lógica desenvolvimentista, e aqui, na seção 4, 'Ciência (d)e verdade', retomamos a política nacional, inclusive o envolvimento da população com o tema, para observar como, no Brasil do século 21, ocorre um tensionamento no discurso político sobre ciência, a partir do negacionismo científico e de ataques a instituições como universidades públicas, que consideramos como acontecimentos discursivos, ou seja, multiplicidades que se dispersam entre instituições e comportamentos e definem tipos de enunciados, quem deve fazê-los e a quem se dirigem (Foucault, 2014b [1970-1971], p. 182).

Entre 2016 e 2022, período em que o Brasil foi presidido por Temer e Bolsonaro, circularam diversos enunciados sobre ameaças à ciência: relacionados aos cortes de recursos financeiros para a pesquisa ou ao negacionismo científico, especialmente durante a pandemia de covid-19. Os próprios então presidentes não dizem que ameaçam a ciência, mas isso é dito pela mídia, por cientistas, por instituições de pesquisa e por sociedades científicas, dos quais selecionamos alguns enunciados para analisar neste trabalho. Há momentos em que a própria ciência se torna uma "ameaça", no caso de Bolsonaro, por exemplo; nos enunciados que produziu a partir da posição-sujeito de presidente da República durante a pandemia de covid-19, observamos um dado efeito de condução das condutas, de si e dos outros, enunciados esses que suscitaram outros na rede discursiva, pois foram constantemente criticados e enfrentados por pesquisadores, jornalistas, divulgadores científicos e por uma parcela da população que se valeu das evidências científicas como argumentos para resistir ao negacionismo científico propagado pelo presidente da época.

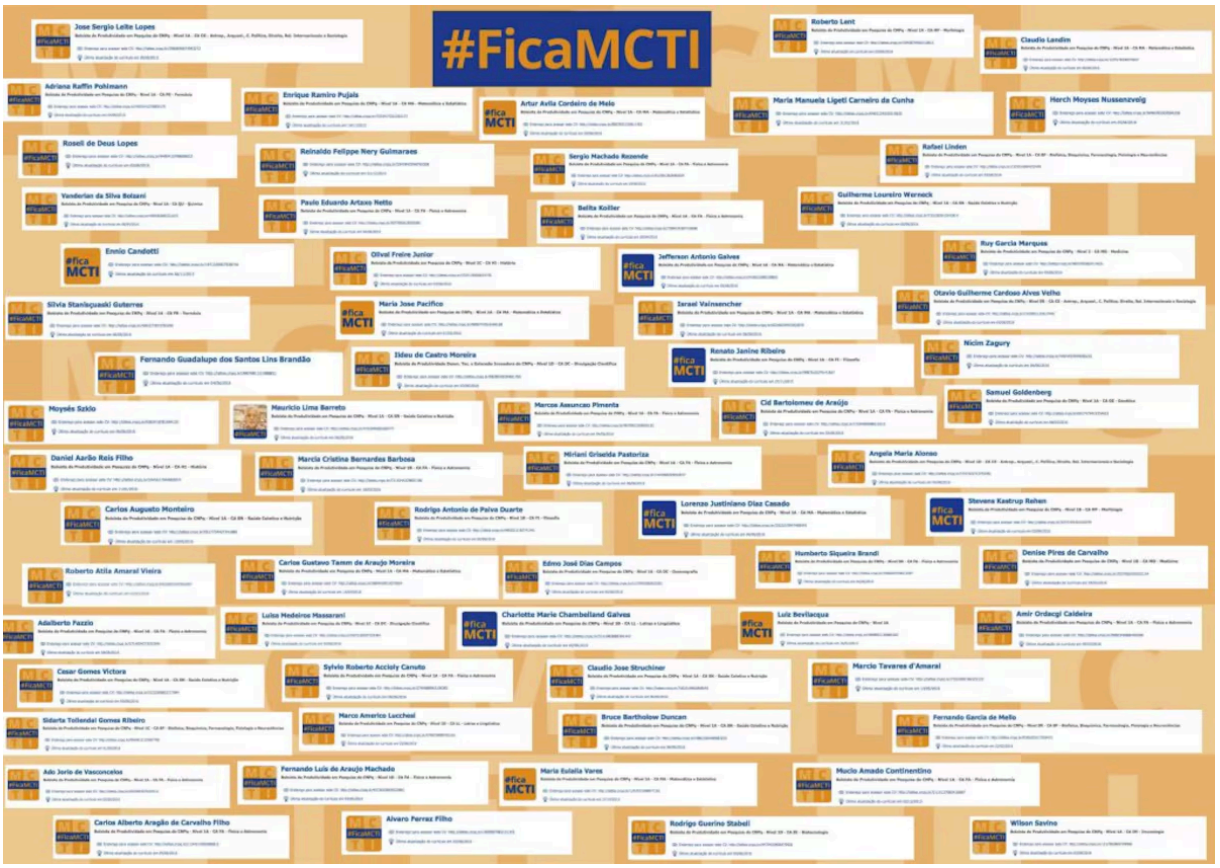
Voltando ao governo Temer, na primeira medida provisória que editou, em 16 de maio de 2016, ele reduziu o número de ministérios de 32 para 23 e um dos afetados foi o MCTI, que foi fundido com o Ministério das Comunicações e transformado em Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI) (Primeira [...], 2016). Houve manifestações contrárias à medida nas ruas e nas redes sociais, com as hashtags #VoltaMCTI e #FicaMCTI, como pode ser visto nas imagens abaixo (Com [...], 2016; Escobar, 2016).

Imagem 14 — Cartaz exposto em manifestações pela volta do MCTI em junto de 2016



Fonte: Com [...] (2016)

Imagem 15 — Campanha digital promovida por pesquisadores que substituíram suas fotos de perfil nas redes sociais e Currículos Lattes por imagens com #ficaMCTI ou #voltaMCTI



Fonte: Escobar (2016)

Entidades como a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) publicaram um manifesto contra a fusão, que foi chamada de "fim do Ministério da Ciência e Tecnologia". É interessante observar que a argumentação das sociedades científicas também constituiu o discurso sobre ciência como desenvolvimento do país, como abordamos na seção anterior.

> A junção dessas atividades díspares em um único ministério enfraqueceria o setor de ciência, tecnologia e inovação que, em outros países, ganha importância em uma economia mundial crescentemente baseada no conhecimento e é considerado o motor do desenvolvimento. Europa, Estados Unidos, China, Coreia do Sul são alguns exemplos de países que, em época de crise, aumentam os investimentos em P&D [pesquisa e desenvolvimento], pois consideram que essa é a melhor maneira de construir uma saída sustentável da crise. (SBPC, 2016, grifos nossos).

No ano seguinte, o governo Temer encerrou o programa Ciência Sem Fronteiras para a graduação. Em nota, o Ministério da Educação afirmou que: "após uma avaliação criteriosa da

modalidade graduação, o MEC chegou à conclusão de que era alto o custo para manter os alunos estudando fora do país" (MEC [...], 2017). Em entrevista à TV Globo, o então presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Abílio Baeta, afirmou que "a volta desses meninos não impactou a prática de ensino de nossas universidades e, com isso, não foi multiplicada para melhorar o ensino em geral da graduação no Brasil nas áreas que tinham sido selecionadas" (Ciência [...], 2017).

Há uma fragilidade na sustentação dos dizeres sobre ciência como "motor para o desenvolvimento econômico", pois o pagamento de bolsas para jovens brasileiros estudarem no exterior – que, como dissemos, é mais importante para estudantes oriundos de famílias pobres – rapidamente foi considerado, pelo governo Temer, um investimento sem retorno para o Brasil. Mas houve resistência de pesquisadores, estudantes e parte da mídia.

O orçamento para a área de ciência e tecnologia no país foi reduzido de R$ 8,4 bilhões em 2014 para R$ 3,2 bilhões em 2017 e R$ 2,7 bilhões em 2018. Pesquisadores, estudantes, sociedades científicas e outros apoiadores continuaram se manifestando contra esses cortes. O site da Câmara dos Deputados publicou a notícia "Cortes no orçamento de Ciência e Tecnologia podem inviabilizar pesquisas" (Mugnatto, 2017), sobre a entrega do abaixo-assinado da campanha "Conhecimento sem Cortes" ao seu então presidente, Rodrigo Maia. O site da revista 'Carta Capital' publicou, em 19 de abril de 2017, um texto intitulado "Por que Temer está contra a ciência?" (Ordéas, 2017).

Na sequência, a Presidência da República é assumida por Bolsonaro, que venceu as eleições de 2018, e houve continuidade na política de cortes de recursos financeiros para as instituições de ensino e pesquisa (Corte [...], 2019). As universidades foram atacadas em diferentes momentos, com destaque para a fala do então ministro da Educação, Abraham Weintraub, que exerceu o cargo de 8 de abril de 2019 até 20 de junho de 2020: "Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas" (Weintraub *apud* Agostini, 2019, grifo nosso). Outro episódio de ataque à ciência foi proferido pelo ex-presidente, em 2019, quando o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), vinculado ao MCTIC, divulgou dados que mostravam o aumento do desmatamento e das queimadas na Amazônia:

> A questão do Inpe, eu tenho a convicção que os dados são mentirosos, e nós vamos chamar aqui o presidente do Inpe para conversar sobre isso, e ponto final nessa questão. [...] Mandei ver quem está à frente do Inpe. Até parece que está a serviço de alguma ONG, o que é muito comum. [...] Se for somado o desmatamento que falam dos últimos 10 anos, a Amazônia já

> acabou. Eu entendo a necessidade de preservar, mas a psicose ambiental deixou de existir comigo. (Bolsonaro *apud* Melo, 2019).

Galvão rebateu, chamando a atitude do presidente de "pusilânime, covarde", e foi demitido por Bolsonaro. O físico não teve apoio do então ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Marcos Pontes. Na época, a revista Piauí publicou uma reportagem sobre o caso intitulada "Um astronauta mais longe da ciência" (Esteves, 2019). Nos meses seguintes, Galvão chamou Pontes de "débil" e o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, de "negacionista" (Ramalhoso, 2019). Sua defesa da ciência lhe rendeu algumas homenagens, como estar na lista dos 10 cientistas do ano da revista '*Nature'* (Oliveto, 2019).

As ameaças à ciência por parte do governo recrudesceram a partir de 2020, com a pandemia de covid-19. Bolsonaro, em várias situações, enunciou contra a vacina (Cruz, 2021), por exemplo, dizendo que não iria se tomá-la ou associando as vacinas a efeitos colaterais absurdos, de "virar jacaré" a contrair o vírus HIV (Arbex, 2021). Além disso, o então presidente demorou a comprar vacinas, incentivou o uso de medicamentos sem comprovação científica, promoveu aglomerações, não usou máscaras de proteção, entre outros comportamentos e enunciados negacionistas, que contribuíram para o agravamento da pandemia, como demonstrou a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, criada em 13 de abril de 2021, instalada no Senado Federal em 27 de abril de 2021 e concluída em 26 de outubro de 2021.

No artigo 'Genealogia dos corpos: do estábulo para as ruas', Fernandes (2022) considera Bolsonaro um "sujeito reitor" (inspirado na noção foucaultiana de enunciado reitor), pois ele instaura práticas discursivas e não discursivas de outros sujeitos dispersos, seus apoiadores chamados "bolsonaristas", que têm o negacionismo como discurso que os constituem e os conduzem. Embora o discurso negacionista não tenha surgido com Bolsonaro, afirma Fernandes (2022), ao constituir o ex-presidente como sujeito desse discurso, disponibiliza verdades que ele assume como sendo dele.

É possível observarmos as contradições nos enunciados do ex-presidente. O site '*The Intercept'* publicou, em 31 de março de 2020, que "Bolsonaro só acredita na 'ciência' quando o resultado lhe interessa" (Pinheiro-Machado, 2020). Em 10 de novembro de 2020, Bolsonaro fez uma sequência de postagens na antiga rede social Twitter. Um dos tweets diz que "O Ministro @Astro_Pontes e o Presidente @jairbolsonaro trabalham, desde fevereiro, ao lado da ciência, no combate ao COVID-19" (Bolsonaro [...], 2020). Em 4 de novembro de 2021,

Bolsonaro concedeu a si mesmo o mais alto título da Ordem Nacional do Mérito Científico, o de grão-mestre, que existe para presidentes desde o Governo de Itamar Franco (1992-1995). Depois, retirou a honraria de dois cientistas críticos ao governo e, em resposta, outros 21 pesquisadores que a receberiam decidiram recusá-la. Mesmo por negacionistas, a ciência é acionada como um dispositivo que garante um lugar de credibilidade da rede de saber-poder.

Pensando nas condições de possibilidade históricas desses enunciados de Bolsonaro sobre a ciência, percebe-se que não são isolados e, sim, constituem-se em um movimento histórico-político da extrema direita e em um terreno de pós-verdade[16], que descredibiliza as instituições em função de convicções, ideias e sentimentos de grupos extremistas (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 76). Segundo esses autores, "o epicentro do fenômeno desencadeador das chamadas *fake news* foram as eleições de Donald Trump nos Estados Unidos [a primeira, em 2016], quando emergiu a ideia de pós-verdade e de *fake news*" (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 76) e cujos aspectos se repetiram na eleição de Bolsonaro no Brasil: "disparo de mensagens falsas em redes sociais, criação de *sites* de ocasião mimetizando o jornalismo tradicional, naturalização de um discurso marcado por preconceitos e retrocessos" (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 77).

Os autores formulam dois possíveis sentidos para os enunciados da pós-verdade emergirem: um que se refere à incapacidade de diferenciar os que se baseiam em acontecimentos dos que foram inventados em meio ao fluxo de informações e outro relacionado à circulação e à recepção desses enunciados, diantes dos quais "as crenças e ideologias do sujeito — que não é mais apenas o receptor passivo de informações no modelo da mídia tradicional — determinam o que ele vai considerar, avaliar, compartilhar, comentar ou, em outras palavras, (re)colocar em circulação" (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 78).

Ao cartografar, nesta tese, a rede discursiva sobre a verdade da ciência na política encontramos também o envolvimento da população com o tema, especialmente suscitado pelos ataques à ciência de que falamos. O discurso de ataque produz o de defesa. Por isso, o arquivo desta pesquisa é composto ainda por manifestações da sociedade brasileira promovidas durante a vacinação contra covid-19, em que observamos o emprego da palavra "ciência" como algo que suscita paixões como defesa, gratidão e orgulho, em resposta ao que

[16] "Pós-verdade" foi eleita a palavra do ano, em 2016, pelo Dicionário Oxford (em inglês, *post-truth*), como "relativa a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal" (Oxford Languages, 2016). O fenômeno é estudado por diferentes áreas do conhecimento, incluindo os Estudos Discursivos Foucaultianos, que há décadas já se aprofundam em pesquisas sobre "verdade". Um exemplo é o livro 'Discurso e (pós)verdade', organizado por Curcino, Sargentini e Piovezani (2021), que embasa as reflexões seguintes nesta tese.

ocorre no cenário político nacional. Esses enunciados foram publicados nas mídias sociais e reproduzidos em sites de notícias e de associações coletivas.

Imagem 16 — Matéria sobre professor que fez homenagem aos trabalhadores da enfermagem durante vacinação contra a Covid-19



Professor faz homenagem aos trabalhadores da enfermagem durante vacinação contra a Covid-19

Postado em *17 de junho de 2021* por *SATENPE*

Marcondes Francisco foi Técnico de Enfermagem e reforçou o seu apoio pela aprovação do PL 2564

Durante a vacinação contra o novo coronavírus (Cocvd-19), o professor da rede estadual de educação, Marcondes Francisco, fez uma homenagem aos trabalhadores da saúde. Por ter trabalhado como Técnico de Enfermagem, levou um cartaz com a mensagem: "Viva o SUS! Enfermagem 30 horas. Viva a ciência. Vacina para todos. Fora genocida!".

"Quando entrei na enfermagem, há 20 anos, já existia essa pauta da jornada das 30 horas semanais. É uma luta antiga da enfermagem e, mesmo não exercendo mais a função, me sinto participante dessa luta. Não poderia deixar de fazer a minha parte em apoiar essa importante reivindicação que é mais do que justa", afirmou.

PROJETO DE LEI – De autoria do senador Fabiano Contarato (Rede ES), o PL estabelece piso salarial de R$ 7.315,00 para enfermeiros, correspondendo a uma jornada de 30 horas semanais. Já para os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem, o piso salarial previsto é de 70% (R$ 5.120,50) e 50% deste valor (R$ 3.657,50), respectivamente. Os valores são válidos para União, estados, municípios, Distrito Federal e instituições de saúde privadas.

Fonte: Satenpe (2021)

Imagem 17 — Matéria sobre vacina contra covid-19 em crianças evitar formas mais graves da doença



Fonte: Engelmann (2022)

Imagem 18 — Camiseta “Tomei vacina graças à ciência”



Fonte: Brito (2021)

“VIVA A CIÊNCIA”, “A CIÊNCIA VENCEU” e “TOMEI VACINA GRAÇAS À CIÊNCIA” são formulações que circularam durante a vacinação contra covid-19, por meio de cartazes, faixas e camisetas, reproduzidos em fotografias compartilhadas nas redes sociais e portais jornalísticos. A ciência é aclamada pela população, por meio da interjeição “viva”, e a ela é dado o crédito de quem “venceu” e de quem foi a responsável por haver vacina. Venceu a quê ou a quem? Não somente a doença, mas também um governo que agia na sua contramão. “VIVA A CIÊNCIA” também faz um jogo com a ideia de uma ciência viva, que resistiu a tempos difíceis como os que já narramos. Esses enunciados de exaltação à ciência precisaram circular, estampando tantos materiais, todos em letras maiúsculas, como um grito, porque compunham a rede discursiva de resistência que se formou a partir de acontecimentos

discursivos como as políticas de governo para a ciência (à época, de cortes de recursos), a disseminação de notícias falsas e o negacionismo científico.

Na arena de disputas e exercício de poder, para quem se opõe à extrema direita é importante reforçar o papel da ciência, ainda que no campo da fala pública, porque demarca e arregimenta outro espaço na rede de saber-poder. Nessa perspectiva, o histórico recente de uma ciência nacional ameaçada é assinalada no terceiro pronunciamento de posse de Lula, em 2023:

> O diagnóstico que recebemos do Gabinete de Transição de Governo é estarrecedor. Esvaziaram os recursos da Saúde. Desmontaram a Educação, a Cultura, Ciência e Tecnologia. Destruíram a proteção ao Meio Ambiente. Não deixaram recursos para a merenda escolar, a vacinação, a segurança pública, a proteção às florestas, a assistência social. (Silva, 2023).

Nesse excerto diagnóstico, registra-se o clímax da inversão de posições entre o que tínhamos observado desde aqueles enunciados sobre ciência como motor de desenvolvimento. Passamos disso ao discurso sobre investimento em ciência não dar retorno até chegar ao discurso de que o dinheiro da ciência e de áreas correlatas como educação e meio ambiente foi desviado com alguma finalidade negativa, depreendida dos verbos "esvaziaram", "desmontaram" e "destruíram".

Antes mesmo da posse de Lula, no fim de 2022, após a vitória dele no segundo turno das eleições presidenciais, a equipe de transição de governo começou a trabalhar e já foi possível observar a circulação do enunciado sobre a volta da ciência. O 'Jornal do Brasil' publicou trechos da entrevista da professora universitária Monica Sapucaia, do núcleo técnico de educação da equipe de transição, ao 'Broadcast Político': "Eu acho que a ciência voltou. Acredito que essas questões anticientíficas, que ocorreram nestes últimos anos, têm a ver com um processo de reafirmação ideológica. Espero que isto seja apenas um retrato histórico de um momento difícil do Brasil, e que não volte mais" (Sapucaia *apud* Braga; Capirazi, 2022, grifo nosso).

No início de 2023, poucos depois da posse de Lula para seu terceiro mandato, começaram a ser empossados os seus ministros e demais ocupantes de cargos de primeiro e segundo escalão do governo. Nas pastas de ciência e de saúde, o enunciado de que a ciência voltou se repetiu. Um editorial do jornal 'Folha de S. Paulo', publicado em 4 de janeiro de 2023, foi intitulado "De volta à ciência". O texto abordou a posse de Nísia Trindade como ministra da Saúde e como as primeiras medidas anunciadas pela ex-presidente da Fiocruz

eram importantes para fazer frente aos erros da gestão anterior (De volta [...], 2023, grifo nosso).

A nova ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, em entrevista ao programa ‘Folha Política’, da Rádio Folha FM 96,7, divulgada no site da ‘Folha de Pernambuco’, em 24 de fevereiro de 2023, afirmou:

> Nós vivemos um período de apagação da ciência, não só pelo discurso negacionista e anticiência que acaba sendo impactante na vida do povo: voltamos a poliomielite, ao sarampo, e o Brasil tinha uma cultura, até por conta do SUS, da eficácia em vacinas. Essa é uma das grandes mazelas deixadas por esse governo que passou. A ciência está de volta ao país [...]. (Santos *apud* Carvalho, 2023, grifo nosso).

Vinculado ao mesmo ministério, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) passou a ser presidido pelo cientista Ricardo Galvão, que havia sido exonerado por Bolsonaro. Em entrevista ao ‘Jornal da USP’, em 17 de janeiro de 2023, ele declarou: “A ciência está de volta. [...] Estou muito esperançoso na recuperação da relevância da ciência no Brasil, e que conseguiremos fazer o que precisa ser feito.” (Galvão *apud* Escobar, 2023, grifo nosso). Na mesma reportagem, cita-se a fala da ministra Luciana Santos, durante a posse de Galvão: “A escolha de Galvão para a presidência do CNPq, segundo Santos, carrega a mensagem de que ‘a ciência voltou a ter vez neste País’, após quatro anos de uma gestão marcada pela negação da ciência e por uma ideologia de perseguição a cientistas e instituições de pesquisa” (Santos *apud* Escobar, 2023, grifo nosso).

Em 12 de julho de 2023, o presidente Lula e outros integrantes do governo participaram da cerimônia de entrega de medalhas da Ordem Nacional do Mérito Científico, reinstalação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT) e assinatura do decreto que convocou a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, no Palácio do Planalto. No telão do palco do evento, o enunciado: “a ciência voltou!”, com as assinaturas do CCT, do MCTI e do Governo Federal, incluindo o slogan “Brasil: União e Reconstrução” (Lula [...], 2023).

Imagem 19 — Cerimônia de entrega de medalhas da Ordem Nacional do Mérito Científico e de anúncio de ações na área de Ciência



Fonte: Camargo (2023)

O enunciado “a ciência voltou”, que se materializa em distintas formulações, conforme observamos nos excertos acima, funciona em um jogo em que havia ciência no país, que ela deixou de existir e finalmente retornou. Esse discurso estabelece diferentes regimes de governo do Brasil, que no século 21 investiram em ciência para desenvolver a nação, o que pode ser lido como melhorar a vida da população, passando por governos que retiraram os recursos da ciência, seja por não considerá-la rentável ou para desviar o dinheiro para outro fim, até o retorno do governo que, no início do século, havia investido e democratizado o acesso à ciência. É um discurso político, que demarca um mandato. De fato, a ciência não voltou, porque ela não foi embora ou deixou de existir, mas, sim, a ciência resistiu.

Essa resistência, como demonstramos nesta subseção, aparece na rede discursiva formada por sujeitos pesquisadores, comunicadores e da sociedade em geral, como nas campanhas por #VoltaMCTI e #FicaMCTI; nos manifestos da ABC, SBPC e outras associações científicas; na relutância de gestores da ciência, como Ricardo Galvão; nas

matérias jornalísticas que criticavam os governos Temer e Bolsonaro; no relatório da CPI da Covid; nos materiais da população que homenageou a ciência durante a vacinação; e até mesmo no resultado das eleições presidenciais de 2022, constituindo uma relação de forças, ao longo de pelo menos seis anos da história recente do Brasil. Se é possível que o Governo Lula diga que "a ciência voltou", ao assumir a Presidência em 2023, é porque ela voltou a ter vez, a resistir, a ser visível à população, mas não só em 2023. Foi preciso uma condição de possibilidade histórica para que esses enunciados pudessem ser ditos, em que, além da ciência, a própria democracia era (e ainda é) simultaneamente atacada e, resistentemente, defendida.

Toda essa trama complexa de enunciados forma o que Foucault (2020[1969]) denomina de campo associado, que já explicamos anteriormente. Isso porque os enunciados se ligam, se repetem, se reatualizam, mas também se opõem e se distanciam uns dos outros, como o fazem os enunciados sobre ciência de Bolsonaro e de seus ministros, por exemplo, em relação aos que retomamos no parágrafo anterior. Nessa relação de poder, ou seja, de forças, os enunciados são as materialidades que dizem, produzem e constroem visibilidades sobre os objetos de que falam.

Após observarmos como a política também produz verdades a partir da ciência para exercer relações de forças, em uma trama que envolve, além de governantes e governados, os cientistas e a mídia, vamos nos concentrar, na seção 4.3, na verdade da ciência para pesquisadores e divulgadores. São dizeres, por vezes, autorreferenciados, em que sociedades científicas precisam defender a ciência e pesquisadores precisam atestar a seriedade do próprio trabalho — o que se efetiva quando outros sujeitos, não cientistas, entram na ordem do discurso.

4.3 A verdade da ciência para pesquisadores e divulgadores: saber-poder de fazer e comunicar

Enunciados de defesa da ciência – inclusive de ciências mais específicas, como as básicas e as humanas – estão presentes nos temas das Reuniões Magnas da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e das Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) ocorridas no primeiro quarto do século 21. Essas instituições foram apresentadas na seção 2, 'Fazer e dizer ciência', desta tese. Os cartazes com os enunciados que compõem este arquivo estão reproduzidos na sequência.

Imagem 20 — Compilado de cartazes das Reuniões Magnas da ABC de 2015, 2016 e 2023



Fonte: ABC (2024b)

Imagem 21 — Compilado de cartazes das 73ª e 74ª Reuniões Anuais da SBPC



Fonte: SBPC (2024)

Há uma necessidade, por parte das sociedades científicas, de afirmar que ciência tem importância, construída ao longo da história e que importa à nação, em temas como "O Valor da Ciência" (ABC, 2015) e "Um Século de Ciência: Construindo um Futuro Melhor" (ABC, 2016) e "Ciência, independência e soberania nacional" (SBPC, 2022). Esses enunciados temas emergem como exercício de resistência a partir da metade da segunda década do século 21, quando o Brasil já havia passado pelas manifestações de 2013 e foi vivendo o processo de crescimento da extrema direita – a qual, entre outras características, é anticiência – que culminou no golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e na eleição de Jair Bolsonaro. Em 2016, a ABC apresenta como tema "Um Século de Ciência: Construindo um Futuro Melhor", por ser o aniversário de 100 anos da associação; a formulação produz o efeito de atrelar a existência da ciência aos 100 anos da entidade, como se a ciência não existisse antes de 1916. Novamente, observamos como o discurso sobre ciência suscita disputas em torno de seus créditos.

Já na terceira década, tanto a ABC quanto a SBPC abordaram temas que fazem uma defesa mais focada nas ciências básicas e humanas, sob a forma dos enunciados "Ciência Básica para o Desenvolvimento Sustentável" (ABC, 2023) e "Todas as ciências são humanas

e essenciais à sociedade" (SBPC, 2021). É uma resistência ainda mais específica, que ocorre após a Organização das Nações Unidas (ONU) definir 2022 como Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável, como explica a seção 3 desta tese, e porque foram essas práticas científicas que sofreram ainda mais com os cortes de recursos orçamentários por parte dos governos Temer e Bolsonaro. As ciências básicas "exploram e avançam as fronteiras do conhecimento científico [...], buscam trazer novos conhecimentos sobre os fenômenos naturais, a matemática e as humanidades, aprofundando sua compreensão" (ABC, 2024a). Comumente são definidas em diferenciação às ciências aplicadas, mas, segundo a ABC, "o avanço nas ciências básicas subjaz avanços tecnológicos e oferece oportunidades únicas para satisfazer as necessidades humanas essenciais, produzem benefícios econômicos, e promovem o desenvolvimento sustentável de base científica" (ABC, 2024a). Já as ciências humanas compreendem áreas como filosofia, sociologia, história, geografia, psicologia, educação e ciência política, ou seja, mais relacionadas a desenvolver pensamento crítico do que produto econômico.

Todavia, o enunciado tema da SBPC apresenta duas afirmações generalizantes: "todas as ciências são humanas", pois são produto da ação de seres humanos e deve considerar a integridade dos sujeitos, e "todas as ciências são essenciais à humanidade". O uso do adjetivo "essencial", especialmente no período pós-pandemia, se liga, no campo associado, a tantos outros enunciados que circularam na pandemia de Covid-19 que tratavam do grupo de atividades que, de tão importantes, não podiam parar, os chamados serviços essenciais, como saúde e segurança. Os enunciados desses dois temas produzem um efeito de verdade, na própria generalização, que demarcam aquilo que, no campo das práticas, nem sempre são: o verbo "ser" conjugado no presente do indicativo, na forma "são", aqui pode ser também algo como "deveria ser", porque não são totalmente. Afinal, se esse sentido já fosse tão naturalizado, precisaria de uma afirmação para dizer? Novamente, o jogo discursivo para vencer a verdade.

Mas é ainda mais interessante observar a afirmação de que todas as ciências são humanas, se relembrarmos o filósofo Hilton Japiassu, citado na seção 2. No livro 'Nascimento e morte das ciências humanas', Japiassu (1982) mostra como as ciências humanas renunciam ao saber para se converterem em equipamentos técnico-metodológicos cujos objetivos são intervir, transformar, controlar e manipular o comportamento humano.

Contudo, essa defesa das ciências humanas é uma resistência, inclusive, a alguns discursos midiáticos, que ridicularizam temas de dissertações e teses das ciências humanas e sociais, como já ocorreu mais de uma vez no jornal Gazeta do Povo, por exemplo. Esse jornal,

fundado em 1919 e com sede em Curitiba (PR), publicou, em 13 de junho de 2017, uma matéria intitulada “Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público”, escrita pelo jornalista Gabriel de Arruda Castro e com a seguinte introdução:

> O ambiente universitário, por definição, deve ser um espaço aberto à criatividade e à inovação. Toda forma de conhecimento é válida. Por outro lado, algumas teses desenvolvidas por alunos de mestrado e doutorado em universidades públicas brasileiras são difíceis de explicar ao contribuinte, que arca com todas as despesas. A opção por temas pouco ortodoxos, especialmente nos cursos de ciências humanas e sociais, talvez ajude a explicar por que o Brasil nunca recebeu um prêmio Nobel – ao contrário de Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, México, Costa Rica, Peru e Guatemala.
> Veja uma lista de dez dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre temas pouco usuais, todas apresentadas em universidades públicas. (Castro, 2017b, grifos nossos).

Na sequência, o texto apresenta títulos, cursos, instituições, trechos e autoria de dez pesquisas de mestrado e doutorado que abordam temas como sexualidade, favela, gênero, raça, músicas populares e cultura pop. O próprio jornal acrescentou uma nota abaixo do título informando ao leitor que a matéria havia provocado debate e que, então, abriu espaço para as publicações de outros autores, como uma das pesquisadoras cuja tese foi citada e dois colunistas, além de outra matéria do jornalista que havia feito a primeira publicação.

Sob o título “Autora de tese de doutorado sobre Mr. Catra critica pensamento ‘elitista e preconceituoso’”, em 17 de junho de 2017, Mylene Mizrahi, doutora em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), explicita o espanto em ver a sua tese intitulada ‘A estética Funk Carioca: criação e conectividade em Mr. Catra’ ser atacada pelo jornal. “Mr. Catra é um feixe de relações, que catalisa caminhos e dá acesso a um mundo que mistura funk, favela, elite, poder oficial e crime”, argumenta Mizrahi (2017). A tese foi premiada pelo Instituto Pereira Passos, ligado à Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro, sobre o que Mizrahi diz:

> Recebi o prêmio das mãos do então prefeito Eduardo Paes como reconhecimento de que os saberes que eu desvendara permitiam entender melhor o Rio de Janeiro e seriam assim auxiliares na implementação de políticas públicas. Isso mesmo: um prêmio concedido em ambiente nada contra-hegemônico a uma pesquisa de caráter não utilitário que permitiria implementar políticas úteis. (Mizrahi, 2017)

Castro (2017a) voltou ao tema no dia 29 de junho de 2017, com a publicação do texto “Desculpe, Mr. Catra: o país deveria repensar o financiamento de pesquisas pouco

relevantes". Falando explicitamente em nome do jornal, por meio do enunciado "A Gazeta do Povo apresenta seis fatores que não podem estar ausentes do debate", argumenta-se que: "I – Os recursos são finitos"; "II - O ensino básico está à míngua"; "III - O dinheiro do contribuinte deve ser aplicado com parcimônia"; "IV - A universidade deve buscar a elevação, não o rebaixamento moral"; "V - Nem todas as pesquisas são iguais"; "VI - Pesquisadores não são imunes a críticas".

No dia seguinte, 30 de junho de 2017, a Gazeta do Povo publica o texto "A universidade não é torre de marfim nem é o Senac. Que se estudem as favelas e Mr. Catra", do jornalista Rogerio Galindo, que defende o seguinte:

> A grande premissa equivocada que leva o texto ["Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público"] a uma série de outros erros conceituais é a de que a universidade, na pós-graduação, tem como missão produzir pesquisas; na verdade, sua missão é produzir pesquisadores. E, na verdade, embora a diferença pode parecer sutil, ela é praticamente o centro da questão.
> O que se pretende de um aluno de mestrado ou de doutorado, seja em que área for, é que ele aprenda a pesquisar o mundo usando as ferramentas de um campo de conhecimento. [...]
> É depois de sair da academia que se espera que o aluno continue pesquisando a partir do ferramental adquirido. E que possa passar adiante esse conhecimento ao ensinar outras pessoas. (Galindo, 2017, grifos nossos).

A rede discursiva continua se constituindo com novos pontos no exercício de saber-poder, quando Rafael Barros de Oliveira, então mestrando em Filosofia na USP e colunista do site Terraço Econômico, publica na Gazeta do Povo, em 7 de julho de 2017, o texto "A relevância na torre de marfim: uma resposta a Gabriel de Arruda Castro e a Rogério Waldrigues Galindo", em que aborda temas como autonomia, responsabilidade, utilidade e relevância. Sua conclusão é de que:

> É importantíssimo manter o exercício constante de crítica e reavaliação, para que possamos entender o que não está dando certo nelas e aperfeiçoar suas atividades.
> Isso só será possível reforçando os méritos dessas instituições, preservando suas riquezas e ampliando seu potencial, para que elas contribuam na plena medida de suas capacidades com a sociedade que lhes dá sustentação – cultural, legal, financeira, etc. Para isso, tanto o todo (sociedade) precisa parar de perseguir e demonizar a parte (universidade), como esta precisa parar de se isolar e se pretender superior àquele.
> Num cenário de crises, revoluções e mudanças em velocidade vertiginosa, todos temos a ganhar com isso. (Oliveira, 2017, grifos nossos).

O que tornou possível a publicação de uma matéria jornalística que chama dez pesquisas brasileiras de “monografias incomuns”, com “temas pouco ortodoxos” ou “pouco usuais”? Embora os adjetivos e expressão adjetiva apontem para o diferente, o diverso, o que destoa do tradicional, o efeito produzido é o da ironia, da ridicularização e também do ataque. O enunciado jornalístico está sustentado no efeito de verdade sobre ciência diferente de enunciados como os da ABC e da SBPC, que apontam para outros caminhos, ou seja, o território discursivo que cartografamos está em disputas. Além disso, o discurso jornalístico traz para si o poder de dizer o que é ou não ciência, o que deve ou não ser financiado pelo governo e, portanto, também pela população. Não raro, observarmos no campo enunciativo sobre ciência no século 21, os jornalistas de opinião ocuparem lugares de especialistas de distintos campos do saber (saúde, linguagem, segurança, economia, entre outras) e enunciarem soluções, problematizações, críticas etc. de temas próprios dessas áreas do saber.

Há um incômodo que a matéria faz emergir. O público das universidades têm se modificado, especialmente a partir do acontecimento discursivo da Lei de Cotas, de 2012, e de outras políticas de ação afirmativa, de modo que passaram a ter mais pessoas pobres, pretas, pardas, indígenas e com deficiência, que colocam na ordem do discurso acadêmico as pesquisas relacionadas a questões sociais, cultura popular, raça, gênero e outros temas de relevância científica e social, mas menosprezados pelo público a que a Gazeta do Povo se propõe a dirigir.

Aliás, o jornal convoca esse público a desprezar essas pesquisas e a se colocar contra as universidades públicas, com enunciados como “bancadas com dinheiro público” e “difíceis de explicar ao contribuinte, que arca com todas as despesas”, característicos da razão neoliberal e da elaboração do referencial de ciência como algo que deve ser útil para o desenvolvimento econômico. A resposta da pesquisadora mencionada na matéria da Gazeta busca mostrar que o que ela fez é ciência de verdade – “os saberes que eu desvendara” – e que a inutilidade é relativa – “uma pesquisa de caráter não utilitário que permitiria implementar políticas úteis”. Mas o jornalista recrudesce e, no seu texto seguinte, chama as pesquisas de “pouco relevantes” e acusa as universidades de “rebaixamento moral” e os pesquisadores de não aceitarem críticas. A argumentação continua construída sob o ponto de vista econômico, reafirmando que, não havendo recursos para todos, um determinado tipo de produção de conhecimento não merece ser financiado.

Sete anos depois, em 3 de junho de 2024, o mesmo jornalista, Gabriel de Arruda Castro, voltou a publicar na ‘Gazeta do Povo’ matéria semelhante, intitulada “20 teses insólitas que acabaram de sair do forno nas universidades do Brasil”, com a mesma estrutura

da matéria de 2017. Entre os trabalhos cuja relevância é diminuída pela matéria estão aqueles que criticam o agronegócio e o capitalismo e denunciam o golpe contra Dilma Rousseff, apontam o negacionismo científico do governo Bolsonaro e novamente pesquisas que abordam sexualidade, gênero e cultura popular (Castro, 2024a).

Os enunciados formulados nesses títulos são próprios do terreno das mídias sociais digitais, em que se disputa a atenção do público por cliques e visualizações, apelando para uma mesma fórmula de síntese e generalização. As condições de possibilidade para que enunciados como esses possam ser formulados e divulgados ligam-se ao seu veículo de publicação: o jornal ‘Gazeta do Povo’, de Curitiba, capital do Paraná, o terceiro estado com maior número de pessoas que declaram seu posicionamento político como de direita no Brasil (36%), atrás apenas de Rondônia (41%) e Santa Catarina (37%), de acordo com a pesquisa Panorama Político, divulgada em 27 de setembro de 2024 pela revista Veja (Brites, 2024). A ‘Gazeta do Povo’ divulga, em seu site, as suas “convicções editoriais”, entre elas, pautas geralmente de direita, como “defesa da vida desde a concepção”, “a importância do casamento” e “menos Estado e mais cidadão”. Portanto, trata-se de um jornal que se inscreve em uma formação discursiva de direita e diz, sobre ciência, aquilo que lhe é possível.

A matéria "20 teses insólitas que acabaram de sair do forno nas universidades do Brasil" referencia outra, publicada pelo mesmo autor em 26 de maio de 2024, intitulada “Marx, Paulo Freire e Foucault: os autores mais citados em universidades do Brasil”, em que se diz:

> A afirmação de que as universidades brasileiras estão imersas na influência ideológica de pensadores de esquerda não é nova. Mas, na maior parte das vezes, ela se baseava em episódios esparsos que vinham à tona ocasionalmente: um professor flagrado fazendo campanha política dentro da sala de aula, um curso transformado em pregação ideológica ou uma manifestação extremista dentro de um campus universitário.
> Agora, a Gazeta do Povo encontrou provas de que essa afirmação é, ao menos em parte, verdadeira.
> Uma análise em larga escala de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas em 2022 e 2023 indica que Karl Marx, Paulo Freire e Michel Foucault — todos de esquerda — são os três autores mais citados da academia brasileira.
> A análise usou o Banco de Teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O levantamento incluiu a íntegra 7.000 trabalhos escolhidos a esmo, sem qualquer pré-seleção de universidades ou disciplinas. (Castro, 2024b)

O enunciado busca vincular as ações dos pesquisadores das universidades aos nomes dos teóricos, partindo de uma ideia de que esses cientistas não são pensantes ou críticos, mas

tão somente reprodutores de outros dizeres. Assim, há a produção de um efeito de verdade: há ciência de esquerda e ciência de direita. A ciência de direita nega os pesquisadores de esquerda, que questionam, que contestam os sistemas estabelecidos, normalizados e naturalizados, que não veem a ciência como um processo para se obter produtos e desenvolvimento econômico.

Nessa ordem do discurso sobre a ciência como um objeto em constante disputas por diferentes sujeitos sobre o que seria o dizer verdadeiro, também entram as próprias instituições de pesquisa, incluindo seus pesquisadores e divulgadores. Um caso bastante emblemático é o do Instituto Butantan, vencedor da edição de 2024 do Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, promovido pelo CNPq. A justificativa para a premiação do instituto, entre 40 inscritos, de acordo com a organização, foi:

> A escolha da instituição agraciada reflete a sua trajetória nas áreas de pesquisa, ensino, divulgação científica e cultura. A instituição, que nasceu em 1901 para combater um surto de peste bubônica no estado de São Paulo, mudou o rumo de muitas outras epidemias com o desenvolvimento de soros contra venenos e toxinas e de vacinas contra doenças infecciosas como gripe, febre amarela, tuberculose e, mais recentemente, COVID-19. (CNPq, 2024).

Por isso, incorporamos ao arquivo analítico desta tese o videoclipe ‘Vacina Butantan - Remix Bum Bum Tam Tam’, do cantor MC Fioti (2021c), feito em parceria com o Instituto Butantan e lançado em janeiro de 2021, e a rede discursiva produzida a partir dele[17]. A análise que fazemos aqui passa pela observação dos processos de constituição, formulação e circulação do discurso, pois esses três aspectos permitem apreender as distinções entre a cultura popular e a divulgação científica, o que faz com que sejam produzidos sentidos distintos sobre ciência. Assim, conforme Sargentini (2010, p. 100), trabalha-se com “uma noção de discurso ampliada, que nos leve a estudar o enunciado linguístico, mas também o conjunto de imagens, gestos, expressões, modos de circulação dos discursos, entre outros”.

O clipe de janeiro de 2021 é uma remixagem da versão original do clipe ‘Bum Bum Tam Tam’, um funk do cantor MC Fioti (2017), lançada em 8 de março de 2017, no Canal KondZilla, no Youtube, e que é o vídeo brasileiro mais assistido na história da plataforma,

---

[17] Uma análise mais aprofundada sobre a materialidade foi apresentada e está publicada em: Almeida, Diélen dos Reis Borges; Dorne, Vinícius Durval. Ciência, funk e poder: o discurso da comunicação pública do Instituto Butantan. *In*: Congreso da Asociación Lationamericana de Investigadores de la Comunicación, 2022, Buenos Aires. **Memorias Congreso ALAIC 2022**. Buenos Aires: ALAIC/FADECCOS, 2022. Disponível em: https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/536 e em https://drive.google.com/file/d/1PfDn1CFv2qlTZvhhih1yRXgCD5L23UOW/view. Acesso: 30 mar. 2023.

com 1.865.806.624 visualizações[18]. No clipe, o cantor recebe uma lâmpada mágica e libera um gênio, que lhe sinaliza a concessão de três desejos. Um deles é a flauta mágica, que MC Fioti passa a tocar e seduzir mulheres. Após o sucesso no Brasil, a música ainda foi relançada em outras versões remixadas por artistas internacionais.

Desde a sua versão original, "Bum Bum Tam Tam" mistura elementos do gênero funk com os das músicas consideradas "clássicas". A canção tem trechos de flauta que reproduzem a "Partita em Lá menor", composta pelo alemão Johann Sebastian Bach, em 1723 (Ortega, 2017). A mistura inusitada do funk com música clássica reverberou na área da educação, quando 'Bum Bum Tam Tam' apareceu em uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), aplicado em 17 de janeiro de 2021.

Naquele mesmo mês, contudo, o funk 'Bum Bum Tam Tam' já tinha sido enunciado em associação com outro saber: o da ciência, no contexto da pandemia de covid-19. Em 7 de janeiro de 2021, o Brasil tinha atingido a marca de 200 mil mortes por covid-19 (Valente, 2021). Esse número era mais uma notícia trágica desde que a Organização Mundial de Saúde (OMS) havia declarado pandemia da doença provocada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2, em 11 de março de 2020. Porém, no mesmo dia, o Brasil recebeu uma notícia na contramão da tragédia: o Instituto Butantan anunciou que a vacina Coronavac, desenvolvida em parceria com a biofarmacêutica chinesa Sinovac Life Science, tinha atingido índice de eficácia de 100% para casos graves e moderados de covid-19 e 78% de eficiência contra casos leves (São Paulo, 2021).

Nas redes sociais digitais, observamos que o assunto foi amplamente divulgado e comemorado pelos internautas. Entre notícias e memes (publicações humorísticas que se espalham rapidamente pela internet), circularam diversas postagens que faziam referência a três coincidências fonéticas: o ato de tomar vacina no bumbum (ainda não estava difundida a informação de que a vacina contra covid-19 seria aplicada no braço); o nome do instituto que desenvolveu a vacina, Butantan; e sonoridade da música 'Bum Bum Tam Tam', de MC Fioti. Nas redes sociais, por vezes, é difícil precisar quem foi o primeiro perfil a publicar um enunciado, mas foi a postagem de uma *fancam* – palavra formada a partir da junção entre *fan* (fã, em inglês) e *cam* (abreviação de câmera), que designa clipes curtos editados pelos admiradores de um artista – sobre a vacina Coronavac, feita no dia 7 de janeiro, no antigo Twitter, atual X, que viralizou. O vídeo contém imagens retiradas de notícias sobre o desenvolvimento da vacina, com a música 'Bum Bum Tam Tam' ao fundo. A publicação,

[18] Este dado se refere ao que foi computado até 5 jan. 2025.

feita pelo perfil @deckerjdoe (Deckerjdoe, 2021), teve 88 mil curtidas e mais de 33 mil compartilhamentos (27,2 mil *retweets* e 6.074 *tweets* com comentários)[19].

Outros enunciados vão se formando na malha discursiva em decorrência do videoclipe. No dia seguinte, a produtora KondZilla publicou a notícia de que a música de MC Fioti havia se tornado "hino da Coronavac" e observamos como se produz o efeito de que a ciência tem o poder de salvar:

> Se você não pegou o trocadilho, vem com a gente: o nome do Instituto que desenvolveu a vacina é Butantan. E no funk, Fioti canta "vem com o Bum Bum Tam Tam". Ele praticamente viu o futuro e já sabia que o Instituto Butantan ia salvar geral do corona! Nas redes, milhares de pessoas têm compartilhado vídeos da vacina, as chamadas "fancams" ou "edits", que se popularizaram com os fãs de kpop, mas com o funk.
> Na rua, uma mensagem comemorando a eficácia da Coronavac também foi exibida na fachada de um prédio, com os dizeres: "Vai com o Bum Bum Tam Tam, Mexe o Bum Bum Tam Tam. Viva o Butantan. Viva o Sus!". (Bum [...], 2021, grifos nossos).

O perfil @fiotimc (Fioti, 2021a), que se apresenta no Twitter/X como "perfil oficial" do cantor, embora não tenha o selo de verificação, publicou dois *tweets* anunciando que faria uma nova versão da música. Um deles dizia: "Já que viralizou 🤷🏾‍♀️ Vou lançar uma versão da BumBumTamTam Pra vacina do #coronavac Aguardem …". No outro, chegou a compartilhar uma foto que também viralizou, de uma projeção em um prédio com o refrão da música seguido das frases "Viva o Butantã" e "Viva o SUS". Expressões como "Viva o SUS", "defenda o SUS" e outras similares são enunciadas no sentido de uma necessidade da população em proteger e defender o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil, um sistema de saúde pública universal, criado há 35 anos a partir da Lei 8080/1990 (Brasil, 1990) e totalmente financiado pelo Estado, porém, com problemas estruturais e, em certa medida, ameaçado pelas políticas do Governo Federal de Jair Bolsonaro (2019-2022), em que houve redução e desvio de recursos públicos que deveriam ser destinados à saúde (Cunha, 2021; Dinheiro [...], 2021).

Uma semana depois do anúncio da eficácia da vacina Coronavac e da "viralização", nas redes sociais digitais, de publicações que comemoravam a notícia com a reprodução do funk, em 15 de janeiro de 2021, MC Fioti e sua equipe foram ao Instituto Butantan, em São Paulo, onde gravaram a nova versão do clipe, intitulada 'Vacina Butantan - Remix Bum Bum

[19] Estas informações se referem ao acesso em 25 nov. 2021. Ao acessar em 25/12/2024, o link redireciona para o perfil @swiftffe, porque houve mudança no nome de usuário. Na descrição do perfil, permanece o nome "deckerjdoe". Também há alterações nos números de interações com a postagem, devido a perfis que foram desativados ou criados nos últimos três anos.

Tam Tam'. Assim, tomamos a divulgação científica como um acontecimento discursivo, que mobiliza séries de outros dizeres. No mesmo dia, a gravação foi notícia nos perfis oficiais do centro de pesquisa nas redes sociais, como exemplificamos com a Imagem 22.

Imagem 22 — Divulgação feita pelo Instituto Butantan, em seu perfil no Instagram, sobre a gravação do clipe 'Vacina Butantan - Remix Bum Bum Tam Tam', de MC Fioti



Fonte: Instituto Butantan (2021c)

A publicação de divulgação (Imagem 22), feita no perfil @butantanoficial no Instagram, enuncia uma relação importante que também se materializa no clipe: uma união potente entre dois universos muito distintos, o científico e o popular, sendo um com o poder

de curar e outro com o poder de influenciar. Vale relembrar que, na perspectiva foucaultiana, o poder "se exerce em níveis e pontos diferentes da sociedade, configurando uma rede de micro-poderes" (Navarro, 2008, p. 63).

Trata-se de uma postagem no formato carrossel, com três fotos que são exibidas conforme o seguidor desliza o dedo da direita para a esquerda, e que reproduzimos anteriormente de forma separada para possibilitar a análise. Na foto, o funkeiro está na porta do centro de pesquisa, depois em meio aos livros da biblioteca e, por fim, ao lado do presidente do Butantan, Dimas Covas, segurando um frasco da vacina Coronavac.

Conforme vinha sendo anunciado, o clipe 'Vacina Butantan - Remix Bum Bum Tam Tam' foi lançado em 23 de janeiro de 2021, no Canal KondZilla, no Youtube (Fioti, 2021c), e tem 14.848.684 visualizações[20]. O Instituto Butantan também divulgou o clipe em suas redes sociais e, assim, cada vez mais, o discurso de divulgação científica e comunicação pública da ciência também vai integrando o campo associado que começou com a população nas redes sociais, mobilizou artistas, passou pelos cientistas, por fim, chega aos governantes.

No perfil @butantanoficial, no Instagram, a legenda do clipe diz que "o remix traz a mensagem de que a imunização é o caminho mais curto para protegermos a nossa saúde. A feliz união entre a ciência e o funk visa conscientizar as pessoas, inclusive os jovens, sobre a importância da vacina. Se é do Butantan, pode confiar" (Instituto Butantan, 2021d, grifos nossos). Novamente observamos o elogio à união entre a ciência e o funk, chamada de "feliz". Os cientistas se constituem como sujeitos que detêm o conhecimento, autoridades que atestam a confiabilidade das vacinas, porém, ainda que não seja dito explicitamente, é possível depreender que eles não têm a capacidade de fazer com que esse conhecimento chegue até a população, em contraposição ao funkeiro, que se constitui como sujeito cuja origem está nas comunidades populares e que, por meio da música, é capaz de conscientizar e influenciar.

Além da divulgação nas redes sociais, o site institucional do Butantan publicou duas notícias sobre a produção em parceria: "Do Capão Redondo para o Butantan, MC Fioti representa no funk e incentiva vacinação", no dia 21 de janeiro de 2021, informa sobre a gravação no centro de pesquisa (Do Capão [...], 2021); e "Estreia nova versão de 'Bum Bum Tam Tam', de MC Fioti, gravada no Butantan", reporta o lançamento do clipe (Estreia [...], 2021).

Observa-se a recorrência de enunciados sobre o poder de alcance e influência sobre a população que o funk tem – em oposição à ciência, que não o teria – e que essa parceria tem

[20] Este dado se refere ao que foi computado até 5 jan. 2025.

importância vital frente ao negacionismo científico, um fenômeno observado no Brasil contemporâneo, que cresceu no contexto de disseminação de notícias falsas pela internet, e que geralmente está relacionado ao posicionamento político da extrema direita. O instituto atesta que o funk "se tornou hino da vacina", refere-se ao funk como "esperança e incentivo à Ciência" e diz que a nova versão "não deixa de ser uma homenagem à corrida do Butantan pela vacina" (Do Capão [...], 2021). Na reportagem do dia 26, repete-se que o clipe "traz letra adaptada de incentivo e valorização à Ciência" (Estreia [...], 2021).

É citada também a fala do produtor do clipe, Michael Muller Fardin: "esse projeto é a maneira mais fácil de chegar na população e que chama muita atenção do público. E reforçou: 'Isso, inconscientemente [para a maioria dos fãs], vai ajudar mais pessoas a tomarem a vacina'" (Do Capão [...], 2021, grifos nossos). Outra fala citada é da assessora de MC Fioti, Dagmar Alba, também no sentido de defender a relevância da ação e o poder do funk: "O funk vai mostrar que a vacina é importante" (Do Capão [...], 2021). O próprio cantor é entrevistado e as falas dele citadas na reportagem repetem o discurso de poder de influência social do funk:

> Em entrevista, MC Fioti falou com seriedade sobre como esse casamento entre a ciência e o funk vai refletir na opinião de seu público. "De maneira diferente, porque o funk é muito importante para nossa comunidade e muda muito a vida de jovens na periferia. Essa junção da ciência com o funk vai fazer a molecada se conscientizar e tomar a vacina. Isso vai ser muito importante e vai ter um impacto grande".
> "Para mim vai ser mais uma posição de revolução, porque quando lançamos a versão original da Bum Bum Tan Tan, ela revolucionou nosso mercado. A gente recebe muitas críticas, porque é um movimento 100% da periferia, as pessoas acham que é coisa de bandido, de marginal. Estamos provando mais uma vez que nosso funk tem poder e que quebra qualquer tipo de barreira que colocarem na nossa frente", avaliou o artista. (Do Capão [...], 2021, grifos nossos).

Os profissionais do Instituto Butantan citados na reportagem também enunciam no sentido de que o funk é um instrumento de conscientização. A colaboradora Hosana Evagelista, da área de TI, participou da gravação do clipe e disse: "Com esse projeto, a gente consegue se aproximar do público. E o funk é tão brasileiro. É um dos principais movimentos capazes de levar isso pra fora, difundindo a verdade sobre a vacina e a parte importante, que é o que o Butantan faz" (Do Capão [...], 2021, grifos nossos). A matéria cita ainda a profissional Ana Carolina Cabral, da Assessoria Técnica, que afirma que "essa união entre MC Fioti e Butantan vai combater fake news sobre a Coronavac" (Do Capão [...], 2021, grifos nossos).

Esses enunciados se ligam ao campo associado, por exemplo, de matérias como as da ‘Gazeta do Povo’, que criticam a interação entre o fazer científico acadêmico e tradicional com os saberes populares, inclusive do funk. Além disso, discursivamente, vamos observando como, ao enunciar que precisa do funk para se aproximar da sociedade, a ciência confirma seu atual distanciamento dessa sociedade.

Essa distância se constituiu historicamente por diferentes fatores. Podemos apontar, por exemplo, que o início do processo de democratização do ensino básico no Brasil não tem nem um século[21]. Além disso, como dissemos na seção anterior, o acesso à educação superior e, consequentemente, à produção científica esteve predominantemente restrito às elites econômicas durante quase toda a nossa história, uma vez que a Lei de Cotas, nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que prevê a reserva de vagas nas instituições federais de ensino, com base em critérios sócio-econômicos, foi sancionada há pouco mais de uma década. Outra causa do distanciamento entre ciência e sociedade é o próprio discurso científico-acadêmico, em geral, pouco compreensível para o público não especializado.

Entretanto, a situação é complexa, pois em um cenário de possibilidades, como na época da vacinação contra a covid-19, a população também se aproxima da ciência, chegando a estampar em seu vestuário e em cartazes a importância da ciência em suas vidas. Assim como o caso da parceria entre o Instituto Butantan e o cantor MC Fioti foi motivado por manifestações do público, nas redes sociais, por meio da publicação e viralização de memes.

Considerando que, em geral, existe certo distanciamento entre ciência e sociedade é que surgem as ações de comunicação pública da ciência, de que já tratamos nas seções anteriores. Assim, por mais que a divulgação institucional e jornalística de ciência faça circular discursos cujas formas sejam linguisticamente mais acessíveis ao público não especializado, ainda implica restrições no processo de circulação, o que acaba reduzindo o impacto do discurso científico e o seu alcance na produção de sentidos na sociedade.

Nesse cenário, a parceria com influenciadores digitais e artistas populares aparece como possível aliada da divulgação institucional e, ao observarmos os resultados da parceria entre MC Fioti e Instituto Butantan, percebemos que outro enunciado recorrente foi no sentido de mostrar que dois mundos diferentes estavam se encontrando. Nas palavras do próprio Instituto, um marco que reúne ciência e funk. A reportagem diz que “o Flash Mob

[21] Mais informações sobre a história da educação brasileira, como a de que a educação aparece como direito de todos os brasileiros e estrangeiros domiciliados no país apenas na Constituição de 1934, estão disponíveis no site do Ministério da Educação: http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-%20brasileira. Acesso: 20 abr. 2022.

trouxe ao Butantan uma sexta-feira diferente, mas que marcou a carreira do artista, assim como a história da vacina brasileira" (Do Capão [...], 2021). Há uma historicidade que se manifesta nesses discursos, nos quais o mundo da ciência, tradicionalmente ocupado por uma elite com acesso à educação superior, mistura-se ao popular. De acordo com Sargentini (2010), os discursos têm fronteiras históricas e os sujeitos pensam no interior das fronteiras do discurso do momento. Assim, é possível afirmar que a precariedade no acesso ao ensino básico e superior e a falta de acesso à cultura científica, de que tratamos na seção 3 ao falarmos sobre ciência para o desenvolvimento social, além do desmonte da ciência e o fortalecimento do negacionismo, configuram condições e fronteiras históricas para a emergência de enunciados como uma camiseta que estampa "tomei vacina graças à ciência" ou um funk sobre a vacina do Butantan.

Uma vez que "toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – *faz circular* – formulações anteriores, já enunciadas" (Courtine, 2009, p. 104, grifo do autor), observamos o funcionamento do clipe no sentido de desestigmatizar os cientistas: eles deixam os laboratórios, os jalecos brancos e os EPIs e caminham para fora do centro de pesquisa, para dançar vestindo roupas comuns. O funk e a ciência mobilizam redes de memória específicas, mas, nessa materialidade audiovisual, elas se entrelaçam para a formação do discurso de que os cientistas são pessoas próximas nas quais podemos confiar e também do discurso de conscientização sobre a importância da vacinação. Portanto, uma vez que o funk exerce um determinado poder na sociedade, isso denota como o poder não está somente nas instituições nem na ciência. É por exercer esse tipo de poder que o funk consegue fazer o enunciado da ciência circular por muitos outros lugares.

Nos enunciados que fabricam a parceria entre o Butantan e o funkeiro MC Fioti, para a produção do clipe, é possível identificar o exercício de poder científico, o exercício de poder cultural e a articulação desses poderes na fabricação de resistências.

A análise dos procedimentos que determinam as condições de funcionamento do controle do discurso no clipe e em outras sequências enunciativas também possibilita observar fatores de rarefação do discurso de divulgação científica muito próprios da atual conjuntura. Conforme Foucault (2000), pensamos o discurso no sistema de sua institucionalização; no caso da parceria entre Butantan e MC Fioti, a institucionalização se deu após um movimento orgânico das redes sociais, de pessoas comuns que postaram suas próprias fotos da vacinação com a música de fundo, de memes que viralizaram relacionando as coincidências fonéticas entre o nome do centro de pesquisa e o bumbum cantado no funk. Se, aos sujeitos que pronunciam, são impostas certas regras e "ninguém entrará na ordem do discurso se não

satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo" (Foucault, 2014a [1970], p. 35), como citamos anteriormente, o cantor MC Fioti é autorizado a divulgar a ciência tanto pelo público, que já havia feito a relação entre a música dele e a vacina, quanto pelo centro de pesquisa, que o convida para uma ação de comunicação pública institucional. Os aspectos que unem público, funkeiro e cientistas são o posicionamento pró-vacina e a lacuna entre ciência e sociedade.

O Instituto Butantan, assim como outras instituições de pesquisa, por meio dos seus canais de divulgação, também atua no enfrentamento à disseminação de *fake news* (notícias falsas) e negacionismo científico, que consideramos como acontecimentos discursivos. Como explica a seção 1 desta tese, esses acontecimentos produzem, em contrapartida, o *fact-checking*, ou seja, a publicação de conteúdos por veículos de mídia, agências e assessorias que apresentam a checagem de informações a fim de confirmá-las ou refutá-las.

Para esse tipo de discurso, o arquivo selecionado para a análise é uma publicação feita pelo Instituto Butantan, no dia 4 de abril de 2021, no seu perfil @butantanoficial na rede social Instagram, com o objetivo de desmentir uma informação falsa sobre pesquisas desenvolvidas pelo instituto.

Imagem 23 — Publicação do Instituto Butantan no Instagram desmentindo notícia falsa



Fonte: Instituto Butantan (2021b)

O sujeito enunciador se constitui como aquele que está autorizado a dizer o que é verdadeiro ou falso no que se refere à ciência: um centro de pesquisas com 120 anos, principal produtor de imunobiológicos do Brasil, responsável por vacinas e soros aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e utilizados pelo Ministério da Saúde (MS) em todo o país. Os logotipos do Instituto Butantan e do Governo do Estado de São Paulo estampados na parte inferior da imagem são marcas que ratificam a institucionalidade do enunciado e sua autoridade para dizer.

O enunciado se liga a outro, mostrado por meio da foto de um telefone celular em que se vê a reprodução de uma publicação feita no grupo Dignidade Médica, na rede social Facebook. Essa publicação, explicitamente citada pelo perfil do Butantan, afirma que os dados referentes ao estudo clínico de imunização da população do município de Serrana (SP) com a vacina CoronaVac "são preocupantes" — aliás, discurso marcado pela contradição, cujo sujeito enunciador também diz aos colegas médicos que não quer deixá-los "tristes ou preocupados".

Na reprodução, não é possível ler que "dados preocupantes" são esses, pois o perfil do Instituto Butantan cobre essa parte da foto com uma arte gráfica simulando um carimbo de tinta vermelha que cunha a detecção de "FAKE NEWS", ou seja, um enunciado que não deve ser lido porque é mentiroso e, nesse contexto, é perigoso, posto que "também é vírus". Nessa expressão, que se liga à anterior, formando o enunciado "fake news também é vírus", nota-se o entrelaçamento do discurso de comunicação pública com o discurso científico que define a pandemia de Covid-19, doença causada por um vírus. Tem-se, assim, o sentido de que as *fake news* são tão perigosas para a saúde quanto o vírus que matou milhares de brasileiros.

O enunciado "Compartilhar informações sem embasamento científico é um desserviço à saúde" revela a posição do sujeito que enuncia: defesa da ciência como instituição autorizada a dizer o que é válido ou não para a saúde humana e oposição ao negacionismo científico crescente durante a pandemia.

Também é possível observar o descentramento do sujeito, que tem a ilusão de controlar o que diz — especialmente na comunicação pública, em um perfil oficial —, mas o que ocorre é a produção de uma resposta de um médico para demais médicos em outra rede social. O discurso científico do Instituto Butantan rebate, desautoriza e nega o discurso médico que circula no grupo Dignidade Médica, com o uso de construções que não abrem margem para a dúvida, como "é preciso", "é maldosa", "é leviana" e "é um desserviço".

O sujeito enunciador da comunicação pública da ciência no perfil @butantanoficial não apenas diz o que é cientificamente correto, como também o que não é; não só divulga a ciência produzida pelo Butantan, mas também rebate as *fake news* que acusam a instituição. A própria linguagem utilizada na postagem se contrapõe àquela que se usaria em um artigo publicado entre pares, para tratar sobre a pesquisa em curso. O discurso de divulgação científica se liga ao discurso da notícia falsa ao negá-lo e condená-lo por completo: "qualquer informação que circule" é maldosa e leviana; "tudo o que se disser agora" é especulação.

Como comunicação oficial do instituto, o enunciado reforça a marca: "A vacina do Butantan é segura e eficaz". Por que o Butantan investe esforços em enunciar em defesa da

vacina dele? No cenário brasileiro de disputas políticas, na época entre o ex-presidente da Jair Bolsonaro e ex-governador João Dória, em que o primeiro assumia uma postura negacionista e o segundo se associava à salvação científica, a marca sendo reforçada não é apenas a do Butantan, mas também a do próprio ex-governador paulista.

Por fim, é importante apontar as brechas nesse dizer, que procura controlar e ser detentor da verdade. A postagem afirma que a vacina do Butantan "é a que está sendo aplicada hoje em 90% dos brasileiros", quando na verdade o índice de pessoas que haviam tomado a primeira dose estava em torno de 10%. O perfil @butantatanoficial provavelmente se refere à porcentagem de 90% calculados dos 22 milhões de brasileiros que haviam sido vacinados. Os outros 10% tomaram a vacina Oxford/ AstraZeneca/ Fiocruz.

Com relação à política de desmonte, embora os institutos de pesquisa tenham sofrido sucessivos cortes de recursos orçamentários nos últimos anos por parte dos governos federal e estaduais, inclusive o Instituto Butantan, isso não aparece no enunciado. Politicamente, são respondidos os discursos de que atacam a CoronaVac, não só o da publicação no grupo Dignidade Médica, mas também o do ex-presidente da República e/ou de seus apoiadores — que se referem à CoronaVac como "vachina", em alusão xenofóbica à parceria com o laboratório da China —, ao se afirmar que "A vacina do Butantan é segura e eficaz".

O sentido de ciência produzido neste enunciado é o de uma instituição confiável, autorizada a dizer o que é melhor ou não para a vida humana. Especialmente em uma pandemia, a ciência é envolvida nos conflitos políticos — a ponto de que considerá-la ou negá-la inscreve os sujeitos em determinado grupo político ou em outro — e isso aparece no discurso da comunicação pública da ciência.

Assim, ao longo dessas três subseções, descrevemos e analisamos a verdade da ciência no jornalismo, a partir das relações de saber-poder responder às dúvidas e conduzir as condutas dos sujeitos; a verdade da ciência na política, em que as relações produzem dizibilidades sobre o que seria a ciência de verdade ou não, sob forças de ataque e defesa de diferentes grupos; e a verdade da ciência para pesquisadores e divulgadores, demandados pelo saber-poder tanto de fazer quanto de comunicar a ciência.

5 REFLEXÕES SOBRE O DIZER (DA) CIÊNCIA: DISPUTAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E VERDADE

Como encerrar uma pesquisa cujo arquivo analítico não para de ser produzido e de (re)circular? Quando iniciamos este estudo, em 2021, embora estivéssemos construindo um arquivo que buscava enunciados desde 2001, o mundo vivia a pandemia de covid-19 e mais sujeitos entraram na ordem do discurso sobre ciência por conta disso. Agora, já não estamos mais na pandemia, mas em uma emergência climática e na ascensão acelerada da inteligência artificial, de maneira que a ciência continua sendo referencial de uma multiplicidade de discursos, constituída nos próprios dizeres. Continua sendo política e polarizada, midiática e social, como no vasto arquivo que compõe esta tese. E já era, muito antes da pandemia. Além disso, a ciência contemporânea, especialmente a divulgação científica, entra em jogo com outras instituições de dizibilidade, como perfis e canais de *coaches* e influenciadores que não fazem ciência, mas produzem efeitos de verdade de ciência sobre a condução de condutas dos sujeitos. Pesquisadores de diferentes áreas atuam como definidores apaixonados do que passa na peneira do que é ciência e o que é retido como pseudociência. Ou seja, os estudiosos que forem analisar os discursos sobre ciência produzidos ao longo deste século terão muitas materialidades para escavar.

Nesta tese, em que buscamos cartografar as relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21, levantamos algumas problematizações. A primeira delas é que, na perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a ciência se constitui além do saber, porque ela é fruto das relações de saber e poder, de modo que as condições de possibilidade permitem um dado tipo de ciência em cada formação histórica. Essas relações de saber-poder envolvem, sobretudo, forças econômicas, que na contemporaneidade se constituem fortemente na racionalidade neoliberal, a qual generaliza a concorrência como norma de conduta e estabelece a empresa como modelo de subjetivação. Desse modo, cada sujeito é um empresário de si mesmo e concorre com todos os outros, em uma lógica que transpassa todas as esferas da vida social, da qual não escapam pesquisadores, divulgadores e até estudantes. Imbricadas com as forças econômicas estão as políticas, pois diferentemente do que podem fazer crer alguns pregadores do neoliberalismo, o Estado tem papel fundamental para o funcionamento da racionalidade neoliberal, regulando as relações para o funcionamento da economia capitalista. Ademais, devido à forma como funciona a pesquisa científica no país, dependente do financiamento estatal, o interesse público do fazer e dizer científico acaba envolto no jogo de disputas político-econômicas. Dessa forma, há uma

contradição histórica: o mesmo neoliberalismo que vai capturando a ciência também pode ser uma ameaça de desmonte da sua estrutura.

O segundo levantamento a que chegamos, obviamente relacionado ao primeiro, é que há uma formação discursiva sobre ciência no Brasil que a coloca como meio e condição para se chegar ao desenvolvimento do país, seja econômico e/ou social. Na materialidade dos enunciados produzidos por instituições, governos, pesquisadores e divulgadores, regularmente encontramos o trinômio "ciência, tecnologia e inovação", inclusive no nome do próprio ministério, evocando uma aplicabilidade prática e objetiva do conhecimento. Até mesmo os discursos mais progressistas, como de divulgadores científicos e de movimentos de pesquisadores, precisam se converter à lógica do capital para que esses profissionais continuem tendo condições de trabalhar. Consequentemente, entre governantes, observamos que é sempre um devir, como se a ciência nunca tivesse se realizado e que, a cada mandato, é preciso dizer que "agora" o desenvolvimento científico e tecnológico vai acontecer. No campo associado, o discurso político sobre ciência se liga ao discurso capitalista e neoliberal, ao mercado, ao lucro, de tal modo que a ciência tem que servir para alguma coisa. No desenvolvimento científico, a prioridade é econômica. A ciência é pensada como empresa e discursivamente se constroem ideias de qual ciência merece ou não receber financiamento, ou seja, qual é a ciência de verdade. Os próprios cientistas acabam imersos na lógica produtivista de entrega de resultados. Nessa rede discursiva política e econômica, enunciados sobre desenvolvimento social, e por vezes o sustentável, por mais que precisem da repetibilidade da ideia de desenvolver, acabam sendo resistências ao imperativo econômico.

A esse resultado se liga nossa terceira reflexão, a de que a palavra "ciência", ainda hoje — a despeito do negacionismo científico —, é acionada como legitimadora de verdades, para oferecer respostas úteis e confiáveis para sujeitos que vivem as incertezas fabricadas na contemporaneidade. Afinal, a ciência pode não estar sempre certa, mas é o caminho mais seguro que os seres humanos vêm trilhando para construir algum saber. Entretanto, como veículos de comunicação não escapam à lógica de mercado, o efeito de verdade sobre ciência acaba conduzindo condutas para um cuidado de si que visa ao desempenho dos sujeitos, constituindo a subjetividade contemporânea ideal de ser produtivo e, de preferência, feliz. Há, contudo, resistências em algumas reportagens que convidam o público a refletir sobre o fazer científico e as condições em que os pesquisadores trabalham no país.

Ocorre que, no jogo de forças das relações de saber-poder sobre ciência de verdade, quando a própria ciência é ameaçada por governos por meio do negacionismo científico ou da descredibilização das instituições, gerando consequências como cortes de recursos para pesquisa e o incentivo de atitudes arriscadas para a saúde, entram na ordem do discurso

jornalistas, políticos, pesquisadores, divulgadores, artistas e a própria população — todos dizendo o que seria, ou não, ciência de verdade. Esses dizeres são possíveis pela própria inscrição desses sujeitos discursivos em grupos, instituições assentadas em dados regimes de verdade sobre o saber-poder científico e que os constituem como sujeitos do conhecimento. E essa é a quarta questão levantada nesta tese.

Assim, quando os enunciados dizem "ciência", nem sempre se trata do mesmo objeto discursivo; vão-se construindo diferentes "objetos ciência", distintos referenciais, de modo que a existência material do dizer ciência é tanto repetível quanto variável, conforme vai sendo produzida e transformada dentro das possibilidades de aparecimento, diferenciação e circulação. Logo, a ciência é resultado das relações de saber-poder, deve servir ao desenvolvimento, constrói verdades para a conduta dos sujeitos e é, ela própria, objeto de disputas sobre o que seria o dizer verdadeiro. Essa é a nossa tese, concebida por meio da cartografia do discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21, e que possivelmente pode se estender a outros tempos e territórios.

Tendo chegado a uma tese, há licença para retomarmos uma provocação que fizemos no início do trabalho, que se relaciona à profissão da autora: será que, nos anos mais recentes, nós, sujeitos divulgadores científicos, nos tornamos *cheerleaders* da ciência? Ao dizermos "ciência" em nossas práticas de comunicação pública, imersos na historicidade desse país onde foi ocorrendo, ao longo das últimas décadas, um tensionamento do saber-poder sobre ciência, entramos em uma ordem do discurso que demanda lutas e militâncias, em relações de forças que buscam torná-la mais democrática, inclusiva, valorizada e divulgada.

Portanto, o discurso de divulgação científica, que se caracteriza por popularizar o conhecimento e promover trocas de saber entre pesquisadores e sociedade, alinhado à perspectiva decolonial, ou contracolonial, pode ser uma prática de resistência ao modelo empresarial da ciência. Não há métodos ou soluções prontas, aplicáveis a todo canto, problema ou instituição. E, na complexidade de nossa constituição como sujeitos divulgadores da ciência, ainda que possamos ser os líderes da torcida, já que a ciência contemporânea demanda essa defesa e encorajamento, não somos fanáticos. Um caminho possível, operando nas próprias relações de poder estabelecidas e encontrando brechas ou construindo fendas, seria o de produzir enunciados no regime de dizibilidade que as condições históricas nos colocam, mas sem perder de vista a instigação do debate crítico sobre ciência, e esta tese pode colaborar nesse sentido. Afinal, o conhecimento científico pode, sempre, exercer um dado poder produtivo: a formação intelectual, crítica, ética e estética dos sujeitos, de todos nós, enquanto dizemos e, portanto, fazemos "ciência".

REFERÊNCIAS

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.abc.org.br/nacional/cooperacoes/parcerias-com-outras-instituicoes/ano-internacional-das-ciencias-basicas-para-o-desenvolvimento-sustentavel/. Acesso em: 15 out. 2024.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Ciência Gera Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.abc.org.br/nacional/divulgacao-cientifica/ciencia-gera-desenvolvimento/. Acesso em: 26 abr. 2024.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Pesquisa básica**: a raiz da ciência. Rio de Janeiro, 2024a. Disponível em: https://www.abc.org.br/nacional/projeto-de-ciencia-para-o-brasil/pesquisa-basica-a-raiz-da-ciencia/. Acesso em: 10 set. 2024.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Presidente Dilma Rousseff sanciona Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Rio de Janeiro, 12 jan. 2016. Disponível em: https://www.abc.org.br/2016/01/12/presidente-dilma-rousseff-sanciona-marco-legal-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao/. Acesso em: 13 jan. 2025.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Reunião Magna**. Rio de Janeiro, 2024b. Disponível em: https://www.abc.org.br/tipo_evento/reuniao-magna/. Acesso em: 31 mar. 2024.

ABCD. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da Universidade de São Paulo. **Quem financia a pesquisa brasileira?** Um estudo InCites sobre o Brasil e a USP. São Paulo, 23 jul. 2018. Disponível em: https://www.abcd.usp.br/noticias/quem-financia-a-pesquisa-brasileira-um-estudo-incites-sobre-o-brasil-e-a-usp/. Acesso em: 16 jan. 2024.

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já mira UnB, UFF e UFBA. **Estadão**, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba/. Acesso em: 12 out. 2023.

ALMEIDA, Camila. Golpe científico: os perigos por trás das revistas predatórias. **Jornal da USP**, 28 ago. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/ciencias/golpe-cientifico-os-perigos-por-tras-das-revistas-predatorias/. Acesso em: 27 set. 2024.

ALMEIDA, Carla; AMORIM, Luís; MASSARANI, Luisa. Ciencia y medios masivos de comunicación en América Latina. *In*: MASSARANI, Luisa *et al.* (Orgs.). **Aproximaciones a la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina a partir de sus artículos académicos**. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2017. p. 59-106.

ALMEIDA, Diélen dos Reis Borges; DORNE, Vinícius Durval. Ciência, funk e poder: o discurso da comunicação pública do Instituto Butantan. *In*: Congreso da Asociación Lationamericana de Investigadores de la Comunicación, 2022, Buenos Aires. **Memorias Congreso ALAIC 2022**. Buenos Aires: ALAIC/FADECCOS, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PfDn1CFv2qlTZvhhih1yRXgCD5L23UOW/view. Acesso em: 30 mar. 2023.

ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria. **Junho de 2013**: a rebelião fantasma. São Paulo: Boitempo, 2023.

ARBEX, Thais. Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids. **CNN Brasil**, Brasília, 03 dez. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contra-covid-a-aids/. Acesso em: 17 fev. 2022.

BALIANA, Francielly. Sobre saberes decoloniais. **ComCiência**: revista eletrônica de jornalismo científico. Dossiê 222. 10 nov. 2020. Disponível em: https://www.comciencia.br/sobre-saberes-decoloniais/. Acesso em: 7 out. 2024.

BARBO, Sérgio. O que a ciência brasileira perdeu com a repressão durante a ditadura? Ditadura: 60 anos do golpe. **Agência Pública**, 7 abr. 2024. Disponível em: https://apublica.org/2024/04/o-que-a-ciencia-brasileira-perdeu-com-a-repressao-durante-a-ditadura/. Acesso em: 8 dez. 2024.

BERTOLLI FILHO, Claudio. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2006. Disponível em: chrome-https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf. Acesso em: 12 ago. 2019.

BIERNATH, André. Os números que levaram OMS a decretar fim da emergência global de covid-19. **BBC News Brasil**, 5 maio 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cl748lv5xn0o. Acesso em: 10 dez. 2024.

BOLSONARO diz que o governo trabalha "ao lado da ciência". **Poder 360**, 10 nov. 2020. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-o-governo-trabalha-ao-lado-da-ciencia/. Acesso em: 15 out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional. Acesso em: 20 set. 2023.

BOTTALLO, Ana. Foi erro de linguagem grosseiro dizer que Parent in Science 'atrapalha muito', afirma Ricardo Galvão. **Folha de São Paulo**, 11 abr. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/04/foi-erro-de-linguagem-grosseiro-dizer-que-parent-in-science-atrapalha-muito-afirma-ricardo-galvao.shtml. Acesso em: 16 out. 2024.

BRAGA, Alex; CAPIRAZI, Beatriz. 'Eu acho que a ciência voltou', afirma membro do grupo de Educação do governo de transição. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 nov. 2022. Disponível em: https://www.jb.com.br/pais/2022/11/1040895-eu-acho-que-a-ciencia-voltou-afirma-membro-do-grupo-de-educacao-do-governo-de-transicao.html. Acesso em: 21 out. 2023.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**, v. 2. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/cnv. Acesso em: 7 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 16 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 31 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016**. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação e altera a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, a Lei nº 12.462, de 4 de agosto de 2011, a Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, a Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, nos termos da Emenda Constitucional nº 85, de 26 de fevereiro de 2015. Brasília, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação**: Principais Resultados e Avanços 2007 - 2010. Brasília: MCT, 2010. Disponível em: https://repositorio.mcti.gov.br/bitstream/mctic/5059/1/2010_plano_acao_ciencia_tecnologia_inovacao_principais_resultados_avancos_2007_2010.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **5ª Conferência Nacional de C, T & I**. Brasília, 2024a. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/centrais-de-conteudo/v_conferencia_nacional_de_cti. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Ministra Luciana Santos anuncia Programa Nacional de Popularização da Ciência**. Brasília, 24 out. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/10/ministra-luciana-santos-anuncia-programa-nacional-de-popularizacao-da-ciencia. Acesso em: 7 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Unidades de Pesquisa**. Brasília, 27 jun. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acesso-a-informacao/unidades-de-pesquisa. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **CAPES adotará classificação de artigos na avaliação quadrienal**. Brasília, 31 out. 2024b. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-adotara-classificacao-de-artigos-na-avaliacao-quadrienal. Acesso em: 5 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições da Rede Federal**. Brasília, 9 set. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plataforma Sucupira**. Brasília, 23 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Atualizado em: 05 dez. 2024c. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRASIL. Senado Federal. Relatório da CPI da Pandemia - Atividade Legislativa. **Senado Federal**, Brasília, 26 out. 2021. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4. Acesso em: 17 fev. 2022.

BRITES, Ramiro. Pesquisa revela os estados com mais eleitores de direita e de esquerda. **Veja**. 27 set. 2024. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/pesquisa-revela-os-estados-com-mais-eleitores-de-direita-e-de-esquerda. Acesso em: 9 jan. 2025.

BRITO, Carina. Marcas de roupas apostam em camisetas temáticas para a vacinação contra covid-19. **Pequenas Empresas & Grandes Negócios**. 01 jul. 2021. Disponível em: https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Moda/noticia/2021/07/marcas-de-roupas-apostam-em-camisetas-tematicas-para-vacinacao-contra-covid-19.html. Acesso em: 11 set. 2024.

"BUM Bum Tam Tam", do MC Fioti, vira hino da Coronavac. **KondZilla**, São Paulo, 8 jan. 2021. Disponível em: https://kondzilla.com/m/bum-bum-tam-tam-do-mc-fioti-vira-hino-da-coronavac. Acesso em: 25 nov. 2021.

BURGIERMAN, Denis Russo. 15 anos de Super. **Revista Superinteressante**, 31 ago. 2002. Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super. Acesso em: 27 jun. 2024.

CALDAS, Graça. Comunicação pública e ciência cidadã. *In*: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). **Comunicação pública**. Campinas, SP: Alínea, 2004. p. 29-47.

CALDAS, Graça. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. *In*: PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha (Orgs.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 18-36.

CAMARGO, Marcelo. Lula reinstala o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e entrega medalhas do Mérito Científico. **Agência Brasil**, Brasília, 12 jul. 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2023-07/lula-reinstala-o-conselho-nacional-de-ciencia-e-tecnologia-e-entrega-medalhas-do-merito-cientifico-1689180087. Acesso em: 21 out. 2023.

CAMPANATO, Valter. Temer diz que não é hora de falar em crise, mas em trabalhar. **Agência Brasil**. 12 maio 2016. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/node/1019559. Acesso em: 13 jan. 2025.

CARVALHO, Carlos André. "A ciência está de volta", diz ministra Luciana Santos. **Folha de Pernambuco**, Recife, 24 fev. 2023. Disponível em: https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/a-ciencia-esta-de-volta-diz-ministra-luciana-santos/35550/. Acesso em: 21 out. 2023.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. **Construindo o saber** - Metodologia científica: fundamentos e técnicas. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 1989.

CASTELFRANCHI, Yurij. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). *In*: MASSARANI, Luisa (Coord.). **Jornalismo e ciência**: uma perspectiva ibero-americana. Rio de Janeiro: Fiocruz / COC / Museu da Vida, 2010. p. 13-22. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/JornalismoeCiencia.pdf. Acesso em: 7 out. 2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda. 20 teses insólitas que acabaram de sair do forno nas universidades do Brasil. **Gazeta do Povo**, 3 jun. 2024a. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/20-teses-insolitas-que-acabaram-sair-forno-universidades-brasil/. Acesso em: 21 out. 2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Desculpe, Mr. Catra: o país deveria repensar o financiamento de pesquisas pouco relevantes. **Gazeta do Povo**, 29 jun. 2017a. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/desculpe-mr-catra-o-pais-deveria-repensar-o-financiamento-de-pesquisas-pouco-relevantes-aljidjfm4m6an7b5uyq51mspu/?ref=link-interno-materia. Acesso 21 out. 2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público. **Gazeta do Povo**, 13 jun. 2017b. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-monografias-incomuns-bancadas-com-dinheiro-publico-a8q52qvze7py9r8qavfieakyl/. Acesso 21 out. 2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Marx, Paulo Freire e Foucault: os autores mais citados em universidades do Brasil. **Gazeta do Povo**, 26 mai. 2024b. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/marx-paulo-freire-foucault-os-autores-mais-citados-universidades-brasil/?ref=veja-tambem?ref=link-interno-materia. Acesso em: 22 out. 2024.

CGEE. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Percepção Pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo Executivo. Brasília: CGEE, 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/web/percepcao. Acesso em: 4 abr. 2023.

CGEE. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Percepção Pública da C&T no Brasil – 2023**. Resumo Executivo. Brasília: CGEE, 2023. Disponível em: https://percepcao.cgee.org.br/. Acesso em: 27 set. 2024.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa. **Manual de Sobrevivência para Divulgar Ciência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CIÊNCIA Sem Fronteiras chega ao fim por falta de dinheiro. **G1**, Brasília, 04 abr. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/ciencia-sem-fronteiras-chega-ao-fim-por-falta-de-dinheiro.html. Acesso em: 10 out. 2023.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Prêmio José Reis de Divulgação Científica**. Premiados Edições Anteriores - 1978 a 2023. Disponível em: http://www.premiojosereis.cnpq.br/web/pjr/premiados. Acesso em: 27 jun. 2024.

COM bom humor, cientistas se mobilizam contra o fim do Ministério da Ciência. **Brasil de Fato**, 6 jun. 2016. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2016/06/06/com-bom-humor-cientistas-se-mobilizam-contra-o-fim-do-ministerio-da-ciencia. Acesso em: 10 out. 2023.

CORRÊA, Marcos. Maior projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente. **Serviços e Informações do Brasil**, Campinas, 21 out. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/maior-projeto-da-ciencia-brasileira-para-pesquisa-comeca-a-funcionar-oficialmente. Acesso em: 25 set. 2023.

CORTE orçamentário de 42% em ciência e tecnologia preocupa entidades. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/04/corte-orcamentario-de-42-em-ciencia-e-tecnologia-preocupa-entidades.shtml. Acesso em: 11 out. 2023.

COSTA, Gilberto. Relembre o passo a passo da tentativa de golpe no 8/1. **Agência Brasil**, Brasília, 8 jan. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-01/relembre-o-passo-passo-da-tentativa-de-golpe-no-81. Acesso em: 20 abr. 2024.

COSTA, Vivian. Instituto Serrapilheira é o mais novo sócio institucional da SBPC. **Jornal da Ciência**. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo, 28 set. 2022. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/instituto-serrapilheira-e-o-mais-novo-socio-institucional-da-sbpc/. Acesso em: 16 jan. 2024.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. *In*: INDURSKY, Freda. (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. Orientações teóricas de pesquisa. *In*: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2009. p. 99-121.

CROSS, Di; THOMSON, Simon; SINCLAIR, Alexandra. **Research in Brazil**: A report for CAPES by Clarivate Analytics. [*s. l.*], 2018. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/17012018-capes-incitesreport-final-pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

CRUZ, Isabela. Como Bolsonaro atacou e atrasou a vacinação na pandemia. **Nexo Jornal**, São Paulo, 21 mar. 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/21/Como-Bolsonaro-atacou-e-atrasou-a-vacina%C3%A7%C3%A3o-na-pandemia. Acesso em: 17 fev. 2022.

CUNHA, Joana. Ministério da Saúde corta R$ 290 milhões do valor destinado a procedimentos do SUS. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 dez. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2021/12/ministerio-da-saude-corta-r-290-milhoes-do-valor-destinado-a-procedimentos-do-sus.shtml. Acesso em: 16 fev. 2022.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE VOLTA à ciência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 jan. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/01/de-volta-a-ciencia.shtml. Acesso em: 21 out. 2023.

DECKERJDOE. A fancam da vacina ao som de bum bum tam tam. [*S. l.*]. 7 jan. 2021. Twitter: @deckerjdoe. Disponível em: https://twitter.com/deckerjdoe/status/1347210885232816128?s=20. Acesso em: 25 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: o poder. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, Pedro. **Praticar Ciência**. São Paulo: Saraiva, 2017. Edição do Kindle.

DIAS, Wilson. 1º de janeiro de 2003: o metalúrgico chega à Presidência do país. **Agência Brasil**. Reproduzida por: Partido dos Trabalhadores. 1. jan. 2003. Disponível em: https://pt.org.br/1o-de-janeiro-de-2003-o-metalurgico-chega-a-presidencia-do-pais/. Acesso em: 13 jan. 2025.

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. **Coleção Hipersaberes**. Santa Maria: UFSM, 2009. Disponível em: http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeII/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf. Acesso: 23 jan. 2025.

DINHEIRO do SUS para pandemia é desviado para gastos militares, diz MP. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 6 jul. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/07/06/internas_economia,1283809/dinheiro-do-sus-para-pandemia-e-desviado-para-gastos-militares-diz-mp.shtml. Acesso em: 16 fev. 2022.

DO CAPÃO Redondo para o Butantan, MC Fioti representa no funk e incentiva vacinação. **Instituto Butantan**, São Paulo, 21 jan. 2021. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/do-capao-redondo-para-o-butantan-mc-fioti-representa-no-funk-e-incentiva-vacinacao. Acesso em: 26 nov. 2021.

DORNE, Vinícius Durval.; DAGATTI, Mariano. Enunciado, relações de força e de existência em fake news sobre os sujeitos LGBTQIA+. **Prolíngua**, [*S. l.*], v. 18, n. 1, p. 133–144, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2023v18n1.66549. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/66549. Acesso em: 30 out. 2024.

DUARTE, Jorge. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. *In*: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 121-134.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. 26. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ENGELMANN, Solange. “Vacina contra Covid-19 em crianças evita formas mais graves da doença”, explica médico. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 7 fev. 2022. Disponível em: https://mst.org.br/2022/02/07/vacina-contra-covid-19-em-criancas-evita-formas-mais-graves-da-doenca-explica-medico/. Acesso em: 10 nov. 2023.

ESCOBAR, Herton. Cientistas se mobilizam para resgatar ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Estadão**, 8 jun. 2016. Disponível em: https://www.estadao.com.br/ciencia/herton-escobar/cientistas-se-mobilizam-para-resgatar-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia/. Acesso em: 19 dez. 2024.

ESCOBAR, Herton. Ricardo Galvão é o novo presidente do CNPq: "A ciência está de volta". **Jornal da USP**, São Paulo, 17 jan. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/ricardo-galvao-e-o-novo-presidente-do-cnpq-a-ciencia-esta-de-volta/. Acesso em: 21 out. 2023.

ESTEVES, Bernardo. Um astronauta mais longe da ciência. **Piauí**, Brasília, 06 ago. 2019. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/um-astronauta-mais-longe-da-ciencia/. Acesso em: 12 out. 2023.

ESTREIA nova versão de “Bum Bum Tam Tam”, de MC Fioti, gravada no Butantan. **Instituto Butantan**, São Paulo, 26 jan. 2021. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/estreia-nova-versao-de-“bum-bum-tam-tam”-de-mc-fioti-gravada-no-butantan. Acesso em: 26 nov. 2021.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade dos Jornalistas**. Brasília, FENAJ, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/sindicatos/FENAJRelatrioComissoVerdadeJornalistas.pdf. Acesso em: 2 jan. 2025.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Genealogia dos corpos: do estábulo para as ruas. *In*: BUTTURI Júnior, Atílio; SEVERO, Cristine Gorski; BRAGA, Sandro Braga (Orgs.). **Pandemias discursivas**. v.1. Campinas: Pontes, 2022. p. 157-180.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SÁ, Israel de. **Análise do discurso**: Reflexões introdutórias. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

FERREIRA, Laerte Guimarães. **Sistema Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação**: Contexto, Desafios & Perspectivas para a Inovação. Aula inaugural do 1º semestre de 2024 da Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 14 mar. 2024.

FIOTI, MC. **Bum Bum Tam Tam**. São Paulo: KondZilla, 2017. 1 vídeo (2min50s). Disponível em: https://youtu.be/_P7S2lKif-A. Acesso em: 3 nov. 2021.

FIOTI, MC. Já que viralizou Vou lançar uma versão da BumBumTamTam Pra vacina do #coronavac Aguardem … 8 jan. 2021a. Twitter: @fiotimc. Disponível em: https://twitter.com/fiotimc/status/1347592419483774981. Acesso em: 25 nov. 2021.

FIOTI, MC. **Vacina Butantan**: Remix Bum Bum Tam Tam. São Paulo: KondZilla, 2021b. Download digital (2min37s).

FIOTI, MC. **Vacina Butantan**: Remix Bum Bum Tam Tam. São Paulo: KondZilla, 2021c. 1 vídeo (3min11s). Disponível em: https://youtu.be/yQ8xJHuW7TY. Acesso em: 3 nov. 2021.

FLORES, Natália; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. Entre memória e promessa: a identidade de ciência na revista Galileu. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 11, n. 2, p. 263–281, maio 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/CNj8v734yyq3Xs6cxWVfP3K/?lang=pt. Acesso em: 29 jul. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. **RUF 2023**: Ranking Universitário Folha. São Paulo, 12 nov. 2023. Disponível em: https://ruf.folha.uol.com.br/2023/. Acesso em: 19 dez. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Conferências proferidas na PUC-Rio por Michel Foucault em 1973. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France (1970-1971). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collègge de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. *In*: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault:** Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000. p. 82-118.

FOUCAULT, Michel. Sobre as maneiras de escrever a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 64-80.

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade (1980-1981). *In*: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 105-115.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANÇA JÚNIOR, Luis Celestino de; SOUTO, Caio. Apresentação do dossiê "Foucault e o pensamento decolonial". **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**. Manaus, v. 24, n. 1, p. 3–8, 2024. DOI: 10.69696/somanlu.v24i1.9101. Disponível em: www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/9101. Acesso em: 13 jan. 2025.

GALILEU. **Mídia Kit**. 20 abr. 2021. Disponível em: https://www.editoraglobonegocios.com.br/galileu. Acesso em: 23 jul. 2024.

GALINDO, Rogério. A universidade não é torre de marfim nem é o Senac. Que se estudem as favelas e Mr. Catra. **Gazeta do Povo**, 30 jun. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/caixa-zero/universidade-ciencias-sociais-catra/. Acesso em: 21 out. 2024.

GARATTONI, Bruno. Especial: 35 anos da Super. **Revista Superinteressante**, 16 set. 2022. Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/especial-35-anos-da-super. Acesso em: 27 jun. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE Imagens. Disponível em: https://images.google.com/. Acesso: 20 dez. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (RUA)** [online], n. 15. v. 2, 2009. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=75. Acesso em: 19 fev. 2022.

HANSSON, Sven Ove. Science denial as a form of pseudoscience. **Studies In History And Philosophy Of Science Part A**, *[s. l.]*, v. 63, p. 39-47, jun. 2017. Elsevier BV. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1016/j.shpsa.2017.05.002. Acesso: 24 jan. 2025.

HOCH, Nícolas Carlos; MENCK, Carlos Frederico Martins. Revistas predatórias e ciência de baixo impacto: cortando o mal pela raiz. **Jornal da USP**, 12 mar. 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/revistas-predatorias-e-ciencia-de-baixo-impacto-cortando-o-mal-pela-raiz/. Acesso em: 27 set. 2024.

IBICT. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica**. Brasília, 2015. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/Manifesto.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Enem 2020 – Exame Nacional do Ensino Médio**. INEP, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos. Acesso em: 13 nov. 2021.

INIMIGO da ciência, Bolsonaro concede a si a medalha do Mérito Científico. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 04 nov. 2021. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/politica/inimigo-da-ciencia-bolsonaro-concede-a-si-a-medalha-do-merito-cientifico/. Acesso em: 15 out. 2023.

INSTITUTO BUTANTAN. A repercussão do lançamento do clipe com o qual o MC Fioti homenageou a vacina do Butantan mostra que a união entre a ciência e a música é também importante para conscientizar sobre a necessidade da imunização. #Vacina #Podeconfiar #ÉdoButantan #VacinadoButantan #Butantan120Anos. São Paulo, 27 jan. 2021a. Twitter: @butantanoficial. Disponível em: https://x.com/butantanoficial/status/1354414356377837568. Acesso em: 25 dez. 2024.

INSTITUTO BUTANTAN. Fake news também é vírus. São Paulo, 4 abr. 2021b. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNQojwghle9/. Acesso em: 8 abr. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. Hoje, o Instituto Butantan recebeu a visita do @mcfioti... São Paulo, 15 jan. 2021c. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKFLZ5QlQT2/. Acesso em: 21 nov. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. O instituto. **Instituto Butantan**, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.butantan.gov.br/institucional/o-instituto. Acesso em: 10 abr. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. Remix contagiante de @mcfioti para vacina que salva vidas. São Paulo, 23 jan. 2021d. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CKZ3Ia_nV6Y/. Acesso em: 21 nov. 2021.

INSTITUTO SERRAPILHEIRA. Disponível em: https://serrapilheira.org/. Acesso em: 16 jan. 2024.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Media Ownership Monitor**. 2017. Disponível em: http://brazil.mom-gmr.org/. Acesso em: 8 set. 2024.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e morte das ciências humanas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1981.

KOWALTOWSKI, A. J. Governador Doria, não seja um exterminador da ciência. **Jornal da USP**. 28 out. 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/governador-doria-nao-seja-um-exterminador-da-ciencia/. Acesso em: 20 ago. 2022.

KRENAK, Ailton. "Faço crítica à subordinação da ciência à essa malandragem corporativa", diz Ailton Krenak. **Roda Viva**. TV Cultura, São Paulo, 20 abr. 2021. 1 vídeo (3 min 11 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LsD3cmEMkvA. Acesso em: 27 abr. 2024.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. *In*: MATOS, Heloiza (Org.). **Comunicação pública**: interlocuções, interlocutores e perspectivas. São Paulo: ECA/USP, 2013. p. 3-13.

LACOMBE, Michel da Silva Coelho. **A veiculação da ciência nas capas de revistas nacionais**: o caso da revista Galileu. São Carlos: UFSCar, 2023. Disponível em: https://paruna.com.br/wp-content/uploads/2023/01/e-book-michel-lacombe.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

LANA, Carlos Roberto. História da ciência (1) - A contribuição de Aristóteles à ciência. **UOL**, 2006. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/historia-da-ciencia-1-a-contribuicao-de-aristoteles-a-ciencia.htm. Acesso em: 19 jan. 2024.

LANA, Carlos Roberto. História da ciência (2) - Com Galileu, tem início a experimentação metódica. **UOL**, 2006. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/historia-da-ciencia-2-com-galileu-tem-inicio-a-experimetacao-metodica.htm. Acesso em: 19 jan. 2024.

LANA, Carlos Roberto. História da ciência (3) - A contribuição de Newton ao mundo tecnológico. **UOL**, 2006. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/historia-da-ciencia-3-a-contribuicao-de-newton-ao-mundo-tecnologico.htm. Acesso em: 19 jan. 2024.

LANA, Carlos Roberto. História da ciência (4) - Karl Popper, falseabilidade e limites da ciência. **UOL**, 2006. Disponível em:https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/historia-da-ciencia-4-karl-popper-falseabilidade-e-limites-da-ciencia.htm. Acesso em: 19 jan. 2024.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEIA íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2002. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u33908.shtml. Acesso em: 24 abr. 2024.

LEVIS, Carolina; REZENDE, Justino Sarmento; BARRETO, João Paulo Lima; BARRETO, Silvio Sanches; BANIWA, Francy; SATERÉ-MAWÉ, Clarinda; ZUKER, Fábio; ALENCAR, Ane; MUGGE, Miqueias; MORAES, Rodrigo Simon de; FUENTES, Agustín; HIROTA, Marina; FAUSTO, Carlos; BIEHL, João. Indigenizing conservation science for a sustainable Amazon. **Science**, v. 386, n. 6727, p. 1229-1232, 12 dec. 2024. DOI: 10.1126/science.adn5616. Disponível em: https://www.science.org/doi/10.1126/science.adn5616. Acesso em: 3 jan. 2025.

LOWE, Norman. **História do mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Penso, 2011.

LULA reinstala o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e entrega medalhas do Mérito Científico. **Agência Brasil**, Brasília, 12 jul. 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2023-07/lula-reinstala-o-conselho-nacional-de-ciencia-e-tecnologia-e-entrega-medalhas-do-merito-cientifico-1689180087. Acesso em: 21 out. 2023.

MAGRI, Diogo. Queda de braço de Bolsonaro com cientistas inclui até devolução de medalhas de mérito. **El País**, São Paulo, 8 nov. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-08/queda-de-braco-de-bolsonaro-com-cientistas-inclui-ate-devolucao-de-medalhas-de-merito.html. Acesso em: 29 dez. 2024.

MAIOR projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente. **Serviços e Informações do Brasil**, Campinas, 21 out. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/maior-projeto-da-ciencia-brasileira-para-pesquisa-comeca-a-funcionar-oficialmente. Acesso em: 25 set. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MASSARANI, Luisa; POLINO, Carmelo; MOREIRA, Ildeu; FAGUNDES, Vanessa; CASTELFRANCHI, Yurij. **Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia**: Resumo executivo. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), 2022. Disponível em: https://www.inct-cpct.ufpa.br/wp-content/uploads/2022/12/Resumo_executivo_Confianca_Ciencia_VF_Ascom_5-1.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

MEC afirma que o Ciência sem Fronteiras terá 5 mil bolsistas na pós-graduação. **Ministério da Educação**, Brasília, 02 abr. 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/acordo-gratuidade/33381-noticias/notas-oficiais/46971-mec-afirma-que-o-ciencia-sem-fronteiras-tera-5-mil-bolsistas-na-pos-graduacao. Acesso em: 10 out. 2023.

MELO, Pedro. Diretor do Inpe nega acusações de Bolsonaro, reafirma dados sobre desmatamento e diz que não deixará cargo. **G1**, São José dos Campos, 20 jul. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/07/20/diretor-do-inpe-nega-acusacoes-de-bolsonaro-reafirma-dados-sobre-desmatamento-e-diz-que-nao-deixara-cargo.ghtml. Acesso em: 12 out. 2023.

MENDONÇA, Ana. Enem 2020: Mc Fioti é citado na prova de linguagens. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 jan. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2021/01/17/internas_educacao,1230000/enem-2020-mc-fioti-e-citado-na-prova-de-linguagens.shtml. Acesso em: 13 nov. 2021.

MIGUEL, Sylvia. Decisão na contramão da ciência. **Jornal da USP**. 9 a 15 jun. 2003. Disponível em: http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp645/pag05.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

MIZRAHI, Mylene. Autora de tese de doutorado sobre Mr. Catra critica pensamento “elitista e preconceituoso”. **Gazeta do Povo**, 17 jun. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/autora-de-tese-de-doutorado-sobre-mr-catra-critica-pensamento-elitista-e-preconceituoso-9jxaz85j3uucblcipuyve3r5j/?ref=link-interno-materia. Acesso em: 21 out. 2024.

MOURA, Luiza. Cientistas brasileiros lançam manifesto pela democracia. **Ciência na Rua**, São Paulo, 22 out 2018. Disponível em: https://ciencianarua.net/cientistas-brsileiros-lancam-manifesto-pela-democracia/. Acesso em: 26 abr. 2024.

MOURA, Mariluce. Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica no Brasil. **Ciência na Rua**. São Paulo, 11 abr. 2019. Disponível em: https://ciencianarua.net/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/. Acesso em: 16 jan. 2024.

MOURÃO, Victor Luiz Alves. As convenções das Políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil: do Estado Empreendedor à crise do Estado Facilitador. **Sinais**: Revista de Ciências Sociais. Universidade Federal do Espírito Santo. v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.25067/s.v1i21.16034. Acesso em: 15 out. 2024.

MUGNATTO, Silvia. Cortes no orçamento de Ciência e Tecnologia podem inviabilizar pesquisas. **Agência Câmara Notícias**, Brasília, 10 out. 2017. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/524977-cortes-no-orcamento-de-ciencia-e-tecnologia-podem-inviabilizar-pesquisas/. Acesso em: 10 out. 2023.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da Mídia. *In*: TASSO, Ismara. **Estudos do Texto e do discurso**: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 59-74.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. O acontecimento discursivo e construção da identidade na História. *In*: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). **M. Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

NEGACIONISMO científico. *In*: Google Trends. Disponível em: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=negacionismo%20cient%C3%ADfico&hl=pt. Acesso em: 2 set. 2024.

NICOLELIS, Miguel Angelo Laporta. **Currículo da Plataforma Lattes**. Brasília, 9 fev. 2024. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4925407922379562. Acesso em: 4 abr. 2024.

NICOLELIS, Miguel. **Manifesto da Ciência Tropical**: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil. 2010. Disponível em: http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2010/11/pdf_doc-233.pdf. Acesso em: 4 abr. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, *[S. l.]*, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 17 jan. 2025.

NOTICIÁRIO sobre Covid-19 tratou pouco de novas pesquisas e muito de impactos sociais da pandemia. **Agência Bori**, 23 mai. 2023. Disponível em: https://abori.com.br/comunicacao/noticiario-sobre-covid-19-tratou-pouco-de-novas-pesquisas-e-muito-de-impactos-sociais-da-pandemia/. Acesso em: 4 abr. 2024.

NOVO método para classificação de países acaba com conceito de 'emergentes'. **BBC Brasil**, São Paulo, 19 ago. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150814_economia_paises_hb. Acesso em: 20 abr. 2024.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. Edição do Kindle.

OLIVEIRA, Rafael Barros de. A relevância na torre de marfim: uma resposta a Gabriel de Arruda Castro e a Rogério Waldrigues Galindo. **Gazeta do Povo**, 7 jul. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-relevancia-na-torre-de-marfim-uma-resposta-a-gabriel-de-arruda-castro-e-a-rogerio-waldrigues-galindo-84s03ncs40yhqd6dzh03nq0gy/. Acesso em: 21 out. 2024.

OLIVETO, Paloma. Exonerado por Bolsonaro, Ricardo Galvão está entre os 10 cientistas do ano. **Correio Braziliense**, 14 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2019/12/14/interna_ciencia_saude,814003/exonerado-por-bolsonaro-ricardo-galvao-esta-entre-os-10-cientistas-do.shtml. Acesso em: 12 out. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. Brasil. UNESCO celebra Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento. **Nações Unidas**, 10 nov. 2020. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/99997-unesco-celebra-dia-mundial-da-ci%C3%AAncia-para-paz-e-o-desenvolvimento. Acesso em: 15 out. 2024.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. **OPAS**, 5 maio 2023. Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente. Acesso em: 10 dez. 2024.

ORDÉAS, Jean. Por que Temer está contra a ciência? **Carta Capital**, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/temer-contra-a-ciencia-por-que/. Acesso em: 10 out. 2023.

ORTEGA, Rodrigo. Como MC Fioti usou flauta de Bach em produção caseira e transformou 'Bum bum tam tam' em aposta mundial. **G1**, São Paulo, 15 dez. 2017. Música. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml. Acesso em: 13 nov. 2021.

OS BASTIDORES do clipe do Mc Fioti no Instituto Butantan. São Paulo: Canal Butantan, 2021. 1 vídeo (2 min 15 s). Disponível em https://youtu.be/7Hf2nThUVZ0. Acesso em: 28 nov. 2021.

OXFORD Languages. **Word of the Year 2016**. Oxford University Press, 2016. Disponível em: https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/. Acesso em: 8 jan. 2025.

PARA QUE serve ler a SUPER? **Revista Superinteressante**, 13 set. 2012. Disponível em: https://super.abril.com.br/comportamento/para-que-serve-ler-a-super/. Acesso em: 1 jul. 2014.

PARENT in Science. **Maternidade no CV Lattes**: quando será uma realidade? 2021a. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_c5c2b99ba1ec45a089f4b71641f73428.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

PARENT in Science. Sobre nós. **Parent in Science**, 2021b. Disponível em: https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science. Acesso em: 15 out. 2024.

PASSARINHO, Nathalia. Dilma anuncia 100 mil bolsas para 2ª etapa do Ciência sem Fronteiras. **G1**, Brasília, 25 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/06/dilma-anuncia-100-mil-bolsas-para-2-etapa-do-ciencia-sem-fronteiras.html. Acesso em: 25 set. 2023.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Coronavírus: Bolsonaro só acredita na 'ciência' quando o resultado lhe interessa. **The Intercept**, 31 mar. 2020. Disponível em: https://theintercept.com/2020/03/31/coronavirus-bolsonaro-anti-ciencia/. Acesso em: 15 out. 2023.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-65782013000100004&script=sci_abstract. Acesso: 21 jan. 2025.

PRIMEIRA Medida Provisória de Temer reduz de 32 para 23 o número de ministérios. **Agência Senado**, Brasília, 16 mai. 2016. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/16/primeira-medida-provisoria-de-temer-reduz-de-32-para-23-o-numero-de-ministerios. Acesso em: 10 out. 2023.

PUBLIABRIL. Somos a indústria do conhecimento. **PubliAbril**, 22 fev. 2024. Disponível em: https://publiabril.abril.com.br/. Acesso em: 1 jul. 2024.

QUEM lê a SUPER? **Revista Superinteressante**, 31 mar. 2003. Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/quem-le-a-super#google_vignette. Acesso em: 1 jul. 2024.

RAMALHOSO, Wellington. Ex-chefe do Inpe: Ciência tem ministro débil, e Ambiente, um negacionista. **UOL**, São Paulo, 06 nov. 2019. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/06/amazonia-inpe-galvao-ministro-salles-bolsonaro-ciencia-educacao-ambiente.htm. Acesso em: 12 out. 2023.

RIBEIRO, Ewerton Martins; SANCHES, Teresa. Universidade Federal de Minas Gerais. Ailton Krenak: 'Não temos de fazer crítica decolonial, e sim, contracolonial'. **UFMG**, Belo Horizonte, 2 dez. 2024. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ailton-krenak-nao-temos-de-fazer-critica-decolonial-e-sim-contracolonial. Acesso em: 5 dez. 2024.

ROCHA, Mariana; MASSARANI, Luisa. Panorama general de la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina. *In*: MASSARANI, Luisa *et al*. (Orgs.). **Aproximaciones a la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina a partir de sus artículos académicos**. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2017. p. 13-38.

ROCHA, Mariana; MASSARANI, Luisa; PEDERSOLI, Constanza. La divulgación de la ciencia en América Latina: términos, definiciones y campo académico. *In*: Massarani, Luisa *et al*. (Orgs.). **Aproximaciones a la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina a partir de sus artículos académicos**. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2017. p. 39-58.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de sanção do marco legal da ciência, tecnologia e inovação e lançamento da chamada universal. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 11 jan. 2016. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-sancao-do-marco-legal-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-e-lancamento-da-chamada-universal-brasilia-df. Acesso em: 24 set. 2023.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 01 jan. 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional. Acesso: 20 set. 2023.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 01 jan. 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/

discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional-1. Acesso em: 20 set. 2023.

ROZENTALSKI, Evandro. **Uai, me conta sobre**: Filosofias da Ciência. Convidado: Prof. Dr. Evandro Rozentalski (UNIFEI). Youtube: Canal Sua Ciência, 12 out. 2023. 1 vídeo (1h 29min 36seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r625hH38hNM. Acesso em: 18 jan. 2024.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Vacina do Butantan atinge 100% de eficácia contra casos moderados e graves. **Governo do Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 jan. 2021. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/vacina-do-butantan-atinge-100-de-eficacia-para-casos-moderados-e-graves-2/. Acesso em: 20 nov. 2021.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a História. IN: MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-102.

SARGENTINI, Vanice; CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das *fake news*. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-85.

SATENPE. Sindicato Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem de Pernambuco. Professor faz homenagem aos trabalhadores da enfermagem durante vacinação contra a Covid-19. **SATENPE**, Recife, 17 jun. 2021. Disponível em: http://satenpe.org.br/2021/06/17/professor-faz-homenagem-aos-trabalhadores-da-enfermagem-durante-vacinacao-contra-a-covid-19/. Acesso 10 nov. 2023.

SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Reuniões Anuais. **SBPC**, 2024. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/eventos/tipo/reunioes-anuais/. Acesso em: 25 dez. 2024.

SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 80% da pesquisa no Brasil está ligada a programas de pós-graduação. **SBPC**, São Paulo, 6 ago. 2018. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/80-da-pesquisa-no-brasil-esta-ligada-a-programas-de-pos-graduacao/. Acesso em: 18 jan. 2024.

SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Dia Nacional da Ciência. **Jornal da Ciência**, 2018. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/dia-nacional-da-ciencia/. Acesso em: 15 out. 2024.

SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Entidades protestam contra fim do Ministério da Ciência e Tecnologia. **SBPC**, 13 mai. 2016. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/13-05-2016-inovacao-tecnologicaquebraentidades-protestam-contra-fim-do-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia/. Acesso em: 10 out. 2023.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SERPA, Flávio de Carvalho. Feliz Coincidência. **Observatório da Imprensa**, 3 maio 2005. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ciencia/feliz-coincidencia/. Acesso em: 15 ago. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional. **Presidência da República**, Brasília, 06 jan. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-lula-no-congresso-nacional. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 01 jan. 2003. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/01-01-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-apos-a-cerimonia-de-posse.pdf/view. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Veja a íntegra do discurso de posse do presidente Lula. **Agência Câmara Notícias**, Brasília, 01 jan. 2007. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/93776-veja-a-integra-do-discurso-de-posse-do-presidente-lula. Acesso em: 20 set. 2023.

SINASEFE IFMG. Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção Sindical IFMG. Manifesto do Movimento pela Ciência e Tecnologia Públicas. **SINASEFE-IFMG**, 29 abr. 2016. Disponível em: https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/manifesto-do-movimento-pela-ciencia-e-tecnologia-publicas/. Acesso em: 26 abr. 2024.

SOUZA, Roger de. Flash Mob - O que é? **Mundo da Dança**, 2011. Disponível em: https://www.mundodadanca.art.br/2011/05/flash-mob-o-que-e.html. Acesso em: 20 ago. 2022.

STUCKERT FILHO, Roberto. Dilma anuncia 100 mil bolsas para 2ª etapa do Ciência sem Fronteiras. **G1**, Brasília, 25 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/06/dilma-anuncia-100-mil-bolsas-para-2-etapa-do-ciencia-sem-fronteiras.html. Acesso em: 25 set. 2023.

SUPERINTERESSANTE. **Superarquivo**. Dez. 2024. Disponível em: https://super.abril.com.br/superarquivo/. Acesso em: 29 dez. 2024.

TEMER, Michel. Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado - Palácio do Planalto. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 12 mai. 2016. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto. Acesso em: 20 set. 2023.

TEMER: avanços na ciência e tecnologia colocam País ao lado de desenvolvidos. **Correio Braziliense**, Brasília, 27 set. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/09/27/interna-brasil,708630/temer-avancos-na-ciencia-e-tecnologia-colocam-pais-ao-lado-de-desenvo.shtml. Acesso em: 20 set. 2023.

TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno; OLINTO, Gilda; PIMENTA, Ricardo. **Ciência na Ditadura**. 2014. Disponível em: http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/index.html. Acesso em: 7 dez. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. v. 1. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Fernando Brant e Milton Nascimento. *In:* Travessia. Rio de Janeiro: Ritmos/Codil, 1967. 1 LP, faixa 1.

TRENCH, Brian; BUCCHI, Massimiano. Science communication, an emerging discipline. **Journal of Science Communication**, v. 9, n. 3, 2010. Disponível em: https://jcom.sissa.it/article/pubid/Jcom0903(2010)C03/. Acesso em: 03 out. 2020.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência. **UNESCO**, 2024. Disponível em: https://www.unesco.org/pt/days/women-girls-science. Acesso em: 15 out. 2024.

VALENTE, Jonas. Covid-19: Brasil chega a 200 mil mortes. **Agência Brasil**, Brasília, 7 jan. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/covid-19-brasil-chega-200-mil-mortes. Acesso em: 20 nov. 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Apresentação. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, n. 87, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03. Acesso: 24 jan. 2025.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VICK, Mariana; SIMONETTI, Mariana; FRONER, Mariana. Junho de 2013: o passo a passo dos protestos que mudaram o Brasil. **Nexo Jornal**, 13 jun. 2023. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/especial/2023/06/05/junho-de-2013-o-passo-a-passo-dos-protestos-que-mudaram-o-brasil. Acesso: 22 jan. 2025.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Produção artificial do méson pi teve ampla repercussão na mídia norte-americana na década de 40. **Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas**, Rio de Janeiro, 04 fev. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/cbpf/pt-br/assuntos/noticias/producao-artificial-do-meson-pi-teve-ampla-repercussao-na-midia-norte-americana-na-decada-de-40. Acesso: 24 jan. 2025.

WORLD University Rankings 2024 by subject: results announced. **Times Higher Education**, Londres, 23 out. 2023. Disponível em: https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/world-university-rankings-2024-subject-results-announced. Acesso em: 19 dez. 2023.

ANEXO A — PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, NA SESSÃO SOLENE DE POSSE NO CONGRESSO NACIONAL, EM 2003*

Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional

Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo; visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras; excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional, Senador Ramez Tebet;

Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar; excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Efraim Morais; excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello; senhoras e senhores ministros e ministras de Estado; senhoras e senhores parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse.

"Mudança": esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades, diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas

* SILVA, Luiz Inácio Lula da. Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 01 jan. 2003. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/ discursos/1o-mandato/2003/01-01-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-apos-a-cerimonia-de-posse.pdf/view. Acesso em: 20 set. 2023.

gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu país o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento, de fato, estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar

é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo, em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade; provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão.

Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu

primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do país. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, soja, farinha, frutos, o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária. Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio; são, na verdade, complementares tanto na dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos.

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas, com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso

sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

Hoje, tantas áreas do país estão devidamente ocupadas, as plantações espalham-se a perder de vista, há locais em que alcançamos produtividade maior do que a da Austrália e a dos Estados Unidos. Temos que cuidar bem, muito bem, deste imenso patrimônio produtivo brasileiro. Por outro lado, é absolutamente necessário que o país volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda.

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado, para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais.

Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar, e muito, o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção.

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil

supere a estagnação atual e volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social. O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, a reforma tributária, a reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional. Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil.

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que encontre canais de expressão em nosso Governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo,

pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo, com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu Governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do país. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões de brasileiros e brasileiras.

Sob a minha liderança, o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Eu, que tive a honra de ser parlamentar desta Casa, espero contar com a contribuição do Congresso Nacional no debate criterioso e na viabilização das reformas estruturais que o país demanda de todos nós.

Em meu Governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil precisa fazer, em todos os domínios, um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo. O Brasil pode e deve ter um projeto de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo nacional e universalista. Significa, simplesmente, adquirir confiança em

nós mesmos, na capacidade de fixar objetivos de curto, médio e longo prazos e de buscar realizá-los. O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.

Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

O Brasil é grande. Apesar de todas as crueldades e discriminações, especialmente contra as comunidades indígenas e negras, e de todas as desigualdades e dores que não devemos esquecer jamais, o povo brasileiro realizou uma obra de resistência e construção nacional admirável. Construiu, ao longo dos séculos, uma Nação plural, diversificada, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja. Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da região Centro-Oeste. Esta é uma Nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira. Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram, dando uma contribuição original ao mundo. Onde judeus e árabes conversam sem medo. Onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que, em pouco tempo, pela nossa própria capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro.

Esta Nação, que se criou sob o céu tropical, tem que dizer a que veio: internamente, fazendo justiça à luta pela sobrevivência em que seus filhos se acham engajados; externamente, afirmando a sua presença soberana e criativa no mundo.

Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas. No meu Governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e da busca de investimentos produtivos, o relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos.

As negociações comerciais são hoje de importância vital. Em relação à Alca, nos entendimentos entre o Mercosul e a União Européia, na Organização Mundial do Comércio, o Brasil combaterá o protecionismo, lutará pela eliminação e tratará de obter regras mais justas e adequadas à nossa condição de país em desenvolvimento. Buscaremos eliminar os escandalosos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam os nossos produtores, privando-os de suas vantagens comparativas. Com igual empenho, esforçar-nos-emos para remover os injustificáveis obstáculos às exportações de produtos industriais. Essencial em todos esses foros é preservar os espaços de flexibilidade para nossas políticas de desenvolvimento nos campos social e regional, de meio ambiente, agrícola, industrial e tecnológico. Não perderemos de vista que o ser humano é o destinatário último do resultado das negociações. De pouco valerá participarmos de esforço tão amplo e em tantas frentes se daí não decorrerem benefícios diretos para o nosso povo. Estaremos atentos também para que essas negociações, que hoje em dia vão muito além de meras reduções tarifárias e englobam um amplo espectro normativo, não criem restrições inaceitáveis ao direito soberano do povo brasileiro de decidir sobre seu modelo de desenvolvimento.

A grande prioridade da política externa durante o meu Governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial

uma ação decidida de revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração.

O Mercosul, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados.

Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos. Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem, hoje, situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país. O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina.

Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Européia e os seus Estados-membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão. Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outras.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Visamos não só a explorar os benefícios potenciais de um maior intercâmbio econômico e de uma presença maior do Brasil no mercado

internacional, mas também a estimular os incipientes elementos de multipolaridade da vida internacional contemporânea.

A democratização das relações internacionais sem hegemonias de qualquer espécie é tão importante para o futuro da Humanidade quanto a consolidação e o desenvolvimento da democracia no interior de cada estado.

Vamos valorizar as organizações multilaterais, em especial as Nações Unidas, a quem cabe a primazia na preservação da paz e da segurança internacionais.

As resoluções do Conselho de Segurança devem ser fielmente cumpridas. Crises internacionais como a do Oriente Médio devem ser resolvidas por meios pacíficos e pela negociação. Defenderemos um Conselho de Segurança reformado, representativo da realidade contemporânea com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre os seus membros permanentes.

Enfrentaremos os desafios da hora atual, como o terrorismo e o crime organizado, valendo-nos da cooperação internacional e com base nos princípios do multilateralismo e do Direito Internacional.

Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico, do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação, da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiente.

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado.

É verdade que a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas, decorrente de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional. Crimes hediondos, massacres e linchamentos crisparam o país e fizeram do cotidiano, sobretudo nas grandes cidades, uma experiência próxima da guerra de todos contra todos.

Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o governo federal em parceria com os estados, a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente. Uma política que, combinada com ações de saúde, educação, entre outras, seja capaz de prevenir a violência, reprimir a criminalidade e restabelecer a segurança dos cidadãos e cidadãs. Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com as diferenças.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa história, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera. O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso país, amar a nossa Bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo,

que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como Nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como Nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como Nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como Nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo.

O que nós estamos vivendo hoje, neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu país.

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país no dia-a-dia dos próximos quatro anos.

Viva o povo brasileiro!

ANEXO B — DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, EM 2007*

Veja a íntegra do discurso de posse do presidente Lula

01/01/2007 - 17:11

Senhoras e Senhores,

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um primeiro de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida – a de assumir a presidência do meu País.
Não era apenas a realização de um sonho individual.
O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia – e ainda hoje me sinto – parte e humilde instrumento.
Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República.
Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.
Hoje estou de volta a esta Casa, no mesmo primeiro de janeiro e quase na mesma hora.
Tenho a meu lado, como em 2003, o amigo e companheiro José Alencar, cuja colaboração inteligente e leal tornou menos árduas as tarefas destes quatro anos.
E assim o será no Governo que se inicia.
Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente.
É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e, eu, sou também igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu país. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar.
Sou igual quando volto a conjugar, nas suas formas mais afirmativas, o verbo mudar, como fiz aqui quatro anos atrás. Mas sou diferente, pois, sem renegar a paciência e a persistência que aqui também preguei, quero hoje pedir, com toda ênfase, pressa, ousadia, coragem e criatividade para abrir novos caminhos.

Minhas Senhoras e meus Senhores,
Quatro anos depois, o Brasil é igual na sua energia produtiva e criadora.
Mas é diferente – para melhor – na força da sua economia, na consistência de suas instituições e no seu equilíbrio social.
Em que momento de nossa história tivemos uma conjugação tão favorável e auspiciosa: de inflação baixa; crescimento das exportações; expansão do mercado interno, com aumento do consumo popular e do crédito; e ampliação do emprego e da renda dos trabalhadores?
O Brasil ainda é igual, infelizmente, na permanência de injustiças contra as camadas mais pobres. Porém é diferente, para melhor, na erradicação da fome, na diminuição da desigualdade e do desemprego.
É melhor na distribuição de renda, no acesso à educação, à saúde e à moradia. Muito já fizemos nessas áreas, mas precisamos fazer muito mais.
O Brasil ainda possui sérias travas ao seu crescimento e fragilidades nos seus instrumentos de gestão. Mas nosso país é diferente – para melhor: na estabilidade monetária; na robustez fiscal; na qualidade da sua dívida; no acesso a novos mercados e a novas tecnologias; e na redução da vulnerabilidade externa.

* SILVA, Luiz Inácio Lula da. Veja a íntegra do discurso de posse do presidente Lula. Agência Câmara Notícias, Brasília, 01 jan. 2007. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/93776-veja-a-integra-do-discurso-de-posse-do-presidente-lula. Acesso em: 20 set. 2023.

O trabalhador brasileiro ainda não ganha o que realmente merece, mas temos hoje um dos mais altos salários mínimos das últimas décadas, e os trabalhadores obtiveram ganhos reais em 90% das negociações salariais nestes últimos quatro anos.
Criamos mais de 100 mil empregos por mês com carteira assinada, sem falar das ocupações informais e daquelas geradas pela agricultura familiar, totalizando mais de 7 milhões de novos postos de trabalho.
O Brasil ainda precisa avançar em padrões éticos e em práticas políticas. Mas hoje é muito melhor na eficiência dos seus mecanismos de controle e na fiscalização sobre seus governantes. Nunca se combateu tanto a corrupção e o crime organizado. Muita coisa melhorou na garantia dos direitos humanos, na defesa do meio-ambiente, na ampliação da cidadania e na valorização das minorias.
O Brasil é uma nação mais respeitada, com inserção criativa e soberana no mundo.
E o mundo, vasto mundo, como está quatro anos depois?
Melhor em certos aspectos, mas pior, infelizmente, em tantos outros.
Foram quatro anos sem graves crises econômicas, mas com graves conflitos políticos e militares internacionais.
Ao mesmo tempo em que o crescimento da economia mundial permitiu um certo desafogo aos países emergentes, a relação entre nações ricas e pobres não melhorou. A solução dos grandes problemas mundiais, como: as persistentes desigualdades econômicas e financeiras entre as nações; o protecionismo comercial dos grandes; a fome e a inclusão dos deserdados; a preservação do meio-ambiente; o desarmamento; e o combate adequado ao terrorismo e à criminalidade internacional; não evoluiu.
Os organismos internacionais – especialmente a ONU – não se atualizaram em relação aos novos tempos que vive a humanidade.

Meus Senhores e minhas Senhoras,
Um dos compromissos mais profundos que tenho comigo mesmo é o de jamais esquecer de onde vim.
Ele me permite saber para onde seguir.
Hoje, posso olhar nos olhos de cada um dos brasileiros e brasileiras e dizer que mantive, mantenho e manterei meu compromisso de cuidar, primeiro, dos que mais precisam.
Governar para todos é meu caminho, mas defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada.
Se alguns quiseram ver na minha primeira eleição apenas um parêntesis histórico, a reeleição mostrou que um governo que cumpre os seus compromissos obtém a confiança do povo.
Em outubro, nossa população afirmou de modo inequívoco que não precisa nem admite tutela de nenhuma espécie para fazer a sua escolha.
Ela foi livre e soberana, como deve ser a força do povo.
É uma responsabilidade enorme tornar-se o presidente com o índice de aprovação mais elevado ao final de seu mandato.
Tenho plena consciência do que isso significa.
Sei que, a partir de hoje, cabe-me corrigir o que deve ser corrigido e avançar com maior determinação no que está dando certo, para consolidar as conquistas populares.
O desafio é grande, porém maior é a minha disposição de vencê-lo.
Ouço as vozes das cidades, das ruas e dos campos e escuto, muito perto, a voz da minha consciência.
Ela me diz que não fui reeleito para ouvir a velha e conformista ladainha segundo a qual tudo é muito difícil, quase impossível, que só pode ser conquistado numa lentidão secular.
Quatro anos atrás eu disse que o verbo mudar iria reger o nosso governo.
E o Brasil mudou.
Hoje, digo que os verbos acelerar, crescer e incluir vão reger o Brasil nestes próximos quatro anos.
Os efeitos das mudanças têm que ser sentidos rápida e amplamente.
Vamos destravar o Brasil para crescer e incluir de forma mais acelerada.

Minhas Senhoras e meus Senhores,
O Brasil não pode continuar como uma fera presa numa rede de aço invisível – debatendo-se, exaurindo-se, sem enxergar a teia que o aprisiona.
É preciso desatar alguns nós decisivos para que o País possa usar a força que tem e avançar com toda velocidade.
Muito tentamos nos últimos quatro anos, mas fatores históricos, dificuldades políticas e prioridades inadiáveis fizeram com que nosso esforço não fosse inteiramente premiado.
Hoje a situação é bem melhor, pois construímos os alicerces e temos um projeto claro de país a ser realizado.
Precisamos de firmeza e ousadia para mudar as regras necessárias e avançar.
Não podemos desperdiçar energias, talentos, esperanças.
Sei que o crescimento, para ser rápido, sustentável e duradouro, tem de ser com responsabilidade fiscal.
Disso não abriremos mão, em hipótese alguma.
Mas é preciso combinar essa responsabilidade com mudanças de postura e ousadia na criação de novas oportunidades para o país.
É necessário, igualmente, que este crescimento esteja inserido em uma visão estratégica de desenvolvimento que nosso país havia perdido.
É preciso uma combinação ampla e equilibrada do investimento público e do investimento privado.
Para lograr este equilíbrio, temos de desobstruir os gargalos e de romper as amarras que travam cada um destes setores.
Isso significa ampliar e agilizar o investimento público, desonerar e incentivar o investimento privado.
Sei que o investimento público não pode, sozinho, garantir o crescimento.
Porém, ele é decisivo para estimular e mesmo ordenar o investimento privado.
Estas duas colunas, articuladas, são capazes de dar grande impulso a qualquer projeto de crescimento.
Para atingir estes objetivos, estaremos lançando, já neste primeiro mês de governo, um conjunto de medidas, englobadas no Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC.
Nosso esforço não se esgota nas medidas que anunciaremos em janeiro.
Ao contrário, elas serão apenas o começo.
Serão desdobradas e complementadas ao longo de todo o mandato, incorporando, inclusive, reformas mais amplas que seguramente estarão na pauta desta Casa.
Vamos: realinhar prioridades; otimizar recursos; aumentar fontes de financiamento; expandir projetos de infra-estrutura; aperfeiçoar o marco jurídico; e ampliar o diálogo sistemático com as instituições de controle e fiscalização para garantir a transparência dos projetos e agilizar sua execução.
O fornecimento de energia nos próximos dez anos está garantido pelos projetos em andamento e pelos novos e ambiciosos projetos que serão licitados em 2007.
Continuaremos dando prioridade ao setor de Bio-energia, no qual o Brasil ocupa a vanguarda mundial, como decorrência dos esforços de meu Governo.
O Programa Luz Para Todos, que já propiciou energia elétrica para cinco milhões de pessoas, tem como objetivo chegar até o fim de 2008 a todos os brasileiros ainda sem acesso à eletricidade.
Vamos estabelecer, com o BNDES, a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, a EMBRAPA, o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio e o Ministério da Ciência e Tecnologia, um amplo programa de incentivo à produtividade das empresas brasileiras, facilitando a importação de equipamentos; melhorando a qualidade dos tributos; favorecendo o acesso à tecnologia da informação, apoiando a inovação; e estimulando a integração empresa-universidade.
E vamos consolidar, em harmonia com esta Casa e com os Estados, a legislação unificada do ICMS, simplificando as normas, reduzindo alíquotas, com previsão de implantar um único imposto de valor agregado a ser distribuído automaticamente para união, estados e municípios.
Este conjunto de iniciativas significa o reforço das linhas mestras da política macro-econômica, com a redução da taxa real de juros.
Tenho claro que nenhum país consegue firmar uma política sólida de crescimento se o custo do capital – ou seja, o

juro – for mais alto do que a taxa média de retorno dos negócios.
Da mesma forma que é necessária uma expansão planejada do crédito.
Nossa meta é criar condições para que sua expansão, até 2010, chegue a 50% do PIB, especialmente para o investimento, a infra-estrutura, a agricultura, a habitação e o consumo.
Outro ponto vital é a implantação de vigorosas medidas de desburocratização, sobretudo as que facilitem o comércio exterior, a abertura e fechamento de empresas, além de levar adiante o aperfeiçoamento das legislações sanitária e ambiental.

Meus Senhores e minhas Senhoras,
Durante a campanha afirmei que meu segundo governo será o governo do desenvolvimento, com distribuição de renda e educação de qualidade.
Disse que, para termos um crescimento acelerado, duradouro e justo, devemos articular cada vez melhor a política macro-econômica com uma política social capaz de distribuir renda, gerar emprego e inclusão.
Dessa forma, nossa política social, que nunca foi compensatória, e sim criadora de direitos, será cada vez mais estrutural.
Será peça-chave do próprio desenvolvimento estratégico do país.
O Bolsa Família, principal instrumento do Fome Zero – saudado pelas comunidades pobres e criticado por alguns setores privilegiados – teve duplo efeito.
Por um lado, retirou da miséria milhões de homens e mulheres.
Por outro, contribuiu para dinamizar a economia de forma mais equânime.
Por isso, obteve reconhecimento internacional, e já inspira programas semelhantes em vários países.
Nosso governo nunca foi, nem é "populista". Este governo foi, é e será popular.
Temos de criar alternativas de trabalho e produção para os beneficiários dos nossos programas de transferência de renda.
E aí, ocuparão lugar importante: a educação, a formação de mão-de-obra, a expansão do micro-crédito e do crédito consignado, o fortalecimento da agricultura familiar, o avanço da reforma agrária pacífica e produtiva, a economia solidária, o cooperativismo, o desenvolvimento de tecnologias simples e a expansão da arte e da cultura popular.
Para isso, as políticas setoriais de governo devem ser fortemente integradas.
É preciso: continuar expandindo o consumo de bens essenciais da população de baixa renda; fomentar o empreendedorismo das classes médias; dar continuidade à recuperação do salário mínimo; ampliar o crescimento de empregos formais e da massa salarial; e aprofundar a política nacional para micro, pequena e média empresas, nos moldes da Lei Geral aprovada por este Congresso, que estabelece tratamento diferenciado em matéria de crédito, acesso à tecnologia e às exportações.
É preciso garantir o crescimento de todos, diminuindo desigualdades entre as pessoas e as regiões.
Para diminuir a desigualdade entre as pessoas a alavanca básica é a educação; para diminuir a desigualdade entre as regiões o principal instrumento são os grandes programas de desenvolvimento, especialmente os de infra-estrutura.
Estes grandes programas e projetos de desenvolvimento regional já estão definidos e envolvem setores estratégicos como energia, transporte, inovação tecnológica, insumos básicos e construção civil.
Na área de energia, eles privilegiam o petróleo, gás, etanol, biocombustíveis e eletricidade.
Na área de inovação tecnológica: os softwares, fármacos, bens de capital, semi-condutores e TV Digital.
Na área dos transportes, englobam indistintamente os setores automotivo, ferroviário, naval e aéreo.
Na construção civil, os setores de infra-estrutura, habitação e saneamento básico.
Na área dos insumos, a siderurgia, papel e celulose, petroquímica e mineração.

Minhas Senhoras e meus Senhores,
Reitero que a educação de qualidade será prioridade de meu Governo.
Mais do que a qualificação para o mundo do trabalho, a educação é um instrumento de libertação, que o acesso à cultura propicia.
Ela dá conteúdo à cidadania formal de homens e mulheres.
Um país cresce quando é capaz de absorver conhecimentos.
Mas se torna forte, de verdade, quando é capaz de produzir conhecimento.
Para isso é fundamental valorizar todos os níveis de nosso sistema educacional – sem exceção, fortalecer a pesquisa pura e aplicada, consolidar a incorporação e o desenvolvimento de novas tecnologias.
Temos aqui um gigantesco desafio.
O que outros países fizeram ainda nos séculos dezenove ou vinte, nós teremos de realizar nos próximos anos.
Trata-se de superar os grandes déficits educacionais que nos afligem e, ao mesmo tempo, dar passos acelerados para transformar nosso país em uma sociedade de conhecimento, que nos permita uma inserção competitiva e soberana no mundo.
O Brasil quer, num só movimento, resolver as pendências do passado e ser contemporâneo do futuro.
Graças ao esforço de todos nós, com a decisiva participação do Congresso Nacional, o Brasil conta com um instrumento fundamental para melhorar a educação básica, que é o FUNDEB.
Com ele, poderemos aumentar dez vezes o investimento nas áreas mais carentes do ensino, e 60% destes recursos serão aplicados na melhoria de salários e na formação do professor.
Para que o Brasil tenha uma educação verdadeiramente de qualidade, serão necessários professores bem remunerados, com sólida formação profissional, condições adequadas de trabalho e permanente atualização.
Os educadores poderão, dessa forma, melhorar o seu desempenho e os resultados da sua atividade pedagógica.
A Universidade Aberta é decisiva no aperfeiçoamento dos docentes, pois permite que os professores se reciclem sem sair de suas cidades.
Nesta luta pela qualidade, vamos também ampliar a renovação tecnológica do ensino, informatizando todas as escolas públicas.
Quero reafirmar, neste dia tão importante, que o meu sonho é ajudar a transformar o Brasil no país mais democrático do mundo no acesso à universidade.
Para isso contribuirão as novas universidades e extensões universitárias e as escolas técnicas em todas as cidades pólo do país.
Para isso contribuirá também a expansão das bolsas do ProUNI.
O Brasil assistirá dentro de dez ou quinze anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população.
Este foi sempre o nosso propósito: democratizar não só a renda, mas também o conhecimento e o poder.
Outras áreas vitais para a população – e objeto de permanente demanda – são as da saúde e da segurança pública.
Como fizemos no nosso primeiro mandato, vamos continuar modernizando os dois setores para que a população brasileira, em especial a mais pobre, tenha uma melhor qualidade de vida.
Sinto que em matéria de segurança pública – um verdadeiro flagelo nacional – crescem as condições para uma efetiva cooperação entre a União e os estados da Federação, sem a qual será muito difícil resolver este crucial problema.

Meus Senhores e minhas Senhoras,
Apesar dos avanços científicos e tecnológicos de nosso mundo, ainda não foi inventada nenhuma ferramenta mais importante do que a política para a solução dos problemas dos povos.
Nunca o mundo viveu – como vive hoje – um período de tão grande descrédito na política. Mas, paradoxalmente, nunca a política foi tão imprescindível.
Temos no Brasil um desafio pela frente.

Desafio para as forças que se identificam com este Governo e para aquelas que se situam na oposição.
Temos de refletir sobre nossas instituições e nossas práticas políticas.
Temos de construir consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas.
Precisamos de um sistema político capaz de dar conta da rica diversidade de nossa vida social.
Nossas instituições têm de ser mais permeáveis à voz das ruas.
Precisamos fortalecer um espaço público capaz de gerar novos direitos e produzir uma cidadania ativa.
As formas de democracia participativa não são opostas às da democracia representativa.
Elas se complementam.
Meu Governo, atento às manifestações das ruas e, em especial, aos movimentos sociais, construiu grande parte de suas políticas públicas e importantes decisões governamentais, consultando a opinião da sociedade organizada em Conferências Nacionais, Conselhos e Foros.
Continuaremos nesse rumo.
Reafirmamos, finalmente, nossos compromissos éticos em uma perspectiva republicana.
Nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça.
A reforma política deve ser prioritária no Brasil.
Convido todos os senhores para nos sentarmos à mesa e iniciarmos o seu debate e urgente encaminhamento, ao lado de outras reformas importantes, como a tributária, que precisamos concluir.
O fortalecimento de nosso sistema democrático dará nova qualidade à presença do Brasil na cena mundial.
Nossa política externa – motivo de orgulho pelos excelentes resultados que trouxe para a nação – foi marcada por uma clara opção pelo multilateralismo, necessário para lograr um mundo de paz e de solidariedade.
Essa opção nos permitiu manter excelentes relações políticas, econômicas e comerciais com as grandes potências mundiais e, ao mesmo tempo, priorizar os laços com o Sul do mundo.
Estamos mais próximos da África – um dos berços da civilização brasileira.
Fizemos do entorno sul-americano o centro de nossa política externa.
O Brasil associa seu destino econômico, político e social ao do continente, ao MERCOSUL e à Comunidade Sul-americana de Nações.

Senhoras e Senhores,
É tempo do nascimento de um novo humanismo, fundado nos valores universais da democracia, da tolerância e da solidariedade.
O Brasil tem muito o que contribuir neste debate.
Colocamos o respeito aos Direitos Humanos no centro de nossas preocupações.
Ampliamos políticas públicas nesta direção e criamos instituições de Estado fortes e capazes de garantir que este país combaterá de maneira decidida e permanente todas as formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual e faixa etária.
Por isso cresce a participação das mulheres na vida econômica, social e política do país. Cada vez mais, os negros ocupam o lugar que lhes é devido em um Brasil democrático. Assim como os povos indígenas, que reconquistam e consolidam a sua dignidade histórica.
A despeito dos avanços que nossas políticas públicas propiciaram, especialmente na esfera educacional, ainda há muito que fazer pelos jovens, importante segmento de nossa sociedade, a quem caberá conduzir este país nas próximas décadas.
Em um mundo que busca caminhos para o convívio, espaços para o diálogo, para a coabitação do múltiplo e do diverso, o Brasil tem o que oferecer.
Nosso País pode ser uma voz e um exemplo autêntico e poderoso para o mundo na questão da diversidade.
Pode ajudar a mostrar que neste planeta desigual, é possível avançar no sentido do entendimento, quando os interesses dos diferentes e, sobretudo, dos excluídos passam a integrar efetivamente a agenda nacional.

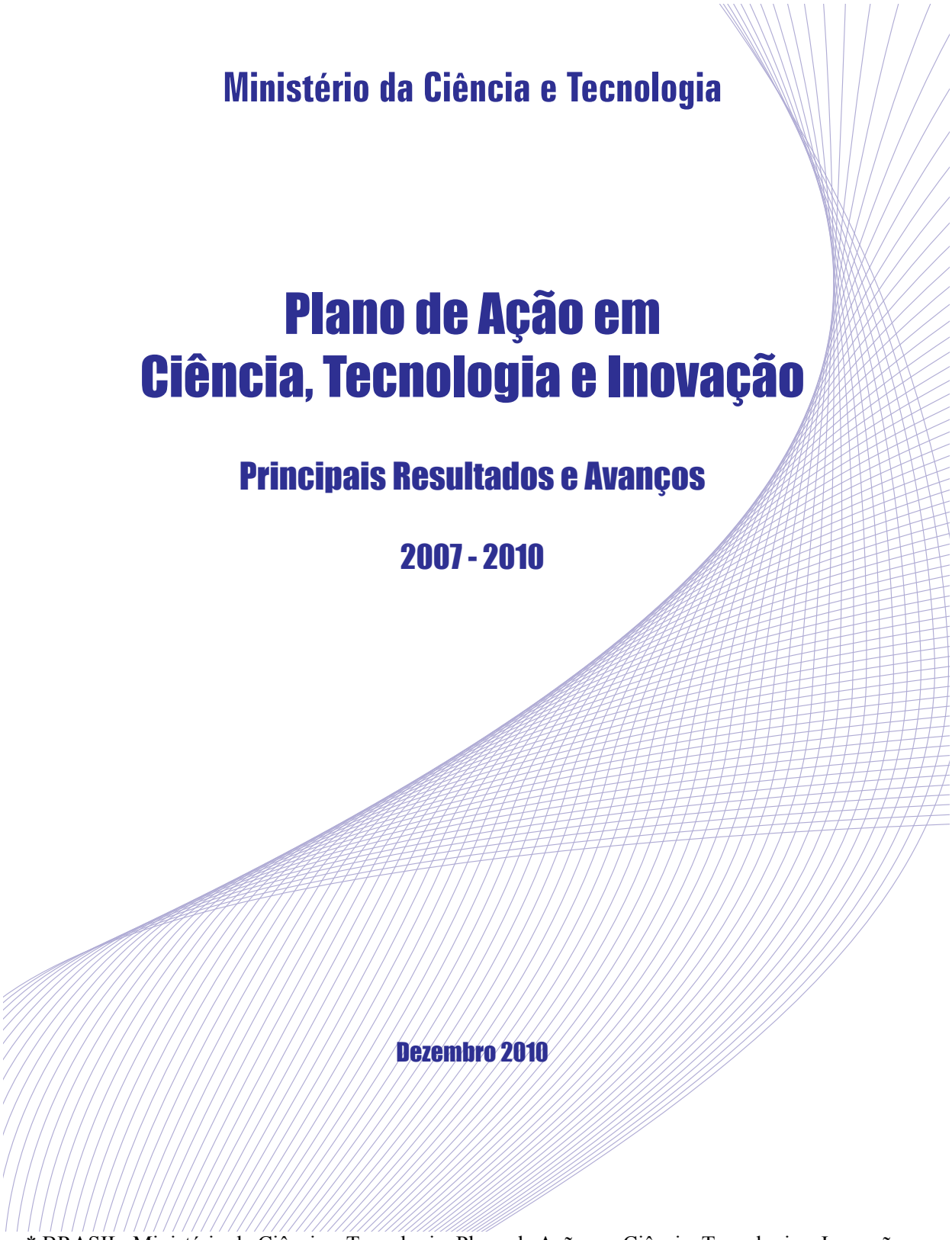
Senhoras e Senhores,
Fui reconduzido à Presidência da República pela vontade majoritária do povo brasileiro.
A realização do segundo turno deu mais nitidez à escolha, contrapondo projetos de país com contornos bem definidos e diferenciados.
O povo fez uma escolha consciente.
Mais do que um homem, escolheu uma proposta, optou por um lado.
Não faltaram os que, do alto de seus preconceitos elitistas, tentaram desqualificar a opção popular como fruto da sedução que poderia exercer sobre ela o que chamavam de "distribuição de migalhas".
Os que assim pensam não conhecem e não entendem este País.
Desconhecem o que é um povo sem feitores, capaz de expressar-se livremente.
O que distribuímos – e mais do que isso: socializamos – foi cidadania.
Este povo constitui a verdadeira opinião pública do país que alguns pretenderam monopolizar.
Finalmente, quem tentou desqualificar a opção popular não foi capaz de valorar algo fundamental.
A vontade de mudança – que esteve reprimida por décadas, séculos – expressou-se pacificamente, democraticamente e esta manifestação contribuiu de modo notável para o fortalecimento das instituições.
O caminho da política exige paciência, concessões mútuas, compreensão do outro.
Exige que sejamos capazes de levar ao extremo a prática da escuta.
Pois só assim é possível sintonizar e harmonizar interesses.
Mas exige opções, alinhamentos.
Neste dia inaugural de meu novo mandato, não peço a ninguém que abandone suas convicções. Não desejo que a oposição deixe de cumprir o papel que dela esperam os que por ela livremente optaram.
Quero pedir-lhes, apenas, que olhemos mais para o que nos une do que para o que nos separa. Que concentremos o debate nos grandes desafios colocados para o nosso país e para o mundo. Que estejamos à altura do que necessita e deseja o nosso povo.
Só assim poderemos estar todos a serviço deste país que tanto amamos.
Eu, de minha parte, governarei para todos, sem olhar para cor, credo, opção ideológica ou partidária.
Mais que nunca, sou um homem de uma só causa. E esta causa se chama Brasil.

Minhas Senhoras, meus Senhores,
Reconheço que Deus tem sido generoso comigo.
Mais do que mereço.
Eu pedi forças... e Deus me deu dificuldades para fazer-me forte.
Eu pedi sabedoria... e Deus me deu problemas para resolver.
Eu pedi prosperidade... e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar.
Eu pedi coragem... e Deus me deu perigos para superar.
Eu pedi amor... e Deus me deu pessoas com dificuldades para ajudar.
Eu pedi dádivas... e Deus me deu oportunidades.
Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo que precisava.

Muito obrigado.

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura 'Agência Câmara Notícias'.

ANEXO C — PLANO DE AÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: PRINCIPAIS RESULTADOS E AVANÇOS 2007 - 2010. INTRODUÇÃO*



* BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação: Principais Resultados e Avanços 2007 - 2010. Brasília: MCT, 2010. Disponível em: https://repositorio.mcti.gov.br/bitstream/mctic/5059/1/2010_plano_acao_ciencia_tecnologia_inovacao_principais_resultados_avancos_2007_2010.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

Introdução

O Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação 2007-2010 (PACTI), anunciado em novembro de 2007, constitui um importante instrumento de orientação das ações de Estado para essas atividades, na medida em que delineia programas e direciona o aporte de recursos numa abordagem sistêmica e estratégica. Para viabilizar essas ações, o Plano prevê investimentos de R$ 41,2 bilhões até 2010, oriundos do orçamento federal, os quais, em muitos programas, estão acompanhados de investimentos estaduais e municipais, além de contrapartida oferecida principalmente por empresas beneficiadas pelos projetos.

Concebido como elemento do conjunto do Programa de Governo, mobiliza e articula competências e ações de todo o Governo Federal em cooperação com os governos estaduais, distrital e municipais e outros atores. Suas metas são ambiciosas. Cumpri-las demanda forte empenho institucional. A qualidade da interação entre os atores do Sistema Nacional de C,T&I é, portanto, a variável determinante do sucesso do Plano, exigindo atuação articulada e gestão compartilhada. Contribui para o sucesso estratégico da articulação o acompanhamento do PACTI feito pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), órgão de assessoramento do Presidente da República, integrado por Ministros e representantes da academia, da indústria e do terceiro setor.

A introdução do Plano como instrumento de uma política de Estado no cenário brasileiro de ciência, tecnologia e inovação trouxe avanços no que diz respeito tanto à evolução dos níveis de investimento em C,T&I como ao aprimoramento dos instrumentos de incentivo e de apoio às atividades da área.

O PACTI tem quatro prioridades estratégicas, norteadas pela Política Nacional de C,T&I:

I - Expansão e Consolidação do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação;
II - Promoção da Inovação Tecnológica nas Empresas;
III - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Áreas Estratégicas; e
IV - Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Social.

As ações e estratégias envolvidas no financiamento à pesquisa, com ênfase na ampliação e na otimização dos recursos investidos em C,T&I, têm gerado resultados tanto abrangentes quanto pontuais. Exemplo disso é a ampliação da capacidade nacional de produção científica e tecnológica, o já comentado crescente comprometimento de governos estaduais no investimento e na execução de ações relacionadas ao desenvolvimento de C,T&I, e também a maior consciência do setor empresarial da importância da inovação e do investimento privado em pesquisa e desenvolvimento (P&D) como estratégia de competitividade.

Esses resultados, entre outros, somados à adoção de mecanismos mais flexíveis e estáveis de financiamento à pesquisa, têm contribuído para a estratégia maior de expansão e consolidação do Sistema Nacional de C,T&I e, consequentemente, para a melhoria de indicadores de impactos tanto econômicos como sociais das políticas públicas relacionadas. Somente por intermédio do orçamento do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), das suas agências de fomento e das suas unidades vinculadas, o PACTI possibilitará, em 2010, execução em capital e custeio no valor de R$ 6,6 bilhões, crescimento real de 67 % em relação a 2006. Esse sucesso foi garantido, em grande parte, pelo descontingenciamento gradual dos Fundos Setoriais nos últimos dois anos.

A capilaridade das ações do MCT e de suas agências tem sido alcançada especialmente em razão das parcerias com entes federados, por meio, principalmente, de suas Secretarias de Ciência e Tecnologia e Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs), representados, no nível de negociação, pelo Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de C,T&I (CONSECTI) e pelo Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa (CONFAP). Esta articulação está fortemente consolidada pela institucionalização do Comitê Executivo MCT/ CONSECTI/CONFAP, que discute e encaminha questões de grande relevância para todo o Sistema.

Com a finalidade de intensificar a interação com as demais políticas de Estado, busca-se articular os instrumentos do PACTI com os da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE); da política de saúde, expressa pelo programa Mais Saúde: direito de todos; do Plano de Desenvolvimento da Agropecuária (PDA) e do Plano de Aceleração do Crescimento da Infraestrutura.

A ampliação da base de recursos humanos qualificados para o desenvolvimento científico e tecnológico é outro objetivo do PACTI. Desde 2007, o aporte de recursos para bolsas tem aumentado significativamente, permitindo acumular cerca de 155.000 bolsas implementadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2010 (estimativa), assim atingindo 97% da meta estabelecida. Para garantir a continuidade desse crescimento, o MCT empenha-se no sentido de assegurar as previsões orçamentárias para a área, mesmo diante das restrições que acompanharam a crise econômica mundial, principalmente em 2009.

No que refere ao fortalecimento da inovação, foi fundamental a aproximação com os programas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

(BNDES), o que propicia sustentabilidade aos investimentos para a promoção da inovação nas empresas. Garantir essa sustentabilidade é vital para o Sistema Nacional de C,T&I, que experimenta mudanças significativas desde a inserção da inovação como eixo central da Política Nacional de C,T&I e como variável-chave do desenvolvimento sustentável do País.

O apoio a Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Áreas Estratégicas também teve aumento significativo – no período entre 2007 e 2009, a execução financeira dos programas pertencentes à Prioridade III do PACTI totalizou cerca de R$ 3,0 bilhões, referentes a recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e de outras ações do Plano Plurianual (PPA). Tal aporte proporcionou avanços especialmente nos programas referentes a Tecnologias da Informação e Comunicação, Biocombustíveis, Antártica, Amazônia, Defesa, Programa Espacial e Programa Nuclear.

Em consonância com a política social do governo federal (PAC Nacional), o MCT dedica atenção especial a ações de ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento social. Essas ações têm permitido investimentos na implementação de Centros Vocacionais Tecnológicos (CVT), para agregação de valor a cadeias produtivas locais e apropriação de tecnologias; e de Telecentros em todo o território nacional, ampliando a participação de todos nos benefícios do advento de novas tecnologias. Como parte das ações que promulgam a popularização da ciência para a inclusão social e a divulgação do conhecimento científico e tecnológico, o MCT promove a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), por intermédio do seu Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). O MCT realiza, ainda, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que é a expressão maior de democratização do conhecimento científico e tecnológico no País.

A PINTEC 2008 aponta que, em relação à pesquisa de 2005, cresceram:

- o número de empresas industriais inovadoras (30.377 para 38.299);
- a taxa de inovação (33,4% para 38,1%);
- o percentual do faturamento da indústria investido em P&D (0,57% para 0,62%);
- o número de empresas que utilizam a internet (17.249 para 26.349) e as ICTs (3.634 para 9.707) como fonte de informação; e
- o número de empresas que utilizaram instrumentos governamentais de apoio à inovação (5.818 para 8.730).

Os avanços mais significativos do PACTI são apresentados neste relatório. No entanto, é necessário frisar que os resultados de duas pesquisas foram

divulgadas recentemente, as quais fornecem elementos importantes para o aperfeiçoamento da política de C,T&I.

A primeira, divulgada em outubro de 2010, é a Pesquisa de Inovação Tecnológica 2008 (PINTEC 2008), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – a quarta de uma série iniciada em 2000, mas a primeira a mapear resultados após o aperfeiçoamento do marco legal para a inovação, com a sanção e regulamentação da Lei de Inovação e da Lei do Bem.

A segunda, a Pesquisa Nacional sobre Percepção Pública da Ciência e Tecnologia, divulgada agora em novembro, contribui para o ajuste de programas de popularização da ciência.

Pesquisa de opinião realizada em 2010 com 2016 entrevistados em todo o país (margem de erro de 2%) mostra que:

- o brasileiro se interessa por C&T (65% interessados e muito interessados) e mais ainda por temas com forte componente científico como medicina, saúde e meio ambiente (82%);
- metade dos entrevistados julga a ciência brasileira em situação intermediária quando comparada com a de outros países; e
- a principal razão para não se visitar centros de C&T ou museus foi o fato de eles não existirem na região.

Ainda estão em curso dois estudos, cujos resultados aportarão mais informações sobre o impacto da política brasileira de C,T&I e, em certa medida, do PACTI, mas que não estão aqui incorporados uma vez que sua finalização está prevista para o próximo ano. São eles:

- estudo sobre o impacto dos fundos setoriais nas empresas, encomendado a uma parceria entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG), cujo universo abrange as empresas intervenientes em projetos apoiados pelos FNDCT/fundos setoriais e empresas que receberam financiamento reembolsável da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e cujos resultados preliminares mostram que o acesso a recursos dos fundos setoriais incrementa os esforços tecnológicos das empresas e contribui para seu crescimento e para a ampliação das exportações de maior conteúdo tecnológico; e
- estudo conduzido pela Assessoria de Coordenação dos Fundos Setoriais do MCT em parceria com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), com a FINEP e com o CNPq, para identificar as inovações introduzidas e a apropriação de conhecimentos gerados pelos projetos apoiados pelos Fundos Setoriais, com foco não apenas em ações destinadas ao desenvolvimento tecnológico e à inovação, mas também naquelas de

pesquisa básica, de formação e capacitação de recursos humanos e de implantação e fortalecimento de infraestrutura.

Por fim, é fundamental registrar o diálogo estabelecido com a sociedade em duas Conferências Nacionais de C,T&I (CNCTI), as quais aportaram valiosas contribuições que balizaram a estruturação do PACTI 2007-2010, no caso da 3ª CNCTI, realizada em 2005, e estão induzindo aperfeiçoamentos da atual política para incorporação no PACTI 2011-2015, no caso da 4ª CNCTI, realizada em maio de 2010.

O presente relatório está organizado segundo a lógica do próprio PACTI, ou seja, por Prioridade Estratégica. Um capítulo à parte, ao final, faz uma análise abrangente dos investimentos até 2009 e com estimativas para 2010 com vistas às principais macrometas estabelecidas em 2007.

ANEXO D — DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, DURANTE COMPROMISSO CONSTITUCIONAL PERANTE O CONGRESSO NACIONAL, EM 2011*

01-01-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional

A Presidenta fala sobre a imensa honra pela escolha feita pelo povo brasileiro e da importância de garantir a estabilidade da economia, modernizar o sistema tributário e o parque industrial e valorizar o desenvolvimento regional

Congresso Nacional, Brasília-DF, 1º de janeiro de 2011

Senhor presidente do Congresso Nacional, senador José Sarney,

Senhores chefes de Estado e de Governo que me honram com as suas presenças,

Senhor vice-presidente da República, Michel Temer,

Senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Marco Maia,

Senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Cezar Peluso,

Senhoras e senhores chefes das missões estrangeiras,

Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhoras e senhores governadores,

Senhoras e senhores senadores,

Senhoras e senhores deputados federais,

Senhoras e senhores representantes da imprensa,

Meus queridos brasileiros e brasileiras,

Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.

Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão.

Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação.

Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha da sua imensa energia.

* ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 01 jan. 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional. Acesso: 20 set. 2023.

E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à Presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país.

Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher.

Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo – eu reitero – é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos!

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes.

Venho para consolidar a obra transformadora do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, venho para consolidar a obra transformadora do Presidente Lula, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, ao seu lado, nestes últimos anos.

De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do país.

A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o Presidente Lula deixa para todos nós.

Sob a sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da nossa história.

Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades.

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nesses oito anos: nosso querido vice-presidente José Alencar. Que exemplo de coragem e de amor à vida nos dá este grande homem!! E que parceria fizeram o Presidente Lula e o vice-presidente José Alencar pelo Brasil e pelo nosso povo!!

Eu e o vice-presidente, Michel Temer, nos sentimos responsáveis por seguir no caminho iniciado por eles.

Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo Presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje.

Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos a nossa dívida externa.

Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média.

Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar sempre novas soluções.

Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda a sociedade, mudar de vida e de patamar.

Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo – um país de classe média sólida e empreendedora.

Uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

Para enfrentar estes grandes desafios é preciso manter os fundamentos que nos garantiram chegar até aqui.

Mas, igualmente, agregar novas ferramentas e novos valores.

Na política é tarefa indeclinável e urgente uma reforma com mudanças na legislação para fazer avançar nossa jovem democracia, fortalecer o sentido programático dos partidos e aperfeiçoar as instituições, restaurando valores e dando mais transparência ao conjunto da atividade pública.

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços, e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo da nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar.

É, portanto, inadiável a implementação de um conjunto de medidas que modernize o sistema tributário, orientado pelo princípio da simplificação e da racionalidade. O uso intensivo da tecnologia da informação deve estar a serviço de um sistema de progressiva eficiência e elevado respeito ao contribuinte.

Valorizar nosso parque industrial e ampliar sua força exportadora será meta permanente. A competitividade de nossa agricultura e da nossa pecuária, que faz do Brasil grande exportador de produtos de qualidade para todos os continentes, merecerá toda a nossa atenção. Nos setores mais produtivos a internacionalização de nossas empresas já é uma realidade.

O apoio aos grandes exportadores não é incompatível com o incentivo, o desenvolvimento e o apoio à agricultura familiar e ao microempreendedor. As pequenas empresas são responsáveis pela maior parcela dos empregos permanentes em nosso país. Merecerão políticas tributárias e de crédito perenes.

Valorizar o desenvolvimento regional é outro imperativo de um país continental, sustentando a vibrante economia do Nordeste, preservando e respeitando a biodiversidade da Amazônia, no Norte, dando condições à extraordinária produção agrícola do Centro-Oeste, à força industrial do Sudeste e à pujança e ao espírito de pioneirismo do Sul.

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro.

No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo decisivo e irrevogável, para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do Presidente Lula.

É, portanto, tarefa indispensável uma ação renovadora, efetiva e integrada dos governos federal, estadual e municipal, em particular nas áreas da saúde, da educação e da segurança, o que é vontade expressa das famílias e da população brasileira.

Queridos brasileiros e brasileiras,

A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.

Uma expressiva mobilidade social ocorreu nos dois mandatos do Presidente Lula. Mas ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido.

Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver crianças pobres abandonadas à própria sorte. O congraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. É este o sonho que vou perseguir!

Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda a nossa sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e das pessoas de bem.

A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações.

É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e do desenvolvimento regional.

Isso significa – reitero – manter a estabilidade econômica como valor. Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

Continuaremos fortalecendo nossas reservas externas para garantir o equilíbrio das contas externas e bloquear e impedir a vulnerabilidade externa. Atuaremos decididamente nos fóruns multilaterais na defesa de políticas econômicas saudáveis e equilibradas, protegendo o país da concorrência desleal e do fluxo indiscriminado de capitais especulativos.

Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção.

Faremos um trabalho permanente e continuado para melhorar a qualidade do gasto público.

O Brasil optou, ao longo de sua história, por construir um Estado provedor de serviços básicos e de Previdência Social pública.

Isso significa custos elevados para toda a sociedade, mas significa também a garantia do alento da aposentadoria para todos e serviços de saúde e educação universais. Portanto, a melhoria dos serviços públicos é também um imperativo de qualificação dos gastos governamentais.

Outro fator importante da qualidade da despesa é o aumento dos níveis de investimento em relação aos gastos de custeio. O investimento público é essencial como indutor do investimento privado e como instrumento de desenvolvimento regional.

Através do Programa de Aceleração do Crescimento e do programa Minha Casa, Minha Vida manteremos o investimento sob estrito e cuidadoso acompanhamento da Presidência da República e dos Ministérios.

O PAC continuará sendo um instrumento de coesão da ação governamental e coordenação voluntária dos investimentos estruturais dos estados e municípios. Será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo.

Por sua vez, os investimentos previstos para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas serão concebidos de maneira a dar ganhos permanentes de qualidade de vida, em todas as regiões envolvidas.

Esse princípio vai reger também nossa política de transporte aéreo. É preciso, sem dúvida, melhorar e ampliar nossos aeroportos para a Copa e as Olimpíadas. Mas é mais que necessário melhorá-los já, para arcar com o crescente uso desse meio de transporte por parcelas cada vez mais amplas da população brasileira.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança.

Nas últimas décadas, o Brasil universalizou o ensino fundamental. Porém, é preciso melhorar sua qualidade e aumentar as vagas no ensino infantil e no ensino médio.

Para isso, vamos ajudar decididamente os municípios a ampliar a oferta de creches e de pré-escolas.

No ensino médio, além do aumento do investimento público vamos estender a vitoriosa experiência do ProUni para o ensino médio profissionalizante, acelerando a oferta de milhares de vagas para que nossos jovens recebam uma formação educacional e profissional de qualidade.

Mas só existirá ensino de qualidade se o professor e a professora forem tratados como as verdadeiras autoridades da educação, com formação continuada, remuneração adequada e sólido compromisso dos professores e da sociedade com a educação das crianças e dos jovens.

Somente com avanço na qualidade de ensino poderemos formar jovens preparados, de fato, para nos conduzir à sociedade da tecnologia e do conhecimento.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Consolidar o Sistema Único de Saúde será outra grande prioridade do meu governo.

Para isso, vou acompanhar pessoalmente o desenvolvimento desse setor tão essencial para o povo brasileiro.

O SUS deve ter como meta a solução real do problema que atinge a pessoa que o procura, com uso de todos os instrumentos de diagnóstico e tratamento disponíveis, tornando os medicamentos acessíveis a todos, além de fortalecer as políticas de prevenção e promoção da saúde.

Vou usar, sim, a força do governo federal para acompanhar a qualidade do serviço prestado e o respeito ao usuário.

Vamos estabelecer parcerias com o setor privado na área da saúde, assegurando a reciprocidade quando da utilização dos serviços do SUS.

A formação e a presença de profissionais de saúde adequadamente distribuídos em todas as regiões do país será outra meta essencial ao bom funcionamento do sistema.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

A ação integrada de todos os níveis do governo e a participação da sociedade é o caminho para a redução da violência que constrange a sociedade e as famílias brasileiras.

Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com estados e municípios.

O estado do Rio de Janeiro mostrou o quanto é importante, na solução dos conflitos, a ação coordenada das forças de segurança dos três níveis de governo, incluindo – quando necessário – a participação decisiva das Forças Armadas.

O êxito dessa experiência deve nos estimular a unir as forças de segurança no combate, sem tréguas, ao crime organizado, que sofistica a cada dia seu poder de fogo e suas técnicas de aliciamento dos jovens.

Buscaremos também uma maior capacitação federal na área de inteligência e no controle das fronteiras, com o uso de modernas tecnologias e treinamento profissional permanente.

Reitero meu compromisso de agir no combate às drogas, em especial ao avanço do *crack*, que desintegra nossa juventude e infelicita as nossas famílias.

O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente, queridas brasileiras e queridos brasileiros, se produzir uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental.

A sua própria descoberta é resultado do avanço tecnológico brasileiro e de uma moderna política de investimentos em pesquisa e inovação. Seu desenvolvimento será fator de valorização da empresa nacional e seus investimentos serão geradores de milhares de novos empregos.

O grande agente dessa política foi e é a Petrobras, símbolo histórico da soberania brasileira na produção energética e do petróleo.

O meu governo terá a responsabilidade de transformar a enorme riqueza obtida no pré-sal em poupança de longo prazo, capaz de fornecer às atuais e às futuras gerações a melhor parcela dessa riqueza transformada, ao longo do tempo, em investimentos efetivos na qualidade dos serviços públicos, na redução da pobreza e na valorização do meio ambiente. Recusaremos o gasto apressado, que reserva às futuras gerações apenas as dívidas e a desesperança.

Queridos e queridas brasileiras e brasileiros,

Muita coisa melhorou no nosso país, mas estamos vivendo apenas o início de uma nova era. O despertar de um novo Brasil.

Recorro a um poeta da minha terra natal. Ele diz: “o que tem de ser, tem muita força, tem uma força enorme”.

Pela primeira vez o Brasil se vê diante da oportunidade real de se tornar, de ser, uma nação desenvolvida. Uma nação com a marca inerente também da cultura e do estilo brasileiros – o amor, a generosidade, a criatividade e a tolerância.

Uma nação em que a preservação das reservas naturais e das suas imensas florestas, associada à rica biodiversidade e à matriz energética mais limpa do mundo, permitem um projeto inédito de país desenvolvido com forte componente ambiental.

O mundo vive em um ritmo cada vez mais acelerado de revolução tecnológica. Ela se processa tanto na decifração de códigos desvendadores da vida quanto na explosão da comunicação e da informática.

Temos avançado na pesquisa e na tecnologia, mas precisamos avançar muito mais. Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e para a inovação como instrumento fundamental de produtividade e competitividade do nosso país.

Mas o caminho para uma nação desenvolvida não está somente no campo econômico ou no campo do desenvolvimento econômico pura e simplesmente. Ele pressupõe o avanço social e a valorização da nossa imensa diversidade cultural. A cultura é a alma de um povo, essência de sua identidade.

Vamos investir em cultura, ampliando a produção e o consumo em todas as regiões de nossos bens culturais e expandindo a exportação de nossa música, cinema e literatura, signos vivos de nossa presença no mundo.

Em suma: temos que combater a miséria, que é a forma mais trágica de atraso, e, ao mesmo tempo, avançar investindo fortemente nas áreas mais modernas e sofisticadas da invenção tecnológica, da criação intelectual e da produção artística e cultural.

Justiça social, moralidade, conhecimento, invenção e criatividade devem ser, mais que nunca, conceitos vivos no dia a dia da nossa nação.

Queridas e queridos brasileiros e brasileiras,

Considero uma missão sagrada do Brasil a de mostrar ao mundo que é possível um país crescer aceleradamente, sem destruir o meio ambiente.

Somos e seremos os campeões mundiais de energia limpa, um país que sempre saberá crescer de forma saudável e equilibrada.

O etanol e as fontes de energias hídricas terão grande incentivo, assim como as fontes alternativas: a biomassa, (incompreensível) a eólica e a solar. O Brasil continuará também priorizando a preservação das reservas naturais e de suas imensas florestas.

Nossa política ambiental favorecerá nossa ação nos fóruns multilaterais. Mas o Brasil não condicionará sua ação ambiental ao sucesso e ao cumprimento, por terceiros, de acordos internacionais.

Defender o equilíbrio ambiental do Planeta é um dos nossos compromissos nacionais mais universais.

Meus queridos brasileiros e brasileiras,

Nossa política externa estará baseada nos valores clássicos da tradição diplomática brasileira: promoção da paz, respeito ao princípio de não intervenção, defesa dos Direitos Humanos e fortalecimento do multilateralismo.

O meu governo continuará engajado na luta contra a fome e a miséria no mundo.

Seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio e dos países asiáticos. Preservaremos e aprofundaremos o relacionamento com os Estados Unidos e com a União Europeia.

Vamos dar grande atenção aos países emergentes.

O Brasil reitera, com veemência e firmeza, a decisão de associar seu desenvolvimento econômico, social e político ao nosso continente.

Podemos transformar nossa região em componente essencial do mundo multipolar que se anuncia, dando consistência cada vez maior ao Mercosul e à Unasul. Vamos contribuir para a estabilidade financeira internacional, com uma intervenção qualificada nos fóruns multilaterais.

Nossa tradição de defesa da paz não nos permite qualquer indiferença frente à existência de enormes arsenais atômicos, à proliferação nuclear, ao terrorismo e ao crime organizado transnacional.

Nossa ação política externa continuará propugnando pela reforma dos organismos de governança mundial, em especial as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Disse, ao início deste discurso, que eu governarei para todos os brasileiros e brasileiras. E vou fazê-lo.

Mas é importante lembrar que o destino de um país não se resume à ação de seu governo. Ele é o resultado do trabalho e da ação transformadora de todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil do futuro será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ele hoje. Do tamanho da participação de todos e de cada um:

dos movimentos sociais,

dos que labutam no campo,

dos profissionais liberais,

dos trabalhadores e dos pequenos empreendedores,

dos intelectuais,

dos servidores públicos,

dos empresários,

das mulheres,

dos negros, dos índios, dos jovens,

de todos aqueles que lutam para superar distintas formas de discriminação.

Quero estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão amazônica, no semiárido nordestino e em todos os seus rincões, na imensidão do cerrado, na vastidão dos pampas.

Quero estar ao lado dos que vivem nos aglomerados metropolitanos, na vastidão das florestas, no interior ou no litoral, nas capitais e nas fronteiras do Brasil.

Quero convocar todos a participar do esforço de transformação do nosso país.

Respeitada a autonomia dos Poderes e o princípio federativo, quero contar com o Legislativo e o Judiciário, e com a parceria de governadores e prefeitos para continuarmos desenvolvendo nosso país, aperfeiçoando nossas instituições e fortalecendo nossa democracia.

Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião.

Reafirmo o que disse ao longo da campanha, que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. Quem, como eu e tantos outros da minha geração lutamos contra o arbítrio, a censura e a ditadura, somos naturalmente amantes da mais plena democracia e da defesa intransigente dos direitos humanos, no nosso país e como bandeira sagrada de todos os povos.

O ser humano não é só realização prática, mas sonho; não é só cautela racional, mas coragem, invenção e ousadia. E esses são os elementos fundamentais para a afirmação coletiva da nossa nação.

Eu e meu vice-presidente, Michel Temer, fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e a disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais.

Mais uma vez estendo minha mão aos partidos de oposição e às parcelas da sociedade que não estiveram conosco na recente jornada eleitoral. Não haverá de minha parte e do meu governo discriminação, privilégios ou compadrio.

A partir deste momento sou a presidenta de todos os brasileiros, sob a égide dos valores republicanos.

Serei rígida na defesa do interesse público. Não haverá compromisso com o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para atuarem com firmeza e autonomia.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Chegamos ao final deste longo discurso. Queria dizer a vocês que eu dediquei toda a minha vida à causa do Brasil. Entreguei, como muitos aqui presentes, minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco não tenho ressentimento ou rancor.

Muitos da minha geração, que tombaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles esta conquista, e rendo-lhes minha homenagem.

Esta, às vezes, dura caminhada me fez valorizar e amar muito mais a vida e me deu sobretudo coragem para enfrentar desafios ainda maiores. Recorro mais uma vez ao poeta da minha terra:

“O correr da vida” – diz ele – “embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

É com essa coragem que vou governar o Brasil.

Mas mulher não é só coragem. É carinho também.

Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abençoa.

É com esse imenso carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele dedicar os próximos anos da minha vida.

Que Deus abençoe o Brasil!

Que Deus abençoe a todos nós!

E que tenhamos paz no mundo!

Ouça na íntegra o discurso (http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional) (39min32s) da Presidenta Dilma.

Salvar

ANEXO E — LEI Nº 12.711/2012 OU “LEI DE COTAS”*

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012.

Mensagem de veto

Regulamento

Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

~~Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.~~

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas ou em escolas comunitárias que atuam no âmbito da educação do campo conveniadas com o poder público, referidas na alínea b do inciso I do § 3º do art. 7º da Lei nº 14.113, de 25 de dezembro de 2020. (Redação dada pela Lei nº 14.945, de 2024)

~~Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio) per capita .~~

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o **caput** deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservadas aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo **per capita**. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 2º (VETADO).

~~Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).~~

~~Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)~~

~~Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.~~

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e

* BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 31 out. 2023.

Estatística (IBGE). (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

§ 1º No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no **caput** deste artigo, as remanescentes deverão ser destinadas, primeiramente, a autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas ou a pessoas com deficiência e, posteriormente, completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

§ 2º Nos concursos seletivos para ingresso nas instituições federais de ensino superior, os candidatos concorrerão, inicialmente, às vagas disponibilizadas para ampla concorrência e, se não for alcançada nota para ingresso por meio dessa modalidade, passarão a concorrer às vagas reservadas pelo programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como dos que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. (Incluído pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 4º As instituições federais de ensino técnico de nível médio reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso em cada curso, por turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas.

~~Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio) per capita .~~

§ 1º No preenchimento das vagas de que trata o **caput** deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservadas aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo **per capita**. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

§ 2º Nos concursos seletivos para ingresso nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, os candidatos concorrerão, inicialmente, às vagas disponibilizadas para ampla concorrência e, se não for alcançada nota para ingresso por meio dessa modalidade, passarão a concorrer às vagas reservadas pelo programa especial para o acesso às instituições de educação de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como dos que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escola pública. (Incluído pela Lei nº 14.723, de 2023)

~~Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).~~

~~Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)~~

~~Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser preenchidas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escola pública.~~

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no **caput** deste artigo, as remanescentes deverão ser destinadas, primeiramente, aos autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas ou às pessoas com deficiência e, posteriormente, completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escola pública. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

~~Art. 6º O Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, serão responsáveis pelo acompanhamento e avaliação do programa de que trata esta Lei, ouvida a Fundação Nacional do Índio (Funai).~~

Art. 6º O Ministério da Educação e os ministérios responsáveis pelas políticas de promoção da igualdade racial, de implementação da política indígena e indigenista, de promoção dos direitos humanos e da cidadania e de promoção de políticas públicas para a juventude serão responsáveis pelo acompanhamento e avaliação do programa especial de que trata esta Lei, ouvida a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

~~Art. 7º O Poder Executivo promoverá, no prazo de 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, a revisão do programa especial para o acesso de estudantes pretos, pardos e indígenas, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, às instituições de educação superior.~~

~~Art. 7º No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.~~ ~~(Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)~~

Art. 7º A cada 10 (dez) anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a avaliação do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como dos que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

Parágrafo único. O Ministério da Educação divulgará, anualmente, relatório com informações sobre o programa especial de acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio, do qual deverão constar, pelo menos, dados sobre o acesso, a permanência e a conclusão dos alunos beneficiários e não beneficiários desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 7º-A. Os alunos optantes pela reserva de vagas no ato da inscrição do concurso seletivo que se encontrem em situação de vulnerabilidade social terão prioridade para o recebimento de auxílio estudantil de programas desenvolvidos nas instituições federais de ensino. (Incluído pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 7º-B. As instituições federais de ensino superior, no âmbito de sua autonomia e observada a importância da diversidade para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, promoverão políticas de ações afirmativas para inclusão de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação **stricto sensu**. (Incluído pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 7º-C. Após 3 (três) anos da divulgação dos resultados do censo do IBGE, o Poder Executivo deverá adotar metodologia para atualizar anualmente os percentuais de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência em relação à população das unidades da Federação, na forma da regulamentação. (Incluído pela Lei nº 14.723, de 2023)

Art. 8º As instituições de que trata o art. 1º desta Lei deverão implementar, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) da reserva de vagas prevista nesta Lei, a cada ano, e terão o prazo máximo de 4 (quatro) anos, a partir da data de sua publicação, para o cumprimento integral do disposto nesta Lei.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de agosto de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF
Aloizio Mercadante
Miriam Belchior
Luís Inácio Lucena Adams
Luiza Helena de Bairros
Gilberto Carvalho

ANEXO F — NOTÍCIA SOBRE A SEGUNDA ETAPA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, PUBLICADA PELO PORTAL G1*

MENU G1 EDUCAÇÃO

25/06/2014 19h11 - Atualizado em 16/06/2015 17h30

Dilma anuncia 100 mil bolsas para 2ª etapa do Ciência sem Fronteiras

Programa oferece bolsas de estudo para estudantes brasileiros no exterior. Primeira etapa da iniciativa federal concedeu 83 mil bolsas de estudo.

Nathalia Passarinho
Do G1, em Brasília

FACEBOOK



Dilma posou para selfies com bolsistas do Ciência sem Fronteiras durante solenidade no Palácio do Planalto (Foto: Roberto Stuckert Filho/PR)

A presidente Dilma Rousseff anunciou nesta quarta-feira (25), durante a cerimônia de lançamento da segunda etapa do programa **Ciência sem Fronteiras**, que o governo federal irá oferecer 100 mil novas bolsas de estudo no exterior para estudantes brasileiros. O chamado "Ciência sem Fronteiras 2.0" entrará em vigor a partir de 2015. A primeira etapa do programa concedeu bolsas a 83 mil estudantes.

"Definimos nova fase do Ciência sem Fronteiras. Mais 100 mil bolsas para todos os jovens brasileiros que passarem e se classificarem a partir do processo de seleção", informou Dilma na solenidade realizada no Palácio do Planalto.

A presidente destacou ainda que o programa, que tem foco nas ciências exatas, sobretudo em cursos de engenharia, ajudará o país a se desenvolver tecnologicamente.

"Esse é um programa feito para garantir ao Brasil condições de gerar aqui inovação, aumentar o interesse pelas ciências exatas e a aplicação de tecnologia em todas as áreas", complementou a chefe do Executivo.

* PASSARINHO, Nathalia. Dilma anuncia 100 mil bolsas para 2ª etapa do Ciência sem Fronteiras. G1, Brasília, 25 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/06/dilma-anuncia-100-mil-bolsas- para-2-etapa-do-ciencia-sem-fronteiras.html. Acesso em: 25 set. 2023.

> Esse é um programa feito para garantir ao Brasil condições de gerar aqui inovação, aumentar o interesse pelas ciências exatas e a aplicação de tecnologia em todas as áreas"
>
> — Dilma Rousseff, presidente da República

A presidente destacou durante seu discurso que a experiência em faculdades de outros países dá aos estudantes "novas perspectivas". "Essas bolsas têm papel importante para os estudantes de graduação. Mostram os processos mais avançados existentes no mundo no que se refere ao estudo", ponderou.

Dilma ressaltou que as bolsas são concedidas conforme a nota obtida pelos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio (nota igual ou superior a 600 pontos) e o rendimento acadêmico na universidade no Brasil.

"Ao Ciência sem Fronteira não importa a origem ou classe social da pessoa. Se ela se esforçou, pode participar do Ciência sem Fronteira. Para fazer jus ao programa, há um critério meritocrático", destacou a presidente.

Meta 'arrojada'

O ministro de Ciência e Tecnologia, Clélio Campolina, afirmou a jornalistas após o lançamento da segunda etapa do Ciência sem Fronteiras que a meta de 100 mil bolsas de estudo para o exterior é "arrojada". Campolina garantiu que a meta deverá ser cumprida e foi tomada com base na primeira etapa da iniciativa federal.

"Eu acho que 100 mil bolsas por ano é um bom tamanho. Acho que [o programa] está funcionando muito bem e, inclusive, o comprometimento da juventude estudantil foi muito positivo. Cem mil bolsas é uma meta arrojada, uma meta muito grande e que está sendo cumprida. É uma meta muito grande", enfatizou.

saiba mais

Governo anuncia 12 milhões de vagas para a 2ª etapa do Pronatec

Bolsistas do Ciência sem Fronteiras protestam no Canadá contra regresso

'Pronatec 2.0'

Na última semana, o governo também anunciou a criação de 12 milhões de vagas para a segunda etapa do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), a partir de 2015. Ao todo, somadas as vagas da primeira e segunda fases, serão 20 milhões de matrículas.

Durante a cerimônia, no Palácio do Planalto, Dilma defendeu o Pronatec como forma de inclusão social, uma vez que garante ao aluno se qualificar e procurar trabalhos que lhe garantam aumento na renda.

tópicos: Ciência sem Fronteiras

ANEXO G — DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, DURANTE COMPROMISSO CONSTITUCIONAL PERANTE O CONGRESSO NACIONAL, EM 2015*

01-01-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional

Congresso Nacional, 1º de janeiro de 2015

Senhoras e Senhores,

Senhor presidente do Senado Federal, Renan Calheiros,

Senhor vice-presidente da República, Michel Temer,

Senhor presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves,

Senhoras e senhores Chefes de Estado, Chefes de Governo, Vice-chefes de Estado e Vice-chefes de governo que me honram com suas presenças aqui hoje.

Senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski,

Senhores e senhores chefes das missões estrangeiras e embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhoras e senhores governadores,

Senhoras e senhores senadores,

Senhoras e senhores deputados federais,

Senhoras e senhores representantes da imprensa,

Meus queridos brasileiros e brasileiras.

Volto a esta Casa com a alma cheia de alegria, de responsabilidade, de esperança. Sinto alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da mulher brasileira. O nome de milhões de mulheres guerreiras, mulheres anônimas que voltam a ocupar, encarnadas na minha figura, o mais alto posto dessa nossa grande nação.

Encarno, também, outra alma coletiva que amplia ainda mais a minha responsabilidade e a minha esperança. O projeto de nação que é detentor do mais profundo e duradouro apoio popular da nossa história democrática. Esse projeto de nação triunfou e permanece devido aos grandes resultados que conseguiu até agora, e que porque também o povo entendeu que este é um projeto coletivo e de longo prazo. Este projeto pertence ao povo brasileiro e, mais do que nunca, é para o povo brasileiro e com o povo brasileiro que vamos governar.

* ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 01 jan. 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional-1. Acesso em: 20 set. 2023.

A partir do extraordinário trabalho iniciado pelo governo do presidente Lula, continuado por nós, temos hoje a primeira geração de brasileiros que não vivenciou a tragédia da fome. Resgatamos 36 milhões da extrema pobreza e 22 milhões apenas em meu primeiro governo.

Nunca tantos brasileiros ascenderam às classes médias. Nunca tantos brasileiros conquistaram tantos empregos com carteira assinada. Nunca o salário mínimo e os demais salários se valorizaram por tanto tempo e com tanto vigor. Nunca tantos brasileiros se tornaram donos de suas próprias casas. Nunca tantos brasileiros tiveram acesso ao ensino técnico e à universidade. Nunca o Brasil viveu um período tão longo sem crises institucionais. Nunca as instituições foram tão fortalecidas e respeitadas e nunca se apurou e puniu com tanta transparência a corrupção.

Em nossos governos, cumprimos o compromisso fundamental de oferecer a uma população enorme de excluídos, de pessoas excluídas, os direitos básicos que devem ser assegurados a qualquer cidadão: o direito de trabalhar, de alimentar a sua família, de educar e acreditar em um futuro melhor para seus filhos. Isso que era tanto para uma população que tinha tão pouco, tornou-se pouco para uma população que conheceu, enfim, governos que respeitam e que a respeitam, e que realmente se esforçam para protegê-la.

A população quis que ficássemos porque viu o resultado do nosso trabalho, compreendeu as limitações que o tempo nos impôs e concluiu que podemos fazer muito mais. O recado que o povo brasileiro nos mandou não foi só de reconhecimento e de confiança, foi também um recado de quem quer mais e melhor.

Por isso, a palavra mais repetida na campanha foi mudança e o tema mais invocado foi reforma. Por isso, eu repito hoje, nesta solenidade de posse, perante as senhoras e os senhores: fui reconduzida à Presidência para continuar as grandes mudanças do país e não trairei este chamado. O povo brasileiro quer mudanças, quer avançar e quer mais. É isso que também eu quero. É isso que vou fazer, com destemor mas com humildade, contando com o apoio desta Casa e com a força do povo brasileiro.

Este ato de posse é, antes de tudo, uma cerimônia de reafirmação e ampliação de compromissos. É a inauguração de uma nova etapa neste processo histórico de mudanças sociais do Brasil.

Faço questão, também, de renovar, nesta Casa, meu compromisso de defesa permanente e obstinada da Constituição, das leis, das liberdades individuais, dos direitos democráticos, da mais ampla liberdade de expressão e dos direitos humanos.

Queridos brasileiros e brasileiras,

Em meu primeiro mandato, o Brasil alcançou um feito histórico: superamos a extrema pobreza. Mas, como eu disse - e sei que é a convicção e a expectativa de todos os brasileiros -, o fim da miséria é apenas um começo. Agora é a hora de prosseguir com o nosso projeto de novos objetivos. É hora de melhorar o que está bom, corrigir o que é preciso e fazer o que o povo espera de nós.

Sim, neste momento, ao invés de simplesmente garantir o mínimo necessário, como foi o caso ao longo da nossa história, temos, agora, que lutar para oferecer o máximo possível. Vamos precisar, governo e sociedade, de paciência, coragem, persistência, equilíbrio e humildade para vencer os obstáculos. E venceremos esses obstáculos.

O povo brasileiro quer democratizar, cada vez mais, a renda, o conhecimento e o poder. O povo brasileiro quer educação, saúde, e segurança de mais qualidade. O povo brasileiro quer ainda mais transparência e mais combate a todos os tipos de crimes, especialmente a corrupção e quer ainda que o braço forte da justiça alcance a todos de forma igualitária.

Eu não tenho medo de encarar estes desafios, até porque sei que não vou enfrentá-los sozinha, não vou enfrentar esta luta sozinha. Sei que conto com o apoio dos senhores e das senhoras parlamentares, legítimos representantes do povo neste Congresso Nacional. Sei que conto com o apoio do meu querido vice-presidente Michel Temer, parceiro de todas as horas. Sei que conto com o esforço dos homens e mulheres do Judiciário. Sei que conto com o forte apoio da minha base aliada, de cada liderança partidária de nossa base e com os ministros e as ministras que estarão, a partir de hoje, trabalhando ao meu lado pelo Brasil. Sei que conto com o apoio de cada militante do meu partido, o PT, e da militância de cada partido da base aliada, representados aqui pelo mais destacado militante e maior líder popular da nossa história, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sei que conto com o apoio dos movimentos sociais e dos sindicatos; e sei o quanto estou disposta a mobilizar todo o povo brasileiro nesse esforço para uma nova arrancada do nosso querido Brasil.

Assim como provamos que é possível crescer e distribuir renda, vamos provar que se pode fazer ajustes na economia sem revogar direitos conquistados ou trair compromissos sociais assumidos. Vamos provar que depois de fazermos políticas sociais que surpreenderam o mundo, é possível corrigir eventuais distorções e torná-las ainda melhores.

É inadiável, também, implantarmos práticas políticas mais modernas, éticas e, por isso, mesmo mais saudáveis. É isso que torna urgente e necessária a reforma política. Uma reforma profunda que é responsabilidade constitucional desta Casa, mas que deve mobilizar toda a sociedade na busca de novos métodos e novos caminhos para nossa vida democrática. Reforma política que estimule o povo brasileiro a retomar seu gosto e sua admiração pela política.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Neste momento solene de posse é importante que eu detalhe algumas ações e atitudes concretas que vão nortear nosso segundo mandato.

As mudanças que o país espera para os próximos quatro anos dependem muito da estabilidade e da credibilidade da economia. Isso, para nós todos, não é novidade. Sempre orientei minhas ações pela convicção sobre o valor da estabilidade econômica, da centralidade do controle da inflação e do imperativo da disciplina fiscal, e a necessidade de conquistar e merecer a confiança dos trabalhadores e dos empresários.

Mesmo em meio a um ambiente internacional de extrema instabilidade e incerteza econômica, o respeito a esses fundamentos econômicos nos permitiu colher resultados positivos. Em todos os anos do meu primeiro mandato, a inflação permaneceu abaixo do teto da meta e assim vai continuar.

Na economia, temos com o que nos preocupar, mas também temos o que comemorar. O Brasil é hoje a 7ª economia do mundo, o 2º maior produtor e exportador agrícola, o 3º maior exportador de minérios, o 5º país que mais atrai investimentos estrangeiros, o 7º país em acúmulo de reservas cambiais e o 3º maior usuário de internet.

Além disso, é importante notar que a dívida líquida do setor público é hoje menor do que no início do meu mandato. As reservas internacionais estão em patamar histórico, na casa dos US$ 370 bilhões. Os investimentos estrangeiros diretos atingiram, nos últimos anos, volumes recordes.

Mais importante: a taxa de desemprego está nos menores patamares já vivenciados na história de nosso país. Geramos 5 milhões e 800 mil empregos formais em um período em que o mundo submergia no desemprego. Porém queremos avançar ainda mais e precisamos fazer mais e melhor!

Por isso, no novo mandato vamos criar, por meio de ação firme e sóbria, firme e sóbria na economia, um ambiente ainda mais favorável aos negócios, à atividade produtiva, ao investimento, à inovação, à competitividade e ao crescimento sustentável. Combateremos sem trégua a burocracia. Tudo isso voltado para o que é mais importante e mais prioritário: a manutenção do emprego e a valorização, muito especialmente a valorização do salário mínimo, que continuaremos assegurando.

Mais que ninguém sei que o Brasil precisa voltar a crescer. Os primeiros passos desta caminhada passam por um ajuste nas contas públicas, um aumento na poupança interna, a ampliação do investimento e a elevação da produtividade da economia. Faremos isso com o menor sacrifício possível para a população, em especial para os mais necessitados. Reafirmo meu profundo compromisso com a manutenção de todos os direitos trabalhistas e previdenciários.

Temos consciência que a ampliação e a sustentabilidade das políticas sociais exige equidade e correção permanente de distorções e eventuais excessos. Vamos, mais uma vez derrotar a falsa tese que afirma existir um conflito entre a estabilidade econômica e o crescimento do investimento social, dos ganhos sociais e do investimento em infraestrutura.

Ao falar dos desafios da nossa economia, faço questão de deixar uma palavra aos milhões de micro e pequenos empreendedores do Brasil. Em meu primeiro mandato, aprimoramos e universalizamos o Simples e ampliamos a oferta de crédito para os pequenos empreendedores.

Quero, neste novo mandato, avançar ainda mais. Pretendo encaminhar ao Congresso Nacional um projeto de lei criando um mecanismo de transição entre as categorias do Simples e os demais regimes tributários. Vamos acabar com o abismo tributário que faz os pequenos negócios terem medo de crescer. E sabemos que, se o pequeno negócio não cresce, o país também não cresce. Nos dedicaremos, ainda, a ampliar a competitividade do nosso país e de nossas empresas.

Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo as parcerias entre o setor produtivo e nossos centros de pesquisa e universidades.

Um Brasil mais competitivo está nascendo também, a partir dos maciços investimentos em infraestrutura, energia e logística. Desde 2007, foram duas edições do Programa de Aceleração do Crescimento - o PAC-1 e o PAC-2 -, que totalizaram cerca de R$ 1 trilhão e 600 bilhões em investimentos em milhares de kms de rodovias, ferrovias; em obras nos portos, nos terminais hidroviários e nos aeroportos. Em expansão da geração e da rede de transmissão de energia. Em obras de saneamento e ligações de energia do Luz para Todos.

Com o Programa de Investimentos em Logística, demos um passo adiante, construímos parcerias com o setor privado, implementando um novo modelo de concessões que acelerou a expansão e permitiu um salto de qualidade de nossa logística. Asseguramos concessões de aeroportos e de milhares de km de rodovia e a autorização para terminais privados nos portos.

Agora, vamos lançar o 3º PAC, o 3º Programa de Aceleração do Crescimento e o segundo Programa de Investimento em Logística. Assim, a partir de 2015 iniciaremos a implantação de uma nova carteira de investimento em logística, energia, infraestrutura social e urbana, combinando investimento público e, sobretudo, parcerias privadas. Vamos aprimorar os modelos de regulação do mercado, garantir que o mercado privado de crédito de longo prazo, por exemplo, se expanda. Garantir também que haja sustentação para os projetos de financiamento de grande vulto.

Reafirmo ainda meu compromisso de apoiar estados e municípios na tão desejada expansão da infraestrutura de transporte coletivo em nossas cidades. Está em andamento na realidade uma carteira de R$ 143 bilhões em obras de mobilidade urbana por todo o Brasil.

Assinalo que, neste novo mandato, daremos especial atenção à infraestrutura que vai nos conduzir ao Brasil do futuro: a rede de internet em banda larga. Em 2014, em um esforço conjunto com este Congresso Nacional, demos ao Brasil uma das legislações mais modernas do mundo na área da internet, o Marco Civil da Internet. Reitero aqui meu compromisso de, nos próximos quatro anos, promover a universalização do acesso a um serviço de internet em banda larga barato, rápido e seguro.

Quero reafirmar ainda o compromisso de continuar reduzindo os desequilíbrios regionais, impulsionando políticas transversais e projetos estruturantes, especialmente no Nordeste e na região da Amazônia. Foi decisivo mitigar o impacto desta prolongada seca no semi-árido nordestino, mas mais importante será a conclusão da nova e transformadora infraestrutura de recursos hídricos perenizando mais de 1.000 km de rios, combinada com o importante investimento social em mais de um milhão de cisternas.

Senhoras e Senhores,

Gostaria de anunciar agora o novo lema do meu governo. Ele é simples, é direto e é mobilizador. Reflete com clareza qual será a nossa grande prioridade e sinaliza para qual setor deve convergir o esforço de todas as áreas do governo. Nosso lema será: BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA!

Trata-se de lema com duplo significado. Ao bradarmos "BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA" estamos dizendo que a educação será a prioridade das prioridades, mas também que devemos buscar, em todas as ações do governo, um sentido formador, uma prática cidadã, um compromisso de ética e um sentimento republicano.

Só a educação liberta um povo e lhe abre as portas de um futuro próspero. Democratizar o conhecimento significa universalizar o acesso a um ensino de qualidade em todos os níveis – da creche à pós-graduação; Significa também levar a todos os segmentos da população – dos mais marginalizados, aos negros, às mulheres e a todos os brasileiros a educação de qualidade.

Ao longo deste novo mandato, a educação começará a receber volumes mais expressivos de recursos oriundos dos royalties do petróleo e do fundo social do pré-sal. Assim, à nossa determinação política se somarão mais recursos e mais investimentos.

Vamos continuar expandindo o acesso às creches e pré-escolas garantindo para todos, o cumprimento da meta de universalizar, até 2016, o acesso de todas as crianças de 4 e 5 anos à pré-escola. Daremos sequência à implantação da alfabetização na idade certa e da educação em tempo integral. Condição para que a nossa ênfase no ensino médio seja efetiva porque através dela buscaremos, em parceria com os estados, efetivar mudanças curriculares e aprimorar a formação dos professores. Sabemos que essa é uma área frágil no nosso sistema educacional.

O Pronatec oferecerá, até 2018, 12 milhões de vagas para que nossos jovens, trabalhadores e trabalhadoras tenham mais oportunidades de conquistar melhores empregos e possam contribuir ainda mais para o aumento da competitividade da economia brasileira. Darei especial atenção ao Pronatec Jovem Aprendiz, que permitirá às micro e pequenas empresas contratarem um jovem para atuar em seu estabelecimento.

Vamos continuar apoiando nossas universidades e estimulando sua aproximação com os setores mais dinâmicos da nossa economia e da nossa sociedade. O Ciência Sem Fronteiras vai continuar garantindo bolsas de estudo nas melhores universidades do mundo para 100 mil jovens brasileiros.

Queridas e queridos brasileiros e brasileiras

O Brasil vai continuar como o país líder, no mundo, em políticas sociais transformadoras. Aos beneficiários do Bolsa Família continuaremos assegurando o acesso às políticas sociais e a novas oportunidades de renda. Destaque será dado à formação profissional dos beneficiários adultos e à educação das crianças e dos jovens.

Com a terceira fase do Minha Casa, Minha Vida contrataremos mais 3 milhões de novas moradias, que se somam aos 2 milhões de moradias entregues até 2014 e às 1 milhão e 750 mil moradias que estão em construção e que serão entregues neste segundo mandato.

Na saúde, reafirmo nosso compromisso de fortalecer o SUS. Sem dúvida, a marca mais forte do meu governo, no primeiro mandato, foi a implantação do Mais Médicos, que levou o atendimento básico de saúde a mais de 50 milhões de brasileiros, nas áreas mais vulneráveis do nosso país. Persistiremos, ampliando as vagas em graduação e em residência médica, para que cada vez mais jovens brasileiros possam se tornar médicos e assegurar atendimento ao povo brasileiro. Neste segundo mandato, vou implantar o Mais Especialidades para garantir o acesso resolutivo e em tempo oportuno aos pacientes que necessitem de consulta com especialista, exames e os respectivos procedimentos.

Assumo, com todas as brasileiras e brasileiros, o compromisso de redobrar nossos esforços para mudar o quadro da segurança pública em nosso país. Instalaremos Centros de Comando e Controle em todas as capitais, ampliando a capacidade de ação de nossas polícias e a integração dos órgãos de inteligência e das forças de segurança pública. Reforçaremos as ações e a nossa presença nas fronteiras para o combate ao tráfico de drogas e de armas com o Programa Estratégico de Fronteiras, realizado em parceria entre as Forças Armadas e as polícias federais, entre o Ministério de Defesa e o Ministério da Justiça.

Vou, sobretudo, propor ao Congresso Nacional alterar a Constituição Federal, para tratar a segurança pública como atividade comum de todos os entes federados, permitindo à União estabelecer diretrizes e normas gerais válidas para todo o território nacional, para induzir políticas uniformes no país e disseminar a adoção de boas práticas na área policial.

Senhoras e senhores,

Investimos muito e em todo o país sem abdicar, um só momento, do nosso compromisso com a sustentabilidade ambiental, a sustentabildiade ambiental do nosso desenvolvimento. Um dado explicita este compromisso: alcançamos, nos quatro anos de meu primeiro mandato, as quatro menores taxas de desmatamento da Amazônia.

Nos últimos 4 anos, o Congresso Nacional aprovou um novo Código Florestal e implementamos o Cadastro Ambiental Rural, o CAR. Vamos aprofundar a modernização de nossa legislação ambiental e, já a partir deste ano, nos engajaremos fortemente nas negociações climáticas internacionais para que nossos interesses sejam contemplados no processo de estabelecimento dos parâmetros globais de redução de emissões.

Nossa inserção soberana na política internacional continuará sendo marcada pela defesa da democracia, pelo princípio de não-intervenção e respeito à soberania das nações, pela solução negociada dos conflitos, pela defesa dos Direitos Humanos, e pelo combate à pobreza e às desigualdades, pela preservação do meio ambiente e pelo multilateralismo. Insistiremos na luta pela reforma dos principais organismos multilaterais, cuja governança hoje não reflete a atual correlação de forças global.

Manteremos a prioridade à América do Sul, América Latina e Caribe, que se traduzirá no empenho em fortalecer o Mercosul, a Unasul e a Comunidade dos Países da América Latina e do Caribe (Celac), sem discriminação de ordem ideológica. Agradeço, inclusive, a presença de meus queridos colegas e governantes da América Latina aqui presentes. Da mesma forma será dada ênfase a nossas relações com a África, com os países asiáticos e com o mundo árabe.

Com os Brics, nossos parceiros estratégicos globais - China, Índia, Rússia e África do Sul –, avançaremos no comércio, na parceria científica e tecnológica, nas ações diplomáticas e na implementação do Banco de Desenvolvimento dos Brics e na implementação também do acordo contingente de reservas.

É de grande relevância aprimorarmos nosso relacionamento com os Estados Unidos, por sua importância econômica, política, científica e tecnológica, sem falar no volume de nosso comércio bilateral. O mesmo é válido para nossas relações com a União Européia e com o Japão, com os quais temos laços fecundos.

Em 2016, os olhos do mundo estarão mais uma vez voltados para o Brasil, com a realização das Olimpíadas. Temos certeza que mais uma vez, como aconteceu na Copa, vamos mostrar a capacidade de organização do Brasil e, agora, numa das mais belas cidades do mundo, o nosso Rio de Janeiro.

Amigos e amigas,

Tudo que estamos dizendo, tudo que estamos propondo converge para um grande objetivo: ampliar e fortalecer a democracia, democratizando verdadeiramente o poder. Democratizar o poder significa lutar pela reforma política, ouvir com atenção a sociedade e os movimentos sociais e buscar a opinião do povo para reforçar a legitimidade das ações do Executivo. Democratizar o poder significa combater energicamente a corrupção. A corrupção rouba o poder legítimo do povo. A corrupção ofende e humilha os trabalhadores, os empresários e os brasileiros honestos e de bem. A corrupção deve ser extirpada.

O Brasil sabe que jamais compactuei com qualquer ilícito ou malfeito. Meu governo foi o que mais apoiou o combate à corrupção, por meio da criação de leis mais severas, pela ação incisiva e livre de amarras dos órgãos de controle interno, pela absoluta autonomia da Polícia Federal como instituição de Estado, e pela independência sempre respeitada diante do Ministério Público. Os governos e a Justiça estarão cumprindo os papéis que se espera deles: se punirem exemplarmente os corruptos e os corruptores.

A luta que vimos empreendendo contra a corrupção e, principalmente, contra a impunidade, ganhará ainda mais força com o pacote de medidas que me comprometi durante a campanha, e me comprometo a submeter à apreciação do Congresso Nacional ainda neste primeiro semestre.

São cinco medidas: transformar em crime e punir com rigor os agentes públicos que enriquecem sem justificativa ou não demonstrem a origem dos seus ganhos; modificar a legislação eleitoral para transformar em crime a prática de caixa 2; criar uma nova espécie de ação judicial que permita o confisco dos bens adquiridos de forma ilícita ou sem comprovação; alterar a legislação para agilizar o julgamento de processos envolvendo o desvio de recursos públicos; e criar uma nova estrutura, a partir de negociação com o Poder Judiciário que dê maior agilidade e eficiência às investigações e processos movidos contra aqueles que têm foro privilegiado.

Em sua essência, essas medidas têm o objetivo de garantir processos e julgamentos mais rápidos e punições mais duras, mas jamais poderão agredir o amplo direito de defesa e o contraditório; jamais poderão significar a condenação prévia sem defesa de inocentes.

Estou propondo um grande pacto nacional contra a corrupção, que envolve todas as esferas de governo e todos os núcleos de poder, tanto no ambiente público como no ambiente privado.

Senhoras e Senhores,

Como fiz na minha diplomação, quero agora me referir a nossa Petrobras, uma empresa com 86 mil empregados dedicados, honestos e sérios, que teve, lamentavelmente, alguns servidores que não souberam honrá-la, sendo atingidos pelo combate à corrupção.

A Petrobras já vinha passando por um vigoroso processo de aprimoramento de gestão. A realidade atual só faz reforçar nossa determinação de implantar, na Petrobras, a mais eficiente e rigorosa estrutura de governança e controle que uma empresa já teve no Brasil.

A Petrobras é capaz disso e capaz de muito mais. Ela se tornou a maior empresa do mundo em capacitação técnica para a prospecção de petróleo em águas profundas. Daí resultou a maior descoberta de petróleo deste início de século – as jazidas do pré-sal -, cuja exploração, que já é realidade, vai tornar o Brasil um dos maiores produtores de petróleo do planeta.

Temos muitos motivos para preservar e defender a Petrobras de predadores internos e de seus inimigos externos. Por isso, vamos apurar com rigor tudo de errado que foi feito e fortalecê-la cada vez mais. Vamos, principalmente, criar mecanismos que evitem que fatos como estes possam voltar a ocorrer. O saudável empenho da Justiça, de investigar e punir, deve também nos permitir reconhecer que a Petrobras é a empresa mais estratégica para o Brasil e a que mais contrata e investe no país.

Temos, assim, que saber apurar e saber punir, sem enfraquecer a Petrobras, nem diminuir a sua importância para o presente e para o futuro. Não podemos permitir que a Petrobras seja alvo de um cerco especulativo de interesses contrariados com a adoção do regime de partilha e da política de conteúdo nacional, partilha e política de conteúdo nacional que asseguraram ao nosso povo o controle sobre nossas riquezas petrolíferas. A Petrobras é maior do que quaisquer crises e, por isso, tem capacidade de superá-las e delas sair mais forte.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

O Brasil não será sempre um país em desenvolvimento. Seu destino é ser um país desenvolvido e justo, e é este destino que estamos construindo e buscando cada vez mais, com o esforço de todos, construir. Uma nação em que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades: de estudar, trabalhar, viver em condições dignas na cidade ou no campo. Um país que respeita e preserva o meio ambiente e onde todas as pessoas podem ter os mesmos direitos: à liberdade de informação e de opinião, à cultura, ao consumo, à dignidade, à igualdade independentemente de raça, credo, gênero ou sexualidade.

Dedicarei obstinadamente todos os meus esforços para levar o Brasil a iniciar um novo ciclo histórico de mudanças, de oportunidades e de prosperidade, alicerçado no fortalecimento de uma política econômica estável, sólida, intolerante com a inflação, e que nos leve a retomar uma fase de crescimento robusto e sustentável, com mais qualidade nos serviços públicos. Assumo aqui um compromisso com o Brasil que produz e com o Brasil que trabalha.

Reafirmo também o meu respeito e a minha confiança no Poder Judiciário, no Congresso Nacional, nos partidos e nos representantes do povo brasileiro. Reafirmo minha fé na política, na política que transforma para melhor a vida do povo. Peço aos senhores e às senhoras parlamentares que juntemos as mãos em favor do Brasil, porque a maioria das mudanças que o povo exige tem que nascer aqui, na grande casa do povo.

Meus amigos e minhas amigas,

Já estive algumas vezes um pouco perto da morte e destas situações saí uma pessoa melhor e mais forte.

Sou ex-opositora de um regime de força que provocou em mim dor e me deixou cicatrizes, mas não tenho nenhum revanchismo. Mas este processo jamais destruiu em mim o sonho de viver num país democrático e a vontade de lutar e de construir este país cada vez melhor. Por isso, sempre me emociono ao dizer que eu sou uma sobrevivente. Também enfrentei doenças mas, se me permitem, quero dizer mais: pertenço a uma geração vencedora. Uma geração que viu a possibilidade da democracia no horizonte e viu ela se realizar.

Essas duas características, elas me aproximam do povo brasileiro - ele também, um sobrevivente e um vitorioso, que jamais abdica de seus sonhos. Luta para realizá-los.

Deus colocou em meu peito um coração cheio de amor pela minha pátria. Antes de tudo, o que a música cantava, um coração valente, não é que a gente não tem medo de nada, a gente controla o medo. Um coração que dispara no peito com a energia do amor, do sonho e, sobretudo, com a possibilidade de construir um Brasil desenvolvido. Eu não tenho medo de proclamar para vocês que nós vamos vencer todas as dificuldades, porque temos a chave para vencê-las, vencer todas as dificuldades.

Esta chave pode ser resumida num verso, e esse verso tem, de uma certa forma, sabor de oração, que diz o seguinte:

"O impossível se faz já; só os milagres ficam para depois".

Muito Obrigada.

Viva o Brasil e viva o povo brasileiro!

Ouça a íntegra (44min27s) do discurso (http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional-44min27s) da Presidenta Dilma Rousseff

Acesse o discurso em inglês (english version) (http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/speech-by-the-president-of-the-republic-dilma-rousseff-brazilian-national-congress-january-1st-2015)

Acesse o discurso em espanhol (versión en espanõl) (http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discurso-de-la-presidenta-de-la-republica-dilma-rousseff-durante-el-compromiso-constitucional-ante-el-congreso-nacional-congreso-nacional-1deg-de-enero-de-2014)

ANEXO H — DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, DURANTE A CERIMÔNIA DE SANÇÃO DO MARCO LEGAL DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO E LANÇAMENTO DA CHAMADA UNIVERSAL, EM 2016*

11-01-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de sanção do marco legal da ciência, tecnologia e inovação e lançamento da chamada universal - Brasília/DF

Palácio do Planalto - DF, 11 de janeiro de 2016

Bom dia a todos.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo,

Cumprimentar aqui os ministros de estado: Celso Pansera, da Ciência e Tecnologia e inovação; ministro Aldo Rebelo, da Defesa, ex-ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação; cumprimentar o ministro Aloizio Mercadante; da Educação; ministro Marcelo Castro, da Saúde; ministro Armando Monteiro, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; cumprimentar o ministro Edinho Silva, da Comunicação projeto Social; cumprimentar o ministro Carlos Klink, interino do Meio Ambiente e Luiz Azevedo, interino da Secretaria-Geral de Governo.

Dirigir um cumprimento especial ao senador Jorge Viana, relator do projeto no Senado,

E também um cumprimento ao senador Wellington Fagundes,

Cumprimentar o deputado federal Sibá Machado, relator do projeto na Câmara dos Deputados,

Cumprimentar o deputado federal Afonso Florence, o deputado federal Izalci, deputado federal Jorge Solla, a deputada Luciana Santos, a deputada Margarida Salomão,

Cumprimentar o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, senhor Hernan Chaimovich,

Cumprimentar o presidente da Academia Brasileira de Ciência, Jacob Palis,

Cumprimentar a presidente da Associação Brasileira para o Progresso da Ciência, Helena Nader,

Cumprimentar os senhores reitores, professores, pesquisadores de instituições de ensino e de pesquisa,

Cumprimentar os senhores empresários,

Cumprimentar as senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Duas certezas unem todos os presentes nesta cerimônia. A primeira é que o Brasil possui uma extraordinária capacidade, um imenso potencial de produzir conhecimento e que, infelizmente, ainda não tem se traduzido em idêntica capacidade de transformar esses

* ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de sanção do marco legal da ciência, tecnologia e inovação e lançamento da chamada universal. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 11 jan. 2016. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-sancao-do-marco-legal-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-e-lancamento-da-chamada-universal-brasilia-df. Acesso em: 24 set. 2023.

conhecimentos em inovação produtiva integralmente. A segunda é que em um ambiente regulatório e institucional mais favorável à cooperação entre universidades, laboratórios de pesquisa, governos, empresas, enfim, universidades, empresas e estados, nesse ambiente mais favorável transformaremos, certamente, mais ciência básica em inovação e transformaremos inovação em competitividade gerando um novo ciclo de desenvolvimento econômico no nosso País.

Por isso, hoje, sem dúvida, concordo com todos os que me antecederam, hoje é um dia marcante para o futuro do Brasil, porque hoje sancionamos o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação. Estamos com esse novo Marco Legal, promovendo uma reforma na legislação que regula a integração entre agentes públicos e agentes privados que integram nosso sistema de ciência, tecnologia e inovação. Estamos dando transparência, simplicidade e segurança jurídica a uma cooperação. Uma cooperação que é fundamental para o crescimento econômico, a geração de renda e emprego, e que promova ao mesmo tempo o desenvolvimento de forma sustentável ampliando oportunidades para nossa população.

O novo Marco Regulatório da Ciência, Tecnologia e Inovação permitirá implementar as previsões da Emenda Constitucional 85, promulgada a menos de um ano. Esse novo marco resulta da intensa cooperação entre a comunidade científica, o governo e o setor empresarial, em especial a Mobilização Empresarial pela Inovação. Lembremos que a Emenda havia ampliado os compromissos do Estado brasileiro com a ciência, tecnologia e inovação, e agora a sua efetivação será viabilizada por este novo marco.

Ao aprovar por unanimidade essa legislação, o Congresso Nacional mostrou, mais uma vez, seu compromisso com as reformas necessárias à retomada do crescimento econômico na situação em que nós vivemos. É uma medida de curto, médio e longo prazo. Terá, necessariamente, efeitos extraordinários sobre a produtividade e a competitividade em nosso País.

Em nome do deputado Sibá Machado, relator da matéria na Câmara dos Deputados e do Senador Jorge Viana, na Comissão do Senado, agradeço a todos os congressistas por mais este esforço suprapartidário de criar as bases para que a inovação se torne o motor de nosso desenvolvimento.

Nós vimos, nos últimos anos, aprimorando as legislações e os instrumentos para estimular a cooperação entre governo, universidades, institutos de pesquisa, empresas para gerar inovação. Aprovadas em 2004 e em 2005, a Lei da Inovação e a chamada Lei do Bem, instituíram regras importantes para diminuir a distância entre a produção de ciência e a sua incorporação no processo produtivo.

A expansão e a interiorização da rede federal de ensino técnico e de ensino superior buscaram promover a formação de técnicos, cientistas e profissionais qualificados em todo o nosso País, em todo o nosso território, o que era necessário ao atendimento das diferenciadas demandas do desenvolvimento regional. A criação da EMBRAPII e a expansão da rede de institutos tecnológicos e inovação do Senai foram parcerias vitoriosas entre o governo federal e a CNI. Foram iniciativas em favor da ampliação da oferta de novos equipamentos e laboratórios, como também do compartilhamento dos já existentes entre universidades e institutos públicos e o setor produtivo.

Com o Inova Empresa, incentivamos, por meio de financiamento e de recursos não reembolsáveis, projetos inovadores em empresas, desenvolvidos em parcerias com universidades e institutos de pesquisa. Destaco ainda a adoção da política de compras do

Estado em favor do desenvolvimento produtivo e da inovação no Brasil, cujo exemplo é o avanço das indústrias aeroespacial, de defesa nacional e de fármacos.

Tudo isso constituiu um ambiente mais favorável à inovação, mas também demonstrou a necessidade de novos e mais profundos avanços no marco regulatório da área. E hoje chegamos a esse novo marco de ciência, tecnologia e inovação. Celeridade, regras simples, e ações tempestivas são imprescindíveis para que o ciclo de transformação da ciência em tecnologia e inovação e em competitividade e desenvolvimento seja bem sucedido. Afinal, de nada adianta uma tecnologia revolucionária se permanecer na estante de um laboratório ou de um centro de pesquisa, ou que só seja certificada após anos e anos de tramitação burocrática perdendo inclusive o seu caráter de vanguarda. Vamos dar agora as condições institucionais propícias para a nossa produção científica em produtos e processos inovadores para o setor produtivo brasileiro.

Mais agilidade, mais flexibilidade, menos burocracia, menos barreiras à ação integrada entre agentes públicos e privados são conceitos que permeiam todas as previsões contidas na legislação que sanciono hoje.

Isso está expresso na simplificação da gestão orçamentária dos recursos pelas instituições de pesquisa e do processo de importação de equipamentos. Traduz-se ainda na ampliação das possibilidades de concessão de vistos para pesquisadores estrangeiros, e de mais mobilidade entre instituições públicas e empresas, permitindo intercâmbio de experiência, pesquisadores e professores e assim gerando novos conhecimentos. Justifica o maior apoio à implantação de parques tecnológicos e de núcleos de inovação e as novas regras para que a União e suas entidades possam se tornar sócios minoritários de empresas inovadoras. Explica a inclusão de Estados, de todos os estados, do Distrito Federal e de municípios como corresponsáveis pelo sistema de estímulo à inovação, consolidando, portanto esse sistema nacional de ciência tecnologia e inovação.

Há importantes avanços que decorrerão deste novo marco regulatório da ciência, tecnologia e inovação. Faço questão de destacar um ponto: a introdução do conceito de capital intelectual como um ativo a ser objeto de cooperação com empresas e órgãos públicos.

Isso vai possibilitar a justa remuneração das universidades públicas e dos centros de pesquisa, propiciando mais recursos para investimento e para novos avanços na qualidade da educação e da produção de conhecimento. Permitirá, portanto, transformar a inovação bem sucedida em patrimônio de toda a sociedade brasileira.

Temos, portanto, muitos motivos para celebrar o novo Código Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Abrimos sem dúvida uma nova etapa na cooperação entre universidades, institutos de pesquisa, Estado e empresas, cujos resultados serão mais oportunidades para nossa população e mais competitividade para o nosso País.

Senhoras e senhores,

O lançamento dessa nova edição da Chamada Universal do CNPq aqui anunciada é uma forma de celebrar o novo ambiente institucional que queremos ver surgir com a implantação e a implementação da legislação que sanciono hoje.

Estamos falando de uma das iniciativas mais importantes do CNPq, no sentido de fomentar ciência, tecnologia e inovação no Brasil. Com essa Chamada, destinamos recursos ao desenvolvimento de projetos de pesquisa em todas as áreas do

conhecimento que contribuam para o desenvolvimento no nosso País.

Esperamos que esses recursos sejam muito bem aproveitados e que haja um aumento das atividades de pesquisa, com o engajamento de estudantes de graduação e pós-graduação no desenvolvimento de projetos e maior interação com o setor produtivo.

Sem dúvida, o projeto do País que defendemos, foi capaz de promover a maior transformação social nos últimos anos no nosso País. Pautado pelo compromisso com a igualdade de oportunidade para todos, criamos uma rede de proteção social inovadora e o mais bem sucedido programa habitacional que o País já conheceu. Democratizamos o acesso à educação, em especial, educação técnica e superior. Ampliamos o apoio ao empreendedorismo apoiamos as atividades produtivas.

A cada passo que demos, novas conquistas, novos desafios se colocam no nosso caminho. Se colhermos boas conquistas, sabemos que é necessário ainda fazer muito mais. Por isso, temos a convicção de que este projeto precisa ser renovado, para conduzir o Brasil a um novo ciclo de desenvolvimento.

Essa é a razão de celebrarmos o novo Código Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, base de um ambiente regulatório e institucional mais adequado à geração de conhecimento. Trata-se de mais uma reforma que vai acelerar o desenvolvimento do nosso Brasil.

Temos, portanto, com esse novo marco regulatório, um longo e estimulante caminho pela frente. Vamos realizá-lo. Vamos torná-lo realidade. Sigamos em frente

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do discurso (http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-do-marco-legal-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-e-lancamento-da-chamada-universal-brasilia-df-14min16s) (14min16s) da presidenta Dilma.

ANEXO I — DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MICHEL TEMER, DURANTE CERIMÔNIA DE POSSE DOS NOVOS MINISTROS DE ESTADO, EM 2016*

12-05-2016-Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 12 de maio de 2016

Olhe, meus amigos, eu quero cumprimentar todos os ministros empossados,

Os senhores governadores,

Senhoras e senhores parlamentares,

Familiares,

Amigos,

Senhoras e senhores,

Eu pretendia que esta cerimônia fosse extremamente sóbria e discreta, como convém ao momento que vivemos. Entretanto, eu vejo o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores governadores, e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva, precisamente, da longa convivência que nós todos tivemos ao longo do tempo. Até pensei, num primeiro momento, que não lançaria nenhuma mensagem neste momento. Mas percebi, pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, que indispensável seria esta manifestação.

E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança. Confiança nos valores que formam o caráter de nossa gente, na vitalidade da nossa democracia; confiança na recuperação da economia nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na capacidade de que, unidos, poderemos enfrentar os desafios deste momento que é de grande dificuldade.

Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, Parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las.

* TEMER, Michel. Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado - Palácio do Planalto. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 12 mai. 2016. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto. Acesso em: 20 set. 2023.

Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas se entusiasmem e retomem, em segurança, com seus investimentos. Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no País.

Sabemos que o Estado não pode tudo fazer. Depende da atuação dos setores produtivos: empregadores, de um lado, e trabalhadores de outro. São esses dois polos que irão criar a nossa prosperidade. Ao Estado compete - vou dizer, aqui, o óbvio -, compete cuidar da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços e setores fundamentais, que não podem sair da órbita pública. O restante terá que ser compartilhado com a iniciativa privada, aqui entendida como a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores.

O emprego, sabemos todos, é um bem fundamental para os brasileiros. O cidadão, entretanto, só terá emprego se a indústria, o comércio e as atividades de serviço, estiverem todas caminhando bem.

De outro lado, um projeto que garanta a empregabilidade, exige a aplicação e a consolidação de projetos sociais. Por sabermos todos, que o Brasil lamentavelmente ainda é um País pobre. Portanto, reafirmo, e o faço em letras garrafais: vamos manter os programas sociais. O Bolsa Família, o Pronatec, o Fies, o Prouni, o Minha Casa Minha Vida, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. Aliás, aqui mais do que nunca, nós precisamos acabar com um hábito que existe no Brasil, em que assumindo outrem o governo, você tem que excluir o que foi feito. Ao contrário, você tem que prestigiar aquilo que deu certo, completá-los, aprimorá-los e insertar outros programas que sejam úteis para o País. Eu expresso, portanto, nosso compromisso com essas reformas.

Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros. Como menos fosse sê-lo-ia pela minha formação democrática e pela minha formação jurídica. Quando me pedirem para fazer alguma coisa, eu farei como Dutra, o que é diz o livrinho? O livrinho é a Constituição Federal.

Nós temos de organizar as bases do futuro. Muitas matérias estão em tramitação no Congresso Nacional, eu até não iria falar viu, mas como todo mundo está prestando atenção, eu vou dar toda uma programação aqui. As reformas fundamentais serão fruto de um desdobramento ao longo do tempo. Uma delas, eu tenho empenho e terei empenho nisso, porque eu tenho nela, é a revisão do pacto federativo. Estados e municípios precisam ganhar autonomia verdadeira sobre a égide de uma federação real, não sendo uma federação artificial, como vemos atualmente.

A força da União, nós temos que colocar isso na nossa cabeça, deriva da força dos estados e municípios. Há matérias, meus amigos, controvertidas, como a reforma trabalhista e a previdenciária. A modificação que queremos fazer, tem como objetivo, e só se este objetivo for cumprido é que elas serão levadas adiante, mas tem como objetivo o pagamento das aposentadorias e a geração de emprego. Para garantir o pagamento, portanto. Tem como garantia a busca da sustentabilidade para assegurar o futuro.

Esta agenda, difícil, complicada, não é fácil, ela será balizada, de um lado pelo diálogo e de outro pela conjugação de esforços. Ou seja, quando editarmos uma norma referente a essas matérias, será pela compreensão da sociedade brasileira. E, para isso, é que nós queremos uma base parlamentar sólida, que nos permita conversar com a classe política e também com a sociedade.

Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada. Até porque no Congresso Nacional é que estão representadas todas as correntes da opinião da sociedade brasileira, não é apenas no executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros. Portanto, nós temos que governar em conjunto.

Então, nós vamos precisar muito da governabilidade e a governabilidade exige - além do que eu chamo de governança que é o apoio da classe política no Congresso Nacional - precisam também de governabilidade, que é o apoio do povo. O povo precisa colaborar e aplaudir as medidas que venhamos a tomar. E nesse sentido a classe política unida ao povo conduzirá ao crescimento do País. Todos os nossos esforços estarão centrados na melhoria dos processos administrativos, o que demandará maior eficácia da governança pública.

A moral pública será permanentemente buscada por meio dos instrumentos de controle e apuração de desvios. Nesse contexto, tomo a liberdade de dizer que a Lava Jato tornou-se referência e como tal, deve ter (*falha no áudio*) e proteção contra qualquer tentativa de enfraquecê-la.

O Brasil, meus amigos, vive hoje sua pior crise econômica. São 11 milhões de desempregados, inflação de dois dígitos, déficit quase de R$ 100 bilhões, recessão e também grave a situação caótica da saúde pública. Nosso maior desafio é estancar o processo de queda livre na atividade econômica, que tem levado ao aumento do desemprego e a perda do bem-estar da população.

Para isso, é imprescindível, reconstruirmos os fundamentos da economia brasileira. E melhorarmos significativamente o ambiente de negócios para o setor privado. De forma que ele possa retomar sua rotação natural de investir, de produzir e gerar emprego e renda.

De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento no setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos retomar o crescimento.

A primeira medida, na linha dessa redução, está, ainda que modestamente, aqui representada, já eliminamos vários ministérios da máquina pública. E, ao mesmo tempo, nós não vamos parar por aí. Já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas. Sabidamente funções gratificadas desnecessárias. Sabidamente, na casa de milhares e milhares de funções comissionadas.

Eu quero, também, para tranquilizar o mercado, dizer que serão mantidas todas as garantias que a direção do Banco Central hoje desfruta para fortalecer sua atuação como condutora da política monetária e fiscal. É preciso, meus amigos, - e aqui eu percebo que eu fico dizendo umas obviedades, umas trivialidades, mas que são necessárias porque, ao longo do tempo, eu percebo como as pessoas vão se esquecendo de certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado.

Então, quando eu digo “é preciso dar eficiência aos gastos públicos”, coisa que não tem merecido maior preocupação do Estado brasileiro, nós todos estamos de acordo com isso. Nós precisamos atingir aquilo que eu chamo de “democracia da eficiência”. Porque se, no passado, nós tivemos, por força da Constituição, um período da democracia liberal, quando os direitos liberais foram exercitados amplamente. Se, ao depois, ainda ancorado na Constituição, nós tivemos o desfrute dos chamados direitos sociais, que são previstos na Constituição, num dado momento aqueles que ascenderam ao primeiro

patamar da classe média, começaram a exigir eficiência, eficiência do serviço público e eficiência nos serviços privados. E é por isso que hoje nós estamos na fase da democracia da eficiência, com o que eu quero contar com o trabalho dos senhores ministros, do Parlamento e de todo o povo brasileiro.

Eu quero também remover - pelo menos nós faremos um esforço extraordinário para isto - a incerteza introduzida pela inflação dos últimos anos. Inflação alta - vai mais uma trivialidade - atrapalha o crescimento, desorganiza a atividade produtiva e turva o horizonte de planejamento dos agentes econômicos. E sabe quem sofre as primeiras consequências dessa inflação alta? É a classe trabalhadora e os segmentos menos protegidos da sociedade, é que pagam a parte mais pesada dessa conta.

Nós todos sabemos que, há um bom tempo, o mundo está de olho no Brasil. Os investidores acompanham, com grande interesse, as mudanças no nosso país. Havendo condições adequadas - e nós vamos produzi-las -, a resposta será rápida, pois é grande a quantidade de recursos disponíveis no mercado internacional e até internamente, e ainda maior as potencialidades no nosso País. E com base no diálogo, nós adotaremos políticas adequadas para incentivar a indústria, o comércio, os serviços e os trabalhadores. E a agricultura, tanto a familiar quanto o agronegócio. Precisamos prestigiar a agricultura familiar, que é quase um microempreendimento na área da agricultura, especialmente apoiando e incentivando os micros, pequenos e médios empresários. Além de modernizar o País, estaremos realizando o maior objetivo do governo: reduzir o desemprego. Que há de ser, os senhores percebem, estou repetindo esse fato porque eu tenho tido - e os senhores todos têm tido -, contato em todas as partes do País, com famílias desempregadas. E nós vemos o desespero desses brasileiros, que contam com um País com potencialidades extraordinárias e que não consegue levar adiante uma política econômica geradora de empregos para todos os brasileiros.

Quero falar um pouco sobre a atuação nas linhas interna e externa do Brasil. E esses princípios estão consagrados na Constituição de [19]88, senador Mauro Benevides, que nós ajudamos a redigir, não é? Eu indico, porque esses preceitos indicam caminho natural para definição das linhas da atuação interna e externa do Brasil. Os senhores veem que eu insisto muito no tema da Constituição porque, ao meu modo de ver, toda vez que nós nos desviamos dos padrões jurídicos, e o Direito existe, exata e precisamente, para regular as relações sociais, quando nós nos desviamos as (incompreensível) dos limites do Direito, nós criamos a instabilidade social e a instabilidade política. Por isto eu insisto sempre em invocação do texto constitucional.

Muito bem, nesta Constituição, a independência nacional, a defesa da paz e da solução pacífica de conflitos, o respeito à autodeterminação dos povos, a igualdade entre os estados, a não-intervenção, a centralidade dos direitos humanos e o repúdio ao racismo e ao terrorismo, dentre outros princípios, são valores profundos da nossa sociedade. E traça uma imagem de um País pacífico e ciente dos direitos e deveres estabelecidos pela nossa Constituição.

São, meus amigos, esses elementos de consenso que nos permite estabelecer bases sólidas para a política externa que volte a representar os valores e interesses permanentes no nosso País. A recuperação do prestígio do País e da confiança em seu futuro serão tarefas iniciais e decisivas para o fortalecimento da inserção internacional da nossa economia.

Agora em agosto o Brasil estará no centro do mundo com a realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro. Bilhões de pessoas assistirão jogos, jornalistas de vários países estarão presentes para reportar o país-sede das competições. Muito além dos esportes, sabemos disso, as pautas se voltaram para as condições políticas e econômicas do País. Tão cedo não voltaremos oportunidade como esta de atrair a atenção de tanta gente, ao mesmo tempo, em todos os cantos do mundo.

Nesta tarde de quinta-feira, porém, e desde já pedindo desculpas pelo possível, para usar um refrão, pelo possível alongado da exposição, eu quero dizer, reiterar, que a minha intenção era realizar essa cerimônia, digamos assim, com a maior sobriedade possível. Estamos fazendo porque, sem embargo do entusiasmo de todos os senhores, todos nós compreendemos o momento difícil, delicado, ingrato que estamos todos passando.

Por isso, nessa tarde de quinta-feira não é momento para celebrações, mas para uma profunda reflexão: é o presente e o futuro que nos desafiam e não podemos olhar para frente com os olhos de ontem. Olhamos com olhos no presente e olhos no futuro.

Faço questão, e espero que sirva de exemplo, e declarar meu absoluto respeito institucional à senhora presidente Dilma Rousseff. Não discuto aqui as razões pelas quais foi afastada. Quero apenas sublinhar a importância do respeito às instituições e a observância à liturgia nas questões, no trato das questões institucionais. É uma coisa que nós temos que recuperar no nosso País. Uma certa cerimônia não pessoal, mas uma cerimônia institucional, uma cerimônia em que as palavras não sejam propagadoras do mal-estar entre os brasileiros, mas, ao contrário, que sejam propagadoras da pacificação, da paz, da harmonia, da solidariedade, da moderação, do equilíbrio entre todos os brasileiros.

Tudo o que disse, meus amigos, faz parte de um ideário que ofereço ao País, não em busca da unanimidade, o que é impossível, mas como início de diálogo com busca de entendimento. Farei muitos outros pronunciamentos. E meus ministros também. Meus ministros é exagerado, são ministros do governo. O presidente não tem vice-presidente, não tem ministro, quem tem ministro é o governo. Então, os ministros do governo farão manifestações nesse sentido, sempre no exercício infatigável de encontrar soluções negociadas para os nossos problemas. Temos pouco tempo, mas se nos esforçarmos, é o suficiente para fazer as reformas que o Brasil precisa.

E aí, meus amigos, eu quero dizer, mais uma vez, da importância dessa harmonia entre os Poderes, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a determinação, na própria Constituição - e eu a cumprirei - no sentido de que cada órgão do Poder tem as suas tarefas: o Executivo executa, o Legislativo legisla, o Judiciário julga. Ninguém pode interferir em um ou outro poder por uma razão singela: a Constituição diz que os poderes são independentes e harmônicos entre si.

Ora, bem, nós não somos os donos do poder, nós somos exercentes do poder. O poder, está definido na Constituição, é do povo. Quando o povo cria o Estado, ele nos dá uma ordem: “Olha aqui, vocês, que vão ocupar os poderes, exercam-no com harmonia porque são órgãos exercentes de funções”. Ora, quando há uma desarmonia, o que há é uma desobediência à soberania popular, portanto há uma inconstitucionalidade. E isso nós não queremos jamais permitir que se pratique.

Dizia aos senhores que a partir de agora nós não podemos mais falar em crise. Trabalharemos. Aliás, há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: “Não fale em crise, trabalhe”. Eu quero ver até se

consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, não é verdade? Então, não vamos falar em crise, vamos trabalhar.

O nosso lema - que não é um lema de hoje -, o nosso lema é Ordem e Progresso. A expressão da nossa bandeira não poderia ser mais atual, como se hoje tivesse sido redigida.

Finalmente, meus amigos, fundado num critério de alta religiosidade. E vocês sabem que religião vem do latim *religio, religare*, portanto, você, quando é religioso, você está fazendo uma religação. E o que nós queremos fazer agora, com o Brasil, é um ato religioso, é um ato de religação de toda a sociedade brasileira com os valores fundamentais do nosso País.

Por isso que eu peço a Deus que abençoe a todos nós: a mim, à minha equipe, aos congressistas, aos membros do Poder Judiciário e ao povo brasileiro, para estarmos sempre à altura dos grandes desafios que temos pela frente.

Meu muito obrigado e um bom Brasil para todos nós.

Ouça a íntegra (28min12s) do discurso (http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/audios/audio-do-discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto-28min12s) do Presidente Michel Temer

ANEXO J — MATÉRIA DA AGÊNCIA ESTADO, REPRODUZIDA PELO CORREIO BRASILIENSE, SOBRE LANÇAMENTO DE PROGRAMA DE DESCENTRALIZAÇÃO DO FINANCIAMENTO DE PROJETOS DE INOVAÇÃO NO GOVERNO TEMER*

BRASIL

Temer: avanços na ciência e tecnologia colocam País ao lado de desenvolvidos

AE Agência Estado

postado em 27/09/2018 13:07

O presidente da República, Michel Temer, lançou em cerimônia no Palácio do Planalto nesta quinta-feira, 27, um programa que vai liberar até R$ 1 bilhão nos próximos dois anos para financiar projetos de inovação no país. Na cerimônia, o presidente Temer disse que o lançamento do programa mostra que o governo está "colocando o país efetivamente no século 21". "Nesse governo avançamos em vários pontos no âmbito da ciência e tecnologia que nos colocam ao lado dos países mais desenvolvidos. Nós estamos colocando o país nos termos da Constituição e o que fizemos ficará marcado para hoje e para o futuro", declarou. O programa, que será executado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e pela Financiadora de Inovação e Pesquisa (Finep), busca descentralizar o financiamento de projetos de inovação. Segundo o ministro Gilberto Kassab, do MCTIC, empresas e instituições públicas têm papel fundamental na adoção de medidas voltadas à modernização dos serviços público e a "adoção de práticas e tecnologias inovadoras na gestão é o caminho mais seguro, direto, econômico e rápido para elevar o nível dos serviços públicos". O MCTIC informou que, a partir do programa, bancos de

Assine a nossa

* TEMER: avanços na ciência e tecnologia colocam País ao lado de desenvolvidos. Correio Braziliense, Brasília, 27 set. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/09/27/interna-brasil,708630/temer-avancos-na-ciencia-e-tecnologia-colocam-pais-ao-lado-de-desenvo.shtml. Acesso em: 20 set. 2023.

desenvolvimento, agências de fomento e outras instituições financeiras vão repassar recursos a prefeituras, governos estaduais e empresas privadas ou de economia mista que pretendem desenvolver projetos de inovação. Conforme a pasta, quatro setores receberão apoio de forma prioritária: Saneamento e Recursos hídricos; Mobilidade Urbana; Eficiência Energética; e Energias Renováveis. Os empréstimos terão carência de até 24 meses e o prazo de amortização será de até 96 meses. A taxa de juros será de CDI, mais 4% ao ano. O Certificado de Depósito Interbancário (CDI) é um título emitido por instituições financeiras que equilibra as operações entre os bancos.

Tags

VER COMENTÁRIOS

Os comentários não representam a opinião do jornal e são de responsabilidade do autor. As mensagens estão sujeitas a moderação prévia antes da publicação



Quer saber mais? clique aqui
adobe.com | Patrocinado

newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

Digite seu email...

INSCREVA-SE

MAIS LIDAS

1 **Horóscopo desta quarta-feira, 18 de dezembro de 2024**
00:03 - 18/12/2024 - Compartilhe

2 **Capitão da reserva dos Bombeiros é preso por estuprar filha e netos**
18:55 - 17/12/2024 - Compartilhe

3 **Capitão dos Bombeiros esperava ex-mulher dormir para estuprar a filha**
22:51 - 17/12/2024 - Compartilhe

4 **Resultado da Mega-Sena e demais loterias desta terça (17/12)**
20:40 - 17/12/2024 - Compartilhe

5 **Casa Civil analisa MP que concede reajuste para servidores em janeiro**
15:26 - 17/12/2024 - Compartilhe

BLOGS

ANEXO K — DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JAIR BOLSONARO, DURANTE CERIMÔNIA DE POSSE NO CONGRESSO NACIONAL, EM 2019*

Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional

Congresso Nacional, 01 de janeiro de 2019

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira,

Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças.

Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de Academia Militar de Agulhas Negras,

Presidente da Câmara dos Deputados, prezado amigo e companheiro, deputado Rodrigo Maia,

Ex-presidentes da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Mello,

Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli,

Senhoras e senhores ministros de Estado e comandantes das Forças aqui presentes,

Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge,

Senhoras e senhores governadores,

Senhoras e senhores senadores e deputados federais,

Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro,

Minha querida esposa Michelle, daqui vizinha Ceilândia,

Meus filhos e familiares aqui presentes – a conheci aqui na Câmara.

Brasileiros e brasileiras,

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre, Obrigado, meu Deus!

Com humildade, volto a esta Casa, onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro.

* BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. Biblioteca da Presidência da República, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional. Acesso em: 20 set. 2023.

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus, pela minha vida, e aos brasileiros, que confiaram a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança. Governar com vocês.

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.

Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas.

Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa.

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas.

Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios.

Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

Por isso, quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui.

Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia.

Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição.

O Pavilhão Nacional nos remete à “Ordem e ao Progresso”.

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos.

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa.

Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares.

Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico para os policiais realizarem o seu trabalho.

Eles merecem e devem ser respeitados!

Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras.

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou o Estado ineficiente e corrupto.

Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional.

Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência.

Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades.

Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.

Dessa forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.

Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil.

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso.

A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história.

Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.

Um capítulo no qual o Brasil será visto como um País forte, pujante, confiante e ousado.

A política externa retomará o seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil.

Senhoras e senhores Congressistas,

Deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro.

Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

Brasil acima de tudo!

Deus acima de todos!

Ouça a íntegra do discurso (https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional) (09min42s) do Presidente Jair Bolsonaro

ANEXO L — MATÉRIA DO SITE DO GOVERNO FEDERAL SOBRE INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA LINHA DE PESQUISA DO SUPERLABORATÓRIO SIRIUS, EM CAMPINAS (SP), COM A PRESENÇA E A FALA DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO*

gov.br

Órgãos do Governo
Acesso à Informação
Legislação
Acessibilidade

PT

Entrar com gov.br

Serviços e Informações do Brasil

Notícias > Educação e Pesquisa > 2020 > 10 > Maior projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente

SIRIUS

Maior projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente

Acelerador de elétrons de última geração vai ajudar em pesquisas em áreas como saúde e tecnologia

Publicado em 21/10/2020 18h05 Atualizado em 31/10/2022 15h15

Compartilhe:

* MAIOR projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente. Serviços e Informações do Brasil, Campinas, 21 out. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/maior-projeto-da-ciencia-brasileira-para-pesquisa-comeca-a-funcionar-oficialmente. Acesso em: 25 set. 2023.



O Presidente Jair Bolsonaro participou da cerimônia de lançamento da primeira linha de luz Sirius - Foto: Marcos Corrêa/PR

Batizada com o nome Manacá, foi lançada oficialmente, nesta quarta-feira (21), em Campinas (SP), a primeira linha de Luz Sirius, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que vai ajudar no desenvolvimento de pesquisas. O Presidente Jair Bolsonaro participou da cerimônia de lançamento e, antes, visitou as instalações onde o projeto será desenvolvido.

"Aqui, realmente podemos buscar a independência da nossa nação", disse o Presidente Bolsonaro. O Sirius é um acelerador de última geração que promete ajudar no desenvolvimento de pesquisas em várias áreas, desde a física básica até a ciência médica. É considerado uma das fontes de luz síncrotron mais avançadas do mundo, um enorme microscópio.

Funciona como um acelerador de elétrons que produz um tipo específico de luz tão

intensa que nos permite enxergar materiais orgânicos e inorgânicos, como proteínas, vírus, rochas, plantas, ligas metálicas e outros, para entender como eles funcionam. O Sirius pode ser usado em pesquisa de diversas áreas, com impacto no desenvolvimento de medicamentos, alimentos, fertilizantes, novas fontes de energia e muitas outras possibilidades.

A Manacá, que é a primeira estação de pesquisa em uso no Sirius, já estava sendo usada em caráter emergencial no esforço de apoiar pesquisas relacionadas à Covid-19. Agora, inaugurada oficialmente, vai apoiar também o avanço dos estudos de outras doenças, como Alzheimer, câncer e esquizofrenia.

"O Brasil está progredindo, e muito, em inovações. Uma estrutura como essa é capaz de ajudar o Brasil a ser ponta em muitas áreas. Ciência, tecnologia e inovações, isso está no futuro", disse o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações, Marcos Pontes, ao participar do lançamento da Primeira Linha de Luz Sirius.

Segundo o ministro, o Sirius vai colocar o Brasil numa posição de destaque no mundo. "Esse centro consegue colocar o Brasil na ponta em termos de aceleradores de partículas como essa daqui. E, junto com outros laboratórios aqui de biorrenováveis, de nanotecnologia e biociências, esse centro aqui ele realmente é capaz de levantar o Brasil em biotecnologia e transformar, sim, essa região numa região que seja pólo de biotecnologia no país", disse Marcos Pontes.

As linhas de luz do Sirius funcionam de forma independente entre si, e permitem que diversos grupos de pesquisadores trabalhem simultaneamente. Outras cinco linhas de luz, - Carnaúba, Caterete, Ema, Ipê, Mogno -, seguem em fase avançada de montagem e deverão ter o projeto concluído até o final deste ano. A primeira fase do projeto prevê a instalação de um total de 14 estações de pesquisa até o final de 2021.

Categoria

Educação e Pesquisa

Tags: Sirius MCTI Linha de Luz #tecnologia

ANEXO M — DISCURSO DO PRESIDENTE LULA NO CONGRESSO NACIONAL, EM 2023*

gov.br
Presidência da República
Órgãos do Governo
Acesso à Informação
Legislação
Acessibilidade
PT
Entrar com gov.br
Planalto
Acompanhe o Planalto > Discursos e pronunciamentos > 2023 > Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional

Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional

Íntegra do discurso lido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Congresso Nacional

Publicado em 06/01/2023 11h59

Compartilhe:

Pela terceira vez compareço a este Congresso Nacional para agradecer ao povo brasileiro o voto de confiança que recebemos. Renovo o juramento de fidelidade à Constituição da República, junto com o vice-presidente Geraldo Alckmin e os ministros que conosco vão trabalhar pelo Brasil.

Se estamos aqui, hoje, é graças à consciência política da sociedade brasileira e à frente democrática que formamos ao longo desta histórica campanha eleitoral.

Foi a democracia a grande vitoriosa nesta eleição, superando a maior mobilização de recursos públicos e privados que já se viu; as mais violentas ameaças à liberdade do voto, a mais abjeta campanha de mentiras e de ódio tramada para manipular e constranger o eleitorado.

* SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional. Presidência da República, Brasília, 06 jan. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-lula-no-congresso-nacional. Acesso em: 20 set. 2023.

Nunca os recursos do estado foram tão desvirtuados em proveito de um projeto autoritário de poder. Nunca a máquina pública foi tão desencaminhada dos controles republicanos. Nunca os eleitores foram tão constrangidos pelo poder econômico e por mentiras disseminadas em escala industrial.

Apesar de tudo, a decisão das urnas prevaleceu, graças a um sistema eleitoral internacionalmente reconhecido por sua eficácia na captação e apuração dos votos. Foi fundamental a atitude corajosa do Poder Judiciário, especialmente do Tribunal Superior Eleitoral, para fazer prevalecer a verdade das urnas sobre a violência de seus detratores.

Queridos amigos e amigas,

Ao retornar a este plenário da Câmara dos Deputados, onde participei da Assembleia Constituinte de 1988, recordo com emoção os embates que travamos aqui, democraticamente, para inscrever na Constituição o mais amplo conjunto de direitos sociais, individuais e coletivos, em benefício da população e da soberania nacional.

Vinte anos atrás, quando fui eleito presidente pela primeira vez, ao lado do companheiro vice-presidente José Alencar, iniciei o discurso de posse com a palavra "mudança". A mudança que pretendíamos era simplesmente concretizar os preceitos constitucionais. A começar pelo direito à vida digna, sem fome, com acesso ao emprego, saúde e educação.

Disse, naquela ocasião, que a missão de minha vida estaria cumprida quando cada brasileiro e brasileira pudesse fazer três refeições por dia.

Ter de repetir este compromisso no dia de hoje – diante do avanço da miséria e do regresso da fome, que havíamos superado – é o mais grave sintoma da devastação que se impôs ao país nos anos recentes.

Hoje, nossa mensagem ao Brasil é de esperança e reconstrução. O grande edifício de direitos, de soberania e de desenvolvimento que esta Nação levantou, a partir de 1988, vinha sendo sistematicamente demolido nos anos recentes. É para reerguer este edifício de direitos e valores nacionais que vamos dirigir todos os nossos esforços.

SENHORAS E SENHORES,

Em 2002, dizíamos que a esperança tinha vencido o medo, no sentido de superar os temores diante da inédita eleição de um representante da classe trabalhadora para presidir os destinos do país. Em oito anos de governo deixamos claro que os temores eram infundados. Do contrário, não estaríamos aqui novamente.

Ficou demonstrado que um representante da classe trabalhadora podia, sim, dialogar com a sociedade para promover o crescimento econômico de forma sustentável e em benefício de todos, especialmente dos mais necessitados. Ficou demonstrado que era possível, sim, governar este país com a mais ampla participação social, incluindo os trabalhadores e os mais pobres no orçamento e nas decisões de governo.

Ao longo desta campanha eleitoral vi a esperança brilhar nos olhos de um povo sofrido, em decorrência da destruição de políticas públicas que promoviam a cidadania, os direitos essenciais, a saúde e a educação. Vi o sonho de uma Pátria generosa, que ofereça oportunidades a seus filhos e filhas, em que a solidariedade ativa seja mais forte que o individualismo cego.

O diagnóstico que recebemos do Gabinete de Transição de Governo é estarrecedor. Esvaziaram os recursos da Saúde.

Desmontaram a Educação, a Cultura, a Ciência e Tecnologia. Destruíram a proteção ao Meio Ambiente. Não deixaram recursos para a merenda escolar, a vacinação, a segurança pública, a proteção às florestas, a assistência social.

Desorganizaram a governança da economia, dos financiamentos públicos, do apoio às empresas, aos empreendedores e ao comércio externo. Dilapidaram as estatais e os bancos públicos; entregaram o patrimônio nacional. Os recursos do país foram rapinados para saciar a estupidez dos rentistas e de acionistas privados das empresas públicas.

É sobre estas terríveis ruínas que assumo o compromisso de, junto com o povo brasileiro, reconstruir o país e fazer novamente um Brasil de todos e para todos.

SENHORAS E SENHORES,

Diante do desastre orçamentário que recebemos, apresentamos ao Congresso Nacional propostas que nos permitam apoiar a imensa camada da população que necessita do Estado para, simplesmente, sobreviver.

Agradeço à Câmara e ao Senado pela sensibilidade frente às urgências do povo brasileiro. Registro a atitude extremamente responsável do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal de Contas da União frente às situações que distorciam a harmonia dos poderes.

Assim fiz porque não seria justo nem correto pedir paciência a quem tem fome.

Nenhuma nação se ergueu nem poderá se erguer sobre a miséria de seu povo.

Os direitos e interesses da população, o fortalecimento da democracia e a retomada da soberania nacional serão os pilares de nosso governo.

Este compromisso começa pela garantia de um Programa Bolsa Família renovado, mais forte e mais justo, para atender a quem mais necessita. Nossas primeiras ações visam a resgatar da fome 33 milhões de pessoas e resgatar da pobreza mais de 100 milhões de brasileiras e brasileiros, que suportaram a mais dura carga do projeto de destruição nacional que hoje se encerra.

SENHORAS E SENHORES,

Este processo eleitoral também foi caracterizado pelo contraste entre distintas visões de mundo. A nossa, centrada na solidariedade e na participação política e social para a definição democrática dos destinos do país. A outra, no individualismo, na negação da política, na destruição do Estado em nome de supostas liberdades individuais.

A liberdade que sempre defendemos é a de viver com dignidade, com pleno direito de expressão, manifestação e organização.

A liberdade que eles pregam é a de oprimir o vulnerável, massacrar o oponente e impor a lei do mais forte acima das leis da civilização. O nome disso é barbárie.

Compreendi, desde o início da jornada, que deveria ser candidato por uma frente mais ampla do que o campo político em que me formei, mantendo o firme compromisso com minhas origens. Esta frente se consolidou para impedir o retorno do autoritarismo ao país.

A partir de hoje, a Lei de Acesso à Informação voltará a ser cumprida, o Portal da Transparência voltará a cumprir seu papel, os controles republicanos voltarão a ser exercidos para defender o interesse público.

Não carregamos nenhum ânimo de revanche contra os que tentaram subjugar a Nação a seus desígnios pessoais e ideológicos, mas vamos garantir o primado da lei. Quem errou responderá por seus erros, com direito amplo de defesa, dentro do devido processo legal.

O mandato que recebemos, frente a adversários inspirados no fascismo, será defendido com os poderes que a Constituição confere à democracia. Ao ódio, responderemos com amor. À mentira, com a verdade. Ao terror e à violência, responderemos com a Lei e suas mais duras consequências.

Sob os ventos da redemocratização, dizíamos: ditadura nunca mais! Hoje, depois do terrível desafio que superamos, devemos dizer: democracia para sempre!

Para confirmar estas palavras, teremos de reconstruir em bases sólidas a democracia em nosso país. A democracia será defendida pelo povo na medida em que garantir a todos e a todas os direitos inscritos na Constituição.

SENHORAS E SENHORES,

Hoje mesmo estou assinando medidas para reorganizar as estruturas do Poder Executivo, de modo que voltem a permitir o funcionamento do governo de maneira racional, republicana e democrática. Para resgatar o papel das instituições do estado, bancos públicos e empresas estatais no desenvolvimento do país. Para planejar os investimentos

públicos e privados na direção de um crescimento econômico sustentável, ambientalmente e socialmente.

Em diálogo com os 27 governadores, vamos definir prioridades para retomar obras irresponsavelmente paralisadas, que são mais de 14 mil no país. Vamos retomar o Minha Casa Minha Vida e estruturar um novo PAC para gerar empregos na velocidade que o Brasil requer. Buscaremos financiamento e cooperação – nacional e internacional – para o investimento, para dinamizar e expandir o mercado interno de consumo, desenvolver o comércio, exportações, serviços, agricultura e a indústria.

Os bancos públicos, especialmente o BNDES, e as empresas indutoras do crescimento e inovação, como a Petrobras, terão papel fundamental neste novo ciclo.

Ao mesmo tempo, vamos impulsionar as pequenas e médias empresas, potencialmente as maiores geradoras de emprego e renda, o empreendedorismo, o cooperativismo e a economia criativa.

A roda da economia vai voltar a girar e o consumo popular terá papel central neste processo.

Vamos retomar a política de valorização permanente do salário-mínimo. E estejam certos de que vamos acabar, mais uma vez, com a vergonhosa fila do INSS, outra injustiça restabelecida nestes tempos de destruição.

Vamos dialogar, de forma tripartite – governo, centrais sindicais e empresariais – sobre uma nova legislação trabalhista. Garantir a liberdade de empreender, ao lado da proteção social, é um grande desafio nos tempos de hoje.

SENHORAS E SENHORES,

O Brasil é grande demais para renunciar a seu potencial produtivo. Não faz sentido importar combustíveis, fertilizantes, plataformas de petróleo, microprocessadores, aeronaves e satélites. Temos capacidade técnica, capitais e mercado em grau suficiente

para retomar a industrialização e a oferta de serviços em nível competitivo.

O Brasil pode e deve figurar na primeira linha da economia global.

Caberá ao estado articular a transição digital e trazer a indústria brasileira para o Século XXI, com uma política industrial que apoie a inovação, estimule a cooperação público-privada, fortaleça a ciência e a tecnologia e garanta acesso a financiamentos com custos adequados.

O futuro pertencerá a quem investir na indústria do conhecimento, que será objeto de uma estratégia nacional, planejada em diálogo com o setor produtivo, centros de pesquisa e universidades, junto com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, os bancos públicos, estatais e agências de fomento à pesquisa.

Nenhum outro país tem as condições do Brasil para se tornar uma grande potência ambiental, a partir da criatividade da bioeconomia e dos empreendimentos da socio-biodiversidade. Vamos iniciar a transição energética e ecológica para uma agropecuária e uma mineração sustentáveis, uma agricultura familiar mais forte, uma indústria mais verde.

Nossa meta é alcançar desmatamento zero na Amazônia e emissão zero de gases do efeito estufa na matriz elétrica, além de estimular o reaproveitamento de pastagens degradadas. O Brasil não precisa desmatar para manter e ampliar sua estratégica fronteira agrícola.

Incentivaremos, sim, a prosperidade na terra. Liberdade e oportunidade de criar, plantar e colher continuará sendo nosso objetivo. O que não podemos admitir é que seja uma terra sem lei. Não vamos tolerar a violência contra os pequenos, o desmatamento e a degradação do ambiente, que tanto mal já fizeram ao país.

Esta é uma das razões, não a única, da criação do Ministério dos Povos Indígenas. Ninguém conhece melhor nossas florestas nem é mais capaz de defendê-las do que os que estavam aqui desde tempos imemoriais. Cada terra demarcada é uma nova área de proteção ambiental. A estes brasileiros e brasileiras devemos respeito e com eles temos

uma dívida histórica.

Vamos revogar todas as injustiças cometidas contra os povos indígenas.

Queridos amigos e amigas,

Uma nação não se mede apenas por estatísticas, por mais impressionantes que sejam. Assim como um ser humano, uma nação se expressa verdadeiramente pela alma de seu povo. A alma do Brasil reside na diversidade inigualável da nossa gente e das nossas manifestações culturais.

Estamos refundando o Ministério da Cultura, com a ambição de retomar mais intensamente as políticas de incentivo e de acesso aos bens culturais, interrompidas pelo obscurantismo nos últimos anos.

Uma política cultural democrática não pode temer a crítica nem eleger favoritos. Que brotem todas as flores e sejam colhidos todos os frutos da nossa criatividade. Que todos possam dela usufruir, sem censura nem discriminações.

Não é admissível que negros e pardos continuem sendo a maioria pobre e oprimida de um país construído com o suor e o sangue de seus ascendentes africanos. Criamos o Ministério da Promoção da Igualdade Racial para ampliar a política de cotas nas universidades e no serviço público, além de retomar as políticas voltadas para o povo negro e pardo na saúde, educação e cultura.

É inadmissível que as mulheres recebam menos que os homens, realizando a mesma função. Que não sejam reconhecidas em um mundo político machista. Que sejam assediadas impunemente nas ruas e no trabalho. Que sejam vítimas da violência dentro e fora de casa. Estamos refundando também o Ministério das Mulheres para demolir este castelo secular de desigualdade e preconceito.

Não existirá verdadeira justiça num país em que um só ser humano seja injustiçado. Caberá ao Ministério dos Direitos Humanos zelar e agir para que cada cidadão e cidadã

tenha seus direitos respeitados, no acesso aos serviços públicos e particulares, na proteção frente ao preconceito ou diante da autoridade pública. Cidadania é o outro nome da democracia.

O Ministério da Justiça e da Segurança Pública atuará para harmonizar os Poderes e entes federados no objetivo de promover a paz onde ela é mais urgente: nas comunidades pobres, no seio das famílias vulneráveis ao crime organizado, às milícias e à violência, venha ela de onde vier.

Estamos revogando os criminosos decretos de ampliação do acesso a armas e munições, que tanta insegurança e tanto mal causaram às famílias brasileiras. O Brasil não quer mais armas; quer paz e segurança para seu povo.

Sob a proteção de Deus, inauguro este mandato reafirmando que no Brasil a fé pode estar presente em todas as moradas, nos diversos templos, igrejas e cultos. Neste país todos poderão exercer livremente sua religiosidade.

SENHORAS E SENHORES,

O período que se encerra foi marcado por uma das maiores tragédias da história: a pandemia de Covid-19. Em nenhum outro país a quantidade de vítimas fatais foi tão alta proporcionalmente à população quanto no Brasil, um dos países mais preparados para enfrentar emergências sanitárias, graças à competência do nosso Sistema Único de Saúde.

Este paradoxo só se explica pela atitude criminosa de um governo negacionista, obscurantista e insensível à vida. As responsabilidades por este genocídio hão de ser apuradas e não devem ficar impunes.

O que nos cabe, no momento, é prestar solidariedade aos familiares, pais, órfãos, irmãos e irmãs de quase 700 mil vítimas da pandemia.

O SUS é provavelmente a mais democrática das instituições criadas pela Constituição de

1988. Certamente por isso foi a mais perseguida desde então, e foi, também, a mais prejudicada por uma estupidez chamada Teto de Gastos, que haveremos de revogar.

Vamos recompor os orçamentos da Saúde para garantir a assistência básica, a Farmácia Popular, promover o acesso à medicina especializada. Vamos recompor os orçamentos da Educação, investir em mais universidades, no ensino técnico, na universalização do acesso à internet, na ampliação das creches e no ensino público em tempo integral.

Este é o investimento que verdadeiramente levará ao desenvolvimento do país.

O modelo que propomos, aprovado nas urnas, exige, sim, compromisso com a responsabilidade, a credibilidade e a previsibilidade; e disso não vamos abrir mão. Foi com realismo orçamentário, fiscal e monetário, buscando a estabilidade, controlando a inflação e respeitando contratos que governamos este país.

Não podemos fazer diferente. Teremos de fazer melhor.

SENHORAS E SENHORES,

Os olhos do mundo estiveram voltados para o Brasil nestas eleições. O mundo espera que o Brasil volte a ser um líder no enfrentamento à crise climática e um exemplo de país social e ambientalmente responsável, capaz de promover o crescimento econômico com distribuição de renda, combater a fome e a pobreza, dentro do processo democrático.

Nosso protagonismo se concretizará pela retomada da integração sul-americana, a partir do Mercosul, da revitalização da Unasul e demais instâncias de articulação soberana da região. Sobre esta base poderemos reconstruir o diálogo altivo e ativo com os Estados Unidos, a Comunidade Europeia, a China, os países do Oriente e outros atores globais; fortalecendo os BRICS, a cooperação com os países da África e rompendo o isolamento a que o país foi relegado.

O Brasil tem de ser dono de si mesmo, dono de seu destino. Tem de voltar a ser um país soberano. Somos responsáveis pela maior parte da Amazônia e por vastos biomas,

grandes aquíferos, jazidas de minérios, petróleo e fontes de energia limpa. Com soberania e responsabilidade seremos respeitados para compartilhar essa grandeza com a humanidade – solidariamente, jamais com subordinação.

A relevância da eleição no Brasil refere-se, por fim, às ameaças que o modelo democrático vem enfrentando. Ao redor do planeta, articula-se uma onda de extremismo autoritário que dissemina o ódio e a mentira por meios tecnológicos que não se submetem a controles transparentes.

Defendemos a plena liberdade de expressão, cientes de que é urgente criarmos instâncias democráticas de acesso à informação confiável e de responsabilização dos meios pelos quais o veneno do ódio e da mentira são inoculados. Este é um desafio civilizatório, da mesma forma que a superação das guerras, da crise climática, da fome e da desigualdade no planeta.

Reafirmo, para o Brasil e para o mundo, a convicção de que a Política, em seu mais elevado sentido – e apesar de todas as suas limitações – é o melhor caminho para o diálogo entre interesses divergentes, para a construção pacífica de consensos. Negar a política, desvalorizá-la e criminalizá-la é o caminho das tiranias.

Minha mais importante missão, a partir de hoje, será honrar a confiança recebida e corresponder às esperanças de um povo sofrido, que jamais perdeu a fé no futuro nem em sua capacidade de superar os desafios. Com a força do povo e as bênçãos de Deus, haveremos der reconstruir este país.

Viva a democracia!

Viva o povo brasileiro!

Muito obrigado.

Compartilhe:

ANEXO N — REUNIÕES ANUAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC) REALIZADAS NO SÉCULO 21*

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

EVENTOS / **REUNIÕES ANUAIS**

EVENTOS COMUNICAÇÃO PUBLICAÇÕES
ELEIÇÕES 2024 FIQUE SÓCIO! AÇÕES

77ª Reunião Anual da SBPC

Data: 13 a 19 de julho de 2025
Local: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Recife (PE)
Tema: Progresso é Ciência em todos os Territórios
Acesse: https://ra.sbpcnet.org.br/77RA/
Realização: SBPC e UFRPE

76ª Reunião Anual da SBPC

Data: 07 a 13 de julho de 2024
Local: Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Guamá, Belém (PA)
Tema: Ciência para um futuro sustentável e inclusivo: por um novo contrato social com a natureza
Acesse: https://ra.sbpcnet.org.br/76RA/
Realização: SBPC e UFPA

75ª Reunião Anual da SBPC

Data: 23 a 29 de julho de 2023
Local: Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Curitiba, PR
Tema: *Ciência e democracia para um Brasil justo e desenvolvido*

* SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Reuniões Anuais. SBPC, 2024. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/eventos/tipo/reunioes-anuais/. Acesso em: 25 dez. 2024.

Acesse: https://ra.sbpcnet.org.br/75RA/
Realização: SBPC e UFPR

74ª Reunião Anual da SBPC

Data: 24 a 30 de julho de 2022
Local: Universidade de Brasília, UnB
Tema: *Ciência, independência e soberania nacional*
Acesse: https://ra.sbpcnet.org.br/74RA/
Realização: SBPC e UnB

73ª Reunião Anual da SBPC

Data: 18 a 24 de julho de 2021
Local: Virtual - Transmissão pelo canal da SBPC no Youtube.
Tema: *Todas as Ciências são Humanas e Essenciais à Sociedade*
Acesse: https://ra.sbpcnet.org.br/73RA/
Realização: SBPC e UFJF

72ª Reunião Anual da SBPC

Data: 12 a 24 de julho (Mini Reunião Anual); 1 a 4 de setembro; 6 a 9 de outubro; de 3 a 6 de novembro; e de 1 a 4 de dezembro de 2020
Local: Virtual - Transmissão pelo canal da SBPC no Youtube.
Tema: *Ciência, Educação e Desenvolvimento Sustentável para o Século XXI*
Acesse: http://ra.sbpcnet.org.br/mini-ravirtual/; https://ra.sbpcnet.org.br/natal/; http://ra.sbpcnet.org.br/72RA/
Realização: SBPC e UFRN

71ª Reunião Anual da SBPC

Data: 21 a 27 de julho de 2019
Local: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campo Grande, MS
Tema: "*Ciência e Inovação nas Fronteiras da Bioeconomia, da Diversidade e do Desenvolvimento Social*".
Acesse: http://ra.sbpcnet.org.br/campogrande/

70ª Reunião Anual da SBPC

Data: 22 a 28 de julho de 2018
Local: Universidade Federal do Alagoas (UFAL) - Maceió, AL
Tema: Ciência, Responsabilidade Social e Soberania
Acesse: http://ra.sbpcnet.org.br/maceio/

69ª Reunião Anual da SBPC

Data: 16 a 22 de julho de 2017
Local: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Belo Horizonte, MG
Tema: INOVAÇÃO - DIVERSIDADE - TRANSFORMAÇÕES
Acesse: http://ra.sbpcnet.org.br/belohorizonte/

68ª Reunião Anual da SBPC

Data: 03 a 09 de julho de 2016
Local: Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) - Porto Seguro, BA
Tema: "SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIAS E INTEGRAÇÃO SOCIAL"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/portoseguro/home/

67ª Reunião Anual da SBPC

Data: 12 a 18 de julho de 2015
Local: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos, SP
Tema: "LUZ, CIÊNCIA E AÇÃO"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/saocarlos/home/

66ª Reunião Anual da SBPC

Data: 22 a 27 de julho de 2014
Local: Universidade Federal do Acre (UFAC) - Rio Branco, AC
Tema: "CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM UMA AMAZÔNIA SEM FRONTEIRAS"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/riobranco/home/

65ª Reunião Anual da SBPC

Data: 21 a 26 de julho de 2013
Local: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Recife, PE
Tema: "CIÊNCIA PARA O NOVO BRASIL"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/recife/home/

64ª Reunião Anual da SBPC

Data: 22 a 27 de julho de 2012
Local: Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - São Luís, MA
Tema: "CIÊNCIA, CULTURA E SABERES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A POBREZA"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/saoluis/home/

63ª Reunião Anual da SBPC

Data: 10 a 15 de julho de 2011
Local: Universidade Federal de Goiás (UFG) - Goiânia, GO
Tema: "CERRADO: ÁGUA, ALIMENTO E ENERGIA"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/goiania/home/

62ª Reunião Anual da SBPC

Data: 25 a 30 de julho de 2010
Local: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Natal, RN
Tema: "CIÊNCIAS DO MAR: HERANÇA PARA O FUTURO"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/natal/home/

61ª Reunião Anual da SBPC

Data: 12 a 17 de julho de 2009
Local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus, AM
Tema: Amazônia: Ciência e Cultura
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/manaus/

60ª Reunião Anual da SBPC

Data: 13 a 18 de julho de 2008
Local: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Campinas/SP
Tema: "ENERGIA – AMBIENTE – TECNOLOGIA"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/eventos/60ra/

59ª Reunião Anual da SBPC

Data: 8 a 13 de julho de 2007
Local: Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém, PA
Tema: "AMAZÔNIA: DESAFIO NACIONAL"
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/eventos/59ra/

58ª Reunião Anual da SBPC

Data: 16 a 21 de julho de 2006
Local: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC
Tema: SBPC&T semeando interdisciplinaridade
Acesse: http://www.sbpcnet.org.br/eventos/58ra/

57ª Reunião Anual da SBPC

Data: 17 a 22 de julho de 2005
Local: Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Fortaleza, CE
Tema: Do sertão olhando o mar, Cultura & Ciência

56ª Reunião Anual da SBPC

Data: 18 a 23 de julho de 2004
Local: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Cuiabá, MT
Tema: Ciência na fronteira - ética e desenvolvimento

55ª Reunião Anual da SBPC

Data: 13 a 18 de julho de 2003
Local: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Recife, PE
Tema: "EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A INCLUSÃO SOCIAL"

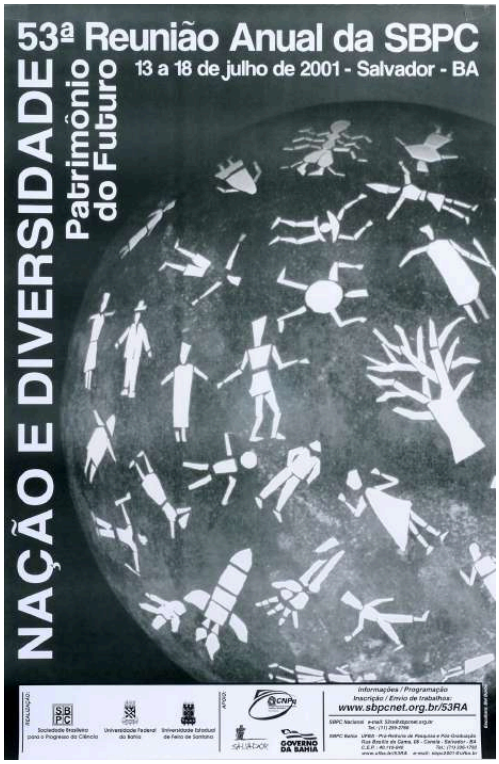
54ª Reunião Anual da SBPC

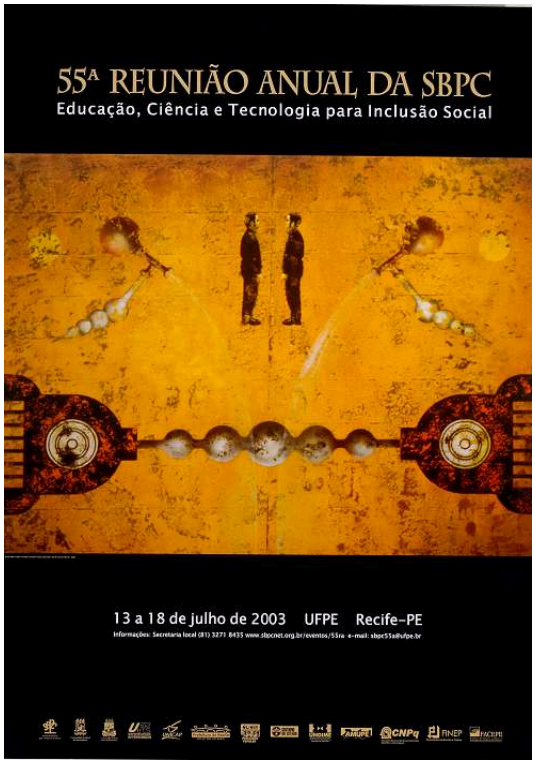
Data: 7 a 12 de julho de 2002
Local: Universidade Federal de Goiás (UFG) - Goiânia, GO
Tema: "CIÊNCIA E UNIVERSIDADE ROMPENDO FRONTEIRAS"

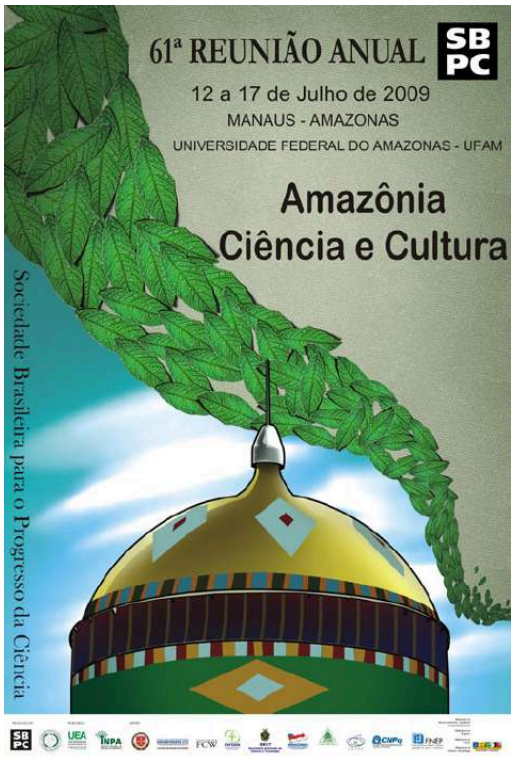
53ª Reunião Anual da SBPC

Data: 13 a 18 de julho de 2001
Local: Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador, BA
Tema: "NAÇÃO E DIVERSIDADE - PATRIMÔNIO DO FUTURO"

ANEXO O — CARTAZES DAS REUNIÕES ANUAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC), REALIZADAS NO SÉCULO 21, CUJOS TEMAS RELACIONAM A CIÊNCIA AO DESENVOLVIMENTO OU À PRODUÇÃO DA VERDADE*









* SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Reuniões Anuais. SBPC, 2024. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/eventos/tipo/reunioes-anuais/. Acesso em: 25 dez. 2024.


65ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
15 - 17 de julho de 2013 - Caruaru, Garanhuns, Petrolina, Recife, Serra Talhada
21-26 de julho de 2013 - UFPE - Recife, PE
CIÊNCIA PARA O NOVO BRASIL
SBPC
www.sbpcnet.org.br


SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
68ª Reunião Anual da SBPC
SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIAS
INTEGRAÇÃO SOCIAL
SBPC Educação
01 e 02 de Julho de 2016
Campus X da Universidade do Estado da Bahia
Teixeira de Freitas - Bahia - Brasil
03 a 09 de Julho de 2016
Universidade Federal do Sul da Bahia
Porto Seguro - Bahia - Brasil


SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
INOVAÇÃO * DIVERSIDADE * TRANSFORMAÇÕES
69ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
16 a 22 de julho de 2017 | Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte - MG - Brasil
SBPC EDUCAÇÃO | 5 e 7 de julho | Campus UFMG Montes Claros | Montes Claros - MG
UFMG


SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
70ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
CIÊNCIA, RESPONSABILIDADE SOCIAL E SOBERANIA
22 A 28 DE JULHO · 2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
MACEIÓ · ALAGOAS · BRASIL
SBPC EDUCAÇÃO
19 A 21 DE JULHO
ARAPIRACA · DELMIRO GOUVEIA · MACEIÓ


71ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
CIÊNCIA E INOVAÇÃO NAS FRONTEIRAS DA BIOECONOMIA, DA DIVERSIDADE E DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL
21 A 27 DE JULHO | 2019
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE | MS
40 anos UFMS


72ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
SETEMBRO A DEZEMBRO 2020
CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PARA O SÉCULO XXI
PARTICIPE ONLINE:
youtube.com/canalsbpc
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO:
https://ra.sbpcnet.org.br/72RA


73ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC:
Todas as ciências são humanas e essenciais à sociedade
• 18 a 24 de julho de 2021 •
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora, MG
Evento virtual.
Acompanhe em www.ra.sbpcnet.org.br/73RA.


74ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
UnB
Ciência, independência e soberania nacional
24 a 30 de julho de 2022
Local
Universidade de Brasília (UnB)
EVENTO PRINCIPAL + EVENTOS SIMULTÂNEOS


75ª
REUNIÃO ANUAL DA SBPC
CIÊNCIA E DEMOCRACIA PARA UM BRASIL JUSTO E DESENVOLVIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ 23 a 29 de Julho 2023 - Curitiba - PR


76ª
REUNIÃO ANUAL DA SBPC
ciência para um FUTURO
SUSTENTÁVEL
e INCLUSIVO
Por um novo contrato social com a natureza
7 A 13 JUL 2024
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BELÉM - PARÁ


UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
13 a 19 de julho de 2025 – Recife, PE
Progresso é ciência em todos os TERRITÓRIOS
77ª Reunião anual da SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

ANEXO P — MATÉRIA DO SITE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC) SOBRE A DECLARAÇÃO, PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), DE 2022 COMO ANO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS BÁSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL*

ANO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS BÁSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



A pandemia da covid-19, que vem afetando o mundo desde 2020, custou muitas vidas e afetou muitas outras. Sem os resultados de pesquisas básicas, motivadas pela curiosidade e produzidas ao longo de décadas e até séculos, a situação global teria sido muito pior.

Graças às ciências básicas é que sabemos que a infecção é causada por um vírus, como esse vírus se comporta, sua sequência genética e suas variações. E a lista pode se alongar: testes, tratamentos, vacinas, modelagem epidemiológica e até comunicações de alta velocidade e a longa distância – em suma, tudo o que nos ajuda a combater a pandemia e suas consequências têm raízes nas ciências básicas. E isso é sómente um exemplo dentre inúmeros outros.

A pandemia da covid-19 é um lembrete da importância da ciência básica para garantir o desenvolvimento equilibrado, sustentável e inclusivo do planeta.

O **Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável 2022** (IYBSSD2022, sigla em inglês) foi definido pelas Nações Unidas e sua agência para educação, Unesco. O objetivo é ressaltar a ligação entre as ciências básicas e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e como um impacta diretamente o alcance do outro. Este ano será um momento chave de mobilização para convencer líderes econômicos e políticos, bem como o público em geral, da importância da ciência básica para o nosso futuro.

A **Academia Brasileira de Ciências (ABC)** e a **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)** são parceiras oficiais desta iniciativa e participarão das atividades oficiais, assim como da **avaliação de propostas para eventos a serem organizados oficialmente** no âmbito do Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável.

O **IYBSSD2022** terá sua conferência de abertura no dia 1º de julho, na sede da Unesco, em Paris.

Saiba mais no site original.

Ciências básicas e o desenvolvimento sustentável

* ABC. Academia Brasileira de Ciências. Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.abc.org.br/nacional/cooperacoes/parcerias-com-outras-instituicoes/ano-internacional-das-ciencias-basicas-para-o-desenvolvimento-sustentavel/. Acesso em: 15 out. 2024.



A Agenda 2030, adotada em 2015 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, é uma visão integrada para o desenvolvimento sustentável de todas as populações do mundo. Está organizado em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) pelos quais devemos lutar coletivamente.

Vários desses ODS estão explicitamente ligados a avanços científicos: saúde e bem-estar (ODS 3); água potável e saneamento (ODS 6); energia acessível e limpa (ODS 7); ação climática (ODS 13); vida sob a água (ODS 14); e vida na terra (ODS 15). Mas, na verdade, todos os ODS exigem a contribuição da ciência e da tecnologia.

Saiba mais sobre os ODS clicando aqui.

Você tem uma proposta de atividade e quer submetê-la à avaliação? Preencha o formulário!

Veja as informações e notícias atualizadas no site original do IYSSD 2022

▲ Voltar ao topo

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
MCMXVI

A ACADEMIA
SOBRE A ABC
MISSÃO
ESTATUTO
ÉTICA
ELEIÇÕES
ESTRUTURA
PRÊMIOS
LOGOTIPOS

MEMBROS
MEMBRESIA
SOMOS ABC
TITULARES
CORRESPONDENTES
COLABORADORES
AFILIADOS
INSTITUCIONAIS
ASSOCIADOS
FALECIDOS

NACIONAL
COOPERAÇÕES
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
GRUPOS DE TRABALHO
PROGRAMAS
SIMPÓSIOS DE AFILIADOS

INTERNACIONAL
ABC EM ORGANISMOS INTERNACIONAIS
PARCERIAS INTERNACIONAIS

EVENTOS
REUNIÕES MAGNAS
DIPLOMAÇÕES
TODOS OS EVENTOS

PUBLICAÇÕES
ANAIS DA ABC
CENTENÁRIO
DOCUMENTOS
ESTUDOS ESTRATÉGICOS
INSTITUCIONAL

NOTÍCIAS
BOLETINS NABC
CADASTRE-SE
TODAS AS NOTÍCIAS

ANEXO Q — REUNIÕES MAGNAS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC) REALIZADAS DE 2012 A 2025*

Reuniões Magnas Diplomações Todos os Eventos

HOME > EVENTOS > REUNIÃO MAGNA

REUNIÃO MAGNA

Compartilhar Compartilhar Compartilhar Compartilhar

1 2



REUNIÃO MAGNA | 6/05/2025 a 8/05/2025

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2025

Com o título "Amazônia Já! Sem tempo a perder", o evento mais importante da ABC acontecerá na primeira semana de maio. Salve a data!



REUNIÃO MAGNA | 7/05/2024 a 9/05/2024

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2024

Com o tema "Inteligência artificial e ciências: oportunidades e riscos", o maior evento anual da Academia Brasileira de Ciências será realizado nos dias 7, 8 e 9 de maio de 2024, no Museu do Amanhã, Rio de Janeiro.



* ABC. Academia Brasileira de Ciências. Reunião Magna. Rio de Janeiro, 2024b. Disponível em: https://www.abc.org.br/tipo_evento/reuniao-magna/. Acesso em: 31 mar. 2024.

REUNIÃO MAGNA | 9/05/2023 a 11/05/2023

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2023 • CIÊNCIA BÁSICA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Evento foi realizado no Museu do Amanhã, de 9 a 11 de maio de 2023. Saiba tudo que aconteceu aqui!



REUNIÃO MAGNA | 3/05/2022 a 5/05/2022

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2022

Evento está previsto para acontecer de forma presencial no Museu do Amanhã, Rio de Janeiro, e também on-line. Contamos com a sua participação, salve a data!



REUNIÃO MAGNA | 6/10/2021 a 15/10/2021

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2021

A REUNIÃO MAGNA VIRTUAL DA ABC 2021 será em quatro dias não consecutivos: 6, 8, 13 e 15 de outubro.



REUNIÃO MAGNA | 23/09/2020 a 2/10/2020

REUNIÃO MAGNA VIRTUAL DA ABC 2020: O MUNDO A PARTIR DA COVID-19

Em função do atual cenário em que se encontram o país e o mundo, a Academia Brasileira de Ciências decidiu realizar a Reunião Magna 2020 de forma virtual, com o tema "O mundo a partir da COVID-19". SALVE AS DATAS!



REUNIÃO MAGNA | 14/05/2019 a 16/05/2019

REUNIÃO MAGNA DA ABC 2019

Coordenada pelo Acadêmico Edson Watanabe, a reunião deste ano pretende estimular uma reflexão sobre a Agenda 2030, avaliar a situação do Brasil quanto aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) definidos pela Organização das Nações Unidas e os impactos que esperamos para o futuro do país e o planeta.



REUNIÃO MAGNA | 8/05/2018 a 10/05/2018

REUNIÃO MAGNA 2018 – IMAGINANDO O FUTURO

O evento teve como tema principal "Imaginando o Futuro" e trouxe um time de cientistas de diferentes áreas para falar dos impactos dos avanços tecnológicos na vida em sociedade.

BUSCA EM EVENTO

Palavras

insira os termos de busca

Período

Mês ▼ Ano ▼

Categoria

Categoria ▼

Buscar

REUNIÃO MAGNA

Compartilhar Compartilhar Compartilhar Compartilhar



REUNIÃO MAGNA | 8/05/2017 a 10/05/2017

REUNIÃO MAGNA 2017 – PROJETO DE CIÊNCIA PARA O BRASIL

A 11ª edição da Reunião Magna, o evento mais importante da ABC, aconteceu nos dias 8, 9 e 10 de maio de 2017 e teve como tema "Um projeto de ciência para o Brasil".



REUNIÃO MAGNA | 4/05/2016 a 6/05/2016

REUNIÃO MAGNA 2016: PAVING A BETTER FUTURE

Data: 4, 5 e 6 de maio de 2016 Coordenadores: Débora Foguel e Carlos Aragão A Reunião Magna 2016 da Academia Brasileira...



REUNIÃO MAGNA | 4/05/2015 a 6/05/2015

REUNIÃO MAGNA 2015 – O VALOR DA CIÊNCIA

Nos dias 4, 5 e 6 de maio, a Academia realiza seu mais importante evento anual, a Reunião Magna, que envolve...



REUNIÃO MAGNA | 5/05/2014 a 7/05/2014

REUNIÃO MAGNA 2014 – INOVAÇÃO

Além da cerimônia de posse dos novos Acadêmicos, que ocorrerá na noite de 6 de maio, o encontro deste ano será focado na integração entre pesquisadores e empresários, em prol da inovação no país.



REUNIÃO MAGNA | 6/05/2013 a 8/05/2013

REUNIÃO MAGNA 2013

Reunião Magna da Academia Brasileira de Ciências, com o tema Desenvolvimento Científico-Tecnológico: Rumo a Novos Patamares.



REUNIÃO MAGNA | 7/05/2012 a 9/05/2012

REUNIÃO MAGNA 2012

Reunião Magna 2012 da Academia Brasileira de Ciências, com o tema "Ciência para o Desenvolvimento Sustentável".

ANEXO R — PROJETO CIÊNCIA GERA DESENVOLVIMENTO, LANÇADO PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC) EM 2017*

CIÊNCIA GERA DESENVOLVIMENTO

Compartilhar Compartilhar Compartilhar Compartilhar



Da agricultura às viagens espaciais, a ciência está em toda parte. Mas sua presença nem sempre é percebida e devidamente valorizada.

O **Projeto Ciência Gera Desenvolvimento**, criado pela Academia Brasileira de Ciências em 2017, envolve a criação e veiculação de uma série de vídeos curtos, dinâmicos e cheios de informação que mostram, com exemplos reais, como a ciência pode ser traduzida em benefícios palpáveis para todo um país.

Seu maior objetivo é, acima de tudo, conscientizar a população em geral sobre o valor – sobretudo financeiro – que o investimento em produção científica pode oferecer a toda a sociedade.

Desde sua criação, o projeto já recebeu apoio do Idor e do CNPq.

Baixe e compartilhe o logotipo do projeto.



BERTHA KOIFFMANN BECKER

Bertha estudava a Amazônia e defendia a construção de novos modelos produtivos sustentáveis para o desenvolvimento econômico da região, de modo que envolvessem e beneficiassem as comunidades locais.



RUTH NUSSENZWEIG

Conheça Ruth Nussenzweig: imunologista brasileira que desafiou a perseguição nazista e revolucionou a ciência, salvando vidas com sua pesquisa sobre malária.

* ABC. Academia Brasileira de Ciências. Ciência Gera Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.abc.org.br/nacional/divulgacao-cientifica/ciencia-gera-desenvolvimento/. Acesso em: 26 abr. 2024.



CÉSAR LATTES

Lattes foi o brasileiro que fez uma das maiores descobertas da Física: comprovou pela primeira vez a existência do píon, partícula responsável por estabilizar o núcleo de um átomo. A Plataforma Lattes, muito usada no meio acadêmico, tem esse nome em homenagem ao físico.



SÉRGIO HENRIQUE FERREIRA

Na década de 1960, Sérgio Henrique Ferreira, médico e pesquisador formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, foi o responsável pela descoberta que mudaria a qualidade de vida da população hipertensa mundial.



VERIDIANA VICTORIA ROSSETTI

Segunda agrônoma formada no Brasil, a Acadêmica dedicou sua carreira ao estudo de plantas do gênero Citrus e contribuiu para que hoje o Brasil seja o maior produtor e exportador de suco de laranja do mundo.



MAURÍCIO OSCAR DA ROCHA E SILVA

Médico e farmacologista, o Acadêmico Maurício Rocha e Silva utilizou o veneno de jararaca num experimento e descobriu a bradicinina, potente vasodilatador que passou a ser usado nos medicamentos contra hipertensão em 1970.



JULIANO MOREIRA

Segundo presidente da ABC e um dos primeiros médicos negros do Brasil, foi precursor da psiquiatria moderna no país, rompeu barreiras e contribuiu para importante transformação na sociedade.



MILTON SANTOS

Negro, de origem humilde, o pesquisador mostrou ao mundo que a geografia pode ser uma ferramenta usada para o planejamento de políticas públicas para a redução das desigualdades.



MARCOS LUIZ DOS MARES GUIA

Você sabia que a insulina usada no tratamento de diabetes em humanos era tirada de bois e porcos? Conheça o médico e Acadêmico criou o método que gera a insulina humana e fez do Brasil o líder dessa produção.



ÁLVARO ALBERTO DA MOTA E SILVA

Conheça o Almirante que foi presidente da ABC em dois mandatos. Como cientista, desenvolveu tecnologias na área nuclear que garantiram ao país uma maior autonomia, Como gestor, foi o primeiro presidente do CNPq e mudou o rumo da ciência no país.



JOHANNA DÖBEREINER

Engenheira agrônoma, a Acadêmica e primeira mulher vice-presidente da ABC desenvolveu tecnologia com bactérias fixadoras de nitrogênio que evitou gastos milionários com agrotóxicos e foi crucial para que o Brasil se tornasse o segundo maior produtor de soja do mundo.

TÓPICOS NESTA SEÇÃO

▶ SIMPÓSIOS E DIPLOMAÇÕES DE MEMBROS AFILIADOS DA ABC

- ▼ DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
  - ▶ Comunicação Cientifica
  - ▶ Coronavírus
  - ▶ WEBINÁRIOS DA ABC
  - ▼ Ciência Gera Desenvolvimento
    - ▶ Bertha Koiffmann Becker
    - ▶ Ruth Nussenzweig
    - ▶ César Lattes
    - ▶ Sérgio Henrique Ferreira
    - ▶ Veridiana Victoria Rossetti
    - ▶ Maurício Oscar da Rocha e Silva
    - ▶ Juliano Moreira
    - ▶ Milton Santos
    - ▶ Marcos Luiz dos Mares Guia
    - ▶ Álvaro Alberto da Mota e Silva
    - ▶ Johanna Döbereiner
  - ▶ Podcasts da ABC – Conhecer para entender
  - ▶ Projeto de Ciência para o Brasil
  - ▶ Conhecer para Entender
  - ▶ Vacina é Ciência
  - ▶ ProfiCiência
  - ▶ Minutos da ABC
  - ▶ Diálogos pelo Brasil
- ▶ PROGRAMAS CIENTÍFICOS
- ▶ COOPERAÇÕES
- ▶ GRUPOS DE TRABALHO

▲ Voltar ao topo

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
MCMXVI

A ACADEMIA
SOBRE A ABC
MISSÃO
ESTATUTO
ÉTICA
ELEIÇÕES
ESTRUTURA
PRÊMIOS
LOGOTIPOS

MEMBROS
MEMBRESIA
SOMOS ABC
TITULARES
CORRESPONDENTES
COLABORADORES
AFILIADOS
INSTITUCIONAIS
ASSOCIADOS
FALECIDOS

NACIONAL
COOPERAÇÕES
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
GRUPOS DE TRABALHO
PROGRAMAS
SIMPÓSIOS DE AFILIADOS

INTERNACIONAL
ABC EM ORGANISMOS INTERNACIONAIS
PARCERIAS INTERNACIONAIS

EVENTOS
REUNIÕES MAGNAS
DIPLOMAÇÕES
TODOS OS EVENTOS

PUBLICAÇÕES
ANAIS DA ABC
CENTENÁRIO
DOCUMENTOS
ESTUDOS ESTRATÉGICOS
INSTITUCIONAL

NOTÍCIAS
BOLETINS NABC
CADASTRE-SE
TODAS AS NOTÍCIAS

ICP-EDU
TRANSPARÊNCIA
FORNECEDORES
CONTATOS

Rua Anfilófio de Carvalho, 29 - 3º andar - Centro
Rio de Janeiro - RJ, Brasil CEP: 20030-060
Tel.: +55 21 3907-8100

MCMXVI

ANEXO S — MANIFESTO BRASILEIRO DE APOIO AO ACESSO LIVRE À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA*

ibict
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica

Contextualização

A informação científica é o insumo básico para o desenvolvimento científico e tecnológico de uma nação. Trata-se de um processo contínuo em que a informação científica contribui para o desenvolvimento científico, e este, por sua vez, gera novos conteúdos realimentando todo o processo.

No entanto, a comunidade científica enfrenta dificuldades no acesso à informação científica, se considerado o modelo tradicional de publicação científica. Tradicionalmente, os artigos ou trabalhos científicos são publicados em revistas especializadas, e a forma de acesso a esses trabalhos dá-se mediante assinatura das publicações pelas bibliotecas ou pelo pesquisador.

Com o surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, diversos paradigmas estão mudando. Isso porque essas tecnologias facilitam o acesso à informação científica, promovendo o surgimento de novas alternativas para a comunicação científica. A Open Archives Initiative (OAI) é um exemplo disso. Esta iniciativa estabelece, além de padrões de interoperabilidade, alguns princípios e ideais, como o uso de *software open source* e o acesso livre à informação. Surge, a partir dessa iniciativa, o **paradigma do acesso livre à informação**.

A OAI constitui, portanto, um marco na área do tratamento e disseminação da informação em geral e na área da comunicação científica em especial. Essa iniciativa proporcionou a construção, implantação e manutenção de diversos repositórios de acesso livre, assim como o surgimento de diversas ferramentas de *software* para a construção e manutenção de repositórios, como o E-Prints, o Open Journal Systems (OJS), o DSPACE, entre outros.

O movimento de apoio aos *open archives* e ao acesso livre à informação surge em conseqüência das dificuldades encontradas pela comunidade científica mundial no acesso à informação científica. Concretizou-se, de fato, por meio de diversos manifestos, como as declarações de Bethesda, Budapeste e Berlim, além de manifestações de organizações não-governamentais e internacionais, como a IFLA e a OCDE, entre outras.

É importante observar que o paradigma do acesso livre à informação provocará otimização nos custos de registro e acesso à informação, além de promover maior rapidez no fluxo da informação científica e no desenvolvimento científico e tecnológico. Esse cenário aponta para a necessidade de o Brasil manifestar-se favoravelmente ao acesso livre à informação, promovendo, por conseguinte, o aumento significativo da visibilidade de suas pesquisas, de seus pesquisadores e de suas instituições. Para tanto, é necessário aderir ao movimento mundial e estabelecer uma **política nacional de acesso livre à informação científica**, mediante o apoio de toda a comunidade científica, com o envolvimento não apenas das suas organizações, mas, *obrigatoriamente*, dos pesquisadores e das agências de fomento.

O estabelecimento do acesso livre como um procedimento vantajoso requer o empenho ativo de todo e qualquer indivíduo que produza conhecimento científico ou seja, de todo detentor de patrimônio cultural.

Objetivos:

- promover o registro da produção científica brasileira em consonância com o paradigma do acesso livre à informação;
- promover a disseminação da produção científica brasileira em consonância com o paradigma do acesso livre à informação;
- estabelecer uma política nacional de acesso livre à informação científica;
- buscar apoio da comunidade científica em prol do acesso livre à informação científica.

Paradigma do Acesso Livre à Informação

O modelo que se preconiza para o acesso livre à informação e que nesse documento é denominado de Paradigma do Acesso Livre à Informação, baseia-se nos termos da **Declaração de Berlim**, na parte relativa à "Definição de uma contribuição em acesso livre...", que é aqui reescrita conforme os dois itens abaixo:

1. Contribuições em acesso livre incluem resultados de pesquisas científicas originais, dados não processados, metadados, fontes originais, representações digitais de materiais pictóricos, gráficos e material acadêmico multimídia.
2. As contribuições em acesso livre devem satisfazer duas condições:
   I. os(s) autor(es) e o(s) detentores dos direitos de tais contribuições concede(m) a todos os usuários:
      a. direito gratuito, irrevogável e irrestrito de acessá-las;
      b. licença para copiá-las, usá-las, distribuí-las, transmiti-las e exibi-las publicamente;
      c. licença para realizar e distribuir obras derivadas, em qualquer suporte digital para qualquer propósito responsável, em obediência à correta atribuição da autoria (as regras da comunidade continuarão a fornecer mecanismos para impor a atribuição e uso responsável dos trabalhos publicados, como acontece no presente) e com a garantia de fazer cópias;

Recomendações à Comunidade Científica

Torna-se necessário, nesse momento, o compromisso por parte da comunidade científica brasileira de apoiar o movimento mundial em favor do acesso livre à informação científica. Nesse sentido, os principais atores do sistema de comunicação científica, nomeadamente autores, editores, agências de fomento e as instituições acadêmicas, devem se comprometer a colaborar para que os resultados de pesquisas realizadas no país estejam disponíveis livremente para acesso. Para isso, portanto, de acordo com o que especifica a **Declaração de Berlim**, recomenda-se:

A. **É imperativo** que as **instituições acadêmicas** brasileiras se comprometam a:
   1. criar repositórios institucionais e temáticos, observando o paradigma do acesso livre;
   2. requerer que seus pesquisadores depositem uma cópia de todos os seus trabalhos publicados em pelo menos um repositório de acesso livre;
   3. encorajar seus pesquisadores a publicar seus resultados de pesquisa em periódicos de acesso livre, onde houver um periódico apropriado para isso. Deve-se, além disso, prover o apoio necessário para que isso ocorra;
   4. reconhecer a publicação em ambiente de acesso livre para efeito de avaliação e progressão acadêmica;
   5. ter disponíveis, em ambiente de acesso livre, os periódicos editados pela instituição ou seus órgãos subordinados.

B. **É primordial** que os **pesquisadores** (autores):
   1. contribuam para o incremento de conteúdos em repositórios institucionais ou temáticos, depositando o maior número possível de seus trabalhos, publicados ou não, inclusive *pré e post prints*, material de aula, quando for o caso, entre outros materiais.
   2. depositar, obrigatoriamente, em um repositório de acesso livre publicações que envolvam resultados de pesquisas financiadas com recursos públicos.

C. **É necessário** que as **agências de fomento**:
   1. reconheçam a publicação científica em repositórios de acesso livre para efeito de avaliação da produção científica dos pesquisadores e de concessão de auxílios e financiamentos para pesquisa ;
   2. recomendem aos pesquisadores a quem concedem auxílio financeiro para suas pesquisas que depositem uma cópia dos resultados publicados em um repositório de acesso livre e/ou que publiquem prioritariamente em periódicos eletrônicos de acesso livre;
   3. recomendem aos pesquisadores a quem concedem auxílio financeiro para participação em eventos que depositem uma cópia do seu trabalho em um repositório de acesso livre;
   4. promovam e apóiem a construção e manutenção de repositórios institucionais e temáticos;
   5. apóiem, prioritariamente, a edição de publicações científicas eletrônicas de acesso livre;
   6. requerer que toda publicação científica financiada com recursos públicos tenha uma versão disponível eletronicamente em ambiente de acesso livre.

D. É **imprescindível** que as **editoras comerciais** de publicações científicas:
   A. concordem que os trabalhos por elas publicados com autoria de pesquisadores que obtiveram recursos públicos para suas pesquisas tenham uma cópia depositada em repositório de acesso livre;
   B. tenham disponível uma versão eletrônica, em ambiente de acesso livre, das publicações impressas por elas editadas cuja autoria seja de pesquisadores que obtiveram recursos públicos para suas pesquisas.

E. É **recomendável** que **editoras não comerciais**:
   1. tenham disponíveis uma versão eletrônica, em conformidade com o paradigma do acesso livre à informação, das publicações impressas por elas editadas;
   2. adotem os padrões que estejam em conformidade com aqueles estabelecidos pela Open Archives Initiative (OAI).

* IBICT. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica. Brasília, 2015. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/Manifesto.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

ANEXO T — MANIFESTO DO “MOVIMENTO PELA CIÊNCIA E TECNOLOGIA PÚBLICAS”*

Blog do Sinasefe IFMG - Seção Sindical do Sinasefe (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/) 18 de dezembro

SINASEFE IFMG
Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção Sindical IFMG.
(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/)

MANIFESTO DO “MOVIMENTO PELA CIÊNCIA E TECNOLOGIA PÚBLICAS”

Ministério da Ciência e Tecnologia
BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

29 de abril de 2016 (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/manifesto-do-movimento-pela-ciencia-e-tecnologia-publicas/)

A sociedade brasileira tem sido submetida a uma agenda regressiva no plano político e social, que se expressa num conjunto de projetos de lei, emendas constitucionais e medidas provisórias que atacam direitos constantes da Constituição de 1988. Este é o caso da imposição de agendas privatizantes ao ensino superior e à pesquisa pública por meio da Lei 13.243/2016, denominada “Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação”.

Análise criteriosa da referida lei mostra ter sido urdida com a participação de parte da comunidade científica, sobretudo dos ditos “acadêmicos empreendedores”, que somaram forças com empresas privadas na busca de flexibilizar o Complexo Público de Ensino Superior e de Pesquisa Brasileiro, com o objetivo de se apropriarem de maior parcela dos recursos públicos gastos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

A Lei 13.243/16 permite a criação de Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICT) como órgãos públicos ou pessoas jurídicas de direito privado “sem fins lucrativos”, inclusive sob a forma de Organizações Sociais (OS), bem como a criação de Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT) de direito privado no interior das instituições públicas, para o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Essas instituições poderão:

1. i) receber recursos públicos dos entes federados e de fundações ditas “de apoio” para a cobertura de todas as suas despesas;
2. ii) usufruir de pessoal especializado (pesquisadores etc.) pagos com recursos públicos;

iii) utilizar infraestrutura e recursos públicos em atividades de pesquisa para empresas privadas.

A Lei 13.243/16 implica em mudanças regressivas no Complexo Público de Ensino Superior e de Pesquisa Brasileiro, dentre as quais destacam-se:

1. aumento da transferência do fundo público para empresas privadas e a substituição de instituições públicas (estatais) de pesquisa por OS, apontando para a diminuição de concursos públicos para a carreira de professores universitários e pesquisadores;
2. docentes e pesquisadores das instituições públicas (estatais) poderão assumir funções de

SINASEFE IFMG

Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seçã Sindical IFMG.

Tel: (31) 3551-3611

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefeifmg@yahoo.com.br

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefe.unimed@gmail.com

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefe.unimed@yahoo.com

JUNTE-SE A NÓS!

SINDICALIZE-SE (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/sindicalize/)

LIVE

Reunião com os TAEs sobre as r

OBSERVATÓRIO DE ASSÉDIO

* SINASEFE IFMG. Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção Sindical IFMG. Manifesto do Movimento pela Ciência e Tecnologia Públicas. SINASEFE-IFMG, 29 abr. 2016. Disponível em: https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/manifesto-do-movimento-pela-ciencia-e-tecnologia-publicas/. Acesso em: 26 abr. 2024.

diretores/presidentes de OS que desenvolvam atividades de pesquisa e inovação tecnológica, auferindo rendimentos por atividades realizadas nos setores público e privado. Isso impactará negativamente o trabalho de docência e de pesquisa, principalmente o regime de Dedicação Exclusiva (DE);

III. professores e pesquisadores pagos com recursos públicos poderão atuar em empresas, podendo resultar num aparente crescimento das atividades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) como "inovação", porém tendo em vista interesses privados;

1. o Estado poderá até ampliar seus gastos, ao passo que as empresas tenderão a diminuí-los, uma vez que terão acesso a recursos estatais (financeiros e de pessoal);
2. o número de patentes registradas pelas instituições públicas tende a cair, pois o registro passará a ser feito em nome dos envolvidos no processo e das OS a que eles estarão ligados. A fonte de recursos para a manutenção dos registros continuará a mesma, os cofres públicos, enquanto a apropriação dos benefícios será privada.
3. a produção científica e tecnológica pública será direcionada por demandas do mercado, com prejuízos das atividades de C&T em áreas não rentáveis e fundamentalmente nas de ciências básicas e de ciências humanas.

Deve-se salientar, ainda, que a Lei 13.243/16 fere também o princípio constitucional de publicidade, direito de acesso público ao conhecimento gerado pelas Instituições de Ciência e Tecnologia, inclusive prevendo sanções administrativas, civis e penais aos servidores que não aderirem aos acordos firmados nas instituições onde trabalham. Com a implantação dessa Lei, o Estado ficará vulnerável aos interesses particulares, pois os recursos públicos poderão ser apropriados por interesses privados.

As consequências referidas anteriormente nada mais são que a materialização da Reforma do Estado capitaneada por Bresser-Pereira nos anos de 1990, no governo de FHC e levada adiante por sucessivos governos. Segundo essa reforma, a responsabilidade pelos "serviços sociais e científicos" passa a ser das OS, organizações "públicas não-estatais".

Pelo exposto, a Lei 13.243/16 desfecha ataque frontal ao Complexo Público de Ensino Superior e de Pesquisa e representa grave ameaça aos interesses da maioria da sociedade em favor de interesses privados, bem como aponta para a destruição da capacidade nacional de produção de C&T de interesse público.

Faz-se, pois, necessária uma vigorosa mobilização contra esse "Marco Legal de CT&I" e em defesa da produção científica e tecnológica que responda às necessidades e aos problemas vividos pela maioria da sociedade brasileira.

Para fazer frente às ameaças que o referido "Marco" representa, os signatários deste Manifesto convidam os setores organizados da sociedade civil para participarem do **Movimento pela Ciência e Tecnologia Públicas**.

Signatários:

- **ANDES-SN** – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
- **Asfoc-SN –** Sindicato dos Servidores de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública
- **CFESS –** Conselho Federal de Serviço Social
- **FASUBRA –** Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil
- **FENASPS –** Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores em Saúde , Trabalho, Previdência e Assistência Social
- **SINASEFE –** Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica
- **Fórum das Seis –** formado pelas entidades sindicais e estudantis da Unesp, Unicamp, USP e do Centro Paula Souza (Ceeteps)
- ***Adunesp –*** *Associação dos Docentes da Unesp*
- ***ADunicamp –*** *Associação dos Docentes da Unicamp*
- ***ADUSP –*** *Associação dos Docentes da USP*
- ***APqC*** *– Associação dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo*
- **APUFPR** *– Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná*



(https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdpP
Sdcn4OQBb1JvlsITqod6yaVzQZJjwA/viewform)



LIVROS E ARTIGOS



**(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/biblio
aberta/)**

NOTÍCIAS POR E-MAIL

- **SEÇÃO SINDICAL DO ANDES-SN NA UFRGS –** Seção Sindical do ANDES-SN na Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- ***Sinpaf –*** *Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário – Seção Sindical Campinas e Jaguariúna*
- ***Sinteps –*** *Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza*
- ***Sintunesp –*** *Sindicato dos Trabalhadores da Unesp*
- ***Sintusp –*** *Sindicato dos Trabalhadores da USP*
- ***STU –*** *Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp*
- Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida
- **CSA Brasil –** *Comunidade que Sustenta a Agricultura*
- **MUDA –** Movimento Urbano de Agroecologia, a Comunidade que Sustenta a Agricultura
- Mandato do Vereador Paulo Bufalo (PSOL Campinas)
- *Mandato do Vereador Pedro Tourinho (PT Campinas)*

Seu nome (obrigatório)

Seu e-mail (obrigatório)

Enviar

← Ação para Cobrança das progressões DI – DII/DIII/DIV – DV (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/acao-para-cobranca-das-progressoes-di-diidiiidiv-dv/)

JOGA PEDRA NA GENI! →

SINASEFE IFMG

Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção Sindical IFMG.

Tel: (31) 3551-3611

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefeifmg@yahoo.com.br

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefe.unimed@gmail.com

(https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/03/Ativo-2.png)sinasefe.unimed@yahoo.com

ONDE ESTAMOS

Endereço (https://www.google.com/search?sxsrf=AJOqlzWMtKa1LhLzcs8C5hgRDymLOqhLmA:1677592793037&q=sinasefe+ifmg+endere%C3%A7o&ludocid=9054487931

Rua Pandiá Calógeras, Ouro Preto – MG, 35400-000



SIGA-NOS

Facebook (https://www.facebook.com/sinasefeifmg/)

Instagram (http://instagram.com/sinasefeifmg)

Youtube (https://www.youtube.com/channel/UCDgUrQ2r749rH0uiD_QhcWA)

JUNTE-SE A NÓS!

SINDICALIZE-SE (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/sindicalize-se/)

Sua privacidade é importante para nós, a política de privacidade explica quais dados pessoais coletamos e de que forma eles são usados. Clicando em "Aceitar e Fechar" você concorda com os termos e com a nossa política de privacidade Política de Privacidade (https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/politica-de-privacidade/).

Aceitar e Fechar

Produzido por SINASEFE IFMG Royal Theme by Themeezz (https://themeezz.com)

ANEXO U — NOTÍCIA SOBRE MANIFESTO “CIENTISTAS PELA DEMOCRACIA”, PUBLICADO PELO SITE CIÊNCIA NA RUA*

JORNALISMO, CIÊNCIA, JUVENTUDE E HUMOR

ciência na rua

audiovisual clima e ambiente cultura dados debates diversidade humanidades quadrinhos sociedade tecnociências

CIENTISTAS BRASILEIROS LANÇAM MANIFESTO PELA DEMOCRACIA

ELEIÇÕES

COLUNISTAS NOTÍCIAS POLÍTICA SOCIEDADE

por Luiza Moura | 22 out 2018

Apreensivos com os desdobramentos da eleição presidencial, cientistas de todas as regiões do Brasil divulgaram nessa segunda-feira um manifesto intitulado “Cientistas pela democracia”.

Quem quiser assinar o manifesto, deve escrever para CientistasDemocratas@protonmail.com manifestando essa intenção e informando o RG. Quem quiser colher mais assinaturas, deve circular a mensagem entre cientistas e pedir para enviarem nome e RG para o mesmo e-mail.

Confira abaixo a íntegra do documento.

“Nós cientistas brasileiros, independente de nossas posições

Colunistas



Luiza Moura



* MOURA, Luiza. Cientistas brasileiros lançam manifesto pela democracia. Ciência na Rua, São Paulo, 22 out 2018. Disponível em: https://ciencianarua.net/cientistas-brsileiros-lancam-manifesto-pela-democracia/. Acesso em: 26 abr. 2024.

políticas ou ideológicas, vimos a público reafirmar o nosso pétreo compromisso com a democracia. A ciência, como bem público, precisa do ambiente democrático para progredir e produzir seus benefícios. Os regimes autoritários muito frequentemente instrumentalizam a ciência para fins contrários aos interesses da sociedade. A boa ciência necessita da crítica e do contraditório, do reconhecimento das diferenças e do respeito a opiniões divergentes, todas características que somente podem florescer em ambiente democrático.

As imperfeições do processo democrático necessitam correções, porém nunca deverão servir de pretexto para que renunciemos à democracia. Também repudiamos, com veemência, toda e qualquer apologia à tortura, as inúmeras formas de violação e as ameaças à preservação do meio ambiente praticadas por regimes autoritários do passado e do presente.

O fazer ciência pela vida, pelo progresso social, pelo bem estar da população, passa pela garantia da manutenção das liberdades, dos direitos humanos, pela pluralidade de ideias, pela eliminação da intimidação, da discriminação e da tortura, e pela oposição a qualquer tipo de violência, qualquer que seja sua motivação (étnica, de gênero, sexualidade, posição política ou qualquer outra).

Necessitamos sempre aperfeiçoar e consolidar a democracia para que a ciência avance e possa contribuir para as transformações sociais, tão necessárias à nossa sociedade.

Em 17 de outubro de 2018.”

1. Sergio Machado Rezende, Física;
2. Helena Bonciani Nader, Biologia Molecular;
3. Jorge Almeida Guimarães, Bioquímica;
4. Nelson Maculan, Engenharia;

Thaciana de Sousa Santos



Vinicius Almeida

Acompanhe nas redes

ASSINE NOSSO BOLETIM

se

ASSI

Todas as categorias

› AUDIOVISUAL

5. Samuel Goldenberg, Genética;
6. Fernando de Queiroz Cunha, Farmacologia;
7. Ildeu de Castro Moreira, Físico;
8. Glaucius Oliva, Biofísica;
9. Renato Janine Ribeiro, Filosofia;
10. Otávio Velho, Antropologia;
11. Aldina Barral, Imunologia;
12. Silke V Weber, Sociologia;
13. Sérgio Mascarenhas Oliveira, Física;
14. Stevens Rehen, Neurociências;
15. Maria Zaira Turchi;
16. Jerson Silva, Biofísico;
17. Mauricio Barreto, Epidemiologia;
18. Euzenir Nunes Sarno, Medicina;
19. Silvio Roberto Azevedo Salinas – Física;
20. Francilene Procopio Garcia, Ciências da Computação;
21. Ennio Candotti, Física;
22. Carlos M. Morel, Bioquímico;
23. Carlos Augusto Grabois Gadelha, Ciências da Economia;
24. Paulo Sérgio Pinheiro, Ciência Política;
25. Carlos Afonso Nobre, Ciências Ambientais;
26. Olival Freire Junior – Físico;
27. Antonio Carlos Campos de Carvalho – Biofísico;
28. Wilson Savino, Imunologia;
29. Rita Barradas Barata, Epidemiologista;
30. Paulo Sérgio Lacerda Beirão, Biofísico;
31. Reinaldo Guimarães, Saúde Coletiva;
32. André Singer, Ciência Política;
33. Charbel Niño El-Hani – Biologo;
34. Naomar de Almeida Filho, Saude Coletiva;
35. Marcelo Marcos Morales, Biofísico;
36. Joao Viola, Imunologia;
37. João Reis – História;

publicidade

38. Valdilea Veloso, Médica Pesquisadora Clínica;
39. Ana Tereza Ribeiro de Vasconcelos, Bioinformática;
40. Rafael Linden, Biofisico;
41. Patrícia Bozza, imunologista;
42. Beatriz Grinsztejn, Médica Pesquisadora Clínica;
43. Marcello André Barcinski, Imunologia;
44. Cláudia Linhares Sales, Cientista da Computação;
45. Carlos Alfredo Joly, Ecologia Vegetal;
46. Moisés Goldbaum, Medicina Preventiva;
47. Cid Bartolomeu de Araujo, Físico;
48. Cesar Victora, Epidemiologia;
49. Sidarta Ribeiro, Neurociencias;
50. Nissin Moussatche, Virologia;
51. Andréia Maria Pereira de Oliveira – Matemática;
52. Manoel Barral-Netto, Imunologia;
53. Claudio Tadeu Daniel Ribeiro, Médico Pesquisador;
54. Adalberto Luis Val;
55. José Sergio Leite Lopes, Antropólogo;
56. Jairnilson Silva Paim, Saúde Coletiva;
57. Celso Pinto de Melo, Física;
58. Elisa Cupolillo, Biologista Celular;
59. Fernando Mello, Biofisico;
60. Rivaldo V Cunha, Infectologista;
61. José Antônio Aleixo da Silva, Manejo Florestal;
62. Gerson Penna, Médico Pesquisador;
63. Roberto Medronho, Médico Pesquisador;
64. Nelson Pretto, Educação;
65. Luiz Bevilacqua, Engenharia;
66. Lucile Maria Floeter-Winter, Parasitologia;
67. José Roberto Lapa e Silva, Médico Pesquisador;
68. Luciano Mendes de Faria Filho, Educação;
69. Fernando Peregrino;
70. Patrícia Brasil, Médica pesquisadora;

71. Christovam Barcellos, Geógrafo;
72. Maria do Carmo Leal, Saúde Coletiva;
73. Bernardo Galvão Castro Filho, Médico Pesquisador;
74. Christina Helena da Motta Barboza – História;
75. Cristina Maria Meira de Melo – Enfermagem;
76. Elias Ramos de Souza – Física;
77. Marilda S. Gonçalves, Hematologista;
78. Sérgio Ferreira, Bioquímico;
79. Álvaro Augusto Souza da Cruz Filho, Médico;
80. Rodrigo Stabeli, Bioquímico;
81. Ileana Greca – Física;
82. Debora Foguel, Bioquímica;
83. Paulo Lee Ho, Biólogo;
84. Diogo Onofre Gomes de Souza, bioquímico;
85. Robson A S Santos, Fisiologista;
86. Andrea Thompson Da Poian, Bioquímica
87. José Geraldo Mill, Farmacologista;
88. Renato Augusto daMatta, Parasitologista;
89. Joice Neves Reis Pedreira – Farmácia;
90. Ligia Maria Vieira da Silva – Saude Coletiva;
91. Magali Romero Sá, História;
92. Helgio Trindade, Ciência Política;
93. Lício Augusto Velloso, Médico Pesquisador;
94. Roberta Olmo Pinheiro – Biofísica;
95. Manuel Domingos Neto – Sociologia
96. Marcelo Embiruçu – Engenharia
97. Marly Bulcão – Filosofia
98. Mirella Marcia Longo Vieira Lima – Letras
99. Olivia Oliveira – Geociências
100. Ronaldo Lopes Oliveira – Zootecnia;
101. Camila I de Oliveira – Protozoologista;
102. Renato Mortara, Parasitologista;
103. Adriana L Rangel;

104. Maria Olivia Bacellar, Imunologista;
105. Saulo Carneiro – Física;
106. Angela Kaysel Cruz, Biologista molecular;
107. Vera Karam de Chueiri, Direito Constitucional
108. Gustavo Corrêa Matta, Saúde Coletiva;
109. Armenio Aguiar dos Santos, Fisiologista;
110. Cláudia Linhares Sales, Profa. Titular Computação
111. Francisco de Assis Tenorio de Carvalho, Cientista da Computação;
112. Zelia Profeta, Cientista Biomédica;
113. Rodrigo Correa de Oliveira, Imunologia;
114. Guilherme L Werneck, médico epidemiologista;
115. Hermano Albuquerque de Castro, Saude Pública;
116. Marília Santini de Oliveira, Infectologista;
117. Fernando Spiller – Professor;
118. Celio Geraldo Freire de Lima – Imunologista;
119. Robson de Queiroz Monteiro, Bioquímica
120. André Báfica, Imunologista;
121. Juliano Bordignon, Virologista;
122. Claudia Brodskyn, Imunologista;
123. Julio Scharfstein, imunologista;
124. Gustavo Batista de Menezes, Biologia Celular;
125. Ligia Bahia, Saude Coletiva;
126. Livio Amaral, Física;
127. Richard Charles Garratt, Bioquímica;
128. Amir Ordacgi Caldeira, Física;
129. Luis Fernando Fernandes Adan, Médico pesquisador;
130. Valéria M Borges, Imunologista;
131. José Henrique Maia Campos de Oliveira;
132. Maria Regina Alves Cardoso, Epidemiologista;
133. Adeylson Guimaraes Ribeiro, Doutor em Saude Pública;
134. Mariana Tavares Guimarães, Doutora em Ciências;
135. Armenio Aguiar dos Santos, Fisiologista;

136. Cláudia Linhares Sales, Cientista da Computação;
137. Teresa Bernarda Ludermir, Cientista da Computação;
138. Ronaldo Ismerio Moreira, Pesquisador Infectologista;
139. Luis Fernando Adan, Médico;
140. Denise Petrucci Gigante – Nutrição;
141. Jacqueline Isaura Alvarez Leite – Medicina;
142. Margareth Crisóstomo Portela – Engenharia;
143. Rosely Sichieri – Medicina
144. Viviane Oliveira, Imunologista;
145. Juliana Netto;
146. José Roberto Lapa e Silva, pneumologista;
147. Neuza Maria Alcantara Neves;
148. Luís Carlos Crocco Afonso, Imunologista;
149. Herbert Leonel de Matos Guedes, Parasitologista;
150. Antonio Augusto Passos Videira – Filosofia;
151. Tatiana Bittencourt Dumet – Engenharia;
152. Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa – Geologia;
153. Livio Sansone – Antropologia;
154. Gustavo Caponi – Filosofia;
155. Betânia Figueiredo – História;
156. Rodrigo Patto Sá Motta – História;
157. Edson Dalmonte – Comunicação;
158. Flavia Goulart Rosa – Comunicação;
159. Cristiane Porto – Comunicação;
160. Ivã Gurgel – Física;
161. Anny Jackeline Torres Silveira – História;
162. Sandra Caponi – Filosofia;
163. Waldomiro José Silva Filho – Filosofia;
164. Maria Virginia M. Dazzani – Psicologia;
165. Luiz Carlos Soares – História;
166. Marta Feijó Barroso – Física;
167. Maurício R M P Luz – Saúde;
168. Milton Ozório Moraes, Biologista molecular;

169. Adriana Maria Cancella Duarte – Educação;
170. Mariana Santana Dias – Biofísica;
171. Bruss Rebouças Coelho Lima;
172. Nilo Martinez Fernandes;
173. Pablo Ivan Pereira Ramos;
174. Virginia Andrade;
175. Camila Patricio Braga Filgueira;
176. Antonio José da Costa Filho Biofísico
177. Francisco Silveira Guimarães, Farmacologista
178. Gileade Pereira Freitas – Cirurgião-dentista
179. Helena Bacha Lopes – Cirurgiã-dentista
180. Alann Thaffarell Portílio de Souza Cirurgião-dentista
181. Paula Gabriela F. P. de Oliveira Cirurgiã-dentista;
182. José Henrique Maia Campos de Oliveira, Professor Adjunto;
183. Alline Cristina de Campos, Farmacologista
184. Simone Vargas da Silva, Biociências
185. Katiussia Pinho da Silva, Farmacologista;
186. Jéssica Cristina dos Santos, Bióloga
187. Márcio Mateus Beloti , Cirurgião-Dentista
188. Rui Daniel Schroder Prediger, Farmacologista;
189. Adalberto Luiz Rosa, Cirurgião-Dentista;
190. Ana Paula de Carvalho Panzeri Carlotti, Médica Pediatra;
191. Jamil Assreuy, Farmacologista ;
192. Marco Aurélio Martins, Farmacologista;;
193. Renato Sergio Balão Cordeiro, Farmacologista;
194. Luis Eugenio de Souza, Saúde Coletiva;
195. Patricia M. R. e Silva Martins, Farmacologista;
196. Vinícius de Frias Carvalho, Farmacologista;
197. Jonas Enrique Perales Aguilar, Bioquímico;
198. Jorge Carlos Santos da Costa, Farmacêutico;
199. Richard Hemmi Valente, Biólogo/Bioquímico;
200. Magda Fraguas Serra, Farmacologista;
201. Tatiana Paula Teixeira Ferreira, Bióloga;

202. Ana Lucia de Aguiar Pires, Bióloga;
203. Geison Souza Izídio; Farmacologista;
204. Raphael Gomes Ferreira, Farmacologista;
205. Thereza Christina Barja-Fidalgo, Farmacologia;
206. Russolina B. Zingali, doutora Professora Titular,;
207. Nicole Rodrigues da Silva, Farmacologista;
208. Naielly Rodrigues da Silva, Farmacologista;
209. Sabrina F. de Souza Lisboa, Farmacologista;
210. Andreza Buzolin Sonego, Farmacologista;
211. Carla Vila-Verde, Farmacologista;
212. Katiussia Pinho da Silva, Farmacologista;
213. Carlos Wagner de Souza Wanderley Farmacologia ;
214. Paula Ramos Viacava, Imunologista;
215. Letícia Magalhães Arruda, Bioquímica;
216. Marisa Fabiana Nicolás , Ciências da Computação;
217. Angela Hampshire Lopes, Microbiologista;
218. Luciana Jesus da Costa -Profa Associada, Microbiologista;
219. Renata Cristina Picão, Microbiologista;
220. Marne Coimbra Chagas;
221. Lucas Frederico de Almeida;
222. Alice Martins;
223. Ruben E. Bittencourt-Navarrete, Biofísico;
224. Marcia Attias, Biofísica;
225. Mariana Dias, Biofísica;
226. Maria do Socorro Pires e Cruz, Parasitologista;
227. Beatriz Meurer Moreira, Microbiologista;
228. Cristina Araripe Ferreira, pesquisadora em saude publica;
229. Thassila Pitanga, Biologista molecular;
230. André Machado de Siqueira, Infectologista;
231. Julia Nader Dietrich;
232. Agnes Figueiredo, microbiologista;
233. Leticia Fröhlich Archangelo, biologista celular e molecular;
234. Catarina Segreti Porto;

235. Walter Santos;
236. Marcio Boia;
237. Gesil Sampaio Amarante Segundo, Física;
238. Maria do Carmo Figueredo Soares;
239. Gonçalo Pereira, Biologia;
240. Rita Fucs, Imunologia;
241. Romualdo Pessoa Campos Filho, Historiador;
242. Maria Silvia Viccari Gatti;
243. Maria de Fátima Magalhães Lazari;
244. Laura Oliveira;
245. Jean Remy Davee Guimaraes , Biofísico;
246. Tais Hanae Kasai Brunswick, Biofísica;
247. Claudio C Werneck;
248. Maria de Fátima de Araújo Vieira Santos;
249. Nilana Meza Tenório de Barros;
250. Raquel Regina Bonelli, Microbiologista;
251. Jose Francisco Soares;
252. Maria Raquel Moura Coimbra;
253. Eurico de Arruda Neto;
254. Tarcísio Marciano da Rocha Filho;;
255. Danilo Ciccone Miguel, Parasitologista;
256. Isis Correia Sales de Albuquerque;;
257. Ricardo Ribeiro Rodrigues;
258. Andreia Guerra, Física;
259. Deny Cesar Moreira;
260. Thiago M. Venancio;
261. Vinicius de Toledo Ribas;
262. Pedro M. P. Coelho;
263. Regina Goldenberg;
264. Ilka Dias Bichara – Psicologia;
265. Durval Muniz de Albuquerque Junior – História;
266. Tatiana Roque – Matemática;
267. Gustavo Rodrigues Rocha – Física;

268. Climério Paulo da Silva Neto – Física;
269. Aristeu Vieira da Silva – Medicina Veterinária;
270. Daniel Tourinho Peres – Filosofia;
271. Fabíola Gonçalves Pereira Greve – Processamento de Dados
272. Ricardo Waizbort – Biologia
273. Antonio Bernardo de Carvalho – Biologia;
274. Blandina Felipe Viana – Biologia;
275. Mauro Lúcio Leitão Condé – Filosofia;
276. Junia Furtado – História;
277. Bernardo Jefferson de Oliveira – Educação;
278. Regina Horta Duarte – História;
279. João Paulo Torres, Biofísico;
280. Adriane Todeschini, Biofísica;
281. Narcisa Leal da Cunha e Silva, Biofísica;
282. Maria de Fátima Gil;
283. Rosana Fiorini Puccini;
284. Flavio Antonio Maës dos Santos;
285. Wesley Leoricy Marques;
286. José Geraldo Eugênio de França;
287. Manuela da Silva;
288. Fabien Wagner;
289. Fernanda Azevedo;
290. Joanna d'Arc Lyra Batista;
291. Marcia Marques;Flavia Rezende;
292. Victor Hugo Muora Monzani;
293. Adriana Triques;
294. Elisabeth Meloni Vieira;
295. Carlos Eduardo Belz;
296. Leonardo Hamachi;
297. Nelio Bizzo, Biologia;
298. Márcio de Oliveira Silva;
299. Antonio Ricardo Khouri Cunha;

300. Gustavo Conde Menezes, Biologia Celular;
301. Flávia de Figueiredo Machado, Bióloga;
302. Rodolfo Georjute Lotte
303. Maria Clorinda Soares Fioravanti;
304. Jose Antonio Menezes Filho;
305. Junia Ferreira;
306. Luciano Morais Lião;
307. Maria Cristina Rodrigues Guilam, médica;
308. Adélia Cristina Pessoa Araujo;
309. Luzimar Adriano;
310. Jose Orivaldo Mengele Jr.;
311. Orlando Afonso Valle do Amaral;
312. Flavia Melo Rodrigues;
313. Thales Costa Soares;
314. Simone Gonçalves Fonseca;
315. Ângela Burlamaqui Klautau;
316. Paulo Roberto Santana de Melo;
317. Mariana Pires de Campos Telles;
318. Lêda Narcisa Regis;
319. Adriana Coser Gutiérrez;
320. Edinete Aparecida S Severino;
321. Paulo Rogério Meira Menandro;
322. Maria Aparecida Guilherme da Rocha;
323. Maria de Jesus de Britto Leite;
324. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado;
325. Demócrito de Barros Miranda Filho;;
326. Henrique Boschi Filho;
327. Andréia de Vasconcelos dos Santos, Biofísica;
328. Samuel Simon, Filosofia;
329. Jessica Borges de Carvalho;
330. Victor Carozo Gois de Oliveira, Físico;
331. Celina Roitman;
332. Maria Aparecida Cassiano Lara;

333. Paulo Roberto Maciel Lyra;
334. Sonia Fleury ;
335. Felipe Marcel Chaves Puppi;
336. José Geraldo Gonçalves de Oliveira Júnior;
337. Simone Maria Teixeira Saboia de Morais;
338. Tania Bacelar de Araújo;
339. Lucelia Vieira;
340. Washington LC dos-Santos;
341. Tatiane Braga Afonso;
342. Luciana Valéria Nogueira;
343. Edvaldo da Silva Trindade;
344. Thales Costa Soares;
345. Maria de Fatima Pessoa Militão de Albuquerque;
346. Nivaldo Rizzi;
347. Lêda Cristina da Silva;
348. Isabella Andrade;
349. Jose Paulo G Leite, Virologista;
350. Paulo Roberto Machado, Médico;
351. Moacyr jesus barreto de melo rego;
352. Claudia Bonan, Médica pesquisadora;
353. Marilena Cordeiro Dias Villela Corrêa;
354. Soraia Ferini Namora, Química;
355. André Luiz Batouli Santos;
356. Sandhi Maria Barreto, Saúde Coletiva;
357. Alexandre Barbosa Reis, Parasitologia;
358. Regiane Regina Ribeiro;
359. Luiz Roberto Santos Moraes, Saneamento;
360. Eliseu Alves Waldman;
361. Vladimir Caramori Borges de Souza;
362. Gabriela Barreto Lemos;
363. Enilza M Espreafico;
364. Christiane Contigli;
365. Ethel Maciel;

366. Marco Antonio V. Rego, Saúde Coletiva;
367. Mariangela Cherchiglia;
368. Mônica Angelim Gomes de Lima, Saúde Coletiva;
369. Marcia Furquim de Almeida, Epidemiologia;
370. Maria Amelia de Sousa Mascena Veras, Saúde Coeltiva;
371. Edmundo José Nassri Câmara, Médico Pesquisador;
372. Clarissa Damaso, Biofísica;
373. Vinicius Cotta de Almeida, Imunologista;
374. Daniella Arêas Mendes da Cruz, Imunologista;
375. Fernando Ariel Genta, Entomologista;
376. Dumith Chequer Bou-Habib, Imunologista;
377. Ana Carolina dos Santos Monteiro, Imunologista;
378. Arnon Jurberg, Imunologista;
379. Jairo Ramos Temerozo, Imunologista;
380. Rafaella Ferreira Reis, Biologia;
381. Flávia Rachel Moreira Lamarão, Biologia;
382. Désio A. Farias de Oliveira, Biologia;
383. Eduardo Caio Torres dos Santos, Biologia;
384. Larissa Vasconcelos Fontes ,Biomédica;
385. Philip Suffys, Biotecnólogo;
386. Emilio de Lanna Neto , Biólogo;
387. Igor Dias Jurberg , Químico;
388. Laura Fonseca de Oliveira , Bióloga;
389. Camila Sanches Oliveira Gomes, Biomédica;
390. Rômulo Gonçalves Galvani, Biomédico;
391. Alessandro Marins dos Santos , Biólogo;
392. Mariela Natacha Gonzalez , Biotecnologista;
393. Guilherme Diaz de Oliveira, Odontologia;
394. Gabriela de Souza Gonçalves, Odontologia;
395. Barbara Simonson Gonçalves, Biomédica;
396. Camila Fernandes da Costa, Bióloga;
397. Julia Pereira Lemos, Biomédica;
398. Lia Gonçalves Pinho, Biotecnologista;

399. Pedro Henrique Oliveira Vianna, Biólogo;
400. Mariana Caldas Waghabi, Bióloga;
401. Jacenir Reis dos Santos Malle, Bióloga;
402. Valter Viana de Andrade Neto;
403. Edezio Ferreira da Cunha Junior;
404. Gabrielle Barcellos Bezerra;
405. Juliana da Silva Pacheco;
406. Luiza Gervazoni Ferreira de Oliveira;
407. Taiana Ferreira Paes;
408. Gabriella Gonçalves Ozório;
409. Yago Sousa dos Santos Emiliano ;
410. Raphaela Lopes da Silva;
411. Edinéa Pastro Mendes;
412. Eduardo Raul Pereira Veltri;
413. Elisa Cavalcante Pereira;
414. Thaís Martins Pereira;
415. Lidiane Carvalho;
416. Diego Vaz Bevilaqua, Físico;
417. Thiago Moreno Lopes e Souza , Biólogo;
418. João Hermínio Martins, Biólogo;
419. Luiz Antonio Botelho Andrade, Médico Pesquisador;
420. Elvira Saraiva, Imunologia;
421. Pedro Lagerblad de Oliveira, Bioquímica;
422. Leonilda M.B. Santos, Imunologia;
423. Geraldo Aleixo Passos, Biologia Molecular;
424. Jacy Gameiro, Biologia;
425. Elias Rassi Neto;
426. Claudia Travassos, Informação em Saúde;
427. Martín Bonamino, Oncologia;
428. Marcelo Carvalho, Oncologia;
429. Leonardo Karam Teixeira, Oncologia;
430. Fernando Tadeu Trevisan Frajacomo, Oncologia;
431. Maria S. Pombo-de-Oliveira, Oncologia;

432. Patrícia Abrão Possik, Oncologia;
433. Nathalia Meireles da Costa, Oncologia;
434. Mariana Emerenciano Cavalcanti de Sa, Oncologia;
435. Denise de Abreu Pereira, Oncologia;
436. José Andres Morgado Diaz, Oncologia;
437. Eliana Abdelhay, Oncologia;
438. Décio Krause, Físico;
439. Luiz Henrique Sá da Nova – Comunicação;;
440. Jaime Larry Benchimol – História;
441. Milton J. Porsani – Geologia;
442. Vanicléia Silva Santos – História
443. Ana Angelica Leal Barbosa – Biologia;
444. Janaína Oldani Casanova – Comunicação;
445. Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho – Comunicação;
446. Eduardo Luiz Andrade Mota – Medicina
447. Graça Druck – Sociologia;
448. Fabricio Lyrio Santos – História;
449. Jussara Peixoto Mais – Comunicação;
450. Maurício F. Silva – Ciências Políticas;
451. Sílvio César Oliveira Benevides – Sociologia;
452. Carlos Jesus Ribeiro – Comunicação;
453. Luis Flávio Godinho – Sociologia;
454. Daniela Abreu Matos – Comunicação;
455. Rita de Cassia Franco Rego, Saude Coletiva;
456. Francisco A. Brito;
457. Paulo Cesar Peiter, geografia da saúde;
458. Daniel Fils Puig;
459. Maria Elizabeth Gastal Fassa, Pedagogia;
460. Lineu Alberto Domit;
461. Ita de Oliveira e Silva;
462. Carolina Barreto Lemos;
463. José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres;
464. Pedro Ribeiro Barbosa, Saude Coletiva;

465. José Eluf Neto;
466. Raimundo José de Araújo Macêdo
467. Nelson Studart;
468. Fernanda Oliveira Novais, Imunologia;
469. Taís Regina Fiorentin;
470. Mauricio Pietrocola, Educação;
471. Andreia C. K. Mortensen;
472. Sergio Bampi;
473. Heleni Duarte Dantas de Ávila, Serviço Social;
474. Jucileide Ferreira do Nascimento – Serviço Social;
475. Tereza Simonne Mascarenhas Santos – Engenharia Química;
476. Mariana Franco Fragoso, Oncologia;
477. Nadja Paraense dos Santos, Química;
478. Maria Ataide Malcher;
479. Regina Dantas, História da Ciência;
480. Afrânio Garcia Jr., Antropologia;
481. Gabriela de Cássia Ribeiro;
482. Suzana Cunha Lopes;
483. Camilo Aggio, Comunicação;
484. Angela Maria Ribeiro, Neurocientista;
485. Estevam Barbosa de Las Casas, Engenheiro;
486. Carlos Alberto Pereira Tavares, Imunologista;
487. Manoel Otávio da Costa Rocha, Médico;
488. Maria Fernanda Salcedo Repoles, Direito;
489. Maria Jose Campagnole-Santos, Fisiologista
490. Francisco Antônio Rodrigues Barbosa , Ecólogo/Limnólogo
491. Ana Lúcia Brunialti Godard, Geneticista
492. Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues, Médico;
493. Sergio Neuenschwander, Neucientista;
494. Camilla Pereira Dias, Biofísica;
495. Alvaro Ferraz Filho;
496. Luiz Carlos Dias, Química;

497. Fabrício Neves;
498. Natália Machado Tavares, Imunologista;
499. Kleber Del Claro;
500. Cristiano Feldens Schwertenr;
501. Dulce Helena Siqueira Silva, Química;
502. Nilson Marcos Dias Garcia;
503. Gustavo Lins Ribeiro, Antropologia;
504. Nilson de Souza Cardoso;
505. Marinel Mór Dall'Agnol, Epidemiologia;
506. José Aldemir de Oliveira;
507. Maria das Graças Lins Brandão;
508. Marilene Corrêa da Silva Freitas;
509. Sergio Galvão Coutinho, Física;
510. Fernanda Chocron Miranda;
511. Tânia C B Cabral, Educação;
512. Rosiléia Oliveira de Almeida, Educação;
513. Túlio Permino Rogério;
514. Maria Eulalia Vares;
515. César Barreira, Sociologia;
516. Rodrigo Bissacot, Matemática;
517. Vitória Mendes;
518. Victor Augusto Giraldo, Matemática;
519. Luiz Alberto Oliveira, Física;
520. Leda Maria Bezerra Soares;
521. Agnaldo da Conceição Esquincalha;
522. Guilherme José da Silva e Sá ;
523. Leonor Maria Pacheco Santos, Saúde Coletiva;
524. Douglas Vendas Faget, Oncologia;
525. Adalberto Cardoso;
526. Daniel Mucida, Imunologia;
527. Maria Aparecida Stalliviere Neves;
528. Vanessa Montinelli, Imunologia;
529. Débora Coimbra;

530. Luiz Mariano Carvalho;
531. Mario Novello, Física;
532. Raul Andres Mendoza Sassi;
533. Heloisa M. B. Domingues;
534. Miguel Quartin;
535. Sandra Filippa Amato, Física;
536. Angela Maria Garcia, Antropologia;
537. Joao R. T. de Mello Neto, Física;
538. Luis Felipe Ribeiro Pinto, Oncologia;
539. Claudia Leite de Moraes, Medicina Social;
540. Eduardo Fleury Mortimer;
541. Eduardo Kojy Takahashi;
542. Marília Sá Carvalho, Saúde Pública;
543. Marilia Fornaciari Grabois;
544. Sebastião Loureiro, Saúde Coletiva;
545. Norma Cortes, História;
546. Lucas França Garcia;
547. Carla Madureira;
548. Fátima C. Smith Erthal, Biofísica;
549. Miriam Tendler, Medicina;
550. Martha C Suarez Mutis, Medicina;
551. Patricia de Azambuja Penna, Biologia;
552. Alda Maria da Cruz, Medicina;
553. Ricardo Vieira Gonçalves, Medicina;
554. Monique Lima, Medicina Veterinária;
555. Carla Freire Celedonio Fernandes, farmacologia;
556. Cleberson de Freitas Fernandes, Farmacologia;
557. Patrícia Maria Lourenço Dutra, Medicina;
558. Sérgio A. Pereira Gonçalves, Medicina;
559. Paula Campelo Costa Lopes, Biologia;
560. Claudio Serfaty, Medicina;
561. Thayane Martins Silva Souza, Biomedicina;
562. Adriana da Cunha Faria Melibeu, Biologia;

563. Roberto Paes de Carvalho, Medicina;
564. Pablo Pandolfo, Biomedicina;
565. Ana Lucia Tavares Gomes, Biologia;
566. Ana Lucia Marques Ventura, Biologia;
567. Elizabeth Giestal de Araújo, Medicina;
568. Manuel Gustavo Leitão Ribeiro, Biologia;
569. Priscilla Oliveira Silva Bonfim, Fisioterapia;
570. Rudimar Luiz Frozza, Enfermagem;
571. Tatiana Maron Gutierrez, Biomedicina;
572. Renato Porrozzi de Almeida, Parasitologia;
573. Denise Petrucci Gigante;
574. Uende Aparecida Figueiredo Gomes, Engenharia;
575. Sérgio de Paula Machado, Química;
576. Graciella Watanabe;
577. Helena Araujo;
578. Anderson S L Gomes, Física;
579. Claudia Barcellos Rezende, Antropologia;
580. Cibele R. Bonvicino, Oncologia;
581. André R S Garrffoni, Biologia;
582. Eneida de Paula, Biofísica;
583. Deborah Malta;
584. Carolina Neumann Keim, Microbiologia;
585. George Carlos do Nascimento, Neurociências;
586. MariaLuizaHeilborn;
587. Mariano Gazienu David, Química;
588. Hélcio José Batista, Química;
589. Ana Rabello, Medicina;
590. Cristiana Brito, Parasitologia;
591. Rafael de Oliveira Resende, Imunologia;
592. Rafaela Vieira Bruno, Biologia;
593. Andrea Araújo Zin, Medicina;
594. Alessandra Aparecida Guarneri, Biologia;
595. Clarissa M. Maya Monteiro, Bioquímica;

596. Patricia Gama, Biologia;
597. Jonas Perales, Bioquímica;
598. Adriana Bonomo, Oncologia;
599. Erika Anne de Freitas Robles Roman 600. Joaquim Adelino de Azevedo Filho; 601. Samantha Koehler;
602. Maria Olívia Simão, Biologia;
603. Hernandez Moura Silva, Imunologia; 604. Marisa Gesteira Fonseca;
605. Denise Marcos Bussoletti, Educação;
606. Tattiana Gonçalves Teixeira, Jornalismo; 607. Waleska de Brito Nunes;
608. Maria Teresa Villela Romanos, Virologia; 609. Sebastião Alves Dias, Física;
610. Thiago Matos Ferreira de Araujo, Medicina;
611. Dionisio Bazeia, Física;
612. Ignacio Bediaga, Físico;
613. Alessandra D'Almeida Filardy;
614. Suely Arruda Vidal;
615. Letícia da Silva Pires, Nutrição;
616. Flávia R. G. Carneiro;
617. Fernando Antonio Soares Fragozo, Comunicação;
618. Eli Iola Gurgel Andrade;
619. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira, Educação;
620. Antonio Giannella-Neto;
621. Fabíola Amaral Tomé de Souza;
622. Fernando Fonseca de Almeida e Val, Medicina Tropical; 623. Júlio Cesar de Almeida Nobre;
624. Wagner Figueiredo;
625. Paulo Cesar Miguez de Oliveira, Economia; 626. André Garcez Ghirardi, Economia;
627. Lilian M G Bahia-Oliveira, Imunologia;
628. Marcos Aurélio Rosa Moraes;
629. Valéria Freitas de Magalhães, Biofísica;

630. Roberto Lyrio Duarte Guimarães, Audiovisual; 631. Cristina Ribeiro de Barros Cardoso;
632. Fernanda Antônia da Fonseca Sobral;
633. Songeli Menezes Freire, Imunologia; 634. Mariluce Moura – Comunicação;
634. Sinval Pinto Brandão Filho, Epidemiologia;

até às 15:30 de 22/10/2018.

Compartilhe:

Curtir 0

CONTEÚDOS RELACIONADOS

Os Comitês Assessores (CAs) do

Dia tem mobilização contra cortes de verba

ANEXO V — CARTA "MATERNIDADE NO CV LATTES: QUANDO SERÁ UMA REALIDADE?", PUBLICADA PELO MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE*



Maternity in the Brazilian CV Lattes: when will it become a reality?
An Acad Bras Cienc (2021) 93(1): e20201370 DOI 10.1590/0001-3765202120201370
A carta original pode ser acessada aqui: http://ref.scielo.org/h6w893

Maternidade no CV Lattes: quando será uma realidade?

Fernanda Staniscuaski, Eugenia Zandonà, Fernanda Reichert, Rossana C. Soletti, Leticia De Oliveira, Felipe K. Ricachenevsky, Alessandra S.K. Tamajusuku, Livia Kmetzsch, Ida V.D. Schwartz, Fernanda P. Werneck, Zelia M.C. Ludwig, Eliade F. Lima, Camila Infanger, Adriana Neumann, Alessandra Brandão, Giulia A. Wiggers, Adriana Seixas & Pamela B. Mello-Carpes

Apesar da crescente atenção dada às causas que geram a lacuna de gênero observada na ciência e os esforços para resolvê-la, as mulheres ainda estão sub-representadas na academia, especialmente nos campos STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática) (Shauman 2017). Esse cenário também é observado no Brasil (Barros & Mourão 2020; Areas et al. 2020). Muitos fatores podem contribuir para a lacuna de gênero observada na ciência, mas a maternidade certamente tem um papel importante (Sallee et al. 2016). A licença-maternidade, que no Brasil varia de quatro a seis meses, costuma levar à uma diminuição da produtividade, afetando a competitividade das mulheres durante alguns anos após o nascimento de um filho (Machado et al. 2019). Por esse motivo, as agências de fomento e as universidades devem considerar a licença-maternidade como uma interrupção da carreira e criar estratégias para contornar seu efeito negativo nas avaliações da produtividade dos pesquisadores.

A base de currículos brasileira Plataforma Lattes (http://lattes.cnpq.br) é um modelo de sucesso de bases de dados científicas (Lane 2010). O Conselho Nacional

* PARENT in Science. Maternidade no CV Lattes: quando será uma realidade? 2021a. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_c5c2b99ba1ec45a089f4b71641f73428.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) criou o banco de dados para quantificar a produtividade acadêmica - sendo a principal fonte de dados para avaliação de pesquisadores para promoções e financiamento. Em maio de 2018, o Movimento Parent in Science (https://www.parentinscience.com) organizou o "I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência", que discutiu os desafios de ser mãe na academia brasileira. Durante o simpósio foram discutidas soluções para reduzir as disparidades de gênero e os participantes propuseram a hashtag #maternidadenoLattes para promover a discussão sobre a inclusão de informações sobre maternidade na base de currículos Lattes. A avaliação do impacto da maternidade terá um grande aprimoramento quando esse campo estiver disponível, aumentando a capacidade de quantificar e, consequentemente, de mitigar seus efeitos no meio acadêmico brasileiro.

O movimento #maternidadenoLattes, juntamente com uma carta assinada por diversas sociedades científicas brasileiras em junho de 2018, ganhou força nas redes sociais e na grande mídia. Em março de 2019, o CNPq anunciou oficialmente que os cientistas, tanto homens quanto mulheres, poderiam incluir facultativamente a data de nascimento (ou adoção) de seus filhos na base de dados do CV Lattes (CNPq 2019). Infelizmente, mais de um ano após o anúncio, o CNPq ainda não implementou a mudança prometida.

Neste momento, devido à pandemia COVID-19, as cientistas mães têm experimentado, mais do que nunca, dificuldades para trabalhar em casa e manter a sua produtividade (Myers et al. 2020), uma vez que o cuidado dos filhos está principalmente sob a responsabilidade dessas mulheres (Staniscuaski et al. 2020a). Dados coletados em uma pesquisa realizada por nosso grupo mostraram que acadêmicas mulheres, especialmente mulheres negras e mães, estão enfrentando dificuldades para submissão de artigos científicos conforme planejado, bem como para cumprir prazos durante o período da pandemia (Staniscuaski et al. 2020b).

Políticas públicas com o objetivo de mitigar o impacto da maternidade na carreira na ciência, como oferecimento de creches no local de trabalho e a extensão de prazos de projetos e bolsas, são urgentes. Nesse cenário, retrocessos são inaceitáveis. Portanto, é imprescindível que o CNPq, principal órgão de fomento à pesquisa do Brasil, crie com urgência o campo para incluir os dados da maternidade no currículo Lattes. Esta não pode ser mais uma promessa quebrada.

Referências

AREAS R. et al. 2020. Gender and the Scissors Graph of Brazilian Science: From Equality to Invisibility. OSF Preprints. DOI: 10.31219/osf.io/m6eb4

BARROS SCV & MOURÃO L. 2020. Gender and Science: An analysis of Brazilian postgraduation. Estudos de Psicologia 37: e180108.

CNPQ. 2019. CNPq inclui data de nascimento ou adoção de filhos no Currículo Lattes. Available at: http://bit.ly/2ZhqNvo

LANE J. 2010. Let's make science metrics more scientific. Nature 464(7288): 488-489.

MACHADO LS ET AL. 2019. Parent in science: The impact of parenthood on the scientific career in Brazil. Proceedings of the 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering: 37-40.

MYERS KL ET AL. 2020. Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. Nat Hum Behav DOI: 10.1038/s41562-020-0921-y

SALLEE M, WARD K & WOLF-WENDEL L. 2016. Can anyone have it all? gendered views on parenting and academic careers. Innov High Educ 41: 187-202.

SHAUMAN KA. 2017. Gender differences in the early employment outcomes of STEM doctorates. Soc Sci 6(1): 24.

STANISCUASKI F ET AL. 2020a. Impact of Covid-19 on academic mothers. Science 368: 724.

STANISCUASKI F ET AL. 2020b. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. BioRxiv. DOI: 10.1101/2020.07.04.187583.

ANEXO W — MANIFESTO DA CIÊNCIA TROPICAL: UM NOVO PARADIGMA PARA O USO DEMOCRÁTICO DA CIÊNCIA COMO AGENTE EFETIVO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA NO BRASIL*

Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil

por Miguel Nicolelis

É hora da ciência brasileira assumir definitivamente um compromisso mais central perante toda a sociedade e oferecer o seu poder criativo e capacidade de inovação para erradicar a miséria, revolucionar a educação e construir uma sociedade justa e verdadeiramente inclusiva.

É hora de agarrar com todas as forças a oportunidade de contribuir para a construção da nação que sonhamos um dia ter, mas que por muitas décadas pareceu escapar pelos vãos dos nossos dedos.

É hora de aproveitar este momento histórico e transformar o Brasil, por meio da prática cotidiana do sonho, da democracia e da criação científica, num exemplo de nação e sociedade, capaz de prover a felicidade de todos os seus cidadãos e contribuir para o futuro da humanidade.

No intuito de contribuir para o início desse processo de libertação da energia potencial de criação e inovação acumulada há séculos no capital humano do genoma brasileiro, eu gostaria de propor 15 metas centrais para a capacitação do Programa Brasileiro de Ciência Tropical.

A implementação delas nos permitirá acelerar exponencialmente o processo de inclusão social e crescimento econômico, que culminará, na próxima década, com o banimento da miséria, a maior revolução educacional e ambiental da nossa história e a decolagem irrevogável e irrestrita da indústria brasileira do conhecimento.

Estas 15 metas visam a desencadear a massificação e a democratização dos meios e mecanismos de geração, disseminação, consumo e comercialização de conhecimento de ponta por todo o Brasil.

1) Massificação da educação científica infanto-juvenil por todo o território nacional

O objetivo é proporcionar a 1 milhão de crianças, nos próximos 4 anos, acesso a um programa de educação científica pública, protagonista e cidadã de alto nível. Esse programa utilizará o método científico como ferramenta pedagógica essencial, combinando a filosofia de vida de dois grandes brasileiros: Paulo Freire e Alberto Santos-Dumont.

Ao unir a educação como forma de alcançar a cidadania plena com a visão de que ciência se aprende e se faz "pondo a mão na massa", sugiro a criação do Programa Educação para Toda a Vida, do qual faria parte o Programa Nacional de Educação Científica Alberto Santos -Dumont (veja abaixo). A porta de entrada se daria nos serviços de pré-natal para as mães dos futuros alunos do programa. Após o nascimento, essas crianças seriam atendidas no berçário e na creche, depois na escola de educação científica que os serviria dos 4-17 anos, para que esses brasileiros e brasileiras possam desenvolver toda a sua potencialidade intelectual e criativa nas duas próximas décadas de suas vidas.

O programa de educação científica seria implementado no turno oposto ao da escola pública regular, criando um regime de educação em tempo integral para crianças de 4-17 anos, por meio de parceria do governo federal com governos estaduais e municipais. Cada unidade da rede de

* NICOLELIS, Miguel. Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil. 2010. Disponível em: http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2010/11/pdf_doc-233.pdf. Acesso em: 4 abr. 2024.

universidades federais poderia ser responsável pela gestão de um núcleo do Programa Educação para Toda Vida, voltado para a população do entorno de cada campus.

O governo federal poderia ainda incentivar a participação da iniciativa privada, oferecendo estímulos fiscais e tributários para as empresas que estabelecessem unidades de educação científica infanto-juvenil, ao longo do território nacional. Por exemplo, o novo centro de pesquisas da Petrobras poderia criar uma das maiores unidades do Educação para Toda Vida.

2) Criação de centros nacionais de formação de professores de Ciência

A implementação do Programa Educação para Toda Vida geraria uma demanda inédita para professores especializados no ensino de ciência e tecnologia. Para supri-la, o governo federal poderia estabelecer o Programa Nacional de Educação Científica Alberto Santos -Dumont, que seria o responsável pela gestão dos centros nacionais de formação de professores de ciências, espalhados por todo território nacional. As universidades federais, os Institutos Federais de Tecnologia (antigos CEFETs) e uma futura cadeia de Institutos Brasileiros de Tecnologia (veja abaixo) poderiam estabelecer programas de formação de professores de ciências e tecnologia em todo o país.

Esses novos programas capacitariam uma nova geração de professores a ensinar conceitos fundamentais da ciência, através de aulas práticas em laboratórios especializados, tecnologia da informação e utilização de métodos, processos e novas ferramentas para investigação científica. Os alunos que se graduassem no programa Educação para Toda Vida teriam capacitação, antes mesmo do ingresso na universidade, para se integrar ao trabalho de laboratórios de pesquisa profissionais, tanto públicos como privados, através do Programa Nacional de Iniciação Científica e do Bolsa Ciência (veja abaixo).

3) Criação da carreira de pesquisador científico em tempo integral nas universidades federais

Seria em paralelo à tradicional carreira de docente. Ela nos permitiria recrutar uma nova geração de cientistas que se dedicaria exclusivamente à pesquisa científica, com carga horária de aulas correspondente a 10% do seu esforço total. Sem essa mudança não há como esperar que pesquisadores das universidades federais possam dar o salto científico qualitativo necessário para o desenvolvimento da ciência de ponta do país.

4) Criação de 16 Institutos Brasileiros de Tecnologia espalhados pelo país

Eles serviriam para suprir a demanda de engenheiros, tecnólogos e cientistas de alto nível e promover a inclusão social por meio do desenvolvimento da indústria brasileira do conhecimento. Atualmente o Brasil apresenta um déficit imenso desses profissionais.

Para sanar essa situação, o Brasil poderia reproduzir o modelo criado pela Índia, que, desde a década de 1950, construiu uma das melhores redes de formação de engenheiros e cientistas do mundo, constituída pela cadeia de Institutos Indianos de Tecnologia.

Para tanto, o governo federal deveria criar nos próximos oito anos uma rede de 16 Institutos Brasileiros de Tecnologia (IBT) e espalhá-los em bolsões de miséria do território nacional,

especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Cada IBT poderia admitir até 5.000 alunos por ano.

5) Criação de 16 Cidades da Ciência

Localizadas nas regiões com baixo índice de desenvolvimento humano, como o Vale do Ribeira, Jequitinhonha, interior do Nordeste, Amazônia, as Cidades da Ciência ficariam no entorno dos novos IBTs.

As Cidades da Ciência seriam, na prática, o componente final da nova cadeia de produção do conhecimento de ponta no Brasil. Acopladas aos novos IBTs e à rede de universidades federais, criariam o ambiente necessário para a transformação do conhecimento de ponta, gerado por cientistas brasileiros, em tecnologias e produtos de alto valor agregado que dariam sustentação à indústria brasileira do conhecimento.

Nas Cidades da Ciência seriam criadas e estabelecidas as grandes empresas do conhecimento nacional, onde o potencial científico do povo brasileiro poderia se transformar em novas fontes de riqueza a serem aplicadas na gênese de um sistema nacional autossustentável. Tal iniciativa permitiria a inserção do Brasil na era da economia do conhecimento que dominará o século XXI.

6) Criação de um arco contínuo de Unidades de Conservação e Pesquisa da Biosfera da Amazônia

Esse verdadeiro cinturão de defesa, formado por um arco contínuo de Unidades de Conservação e Pesquisa da Biosfera da Amazônia, seria disposto em paralelo ao chamado “Arco de Fogo”, formado em decorrência do agronegócio predatório e da indústria madeireira ilegal, responsáveis pelo desmatamento da região. Essa iniciativa visa a fincar uma linha de defesa permanente contra o avanço do desmatamento ilegal, modificando a estratégia das unidades de conservação a fim de colocá-las a serviço de um Programa Nacional de Mapeamento dos Biomas Brasileiros.

Uma série de unidades de conservação poderia ser transformada em unidades híbridas. Assim, além da conservação, poderiam incluir grandes projetos de pesquisa que possibilitem ao Brasil mapear a riqueza e a magnitude dos serviços ecológicos e climáticos encontrados nos diversos biomas nacionais.

Para incentivar a participação de populações autóctones nesse esforço, o governo federal poderia criar o programa Bolsa Ciência Cidadã. Homens, mulheres e adolescentes, que vivem na floresta amazônica e conhecem seus segredos melhor do que qualquer professor doutor, receberiam uma bolsa, similar ao bolsa família, para integrarem as equipes de pesquisadores e responsáveis pela implementação das leis ambientais na região. Esse exército de cidadãos, devotado à investigação científica e à proteção da Amazônia, mostraria ao mundo o quão determinado o Brasil está em preservar uma das maiores maravilhas biológicas do planeta.

Evidentemente tal iniciativa poderia ser replicada em outras áreas críticas, também ameaçadas pela indústria predatória, como o Pantanal, a caatinga, o cerrado, a Mata Atlântica e os Pampas.

7) Criação de oito "Cidades Marítimas" ao longo da costa brasileira

A descoberta do pré-sal demonstra claramente que uma das maiores fontes potenciais de riqueza futura da sociedade brasileira reside no vasto e diverso bioma marítimo da nossa costa.

Apesar disso, os esforços nacionais para estudo científico desse vasto ambiente são muito incipientes. Aqui também o Brasil pode inovar de forma revolucionária. Em parceria com a Petrobras, o governo federal poderia estabelecer, no limite das 350 milhas marinhas, oito plataformas voltadas para a pesquisa oceanográfica e climática, visando ao mapeamento das riquezas no mar tropical brasileiro.

Essas verdadeiras "Cidades Marítimas", dispostas a cada mil quilômetros da costa brasileira, seriam interligadas por serviço de transporte marítimo e aéreo (helicópteros) e se valeriam de incentivos à renascente indústria naval brasileira, para o desenvolvimento, por exemplo, de veículos de exploração a grandes profundidades.

Cada "Cidade Marítima" seria autossuficiente, contando com laboratórios, equipamentos e equipe própria de pesquisadores. Tais edificações serviriam também como postos mais avançados de observação dos limites marítimos do Brasil. Com o crescente desenvolvimento da exploração do pré-sal, essa rede de "Cidades Marítimas" poderia assumir papel fundamental na defesa da nossa soberania marítima dentro das águas territoriais.

8) Retomada e Expansão do Programa Espacial Brasileiro

Embora subestimado pela sociedade e a mídia brasileiras, o fortalecimento do programa espacial brasileiro oferece outro exemplo emblemático de como o futuro do desenvolvimento científico no Brasil é questão de soberania nacional.

Dos países pertencentes ao BRIC, o Brasil é o que possui o mais tímido e subdesenvolvido programa espacial. Apesar da sua situação geográfica altamente favorável, a Base de Alcântara não tem correspondido às altas expectativas geradas com a sua construção.

Essa situação é inaceitável, uma vez que, a longo prazo, pode levar o Brasil a uma dependência irreversível no que tange a novas tecnologias e novas formas de comunicação, colocando a nossa soberania em risco. Dessa forma, urge reativar os investimentos nessa área vital, definir novas e ambiciosas metas para o programa espacial brasileiro e esclarecer o papel da sociedade civil na operação dos programas da Base de Alcântara, cujo controle deveria estar nas mãos de uma equipe civil de pesquisadores e não das forças armadas.

9) Criação de um Programa Nacional de Iniciação Científica

Com a criação do Programa Educação para Toda Vida, seria necessário implementar novas ferramentas para que os adolescentes egressos desses programas pudessem dar vazão a seus anseios de criação, invenção e inovação através da continuidade do processo de educação científica, mesmo antes do ingresso na universidade e depois dele.

Na realidade, é extremamente factível que grande número desses jovens possa começar a contribuir efetivamente para o processo de geração de conhecimento de ponta antes do ingresso na universidade.

O governo federal poderia criar um Programa Nacional de Iniciação Científica que leve ao estabelecimento de 1 milhão de Bolsas Ciência. Uma experiência preliminar desse programa já existe no CNPQ, através do recém-criado programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia. Bastaria ampliá-lo e remover certas amarras burocráticas que dificultam a sua implementação neste momento. Esse programa poderia também ser usado pelo governo federal para eliminar uma porcentagem significativa (30%) da evasão do ensino médio, decorrente da necessidade dos alunos em contribuir para a renda familiar.

Jovens de talento científico reconhecido deveriam também ter a opção de seguir carreira de inventor ou pesquisador sem necessitar de doutorado ou outro curso de pós-graduação. Tal alternativa contribuiria decisivamente para a diminuição do período de treinamento necessário para que talentos científicos pudessem participar efetivamente do desenvolvimento científico do Brasil.

10) Investimento de 4-5% do PIB em ações de ciência e tecnologia na próxima década

Tendo proposto novas ações, é fundamental que essas sejam devidamente financiadas. Para tanto e, ainda, para assegurar a ascensão da ciência brasileira aos patamares de excelência dos países líderes mundiais, o governo brasileiro teria de tomar a decisão estratégica de destinar, nas próximas décadas, algo em torno de 4-5% do PIB nacional à ciência e tecnologia.

Em vários países, como os EUA, essa conta é dividida em partes iguais entre o poder público e privado. No Brasil, todavia, não existem condições para que isso ocorra de imediato. Dessa forma, não restaria outra alternativa ao governo federal senão assumir a responsabilidade desse investimento estratégico, usando novas fontes de receita, como a gerada pela exploração do pré-sal.

11) Reorganização das agências federais de fomento à pesquisa

Reformulação de normas de procedimento e processo para agilizar a distribuição eficiente de recursos ao pesquisador e empreendedor científico, bem como criar um novo modelo de gestão e prestação de contas.

A ciência e o cientista brasileiro não podem mais ser regidos pelas mesmas normas de 30-40 anos atrás, utilizadas na prestação de contas de recursos públicos para construção de rodovias e hidrelétricas.

Urge, portanto, reformular completamente todos os protocolos de cooperação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com outros ministérios estratégicos para execução de projetos multiministeriais.

Na lista de cooperação estratégica do MCT, incluem-se os ministérios da Educação, Saúde, Meio Ambiente, Minas e Energia, Indústria e Comércio, Agricultura, Defesa e Relações Exteriores. Normas comuns de operação dos departamentos jurídicos e dos processos de prestação de contas devem ser produzidas entre o MCT e esses ministérios, de sorte a incentivar a realização de projetos estratégicos interministerais, como o Educação para Toda Vida.

O cenário atual cria inúmeros empecilhos para ratificação de projetos estratégicos aprovados no mérito científico (o principal quesito), mas que, via de regra, passam meses e até anos prisioneiros dos desconhecidos meandros e procedimentos conflitantes com que operam os diferentes departamentos jurídicos dos diferentes ministérios.

Urge eliminar tal barreira kafkaniana e transferir o poder de decisão, atualmente nas catacumbas jurídicas dos ministérios onde volta e meia processos desaparecem, para as mãos dos gestores de ciência treinados para implementar uma visão estratégica do projeto nacional de ciência e tecnologia.

12) Criação de *joint ventures* para produção de insumos e materiais de consumo para prática científica dentro do Brasil

É' fundamental investir numa redução verdadeira dos trâmites burocráticos "medievais" que ainda existem para aquisição de materiais de consumo e equipamentos de pesquisa importados. Para tanto, é importante definir políticas de incentivo ao estabelecimento de empresas nacionais dispostas a suprir o mercado nacional com insumos e equipamentos científicos.

13) Criação do Banco do Cérebro

Um dos maiores gargalos para o crescimento da área de ciência e tecnologia no Brasil é a dificuldade que cientistas e empreendedores científicos enfrentam para ter acesso ao capital necessário para desenvolver novas empresas baseadas na sua propriedade intelectual.

Na maioria das vezes, esses inventores e microempreendedores científicos ficam à mercê da ação de venture capitalists, que oferecem capital em troca de boa parte do controle acionário da empresa em que desejam investir.

Para reverter esse cenário, o governo federal poderia criar o Banco do Cérebro, uma instituição financeira destinada a implementar vários mecanismos financeiros para fomento do empreendedorismo científico nacional.

Essas ferramentas financeiras incluiriam desde programa de microcrédito científico até formas de financiamento de novas empresas nacionais voltadas para produtos de alto valor agregado, fundamentais ao desenvolvimento da ciência brasileira e da economia do conhecimento.

Para isso, o governo federal deverá exigir que esses novos empreendimentos científicos sejam localizados numa das novas Cidades da Ciência. Joint ventures entre empreendedores brasileiros e estrangeiros também deverão ser estimuladas pelo Banco do Cérebro, seguindo o mesmo critério social.

14) Ampliação e incentivo a bolsas de doutorado e pós-doutorado dentro e fora do Brasil

À primeira vista pode parecer contraditório propor metas para o desenvolvimento da Ciência Tropical e, ao mesmo tempo, reivindicar aumento significativo de bolsas de doutorado e pós-doutorado para alunos brasileiros no exterior.

Novamente, a proposta da Ciência Tropical é, antes de tudo, um nova proposta para o desenvolvimento de excelência na prática da pesquisa e educação científica. Dessa forma, ela tem

de incentivar todas as formas que permitam aos melhores e mais promissores cientistas brasileiros complementarem sua formação fora do território nacional.

Como bem disse a presidente-eleita Dilma Rousseff durante a campanha: " O Brasil precisa de seus cientistas porque eles iluminam o nosso país".

Pois que os futuros jovens cientistas brasileiros tenham a oportunidade de se transformar em genuínos embaixadores da ciência brasileira e complementar seus estudos em universidades e institutos de pesquisa estrangeiros, líderes em suas respectivas áreas.

Esse processo de intercâmbio e "oxigenação" de idéias é essencial à prática da ciência de alto nível. Mesmo os cientistas brasileiros que optarem por ficar no exterior depois desse e treinamento poderão trazer dividendos fundamentais para o desenvolvimento da Ciência Tropical.

15) Recrutamento de pesquisadores e professores estrangeiros dispostos a se radicar no Brasil

Com a crise financeira, verdadeiros exércitos de cientistas americanos e europeus estarão procurando novas posições nos próximos anos. Cabe ao Brasil tirar vantagem dessa situação e passar a ser um importador de cérebros e não um exportador de talentos.

Historicamente, a academia brasileira tem inúmeros exemplos excepcionais de pesquisadores estrangeiros de alto nível que alavancaram grandes avanços científicos no Brasil. O Programa Brasileiro de Ciência Tropical só teria a ganhar com uma política mais abrangente, audaciosa e sistêmica de importação de talentos.

ANEXO X — CAPAS DAS EDIÇÕES DA REVISTA SUPERINTERESSANTE, PUBLICADAS ENTRE JANEIRO DE 2001 E DEZEMBRO DE 2024, CUJA MATÉRIA PRINCIPAL APRESENTA NO TÍTULO OU SUBTÍTULO A PALAVRA "CIÊNCIA"*



* SUPERINTERESSANTE. Superarquivo. Dez. 2024. Disponível em: https://super.abril.com.br/superarquivo/. Acesso em: 29 dez. 2024.


EDIÇÃO 182 • NOVEMBRO 2002 • R$ 6,90
SUPER
INTERESSANTE
QUEM LÊ É.
Abril
NÉCTAR DOS DEUSES
A incrível história do vinho, a mais antiga e venerada bebida do planeta
SUPER 15 ANOS
A CIÊNCIA DE SER SAUDÁVEL
Novos estudos mostram que ter saúde é mais fácil e barato do que você imagina. Saiba por que cada vez mais pessoas estão trocando os remédios por:
• Alimentos que evitam doenças
• Exercícios que estimulam a cura
• Atividades que prolongam a vida
Por Rafael Kenski
EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
www.superinteressante.com.br
DE ONDE VEM A INSPIRAÇÃO?
Tudo o que já se descobriu sobre a criatividade – e sobre como ser criativo
VÃO-SE OS GESTOS, FICAM AS PALAVRAS
Nova teoria explica como, quando e por que o ser humano começou a falar


EDIÇÃO 212 • ABRIL 2005
SUPER INTERESSANTE
SABER É SUPER.
www.superinteressante.com.br
NÃO É SACANAGEM
A longa história da pornografia
SUPER 18 anos!
PROVAVELMENTE A MELHOR REVISTA DO BRASIL
R$ 8,95
A CIÊNCIA DA FELICIDADE
Os cientistas nunca souberam explicar esse sentimento. Agora, pela primeira vez, novas pesquisas desvendam como você pode ser mais feliz
Por Barbara Axt
A única revista no mundo a ganhar o ouro da infografia
MALOFIEJ 2005
Abril
IAAAAAAAAAÁ!
Tudo sobre o kung fu (num infográfico para faturar o Prêmio Malofiej 2006)
TELEFONE DE GRAÇA?
Saiba como tirar proveito da revolução das ligações pela internet


SUPER INTERESSANTE
ESSENCIAL
OS SEGREDOS DE LOST!
• A filosofia escondida por trás da trama
• A SUPER decifra os maiores mistérios da série
CIÊNCIA NAZISTA
Os pesquisadores de Hitler mataram, mutilaram, torturaram. Agora, 60 anos depois, cientistas querem usar os resultados daquelas experiências para salvar vidas. Temos esse direito?
Por Rodrigo Rezende
O QUE FAZER COM NOSSOS PRESOS? • OS SUPERRICOS • PROSTITUTAS DE TODO O MUNDO
KU KLUX KLAN • QUANDO OS HOMENS ERAM DONOS DAS MULHERES • HISTÓRIA DOS LINGUAS
Abril


SUPER
INTERESSANTE
PARE DE ENROLAR!
Entenda por que deixar tudo para depois é a mais nova praga da humanidade.
EVIDÊNCIA
INVIOLÁVEL
CIÊNCIA CONTRA O CRIME
DNA em tempo real, impressões digitais embaixo de água, "retrato falado" pela análise de um fio de cabelo: descubra as tecnologias de investigação que nem os seriados policiais conhecem.
A KU KLUX KLAN ESTÁ VIVA
POR QUE A COCEIRA COÇA TANTO
A VOLTA DA GUERRA FRIA
DE ONDE VEIO O SEU CORPO
VIAJE COM AS SONDAS ESPACIAIS


SUPER
O MUNDO ANTES DOS NÚMEROS
CIÊNCIA ESPÍRITA
Eles são cientistas. E eles acreditam em espíritos e reencarnação. Agora, estão usando o laboratório para provar que tudo isso não é apenas questão de fé. E dizem que estão conseguindo.
NERDS
E SE O HOMEM NÃO TIVESSE IDO À LUA?
OS HOMENS ESTÃO DE VOLTA
PERÍCIA DIGITAL
VÃO AO CINEMA
SEGREDOS DE GOOGLE


WWW.SUPERINTERESSANTE.COM.BR
SUPER
INTERESSANTE
A nova
DROGA DO AMOR
Ela promete salvar qualquer relacionamento. E não é azul. P. 68
EDIÇÃO 311 - NOVEMBRO / 2012
R$ 12,00
A DIETA DA
CIÊNCIA
Chocolate pode emagrecer. Adoçante pode engordar. Batata frita vicia tanto quanto drogas. Conheça as novas descobertas que estão revolucionando o mundo das dietas. P. 58
Abril
EINSTEIN NO CEARÁ P. 78
O QUE OS ETS SABEM DE NÓS P. 88
BEETHOVEN É POP P. 34
A TRANSFORMAÇÃO INVISÍVEL DA EUROPA P. 22
COMO PAGAR MENOS PELO SEGURO P. 40


SUPER
INTERESSANTE
EDIÇÃO 419 • MARÇO 2020
BRASIL NA ANTÁRTIDA
Entenda as respostas que os cientistas brasileiros buscam no continente gelado. P. 32
Venda proibida
EXEMPLAR DE ASSINANTE
R$ 18,00
A CIÊNCIA DO
DESTINO
A vida não é uma folha em branco; é um jogo de cartas. Saiba como a sociedade, a estatística e a biologia determinam grande parte do que vai acontecer com uma pessoa – antes mesmo de ela nascer. P. 20
POR BRUNO GARATTONI E EDUARDO SZKLARZ
Abril
P. 56
MATEMÁTICA: INVENÇÃO OU DESCOBERTA?
P. 64
A INFLUÊNCIA DO NAZISMO EM HOLLYWOOD.
P. 48
A VIDA SECRETA DAS OBRAS DE ARTE.
P. 80
E SE... TODO MUNDO FOSSE VEGANO?


SUPER
INTERESSANTE
EDIÇÃO 427 • MAIO 2021
O ANIMAL IMORTAL
A água-viva programada para viver eternamente e outros seres insólitos. P. 36
R$ 18,00
A CIÊNCIA BRASILEIRA PEDE SOCORRO
Cortes de verba, perseguição ideológica, universidades sucateadas. A pesquisa nacional vive um fundo de poço histórico. Entenda os cortes na área – e por que eles põem em xeque o futuro do país. P. 22
POR BRUNO VAIANO E MARIA CLARA ROSSINI
Abril
P. 52
ITI MALIA! A CIÊNCIA DA FOFURA.
P. 64
E SE UMA ERUPÇÃO SOLAR ATINGISSE A TERRA?
P. 44
OS ATAQUES ELETROMAGNÉTICOS EM HAVANA.
P. 10
NA FALTA DE LOCKDOWN, COMO SALVAR VIDAS?

ANEXO Y — CAPAS DAS EDIÇÕES DA REVISTA GALILEU, PUBLICADAS ENTRE JANEIRO DE 2001 E DEZEMBRO DE 2024, CUJA MATÉRIA PRINCIPAL APRESENTA NO TÍTULO OU SUBTÍTULO A PALAVRA "CIÊNCIA"*



* A revista Galileu não tem um acervo de capas. Por isso, a busca foi feita por meio do Google Imagens, utilizando os seguintes termos: "revista galileu" "capa" "ciência"; "revista galileu" "capa" "ciência de"; "revista galileu" "capa" "ciência da"; "revista galileu" "capa" "ciência do"; "revista galileu" "capa" "ciência para". A maioria foi encontrada em sebos e lojas virtuais, como Estante Virtual e Mercado Livre. Disponível em: https://images.google.com.br/. Acesso: 29 dez. 2024.


ESPECIAL
GRÁTIS 10
O prazer de conhecer
Galileu
A ciência de ser feliz
VOLTA AO MUNDO
Por que essa viagem ainda é uma das aventuras que mais fascina o Homem
SUPERALIMENTOS
Como eles previnem doenças e mantêm a sua saúde
Fichas de 17 legumes, frutas, verduras, cereais e peixes


Galileu
O prazer de conhecer
RELIGIÃO
X
CIÊNCIA
Mais uma vez, o conflito pega fogo
No laboratório:
a discussão sobre
as células-tronco
Na sala de aula:
Bush quer trocar Darwin
pelo novo criacionismo
No Vaticano:
qual é a opinião da
Igreja sobre a polêmica?
DEVAGAR E SEMPRE
COMER, CRIAR, TRABALHAR... MOVIMENTOS
PREGAM A DESACELERAÇÃO DO DIA-A-DIA
História • Saúde • Comportamento • Ficção • Cultura • Astronomia • Ecologia

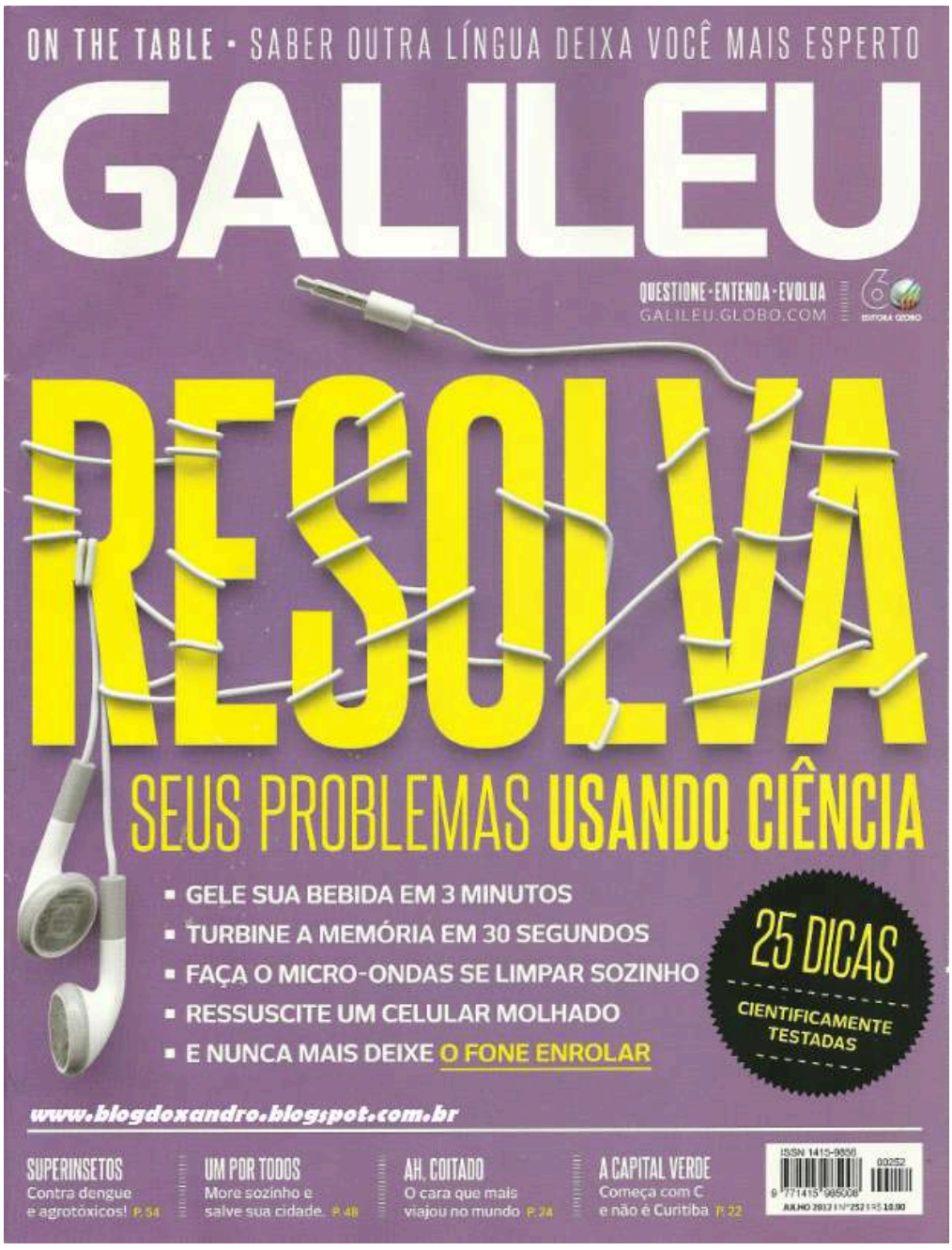

INTERNET: O FACEBOOK ESTÁ DOMINANDO A SUA VIDA
Galileu
O PRAZER DE CONHECER
QUEM QUER DINHEIRO? ELE AUMENTA A AUTOCONFIANÇA E DIMINUI AS DORES FÍSICAS
A CIÊNCIA DOS sonhos
O que você lembra da noite passada?
NOVOS ESTUDOS MOSTRAM SEUS REAIS SIGNIFICADOS E COMO ELES PODEM NOS AJUDAR A PREVER O FUTURO
PÁG. 34
AQUECIMENTO GLOBAL
7 PLANOS PARA SALVAR O PLANETA
ONDE O BRASILEIRO SENTE DOR
SEXO E VIOLÊNCIA NOS GAMES
NANO, A REVOLUÇÃO SOBRE RODAS
VENDA PROIBIDA


GAFES ELEITORAIS
O BESTEIROL DOS CANDIDATOS INVADE O YOUTUBE E O TWITTER
SALTO DA ESTRATOSFERA
QUEM É O PARAQUEDISTA QUE QUER ATINGIR A VELOCIDADE DO SOM
A CURA DO ESTRESSE
BABUÍNOS MOSTRAM QUE SEU CHEFE É A FONTE DE TODO O MAL
GALILEU
GALILEU.GLOBO.COM
O FUTURO ANTES
OUTUBRO 2010 | Nº 231 | R$ 9,90
EDITORA GLOBO
PEDRO CAETANO, 29 ANOS: plantação em casa, 14 dias na cadeia e pivô do envolvimento dos cientistas no debate
A CIÊNCIA DA LEGALIZAÇÃO DA
MACONHA
Alguns dos mais importantes cientistas do Brasil estão saindo de seus laboratórios para defender que a droga seja legalizada. Entenda o que está por trás dessa discussão


IMPRESSORA DE ÓRGÃOS
ACIDENTE NUCLEAR
GALILEU
POR QUE NOSSO CÉREBRO NOS ENGANA?
A CIÊNCIA DO ERRO
NOVAS PESQUISAS MOSTRAM QUE NOSSO PADRÃO MENTAL É FALHAR, PRINCIPALMENTE QUANDO ACHAMOS QUE ESTAMOS CERTOS. ENTENDA O PORQUÊ


GALILEU
ORGANIZE SUA VIDA
A ciência garante: ninguém é multitarefa. Conheça as novas estratégias pra você render mais e ganhar tempo – sem ansiedade.
CINEMA
O MAIOR ATOR QUE VOCÊ NUNCA VIU
COMIDA
A FANTÁSTICA FÁBRICA DE SABORES ESTRANHOS
SAÚDE
REMÉDIOS DE 1º MUNDO, COBAIAS DO 3º
CULTURA
POR QUE PRECISAMOS DE SUPER-HERÓIS?


STEVE JOBS
O LSD, O PLÁGIO, A GOLA RULÊ: O LADO HUMANO DO GÊNIO. PG. 86
RADIOATIVIDADE
USINA CASEIRA. PG. 54, FUKUSHIMA HOJE. PG. 60, O NUKE SUB É NOSSO! PG. 96
E AÍ, BELEZA?
COMO FAVORECEMOS ROSTINHOS BONITOS. PG. 70
GALILEU
GALILEUGLOBO.COM
O FUTURO ANTES
EDITORA GLOBO
EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
NOVEMBRO 2011 | Nº 244 | R$ 8,90
A CIÊNCIA DE DORMIR BEM
APLICATIVOS, GADGETS, EXAMES, TÉCNICAS – AS MAIS NOVAS ARMAS PRA GARANTIR O SEU BOM SONO
ESPECIAL
PROFISSÕES DO FUTURO
CONHEÇA AS CARREIRAS QUE VÃO INOVAR E BOMBAR. PG. 75


ON THE TABLE • SABER OUTRA LÍNGUA DEIXA VOCÊ MAIS ESPERTO
GALILEU
QUESTIONE • ENTENDA • EVOLUA
GALILEU.GLOBO.COM
EDITORA GLOBO
RESOLVA
SEUS PROBLEMAS USANDO CIÊNCIA
▪ GELE SUA BEBIDA EM 3 MINUTOS
▪ TURBINE A MEMÓRIA EM 30 SEGUNDOS
▪ FAÇA O MICRO-ONDAS SE LIMPAR SOZINHO
▪ RESSUSCITE UM CELULAR MOLHADO
▪ E NUNCA MAIS DEIXE O FONE ENROLAR
25 DICAS
CIENTIFICAMENTE TESTADAS
www.blogdoxandro.blogspot.com.br
SUPERINSETOS
Contra dengue e agrotóxicos! P. 54
UM POR TODOS
More sozinho e salve sua cidade. P. 48
AH, COITADO
O cara que mais viajou no mundo P. 24
A CAPITAL VERDE
Começa com C e não é Curitiba P. 22
ISSN 1415-9856
00252
9 771415 985008
JULHO 2012 | Nº 252 | R$ 10,90


ENGENHEIROS DO APOCALIPSE: COMO RESFRIAR O PLANETA ANTES QUE ELE ACABE
GALILEU
A CIÊNCIA DE
CONVENCER
E NÃO SE DEIXAR
MANIPULAR
PESQUISAS MOSTRAM O QUE ESTÁ POR TRÁS DE UMA BOA LÁBIA. CONHEÇA AS TÉCNICAS DE PERSUASÃO COMPROVADAS E APRENDA A USÁ-LAS EM SEU FAVOR
TREVO NOVO
PAGANDO A LIMPO
TESTE DE SMARTPHONES
ENGAIO DE VELHO CHICO
VENDA PROIBIDA


FAÇA VOCÊ MESMO: APRENDA A CONSTRUIR UMA LUNETA POR MENOS DE R$ 60
GALILEU
EXERCITE SUA CURIOSIDADE » GALILEU.GLOBO.COM
MARÇO 2015 • Nº 284 • R$ 12,00
ISSN 1415-9856
00284
CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL APROX. 4,61%
30 ANOS DE MACGYVER
Especialistas desvendam os truques mais legais do herói da série Profissão Perigo, sucesso nas décadas de 1980 e 1990 P. 74
NOVO MAPA DO VINHO
Esqueça aquela marca incrível de Bordeaux ou da Toscana. Por causa do aquecimento global, a bebida vai mudar bastante. Saiba por quê P. 58
Vamos ficar no escuro?
Além de um (bem) provável racionamento de água, a iminente falta de energia assombra o país, que discute formas alternativas para produzir mais luz
P. 28
TESTE
36 QUESTÕES
PARA ENCONTRAR O AMOR DA SUA VIDA
P. 45
A CIÊNCIA DA
PAIXÃO
Em busca de um relacionamento estável? Pois saiba que pesquisadores de todo o mundo estudam a ação de hormônios no cérebro e trabalham em questionários que garantem uma intimidade quase instantânea – tudo isso para você ser feliz ao lado de quem faz seu coração bater mais forte <3 P. 36


GALILEU
GRAVIDADE
300 MIL
CIÊNCIA PARA QUEM TEM PRESSA
SONO SONHOS E MEMÓRIAS
CORTE
FÍSICA


GALILEU
LUTE PELA
CIÊNCIA


GALILEU
A CIÊNCIA AJUDA VOCÊ A MUDAR O MUNDO • ED. 332 • MARÇO DE 2019
P. 44
BRASILEIRAS SOFREM SEM TRATAMENTO ACESSÍVEL PARA ENDOMETRIOSE
P. 64
OS PLANOS DO NOVO MINISTRO PARA PESQUISA E INOVAÇÃO
P. 35
DOSSIÊ SUPERBACTÉRIAS: ELAS AMEAÇAM MILHÕES DE VIDAS ANUALMENTE
RS 16
LUGAR DE MULHER É NA CIÊNCIA
Pesquisadoras extraordinárias, mas esquecidas. Como mudar isso?
Conheça as incríveis histórias de 10 das maiores cientistas de todos os tempos
SABRINA LISBOA
Por sua pesquisa em busca de novos remédios para o transtorno do estresse pós-traumático, ganhou o prêmio Para Mulheres na Ciência


GALILEU
AS HISTÓRIAS DE SEIS JOVENS BRASILEIRAS QUE SÃO CIENTISTAS DE DESTAQUE
COMO O EXCESSO DE ILUMINAÇÃO URBANA IMPACTA O MEIO AMBIENTE E NOSSO BEM-ESTAR
A CIÊNCIA AJUDA VOCÊ A MUDAR O MUNDO · ED. 360 · MARÇO DE 2022
CIÊNCIA DESIGUAL
TRINTA ANOS APÓS A CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS REGRAS DE INCLUSÃO DE MULHERES EM ENSAIOS CLÍNICOS, A SAÚDE DELAS AINDA É MENOS ESTUDADA QUE A DE HOMENS

ANEXO Z — MATÉRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DE CIENTISTAS CONTRA A FUSÃO DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO E DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, PUBLICADA NO ESTADÃO*

Notícia Estadão / Ciência / Blogs



Herton Escobar ›
Imagine só!

Cientistas se mobilizam para resgatar ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

PUBLICIDADE

Por Herton Escobar
08/06/2016 12h14 Atualização: 03/06/2016 15h18



* ESCOBAR, Herton. Cientistas se mobilizam para resgatar ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Estadão, 8 jun. 2016. Disponível em: https://www.estadao.com.br/ciencia/herton-escobar/cientistas-se-mobilizam-para-resgatar-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia/. Acesso em: 19 dez. 2024.



Foto: Estadão

Cientistas brasileiros estão articulando uma campanha digital pela restauração do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), recentemente fundido com o Ministério das Comunicações, na reforma promovida pelo governo interino de Michel Temer. Muitos estão substituindo suas fotos de perfil nas redes sociais, e até mesmo em seus currículos Lattes (*a mais importante referência profissional de qualquer cientista no Brasil*), por imagens com a hashtag #ficaMCTI ou #voltaMCTI.

O ex-ministro Sérgio Rezende, que no início desta semana deu **entrevista** ao **Estado** criticando a fusão dos ministérios, foi um dos primeiros a trocar sua foto na Plataforma Lattes: **http://goo.gl/Be8fjE**

PUBLICIDADE

Manifestações de rua foram realizadas nos últimos dias em algumas capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Natal. Há também uma petição no Avaaz, pedindo a volta do ministério: **https://goo.gl/lqixz0**

Prioridades?

Para você

O novo ministro, Gilberto Kassab (ex-prefeito de São Paulo), disse recentemente que quem foi extinto foi o Ministério das Comunicações, e que a pasta de Ciência e Tecnologia, sai fortalecida da fusão. Mas é difícil apostar nisso.

PUBLICIDADE

A preocupação da comunidade científica tem fundamento: É menos gente, com menos dinheiro, para fazer em um único ministério o que antes se fazia em dois (já com muita dificuldade). Essa é a conta, basicamente; e não tem como chegar a um resultado positivo. Na melhor das hipóteses, as duas áreas são prejudicadas.

Na hora de pagar as contas e distribuir recursos, qual vai ser a prioridade? Atender às demandas das empresas de TV e telefonia, que movimentam quantias imensas de dinheiro e poder; ou atender às necessidades dos pesquisadores nas universidades, cada vez mais quebradas e sucateadas? Entre dar dinheiro para pesquisar células humanas, versus construir células de telefonia celular, quem vai levar a melhor?

O presidente em exercício Michel Temer disse recentemente que está disposto a reconhecer erros e voltar atrás, quando necessário. Já voltou atrás no caso do Ministério da Cultura. Agora é a vez da Ciência.

Post atualizado às 18h30 do dia 4, com informações adicionais. E novamente às 12h15 do dia 8.



da Universidade do Brasil e obteve o diploma de Engenheiro Eletrônico na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1963). Em Cambridge, nos Estados Unidos, obteve os títulos de Mestre em 1965 e de Doutor em 1967, ambos em Electrical Engineering-Materials Science, no Massachusetts Institute of Technology. Foi professor associado na PUC/RJ em 1968-1971, professor titular na UNICAMP em 1971 e desde 1972 é professor titular no Departamento de Física da Universidade Federal de Pernambuco. Trabalha em pesquisa na área de Física de Materiais, com ênfase em Materiais Magnéticos e Propriedades Magnéticas, atuando em física experimental e física teórica, principalmente nos seguintes temas: magnetismo, magneto-óptica, materiais magnéticos, multicamadas magnéticas, materiais nanoestruturados e spintrônica. Orientou 38 teses de mestrado e de doutorado e publicou mais de 240 artigos científicos em revistas de circulação internacional. Em gestão de C&T foi Chefe do Departamento de Física e Diretor do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPE. Diretor Científico da FACEPE durante sua implantação, em 1990-1993, e Secretário

quando encerrou o segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República. É membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciência dos Países em Desenvolvimento, da Sociedade Brasileira de Física, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da American Physical Society, e do Institute for Electrical and Electronic Engineers. Por suas atividades acadêmicas e científicas, recebeu em 1988 a ordem do Mérito Educativo concedida pelo Ministério da Educação; em 1995 foi agraciado com a Comenda da Ordem do Mérito Científico, categoria Grã-Cruz, concedida pelo Presidente da República; em 2001 recebeu, também do Presidente da República, o Prêmio Anísio Teixeira da CAPES; em 2006 recebeu o prêmio Bunge; em 2009 foi o único físico brasileiro escolhido pela American Physical Society para receber o ?Outstanding Referee Award?; e em 2013 recebeu o prêmio de Ciencia da Fundação Conrad Wessel. **(Texto informado pelo autor)**

Currículo do ex-ministro Sergio Rezende, com foto substituída pela logo da campanha #ficaMCTI *Foto: Estadão*

Encontrou algum erro? Entre em contato

Compartilhe:

Comentários

Os comentários são exclusivos para assinantes do Estadão.

Assine o Estadão

Já sou assinante ›

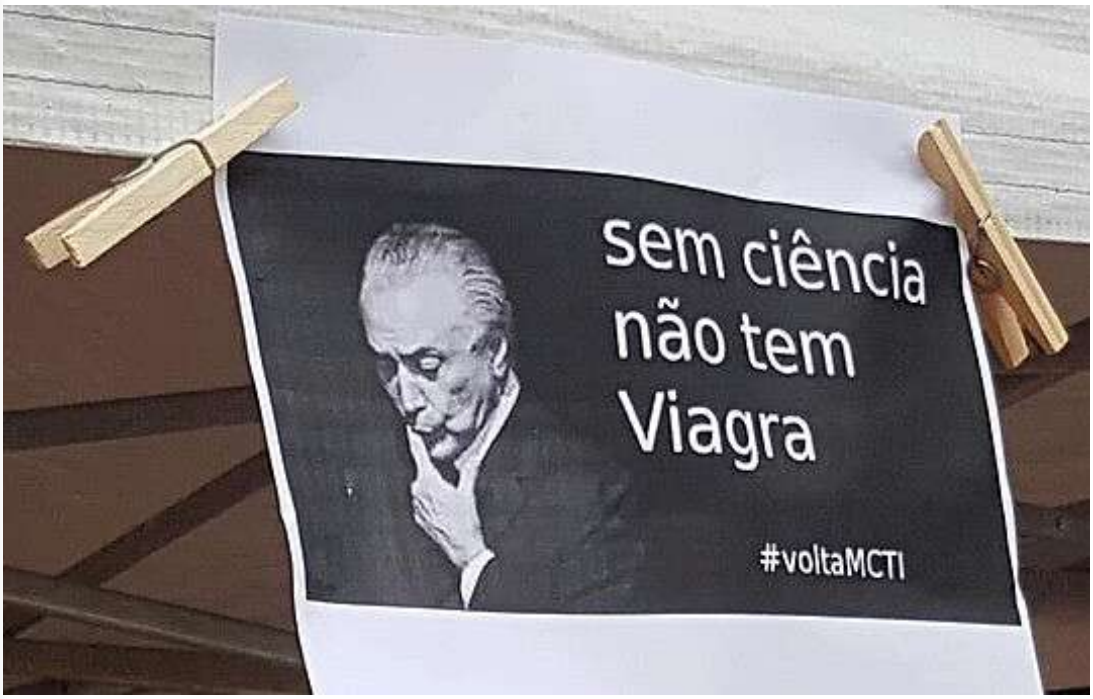
ANEXO AA — MATÉRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DE CIENTISTAS CONTRA A FUSÃO DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO E DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, PUBLICADA NO BRASIL DE FATO*

INÍCIO > POLÍTICA

MOBILIZAÇÃO

Com bom humor, cientistas se mobilizam contra o fim do Ministério da Ciência

Manifestações pela volta do MCTI – fundido por Temer à pasta das Comunicações – aconteceram neste final de semana



Para entidades ligadas à área de ciência e tecnologia, a junção dos ministérios representa um retrocesso - Reprodução

A comunidade científica brasileira, pesquisadores e população no geral iniciaram, na

* COM bom humor, cientistas se mobilizam contra o fim do Ministério da Ciência. Brasil de Fato, 6 jun. 2016. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2016/06/06/com-bom-humor-cientistas-se-mobilizam -contra-o-fim-do-ministerio-da-ciencia. Acesso em: 10 out. 2023.

semana passada, uma série de mobilizações contra a extinção do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) promovida pelo presidente interino Michel Temer. Em meio ao seu desmonte ministerial, o governo interino fundiu a pasta ao ministério das Comunicações – atitude que, para entidades ligadas à área, representa um retrocesso.



"A junção dessas atividades díspares em um único ministério enfraqueceria o setor de ciência, tecnologia e inovação que, em outros países, ganha importância em uma economia mundial crescentemente baseada no conhecimento e é considerado o motor do desenvolvimento. Europa, Estados Unidos, China, Coréia do Sul são alguns exemplos de países que, em época de crise, aumentam os investimentos em P&D [pesquisa e desenvolvimento], pois consideram que essa é a melhor maneira de construir uma saída sustentável da crise", diz um manifesto pela volta do ministério, divulgado há duas semanas, assinado por entidades como Academia Brasileira de Ciências (ABC) e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Na última quinta-feira (2), centenas de pessoas tomaram as ruas de Natal (RN) no "1º Ato pela Ciência Brasileira". No sábado (4), foi a vez da comunidade científica carioca de se mobilizar contra a extinção da pasta no ato "Ciência na Praça", realizada no Largo do Machado (RJ). Na manifestação, prevaleceu o bom humor para criticar as decisões do governo interino.

Outras manifestações ligadas ao tema estão marcadas para acontecer nos próximos dias. Neste domingo (5), paulistanos se manifestarão no vão livre do Masp, na avenida Paulista, no ato "Marcha pela Ciência". Cariocas voltarão às ruas na segunda-feira (6), seguidos por manifestantes de Porto Alegre (RS), na terça-feira (7), e Belo Horizonte (MG), na quarta-feira (8).

A mobilização também está forte nas redes sociais. Com as hashtags #VoltaMCTI e #FicaMCTI, internautas postam artigos sobre a importância do ministério e dão informações sobre as mobilizações que estão em curso.



Até o momento, Temer não sinalizou qualquer possibilidade de recuo com relação à decisão, diferentemente do que aconteceu com o Ministério da Cultura, que resolveu retomar após a pressão de manifestantes – que seguem realizando ocupações por não concordarem com a composição do novo ministério.

Edição: ---



OUTRAS NOTÍCIAS

ANEXO BB — MATÉRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DE CIENTISTAS CONTRA A FUSÃO DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO E DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, PUBLICADA PELA SBPC*

13/05/2016

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Entidades protestam contra fim do Ministério da Ciência e Tecnologia

As principais entidades científicas brasileiras manifestaram-se contra a medida do presidente interino, Michel Temer, de fundir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) com o das Comunicações. Com a fusão, foi criado do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

* SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Entidades protestam contra fim do Ministério da Ciência e Tecnologia. SBPC, 13 mai. 2016. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/13-05-2016-inovacao-tecnologicaquebraentidades-protestam-contra-fim-do-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia/. Acesso em: 10 out. 2023.

As principais entidades científicas brasileiras manifestaram-se contra a medida do presidente interino, Michel Temer, de fundir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) com o das Comunicações.

Com a fusão, foi criado do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

"É grande a diferença de procedimentos, objetivos e missões desses dois ministérios," diz o documento, assinado pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre várias outras instituições.

As entidades argumentam que, enquanto a agenda do extinto MCTI, "é baseada em critérios de mérito científico e tecnológico, com programas desenvolvidos e avaliados por comissões técnicas", os procedimentos do Ministério das Comunicações envolvem "relações políticas e práticas de gestão distantes da vida cotidiana" das pesquisas.

O documento diz também que as missões dos dois ministérios não são compatíveis, e que, enquanto as atividades de área das comunicações incluem concessões e fiscalização, as atividades do MCTI envolviam fomento a pesquisas, envolvimento de pesquisadores em redes multidisciplinares e interinstitucionais, estímulo à inovação tecnológica em empresas, além de ser responsável por duas dezenas de institutos de pesquisa.

"A junção dessas atividades díspares em um único

ministério enfraqueceria o setor de ciência, tecnologia e inovação que, em outros países, ganha importância em uma economia mundial crescentemente baseada no conhecimento e é considerado o motor do desenvolvimento. Europa, Estados Unidos, China, Coreia do Sul são alguns exemplos de países que, em época de crise, aumentam os investimentos em P&D [pesquisa e desenvolvimento], pois consideram que essa é a melhor maneira de construir uma saída sustentável da crise", diz o texto.

Fundador do Partido Social Democrático (PSD), Gilberto Kassab, que foi ministro das Cidades no governo de Dilma Rousseff e era considerado aliado da presidente afastada, vai assumir a nova pasta formada por Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Inovação Tecnológica

2024 - SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
DESIGN E DESENVOLVIMENTO: DIGIMAG

ANEXO CC — NOTA OFICIAL DO MEC SOBRE FIM DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA GRADUAÇÃO*

Ministério da
Educação

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

MEC afirma que o Ciência sem Fronteiras terá 5 mil bolsistas na pós-graduação

Domingo, 02 de abril de 2017, 16h55

Tweetar Compartilhar

O Ciência Sem Fronteiras (CsF) está funcionando plenamente como programa de internacionalização para pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doutorado e atração de jovens cientistas). A CAPES mantém editais para bolsas de pós-graduação e pós-doutorado e estágio sênior no exterior. Em 2017, recebem bolsas cerca de 5 mil nestas categorias.

O CsF para graduação encerrou com o último edital de 2014, no Governo Dilma. Há bolsistas remanescentes deste edital no exterior e visitantes no Brasil. O número chega a 4 mil.

A atual gestão encontrou o programa com dívidas elevadas deixadas pelo governo anterior. Estudantes estavam no exterior sem recursos. A primeira e imediata providência da atual gestão foi garantir recursos financeiros para honrar os compromissos assumidos com os bolsistas no exterior, a fim de não prejudicá-los.

Em julho de 2016, após uma avaliação criteriosa da modalidade graduação, o MEC chegou à conclusão de que era alto o custo para manter os alunos estudando fora do país: eram 35 mil bolsistas de graduação a um custo médio no exterior de R$ 100 mil por ano, enquanto o custo anual da merenda escolar, por aluno, é de R$ 94. Só em 2015, o Ministério destinou R$ 3,7 bilhões para manter o Programa Ciência Sem Fronteiras - o mesmo valor investido na merenda escolar de 39 milhões de alunos da Educação Básica no país.

Diante desse quadro, o Ciência sem Fronteiras permaneceu com foco na pós-graduação. Atualmente, a Capes discute novas estratégias de internacionalização e apoio à excelência nas universidades.

‹ Próxima TEMA: NOTAS OFICIAIS Anterior ›

Assunto(s): Ciência sem Fronteiras

© 2018 Ministério da Educação. Todos os direitos reservados. Utilizando software livre.2.8.2-294

* MEC afirma que o Ciência sem Fronteiras terá 5 mil bolsistas na pós-graduação. Ministério da Educação, Brasília, 02 abr. 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/acordo-gratuidade/33381-noticias/notas-oficiais/46971-mec-afirma-que-o-ciencia-sem-fronteiras-tera-5-mil-bolsistas-na-pos-graduacao. Acesso em: 10 out. 2023.

ANEXO DD — REPORTAGEM SOBRE O FIM DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS EXIBIDA NO TELEJORNAL BOM DIA BRASIL E REPRODUZIDA NO PORTAL G1*

MENU
G1
Bom Dia Brasil
BUSCAR
MENU
G1
Bom Dia Brasil
BUSCAR

Edição do dia 04/04/2017

04/04/2017 08h05 - Atualizado em 04/04/2017 10h40

Ciência Sem Fronteiras chega ao fim por falta de dinheiro

Beneficiados aproveitaram a experiência, mas sem deixar o resultado no Brasil. O dinheiro para a Olimpíada de Matemática também encolheu.



Está faltando dinheiro para dois programas na área de educação. O Ciência Sem Fronteiras, que levou quase cem mil universitários para estudar fora do país, acabou. E o dinheiro para os professores que fazem a Olimpíada de Matemática encolheu.

* CIÊNCIA Sem Fronteiras chega ao fim por falta de dinheiro. G1, Brasília, 04 abr. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/ciencia-sem-fronteiras-chega-ao-fim-por-falta-de-dinheiro.html. Acesso em: 10 out. 2023.

A explicação é que não tem dinheiro. No caso do Ciência Sem Fronteiras, tem mais. O governo diz que o programa deixou dívidas. Os beneficiados aproveitaram a experiência no exterior, mas sem deixar resultados que repercutissem nas universidades no Brasil.

Foi uma frustração. Estudante de mecatrônica da Universidade de Brasília, Tiago Pereira ainda tinha esperanças de conseguir uma bolsa do programa Ciência Sem Fronteiras para estudar na Alemanha.

“Eu estava me preparando, cheguei a começar a estudar o idioma do país que eu queria ir, seria, primeiramente, uma experiência de vida muito, muito boa, passar um ano sozinho, tendo que se virar em outra cultura”, disse Tiago.

O Ciência Sem Fronteiras, no formato original, acabou mesmo. Os últimos bolsistas foram selecionados em 2014 e ainda tem estudante fora do país recebendo a bolsa. Mas não haverá novas seleções para alunos de ensino superior.

Lukas foi um dos 93 mil bolsistas. Participou do programa em 2014 e foi para os Estados Unidos. Ele estuda engenharia da computação e lamentou o encerramento do Ciência Sem Fronteiras. Disse que gostou muito da experiência, que aprendeu com um método de ensino diferente.

“Eu cheguei, por exemplo, a trabalhar lá, no próprio campus e isso foi bastante legal, aprendi bastante coisa, então, pra mim foi muito, muito bom”, disse Lukas Machado.

O Ministério da Educação diz que o Ciência Sem Fronteiras deixou dívidas elevadas e que uma avaliação feita no ano passado mostrou que o custo para manter os bolsistas lá fora era muito alto. Em 2015, o governo investiu R$ 3,7 bilhões no programa, o mesmo valor usado na merenda escolar de 39 milhões de alunos.

O presidente da Capes, agência ligada ao Ministério da Educação que seleciona e distribui a maioria das bolsas bancadas pelo governo federal, diz que o intercâmbio para a pós- graduação está mantido.

Este ano, serão 5,1 mil bolsas para doutorado, pós-doutorado e professores visitantes no exterior.

Ele explica que 70% das bolsas do Ciência Sem Fronteiras foram para alunos da graduação, o que certamente foi enriquecedor para os alunos, mas, segundo ele, nem tanto para o país.

“A volta desses meninos não impactou a prática de ensino de nossas universidades e, com isso, não foi multiplicada para melhorar o ensino em geral da graduação no Brasil nas áreas que tinham sido selecionadas”, disse o presidente da Capes, Abílio Baeta.

Outros dois programas do Ministério da Educação voltados para alunos da rede pública estão ameaçados por falta de recursos.

O Obmep na Escola, que seleciona e prepara alunos Da educação básica para participarem da Olimpíada de Matemática, e o PIC, programa de iniciação científica que premia os 6.500 medalhistas das olimpíadas com bolsas e aulas com professores universitários.

O Impa, instituto responsável pelos dois programas, diz que precisa de R$ 6 milhões para levá-los adiante este ano e que, até agora, o governo garantiu apenas R$ 2 milhões.

O diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Marcelo Viana, diz que os dois programas já mostraram resultados importantes para os jovens que vêm da rede pública de ensino e que espera conseguir negociar com o governo.

“Estamos falando de jovens que vêm da periferia das grandes cidades, vêm do interior do país, vêm de escola pública, de modo geral de classes desfavorecidas. A Olimpíada abre uma porta, o PIC dá a chave para essa porta, eu prefiro ser otimista e acreditar que será possível encontrar uma solução”, explicou Marcelo Viana.

Este ano teve recorde de inscrições para a Olimpíada de Matemática. Mais de 48 mil escolas públicas já inscreveram seus alunos. E o diretor da capes disse que o governo está buscando formas para manter os programas.

Já na madrugada desta terça-feira (4) o Ministério da Educação disse que vai garantir os R$ 6 milhões para os programas ligados à Olimpíada da Matemática.

tópicos:

- Ciência sem Fronteiras,
- Governo Federal,
- Ministério da Educação

veja também

- 

  Fies abre inscrições com valor do financiamento reduzido pelo governo
  07/02/2017
- 
  Veja opções de financiamento para aluno que perdeu Fies manter estudo
  12/01/2017
- 
  Pronatec fecha 2016 com apenas 400 mil inscritos
  26/12/2016
- 
  Reforma do ensino médio é aprovada por comissão do Congresso Nacional

ANEXO EE — NOTÍCIA SOBRE A ENTREGA DO ABAIXO-ASSINADO DA CAMPANHA "CONHECIMENTO SEM CORTES" AOS DEPUTADOS FEDERAIS, PUBLICADA NO SITE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS*

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÕES

Cortes no orçamento de Ciência e Tecnologia podem inviabilizar pesquisas

Investimentos no setor caíram de R$ 8,4 bilhões em 2014 para R$ 3,2 bilhões este ano. Para 2018, o programado é ainda menor, de R$ 2,7 bilhões

10/10/2017 - 18:49

A queda no orçamento público para Ciência e Tecnologia neste ano e no próximo pode inviabilizar pesquisas em andamento no país. Este é o diagnóstico dos pesquisadores brasileiros que estiveram na Câmara dos Deputados nesta terça-feira (10) para entregar um abaixo-assinado ao presidente da Câmara, Rodrigo Maia, contra os cortes. O documento da campanha "Conhecimento sem Cortes" reuniu mais de 80 mil assinaturas.

Will Shutter/Câmara dos Deputados



Entidades entregaram documento com a assinatura de 80 mil pesquisadores

A comunidade científica afirma que o orçamento de investimentos do setor passou de R$ 8,4 bilhões em 2014 para R$ 3,2 bilhões este ano. Para 2018, o programado é ainda menor, de R$ 2,7 bilhões.

Em audiência pública na Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, Ildeu Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), lembrou que 23 ganhadores do prêmio Nobel enviaram uma carta ao presidente Michel Temer em setembro, alertando que os cortes podem comprometer o futuro do Brasil.

"Reconhecer a importância da ciência brasileira, assinar uma carta, o que não é comum. Assinar uma carta ao presidente da República de um país, dizendo da importância da ciência brasileira, que ela tenha continuidade. E, no entanto, nos envergonha que a gente veja que cientistas do exterior, desse alto quilate, tenham mais sensibilidade com a ciência brasileira que nossos governantes", afirmou o presidente da SBPC.

Ministério

O Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações informou, por meio de nota, que está trabalhando para elevar os recursos deste ano e que os valores de 2018 ainda não estão fechados.

Helena Nader, da Academia Brasileira de Ciências, disse que o trabalho dos pesquisadores está presente na alta produtividade agrícola do país e na exploração de petróleo em águas profundas. Ela disse que países como a Coreia do Sul gastam mais de 4% do Produto Interno Bruto em Ciência e Tecnologia; enquanto o Brasil investe cerca de 1%.

* MUGNATTO, Silvia. Cortes no orçamento de Ciência e Tecnologia podem inviabilizar pesquisas. Agência Câmara Notícias, Brasília, 10 out. 2017. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/524977-cortes-no-orcamento- de-ciencia-e-tecnologia-podem-inviabilizar-pesquisas/. Acesso em: 10 out. 2023.

Fernando Peregrino, presidente do Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa Científica e Tecnológica, disse que o problema também é de gerenciamento de recursos. Segundo ele, o sistema de Justiça brasileiro gasta quase 2% do PIB, o dobro do que tem o setor de Ciência e Tecnologia. Nos Estados Unidos, segundo ele, os gastos com C&T representam 2,4% do PIB enquanto o sistema de justiça tem 0,2%.

A deputada Luiza Erundina (Psol-SP) pediu aos colegas que atuem para reverter os cortes. “Como é que se quer disputar a hegemonia no mundo - e isso não se fará sem ciência, sem tecnologia, sem inovação - se vai se andando pra trás na destinação de recursos públicos para essas áreas? É algo incompreensível, é algo burro, me desculpe a força da expressão”, disse a parlamentar.

Teto de gastos

Outros deputados e convidados afirmaram que os cortes decorrem da emenda constitucional que fixou um teto de gastos para o país pelos próximos 20 anos, enquanto o pagamento da dívida pública não sofre interrupções. Eles também defenderam a manutenção do ensino superior público.



Reportagem - Sílvia Mugnatto
Edição – Roberto Seabra

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura 'Agência Câmara Notícias'.

ANEXO FF — ARTIGO DE OPINIÃO “POR QUE TEMER ESTÁ CONTRA A CIÊNCIA?”, PUBLICADO PELA CARTA CAPITAL*



Quanto dinheiro é preciso investir para viver de renda com R$ 100 mil por mês?

Sponsored by: Inteligência Financeira

VANGUARDAS DO CONHECIMENTO

Por que Temer está contra a ciência?

Na contramão do que os órgãos internacionais sugerem, Brasil anuncia corte de 44% no orçamento para ciência e tecnologia

POR CARTACAPITAL

19.04.2017 09H20

* ORDÉAS, Jean. Por que Temer está contra a ciência? Carta Capital, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/temer-contra-a-ciencia-por-que/. Acesso em: 10 out. 2023.



Michel Temer e o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicação, Gilberto Kassab

APOIE Siga-nos no Google News

Sabe-se que o investimento em educação, pesquisa, inovação científica e tecnológica é fator importante para o desenvolvimento econômico e social de uma nação. Isso porque, a partir dele, é possível qualificar recursos humanos, desenvolver soluções para os problemas nacionais, gerar oportunidades e competitividade econômica, de modo a melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

Entidades como o *World Economic Forum* e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) reconhecem esses investimentos como pilares de desenvolvimento de uma nação.

PUBLICIDADE

Recomendadas



Ciro, FHC e Marina falham com o Brasil



Haddad não vencerá Bolsona com imagem colada a Lula e a PT



Haddad Ciro, un que poc transfo o Brasil



O filóso que provou existên da alma

Se elencados os 15 países que mais investem em pesquisa no mundo, será possível verificar que todos investem acima de 2% de seu Produto Interno Bruto (PIB), marca que o Brasil ainda não atingiu.

Esses investimentos também colocam os países na rota do desenvolvimento econômico e social. Na maioria deles, há também um esforço de investimento em pesquisa por parte da iniciativa privada.

No Brasil, os dados mostram que a iniciativa privada investe bem menos, em comparação com outros países, e o governo idem.

Quando se trata do dispêndio do setor privado em pesquisa e desenvolvimento, por exemplo, o Brasil é o último do Brics.

Essa situação nos relega à 100º posição, dentre 138 países, no quesito inovação do relatório global de competitividade 2016-2017 elaborado pelo *World Economic Forum*.

Nesse mesmo relatório, países da América do Sul, com economias menores do que a do Brasil, o superam no pilar inovação do ranking. São os casos do Chile (63º), Colômbia (79º), Argentina (81º) e Uruguai (83º).

Cabe destacar que o pilar inovação leva em consideração os seguintes itens: capacidade de inovação, qualidade das instituições de pesquisa científica, investimento empresarial em pesquisa e desenvolvimento, colaboração universidade-indústria em pesquisa e desenvolvimento, aquisição governamental de tecnologia avançada, disponibilidade de cientistas e engenheiros e número de pedidos de patentes. Cada um com pontuação própria, que, uma vez juntas, formam a média do pilar inovação.

Na contramão do que os órgãos internacionais sugerem para o desenvolvimento econômico e social, o governo brasileiro anunciou um corte de 44% no orçamento destinado a ciência e tecnologia.

Os pesquisadores e cientistas brasileiros foram surpreendidos com esse duro golpe, capaz de prejudicar pesquisas em andamento e também as futuras pesquisas, além de promover a fuga de recursos humanos qualificados por falta de incentivo, o que muito interessa a países estrangeiros como os Estados Unidos, e de expor o Brasil a constrangimento perante a comunidade científica internacional.

Diversos pesquisadores, cientistas e associações científicas se manifestaram publicamente contrários à atitude e estão mobilizando atos de repúdio ao corte orçamentário. O principal deles é a "Marcha Pela Ciência no Brasil", que será realizada em algumas capitais do país no dia 22 deste mês.

Ao aplicar corte de tal magnitude, revela-se descaso com a necessidade de investimentos importantes, como, por exemplo, o estudo da estrutura do zika vírus, como destacou Smaili, em artigo intitulado "Sem investimento em ciência, o Brasil não terá solução", publicado em janeiro na ***CartaCapital***, quando antecipava os efeitos danosos dos cortes previstos no orçamento federal destinado à C&T.

No mesmo escrito, a autora destaca os avanços que foram possíveis na área da neurociência. Exemplo disso é o avanço dos estudos da interface "computador e ser humano", que pode beneficiar deficientes físicos; avanços na área da física, como novas fontes de energia; na área da saúde, dentre outros avanços, a criação de vacinas contra vários tipos de doenças, mesmo com recursos abaixo do necessário, o que indica que seria possível vislumbrar maiores avanços, com um compromisso firme de financiamento científico no Brasil.

Vale destacar que esses investimentos geram economia no futuro, na medida em que tornam o país independente cientificamente, capaz de produzir suas próprias soluções, facilitando a substituição de importações.

Em artigo recente publicado neste mesmo blog sob o título "Brasil, o país eternamente do futuro?", o bioinformático Antônio Gomes apontou alguns desafios que seriam necessários superar para o amadurecimento da C&T no Brasil.

Um deles é a capacidade de tornar-se referência em pesquisas de ponta. Como se sabe amplamente, isso demanda compromisso de investimento contínuo, o que, como já está claro, não é a intenção do atual governo.

Esse não é, por sinal, o primeiro ataque à C&T. Um dos atos iniciais de Temer como Presidente foi fundir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação com o Ministério das Comunicações. Tal medida, em si, já indicava não haver prioridade para a ciência e tecnologia.

Outro acinte do Executivo foi ter encaminhado ao Congresso Nacional a Lei Orçamentária Anual (LOA) retirando o

financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) da fonte 100 e o colocando para a fonte 900.

Na prática, essa mudança significaria não garantir recursos para as pesquisas, visto que esses ficariam sujeitos a remanejamentos orçamentários não definidos. A mobilização de pesquisadores e associações de científicas fez com que o executivo recuasse da proposta.

Ainda no campo da desvalorização da C&T, cabe lembrar a aprovação da Emenda Constitucional 95/2016, que congela os gastos do governo em todas as áreas, por vinte anos, condicionando o reajuste de investimentos à variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), mais uma vez, não se observa os fatores de desenvolvimento como um todo, ao incluir C&T e Educação no teto de gastos.

A equipe de Temer parece ignorar as variáveis que contribuem para o crescimento da economia e competitividade do país, visto que fazem um ajuste fiscal com um fim em si mesmo, sem salvaguardar os investimentos em setores importantes para o desenvolvimento nacional, como educação, ciência, tecnologia e inovação.

Por fim, ficam no ar algumas questões: a quem interessa o atrofiamento da C&T no Brasil? A quem interessa que o Brasil permaneça para sempre cientifica e tecnologicamente muito dependente?

Temer parece jogar contra o país, a interesse de outrem, ou não considera importantes os avanços obtidos pela C&T

nacional, enxergando-os como investimentos desnecessários e que precisam ser cortados, e desconhece a relevância da tecnologia e das inovações para o desenvolvimento econômico.

*Jean Ordéas é pedagogo e mestrando em Educação pela USP.

ANEXO GG — MATÉRIA SOBRE CORTE ORÇAMENTÁRIO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO GOVERNO BOLSONARO, PUBLICADO PELA FOLHA DE SÃO PAULO*

FOLHA DE S.PAULO

Corte orçamentário de 42% em ciência e tecnologia preocupa entidades

Durante a campanha, Jair Bolsonaro disse que meta era aumentar financiamento na área

3.abr.2019 às 20h06
Atualizado: 23.abr.2020 às 19h03

SÃO PAULO As principais entidades científicas e de ensino superior do país criticaram, em carta conjunta, o congelamento de 42% das despesas de investimento do MCTIC (https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/11/recuperar-orcamento-da-ciencia-e-principal-desafio-para-novo-governo.shtml) (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações) anunciado pelo governo federal na semana passada.

Segundo elas, áreas importantes como o enfrentamento de epidemias emergentes (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/01/pandemias-poderao-causar-danos-bilionarios-nos-proximos-anos-diz-relatorio.shtml), a busca por novas fontes de energia (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/governo-retoma-projeto-de-hidreletrica-de-r-6-bi-em-roraima-e-preve-leilao-em-2021.shtml) e as pesquisas em segurança alimentar (https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/07/agrotoxico-faz-mal-e-possivel-nao-usa-lo-veja-o-que-e-verdade-e-mentira-no-debate.shtml) podem ser duramente afetadas.

O ministro da Ciência e Tecnologia do Governo Bolsonaro, Marcos Pontes - Pedro Ladeira/Folhapress

* CORTE orçamentário de 42% em ciência e tecnologia preocupa entidades. Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 abr. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/04/corte-orcamentario-de-42-em-ciencia-e-tecnologia-preocupa-entidades.shtml. Acesso em: 11 out. 2023.

"Se essas restrições orçamentárias não forem corrigidas a tempo, serão necessárias muitas outras décadas para reconstruir a capacidade científica e de inovação do país", afirma o texto, assinado por Academia Brasileira de Ciências, Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entre outras.

O governo anunciou que congelaria R$ 29,582 bilhões das despesas previstas para este ano em razão da revisão do cenário econômico, com menos crescimento e, por consequência, menor arrecadação.

O congelamento representa 23% das despesas discricionárias (manejáveis e, por isso, sujeitas a corte) do governo.

Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), afirma que o contingenciamento pode impedir o pagamento de bolsas de estudo de pesquisadores.

Em novembro de 2018, os recursos de 2019 propostos para o CNPq, maior agência de fomento à pesquisa ligada ao governo federal, só conseguiriam garantir seu funcionamento até setembro, de acordo com o então presidente do órgão Marcelo Morales.

Agora, Davidovich afirma que talvez só seja possível pagar as bolsas até julho. O CNPq é responsável por 72,8 mil bolsas de estudos e pelo financiamento de projetos de pesquisas em todo o país.

"Já estávamos no mínimo suportável. Agora, pode ser que quem está estudando fora tenha que voltar e quem está na pós-graduação tenha que procurar outro emprego", diz.

O CNPq afirma que ainda não recebeu do MCTIC a informação de reflexo do contingenciamento no órgão.

Na educação, o governo congelou R$ 5,839 bilhões, o maior corte em termos absolutos e equivalente a 25% do valor previsto no Orçamento. Em termos percentuais, o maior bloqueio aconteceu no Ministério de Minas e Energia (79,5%). "Um corte desse atinge o país que sofreu com Brumadinho e tem

barragens sob risco e impede o desenvolvimento de energias alternativas, elevando nosso atraso na área", diz Davidovich.

Durante a campanha presidencial, Jair Bolsonaro afirmou que tinham como meta elevar o financiamento para a área não só com recursos públicos mas especialmente com recursos empresariais para que 3% do PIB fosse investido em ciência e tecnologia. Hoje, porém, esse patamar atualmente está perto de 1,5%, com participação maior de recursos públicos. Na Coreia do Sul essa taxa é de 4%, na União Europeia, 3% e, em Israel, mais de 4%.

Segundo Davidovich, a experiência internacional aponta que cada dólar investido nessa área tem retorno de 3 a 8 vezes maior. "A crise é global, mas os países continuam investindo em ciência porque há retorno, porque eles aproveitam janelas de oportunidade e ganham protagonismo internacional, porque produzem seus próprios medicamentos e alimentos mais baratos. O Brasil está na contramão disso, e abrir mão desse investimento é condenar o Brasil a ser um país de 4º mundo."

O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que financia a inovação e a infraestrutura de pesquisa das instituições de ciência e tecnologia, teve mais de 80% de seus recursos contingenciados.

ENDEREÇO DA PÁGINA

https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/04/corte-orcamentario-de-42-em-ciencia-e-tecnologia-preocupa-entidades.shtml

notícias da folha no seu email

Recomendadas para você

(https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/12/rodolfo-walsh-ressurge-maior-e-mais-tragico-em-livro-sobre-morte-da-filha.shtml)

Crítica: Rodolfo Walsh ressurge maior e mais trágico em livro sobre morte da filha

ANEXO HH — REPORTAGEM SOBRE ATAQUES DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO ABRAHAM WEINTRAUB ÀS UNIVERSIDADES, PUBLICADA PEO ESTADÃO*

Buscar... ASSINE ESTADÃO

Notícia Estadão / Educação

MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA

Sem detalhar critérios, o ministro Weintraub disse ao 'Estado' que a medida considera o desempenho acadêmico aquém do esperado ou promoção de 'bagunça, evento ridículo'; governo definiu contingenciamento de R$ 5,8 bilhões para Educação



Por Renata Agostini

30/04/2019 | 03h00

BRASÍLIA - O Ministério da Educação (MEC) vai cortar recursos de universidades que não apresentarem desempenho acadêmico esperado e, ao mesmo tempo, estiverem promovendo "balbúrdia" em seus câmpus, afirmou o ministro Abraham Weintraub ao **Estado.** Três universidades já foram enquadradas nesses critérios e tiveram repasses reduzidos: a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal

* AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já mira UnB, UFF e UFBA. Estadão, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba/. Acesso em: 12 out. 2023.

ASSINE ESTADÃO



MEC informou que programa de assistência estudantil não sofrerá impacto, apesar desses recursos integrarem verba bloqueável *Foto: ERNESTO RODRIGUES/ESTADAO*

“Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”, disse o ministro.

De acordo com Weintraub, universidades têm permitido que aconteçam em suas instalações eventos políticos, manifestações partidárias ou festas inadequadas ao ambiente universitário. “A universidade deve estar com sobra de dinheiro para fazer bagunça e evento ridículo”, disse. Ele deu exemplos do que considera bagunça: “Sem-terra dentro do câmpus, gente pelada dentro do câmpus”.

PUBLICIDADE

ASSINE ESTADÃO

Para você

Weintraub não detalhou quais manifestações ocorreram nas universidades citadas, mas disse que esse não foi o único ponto observado. Essas instituições também estão apresentando resultados aquém do que deveriam, disse. “A lição de casa precisa estar feita: publicação científica, avaliações em dia, estar bem no ranking.” Ele, no entanto, não citou rankings. Nesta terça, o **Estado** mostrou, porém, que as universidades acusadas de "balbúrdia" tiveram melhora no principal ranking universitário internacional, o **Times Higher Education** (THE).

PUBLICIDADE

De acordo com o MEC, as três universidades tiveram 30% das suas dotações orçamentárias anuais bloqueadas, medida que entrou em vigor na semana passada. Os cortes atingem as

ASSINE ESTADÃO

recursos destinados ao pagamento de pessoal são obrigatórios e não podem ser reduzidos.

Weintraub disse que o corte não afetará serviços como "bandejão". O MEC informou que o programa de assistência estudantil não sofrerá impacto, apesar desses recursos integrarem a verba discricionária.

A UNB disse que verificou no sistema bloqueio orçamentário "da ordem de 30%" e espera conseguir revertê-lo. A UFBA e a UFF não se pronunciaram.

O MEC está sendo forçado a definir cortes após o governo anunciar um grande contingenciamento no mês passado. Para garantir que cumprirá a meta fiscal , a equipe econômica estabeleceu que cerca de R$ 30 bilhões dos gastos previstos ficarão congelados. Desse total, R$ 5,8 bilhões terão de vir do MEC.

PUBLICIDADE

Educação foi a pasta que mais sofreu bloqueio em termos absolutos. Ainda que o corte tenha sido proporcionalmente menor do que o de outros ministérios, foi um duro baque. A Lei Orçamentária estabelecia cerca de R$ 23,7 bilhões para despesas discricionárias na Educação como um todo. O governo bloqueou, portanto, quase 25% do dinheiro que estava reservado para custear esses gastos.

ASSINE ESTADÃO

ministro disse que, diante desse cenário, foi necessário definir critérios para quem sofreria mais com o bloqueio. O corte anunciado pelo ministro nas três universidades está longe, porém, do contingenciamento determinado pela equipe econômica. Juntas, as três instituições recebem cerca de R$ 165 milhões discricionários.

Direito à expressão

Questionado se essa forma de escolha caracteriza, na prática, uma "lei da mordaça" nas universidades, ferindo a liberdade de expressão de alunos e professores, ele afirmou que todos "têm logicamente o direito de se expressar", desde que o desempenho acadêmico esteja bom. "Só tomaremos medidas dentro da lei. Posso cortar e, infelizmente, preciso cortar de algum lugar", afirmou. "Para cantar de galo, tem de ter vida perfeita."

PUBLICIDADE

O MEC não esclareceu quais indicadores de desempenho chamaram a atenção da pasta. Weintraub disse ainda que reitores precisarão redobrar a atenção no caso de festas. "Se aluno se machucar por causa de festa, cortaremos verba."

Desde 2014, há redução nos repasses para despesas discricionárias das universidades. A crise contribuiu para o cenário. Neste ano, o aperto será mantido. Além da recuperação lenta da economia, há a linha estabelecida por Jair Bolsonaro. O

ASSINE ESTADÃO

Ao **Estado**, em sua primeira entrevista no cargo, Weintraub reforçou a diretriz e disse que a política para universidades tem de respeitar "os pagadores de impostos". "Quando vão na universidade federal fazer festa, arruaça, não ter aula ou fazer seminários absurdos que agregam nada à sociedade, é dinheiro suado que está sendo desperdiçado num país com 60 mil homicídios por ano e mil carências."

PUBLICIDADE

Associação diz que sistema já está 'no limite'

PUBLICIDADE

Apesar de ressaltar o contingenciamento com a suposta "balbúrdia", outras universidades federais também já registraram congelamento de recursos neste ano. Todas tiveram bloqueio de valores de emendas parlamentares. Além disso, só tiveram 40% do recurso de custeio liberado para o 1.º semestre.

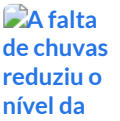
ASSINE ESTADÃO

com base em juízo de valor, sem antes pedir esclarecimento às universidades. Infelizmente, o bloqueio está ocorrendo para todas as instituições", disse Reinaldo Centoducatte, reitor da Federal do Espírito Santo (Ufes) e presidente da Andifes, associação de reitores da rede federal.

Avaliação internacional

Em alta Educação


O Senai-SP reformulou o portfólio
Ensino técnico se adapta às demandas do mercado


A falta de chuvas reduziu o nível da
Cidade do interior de SP terá universidade federal; veja onde


A jornalista Camila Silveira ao
Como a tecnologia pode apoiar educadores no aprendizado

O ministro ainda acusou UnB, UFBA e UFF de queda no desempenho. No entanto, elas se mantêm em destaque em avaliações internacionais. O ranking da publicação britânica Times Higher Education (THE), um dos principais em avaliação do ensino superior, mostra que Unb e UFBA tiveram melhor avaliação na última edição.

PUBLICIDADE

ASSINE ESTADÃO

Na classificação das melhores da América Latina, a Unb passou da 19.ª posição, em 2017, para 16.ª no ano seguinte. A UFBA passou da 71.ª para a 30.ª posição. A UFF manteve o mesmo lugar, em 45.º. Segundo a publicação, as três se destacam pela boa avaliação em ensino e pesquisa. E Unb e UFBA aparecem entre as 400 melhores instituições do mundo em cursos da área da saúde.

Carlos Monteiro, especialista em gestão pela Universidade de Michigan, ainda avalia como contraditório punir uma universidade com corte de recursos por apresentar queda na qualidade. “O ministro deveria querer entender os motivos dos maus resultados.”**/COLABOROU ISABELA PALHARES**

Encontrou algum erro? Entre em contato

Compartilhe:

Tudo Sobre

Ministério da Educação · UnB [Universidade de Brasília] · Abraham Weintraub · Universidade Federal Fluminense · Universidade Federal da Bahia · Universidade Federal de Juiz de Fora · ensino superior

Comentários

Os comentários são exclusivos para assinantes do Estadão.

Assine o Estadão

Já sou assinante ›

ANEXO II — REPORTAGEM SOBRE ATAQUES DO PRESIDENTE BOLSONARO AO INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE), REBATIDOS PELO CIENTISTA RICARDO GALVÃO, PUBLICADA PELO PORTAL G1*

globo.com g1 ge gshow globoplay jornal nacional o globo Assine Já Conta Globo

MENU g1 VALE DO PARAÍBA E REGIÃO VANGUARDA

Diretor do Inpe nega acusações de Bolsonaro, reafirma dados sobre desmatamento e diz que não deixará cargo

Ricardo Magnus Osório Galvão rebateu críticas do presidente em entrevista. Bolsonaro questionou informações do instituto durante evento com jornalistas em Brasília.

Por Pedro Melo, TV Vanguarda

20/07/2019 20h16 · Atualizado há 5 anos



Diretor do Inpe rebate críticas de Bolsonaro

* MELO, Pedro. Diretor do Inpe nega acusações de Bolsonaro, reafirma dados sobre desmatamento e diz que não deixará cargo. G1, São José dos Campos, 20 jul. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/07/20/diretor-do-inpe-nega-acusacoes-de-bolsonaro-reafirma-dados-sobre-desmatamento-e-diz-que-nao-deixara-cargo.ghtml. Acesso em: 12 out. 2023.



O diretor do **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais** (Inpe), Ricardo Magnus Osório Galvão, rebateu as críticas feitas pelo presidente Jair Bolsonaro, que acusou o órgão de pesquisa de mentir sobre **dados de desmatamento** e de estar "agindo a serviço de uma ONG". Disse também que não deixará o cargo.

"Fazer uma acusação em público esperando que a pessoa se demita. Eu não vou me demitir", afirmou Galvão.

As acusações de Bolsonaro foram feitas na sexta-feira (19), **durante café da manhã com jornalistas estrangeiros**. Neste sábado, Galvão se defendeu em entrevista ao site do jornal "O Estado de S.Paulo". Procurado pela TV Vanguarda, afiliada da Globo, ele reafirmou as críticas. Veja a seguir um resumo do que disseram Bolsonaro, na sexta, e Galvão à TV Vanguarda, neste sábado.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Acusações de Bolsonaro

- "A questão do Inpe, eu tenho a convicção que os dados são mentirosos, e nós vamos chamar aqui o presidente do Inpe para conversar sobre isso, e ponto final nessa questão."
- "Mandei ver quem está à frente do Inpe. Até parece que está a serviço de alguma ONG, o que é muito comum."
- "Se for somado o desmatamento que falam dos últimos 10 anos, a Amazônia já acabou. Eu entendo a necessidade de preservar, mas a psicose ambiental deixou de existir comigo."

Bolsonaro fez referência a dados que o Inpe havia divulgado na quinta-feira (18), sobre o atual estado do desmatamento na Amazônia. Procurado pela TV Globo, o Palácio do Planalto disse que não vai se manifestar sobre o assunto.

Respostas de Galvão

- "Esses dados sobre desmatamento da Amazônia, feitos pelo Inpe, começaram já em meados da década de 70 e a partir de 1988 nós temos a maior série histórica de dados de desmatamento de florestas tropicais respeitada mundialmente."
- "Tenho 71 anos, 48 anos de serviço público e ainda em ativa, não pedi minha aposentadoria. Nunca tive nenhum relacionamento com nenhuma ONG, nunca fui pago por fora, nunca recebi nada mais do que além do meu salário com o servidor público."
- "Ao fazer acusações sobre os dados do Inpe, na verdade ele faz em duas partes. Na primeira, ele me acusa de estar a serviço de uma ONG internacional. Ele já disse que os dados do Inpe não estavam corretos segundo a avaliação dele, como se ele tivesse qualidade ou qualificação de fazer análise de dados."

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



'Piada de um garoto de 14 anos'

Galvão disse ainda que respeita o presidente Bolsonaro como um representante eleito, mas criticou seu comportamento. "Sou republicano e [acredito] que ele tem várias propostas que vão em benefício do país, mas ele tem tido realmente comportamento que não respeita a dignidade e liturgia da Presidência."

"Principalmente quando ele tem essas entrevistas com a imprensa ou mesmo em outras manifestações, ele tem um comportamento como se estivesse em botequim. [...] Ou seja, ele fez acusações indevidas a pessoas do mais alto nível

da ciência brasileira, não estou dizendo só eu, mas muitas outras pessoas", afirmou Galvão. "Isso é uma piada de um garoto de 14 anos que não cabe a um presidente da República fazer."

O Inpe disse em nota que sua política de transparência permite o acesso completo aos dados e acrescentou que a metodologia do instituto é reconhecida internacionalmente. "O Inpe teve um papel fundamental na utilização de satélites para imagem de sensoriamento remoto. O Brasil foi o terceiro país no mundo a usar imagens do satélite landsat, método desenvolvido pelo Inpe. Todos os nossos métodos são desenvolvidos pelo Inpe".

O pesquisador também defendeu seu histórico como cientista e as escolhas feitas pelo Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações para cargos de pesquisa, como o que ocupa na diretoria do Inpe. "O presidente Bolsonaro tem que entender que eu sou um senhor de 71 anos, professor titular da Universidade de São Paulo, membro da Academia Brasileira de Ciências, fui presidente da Sociedade Brasileira de Física durante três anos, membro do Conselho Científico da Sociedade Europeia de Física durante três anos".

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



"Todos os diretores dessas unidades de pesquisa não são escolhidos por indicação política ou porque o pai deles quis dar um filé mignon pra eles. Eles são escolhidos por uma comitê de busca nomeado pelo governo, por cinco especialistas de renome nacional, tanto na área científica quanto na área tecnológica", reiterou.

Galvão também disse que é preciso defender quem "trabalha bem para o governo", e citou o ministro de Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes. "Ele sempre manifestou que as questões do desmatamento e das mudanças climáticas são questões científicas e não políticas. E têm que ser tratadas

cientificamente, e ele sempre mostrou grande respeito pelo Inpe", afirmou.

"No entanto, o ministro Ricardo Salles vem atacando, **desde o começo do ano, os dados do Inpe**. Realmente não sei com que intenções. Algumas pessoas dizem que ele tem intenção de **transferir esse trabalho feito pelo Inpe para empresas privadas**. Não sei se é verdade, porque ele aparentemente desmentiu."

O diretor do Inpe afirmou que, antes da polêmica com o presidente, havia enviado um ofício ao ministro Marcos Pontes, propondo que fossem abertos canais de comunicação para esclarecer sobre esses dados e criar ferramentas para que o governo pudesse usar essas informações de forma mais clara e transparente.





Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Ricardo Magnus Osório Galvão — Foto: TV Vanguarda/Reprodução

INPE JAIR BOLSONARO



Sugerida para você

Queda de ponte entre Maranhão e Tocantins deixa dois mortos e oito desaparecidos

Veja também



G1 TO

Vereador mostrava situação da ponte e flagrou momento da queda

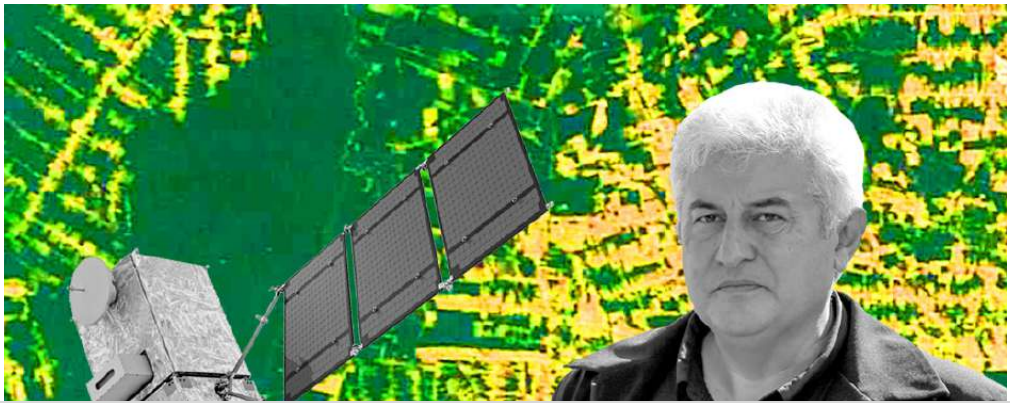
Vereador mostrava situação da ponte e flagrou momento da queda

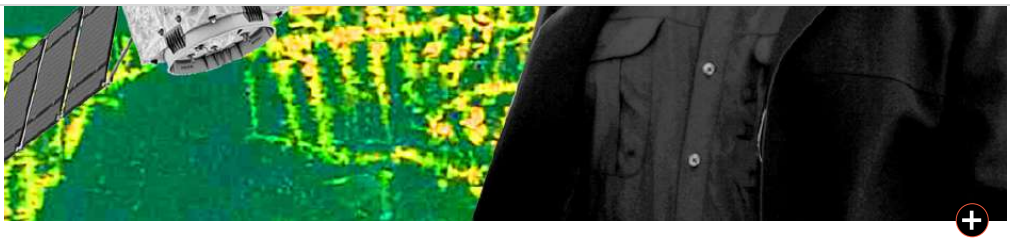
22 de dez de 2024 às 17:33

Próximo >

ANEXO JJ — REPORTAGEM SOBRE O DISTANCIAMENTO DO MINISTRO MARCOS PONTES DA COMUNIDADE CIENTÍFICA, PUBLICADA PELA REVISTA PIAUÍ*

Não perca os últimos dias para assinar.





questões de política e ciência

UM ASTRONAUTA MAIS LONGE DA CIÊNCIA

Ministro endossa discurso bolsonarista e recebe críticas da comunidade científica; para pesquisador, "não dá pra revogar a lei da gravidade"

Bernardo Esteves | 06 ago 2019_15h19

* ESTEVES, Bernardo. Um astronauta mais longe da ciência. Piauí, Brasília, 06 ago. 2019. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/um-astronauta-mais-longe-da-ciencia/. Acesso em: 12 out. 2023.

Uma ausência marcou a coletiva realizada no Palácio do Planalto na última quinta-feira, 1º de agosto, para anunciar o futuro do monitoramento do desmatamento da Amazônia: a do ministro da Ciência, Marcos Pontes. Na ocasião uma novidade foi anunciada pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, ao lado do presidente Jair Bolsonaro, do chanceler Ernesto Araújo e do general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional: Salles afirmou que o governo vai abrir licitação para contratar uma empresa que faça o serviço de monitoramento diário da Amazônia em tempo real e com alta resolução.

Quem se encarrega atualmente de monitorar o desmatamento para o governo é o Inpe, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Postos em xeque sem qualquer fundamentação técnica pelo presidente Jair Bolsonaro, os dados do Inpe foram o foco da crise que derrubou, no dia seguinte, o físico Ricardo Galvão, diretor do Inpe. Galvão vinha sendo fritado em fogo alto havia duas semanas, desde que Bolsonaro disse ter a convicção de que os dados são "mentirosos" e que o diretor parecia agir "a serviço de alguma ONG" (o pesquisador rebateu alegando que o presidente "tomou uma atitude pusilânime, covarde", conforme afirmou em entrevista a *O Estado de S. Paulo*).

Havia por parte da comunidade científica a expectativa de que Pontes saísse em defesa de Galvão. Diretores de outros centros de pesquisa vinculados ao Ministério da Ciência chegaram a enviar ao ministro uma carta fazendo esse apelo, conforme noticiou a *Folha de S.Paulo*. Não foi por falta de entendimento de Pontes sobre o funcionamento do sistema de alertas de desmatamento do Inpe. "O ministro não tem nenhuma dúvida com relação à nossa metodologia", disse Galvão em entrevista à **piauí**. No fim, a vontade de Bolsonaro acabou prevalecendo. "Certas coisas eu não peço, eu mando", afirmou o presidente no fim de semana, referindo-se à exoneração do diretor do Inpe.



Os dados questionados pelo presidente são gerados pelo Deter, um sistema de alertas de desmatamento criado pelo Inpe (o instituto tem também outro sistema, o Prodes, responsável pelo cálculo da taxa anual de desmatamento com imagens de maior resolução). Enviados às autoridades ambientais para que possam organizar operações de fiscalização, os alertas tiveram papel determinante na redução de 84% no desmatamento alcançada entre 2004 e 2012.

Disponíveis numa plataforma de acesso livre na internet, os dados do Deter apontaram uma tendência significativa de alta nos últimos três meses – o aumento acumulado da área derrubada desde agosto de 2018 em comparação com o período anterior é de quase 50%. A alta no desmatamento e as críticas do presidente ao Inpe chamaram a atenção da imprensa internacional e foram tema de reportagens de destaque em veículos como *The New York Times*, *The Guardian*, *The Economist* e *Scientific American*, dentre outros.

Pouco se sabe por enquanto sobre o novo sistema de monitoramento a ser contratado pelo governo. "Vamos melhorar sistema de satélite e a análise dos dados, [e a forma] como eles são apresentados para o Ibama", disse Marcos Pontes num vídeo publicado nas redes sociais. "Os questionamentos [aos dados do Deter] foram positivos para o sistema como um todo", disse ainda o ministro. "De um limão acabamos fazendo uma limonada muito boa."

Resta ver que papel o Ministério da Ciência terá nas especificações do novo sistema de monitoramento da Amazônia, e em que medida os dados do Inpe continuarão a ser aproveitados. Em nota enviada à **piauí,** o MCTIC afirmou que tem "total confiança" nos dados e que o novo sistema funcionará de forma complementar aos que já estão em operação. "O sistema será aperfeiçoado para melhor atender ao seu principal cliente, o Ibama, que dele depende para realizar ações de controle do desmatamento", diz a nota. "O Ministério do Meio Ambiente também se comprometeu a colaborar com recursos para o Inpe, para a formação de quadros permanentes no trabalho de análise dos dados do desmatamento."

Assine nossa newsletter

e-mail

Toda sexta-feira enviaremos uma seleção de conteúdos em destaque na **piauí**

Na reunião em que exonerou o diretor do Inpe por ordem de Bolsonaro, Marcos Pontes disse-lhe que não haveria qualquer cerceamento à ação do instituto por parte do governo. Galvão acredita que o Inpe deve continuar a fazer o cálculo da taxa anual de desmatamento, com o sistema Prodes, mas pareceu menos seguro quanto ao futuro do Deter. "O instituto tem recursos para continuar com os alertas este ano, mas pode ser que para o ano que vem não sejam colocados recursos orçamentários com essa finalidade."

A decisão do governo de entregar à iniciativa privada o monitoramento que hoje é incumbência do Inpe suscitou críticas entre os cientistas. "Por que contratar de maneira estranha uma empresa para fazer o monitoramento de uma área estratégica para o país?", questionou o físico Ildeu Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC. "É arriscado abrir mão do conhecimento da Amazônia, com as riquezas e o potencial que ela tem." Se o caso é melhorar a precisão dos dados, continuou, o governo deveria injetar mais recursos no Inpe.

O ambientalista Carlos Rittl, secretário-executivo do Observatório do Clima, classificou as acusações ao Inpe de uma "cruzada contra os fatos" por parte do governo. "Nos próximos meses, Bolsonaro e seu ministro do [*Meio*] Ambiente descobrirão, do pior jeito, que não adianta matar o mensageiro, nem aparelhar o Inpe: a única maneira de evitar más notícias sobre o desmatamento é combatê-lo", ele afirmou em nota.

Aos 71 anos, Ricardo Galvão deve se reintegrar esta semana ao Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), de onde é professor titular e do qual se afastou para assumir a direção do Inpe. Para definir seu sucessor, Marcos Pontes deve nomear os integrantes de um comitê responsável por elaborar uma lista com três nomes, entre os quais o ministro escolherá o novo diretor – o processo todo pode levar alguns meses. Enquanto isso, será nomeado como interino Darcton Policarpo Damião, coronel da reserva da Aeronáutica. Segundo Pontes, seu nome foi escolhido pela capacidade de gestão e pelos conhecimentos sobre o Inpe, onde Damião fez mestrado, e sobre o desmatamento (ele é doutor em Desenvolvimento Sustentável).

Galvão caiu defendendo a instituição que dirigia. "Esse episódio não afetou somente o Inpe, foi um ataque a toda a ciência brasileira", afirmou. "Não se ataca a ciência brasileira impunemente." O pesquisador manteve o tom firme da crítica ao presidente ao evocar as acusações de que foi alvo. "Não sei se ele teve consciência da gravidade do que falou ao me acusar de estar traindo meu próprio país", disse o físico, que não manifestou arrependimento por suas declarações. Se havia dúvidas sobre os dados de desmatamento, continuou, a administração pública tem mecanismos para investigá-los. "Ao dizer que os dados eram mentirosos, ele estava na verdade acusando de falsidade ideológica os cientistas do Inpe que os produziram."

A comunidade científica saiu em defesa de Galvão após sua exoneração. Ildeu Moreira, da SBPC, se disse preocupado com o desdobramento dos questionamentos ao Inpe. Lembrou que, antes disso, houve tentativas de desqualificação de informações geradas por outros dois órgãos vinculados ao governo federal, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Esse é um movimento que desvaloriza o conhecimento científico e sinaliza o incômodo provocado por dados produzidos por instituições que são do Estado brasileiro", afirmou.

O alinhamento de Marcos Pontes com o presidente abalou sua imagem aos olhos dos pesquisadores brasileiros. O ministro vem da área das ciências exatas – é engenheiro aeronáutico formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), sediado em São José dos Campos como o Inpe –, e mantinha abertos canais de discussão com a comunidade científica em torno de interesses comuns, como o aumento dos recursos federais para a área.

"Não dá para revogar a lei da gravidade, e o ministro sabe bem disso", afirmou Marcos Buckeridge, biólogo da USP e ex-presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. "Negar que a floresta esteja sendo derrubada e conseguir dados que sustentem aquilo que você quer dizer terá alto custo para a agricultura brasileira, pois a estabilidade da Amazônia é o que mantém o clima."

Para a bióloga Mercedes Bustamante, da Universidade de Brasília, a atitude representou um ataque inesperado a um pilar do método científico. "O ministro pode não concordar com os dados, mas deveria ter defendido os protocolos de questionamento da ciência", disse Bustamante, que integra a coordenação da Coalizão Ciência e Sociedade, um grupo de 65 pesquisadores de todo o país.

Na nota enviada à **piauí** pelo MCTIC, o ministro Marcos Pontes afirmou que "a contestação de resultados, assim como a análise e discussão de hipóteses, são elementos normais e saudáveis do desenvolvimento da ciência, suas teorias e metodologias".



Bernardo Esteves

Repórter da **piauí**, é apresentador do podcast *A Terra é Redonda (Mesmo)* e autor dos livros *Admirável novo mundo: uma história da ocupação humana nas Américas* (Companhia das Letras) e *Domingo É Dia de Ciência* (Azougue Editorial)

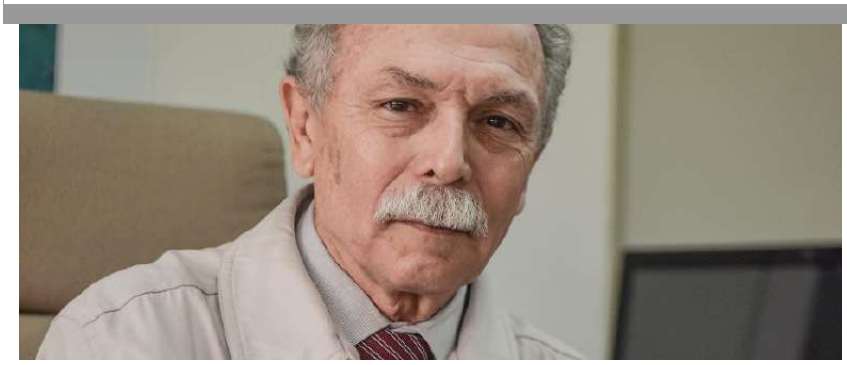
COMPRE SUA PIAUÍ
NO SITE DA
LIVRARIA DA TRAVESSA

© REVISTA piauí 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
Desenvolvido por OKN Group

ANEXO KK — ENTREVISTA COM O CIENTISTA RICARDO GALVÃO, EM QUE ELE CRITICA O GOVERNO BOLSONARO, PUBLICADA PELO PORTAL UOL*

GOVERNO BOLSONARO

Ex-chefe do Inpe: Ciência tem ministro débil, e Ambiente, um negacionista





Ricardo Galvão, ex-diretor do Inpe, se diz decepcionado com Marcos Pontes e critica Ricardo Salles
Imagem: Lucas Lacaz/Estadão Conteúdo

Wellington Ramalhoso
Do UOL, em São Paulo
06/11/2019 04h03
Errata: este conteúdo foi atualizado

RESUMO DA NOTÍCIA

- Ricardo Galvão deixou o Inpe após atrito público com o governo
- Bolsonaro e Salles questionaram dados sobre evolução das queimadas
- Ex-diretor avalia que críticas ao instituto foram um ataque à ciência
- Galvão vê sucateamento do Ibama e risco para atividades do Inpe

Três meses depois de ser exonerado da direção do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o engenheiro e doutor em física Ricardo Galvão, 71, continua recebendo homenagens por sua defesa da equipe de cientistas da instituição frente a ataques do presidente Jair Bolsonaro (PSL) e do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles.

* RAMALHOSO, Wellington. Ex-chefe do Inpe: Ciência tem ministro débil, e Ambiente, um negacionista. UOL, São Paulo, 06 nov. 2019. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/06/amazonia-inpe-galvao-ministro-salles-bolsonaro-ciencia-educacao-ambiente.htm. Acesso em: 12 out. 2023.

Enquanto o Inpe apontava a aumento do desmatamento e das queimadas na Amazônia, Bolsonaro e Salles contestavam os dados e criticavam o comando do instituto. O presidente chegou a dizer que Galvão poderia estar "a serviço de alguma ONG".

CONTINUA APÓS PUBLICIDADE

O ex-diretor recebeu o apoio de cientistas brasileiros e do exterior e vem sendo chamado para participar de debates sobre a Amazônia e o meio ambiente. Ontem, foi agraciado com o título de cidadão paulistano por uma iniciativa do vereador Xexéu Tripoli (PV).

RELACIONADAS

Bolsonaro diz que 'potencializou' queimadas por nova política para Amazônia

Novo determina suspensão temporária da filiação de Ricardo Salles

Inpe estima rota do óleo vazado, que poderá chegar ao Rio

Fora do Inpe, onde foi o diretor por três anos, ele voltou a trabalhar no Instituto de Física da USP (Universidade de São Paulo). Com sua experiência, ele afirma que ciência e educação não são prioridades do governo Bolsonaro. E também diz que Salles é um ministro "contra o meio ambiente".

Para ele, as críticas ao Inpe foram um "ataque à ciência brasileira, demonstrando uma soberba autoritária fortíssima do governo". "Infelizmente, uma soberba embasada na ignorância profunda", comenta.

Confira abaixo trechos de sua entrevista.

UOL - O sr. se decepcionou com o presidente Bolsonaro?

Ricardo Galvão - Não me decepcionei porque já achava que ia ser um mau governo pelos pronunciamentos dele no passado. Fiquei surpreso com o grau tosco que esse governo alcançou. Estou tirando essa questão de ideologia política completamente da discussão. É uma questão de falta total de civilidade republicana.

O sr. tem doutorado em física pelo MIT (Massachusetts Institute of Tecnology, nos EUA), foi indicado por seus pares para dirigir o Inpe e teve sua reputação atacada pelo presidente Bolsonaro. O sr. ainda pretende tomar alguma medida contra os ataques que sofreu?

Alguns colegas advogados da USP perguntaram se eu não queria fazer uma representação contra o presidente. Mas eu percebi que era muito maior, era um ataque à ciência brasileira, demonstrando uma soberba autoritária fortíssima do governo. Infelizmente, uma soberba embasada na ignorância profunda. Por isso que na minha resposta eu o desafiei a me chamar a Brasília e me acusar olho no olho, o que naturalmente ele não aceitou porque viu que tinha cometido um erro.

Círculo próximo a Bolsonaro nega a ciência, argumenta o professor Ricardo Galvão
Imagem: Reprodução/Twitter

Como o sr. avalia a gestão do governo na ciência?

Muito mal. O governo é meio desigual. Existem pessoas no governo que têm um apreço pela ciência, mas infelizmente existe um círculo em torno do presidente Bolsonaro que é muito negacionaista em relação à ciência.

As próprias declarações do chanceler Ernesto Araújo nos envergonha completamente [por} falar contra o aquecimento global usando argumentos ridículos.

> *O próprio presidente Bolsonaro, ao usar como guru esse senhor Olavo de Carvalho, que é a negação total da ciência, é muito preocupante. Ele e seus filhos.*

Com o ministro Marcos Pontes, a ciência está protegida ou desprotegida?

É difícil dizer. Ele conseguiu recuperar parte dos recursos [do ministério], ele atuou nessa direção. Então, no diálogo dele com os cientistas, tem sido bom, tem mantido um canal aberto.

> *Mas a minha opinião é que ele é muito débil quando trata com o governo. Ele devia ter um enfrentamento muito mais forte, muito mais assertivo com o governo na questão da ciência e tecnologia*

.

Ciência e educação, na sua visão, têm sido prioridades do governo?

Não, não têm sido. É só da boca para fora. Não têm sido sido prioridade de jeito nenhum. A educação, inclusive, nós vemos pelos ministros indicados. Melhor nem comentar. Uma coisa terrível o que tem sido feito.

O ministro Ricardo Salles é qualificado para o cargo?

Absolutamente, não. Não tem qualificação nenhuma, não entende. O ministro Ricardo Salles não só não é qualificado para o cargo como ele tem essa atitude negacionista. Temos o exemplo agora das manchas de óleo. É claro que a mancha de óleo não saiu por causa do governo Bolsonaro, mas ele demorou 41 dias para acionar o sistema de emergência. Eles são ineptos.

Por que demorar 41 dias e começar a atacar a Venezuela? Isso é uma infantilidade. Não tomaram as ações. Não tomaram a tempo as medidas que deveriam ter tomado.



Ministro da Defesa destoa de Bolsonaro e diz não saber se "pior está por vir"
UOL Notícias

O que levou ao aumento do desmatamento na Amazônia neste ano?

Atribuo ao discurso do presidente Bolsonaro e de seu grupo próximo quando ele começou a questionar os fiscais do Ibama. O Ibama foi todo desestruturado mesmo. Embora o ministro Ricardo Salles fale que não, mas foi. Muitos especialistas muito importantes que atuavam no Ibama foram demitidos, muitos deles formados no próprio Inpe.

Várias chefias regionais do Ibama foram retiradas e não foram trocadas. Além daquele discurso muito intenso do ministro Ricardo Salles de que o desenvolvimento econômico se contrapõe à preservação da Amazônia.

> *“ Ele não é ministro do Meio Ambiente. Parece ministro contra o meio ambiente.*

Ele falou claramente, depois da entrevista na GloboNews (...), o que todos sabíamos, que o presidente Bolsonaro foi eleito com 100% de apoio dos desmatadores da Amazônia. E também dos mineradores.

É um absurdo esse negócio de atrair mineração para terras indígenas, um completo absurdo. Não entendo da onde vem esse grande apoio que o governo dá para a mineração, principalmente na Amazônia e terras indígenas.

O sistema de monitoramento do Inpe é eficiente?

Absolutamente [eficiente]. O primeiro sistema, o Prodes, tem uma margem de acerto de 95%, uma das melhores do mundo. A Nasa já publicou resultados mostrando que os dados do Inpe estavam completamente corretos.

Essa queda do desmatamento de 2004 a 2012 *[trabalho feito com base nos dados do Inpe]* foi considerada pela revista "Nature" a maior história de sucesso de controle ambiental na última década. Então, o presidente estava atacando uma instituição que é elogiada internacionalmente.

Ricardo Salles parece um ministro contra o meio ambiente, afirma o ex-diretor do Inpe
Imagem: Lucas Seixas/UOL

Com a sua saída, a confiabilidade dos dados do Inpe corre algum risco?

Eu creio que não. Por dois motivos. O diretor que assumiu é interino, mas é uma pessoa que tem experiência na área. Em uma conversa comigo, ele disse que não ia permitir o cerceamento dos dados do Inpe e realmente tenho acessado as páginas, os dados continuam saindo. Não vejo problema com

relação a isso.

A outra razão é o controle externo. Chamou tanto a atenção esse evento [os questionamentos do governo brasileiro] que a Nasa, que sempre colaborou com o Inpe, e a Universidade de Maryland (EUA), que monitora a Amazônia usando outro sistema, continuam soltando dados. Tapar o sol com a peneira seria de uma infantilidade muito grande.

> *“ Se o Inpe mentisse alguma coisa a respeito de desmatamento da Amazônia, seria imediatamente contraposto.*

Com a chegada do diretor interino do Inpe, Darcton Policarpo Damião, veio à tona um plano de restruturação do instituto. Haveria a proposta de fundir o setor que monitora o desmatamento no Brasil com o de previsão do tempo. Essa restruturação é necessária?

Ele tem todo o direito de tomar as ações que julga necessário. As questões de restruturação do Inpe já vêm sendo discutidas há algum tempo. Questões de restruturação são normais nas unidades de pesquisa. Não vejo como problema se discutir isso.

Um das principais preocupações quando o sr. assumiu era com a redução do número de servidores do Inpe. Como isto se deu na sua gestão? Como ficou quando o sr. saiu?

Isso vem ocorrendo já há mais de dez anos. O Inpe há dez, 12 anos tinha cerca 1.300 servidores. Quando saí, tinha da ordem de 780, [sendo que] 250 já com o abono permanência, quer dizer, eles recebem mais para não se aposentar. Mas, se quiserem aposentar amanhã, podem fazê-lo.

Os outros governos têm atuado e aí devo, nesse caso, não criticar o ministro Marcos Pontes. Sou testemunha de que ele tem atuado fortemente para recuperar os cargos do Inpe, para abrir concursos para o Inpe. Ali a oposição está no ministro [Paulo] Guedes [da Economia], que quer fazer primeiro essa reforma administrativa antes de contratar gente, mas a situação está extremamente preocupante. Pode chegar a casos de que vários serviços do Inpe tenham que parar.

Em quando tempo?

Agora. Se esses 250 se aposentarem, agora pararia.

Que tipo de serviço?

Por exemplo, projeto de satélites, a previsão do tempo e estudos climáticos. E os servidores administrativos.

O ministro Guedes outro dia falou que nos próximos três anos 40% dos servidores públicos vão se aposentar e [o governo] não vai contratar mais e vai digitalizar. Isso é um absurdo total de quem não conhece o serviço público. O serviço público pode ser melhorado.

> *“ Eu concordo com o governo que tem que ser estruturado, mas não dessa forma genérica e irresponsável como estão fazendo. Eles têm que olhar caso a caso.*

ANEXO LL — NOTÍCIA SOBRE A ESCOLHA DE RICARDO GALVÃO COMO UM DOS 10 CIENTISTAS DO ANO DE 2019, PELA REVISTA NATURE, PUBLICADA PELO CORREIO BRAZILIENSE*

CIÊNCIA E SAÚDE

Exonerado por Bolsonaro, Ricardo Galvão está entre os 10 cientistas do ano

Deposto pelo presidente ainda em agosto, ex-diretor do Inpe é escolhido por uma das principais revistas especializadas do mundo, a 'Nature', como uma das pessoas que mais contribuíram para a ciência em 2019

PO Paloma Oliveto

postado em 14/12/2019 07:00

[FOTO1]Exonerado por Jair Bolsonaro por ter respondido às acusações do presidente de ;estar a serviço de alguma ONG; depois de divulgar dados sobre aumento do **desmatamento na Amazônia** em agosto, o cientista **Ricardo Galvão**, 71 anos, ex-diretor do Inpe, foi escolhido pela revista britânica *Nature* como uma das 10 pessoas que mais contribuíram para a **ciência** em 2019. Todos os anos, a publicação divulga os nomes, que serão revelados na terça-feira. Galvão, porém, admitiu em entrevistas nesta sexta-feira (13/12) que está na lista de destaque mundial.

O atual professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF-USP), para onde retornou após sair do Instituto Nacional de

Assine a nossa newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

Digite seu email...

INSCREVA-SE

* OLIVETO, Paloma. Exonerado por Bolsonaro, Ricardo Galvão está entre os 10 cientistas do ano. Correio Braziliense, 14 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2019/12/14/interna_ciencia_saude,814003/exonerado-por-bolsonaro-ricardo-galvao-esta-entre-os-10-cientistas-do.shtml. Acesso em: 12 out. 2023.

Pesquisa Espacial (Inpe), chamou Bolsonaro de ;pusilânime e covarde;. Nesta sexta-feira (13/12), ele afirmou à imprensa que ficou surpreso com a homenagem e destacou que a revista reconheceu o posicionamento do físico ;de defesa da ciência perante a comunidade internacional em um momento de obscurantismo;.

Para o cientista e ambientalista Carlos Rittl, secretário executivo do Observatório do Clima, a inclusão de Galvão na lista da Nature foi uma homenagem justa. ;Ele sacrificou o cargo em nome da ciência. O Inpe é uma das instituições científicas mais respeitadas do mundo. A postura do Galvão de não aceitar as ofensas (de Bolsonaro) foi extremamente relevante;, avalia.

O pesquisador estava no Inpe desde a década de 1970 e, em 2016, foi convidado a assumir a direção do instituto, onde ficaria até o ano que vem. Doutor em física de plasmas aplicadas pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e livre-docente de física experimental da USP desde 1983, Galvão retornou à universidade e passou a fazer palestras pelo mundo. Ao retornar à USP, em agosto, fez uma dura crítica às tentativas políticas de calar a ciência.

;Quando tomei a decisão de responder de forma contundente, claro que sabia que seria exonerado. Por outro lado, o retorno que tive da sociedade e do meio acadêmico não só do Brasil como do exterior, me ajudou a passar por esse período difícil de transição. De certa forma, posso dizer que digeri (a exoneração) e retornei à USP, onde estou refazendo minha vida como pesquisador. Difícil de digerir é o fato de que eu tinha mais um ano de mandato e muitos planos do que fazer;, afirmou, na época. ;Sempre que a ciência for atacada, temos de nos levantar. As autoridades sempre se incomodam quando escutam o que não querem. Mas será que esse seria um momento de volta às trevas? Não. Porque a comunidade acadêmica e científica e o povo brasileiro não se calarão;, sentenciou.

COP25

A notícia de que o ex-diretor do Inpe Ricardo Galvão está na lista dos 10 nomes mais importantes da ciência chega em um momento em que líderes mundiais, incluindo Jair Bolsonaro, são acusados de fazerem pouco pela redução das emissões de gases de efeito estufa e de colocarem em risco o Acordo de Paris, documento elaborado há quatro anos com objetivo de frear o aquecimento global.

A 25; Conferência do Clima (COP25), realizada em Madri, que deveria ter sido encerrada nesta sexta-feira (13/12), se arrastará por mais um ou dois dias devido à falta de acordo entre as delegações. Segundo observadores que acompanham as negociações, a quantidade de colchetes em aberto ; partes do documento final da conferência que precisam ser definidas por consenso ; era, nesta sexta-feira (13/12), a mesma de terça-feira, quando os chefes de Estado entregaram para seus ministros de Meio Ambiente o bastão da conferência.

Além de não se comprometerem com os avanços necessários para colocar em prática o Acordo de Paris, não demonstraram interesse em aumentar o nível de ambição das metas apresentadas há quatro anos na capital francesa, e que deveriam passar pela primeira revisão em 2020, na conferência de Glasgow (Reino Unido). Por trás da falta de comprometimento e mesmo do retrocesso em relação às negociações de anos anteriores, especialistas apontam interesses nacionalistas e acordos bilaterais, em detrimento do caráter multilateral do Acordo de Paris. Além de os Estados Unidos terem se retirado do acordo, grandes emissores, incluindo o Brasil, avisaram que não aceitarão ações em curto prazo.

Fóssil Colossal

Sede da primeira conferência climática da ONU, a Rio 92, o Brasil sai da COP25 com a imagem arranhada e, no lugar do protagonismo assumido desde o início das negociações, há 28 anos, leva para casa ;troféus; que reconhecem o retrocesso ambiental do país tanto interna como externamente. Nesta sexta-feira (13/12), pela primeira vez na história das COPs, o país foi ;condecorado; com o Fóssil Colossal, que aponta o desserviço de um país para o meio ambiente em âmbito global.

;O ministro Ricardo Salles (meio ambiente) já chegou com um discurso arrogante, cobrando dinheiro para evitar o aumento do desmatamento;, afirma o cientista e ambientalista Carlos Rittl, secretário executivo do Observatório do Clima. ;O Brasil é o país onde a convenção das Nações Unidas sobre mudanças climáticas nasceu, em 1992. Ao longo da história das COPs, o país teve um papel muito importante em questões como o Protocolo de Kyoto, os Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL) e o próprio Acordo de Paris;, lamenta.

Ao contrário de anos anteriores, quando acadêmicos, cientistas e membros da sociedade civil eram convidados a discutir com a delegação brasileira, na COP25, eles não tiveram acesso aos negociadores do país, critica André Ferretti, gerente de Economia da Biodiversidade da Fundação Grupo Boticário e integrante da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza. ;Nas outras edições, essa era uma troca importante. Todos os dias, a delegação organizava essas reuniões da comunidade brasileira, para dividir problemas e soluções;, recorda.

Ferretti destaca que o presidente do Congresso Nacional, senador Davi Alcolumbre (DEM-AP), prometeu, em Madri, que a Casa não vai permitir retrocessos. ;Ele lembrou que as decisões ambientais não dependem só do Executivo e disse que os parlamentares não vão deixar que tudo que o Brasil alcançou até agora seja perdido.

ANEXO MM — REPORTAGEM “COMO BOLSONARO ATACOU E ATRASOU A VACINAÇÃO NA PANDEMIA”, PUBLICADA PELO NEXO JORNAL*

EXPRESSO

Como Bolsonaro atacou e atrasou a vacinação na pandemia

Isabela Cruz 21 de março de 2021 (atualizado 28/12/2023 às 23h03)

O ‘Nexo’ resgata 20 momentos do governo federal antes e depois do início da imunização. E traz frases do presidente, da propagação de desinformação à mudança de discurso

O **Nexo** depende de você para financiar seu trabalho e seguir produzindo um jornalismo de qualidade, no qual se pode confiar. Conheça nossos planos de assinatura. **Junte-se ao Nexo!** Seu apoio é fundamental.

FOTO: UESLEI MARCELINO – 10.03.2021/REUTERS



O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO FALA À IMPRENSA NO PALÁCIO DA ALVORADA

EXPRESSO **A situação da pobreza menstrual nos presídios brasileiros** Isadora Rupp

ENSAIO **As habilidades para a transformação da educação brasileira** Maripé Menéndez

EXTRA **Ponte entre Maranhão e Tocantins desaba e resulta em morte** Da Redação

EXTRA **Avião particular cai e deixa 10 mortos na Serra Gaúcha** Da Redação

EXTERNO **A jornada de um pajé na Amazônia brasileira** Victor Moriyama

O Brasil aplicou sua primeira vacina contra a covid-19 em 17 de janeiro de 2021. Passados pouco mais de dois meses e meio, 5,5% da população havia recebido uma das duas doses necessárias e apenas 2% estavam totalmente imunizados, segundo dados de domingo (21) levantados pelo consórcio de veículos de imprensa. O ritmo é lento na comparação com países como Israel, Reino Unido e Chile. E as vacinas, por ora, são escassas.

O governo federal tenta ampliar as compras. Há novos contratos para que o Brasil tenha outros imunizantes além dos que já vêm sendo aplicados— a Coronavac, do laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan, ligado ao governo paulista; e a vacina de Oxford, da universidade britânica e do laboratório anglo-sueco AstraZeneca, fabricada no Brasil pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), ligada ao governo federal. Governadores de estados, porém, vêm se articulando para garantir a compra de mais doses paralelamente.

O Brasil é hoje o segundo país com mais mortos pela covid-19 do mundo. Os óbitos diários vêm batendo recordes a cada semana. O sistema de saúde está em colapso . Abaixo, o **Nexo** organiza em 20 pontos como o governo federal agiu em relação às vacinas. Mostra também qual foi a atitude do presidente Jair Bolsonaro em relação aos imunizantes, apontados pela comunidade científica como única solução para acabar com a pandemia e possibilitar a retomada econômica.

* CRUZ, Isabela. Como Bolsonaro atacou e atrasou a vacinação na pandemia. Nexo Jornal, São Paulo, 21 mar. 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/21/Como-Bolsonaro-atacou-e-atrasou -a-vacina%C3%A7%C3%A3o-na-pandemia. Acesso em: 17 fev. 2022.

Bolsonaro e a vacinação

1 EXCLUSÃO INTERNACIONAL

No início de maio de 2020, com o mundo há dois meses em estado de pandemia, a OMS (Organização Mundial da Saúde) lança, em conjunto com governos de aproximadamente 40 países e entidades privadas, o ACT Accelerator — uma plataforma de cooperação internacional para acelerar o desenvolvimento de uma vacina e de remédios contra o novo coronavírus. O projeto também quer facilitar o acesso global a novos remédios e kits de testagem. Brasil, Estados Unidos (então presidido por Donald Trump), Rússia e Índia não se juntam à iniciativa .

2 ACORDO FIOCRUZ-ASTRAZENECA

No final de junho, o governo federal anuncia o primeiro (e único de 2020) acordo com uma empresa farmacêutica para o desenvolvimento de uma vacina contra a covid-19. A parceria é da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), entidade federal, com a anglo-sueca AstraZeneca, que desenvolve uma vacina com a Universidade de Oxford, do Reino Unido. O acordo envolve transferência de tecnologia, para uma futura produção nacional.

> "Se fala muito da vacina da covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país , não, tá ok, pessoal? É de Oxford aí"
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente do Brasil, numa live nas redes sociais em julho de 2020. A vacina 'daquele outro país' é a Coronavac, do laboratório chinês Sinovac, com quem o governo paulista tinha fechado um acordo de parceria nos testes e transferência de tecnologia

3 RECUSA DE COMPRA DA CORONAVAC

Em julho de 2020, o governo federal recusa aquela que seria a primeira de três ofertas de compra de milhões de doses Coronavac feitas pelo Instituto Butantan, ligado ao governo paulista, comandado por João Doria (PSDB), um ex-aliado que virou desafeto do Palácio do Planalto. A vacina estava sendo desenvolvida em parceria com o laboratório chinês Sinovac.

4 COBRANÇA DO TRIBUNAL DE CONTAS

Em meados de agosto de 2020, o Tribunal de Contas da União dá 60 dias para que a Casa Civil do governo federal apresente um plano detalhado de vacinação da população brasileira. O governo não atende ao TCU e alega que a requisição deveria ser feita ao Ministério da Saúde.

5 RECUSA DE COMPRA DA PFIZER

Também em agosto de 2020, o laboratório americano Pfizer faz a primeira proposta de venda de 70 milhões de doses para o Brasil. Depois, outras duas são apresentadas. O CEO da farmacêutica chega a enviar uma carta a

Bolsonaro . Mas o governo recusa as ofertas. A imprensa, alega, entre outros motivos, que as cláusulas do contrato com a Pfizer são abusivas — algo que profissionais acostumados a esse tipo de contrato contestam. Eles também denunciam a inabilidade do governo na negociação.

6 DISCURSO PELA 'LIBERDADE'

Ainda em agosto de 2020, o tema das vacinas começa a aparecer com mais intensidade nas falas de Bolsonaro. O discurso do presidente foca na defesa da liberdade de escolha daqueles que não querem se vacinar . A Secom (Secretaria de Comunicação Social), órgão oficial da Presidência, reitera nas redes sociais: "Impor obrigações definitivamente não está nos planos", diz a mensagem.

> " Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina"
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente do Brasil, as ser questionado por apoiadora sobre a segurança das vacinas, em 31 de agosto de 2020

7 ADESÃO A CONSÓRCIO INTERNACIONAL

Em setembro de 2020, o governo federal edita uma medida provisória para destinar R$ 2,5 bilhões para a entrada do país na Covax Facility , uma das iniciativas lançadas no âmbito da plataforma multilateral ACT Accelerator. Coordenada pela OMS (Organização mundial da Saúde), a Covax é uma iniciativa pela qual diversos países, de forma conjunta, negociam a compra e a distribuição de vacinas contra a covid-19.

8 ANÚNCIO DESAUTORIZADO

Em 20 de outubro de 2020, Eduardo Pazuello anuncia a compra pelo governo federal da vacina Coronavac , da farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o instituto Butantan, ligado ao governo paulista, comandado por João Doria (PSDB). No dia seguinte, Bolsonaro desautoriza o então ministro da Saúde, refere-se à Coronavac como "a vacina chinesa de João Doria" e diz que ela "não será comprada".

> "O povo brasileiro não será cobaia de ninguém. Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem. Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina"
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente do Brasil, em post nas redes sociais em outubro de 2020, num momento em que tanto a Coronavac quanto a vacina de Oxford estavam em testes clínicos

9 TORCIDA CONTRA A CORONAVAC

Em novembro de 2020, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância

Sanitária) suspende por dois dias os testes da Coronavac, até que fosse confirmada a desconexão entre a morte de um voluntário e o imunizante (não havia de fato nenhuma ligação). A notícia é recebida com

preocupação pelo governo de São Paulo. Bolsonaro comemora o episódio como uma vitória pessoal.

> "Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar todos os paulistanos a tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha "
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente do Brasil, em mensagem nas redes sociais em novembro de 2020, usando fatos não comprovados e repetindo o discurso contrário à obrigatoriedade das vacinas

10 COBRANÇA DO SUPREMO

Também em novembro de 2020, atendendo a pedidos de partidos da oposição, o ministro Ricardo Lewandowski, do Supremo, publica voto em que defende que o governo seja obrigado a apresentar em 30 dias o plano de vacinação contra a covid-19.

11 PRESSÃO PAULISTA

No começo de dezembro de 2020, pressionado pela divulgação de um plano de imunização pelo governo de São Paulo, Pazuello anuncia em entrevista ao canal CNN Brasil um acordo de intenção de compra de vacinas da Pfizer/BioNTech . Também afirma que é possível que o uso do imunizante no país comece em dezembro de 2020 ou no mês seguinte. Mas as negociações não andam.

> "Lá no contrato da Pfizer, está bem claro: 'nós [a Pfizer] não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral'. Se você virar um jacaré , é problema seu"
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente do Brasil, em declaração dada num evento na Bahia em dezembro de 2020. A frase virou piada, com pessoas dizendo que queriam, sim, se vacinar e virar jacaré

FOTO: UESLEI MARCELINO/REUTERS – 17.MAR.2021





EM PROTESTO, PROJEÇÃO DE LUZES SOBRE O PRÉDIO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE COBRA O GOVERNO BOLSONARO PELA VACINAÇÃO

12 PLANO IMPRECISO

Também no começo de dezembro de 2020, o governo atende à determinação do ministro Lewandowski e entrega ao tribunal um documento que prevê a disponibilização para grupos prioritários de 108 milhões de doses, incluindo da Coronavac. O plano, porém, não define datas para início e término da campanha. Pazuello promete apenas que as vacinas serão distribuídas aos estados em até cinco dias após a autorização da Anvisa para seu uso. Um grupo formado por 36 cientistas divulga uma nota contestando o fato de aparecerem como signatários do plano e questionando as prioridades do governo.

13 MAIS DESESTÍMULO

Em meados de dezembro de 2020, Bolsonaro declara durante entrevista ao programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes: "Eu não vou tomar vacina e ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu". A declaração, repetida em outros momentos, ignora que a escolha individual pela não vacinação tem impactos na saúde coletiva .

14 MODERAÇÃO TEMPORÁRIA

Também em meados de dezembro de 2020, o governo federal faz evento para lançar o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19. Na cerimônia do lançamento, Bolsonaro faz um discurso conciliador perante os governadores presentes. "Se algum de nós extrapolou, foi no afã de buscar solução", disse, numa alusão aos confrontos com Doria em torno da Coronavac, já incluída no plano nacional de vacinação.

15 DECISÃO DO SUPREMO

Ainda em meados de dezembro de 2020, o Supremo Tribunal Federal declarou que o poder público, apesar de não poder obrigar ninguém a tomar a vacina à força, pode estabelecer restrições de direitos para quem não se vacinar, como a proibição de entrar em determinados lugares ou de receber certos benefícios do governo, por exemplo. O tribunal também definiu que essas medidas podem ser estabelecidas não apenas pelo Ministério da Saúde, mas pelos governos estaduais e pelas prefeituras.

"A pandemia, realmente, está chegando ao fim. Temos uma pequena ascensão agora, que

chama de pequeno repique que pode acontecer, mas a pressa da vacina não se justifica "

Jair Bolsonaro
presidente do Brasil, em declaração em dezembro de 2020 durante uma entrevista que concedeu a um de seus filhos, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP)

"A vacina vai começar no dia D, na hora H , no Brasil"

Eduardo Pazuello
então ministro da Saúde, em declaração dada no início de janeiro de 2021, ao ser cobrado em Manaus sobre os prazos do plano nacional de imunização

16 INÍCIO DA VACINAÇÃO

Em 17 de janeiro de 2021, a Anvisa aprova o uso emergencial das vacinas de Oxford e da Coronavac. No mesmo dia, Doria promove um evento em que a primeira dose de vacina é aplicada no Brasil . Naquele momento, cerca de 50 países já haviam começado antes a imunizar suas populações. No dia seguinte, o Ministério da Saúde inicia a distribuição pelos estados das doses dos imunizantes. Alguns governadores e prefeitos começam a vacinar os grupos prioritários no mesmo dia.

"O Ministério da Saúde tem em mãos, neste instante, as vacinas, tanto do Butantan quanto da AstraZeneca. E nós poderíamos, num ato simbólico, ou numa jogada de marketing, iniciar a primeira dose em uma pessoa. Mas em respeito a todos os governadores, prefeitos e todos os brasileiros, o Ministério da Saúde não fará isso (...). Não permitam movimentos políticos e eleitoreiros se aproveitando da vacinação"

Eduardo Pazuello
então ministro da Saúde, em janeiro de 2021, acusando João Doria de fazer marketing ao promover a aplicação da primeira dose de vacina contra a covid-19 no Brasil e mentindo sobre a disponibilidade de vacinas ao governo federal naquele momento

17 APROVAÇÃO DEFINITIVA

Em fevereiro de 2021, a Anvisa dá autorização definitiva para o uso e comercialização da vacina da Pfizer no Brasil. É a primeira aprovação do gênero (a Coronavac e a vacina de Oxford tinham apenas autorização emergencial, para uso exclusivo do setor público). O Congresso também enquanto a população prioritária estiver sendo vacinada. Quando essa fase acabar, metade apenas continua destinada obrigatoriamente ao setor público.

MENU MAIS RECENTES NEXO ASSINE LOG IN

TEMAS
BRASIL

NEWSLETTER GRATUITA
Nexo | Hoje

CIÊNCIA E SAÚDE

CORONAVÍRUS

POLÍTICA

COMPARTILHE

"Eu não vejo nada demais nisso aí [compra de vacinas por empresas privadas] (...). A gente não vai criar problema no tocante a isso aí, se uma empresa quiser comprar lá fora e vender aqui, quem tiver recursos vai e toma vacina lá, mas nós vamos oferecer de forma universal e não obrigatória"

Jair Bolsonaro
presidente do Brasil, em live nas redes sociais ainda em janeiro de 2021, um mês antes da aprovação da legislação sobre o tema

18 PARALISAÇÃO E PRESSÃO

Em março de 2021, num momento de agravamento da crise sanitária no país, as campanhas de vacinação em algumas cidades, como o Rio de Janeiro, são interrompidas pela falta de doses. Aumenta a pressão do Congresso e de governadores e prefeitos para que o governo federal invista em outras opções de imunizantes além dos dois disponíveis no país. Estados negociam a compra de doses independentemente do governo federal. No Nordeste, governadores negociam a compra da Sputnik V, da Rússia, ainda não aprovada pela Anvisa.

"Tem idiota nas redes sociais, na imprensa, 'vai comprar vacina'. Só se for na casa da tua mãe! Não tem para vender no mundo!"

Jair Bolsonaro
presidente do Brasil, ao responder em março de 2021 a apoiadores que o acompanhavam em um vento na cidade mineira de Uberlândia

19 DISCURSO PRÓ-VACINA

Ainda em março de 2021, logo após um discurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em que o petista defendeu a vacinação e criticou o governo federal, o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho do presidente, defende a vacinação em suas redes sociais. " Nossa arma é a vacina ", escreve. O próprio presidente também dá destaque no dia ao discurso pró-vacina.

"Vacinamos 100% dos idosos acima de 85 anos, entre eles a minha mãe . Até o final do ano, teremos mais de 400 milhões de doses disponíveis aos brasileiros"

Jair Bolsonaro
presidente do Brasil, em evento no Palácio do Planalto em março, em que além de defender a vacinação também usou máscara, algo raro

20 NOVOS CONTRATOS

Enviada a noite de segunda a sexta-feira com os fatos mais importantes do dia

Seu e-mail

Este site é protegido por reCAPTCHA e a Política de Privacidade e os Termos de Serviço Google se aplicam.

GRÁFICOS

nos eixos

O melhor em dados e gráficos selecionados por nosso time de infografia para você

Seu e-mail

Este site é protegido por reCAPTCHA e a Política de Privacidade e os Termos de Serviço Google se aplicam.

Em 18 de março de 2021, o governo concluiu a assinatura dos contratos com a Pfizer e com a farmacêutica belga Janssen para a compra de 138 milhões de doses de vacinas. O contrato com a Pfizer prevê a entrega de 13,51 milhões de doses no segundo trimestre e de mais 86,48 milhões de doses no terceiro trimestre. O contrato com a Janssen (nesse caso, a vacina é de dose única) prevê 16,9 milhões de doses no terceiro trimestre e 21,1 milhões de doses no último trimestre de 2021.

VEJA TAMBÉM

EXPRESSO **A cronologia da crise em Manaus que pôs Pazuello na berlinda**

The Trust Project SAIBA MAIS

DESTAQUES



PODCAST

O general que virou político e se afundou na trama do golpe

Da Redação



EXPRESSO

Dólar nas alturas: é hora de se acostumar com esse câmbio?

Marcelo Montanini

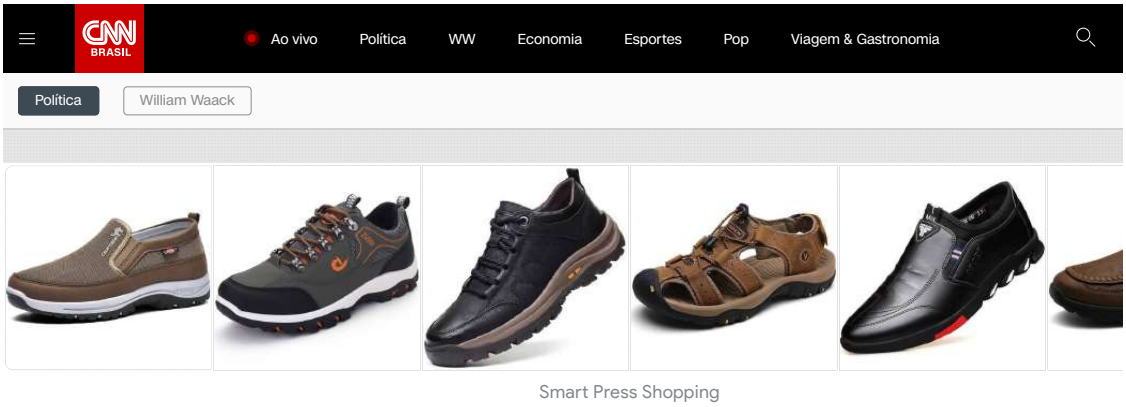


ENTREVISTA

'Congresso apoia agenda fiscal apenas até a página dois'

Isadora Rupp

ANEXO NN — NOTÍCIA SOBRE ATAQUES DE BOLSONARO À VACINA CONTRA COVID-19, PUBLICADA PELA CNN*



Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids

Afirmação foi feita pelo presidente durante a transmissão de uma live em suas redes sociais, no dia 21 de outubro

Thais Arbex, da CNN

03/12/2021 às 19:13 | Atualizado 03/12/2021 às 20:22



ouvir notícia

0:00 1.0x

O presidente Jair Bolsonaro (PL) virou alvo de um inquérito no Supremo Tribunal Federal (STF), nesta sexta-feira (3), por fazer uma associação à vacina contra Covid-19 com o risco de contrair o vírus HIV e desenvolver Aids. A afirmação foi feita pelo presidente durante a transmissão de uma live em suas redes sociais, no dia 21 de outubro. O YouTube, Facebook e Instagram

* ARBEX, Thais. Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids. CNN Brasil, Brasília, 03 dez. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito -no-stf-por-ligar-vacina-contra-covid-a-aids/. Acesso em: 17 fev. 2022.

excluíram o vídeo de suas plataformas.

PUBLICIDADE



A determinação da abertura do inquérito é do ministro Alexandre de Moraes e segue pedido realizado pela CPI da Pandemia.

Leia Mais



Facebook e Instagram excluem live em que Bolsonaro relaciona vacina



CPI manda informações de fake news de Bolsonaro sobre vacinas e Aids ao STF



Vacinas da Covid-19 não têm relação com HIV e Aids; entenda

"Trata-se de manifestação do Presidente da CPI da Pandemia no Senado Federal, por meio da qual requer a instauração de inquérito policial para apuração dos crimes apontados no relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito e a aplicação de medidas cautelares de natureza penal em relação ao Presidente da República Jair Bolsonaro", destaca o documento.

Em sua decisão, o ministro Alexandre de Moares destaca que "não há dúvidas de que as condutas noticiadas do Presidente da República, no sentido de propagação de notícias fraudulentas acerca da vacinação contra a Covid-19, utilizam-se do *modus operadi* do esquema de disseminação de massa nas redes sociais".

Em sua live semanal, realizada no dia 21 de outubro, o presidente Jair Bolsonaro reproduziu trechos de uma notícia falsa que circulava na internet, associando a vacina contra a Covid-19 com o desenvolvimento de Aids.

"Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados – quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, né, 15 dias depois, 15 dias após a segunda dose, totalmente vacinados – estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto, recomendo ler a matéria", disse Bolsonaro.

Especialistas consultados pela **CNN** reforçam que a afirmação é falsa e que não existem evidências científicas na relação entre vacinas e a Aids.

Procurada pela **CNN**, a PGR afirmou que "o MPF como titular da ação penal e fiscal da lei age sempre com base e nos limites da Constituição Federal. Eventual manifestação da PGR será dada nos autos, respeitando o devido processo legal".



Tópicos

Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) | Alexandre de Moraes | CPI da Pandemia | Jair Bolsonaro | STF (Supremo Tribunal Federal)



Oferecido por Braskem
5 anos de trabalho em Maceió

Mais Lidas de Política ■



ANEXO OO — MATÉRIA SOBRE COMO "BOLSONARO SÓ ACREDITA NA 'CIÊNCIA' QUANDO O RESULTADO LHE INTERESSA"*, PUBLICADA PELO PORTAL THE INTERCEPT*

Coronavírus: Bolsonaro só acredita na 'ciência' quando o resultado lhe interessa

Os fanáticos bolsonaristas recorrem a um recorte conveniente e oportunista da ciência. É uma espécie de populismo científico que hoje se mostra letal.



Rosana Pinheiro-Machado
31 de mar de 2020, 00h03

A crise do coronavírus
Parte 50

CONFIRA O ESPECIAL COMPLETO >



* PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Coronavírus: Bolsonaro só acredita na 'ciência' quando o resultado lhe interessa. The Intercept, 31 mar. 2020. Disponível em: https://theintercept.com/2020/03/31/coronavirus-bolsonaro-anti-ciencia/. Acesso em: 15 out. 2023.



Manifestantes pró-governo descumprem a ordem do governador Hélder Barbalho e promovem carreata em Belém no sábado, 28 de março. Polícia foi acionada para impedir a carreata e manifestantes foram conduzidos para a delegacia.
Foto: Filipe Bispo/Fotoarena/Folhapress

EM UMA AULA de antropologia da saúde que ministrei há uns anos, para falar sobre a importância de conhecimento popular na adesão a tratamentos médicos, eu contava um caso de Joyce, uma menina de periferia que não

acreditava na eficácia da pílula. Para ela, era impossível que um remédio tão pequenininho fosse dar conta da quantidade de esperma ou do tamanho do pênis do namorado. Ela acreditava no que seus olhos conseguiam enxergar e a conta não fechava.

Quando ouviu a história, Roberto, um ex-aluno de uma universidade de elite, caiu na gargalhada, chamando Joyce de ignorante. Ele usava uma linguagem humilhante ao se referir aos pobres. Uma década depois, com base nas postagens que ele reproduz no Facebook, é fácil concluir que ele é fascinado por um presidente que acredita que vidro blindado não passa um "resfriadinho", que nada acontece

com pessoas que mergulham no esgoto ou que **não há floresta na Europa** – uma sobrevoada provaria isso.

Em ambos os casos, existe uma relação

com a ciência que é imediata aos olhos. A grande diferença entre Joyce e Roberto é o fato que a primeira logo mudou de opinião depois de rodas de conversas com uma equipe do SUS. Roberto seguiu em carreata, demonstrando que, mesmo com toda a educação formal que teve, continua sendo um ignorante que só acredita no que vê, no que quer ver e, principalmente, nos interesses econômicos de sua família abastada.

As duas histórias são tão estereotipadas que parecem **fanfic**. Mas não são. A própria realidade se tornou caricata nos últimos tempos. Acompanhando Roberto nas redes sociais nestes últimos dias, tenho refletido no que leva pessoas estudadas das melhores escolas a ignorar consensos da ciência para validar sua própria crença. Para além do inegável interesse econômico de muitos, há também uma questão de dogma, de fé e de desejo – como

Intercept_

QUERO APOIAR

Tenho especulado se essa relação dogmática com a auto-verdade não estaria ligada à questão da masculinidade e ao poder patriarcal. Me parece que estamos sendo governados pelos tiozões do churrasco que, enquanto "explicam o mundo", a família toda escuta. Me parece que estamos no mundo em que homens querem impor suas verdades egoicas. Afinal, quando a ciência fala, é justamente essa certa autoridade baseada na tradição que se sente ameaçada.

Baseando-se no método indutivo a partir do próprio umbigo, o que temos assistido é um show daquilo que podemos chamar de ignorância orgulhosa.

[redacted] O que está em jogo é uma disputa por novos discursos, regimes de verdade e fontes de autoridade.

Desde que a crise do coronavírus chegou ao país, o bolsonarismo se

chegou ao país, o bolsonarismo se mostrou no seu estado mais bruto. O bolsonarista raiz tem orgulho de jogar uma opinião como se ela fosse equivalente a fatos científicos. Se o tiozão se gripou e não morreu, então de nada vale dezenas de anos e milhões de dólares investidos no centro de pesquisa epidemiológica do Imperial College London, que se dedica ao estudo das grandes pandemias. A minha verdade é a verdade que eu imponho ao mundo.

No dogma bolsonarista, não faria diferença se Bolsonaro adoecesse pela covid-19 e mesmo que viesse a morrer da doença. Seus seguidores o enalteceriam pela bravura e em nada mudariam de opinião, pois não

estamos falando de ciência, mas de crença. São sistemas de pensamentos distintos. Um é baseado em evidência; outro, na autoridade da fé. Há muitas décadas, a antropologia se esforça para que a ciência converse com outros sistemas de conhecimento. Mas não é o caso aqui. Afinal, a crença fascista não se assume dogmática e se torna eficiente entre os seus justamente porque emula uma relação com a ciência.

Como **venho refletindo** há algum tempo, os fanáticos anti-ciência não se consideram anti-ciência – e entender isso é fundamental. O que está em jogo é uma disputa por novos discursos, regimes de verdade e fontes de autoridade. No mundo todo, a extrema direita flerta com o (parco) conhecimento científico que existe para legitimar as próprias crenças. O grande alerta dessa relação dos fascistas com a ciência foi disparado quando a importante revista científica Third World Quarterly publicou em 2017 um artigo racista que justificava o imperialismo. O artigo havia passado pelo sistema de peer-review, isto é, revisão pelos pares, e mesmo assim foi aprovado. Felizmente, a revista **retirou do ar** a publicação após denúncias.

Assine nossa newsletter gratuita
Conteúdo exclusivo e gratuito. Direto na sua caixa de entrada

Enviar >

Aceito receber e-mails e concordo com a Política de Privacidade e os Termos de Uso.

No domingo, 29 de março, recebi uma notificação de mensagem que criticava os fanáticos que ignoravam evidência científica. Certa de que era uma mensagem de minha própria rede progressista, surpreendi-me ao ver que era de um dos tantos grupos bolsonaristas que acompanho. Os fanáticos, no caso, seriam os esquerdistas que são movidos pela ideologia. Nessa bolha, eles compartilham estudos duvidosos e até mesmo matérias antigas, como foi o caso na reportagem do El País sobre a Itália antes da crise, que obrigou o jornal a emitir uma **nota** dizendo que se tratava de uma matéria antiga. O mesmo ocorreu com o uso descontextualizado de uma fala de Drauzio Varella se referindo à epidemia como uma gripezinha.

Esses exemplos indicam que os fanáticos bolsonaristas não estão ignorando a ciência como fonte de autoridade e recorrendo à ordem divina de Deus para justificar seu entendimento sobre a pandemia. Eles recorrem a um recorte conveniente e oportunista da ciência. É uma espécie de populismo científico vulgar.

Esse populismo científico hoje se mostra letal. E isso não é privilégio dos autoritários tupiniquins. Donald Trump **tem causado constrangimento** entre as principais autoridades em epidemiologia que dão suporte às ações do governo norte-americano. Trump é o próprio ignorante orgulhoso – e agora faz jus a esse título defendendo o uso de hidroxicloroquina e azitromicina no combate ao coronavírus.

[redacted] Não são as caminhonetes em carretada que estão salvando vidas: são as instituições democráticas

Hidroxicloroquina, em particular, é a mesma substância o que a família Bolsonaro está engajada difundir como possível cura do coronavírus – o que pode ter consequências catastróficas sobre a população brasileira que há muito tempo está exposta à automedicação e ao mercado ilegal de remédios e receitas médicas falsificadas. Mas nem Donald Trump nem Boris Johnson ganham de Jair Bolsonaro quando o assunto é

estupidez humana. Nenhum líder do mundo tem sido tão irresponsável, danoso e até genocida do que aquele que ocupa o Palácio do Planalto. Como disse a manchete da revista norte-americana The Atlantic: "**O movimento de negação do coronavírus tem agora um novo líder**".

O antídoto contra o populismo científico é um só: a ciência consolidada. Como apontou Mariana Varella, editora-chefe do Portal Drauzio Varella, ao contrário de muitos tópicos em que há disputas de visões, no caso do coronavírus **há consensos estabelecidos**: 1) isolamento diminui a curva da disseminação e 2) a situação do Brasil será grave.

Quando milhões de vidas estão em risco, não há diálogo com fanáticos. Foram muitas décadas de lutas para que chegássemos a um modelo de democracia que se pretende secular. A tolerância precisa ser zero.

Nessa mesma direção, a tão **comentada saída** da CNN Brasil da comentarista Gabriela Prioli não podia ter sido mais acertada. Não dá

para opiniões embasadas em evidências debaterem com o achismo como se fosse um debate simétrico. Também foi fundamental a atitude do Twitter em deletar os tuítes de Bolsonaro que exibiam imagens de ele dando as mãos para ambulantes do Distrito Federal. Os representantes da rede social declararam que as publicações iam de encontro às orientações oficiais de saúde pública. O limite da liberdade de expressão é justamente quando ela fere o

princípio da honra e da vida. Declarações genocidas precisam ser banidas.

Por outro lado, diante de toda essa tragédia, há de se celebrar que, como bem colocou o cientista político Steven Levitsky, a crise do coronavírus **isolou os líderes autoritários**. A gente pode sofrer com a repercussão e insanidade de Bolsonaro, mas existe um fato inegável: grande parte da população está confinada, e o presidente está sendo desautorizado por políticos e pela população. Sua legitimidade se corrói ainda mais entre setores que ainda estavam em cima do muro – é claro, que não estou falando do bolsonarista-raiz.

Hoje, à frente do país estão as instituições de pesquisa, as autoridades sanitárias, os meios de comunicação e a sociedade civil que se organiza para garantir a sobrevivência

dos mais vulneráveis. Não são as caminhonetes em carretada que estão salvando o Brasil: são as instituições democráticas que, a duras penas, resistem e se engrandecem em momentos de crise.

JÁ ESTÁ ACONTECENDO

Quando o assunto é a ascensão da extrema direita no Brasil, muitos acham que essa é uma preocupação só para anos eleitorais. Mas o projeto de poder bolsonarista nunca dorme.

A grande mídia, o agro, as forças armadas, as megaigrejas e as big techs bilionárias ganharam força nas eleições municipais – e têm uma vantagem enorme para 2026.

Não podemos ficar alheios enquanto somos arrastados

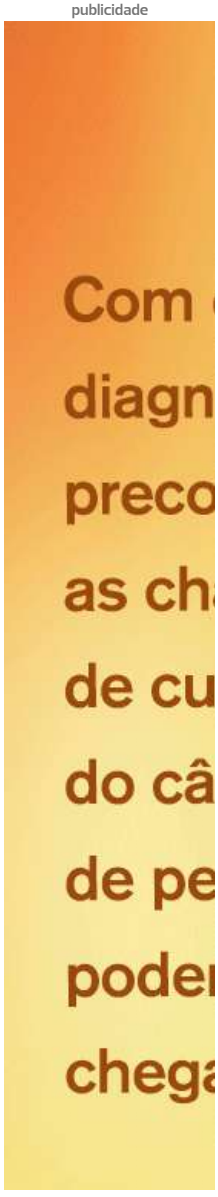
ANEXO PP — MATÉRIA QUE REPRODUZ TWEETS DE BOLSONARO NOS QUAIS ELE AFIRMA QUE TRABALHA “AO LADO DA CIÊNCIA”, PUBLICADA PELO PORTAL PODER 360*

Bolsonaro diz que o governo trabalha “ao lado da ciência”

Fez publicação no Twitter

Citou ações do governo

publicidade

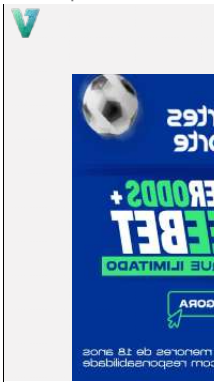


* BOLSONARO diz que o governo trabalha "ao lado da ciência". Poder 360, 10 nov. 2020. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-o-governo-trabalha-ao-lado-da-ciencia/. Acesso em: 15 out. 2023.



O presidente Jair Bolsonaro durante solenidade no Palácio do Planalto

publicidade



PODER360
10.nov.2020 (terça-feira) - 9h01

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta 3ª feira (10.nov.2020) que o governo trabalha ao lado da ciência para combater a covid-19. Ele usou o Twitter para listar as ações realizadas pelo governo durante a pandemia.

"*O ministro Marcos Pontes* [Ciência, Tecnologia e Inovações] *e o presidente Jair Bolsonaro trabalham, desde fevereiro, ao*

lado da ciência, no combate ao covid-19”, escreveu em publicação na mídia social.

Segundo Bolsonaro, com base nas diretrizes da Rede vírus, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações “*buscou entre 2.000 medicamentos e encontrou a Nitazoxanida como remédio de reposição, cientificamente demonstrado no tratamento precoce da covid-19, que reduz a carga viral*”.

A Rede Vírus é 1 comitê do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações que reúne especialistas representantes de governo, agências de fomento do ministério, centros de pesquisa e universidades com o objetivo de integrar iniciativas em combate a viroses emergentes. Entre as temáticas abordadas estão ensaios clínicos, testes, vacinas e impacto do coronavírus.

Receba A Newsletter Do Poder360
todos os dias no seu e-mail
seu e-mail
OK

Em outubro, o Planalto realizou 1 evento para

anunciar que o governo conseguiu comprovar a eficácia do vermífugo nitazoxanida. No entanto, não divulgou os dados que ratificam a descoberta e disse que o estudo não pode ser divulgado porque será publicado em meio especializado futuramente.

Na ocasião, o governo usou 1 gráfico disponível em banco de imagens para ilustrar o estudo científico. A animação usada na apresentação não foi produzida com dados da pesquisa e está disponível no site ShutterStock.



Comparação do gráfico utilizado pelo governo com a ilustração disponível em banco de imagens na internet

Nesta 3ª feira (10.nov), Bolsonaro também

falou que o governo está investindo em 15 protocolos de vacinas nacionais. De acordo com ele, uma delas já está em testes clínicos com humanos. Também informou que foram desenvolvidas tecnologias de ventiladores pulmonares 100% nacionais, "*dando independência ao Brasil de importações*".

O presidente disse ainda que estão sendo realizados testes clínicos para verificar se a vacina BCG –imunizante contra as formas graves de doenças como a meningite tuberculosa e a tuberculose miliar– pode ser preventiva à covid-19. Segundo Bolsonaro, estudo sobre a BCG está sendo realizado pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1.000 profissionais de saúde voluntários e terá duração de 6 a 12 meses.

Eis os tweets do presidente:



Jair M. Bolsonaro
@jairbolsonaro

- Baseado nas diretrizes da Redevirus, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, o @mctic :

1. Buscou entre 2000 medicamentos e encontrou a Nitazoxanida como remédio de reposição, cientificamente demonstrado no tratamento precoce da covid que reduz a carga viral.

6:41 AM · 10 de nov de 2020 · Twitter for iPhone

1,8 mil Retweets **231** Tweets de comentário **12,1 mil** Curtidas

Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 2 h
Em resposta a @jairbolsonaro
2. Está realizando testes clínicos para verificar a vacina BCG em 1000 profissionais de saúde como uma maneira preventiva do COVID, reforçando o sistema imunológico.

3. Desenvolveu reagentes nacionais e Testes diagnósticos sem reagentes.

24 391 3 mil

Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 2 h
4. Testou plasma convalescente em pacientes para tratamento avançado.

5. Faz testes em todo o Brasil para monitorar o sequenciamento genético e mutações do vírus para garantir eficiência da vacina nacional.



Esta reportagem foi produzida pela estagiária em jornalismo Joana Diniz sob supervisão da editora Sabrina Freire.

o Poder360 integra o The Trust Project

autores

PODER360

curtiu a reportagem? Compartilhe sua opinião

apontar erros neste texto

leia mais sobre

ANEXO QQ — REPORTAGEM “QUEDA DE BRAÇO DE BOLSONARO COM CIENTISTAS INCLUI ATÉ DEVOLUÇÃO DE MEDALHAS DE MÉRITO”, PUBLICADA POR EL PAÍS*

120 min. | 12+ | $150 | Aforo: 552 personas

Informes: **publicos.cnteatro@inba.gob.mx**

GOVERNO BOLSONARO >

Queda de braço de Bolsonaro com cientistas inclui até devolução de medalhas de mérito

21 pessoas que seriam condecoradas com a Ordem Nacional do Mérito Científico recusaram a indicação após presidente retirar a honraria de dois cientistas críticos ao Governo



* MAGRI, Diogo. Queda de braço de Bolsonaro com cientistas inclui até devolução de medalhas de mérito. El País, São Paulo, 8 nov. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-08/queda-de-braco-de-bolsonaro-com-cientistas-inclui-ate-devolucao-de-medalhas-de-merito.html. Acesso em: 29 dez. 2024.



Bolsonaro com o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ao fundo.
EVARISTO SA (AFP)



DIOGO MAGRI

São Paulo - 08 NOV 2021 - 11:52 BRT

Menos de 48 horas depois de assiná-la, o presidente Jair Bolsonaro retirou a condecoração da Ordem Nacional do Mérito Científico de dois cientistas brasileiros opositores do atual Governo federal. Os profissionais da ciência Adele Schwartz Benzaken e Marcus Vinicius Guimarães de Lacerda foram agraciados com a honra em publicação no Diário Oficial da União assinada pelo presidente



novembro. Outros 21 cientistas, que também seriam condecorados, recusaram indicação e classificaram a atitude como "clara demonstração de perseguição a

Juntos com o produtor, estreitando laços e promovendo

cientistas, configurando um novo passo d sistemático ataque à ciência e tecnologia por parte do Governo vigente".

A condecoração, publicada em 3 de novembro, chamou a atenção por incluir profissionais opositores às políticas ambientais e sanitárias do Governo federal. Isso porque a lista de nomes é definida por uma comissão técnica formada por personalidade indicadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, pela Academia Brasileira de Ciências e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Tanto Adele Schwartz Benzaken quanto Marcus Vinícius Guimarães de Lacerda criticaram, ao longo dos últimos anos, o descaso da gestão de Bolsonaro com a ciência.

desenvolvimento.

ÚLTIMAS NOTICIAS

12:15 | Bolsonaro, a destruição como estratégia

12:15 | Lula, uma ressurreição

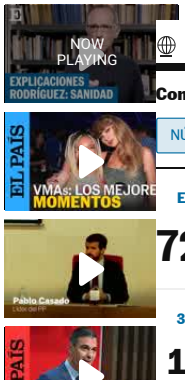
21:14 | O programa eleitoral de Lula da Silva: subidas de impostos para os ricos e proteção para as minorias

20:55 | Programa eleitoral de Bolsonaro: privatizações e privilégios legais para a Polícia

VIDEOS DESTACADOS

Powered by primis





LOTERÍA DE NAVIDAD
Compruebe sus números PREMIOS >
NÚMERO IMPORT € COMPROB
EL GORDO > 72480
2º PREMIO > 40014
3º PREMIO > 11840
4º PREMIO > 7776848020
5º PREMIO > 37876 72853 74778 4545 4522597345751436062
BUSCADOR Y PDF CON LA LISTA OFICI

Lacerda é pesquisador da Fiocruz Amazônia, infectologista da Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado e um dos primeiros brasileiros a

estudarem a cloroquina como medicamento de combate à covid-19. O médico suspendeu o estudo com o remédio defendido por Bolsonaro ao perceber que o seu uso aumentava o risco cardíaco dos pacientes, se tornando a partir de então um crítico ao tratamento com a cloroquina.

MAIS INFORMAÇÕES

Pesquisadores se formam para trabalhar no exterior sob desmonte da ciência nacional ⟶

Já Benzaken é diretora da Fiocruz Amazônica, ginecologista e era diretora de DSTs e Aids do Ministério da Saúde até o início do Governo Bolsonaro. Enquanto estava na pasta, a médica sanitarista autorizou a produção de uma cartilha dirigida a homens trans. Ela acabou demitida em janeiro de 2019, no primeiro mês da atual gestão. Na época, o então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta justificou a demissão ao dizer que "o Governo precisava voltar a estimular a prevenção do HIV, mas sem ofender as famílias".

O recuo do Governo dois dias após a homenagem causou a insatisfação de outros 21 cientistas que também seriam condecorados. O grupo assinou uma carta na qual recusa a indicação e afirma que "tal exclusão, inaceitável sob todos os aspectos,

O MAIS VISTO

1. Barbacena, a cidade-manicômio que sobreviveu à morte atroz de 60.000 brasileiros
2. O menino e a árvore no lixão, o cartão natalino do Brasil dilacerado pela fome
3. Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital
4. A ascensão do 'narcopentecostalismo' no Rio de Janeiro
5. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido



Descubra o Octadesk IA

Centralize todos os canais de atendimento em um só lugar

torna-se ainda mais condenável por ter ocorrido em menos de 48 horas após a publicação inicial". "Enquanto cientistas, não compactuamos com a forma pela qual o negacionismo em geral, as perseguições a colegas cientistas e os recentes cortes nos Orçamentos federais para a ciência e tecnologia têm sido utilizados como ferramentas para fazer retroceder os importantes progressos alcançados pela comunidade científica brasileira nas últimas décadas", continua o texto. Ele ainda diz que os cientistas se consideram "extremamente honrados" com a presença de seus nomes em uma lista cujo mérito científico é o único parâmetro considerado para a inclusão. "Entretanto, a homenagem oferecida por um Governo que não apenas ignora a ciência, mas ativamente boicota as recomendações da epidemiologia e da saúde coletiva, não é condizente com nossas trajetórias científicas", conclui.

Em outra nota, a Coalizão Ciência e Sociedade disse que "atitudes como essa demonstram a politização de um reconhecimento que deveria prezar o mérito científico e também a baixa prioridade dedicada pelo Governo federal à área da ciência, tecnologia e inovação, já impactada pelos dramáticos cortes orçamentários que atingem nossas universidades e institutos de pesquisa".

No dia 4 de novembro, Bolsonaro concedeu a si mesmo o mais alto título da Ordem Nacional do Mérito Científico, o de grão-mestre, uma honraria que existe para os presidentes do Brasil desde o Governo de Itamar Franco.

Apoie nosso jornalismo. Assine o EL PAÍS clicando aqui

Inscreva-se aqui para receber a newsletter diária do EL PAÍS Brasil: reportagens, análises, entrevistas exclusivas e as principais informações do dia no seu e-mail, de segunda a sexta. Inscreva-se também para receber nossa newsletter semanal aos sábados, com os destaques da cobertura na semana.

Receba o boletim do EL PAÍS América

MAIS INFORMAÇÕES



Corte de verba na ciência asfixia até o Sirius, programa mais inovador em que o Brasil já investiu

REGIANE OLIVEIRA | SÃO PAULO



Viagem pela BR-319: estrada rumo à destruição da Amazônia

NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR | REALIDADE (AMAZONAS)

ARQUIVADO EM

Brasil · Jair Bolsonaro · Governo Brasil · América · Governo ·

ANEXO RR — NOTÍCIA SOBRE HOMENAGENS À CIÊNCIA E AOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DURANTE A VACINAÇÃO CONTRA COVID-19, PUBLICADA PELO SITE DO SATENPE*

SATENPE
SINDICATO PROFISSIONAL DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM - PE

Professor faz homenagem aos trabalhadores da enfermagem du vacinação contra a Covid-19

Postado em *17 de junho de 2021* por *SATENPE*

Marcondes Francisco foi Técnico de Enfermagem e reforçou o seu apoio pela aprovação do PL 25

* SATENPE. Sindicato Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem de Pernambuco. Professor faz homenagem aos trabalhadores da enfermagem durante vacinação contra a Covid-19. SATENPE, Recife, 17 jun. 2021. Disponível em: http://satenpe.org.br/2021/06/17/professor-faz-homenagem-aos-trabalhadores-da-enfermagem-durante-vacinacao-contra-a-covid-19/. Acesso 10 nov. 2023.

Durante a vacinação contra o novo coronavírus (Cocvd-19), o professor da rede estadual de educação, Marcondes Francisco, fez uma homenagem aos trabalhadores da saúde. Por ter trabalhado como Técnico de Enfermagem, levou um cartaz com a mensagem: "Viva o SUS! Enfermagem 30 horas. Viva a ciência. Vacina para todos. Fora genocida!".



"Quando entrei na enfermagem, há 20 anos, já existia essa pauta da jornada das 30 horas semanais. É uma luta antiga da enfermagem e, mesmo não exercendo mais a função, me sinto participante dessa luta. Não poderia deixar de fazer a minha parte em apoiar essa importante reivindicação que é mais do que justa", afirmou.

PROJETO DE LEI – De autoria do senador Fabiano Contarato (Rede ES), o PL estabelece piso salarial de R$ 7.315,00 para enfermeiros, correspondendo a uma jornada de 30 horas semanais. Já para os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem, o piso salarial previsto é de 70% (R$ 5.120,50) e 50% deste valor (R$ 3.657,50), respectivamente. Os valores são válidos para União, estados, municípios, Distrito Federal e instituições de saúde privadas.

Dúvidas através do telefone (81) 3038-2661 e Whatsapp (81) 98434-9720

Esta entrada foi publicada em *Notícias*, *Publicações*. Adicione a *ligação permanente* aos favoritos.

← Trabalhadores da enfermagem protestam com caixão em frente à Prefeitura do Paulista
Auxiliares e Técnicos de Enferma
Capibaribe paralisarão suas at

ANEXO SS — NOTÍCIA SOBRE VACINAÇÃO DE CRIANÇAS DO MST, COM HOMENAGENS À CIÊNCIA E AO SUS*



Vacinação Infantil

“Vacina contra Covid-19 em crianças evita formas mais graves da doença”, explica médico

Augusto Dal Chiavon, explica que em crianças acima de 5 anos estudos já demonstram a eficácia da vacina

Entrevistas Notícias

7 de fevereiro de 2022

* ENGELMANN, Solange. “Vacina contra Covid-19 em crianças evita formas mais graves da doença”, explica médico. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). 7 fev. 2022. Disponível em: https://mst.org.br/2022/02/07/vacina-contra-covid-19-em-criancas-evita-formas-mais-graves-da-doenca-explica-medico/. Acesso em: 10 nov. 2023.



MST constrói campanha de vacinação infantil contra a Covid-19 nos territórios da Reforma Agrária Popular pelo país. Foto: MST

Por Solange Engelmann
Da Página do MST

A vacinação infantil contra a Covid-19 para crianças de 5 a 11 anos foi liberada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) no Brasil desde início deste ano. Em seguida, o MST iniciou uma campanha de incentivo e conscientização para vacinação infantil, entre a base Sem Terra, nos acampamentos, assentamentos e territórios da Reforma Agrária Popular em todo o país.

Estão sendo produzidos um conjunto de materiais informativos e realizados debates internos sobre a importância dos pais vacinarem seus filhos, garantindo a imunização dos e

das Sem Terrinha. Porém, com o retorno das aulas presenciais em vários estados e as *fake news*, que ainda circulam na internet, conversamos com o médico, especialista em Pediatria, que integra o Coletivo Nacional de Saúde do MST, Augusto Dal Chiavon.

O médico tira algumas dúvidas que os pais ainda possam ter nessa fase inicial da campanha e reforça a importância da vacinação infantil, com o objetivo de evitar que as crianças desenvolvam as formas mais graves da doença ou venham a óbito em decorrência da Covid-19.



Augusto Dal Chiavon, além de pediatra é integrante do Coletivo de Saúde do MST. Foto: Arquivo Pessoal

Confira na entrevista na íntegra:

Por que é tão importante os pais levarem as crianças Sem Terrinha para se vacinar?

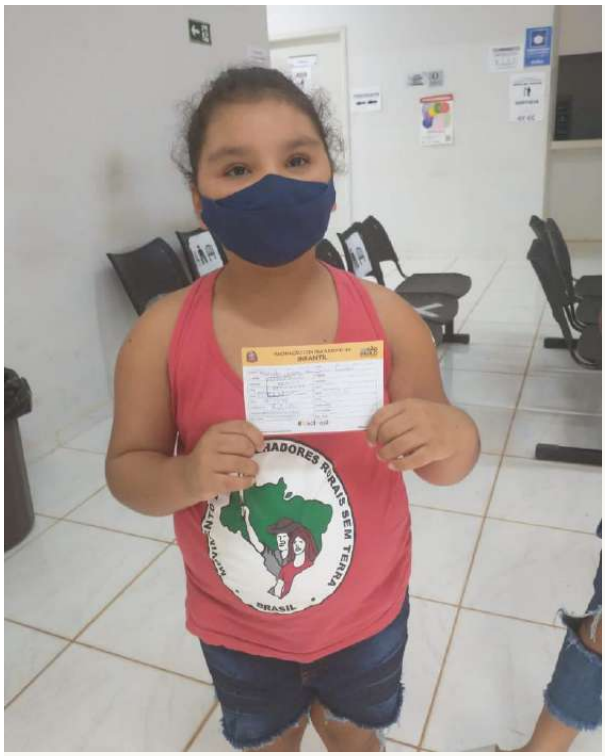
Augusto: Nessa pandemia, fomos aprendendo que para evitar a doença grave as vacinais têm um papel fundamental, assim como o distanciamento social, o uso de máscaras adequadas e de forma correta, a lavagem das mãos e isolamentos das pessoas com sintomas e com a Covid-19. A importância é justamente para proteger os Sem Terrinha e evitar, que caso tenham contato com vírus, ele não evolua para formas mais graves que necessitem hospitalização, uso de oxigênio, etc.

Algumas pessoas estão dizendo que a vacina contra a Covid-19 não é segura para as crianças. Isso é verdade ou mentira?

Isso é mentira. Para crianças acima de 5 anos já houve estudos demonstrando a eficácia para proteger das formas graves da doença e de segurança, que demonstrou ser segura, além de apresentar poucos riscos às crianças. No Brasil temos já duas vacinas autorizadas para o uso no SUS [Sistema Único de Saúde].

Como a vacina protege as crianças contra o novo coronavírus?

Costumo dizer que a vacinação é parecida a um treino de futebol. Ela induz o nosso corpo a pensar e reproduzir estratégias para ganhar o jogo, para quando e, se ocorrer a infecção nosso sistema imunológico entrar em campo para ganhar! Tecnicamente, ela induz a resposta imunológica do nosso corpo, através de copias de parte de vírus ou vírus bem enfraquecidos.





Vários Sem Terrinha estão se vacinando e ainda mantendo os cuidados, indicados pelo médico do coletivo de saúde do MST, para evitar o avanço do coronavírus nas crianças. Fotos: MST

A criança que já teve a Covid-19 pode se vacinar?

Pode e deve! A criança que pegou alguma vez o coronavírus pode novamente pegar, então sim, deve se vacinar. E caso a criança esteja com a Covid-19 deve aguardar 30 dias para se vacinar.

Quais as possíveis reações que a vacina pode causar nas crianças?

Na maioria das crianças não há nenhuma reação adversa, quando se apresentam são leves, como dor no local da vacina, febre, inapetência transitória – ou seja, falta de apetite transitório. E um grupo muito pequeno apresentou reações graves mais nenhuma fatal.

O que pode acontecer com a criança que não for vacinada?

Isso é arriscado, pois como estamos em uma pandemia a possibilidade de contágio tende a ser alta quando ocorre aglomeração e, infelizmente pode causar doenças graves em crianças, mesmo naquelas que já tiveram contato com o vírus anteriormente.

Depois de vacinada, a criança e os pais ainda precisam manter alguns cuidados em relação à Covid-19 ou não?

Com certeza é preciso manter todos os cuidados! O distanciamento social ainda é necessário, bem como o uso de máscaras adequadas e de maneira correta, assim como a lavagem frequente das mãos. Ainda que a criança esteja vacinada o coronavírus não foi embora.

Então, após ser vacinada, a criança ainda corre o risco de ter a Covid-19?

Sim, a vacina que temos possibilita maiores chances de que as crianças não desenvolvam as formas graves, não tenham necessidades de internação hospitalar e não venha a óbito devido a Covid-19. Por isso, a necessidade de seguir e manter os cuidados mesmo após as crianças e os adultos terem recebido uma ou todas as doses da vacina.

**Editado por Wesley Lima*

Posts relacionados





ANEXO TT — REPORTAGEM SOBRE ROUPAS TEMÁTICAS PARA VACINAÇÃO, PUBLICADA PELO SITE PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS*

MODA

Marcas de roupas apostam em camisetas temáticas para a vacinação contra covid-19

Consumidores estão buscando peças para usar no momento da imunização; empresas oferecem diversas opções para reforçar a importância de tomar vacina

2 min de leitura

Carina Brito

01 Jul 2021 - 06h10 | Atualizado em 01 Jul 2021 - 06h10

Desde o início da pandemia do coronavírus, a vacinação contra a doença é aguardada por muitas pessoas. Pensando no momento da foto para as redes sociais, algumas marcas estão fabricando camisetas com estampas especiais sobre a vacina. Uma dessas empresas é a Tudu, **startup** de **moda** que oferece produtos com estampas de parceiros.

Segundo Fabio Zausner, CEO da **empresa**, a motivação para criar as camisetas foi mostrar um posicionamento a favor dos imunizantes. “Quando saíram as primeiras notícias de vacinas no Brasil, começou uma grande discussão sobre a segurança e eficácia. Muitas notícias falsas foram propagadas nas redes sociais e as pessoas começaram a ficar com medo de tomar vacina, como se fosse uma pauta de um século atrás”, afirma.

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼

* BRITO, Carina. Marcas de roupas apostam em camisetas temáticas para a vacinação contra covid-19. Pequenas Empresas & Grandes Negócios. 01 jul. 2021. Disponível em: https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Moda/noticia/2021/07/marcas-de-roupas-apostam-em-camisetas-tematicas-para-vacinacao-contra-covid-19.html. Acesso em: 11 set. 2024.

“Nossas camisetas são a favor de um mundo com mais mensagens positivas, que valorizam o lado divertido da vida. Queremos passar essa mensagem a todos e influenciá-los a entender que a vacina é o caminho.”



As estampas de vacina foram criadas em apenas três dias e foram vendidas mais de 500 peças logo nos primeiros dias. Segundo Zausner, a Tudu ainda recebeu muitas mensagens de clientes que usaram as peças enquanto eram vacinados e publicaram fotos nas redes sociais.

SAIBA MAIS



Com produtos licenciados da Disney e Netflix, startup fatura R$ 1,7 milhão

A Chico Rei é outra marca que decidiu fazer camisetas temáticas da vacinação, mas com uma parceria com o canal "Olá, Ciência!", que promove divulgação científica no YouTube. Bruno Imbrizi, fundador da empresa, não revela quantas camisetas foram vendidas, mas diz que o público gostou da novidade.

▼ CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE ▼

“A recepção foi muito calorosa, a estampa bateu recordes de comentários nas nossas redes sociais. A ciência tem sido nossa grande esperança nesse cenário caótico em que

vivemos e a gente torce para que a cada dia mais pessoas possam tomar a vacina", afirma. "Essa estampa traz o protagonismo da ciência e da labuta árdua dos pesquisadores e profissionais da saúde que trabalham de maneira incansável."



Camiseta da Chico Rei homenageia a ciência (Foto: Divulgação)

SAIBA MAIS



Empreendedor fatura R$ 20 milhões com negócio de camisetas estampadas

No caso da marca Vandal, os próprios usuários criam as estampas e decidem o valor da comissão que irão receber. Partiu deles a ideia de criar camisetas temáticas para a vacina.

A plataforma já conta com mais de 30 opções sobre vacinação — o site todo tem mais de 100 mil estampas no geral.

"É muito legal porque mostra que as pessoas querem mesmo usar. Elas sentem orgulho de tomar a vacina e querem incentivar outras pessoas a fazer o mesmo", diz Ricardo Dullius, CEO da Vandal. Até o momento, já foram vendidas mais de 400 camisetas.

A Vandal também fez uma camiseta de vacinação (Foto: Divulgação)

Quer ter acesso a conteúdos exclusivos da PEGN? É só clicar aqui e assinar!

ANEXO UU — MATÉRIA EM QUE A PROFESSORA MONICA SAPUCAIA AFIRMA QUE “A CIÊNCIA VOLTOU”, PUBLICADA PELO JORNAL DO BRASIL*

ºC ºC

JORNAL DO BRASIL
Desde 1891

ASSINE

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 2024

Brasil Rio Informe JB Opinião Política Economia | Esportes Saúde Ciência Caderno B Colunistas

BRASIL

'Eu acho que a ciência voltou', afirma membro do grupo de Educação do governo de transição

...

Por JORNAL DO BRASIL com Agência Estado
redacao@jb.com.br

Publicado em 25/11/2022 às 08:30

* BRAGA, Alex; CAPIRAZI, Beatriz. 'Eu acho que a ciência voltou', afirma membro do grupo de Educação do governo de transição. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 nov. 2022. Disponível em: https://www.jb.com.br/pais/2022/11/1040895-eu-acho-que-a-ciencia-voltou-afirma-membro-do-grupo-de-educacao-do-governo-de-transicao.html. Acesso em: 21 out. 2023.



A professora Mônica Sapucaia ***Foto: reprodução***

Alex Braga e Beatriz Capirazi - Nomeada para compor o núcleo técnico de educação da equipe de transição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a professora universitária Monica Sapucaia afirmou ao Broadcast Político que o momento é de "virar a página". Para ela, "não se deve discutir o indiscutível" sobre as "produções midiáticas" causadas pelo atual governo. A advogada ainda afirma que a prioridade do GT é produzir um diagnóstico a fim de recuperar essa rede de políticas públicas.

"Eu acho que a ciência voltou. Acredito que essas questões anticientíficas, que ocorreram nestes últimos anos, têm a ver com um processo de reafirmação ideológica. Espero que isto seja apenas um retrato histórico de um momento difícil do Brasil, e que não volte mais", afirma a professora, que é coordenadora do curso de direito do IDP-SP.

Nos encontros dessa equipe de transição, Monica salienta que o tema da diversidade é consenso nas discussões. Segundo ela, a pluralidade brasileira atravessará toda a política pública da área, da educação infantil à universidade, e poderá contribuir para pôr fim aos debates de intolerância que tem marcado o

“A diversidade não é uma ‘politicazinha’ em separado que a gente vai fazer aqui. As mulheres não são um grupo no Brasil, por exemplo, elas são a maior parte da população. Então, para garantir uma política que atinja a todos, precisamos discutir o que de fato deve ser discutido."

Por fim, a professora garantiu que o programa Ciências sem Fronteiras, descontinuado logo após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, pode voltar já nos primeiros cem dias de governo. Apesar do orçamento limitado e da prevalência do governo em acabar com a fome no País, ela disse que o programa é uma prioridade.

Tags:



ANEXO VV — EDITORIAL “DE VOLTA À CIÊNCIA”, PUBLICADO PELA FOLHA DE SÃO PAULO*

FOLHA DE S.PAULO

MENU ASSINE
opinião
colunas e blogs tendências/debates o que a folha pensa ombudsman charges opiniões da folha painel do leitor

Oferta Especial: R$1,90 no 1º mês ASSINE A FOLH

EDITORIAL O QUE A FOLHA PENSA

De volta à ciência

Após corrosão obscurantista, pasta da Saúde começa a trilhar o caminho da razão

Nísia Trindade, ministra da Saúde - Eduardo Anizelli/Folhapress

4.jan.2023 às 21h30

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

O governo Jair Bolsonaro (PL) foi tão retrógrado em relação a pontos básicos do pacto civilizatório que sucedê-lo implica enfrentar duas agendas, a simbólica e a administrativa. Nísia Trindade, ex-presidente da Fundação Oswaldo Cruz e atual ministra da Saúde, não terá dificuldades com a primeira.

A saúde foi um dos setores que mais sofreram sob o bolsonarismo. Se a pandemia de Covid-19 já causou forte impacto mesmo sobre sistemas que responderam

notícias da folha no seu email

Digite seu e-mail

relacionadas



Bondade cara

O legado de Bento 16

Ministério dos Povos Indígenas é reparação histórica



Todos os idosos deveriam

OFERTA ESPECIAL FOLHA
Conecte-se ao jornal mais influente do Brasil
Apenas R$ 1,90 no 1º
+6 meses de R$ 9
ASSINE A FOLHA

* DE VOLTA à ciência. Folha de S. Paulo, São Paulo, 04 jan. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/01/de-volta-a-ciencia.shtml. Acesso em: 21 out. 2023.

Trindade não precisa mais do que revogar diretrizes insensatas da administração anterior —como autorizar prescrição de cloroquina e ivermectina— para recolocar a pasta na trilha da ciência.

A agenda simbólica não se esgota na pandemia. Bolsonaro direcionou seu ranço ideológico para outros temas, como o aborto legal e o tratamento de dependências químicas e de transtornos mentais.

Revogar decretos, portarias e normas técnicas mais representativos do pensamento reacionário do ex-presidente é um imperativo, ao qual Trindade muito corretamente já se dedica.

É a agenda administrativa, entretanto, que reserva os verdadeiros desafios. Dois problemas merecem especial atenção. O primeiro é remanejar o orçamento do ministério para manter em funcionamento o Farmácia Popular —que facilita o acesso da população a medicamentos para tratar doenças muitas delas crônicas, como hipertensão arterial, diabetes e Parkinson.

Retirar verbas do programa foi mais um dos desatinos do governo passado contra a saúde. Vale lembrar que o gasto público para fornecer fármacos a baixo custo é bem menor do que tratar complicações de pacientes que deixam de tomar seus remédios.

Também são urgentes as medidas em relação ao Programa Nacional de Imunizações (PNI), cujos índices de cobertura vêm caindo de modo preocupante.

O discurso antivacina de Bolsonaro de fato não ajudou, mas deve-se salientar que o fenômeno teve início em mandatos presidenciais anteriores, e está mais relacionado a questões práticas do que a posicionamentos ideológicos.

A boa notícia é que um programa-piloto para enfrentamento do problema obteve resultados positivos na Paraíba e no Amapá e pode, em princípio, ser expandido.

Ao anunciar que Farmácia Popular e PNI serão prioridades, Trindade inicia com acertos sua gestão.

editoriais@grupofolha.com

veja também



PROJETO EDITORIAL

Folha destaca a relevância do jornalismo profissional para combater notícias falsas

CARTUNS

Veja as charges publicadas na Folha

tópicos

LEIA TUDO SOBRE O TEMA E SIGA:

ciência | editoriais | jair bolsonaro | ministério da saúde | nísia trindade | saúde | sus | vacinação

sua assinatura vale muito

Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 200 colunistas e blogueiros. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à

OFERTA ESPECIAL FOLHA

Conecte-se ao jornal mais influente do Brasil

Apenas R$ 1,90 no 1º

+6 meses de R$ 9

ASSINE A FOLHA

ASSINE POR R$ 1,90 NO 1º MÊS

ENVIE SUA NOTÍCIA ERRAMOS?

comentários

Os comentários não representam a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem.

ORASIL COELHO PINA 5.jan.2023 às 12h19

Só o fato da Ministra da Saúde ter sido Presidente da Fiocruz, mais importante órgão de saúde pública do país, nos últimos anos, já mostra a diferença do governo anterior, que teve até um General como ministro, em plena pandemia!

RESPONDA 3 DENUNCIE

MARCELO MAGALHÃES 5.jan.2023 às 10h35

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Esse é o artigo 196 da Constituição Federal. O SUS é o serviço público que mais atende e acolhe as pessoas. A doutora Nísia tem que olhar para ele com toda a deferência.

RESPONDA 2 DENUNCIE

TODOS OS COMENTÁRIOS (2) COMENTE

Comentar é exclusividade para assinantes.
Assine a Folha por R$ 1,90 no 1º mês

Recomendadas para você

TaboolaFeed



COLUNAS E BLOGS

Mônica Bergamo: Academias proíbem entrada de influenciadora após vídeos explícitos nos aparelhos



Febre de vídeos feitos por alunos alimenta brigas violentas nos EUA



PODER

Tarcísio nomeia servidor demitido por Lula por participar de reunião golpista com Bolsonaro



FOLHA DE S.PAULO

Justiça Militar dá show de corporativismo diante de viúva



F5

Preta Gil passa por cirurgia de 18 horas

OFERTA ESPECIAL FOLHA
Conecte-se ao jornal mais influente do Brasil
Apenas R$ 1,90 no 1º
+6 meses de R$ 9
ASSINE A FOLHA

ANEXO WW — ENTREVISTA COM A MINISTRA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, LUCIANA SANTOS, EM QUE ELA AFIRMA QUE “A CIÊNCIA ESTÁ DE VOLTA”, PUBLICADA PELA FOLHA DE PERNAMBUCO*

Ouça a Rá
96.
LE
JOF
seg
23/12/
FOLHA de PERNAMBUCO
COMPROMISSO COM VOCÊ
POLÍTICA • ECONOMIA • BRASIL • MUNDO • CULTURA+ • ESPORTES • BLOGS & COLUNIS



Barriga chapada aos 60 anos? Faça isso:
FOLHA de PERNAMBUCO

BLOG DA FOLHA

Carol Brito
Editora de Política e Economia da Folha de Pernambuco

A-
A+

"A ciência está de volta", diz ministra Luciana Santos

Ministra foi a entrevistada desta sexta-feira (24) da Rádio Folha FM 96,7

Por **Carlos André Carvalho**
24/02/23 às 11H25 atualizado em 24/02/23 às 11H25

ouça este conteúdo readme.ai

* CARVALHO, Carlos André. “A ciência está de volta”, diz ministra Luciana Santos. Folha de Pernambuco, Recife, 24 fev. 2023. Disponível em: https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/a-ciencia-esta- de-volta-diz-ministra-luciana-santos/35550/. Acesso em: 21 out. 2023.



Melissa Fernandes/Folha de Pernambuco

CAROL BRITO
Blog da Folha

A ministra da **Ciência, Tecnologia e Inovação**, **Luciana Santos** (PCdoB-PE) foi a entrevistada desta sexta-feira (24) do programa **Folha Política**, da **Rádio Folha FM 96,7**. Na entrevista ao âncora do programa, **Jota Batista**, e à subeditora de política da **Folha de Pernambuco**, **Carol Brito**, a ministra falou, entre outras coisas, dos desafios à frente da pasta, dos movimentos para as eleições de 2024 e da volta à valorização da ciência pelo governo Lula



Saber mais

Apagão da ciência

Nós vivemos um período de apagação da ciência, não só pelo discurso negacionista e anticiência que acaba sendo impactante na vida do povo: voltamos a poliomielite, ao sarampo, e o Brasil tinha uma cultura, até por conta do SUS, da eficácia em vacinas. Essa é uma das grandes mazelas deixadas por esse governo que passou. A ciência está de volta ao país, e a gente para além da narrativa anticiência, que é tão nefasta, a tentativa de desqualificação da nossa base científica.

Balbúrdia

O ex-presidente (Jair Bolsonaro) tratava nossas universidades como espaço de balbúrdia, no entanto, as universidades públicas é o que

há de melhor no país, na produção científica. Noventa por cento da nossa produção científica é feita nas universidades públicas, e a gente está retomando esse orgulho nacional. Há percussão disso nos recursos, porque para além da narrativa, os foram cortados de maneira drástica os recursos.

Medalhas retiradas de cientistas por Bolsonaro

Isso para nós é uma coisa muito cara porque é muito simbólica. Por eles terem descoberto a ineficácia do uso da cloroquina no combate à Covid, o ex-presidente retirou as medalhas de honra dada apela comunidade acadêmica e científica. Nós vamos recompor. O presidente Lula isso em breve. E também outros cientistas que se recusaram a receber porque esses outros dois não tinham recebido. Penso que é mais um momento de afirmação da riqueza, da produção científica que existe no país.

- PUBLICIDADE -

Prevençao para as chuvas em PE

Fizemos, na acasião, uma reunião da APA com a Susana, da APAC, no mesmo dia eu liguei para a governadora (Raquel Lyra) então fizemos uma reunião com o Cimadem, que é vinculado ao nosso ministério, e nós estamos nos preparando e se colocando à disposição para alargar a cobertura e de alertas que já são feitos pelo Cemadem aqui na RMR, proque a gente faz por satélite, mas faz terrestre, com pluviômetros, com sensores. A gente está aqui um pacote de medidas para apresentar de maneira mais robusta os serviços que existem no Ministério da Ciência e Tecnologia para ajudar numa operação que eu vivenciei como prefeita (de Olinda).

Lula

O espirito do presidente Lula é de fazer entregas. Como ele já foi um excelente presidente da República e agora voltando pela terceira vez ele está bem afiado de que o povo está com pressa, porque passou



Saber mais

Mais lidas

1 NOTÍCIAS
Aumenta tensão entre Guiana e Venezuela com construção de ponte na fronteira entre os países

2 NOTÍCIAS
As 2 melhores frutas que ajudam a limpar artérias e veias naturalmente

3 NOTÍCIAS
Qual é a fruta que contém a maior quantidade de vitamina D?

4 NOTÍCIAS
China diz que EUA estão 'brincando com fogo', após anúncio de auxílio militar para Taiwan

5 ESPORTES
Santa Cruz vence América-RN em jogo-treino no CT Ninho das Cobras

Blogs & Colunistas



FOLHA PET
Fogos de artifício: quase 40% dos tutores do Brasil já perdeu um pet em decorrência dos rojões



TECNOLOGIA E GAMES
Epic Games libera 40 jogos de forma gratuita neste final de ano; confira os títulos disponíveis



VIDA PLENA
Preocupações excessivas podem gerar ansiedade de final de ano



PAPO DE PRIMEIRA
Férias escolares: 5 dicas de séries e filmes para as crianças

por um momento grave de retrocesso no país. Ele está decidido a andar rápido, tem cobrado muito dos ministros. Fez essas visitas todas, demonstrando uma atitude muito diferente, de solidariedade ao povo. Foi no Yanomamis, foi em Araquara, esteve no Litoral Sul (de São Paulo), levando sete ministros. Está agindo de maneira pró-ativa e fazendo uma agenda internacional intensa. Visitou tres países e vai a China agora em março. Ele relançou o Minha Casa, Minha Vida. O governo anterior retirou a faixa 1, que é quem mais precisa. Ainda não tem previsão de ele vir a Pernambuco, mas eu, o ministro André de Paula e o ministro José Múcio temos a principal responsabilidade de fazer uma agenda para o presidente visitar nosso estado, onde teve uma votação expressiva, é a terra dele e onde é amado. Certamente, ele virá em breve para fazer uma visita e uma entrega relevante.

Dependência

Temos que diminuir a nossa dependência. Vimos o que aconteceu na Covid: a gente dependeu até de máscaras. E não fomos só nós, mas o mundo todo. Respirador? Voltou ao tempo do corsário. Foi interceptado respirador em tudo que é lugar. Mesmo que a gente tenha produzido vacina, tivemos que importar o insumo farmacêutico ativo. Temos que diminuir nossa dependência. Essa é uma das missões mais relevantes que esse ministério tem. Sermos autônomos para poder realizar soluções para o povo brasileiro.

Tarcísio e Lula

Ele (Lula) diz que diferente do que aconteceu recentemente, vai governar para todos os brasileiros e brasileiras. É tanto que ele fez uma reunião com todos os governadores no Palácio do Planalt para que eles disserem duas ou três prioridades deles para serem trabalhadas. Ele teve uma atitude de solidariedade e presteza numa hora em que todos precisamos somar esforços. Muitas vezes tem esses... é natural de um processo político muito radicalizado que o Brasil viveu, mas o espírito do presidente é de união.

- PUBLICIDADE -

Você pode gostar Links patrocinados

Nutricionista alerta: Para perder 10kg de gordura visceral faça isto todos os dias!
Perca até 4kg por mês Experimente grátis

1 copo (todas as noites) limpa o fígado e reduz a gordura da barriga
Portal Saúde - Fígado Saiba mais

Médica revela: Queime a gordura abdominal em apenas 7 dias com este hábito!
Reduza 1kg em 7 dias | Floraxil Testar

Glicemia acima de 100? Tente essa receita caseira antes de dormir
Saúde Hoje

Newsletter



PCdoB

Independentemente da existência ou não da federação, as disputas majoritárias necessariamente precisam de grandes alianças. Estando ou não federação, muitas vezes aquela equação para uma determinada disputa no município depende principalmente dos partidos que têm mais afinidade programática, que são mais alinhados, e todas as vezes que a gente se dividiu, se deu mal. Acredito numa construção política de unidade, de entendimento do papel de cada força nos municípios, no país todo.

Prefeitura de Olinda em 2024

Estamos debatendo com paciência. Temos, mas como a gente está construindo e está longe, vamos conversar publicamente no momento adequado.

Recife 2024

A gente vai procurar um entendimento que fortaleça nosso campo de força. Nas capitais, nem se fala, né? Mas em cidades relevantes, como é o caso de Olinda e tantas outras, vamos colocar o nosso time , esse conjunto de forças que dão sustentação ao governo Lula, na rua. Todos os partidos que dão sustentação ao presidente Lula vão ser considerados num projeto eleitoral no país todo em 2024. Sempre defendemos nossa unidade em frente ampla para vencer momentos complexos que a gente vive navida brasileira e na vida de Pernambuco. Somos os maiores defensores desse caminho, vamos trabalhar cotidianamente para que essas coisas aconteçam.

- PUBLICIDADE -



Paulo e Danilo

Não tenho dúvidas (que eles terão espaço no governo federal). Sou testemunha da competência, das qualidades que Paulo (Câmara) tem. Eu achei mais do que importante ele assumir um banco tão estratégico, que é o Banco do Nordeste, que tem muito a contribuir para toda a região, e isso revela a admiração e a confiança que o presidente Lula tem com o ex-governador. Eu festejei muito, de alguma maneira participei desse processo de construção. Não é diferente com Danilo Cabral, que foi um grande parceiro não só de chapa, mas de bancada. Já fui deputada federal com ele. Ele foi presidente da frente parlamentar em defesa da Chesf, tem expertise na política educacional. Não tenho dúvidas que ele merece uma posição estratégica para ajudar nesse processo todo de retomada.

Reportar Erro

Veja também



PRESIDENTE
Lula antecipa pronunciamento de Natal para esta segunda-feira, 23



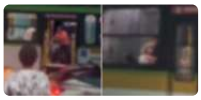
ATAQUE
Arábia Saudita solicitou extradição de suspeito de ataque na Alemanha



DOPPING
Tenista australiano, campeão de duplas em Grand Slams, é suspenso provisoriamente por doping



BRASIL
Governo vai cumprir à risca decisão do STF de suspensão das emendas, diz Padilha



OLINDA
Motorista é esfaqueado em discussão com passageiro que pulou catraca para não pagar

ANEXO XX — REPORTAGEM SOBRE A POSSE DE RICARDO GALVÃO COMO PRESIDENTE DO CNPQ, EM QUE ELE AFIRMA QUE “A CIÊNCIA ESTÁ DE VOLTA”, PUBLICADA PELO JORNAL DA USP*

JORNAL DA USP (https://jornal.usp.br/)

PORTAL DA USP(https://www5.usp.br/) | FALE CONOSCO(https://jornal.usp.br/fale-conosco/)
WHATSAPP(https://jornal.usp.br/especiais/os-destaques-do-jornal-da-usp-direto-no-seu-celular/)
ENVIE UMA PAUTA(https://jornal.usp.br/envie-uma-pauta/) | PODCASTS(https://jornal.usp.br/podcasts)
RÁDIO USP(https://jornal.usp.br/radio/) | TV USP(https://www.youtube.com/channel/UCN1ihdoKXeixzYi7Hyp4WwQ)
USP NEWS(https://jornal.usp.br/usp-news/) | NEWSLETTER(https://jornal.usp.br/newsletter-jornaldausp/)

ATUALIDADES CIÊNCIAS CULTURA DIVERSIDADE EDUCAÇÃO INSTITUCIONAL
RÁDIO USP TECNOLOGIA UNIVERSIDADE

BUSCA

Início (https://jornal.usp.br) > Universidade (https://jornal.usp.br/editorias/universidade/) > Políticas científicas (https://jornal.usp



Ricardo Galvão em palestra na USP, em agosto de 2019 – Foto: Cecília Bastos / USP Imagens

Ricardo Galvão é o novo presidente do CNPq: "A ciência está de volta"

Professor aposentado da USP comandará a principal agência de fomento à pesquisa científica do País. No evento que oficializou sua nomeação, a ministra Luciana Santos também anunciou a recomposição do FNDCT

17/01/2023 – Publicado há 2 anos

* ESCOBAR, Herton. Ricardo Galvão é o novo presidente do CNPq: "A ciência está de volta". Jornal da USP, São Paulo, 17 jan. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/ricardo-galvao- e-o-novo-presidente-do-cnpq-a-ciencia-esta-de-volta/. Acesso em: 21 out. 2023.

cientificas%2Fricardo-galvao-e-o-novo-presidente-do-cnpq-a-ciencia-esta-de-volta%2F&partner=a2a)

Texto: **Herton Escobar**

O cientista Ricardo Galvão, professor titular aposentado do Instituto de Física da USP, é o novo presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), principal agência de fomento à ciência do governo federal. A nomeação foi oficializada nesta terça-feira, 17 de janeiro, pela ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, em evento oficial (https://www.youtube.com/watch?v=nNczx7r9phg) no auditório do CNPq, em Brasília.

"A ciência está de volta", celebrou Galvão, em entrevista por telefone ao **Jornal da USP**, antes da cerimônia. "Estou muito esperançoso na recuperação da relevância da ciência no Brasil, e que conseguiremos fazer o que precisa ser feito."

Santos aproveitou o evento para anunciar a "recomposição integral" do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e o fim das restrições impostas pela Medida Provisória 1136/22 (https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2334478), que impunha limites à utilização do fundo até 2027. "Com a liberação integral dos fundos do FNDCT, principal instrumento público de financiamento da ciência, encerramos um longo período de descaso e desvalorização da pesquisa científica e do desenvolvimento tecnológico do País", discursou a ministra. "Hoje é dia que se faz justiça à ciência brasileira; dia em que viramos a página do negacionismo."

Ricardo Galvão tem 75 anos e é especialista em física de plasmas e fusão nuclear — como indica seu currículo (http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=AC5365E732715AC326B62688C2A470D2.buscatextual_66) na Plataforma Lattes. Além da bagagem de pesquisador, ele traz uma longa experiência em cargos de liderança e gestão na administração pública: foi diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (2004-2011), presidente da Sociedade Brasileira de Física (2013-2016) e diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2016-2019).

Como presidente do CNPq, ele assume um órgão de sólida relevância histórica para o desenvolvimento científico nacional, porém fortemente desidratado por sucessivos anos de cortes orçamentários e perda de recursos humanos. Apesar do otimismo com o futuro, Galvão pediu paciência à comunidade científica, destacando que a recuperação dos atrasos gerados pelo governo anterior levará tempo. "Tudo que aconteceu nos últimos anos naturalmente gerou uma expectativa enorme na comunidade científica. Mas nós vamos ter de ser pacientes, porque tudo tem que caber no orçamento, e o compromisso com a responsabilidade fiscal é clara no governo", disse Galvão ao **Jornal da USP**. "Vamos trabalhar e buscar outras possibilidades, outras fontes de recursos, mas a recuperação total certamente vai ser lenta, não vai ser imediata."

+ Mais



(https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/sempre-que-a-ciencia-for-atacada-temos-que-nos-levantar/)

"Sempre que a ciência for atacada, temos que nos levantar" (https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/sempre-que-a-ciencia-for-atacada-temos-que-nos-levantar/)

Ele reforçou que uma das prioridades da nova gestão é aumentar os valores das bolsas de pós-graduação, congelados há uma década. "Compensar toda a inflação desde 2013 nós já sabemos que é impossível, porque seria um valor da ordem de 70%, que não caberia no orçamento. Mas espero que haja uma recuperação substancial, não só nas bolsas de pesquisa para mestrado e doutorado, mas também algumas de pós-doutoramento, para refrear um pouco a diáspora", afirmou o físico, referindo-se ao grande número de pesquisadores que desistiram de fazer ciência no Brasil nos últimos anos, em função da falta de recursos e do negacionismo científico propagado pelo governo anterior, que reduziu fortemente os investimentos em ciência e educação.

Uma das estratégias previstas para lidar com a falta de dinheiro no curto prazo é focar os investimentos em projetos estratégicos, de caráter mais estruturante, como a construção do Reator Multipropósito e o fortalecimento do Programa Espacial Brasileiro — incluindo a retomada da colaboração com a China para a construção de satélites. "Na gestão anterior os recursos do FNDCT foram muito pulverizados em vários projetos", disse. "Não é só uma questão de obter mais recursos, mas de como utilizar esses recursos."

+ Mais



(https://jornal.usp.br/universidade/pesquisador-da-usp-ricardo-galvao-recebe-premio-internacional-por-responsabilidade-cientifica/)

Pesquisador da USP, Ricardo Galvão recebe prêmio internacional por responsabilidade científica (https://jornal.usp.br/universidade/pesquisador-da-usp-ricardo-galvao-recebe-premio-internacional-por-responsabilidade-cientifica/)

Contra o negacionismo e obscurantismo

A escolha de Galvão para a presidência do CNPq, segundo Santos, carrega a mensagem de que "a ciência voltou a ter vez neste País", após quatro anos de uma gestão marcada pela negação da ciência e por uma ideologia de perseguição a cientistas e instituições de pesquisa.

Uma das vítimas mais notórias desse período foi o próprio Galvão. Em agosto de 2019, ele foi exonerado da diretoria do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) (https://jornal.usp.br/atualidades/conflito-sobre-dados-da-amazonia-derruba-diretor-do-inpe/) após contestar publicamente declarações do então presidente Jair Bolsonaro, que acusava o instituto de estar a serviço de ONGs internacionais e de produzir dados "mentirosos" sobre o aumento do desmatamento na Amazônia.

Galvão perdeu o cargo mas se destacou, a partir daí, como uma das principais lideranças da comunidade científica brasileira no enfrentamento do negacionismo e do obscurantismo. Nas eleições de 2022, ele concorreu a uma cadeira na Câmara dos Deputados pelo partido Rede Sustentabilidade. Não foi eleito, mas recebeu uma votação expressiva, de mais de 40 mil votos.

Glaucius Oliva, professor do Instituto de Física de São Carlos da USP e ex-presidente do CNPq, elogiou a nomeação de Galvão para o comando da agência. "O professor Galvão combina as qualidades de pesquisador de excelência com longa carreira científica, gestor de instituições de ciência e tecnologia, e ferrenho defensor da ciência, como evidenciado pelo seu firme posicionamento diante das perseguições e ataques do ex-presidente da República contra fatos irrefutáveis sobre o desmatamento da Amazonia", disse Oliva ao **Jornal da USP**. "A comunidade científica tem, portanto, grandes expectativas de que ele lidere a retomada do protagonismo do CNPq no fomento à pesquisa brasileira e à formação de pesquisadores, essenciais para a prosperidade sustentável e socialmente justa do nosso país."

Na cerimônia desta terça-feira, Galvão recapitulou um discurso que fizera em um evento da USP (https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/sempre-que-a-ciencia-for-atacada-temos-que-nos-levantar/) em agosto de 2019, duas semanas após ser exonerado da direção do Inpe. Na ocasião, disse que o Brasil não "voltaria às trevas", porque a sociedade e a comunidade científica não se calariam diante dos ataques à ciência e às universidades. "Prezada ministra, de fato, o povo brasileiro não se calou", disse, com a voz embargada pela emoção e coberta pelos aplausos da plateia no auditório do CNPq. "Há pouco mais de um mês derrotamos a truculência negacionista em nosso país", concluiu, referindo-se ao resultado da eleição presidencial. "No dia de hoje viramos essa página triste de nossa história com a convicção de que a ciência voltará a promover grandes avanços para a nossa sociedade."

Galvão participou da equipe de transição de governo e disse que ficou chocado com a situação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), comandado até recentemente pelo astronauta (e agora senador) Marcos Pontes. "Além do orçamento e perda de pessoal, houve um grande desmonte da estrutura operacional do ministério, instaurando um sistema quase militar de comando e controle, avesso à autonomia científica e acadêmica, que terá que ser revertido", disse ao **Jornal da USP**.

Apesar das duras críticas ao governo anterior, Galvão elogiou o trabalho e a resiliência de seu antecessor à frente do CNPq, o professor Evaldo Vilela, da Universidade Federal de Viçosa, que comandou a agência por quase três anos e conseguiu mantê-la operacional durante esse período, apesar de todas as dificuldades orçamentárias, políticas e administrativas.

Política de uso

A reprodução de matérias e fotografias é livre mediante a citação do Jornal da USP e do autor. No caso dos arquivos de áudio, deverão constar dos créditos a Rádio USP e, em sendo explicitados, os autores. Para uso de arquivos de vídeo, esses créditos deverão mencionar a TV USP e, caso estejam explicitados, os autores. Fotos devem ser creditadas como USP Imagens e o nome do fotógrafo.

ANEXO YY — NOTÍCIA SOBRE CERIMÔNIA DE ENTREGA DE MEDALHAS DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO CIENTÍFICO E DE ANÚNCIO DE AÇÕES NA ÁREA DE CIÊNCIA, PUBLICADA PELA AGÊNCIA BRASIL*

EBC agênciaBrasil radioAgência rádioMEC rádioNacional tvBrasil | carta de serviços | transparência

agênciaBrasil A+ A- POR

ÚLTIMAS NOTÍCIAS | CULTURA DIREITOS HUMANOS ECONOMIA EDUCAÇÃO ESPORTES GERAL INTERNACIONA

Foto Agência | FLICKR DA AGÊNCIA ›



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Inovação

Brasília (DF), 12/07/2023 - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa de cerimônia de entrega de medalhas da Ordem Nacional do Mérito Científico; reinstalação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT); e assinatura do decreto que convoca a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Download Web (1024x768)

Download Original (alta definição)

* LULA reinstala o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e entrega medalhas do Mérito Científico. Agência Brasil, Brasília, 12 jul. 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2023-07/lula-reinstala-o-conselho-nacional-de-ciencia-e-tecnologia-e-entrega-medalhas-do-merito-cientifico-1689180087. Acesso em: 21 out. 2023.

ANEXO ZZ — MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

Publicidade



› Educação

academia

Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público

Por Gabriel de Arruda Castro 13/06/2017 às 16:57



Funkeiro Mr. Catra: tema de tese de doutorado em universidade federal (Foto: Reprodução / Facebook)

45 indignados

Nota: Esta reportagem da Gazeta do Povo provocou um debate intenso. Logo em seguida, Mylene Mizrahi, autora de uma das teses citadas, teve espaço para expor seu ponto de vista, classificando o texto original como um retrato de um pensamento "elitista e preconceituoso". O autor então aproveitou a oportunidade para levantar seis fatores que, acredita, não poderiam estar

* CASTRO, Gabriel de Arruda. Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público. Gazeta do Povo, 13 jun. 2017b. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-monografias-incomuns-bancadas-com-dinheiro-publico-a8q52qvze7py9r8qavfieakyl/. Acesso 21 out. 2024.

ausentes do debate. Pouco tempo depois, em seu blog, Rogério Galindo afirmou acreditar que a academia deve ser livre para estudar qualquer tema, enquanto Rafael Barros de Oliveira abordou as diferentes perspectivas da discussão, apontando os pontos positivos e negativos levantados por Galindo e Castro.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

O ambiente universitário, por definição, deve ser um espaço aberto à criatividade e à inovação. Toda forma de conhecimento é válida. Por outro lado, algumas teses desenvolvidas por alunos de mestrado e doutorado em universidades públicas brasileiras são difíceis de explicar ao contribuinte, que arca com todas as despesas. A opção por temas pouco ortodoxos, especialmente nos cursos de ciências humanas e sociais, talvez ajude a explicar por que o Brasil nunca recebeu um prêmio Nobel – ao contrário de Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, México, Costa Rica, Peru e Guatemala.

Veja uma lista de dez dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre temas pouco usuais, todas apresentadas em universidades públicas.

Publicidade

1) Fazer banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas na Estação da Lapa e adjacências.

Curso: Mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Bahia.

Trecho: "Percebo que, para além de um simples terminal com um sanitário, a Estação da Lapa é ressignificada como espaço de práticas sexuais de desejos dissidentes, na direção de interesses tão diversificados quantos são os sujeitos que interagem na cena e que só são reunidos aqui pelo traço em comum dos desejos, diversificadamente, homo-orientados".

Autor: Tedson da Silva Souza.

Publicidade

2) A estética Funk Carioca: criação e conectividade em Mr. Catra. (A autora do estudo escreveu uma resposta à Gazeta do Povo. Clique para ler na íntegra)

Curso: Doutorado em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trecho: "Mr. Catra é um feixe de relações, que catalisa caminhos e dá acesso a um mundo que mistura funk, favela, elite, poder oficial e crime".

Publicidade



Autora: Mylene Mizrahi.

3) Mulheres perigosas: uma análise da categoria piriguete.

Curso: Mestrado em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Publicidade



Trecho: "A piriguete representa, primeiramente, uma mulher que não se adéqua às normas de conduta feminina – ela expressa sua sexualidade e seu desejo, sua liberdade e seu poder".

Autora: Larissa Quillinan Machado Larangeira.

4) A Zuadinha é tá, tá, tá, tá: representação sobre a sexualidade e o corpo feminino negro.

Publicidade

Curso: Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Trecho: "Embora aproxime-se do pagofunk, tanto pelas letras sexualizadas como pelas coreografias, o pagode de elite, ainda que apresente letras menos sexualizadas, tem um estilo mais voltado para a suingueira – que o aproxima do pagodão".

Autor: Wellington Pereira Santos.

5) Erótica dos signos nos aplicativos de pegação: processos multissemióticos em performances íntimo-espetaculares de si.

Publicidade

Curso: Mestrado em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trecho: "Erótica dos signos denota a emergência de romper a divisão cartesiana entre mente e corpo e considerar o componente erótico na pesquisa para fazer ciência com corpo e alma. Também alude à sensualidade típica dos apps de pegação e evidencia o cuidado com a imagem de si, a pornificação de si como arena de embate político, a necessidade de uma metodologia que considere o corpo do pesquisador na pesquisa".

Autor: Gleiton Matheus Bonfante.

Publicidade

6) Personagens emolduradas: os discursos de gênero e sexualidade no Big Brother Brasil 10.

Curso: Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás.

Trecho: "Ao aproximar meu estudo com os de Fischer (2001) concordo que os meios de comunicação, no caso aqui analisados o programa de televisão e sítios de notícias do BBB, mostram-se como lócus privilegiado de informação, de 'educação' das pessoas, ao que a autora chamou de dispositivo pedagógico da mídia, pois, por meio das diversas estratégias de linguagem as mídias fazem a mediação da produção e da circulação de uma série de 'verdades' e, no caso do interesse desta pesquisa, 'verdades' sobre homens, mulheres e gays".

Autora: Katianne de Souza Almeida.

Publicidade

7) “Agora eu fiquei doce”: o discurso da autoestima no sertanejo universitário

Curso: Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Trecho: “A canção Camaro Amarelo é um enunciado no qual estão presentes valores relacionados à ideologia capitalista do consumismo, tais como os valores das marcas famosas de produtos, da ascenção social e do amor por interesse”.

Publicidade

Autor: Schneider Pereira Caixeta.

Publicidade

8) O herói na forma e no conteúdo: análise textual do mangá "Dragon Ball" e "Dragon Ball Z"'

Curso: Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia.

Trecho: “Dessa maneira, notamos que essas passagens narrativas, em que um personagem faz referência ao outro no que diz respeito à morfologia, têm a função de criar uma situação de humorística maior do que necessariamente um espanto no sentido de uma impossibilidade de mundo em que eles habitam. Afinal, nesse mundo, encontramos tartarugas e porquinhos falantes, assim como sereias convivendo com personagens com a morfologia parecida com a nossa".

Autor: André Luiz Souza da Silva.

Publicidade

9) Experimenta-te a ti mesmo: Felipe Neto em performance no YouTube

Curso: Mestrado em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais

Trecho: "Para fins desta dissertação, entendemos que as audiências dos dois canais de Felipe Neto no YouTube se referem a grupos de falantes que se vinculam temporariamente em uma situação específica de enunciação e circunscrita à ambiência midiática operada pelo site".

Publicidade

Autor: Tiago Barcelos Pereira Salgado.

EXPLORE
GAZETA DO POVO
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024
Assine por R$ 1
ENTRAR

Curso: Doutorado em Sociologia na Universidade de São Paulo

Publicidade





ıo: "Por tudo que foi visto nesta tese, não é possível afirmar que a pedofilia seja, em sua totalidade, sinônimo de violência sexual contra a

criança, embora os termos sejam usados de modo indiscriminado e intercambiável em quase todos os domínios do saber. Os diversos textos apresentados aqui demonstram que muito pedófilos nunca violentaram sexualmente uma criança; e que muitos agressores sexuais infantis não podem ser considerados pedófilos, por não se enquadrarem na definição psiquiátrica da categoria".

Autor: Herbert Rodrigues.

Veja também

Seis cenas "peculiares" que aconteceram em universidades públicas brasileiras

Newsletter
Diário de Classe
SEG, CADA 15 DIAS
O mínimo que você precisa saber para entender o que acontece dentro de escolas e universidades
Digite seu e-mail
Ao se cadastrar você concorda com nossos Termos de Uso e Política de Privacidade
Quero receber

Você pode se interessar



Dívida pública chegará a 86,4% do PIB em 2026, prevê IFI



Fala de Trump sobre Canal do Panamá gera tensão com a China

ANEXO AAA — RESPOSTA DE PESQUISADORA CITADA NA MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

EXPLORE ÚLTIMAS GAZETA DO POVO Assine por R$ 1 ENTRAR
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024

Publicidade



cação

tora de tese de doutorado sobre r. Catra critica pensamento "elitista e preconceituoso"

17/06/2017 às 09:37

24

Publicidade



* MIZRAHI, Mylene. Autora de tese de doutorado sobre Mr. Catra critica pensamento "elitista e preconceituoso". Gazeta do Povo, 17 jun. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/autora-de-tese-de-doutorado-sobre-mr-catra-critica-pensamento-elitista-e-preconceituoso-9jxaz85j3uucblcipuyve3r5j/?ref=link-interno-materia. Acesso em: 21 out. 2024.



Mylene Mizrahi (de blusa rosa, no centro), em baile funk na Fundação Progresso, no Rio, durante a elaboração de sua tese de doutorado (Foto: Arquivo pessoal)

13 indignados

Em 13 de julho, a **Gazeta do Povo** publicou uma matéria sobre temas pouco ortodoxos escolhidos para teses de doutorado e dissertações de mestrado em universidades públicas brasileiras. Com o título de “Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público”, a lista apresentava, por exemplo, trechos de trabalhos sobre o Big Brother Brasil, a “categoria piriguete” e o youtuber Felipe Neto.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

O texto afirma que, apesar de a universidade ser um espaço de inovação, alguns projetos são difíceis de explicar ao contribuinte.

Agora, a **Gazeta do Povo** abre espaço para que uma das autoras citadas apresente seu ponto de vista. O artigo que segue foi escrito por Mylene Mizrahi, autora do trabalho “A estética Funk Carioca: criação e conectividade em Mr. Catra”, que lhe rendeu um título de doutora em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Publicidade

Na terça-feira pela manhã recebi a notícia, através de uma professora amiga da Universidade Federal de Juiz de Fora, de que minha tese de doutorado estava sendo desqualificada, junto com outros nove trabalhos, em matéria publicada pelo jornal Gazeta do Povo. Minha amiga estava indignada, com a matéria e com o ataque ao meu trabalho, cuja qualidade e caráter precursor é amplamente reconhecido pela comunidade acadêmica. Tomo assim a revolta da professora amiga, que ecoou com tantas outras manifestações de solidariedade recebidas, como pista para minha resposta, gentilmente ofertada pelo jornalista autor da matéria. Parto assim de meu trabalho para chegar ao projeto mais amplo a que se refere o ataque recebido.

É difícil crer que os trabalhos elencados tenham sido minimamente analisados. A impressão que se tem é que o autor, movido por preconcepções e um certo elitismo, se deixou atrair pelos temas expressos nos títulos e assim fazer o seu recorte. Reuniu trabalhos de temáticas não hegemônicas e que, de sua perspectiva, não justificariam a pesquisa acadêmica: cultura popular, sexualidade, homoerotismo, corpo feminino, identidade negra. Além do mais, não é preciso muita investigação para saber que minha tese foi premiada em primeiro lugar em concurso realizado pelo Instituto Pereira Passos (IPP-Rio), ligado à Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro, em cerimônia

conduzida no auditório do jornal O Globo. Recebi o prêmio das mãos do então prefeito Eduardo Paes como reconhecimento de que os saberes que eu desvendara permitiam entender melhor o Rio de Janeiro e seriam assim auxiliares na implementação de políticas públicas. Isso mesmo: um prêmio concedido em ambiente nada contra-hegemônico a uma pesquisa de caráter não utilitário que permitiria implementar políticas úteis.

Publicidade

A pedido do Gazeta explico aqui o que levou à escolha de meu tema. Em seguida retomo meu argumento para tentar entender o que motivou a matéria que aqui analisamos.

Como todo jornalista e todo editor de jornal deveria saber o funk é manifestação das mais expressivas da cultura brasileira contemporânea. As apresentações das cantoras Anitta e Ludmilla na abertura das Olimpíadas 2016 atestam o que falo. E foram os aspectos estilísticos, criativos e de inovação do funk que sempre me interessaram, justamente aqueles que o autor da matéria diz faltar nos trabalhos que relacionou. Ocorre que ele talvez não tenha conhecimento do que vem a ser a pesquisa nas ciências humanas e menos ainda nas ciências sociais. O que buscamos, enquanto produtores de conhecimento, é justamente o “incomum”, como no título de sua matéria, pois o nosso dever é justamente ir além dos saberes de senso-comum. Se fosse para reiterar o que é de conhecimento amplo não precisaríamos fazer pesquisa, e aí sim o contribuinte teria motivos para protestar.

Venho investigando o universo funk carioca desde 2002, com minha primeira pesquisa, A influência dos subúrbios na moda da Zona Sul, conduzida em universidade privada. No mestrado, em trabalho de campo de dezoito meses, produzi uma etnografia do baile funk a partir da dança, da corporalidade e da indumentária, a ser publicada em breve. Por fim, chego ao doutorado e junto a Mr. Catra e sua rede de relações realizo outros dezoito meses de trabalho de campo e elaboro sobre a criação musical e as estéticas do corpo.

É de se esperar portanto que o mundo que desvendo não seja óbvio. Com o funk, e os muitos deslocamentos que fiz para cumprir a agenda de shows dos artistas que acompanhei, vi um Rio de Janeiro conectado pela estética, cujas partes geográficas e sociais nem produzem um amálgama nem tampouco encontram-se cindidas, como em uma “cidade partida”. O funk produz conectividade, uma relação ambígua com a sociedade envolvente, com o alto gosto, com o poder oficial, na qual o conflito, o embate, não é sinônimo de recusa da relação, mas um dado dela. Esse aspecto conflituoso, loquazmente expresso pelos samplers que simulam tiros de armas de fogo, é ressemantizado por Mr. Catra em suas paródias musicais, por meio das quais ele subverte símbolos caros da identidade nacional. Ao erotizar peças icônicas da MPB e do Rock Brasil o “negro” Mr. Catra provoca o riso em seu público “branco” e com sua versão hilariante de, por exemplo, Tarde em Itapoã, engaja seu público e debocha da cultura oficial. Antes, contudo, ele jocosamente avisa: “Chega de funk!. Funk é só baderna, é tráfico de drogas! Agora chegou a hora da cultura...” O costume de querer ditar o que é ou não é cultura perdura entre as elites, como mostra a matéria que aqui

discutimos. Aponta o que não deve ser estudado e, por extensão, o que deveria ser estudado.

Publicidade

A matéria a que respondo acompanha uma agenda que vem ganhando força. Nela podemos vislumbrar interesses que se afinam com projetos como o Escola Sem Partido, que tem a falsa pretensão de despir o ensino de seu viés ideológico, como se isso fosse possível. O que se busca é revestir o ensino de uma outra ideologia, de viés conservador, que considera o ensino da história das religiões de matrizes africanas irrelevante ou que as identidades de gênero não devem ser problematizadas ou expressas em sua multiplicidade. Qualquer semelhança com os temas dos trabalhos elencados no artigo não é mera coincidência. Mas para além de querer controlar o que é ou não é dito em sala de aula, almeja-se deslegitimar as ciências humanas como campo de pesquisa, como produtoras de saberes relevantes para os desenvolvimentos humano e social. Como contrapartida, quer forjar-se a noção de que são os saberes técnicos aqueles que constituiriam as ciências e, o que é pior para o Brasil, contribuiriam para avanços sociais.

A matéria na Gazeta do Povo traduz um pensamento que não é apenas elitista ou preconceituoso, mas sintetiza um projeto de nação não muito inteligente. Pois se a busca é por oferecer melhor qualidade de vida à população é preciso não apenas entender o que as rege mas reconhecer que avanços sociais não se fazem apenas de avanços econômicos, contas públicas equilibradas e saberes

“técnicos” de ponta. Há no Brasil um abismo entre suas populações, uma dívida social como poucas, em parte porque parcela atuante de suas elites se recusa a reconhecer que se não forem feitos investimentos relevantes na área social não haverá ajuste fiscal que dê conta de populações historicamente marginalizadas, não apenas do mercado de trabalho mas da educação e da cidadania. Em vez de insistir em um “estado mínimo”, é preciso levar a sério o fato de que vivemos em um país profundamente desigual e que os ajustes fiscais precisam ser conduzidos lado a lado com o compromisso de evitar que privilégios de classe, raça e gênero permaneçam atuando e estruturando a nossa matriz social. Não podemos, como diz a sabedoria popular, jogar fora o bebê junto com a água do banho.

Ainda durante o trabalho de campo, Mr. Catra, meu grande parceiro de pesquisa e a quem o jornal, por extensão, desqualifica, anteviu que a tese seria premiada. Sábio como é, captou a riqueza do que produzíamos ali, coletivamente: eu, ele, músicos, familiares, parceiros, amigos. Já a Gazeta do Povo, produzida por saberes hegemônicos, não teve a mesma perspicácia. Mas não deixou de reconhecer a relevância de Catra como ícone da cultura brasileira ao ilustrar sua matéria com uma imagem do artista e seu riso irônico...

Newsletter
Diário de Classe
SEG, CADA 15 DIAS
O mínimo que você precisa saber para entender o que acontece dentro de escolas e universidades
Digite seu e-mail
Ao se cadastrar você concorda com nossos Termos de Uso e Política de Privacidade
Quero receber

ANEXO BBB — SEGUNDA MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

EXPLORE ÚLTIMAS GAZETA DO POVO Assine por R$ 1 ENTRAR
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024

Publicidade



cação

esculpe, Mr. Catra: o país veria repensar o financiamento de pesquisas pouco relevantes

Por Gabriel de Arruda Castro 29/06/2017 às 18:39

32

Publicidade



* CASTRO, Gabriel de Arruda. Desculpe, Mr. Catra: o país deveria repensar o financiamento de pesquisas pouco relevantes. Gazeta do Povo, 29 jun. 2017a. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/desculpe-mr-catra-o-pais-deveria-repensar-o-financiamento-de-pesquisas-pouco-relevantes-aljidjfm4m6an7b5uyq51mspu/?ref=link-interno-materia. Acesso 21 out. 2024.



Mr. Catra: apologia ao tráfico, mas tema de tese elogiosa (Foto: Reprodução/ Facebook)

1 feliz >

A reportagem da Gazeta do Povo sobre teses e dissertações pouco convencionais financiadas com dinheiro público provocou um debate intenso.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

Professores de Ciências Sociais e de Comunicação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) emitiram uma nota afirmando que a matéria "parece sofrer de etnocentrismo agudo". Idelber Avelar, professor da Tulane University, nos Estados Unidos, atribuiu à Gazeta a adoção de "um dos sub-gêneros mais odiosos do 'jornalismo'". Mylene Mizrahi, autora de uma tese de doutorado sobre Mr. Catra, disse que o texto representa um pensamento "elitista e preconceituoso".

Do outro lado, o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, referiu-se à lista como uma "extraordinária coleção". O diplomata Paulo Roberto de Almeida, diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI)

da Fundação Alexandre Gusmão, do Itamaraty, foi mais incisivo: são "teses debiloides", "lixo acadêmico". O promotor Guilherme Fernandes Neto, do Ministério Público do Distrito Federal, defendeu que o governo estabeleça prioridades na concessão de bolsas "para as áreas de conhecimento imprescindíveis para o nosso país, e não para nada que se assemelhe com as monografias [da reportagem]".

O que precisa, então, ser levado em conta nessa equação? A **Gazeta do Povo** apresenta seis fatores que não podem estar ausentes do debate.

Publicidade

I – Os recursos são finitos

Uma das primeiras leis da economia é a lei da escassez. Para cada bolsa concedida pelo Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), vários candidatos acabam ficando sem financiamento para seus projetos de pesquisa. No Brasil, lembrar-se disso se tornou ainda mais importante após com o corte de gastos orçamentários provocado pela crise econômica.

Em termos de percentual das despesas públicas, já gastamos mais com educação do que Israel, Coreia do Sul, Dinamarca, Noruega, Suíça, Alemanha e Holanda. Isso significa que aumentar o orçamento da educação

em larga escala não é factível.

O gráfico abaixo mostra o percentual de gastos com educação em relação ao total das despesas públicas. Os dados são da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Publicidade

Dessa forma, torna-se imprescindível que a aplicação de recursos obedeça a critérios objetivos.

II - O ensino básico está à míngua

As escolas brasileiras vão mal. No ranking do PISA, principal referência internacional, o país é o 63º em ciências, 59º em leitura e 66º em matemática entre 70 nações. O Brasil piorou em todos os índices na comparação com 2012. Se o país gasta relativamente muito com educação, por que nossas escolas têm resultados tão ruins em exames internacionais?

Parte da explicação está no gráfico seguinte, preparado pela OCDE: gasta-se muito com ensino superior e pouco com o ensino básico. O Brasil é o primeiro país à esquerda na figura: aplica mais de 4 dólares no ensino superior para cada dólar gasto no ensino básico.

Publicidade

Será correto gastar com um mestrado sobre os "aplicativos de pegação" o suficiente para custear um ano de estudos para 12 alunos da rede pública?

III - O dinheiro do contribuinte deve ser aplicado com parcimônia

Ao contrário de serviços essenciais como segurança pública e Justiça, que só podem ser oferecidos pelo Estado, o ensino superior 100% público não é um direito universal, nem está presente em grande parte dos países democráticos. Por isso há que se discutir se as pesquisas com pouco retorno devem continuar sendo bancadas com recursos públicos. E o contribuinte deve ter a palavra final.

Publicidade

O senador Cristovam Buarque (PPS-DF), um homem de esquerda que foi reitor da Universidade de Brasília e ministro da Educação no governo Lula, acredita que nem todos os cursos devem ser gratuitos – só os que interessam à sociedade e suprem demandas reais. "Hoje nós temos mais advogados do que o resto do continente americano junto. Justifica a gente tirar verbas do Estado, que está sem dinheiro, para bancar esses alunos?", disse ele à **Gazeta do Povo**.

Sob o ponto de vista do respeito ao contribuinte, a solução parece simples. Se a maioria dos pagadores de impostos concorda em financiar projetos de pesquisa com os mostrados pela reportagem, não é necessário que o Estado retire dinheiro deles de forma compulsória: basta que o financiamento seja voluntário.

Mas, se a maioria dos pagadores de impostos discorda, não é correto que o Estado retire dinheiro deles à força para bancar esse tipo de projeto.

IV – A universidade deve buscar a elevação, não o rebaixamento moral

Publicidade

O uso de recursos públicos para a promoção de certos comportamentos é problemático. Mr. Catra, tratado como "sábio" pela autora da tese de doutorado dedicada a ele, é investigado por fazer apologia ao crime. Em um vídeo gravado antes de show em Manaus ele elogia os "traficas da Compensa" e aconselha as "novinhas" a se relacionarem com os criminosos. O bairro da Compensa é o berço das maiores quadrilhas de Manaus. Ele também elogia a "Família do Norte", facção responsável pela morte de 54 detentos em presídios do Amazonas em janeiro, e até cita o nome de dois traficantes.

Tratar um personagem desses de forma elogiosa em uma tese de doutorado

é legitimar uma cultura que, se parece atraente aos antropólogos no conforto da academia, por vezes funciona como um incentivo ao crime, à gravidez na adolescência e ao consumo de drogas em comunidades onde já há tantos outros problemas.

Não se tratam de problemas menores: segundo estudo feito pelo Programa da Adolescência do estado de São Paulo, por exemplo, uma jovem de 10 a 14 anos engravida por dia em bailes funk paulistas. Ao mesmo tempo, gravidez na adolescência é responsável por aproximadamente 25% dos casos de abandono escolar entre garotas, de acordo com a Unesco. É papel do Estado promover políticas que aumentem o bem estar social e a autonomia dos indivíduos, não o contrário.

Outra dissertação mencionada pela reportagem é o trabalho de Tedson da Silva Souza, que afirma ter participado, com outros homens, de sexo grupal em um banheiro público. Alguns trechos da dissertação de Tedson são impublicáveis.

Publicidade

Em um dos relatos, ele descreve como dois estranhos começam a praticar sexo oral dentro do banheiro. E prossegue: “A atitude do rapaz foi a senha para que eu e os demais homens que observavam de longe, cheios de desejo, nos sentíssemos a vontade (sic) para nos aproximar. Uma semi-roda com cerca de doze homens se formou em volta dos dois”. A partir daí, ele

descreve uma cena de sexo em grupo. O ato descrito por Tedson configura crime, de acordo com o artigo 233 do Código Penal. A pena é de três meses a um ano de reclusão.

V - Nem todas as pesquisas são iguais

O Estado, por definição, atua em áreas nas quais o setor privado não tem condições de agir, ou para corrigir distorções do mercado. No caso da educação superior, é evidente que existem cenários distintos. Cursos como Direito e Jornalismo têm oferta mais do que suficiente de vagas no ensino privado.

Nas ciências sociais, há uma exigência menor em termos de estrutura física. A rigor, o que impede alguém escrever uma obra sobre o Big Brother Brasil, sem que isso seja necessariamente financiado com recursos públicos? Não se pode, no entanto, construir um propulsor de foguetes no quintal de casa.

Publicidade

A experiência mostra que o investimento nas ciências exatas gera empregos de alta remuneração, fortalece a indústria nacional e aumenta o grau de inovação tecnológica, o que tem um efeito multiplicador sobre a economia. Ao mesmo tempo, essas áreas do conhecimento dependem de investimentos de longo prazo, laboratórios de alto custo e especialistas com treinamentos

muito específicos. Nem sempre as faculdades privadas suprem essa demanda.

Seja qual o aspecto analisado, o investimento em tecnologia merece tratamento prioritário. O Japão, onde a situação orçamentária é muito melhor do que a do Brasil, parece ter percebido isso: o governo do país planeja fechar cursos de humanas em dezenas de universidades. Não é preciso ir tão longe: uma alocação mais eficiente dos recursos públicos bastaria.

VI – Pesquisadores não são imunes a críticas

Críticas são parte essencial do processo democrático. A **Gazeta do Povo** procurou por conta própria a autora Mylene Mizrahi, responsável pela tese doutorado sobre Mr. Catra, para que ela expressasse sua posição em um artigo publicado há duas semanas.

Publicidade

Mas parte das reações negativas à reportagem sobre as pesquisas incomuns adotou um tom (ironicamente) elitista: o argumento era o de que pessoas de fora da academia não têm condições de criticar o que é produzido pelas universidades.

Tiago Barcelos Pereira Salgado, autor de uma dissertação sobre o youtuber Felipe Neto, por exemplo, protestou dizendo exatamente isso: “o autor da matéria não entendeu nada da dissertação ou mesmo do que se trate uma pesquisa, ou mesmo a comunicação, pois quem é doutor no assunto, na verdade sou eu”.

O apelo a uma imunidade imaginária revela uma distorção perversa: do cidadão comum, quer-se apenas o dinheiro dos impostos e o apoio tácito a qualquer seja o projeto de pesquisa desenvolvido. Por essa ótica, submeter-se a avaliações de produtividade, contribuição com a sociedade ou elevação intelectual e acadêmica são invasões inaceitáveis. Exige-se dinheiro público sem prometer nada em troca.

Conclusão

Publicidade

A lista de trabalhos acadêmicos compilada pela **Gazeta do Povo** pode ser um bom ponto de partida para uma discussão necessária: enquanto outras áreas da educação afundam e a pesquisa tecnológica fica estagnada, o financiamento integral e indiscriminado de pesquisas com pouco retorno visível à sociedade não pode ser mantido intocável.

Não deve ser proibido estudar Mr. Catra, Big Brother Brasil ou Dragon Ball Z. Mas não é razoável obrigar terceiros a oferecerem seu dinheiro e seu

consentimento silente. No primeiro caso, agir assim é praticar extorsão. No segundo, exigir submissão.

Newsletter
Diário de Classe
SEG, CADA 15 DIAS
O mínimo que você precisa saber para entender o que acontece dentro de escolas e universidades
Digite seu e-mail
Ao se cadastrar você concorda com nossos Termos de Uso e Política de Privacidade
Quero receber

Você pode se interessar



Eleitores arrependidos de Lula dizem que "foi tudo ilusão"



Como acertei tudo o que aconteceria na Argentina de Milei

ANEXO CCC — SEGUNDA RESPOSTA À MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

23/12/2024 12:04

EXPLORE ÚLTIMAS
GAZETA DO POVO
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024
Assine por R$ 1
ENTRAR
Publicidade


› Caixa Zero

universidade não é torre de marfim nem é o Senac. Que se estudem as favelas e Mr. Catra

Por Rogerio Galindo 30/06/2017 às 12:44

15
Publicidade



* GALINDO, Rogério. A universidade não é torre de marfim nem é o Senac. Que se estudem as favelas e Mr. Catra. Gazeta do Povo, 30 jun. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/caixa-zero/universidade-ciencias-sociais-catra/. Acesso em: 21 out. 2024.

23/12/2024 12:04



Recentemente, Gabriel Arruda Castro, editor de Educação aqui nesta Gazeta, reabriu uma velha discussão sobre a pertinência de alguns temas de estudo na academia. A polêmica começou com uma lista de pesquisas meramente classificadas pelo autor como “incomuns” e que foram pagas com dinheiro público. Não havia qualquer argumentação: parecia que a estranheza dos temas falava por si e que não haveria, talvez, alguém capaz de não se espantar com tal rol de mestrados e doutorados “bizarros”.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

O que parece unir as pesquisas é a escolha de temas contemporâneos e, em geral, ligados ou à periferia (Mr. Castra, o sertanejo universitário, pagode, estética negra); à cultura pop e jovem (Felipe Neto, aplicativos de pegação, Big Brother); ou à sexualidade. Todos temas que parecem, ao leigo, estranhos à academia, que muita gente ainda imagina ter como ideal a torre de marfim onde se estudam os clássicos da antiguidade: a universidade seria o lugar de se estudar, preferencialmente, o pensamento do homem europeu, branco e morto.

Ou, segundo outra visão, que parece ser a que mais se aproxima da visão do repórter, o lugar onde deveriam se estudar coisas "úteis" – ou seja, as matemáticas e as ciências exatas, as engenharias e tudo aquilo que pode levar a avanços práticos, desde a ida à Lua até a construção de procedimentos industriais que criem emprego, renda etc.

Claro, que não se deixe ninguém iludir. Tudo isso faz mesmo parte do papel da universidade. Produzir conhecimento sobre Sexto Empírico ou Francis Bacon, sobre Shakespeare e os pré-rafaelitas; desenvolver metodologias industriais e procedimentos matemáticos que facilitem a vida de todos; tudo isso é parte desse mundo fascinante da academia. Porque a academia, de fato, tem um único propósito: conhecer o mundo em que vivemos.

Publicidade

O que é um mestrado?

E é para formar pessoas capazes de investigar este mundo que existe a pós-graduação (os mestrados e doutorados); e é por entender que esse tipo de conhecimento é fundamental para o desenvolvimento de uma nação culta, capaz de dialogar em uma era de grande produção científica e produtora de autocrítica que todos os governos de grandes nações investem em pesquisa universitária. De todos os tipos.

Questionado por gente que pensa assim, Gabriel escreveu um texto

publicado nesta quinta em que tentou, finalmente, articular uma defesa do porquê de, na sua visão, ser necessária uma reforma do ensino superior brasileiro para que se deixe de fazer estudos "alternativos".

A grande premissa equivocada que leva o texto a uma série de outros erros conceituais é a de que a universidade, na pós-graduação, tem como missão produzir pesquisas; na verdade, sua missão é produzir pesquisadores. E, na verdade, embora a diferença pode parecer sutil, ela é praticamente o centro da questão.

Publicidade

O que se pretende de um aluno de mestrado ou de doutorado, seja em que área for, é que ele aprenda a pesquisar o mundo usando as ferramentas de um campo de conhecimento. Se for um candidato a mestre nas engenharias, deve aprender a desenvolver um trabalho sólido e consistente nessa área; se for um interessado no mestrado de Direito, deve saber debater argumentos jurídicos e entender como se constroem os procedimentos legais.

Se for estudar as Ciências Sociais (que não por acaso estão no centro de debate, como sempre acontece), o que se espera é que o aluno compreenda como se utilizam as ferramentas de estudo de uma sociedade. Que compreenda como se faz uma pesquisa, como se levantam os dados, como se escolhe um universo delimitado; que aprenda a fazer a tabulação desses dados e a usar softwares especializados; que compreenda as discussões

metodológicas e saiba como aplica-las; e que aprenda a comparar seu trabalho com o corpo já existente de pesquisas para criticar o que já há e fazer a autocrítica de sua pesquisa.

É depois de sair da academia que se espera que o aluno continue pesquisando a partir do ferramental adquirido. E que possa passar adiante esse conhecimento ao ensinar outras pessoas.

Catra ou o que for

Publicidade

Sendo assim, o tema de um mestrado é absolutamente variável. Tanto faz se o sujeito quiser estudar a formação das elites ou das favelas; se voltar seu olhar para o recrutamento de membros de orquestras sinfônicas ou para o baile funk; se quer estudar uma sala de aula universitária ou as relações de Mr. Catra com sua comunidade e seus fãs.

Embora aparentemente a pesquisadora de Catra tenha gosto pelo seu tema, isso não é nem deveria ser relevante. Aprende-se tanto sobre nosso mundo estudando a favela e suas normas, a estética negra ou os aplicativos de pegação, o Big Brother e Felipe Neto quanto se aprende estudando temas mais clássicos. Ou, pelo menos, pode-se aprender, desde que a pesquisa seja bem feita.

Utilidade, um fetiche

23/12/2024 12:04

A ideia de que a pesquisa universitária deve ter uma finalidade prática imediata ou um propósito tecnológico (pior ainda, a ideia às vezes tida de que deve ter viabilidade ou fim comercial) é quase escandalosa. A universidade não pode jamais ser transformada num grande Senac – a ideia não é nem pode ser essa. A atividade é a de formação de pesquisadores, de massa crítica, de cientistas (sejam sociais ou de outro tipo).

Publicidade

A ideia de que mestrados e doutorados devem ser úteis cortaria desde cedo a possibilidade, por exemplo, do estudo da filosofia, a mãe de todas as disciplinas e de toda a cultura clássica Ocidental. Porque, convenhamos, seria difícil exigir uma finalidade prática de se estudar Platão.

Se for para aplicar o conceito defendido pelo autor – de que em situações de recursos escassos é preciso optar pelo mais urgente – chegaremos ao pretexto ideal para eliminar qualquer estudo das humanidades, já que a agronomia, a engenharia civil e a medicina tomarão de assalto todos os recursos – e qualquer atividade de reflexão sobre nossas vidas do ponto de vida histórico, sobre nossas relações sociais será deixada para a iniciativa privada.

Seremos assim tão pequenos?

Preconceito acadêmico

Preconceito acadêmico

Publicidade

O que muitas vezes transparece nesse tipo de crítica á universidade é um forte preconceito contra a ideia de que devemos estudar tudo o que houver para estudar sobre quem somos. Como se houvesse alguém capaz de determinar o que é e o que não é importante para que sejamos o que somos, para compreender o nosso mundo.

Esse preconceito vem principalmente de uma formação conservadora, de direita, que vê nas Ciências Sociais um perigoso aglomerado de esquerdistas interessados em questionar os valores de uma sociedade capitalista. Tudo entre muitas aspas aqui, claro. Um núcleo de pessoas que, ao invés de contribuir para o bom desenvolvimento da sociedade como ela é parece mais interessado em debater como se chegou até aqui e quais são os mecanismos que nos levam a funcionar socialmente como funcionamos.

É um preconceito contra a atividade crítica que classifica de tolas as pretensões de estudar aquilo que não seja prático. Como se fosse uma infantilização tentar pensar o mundo de outras formas e olhar para nossa sociedade com olhar diferente daquele defendido como "certo" pelas pessoas em condições de estabelecer o que é o ensino clássico.

O que não quer dizer que qualquer pesquisa sobre um tema alternativo seja

válida e boa. Pode ser meramente bobagem, evidente. Assim como uma pesquisa sobre Hegel pode ser tola. Assim como um mestrado sobre lançamento de foguetes pode dar chabu. Assim como um doutorado sobre Camões pode ser digno da lata de lixo.

Publicidade

Melhoria moral

O argumento mais espantoso de todos os usados por Gabriel, no entanto, é o de que a universidade deve servir para melhoria moral de uma sociedade. Em primeiro lugar, como já deve ter ficado claro, o dever da academia é produzir pesquisadores: nem santos nem profetas. Quem está no negócio de desenvolver virtudes são os monastérios. As faculdades devem desenvolver capacidades técnicas.

Até porque, a não ser que se esqueçam todas as principais contribuições feitas à ética e à t teoria do conhecimento pelo menos desde Kant, fica difícil estabelecer qual é a moral "certa" a desenvolver. Seria necessário estabelecer um ideal de moral (o católico? o luterano? o comunista? o de Gabriel) para que ele fosse perseguido. Cabe isso às universidades Convenhamos.

E estudar Catra não quer dizer transformar-se nele. Assim como estudar uma tribo indígena não implica passar a vestir cocar.

ANEXO DDD — TERCEIRA RESPOSTA À MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

EXPLORE ÚLTIMAS GAZETA DO POVO Assine por R$ 1 ENTRAR
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024
Publicidade


cação

relevância na torre de marfim: na resposta a Gabriel de Arruda Castro e a Rogério Waldrigues Galindo

Por Rafael Barros de Oliveira 07/07/2017 às 19:14

1
Publicidade



* CASTRO, Gabriel de Arruda. 20 teses insólitas que acabaram de sair do forno nas universidades do Brasil. Gazeta do Povo, 3 jun. 2024a. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/20-teses-insolitas-que-acabaram-sair-forno-universidades-brasil/. Acesso em: 21 out. 2024.



(Foto: Daniel CastellanoGazeta do Povo)

1 inspirada >

Na metade do mês passado, Gabriel de Arruda Castro publicou na Gazeta do Povo uma lista de dez monografias (dissertações de mestrado e teses de doutorado) “incomuns” apresentadas em universidades públicas – e, portanto, financiadas com dinheiro de impostos. Em breve introdução à lista, Castro caracterizou a universidade co-mo “um espaço aberto à criatividade e à inovação”, onde “toda forma de conhecimento é válida”, mas apontou que a “opção por temas pouco ortodoxos”, sobretudo na área de ciências humanas e sociais, gera trabalhos “difíceis de explicar ao contribuinte”, ou seja, cujo financiamento é de difícil justificativa.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! **Quero**

O texto gerou polêmica, provocando a resposta de uma pesquisadora cuja tese figurava na lista e levando Castro a explicar melhor o que pretenda dizer com a referida publicação. Para Castro, o Estado só deve financiar pesquisas que a) possibilitem a realização de empreitadas que não seriam

viáveis com meios privados – "não se pode (...) construir um propulsor de foguetes no quintal de casa", ou b) promovam "a elevação, não o rebaixamento moral", uma das funções da universidade.

Rogerio Waldrigues Galindo entrou no debate em seu blog nesta Gazeta, mostrando como a concepção de Castro evoca, para os leigos, a academia como "a torre de marfim onde se estudam os clássicos da antiguidade: a universidade seria o lugar de se estudar (...) o pensamento do homem europeu, branco e morto". Galindo parece ver em Castro uma ideia de universidade vinculada à utilidade, especialmente às matemáticas e às ciências exatas, onde não haveria espaço para as humanidades, por assim dizer, desinteressadas.

Buscando articular a defesa de uma universidade mais inclusiva, do ponto de vista intelectual, ele monta o seguinte raciocínio: o objetivo principal das pesquisas acadêmicas é a formação, ou seja, importa mais adquirir ferramentas teórico-metodológicas de investigação (procedimento) do que o produto gerado ao final do pro-cesso (conteúdo); a utilidade é uma noção-fetiche, estreita demais para englobar a riqueza da universidade, "a ideia de que devemos estudar tudo o que houver".

Publicidade

O debate é controverso e multifacetado. Desde o final do ano passado, tenho escrito no Terraço Econômico sobre o tema, já havendo discutido alguns dos

pontos que foram levantados no debate aqui na Gazeta, para os quais gostaria de chamar a atenção.

Autonomia e accountability

O primeiro ponto a ser destacado no artigo de Castro é a exigência de que a comunidade acadêmica preste contas à sociedade que a financia. A indignação do autor com os temas de pesquisa listados e a preocupação com os recursos investidos e o potencial retorno gerado remetem sempre à pergunta: por que a sociedade deve pagar por isso? Castro clama por uma prestação de contas dos pesquisadores à sociedade, pela responsabilidade com o dinheiro aportado, por, numa palavra, *accountability* – termo inglês de difícil tradução, mas que engloba os dois conceitos anteriores e algo como responsividade.

Galindo, por sua vez, enfatiza a liberdade de pesquisa constitucionalmente garantida à comunidade acadêmica. Trata-se de uma das facetas da autonomia universitária, expressa no artigo 207 da Constituição Federal. Galindo está certo ao afirmar que o objetivo principal de uma universidade de pesquisa é a formação de pesquisadores, à qual o tema das pesquisas está subordinado; a aquisição de habilidades é mais importante do que a aquisição de conteúdos determinados.

Publicidade

Ambos os jornalistas têm razão na defesa que fazem, mas é preciso

reconhecer que elas se complementam, necessitam uma da outra para não serem parciais. Por um lado, é verdade que as pesquisas universitárias não podem ser limitadas a conhecimentos consolidados, devendo ser livres para a construção de novos saberes, para a realização de novas descobertas, para a crítica do que é estabelecido e para a expansão e progresso do conhecimento humano, como quer Galindo. Por outro lado, é igualmente verdade que essa liberdade é situada: não se exerce no vazio, mas num contexto histórico-social específico, do qual depende e ao qual deve se reportar (embora não se deva por ele limitar), como quer Castro.

Em suma, autonomia sem *accountability* é discricionariedade vazia, liberdade irresponsável, descolamento esnobe da realidade. Inversamente, *accountability* sem autonomia é engessamento, amputação da crítica e morte do progresso científico (em todas as áreas do conhecimento). No primeiro caso, temos uma universidade infantil, virada de costas para a sociedade; no segundo, uma universidade domesticada, amordaçada e anódina. É preciso equilibrar os dois polos, principalmente no financiamento das pesquisas: garantir a liberdade acadêmica na escolha dos temas e dos procedimentos metodológicos, mas também preservar os interesses da sociedade e receber algum retorno pelo investimento público.

Isso nos leva a outro par conceitual.

Utilidade e relevância

Publicidade

Galindo está certo, como já foi dito aqui, em enfatizar o aspecto formativo das pesquisas acadêmicas. No entanto, não se pode ignorar que delas resulta um trabalho, um produto final e concreto: uma dissertação ou uma tese. Além de avaliar se o pesquisador adquiriu as habilidades metodológicas e procedimentais requeridas, cabe também avaliar a qualidade desse resultado. Qual será o critério adequado para isso? Ambos os autores do nosso debate deixam suas pistas.

Castro defende um critério de relevância como justificativa para o aporte de recursos, especialmente nos casos em que as pesquisas não possam ser bancadas por recursos próprios ou crowdfunding – vide exemplo do propulsor de foguetes no quintal, mencionado acima. Ele adiciona a isso uma dimensão moral: as pesquisas acadêmicas devem promover virtudes e combater vícios comportamentais. Por fim, Castro sustenta que as ciências exatas devem ser privilegiadas, em detrimento das humanidades, porque "gera[m] empregos de alta remuneração, fortalece[m] a indústria nacional e aumenta[m] o grau de inovação tecnológica, o que tem um efeito multiplicador sobre a economia".

Em contrapartida, Galindo é preciso ao apontar como seu interlocutor acaba caindo no fetiche da utilidade: segundo ele, Castro pretende que "a pesquisa universitária deve ter uma finalidade prática mediata ou um propósito tecnológico", o que faria com que a universidade seja "transformada num

grande Senac". O resultado nefasto dessa postura seria relegar à iniciativa privada "qualquer atividade de reflexão sobre nossas vidas do ponto de vista histórico, sobre nossas relações sociais".

Galindo identifica essa postura utilitarista a um "preconceito contra a atividade crítica que classifica de tolas as pretensões de estudar aquilo que não seja prático", e mostra como, no fim das contas, não só é importante fomentar a criatividade e a imaginação de novas formas de vida e relações, como também é preciso reconhecer que qualquer pesquisa sobre qualquer tema (inclusive nas ciências naturais) é suscetível ao erro e a falhas – que, por vezes, demoram décadas ou mesmo séculos para serem diagnosticadas.

Publicidade

Para além do clima de guerra cultural entre ciências humanas e ciências exatas e do debate sobre a distinção entre universidade e ensino técnico, é importante estabelecer, contra Castro, o que é consenso na comunidade acadêmica e científica: não se pode reduzir o critério de relevância das pesquisas ao de utilidade - anedota: Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo, foi amplamente criticado por cientistas de todas as áreas do conhecimento ao exigir que as pesquisas financiadas pela Fapesp fossem exclusivamente aquelas de aplicação prática e imediata.

Há (pelo menos) três sentidos possíveis de relevância: a) relevância cultural, nas pesquisas que contribuem para o arcabouço teórico de suas áreas de

conhecimento e para a produção cultural presente e futura; b) relevância social, nas pesquisas que ajudam a explicar fenômenos sociais, avaliar políticas públicas e refletir sobre a organização da vida em sociedade; c) relevância intelectual ou acadêmica, nas pesquisas que impactam diretamente a comunidade científica, o conjunto de conhecimentos de um campo e sua extensão – com impacto local ou global. Esses sentidos não são mutuamente excludentes, ou seja: há pesquisas que são relevantes em mais de um e até nos três sentidos expostos. Nem são taxativos, podendo ser amplamente complementados.

Essa concepção de relevância não exclui o mérito de pesquisas voltadas para alguma utilidade, apenas ampliando o leque de reflexões válidas e desejáveis.

Conclusão

Publicidade

Como dito desde o início, esse debate é longo e complexo, e o maior mérito da Gazeta e dos dois autores – Castro e Galindo – é enfrentá-lo e desdobrá-lo. A comunidade acadêmica, como lembra Castro, não está imune a críticas. É importantíssimo manter o exercício constante de crítica e reavaliação, para que possamos entender o que não está dando certo nelas e aperfeiçoar suas atividades

isso só será possível reforçando os méritos dessas instituições, preservando suas riquezas e ampliando seu potencial, para que elas contribuam na plena medida de suas capacidades com a sociedade que lhes dá sustentação – cultural, legal, financeira, etc. Para isso, tanto o todo (sociedade) precisa parar de perseguir e demonizar a parte (universidade), como esta precisa parar de se isolar e se pretender superior àquele .

Num cenário de crises, revoluções e mudanças em velocidade vertiginosa, todos temos a ganhar com isso.

**Rafael Barros de Oliveira é Mestrando em Filosofia pela USP e colunista do Terraço Econômico*

Newsletter
Diário de Classe
SEG, CADA 15 DIAS
O mínimo que você precisa saber para entender o que acontece dentro de escolas e universidades
Digite seu e-mail
Ao se cadastrar você concorda com nossos Termos de Uso e Política de Privacidade
Quero receber

Você pode se interessar

ANEXO EEE — TERCEIRA MATÉRIA QUE RIDICULARIZA PESQUISAS DAS ÁREAS DE HUMANIDADES, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

EXPLORE ÚLTIMAS GAZETA DO POVO Assine por R$ 1 ENTRAR
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024
Publicidade


as Receba notícias por e-mail Guilherme Fiuza Polzonoff
adêmica

teses insólitas que acabaram sair do forno nas universidades do Brasil

Por Gabriel de Arruda Castro 03/06/2024 às 17:19
Atualizado em 08/08/2024 às 09:54

303
Publicidade



* OLIVEIRA, Rafael Barros de. A relevância na torre de marfim: uma resposta a Gabriel de Arruda Castro e a Rogério Waldrigues Galindo. Gazeta do Povo, 7 jul. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-relevancia-na-torre-de-marfim-uma-resposta-a-gabriel-de-arruda-castro-e-a-rogerio-waldrigues-galindo-84s03ncs40yhqd6dzh03nq0gy/. Acesso em: 21 out. 2024.



Câmpus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (Foto: UERJ/Thiago Facina)

483 indignados

Ouça este conteúdo

Uma dissertação de mestrado em Direito segundo a qual o agronegócio condena o Brasil ao subdesenvolvimento (por culpa do capitalismo). Uma tese de doutorado em Linguística que denuncia o "golpe" que derrubou Dilma Rousseff do poder em 2016. Uma dissertação de mestrado em Arquitetura que fala em “binariedade” de gênero e no simbolismo da “saída do armário”. A elite acadêmica brasileira tem produzido teses curiosas.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

Uma reportagem da **Gazeta do Povo** já demonstrou que Karl Marx, Michel Foucault e Paulo Freire são os autores mais citados por mestrandos e doutorandos brasileiros.

O levantamento usou a ferramenta Pinpoint, em parceria com o Google, para identificar alguns exemplos peculiares da produção acadêmica recente. Ao todo, a reportagem analisou a íntegra de 7.000 teses e dissertações:

5.000 produzidas em 2023 e 2.000 em 2022.

Agora, em uma análise ainda mais detalhada, separamos 20 dissertações de mestrado e teses de doutorado que se destacam pelo caráter inusitado. Na melhor das hipóteses.

Publicidade

Para ler a íntegra de cada trabalho, basta clicar no título. *Aviso: alguns trechos têm linguajar chulo.*

1. Toda criança é queer? "Ou isto ou aquilo"'

Curso: Mestrado em Educação

Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Publicidade

Autora: Danielle Ferreira Bastos

Trecho: "Contudo, os apontamentos de Freud, universais e atemporais, cuja sexualidade humana é a trama que reinventada e respeitosa ao mundo interno do sujeito, reapropria a criança que Freud já trazia como 'viada' e que a todo custo a sociedade tenta 'desviadizar.'"

2: Uma crítica criminológica: o populismo penal como projeto político neutralizador de corpos

Curso: Mestrado em Direito

Publicidade

Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Autora: Alessandra Alvares Bueno Da Rosa

Trecho: "Pena não educa – é castigo não-pedagógico, fruto de uma herança religiosa, compondo a ralé estrutural do sistema prisional marcado pela desigualdade da sociedade periférica. O controle sobre as massas é feito por meio das prisões. A alternativa contra esse dispositivo do capitalismo contemporâneo é despolitizar o delito, descentralizar a punição. Não é o arbítrio e tampouco a luta por um caos. A origem da prisão não é jurídica, é um instrumento de controle da sociedade capitalista."

3. Estado bruxólico. As bruxas como tecnologia de resistência

Publicidade

Curso: Doutorado em Comunicação

Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Autora: Sindia Cristina Martins dos Santos

Trecho: "A partir desses agenciamentos teóricos, surge a noção de estado bruxólico como um corpo-existência que se constitui diante de acontecimentos fomentadores de um determinado imaginário ligado à mulher — infanticídio, mitologemas sobre o útero como animal que caminha no interior do corpo feminino, a capacidade de lidar com o caos, o dispêndio etc."

Publicidade

4. Sapatonas caminhoneiras negras e o mercado de trabalho como um desafio

Curso: Mestrado em Políticas Públicas

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Autora: Luara Dias Silva

Publicidade

Trecho: "Na sociedade capitalista em que vivemos o acesso ao mercado de trabalho é o principal meio de subsistência das classes populares, de todos aqueles que não detém o capital, para as mulheres estar nesses espaços de trabalho foi um processo de conquista ao logo dos anos, porque o capitalismo se sustenta em bases racistas, patriarcais, classistas e LGBTfóbicas com a lógica que rege a heterocisnoma."

5. Uma crítica à cisnormatividade pelas perspectivas decolonial e anarquista

Curso: Mestrado em Filosofia

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Publicidade

Autor: Cello Latini Pfeil

Trecho: "Corpos que fogem às regras da colonialidade patriarcal branca, em relação a gênero e sexualidade, são sistematicamente excluídos dos espaços de produção de conhecimento e da possibilidade de empregabilidade. Essa é

a expressão da colonialidade cisgênera e das ciscolonialidades. As ciscolonialidades seriam, então, em nossa interpretação, originárias da colonialidade cisgênera, tal como opressões patriarcais contra corpos considerados femininos seriam originárias da colonialidade de gênero."

6. Boate Chantecler: a representação da ascensão e do declínio nos espaços de prazer do Recife (1939-1984)

Curso: Mestrado em História

Publicidade

Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Autora: Olivia Tereza Pinheiro de Siqueira

Trecho: "O maior arcabouço teórico desse trabalho está pautado nas teorias feministas, buscando abranger pelo menos três vertentes: o feminismo eurocêntrico, o feminismo decolonial e o p*tafeminismo."

7. As aberturas políticas a partir das fraturas: Caminhos para desempedrarmos nossos corações numa

América Latina atravessada pela modernidade e pelo neoliberalismo

Publicidade

Curso: Mestrado em Relações Internacionais

Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica (PUC Rio)

Autor:João Pedro Barbosa Marins

Trecho: "Nesse sentido, resgatar o pensamento de outras culturas que habitam a América Latina pode nos ajudar a seguir nesta direção. Um exemplo dessas contribuições é a partir de um entendimento da cultura Tsetal, que busca um desempedrar desses corações que foram tão endurecidos pelo individualismo da racionalidade neoliberal ou pela predatória relação com a natureza e com todos os seres que a modernidade encarna, juntamente com seu projeto de legitimar só um tipo de sociedade, aquela considerada moderna."

Publicidade

8. O corpo feminino e sua via crucis: uma leitura de Clarice Lispector

Curso: Doutorado em Letras

Curso: Doutorado em Letras

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Autora: Julie Christie Damasceno Leal

Publicidade

Trecho: "Se para o cristianismo o corpo humano é algo imperfeito, pecaminoso, falho e perecível, o corpo feminino por sua vez é visto como algo ainda mais depreciável. Cada religião estabelece para seus seguidores um conjunto de normas que devem ser seguidos sem qualquer questionamento: os dogmas."

9. Representação, hegemonia e violência divina a partir dos discursos sobre a destituição de Dilma Rousseff: uma análise dos documentários *Democracia em Vertigem* e *Não Vai Ter Golpe*

Curso: Mestrado em Linguística Aplicada

Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Publicidade

Autor: Francisco Djefrey Simplicio Pereira

Trecho: “O trabalho é oportuno, visto que a narrativa democrática fascista-liberal, nos termos de Boaventura (2010), do MBL tem conseguido “reunir partidos de espectros políticos diversos”, cooptando parte da esquerda e centro-esquerda brasileiras (PEREIRA, 2021, p.1), na tentativa de morte e ressurreição antecipada de um representante político para a disputa da presidência de 2022.”

10. "A gente mal nasce e começa a morrer": micropolíticas do desejo de morte e práticas de resistência em trajetos homossexuais

Curso: Doutorado em Psicologia

Publicidade

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Autor: Antonio Leonardo Figueiredo Calou

Trecho: “A c*ceta é um termo criado para fazer referência a um sexo que se aproxima da b*ceta (vagina), mas que não é ela, talvez uma forma maquiada

dela. Por um lado, é uma tentativa edipianizante e falocêntrica, pois uma vez que aproxima o c* de objetos sexuais que tem sentidos determinados e fixos de se exercer e funcionar, ela o faz requerendo um lugar social, um lugar de poder para ela, que de certa forma já dita o que nela pode entrar e para quem ela servirá. A c*ceta desinveste o c* de seu aspecto democrático e libertário, impedindo seus fluxos experimentativos e desviantes, lhes dirigindo a produção de um outro objeto com um conjunto de normas e estruturas."

11. O discurso sobre a universidade pública e o saber científico em meio ao negacionismo no governo Bolsonaro

Publicidade

Curso: Doutorado em Linguística e Literatura

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Autora: Simone Natividade Santos

Trecho: "O golpe de Estado deu abertura para que instituísse o governo provisório de Michel Temer desencadeando em reformas de cunho educacional, trabalhista e previdenciário que eliminaram direitos importantes que foram alcançados após a redemocratização do país com a

Constituição Federal de 1988. O seu programa: 'Uma ponte para o futuro', na verdade, mostrava o seu intento regressivo, em que direitos foram esfacelados principalmente para a classe dominada."

Publicidade

12. Múltiplos modos de mover politicamente os corpos no rap: cartografia dos regimes coreopolíticos do rap do Brasil e dos EUA

Curso: Doutorado em Comunicação

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Autor: Mario Augusto Oliveira Monteiro Rolim

Publicidade

Trecho: "Do lado do regime hardcore, o sexo e a sedução apareciam em performances que costuma(va)m trazer as mulheres como objetos a serem dominados ou ostentados, algo que também acontecia no regime de baile, mas com um comprometimento maior com uma postura vertical e rígida do corpo, mais recusa à "dança" e à exposição do c*, e(talvez) mais misoginia."

13. Lingujando na Coletiva Elas Poemas: entre cuidados, poemas e devir na busca de nós

Curso: Mestrado em Linguística Aplicada

Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Publicidade

Autora: Ana Malba Araujo de Queiroz

Trecho: “Como objetos para o deleite masculino, fomos impedidas de compreender o nosso corpo, de vivenciar nosso potencial orgástico, como anuncia a minha poema: 'Sua boca fica melhor chupando/ E eu fico melhor gozando!'”

14. Do planejamento soviético a Nova Economia do Projetamento

Curso: Mestrado em Ciências Econômicas

Publicidade

Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Autor: Willian Thompson Silva Gomes

Trecho: "Vimos que com os recursos computacionais atuais e outras tecnologias não existentes durante a Guerra-Fria é possível pensar numa alternativa econômica, contrária ao capitalismo, necessária para resolver os problemas que a humanidade vai ter que encarar durante este século e o próximo. Para esta pesquisa foram utilizados livros e artigos acadêmicos relevantes ao trabalho, utilizando essencialmente o arcabouço de conhecimento econômico marxista."

15. Como Se Faz um Corpo Queer?: Revolução Biomolecular Contra o Império Farmacopornográfico

Publicidade

Curso: Mestrado em Direito

Instituição de Ensino: Unversidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autor: Thiago Cesar Carvalho dos Santos

Trecho: "O objetivo deste trabalho é compreender os processos para a feitura de um corpo queer, ou apontar os caminhos possíveis para ativação

dessa queeridade. Nesse sentido, foi importante compreender os modos de produção dos corpos-sujeitos operados pelo funcionamento da máquina bipolar capitalista, para então pensar e experimentar estratégias, não só de resistência, mas de destituição desse regime."

Publicidade

16. Honrar o *habitus*, apagar os corpos: uma fofoca carnavalizante sobre a história do Doutor *Honoris Causa* nas Faculdades de Direito públicas do Brasil

Curso: Mestrado em Direito

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autor: Antonio Lopes de Almeida

Publicidade

Trecho: "Minha escrita e meus escritos — sei que é injusto dizer que são meus, porque vivo roubando-lhes do dia a dia das pessoas acadêmicas e não acadêmicas — partem mais de coisas heterodoxas e periféricas que observo nas faculdades de Direito, nas conversas de mesa de bar e na vigilância das

redes sociais do que das bibliotecas, das trocas de e-mails com pesquisadoras ou dos eventos acadêmicos. Por essa via, não acredito que esteja sendo incoerente com o que escrevi, mas mantenho a consciência de que venho de baixo e pretendo permanecer embaixo com os tipos marginais e sem relevância à primeira vista. Nessa linha, a fofoca é o melhor caminho ou *méthodos* para experenciar e narrar a marginalidade."

17. Acumulação Capitalista, Regulação do Trabalho e Agronegócio no Brasil: uma Relação de Dependência e Subdesenvolvimento

Curso: Mestrado em Direito

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Publicidade

Autora: Yasmin Silveira Martins

Trecho: "É imprescindível a compreensão de que o agronegócio fomenta o subdesenvolvimento do Brasil, ao contrário do desenvolvimento que o setor e seus ideólogos/patrocinadores garantem. Destaca-se que isso ocorre justamente para viabilizar a acumulação de capitais por parte dos gigantes

proprietários do setor agropecuário. E o que permite tal acumulação é, necessariamente, o próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista, que em sua dinâmica evolutiva forjou o desenvolvimento de determinados países às expensas do desenvolvimento de outros."

18. O aborto como instrumento de biopolítica

Curso: Mestrado em Direito

Publicidade

Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Autora: Ana Maria Meinberg de Moraes

Trecho:"O discurso religioso segue presente no Brasil (e no mundo) e demonstra força na esfera política e legislativa. O extremismo religioso pode agravar, ainda mais, a situação da mulher como ser detentor de direitos e liberdades individuais, ao utilizar o discurso da mulher como fonte de pecado, agravado pelo discurso de assassinato de um ser humano (feto), que é sagrado."

19. Decolonizando afetos: o

reconhecimento jurídico das famílias poliafetivas

Publicidade

Curso: Mestrado em Direito

Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Autora: Livia Scopel Ribeiro Dini

Trecho: "A monogamia é tão somente a estrutura de um tipo de família, a matrimonial, introduzida no ordenamento pelo colonizador como instrumento de manutenção de seus próprios valores. Ao lado da família matrimonial, existem tantas outras que também são públicas, ostensivas e formada por laços de afetividade, sendo, portanto, merecedoras da tutela estatal."

Publicidade

20. Cidade-armário, banheiros, cozinhas: histórias sobre brechas e gênero

Autor: Daniela de Oliveira Faria

Curso: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Publicidade

Trecho: "Mobilizo o armário-objeto para desconstruir o armário-simbólico e as dicotomias que o cercam, mostrando que essa analogia, que é fundante para o pensamento sobre a sexualidade, é limitada, colonial e binariamente opressora. O armário não passa de um delimitador contraditório e paradoxal entre dentro e fora, entre segredo e revelação, entre homossexual e heterossexual, e entre o que está aparente ou escondido."

VEJA TAMBÉM:

↳ A história sendo escrita agora: nas universidades, impeachment de Dilma vira "golpe de 2016"

↳ Marx, Paulo Freire e Foucault: os autores mais citados em universidades do Brasil

↳ As dez piores teses premiadas pela Capes em 2023



QUIZ

Trump ou Biden?

Você nas eleições americanas. Descubra qual partido americano lhe representa

EU QUERO!

ANEXO FFF — QUARTA MATÉRIA QUE CRITICA AS ÁREAS DE HUMANIDADES, PELOS SEUS AUTORES MAIS ESTUDADOS, PUBLICADA PELA GAZETA DO POVO*

EXPLORE ÚLTIMAS GAZETA DO POVO Assine por R$ 1 ENTRAR
Segunda-feira, 23 de Dezembro de 2024

Publicidade



Receba notícias por e-mail | Guilherme Fiuza | Polzonoff

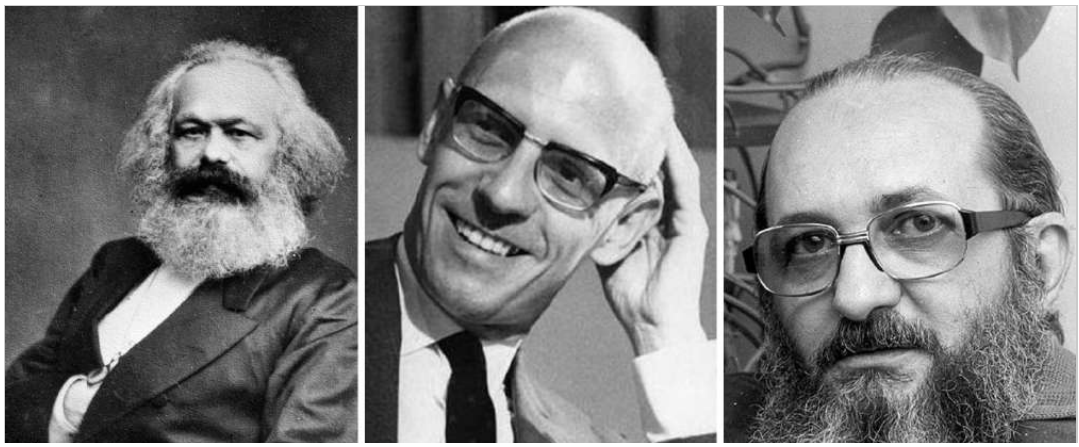
mento exclusivo

arx, Paulo Freire e Foucault: os tores mais citados em universidades do Brasil

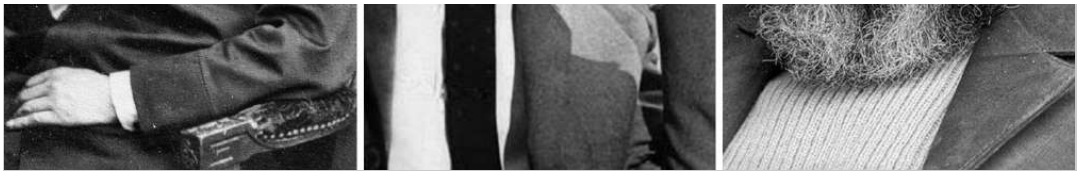
Por Gabriel de Arruda Castro 26/05/2024 às 14:38
Atualizado em 08/08/2024 às 10:04

188

Publicidade



* CASTRO, Gabriel de Arruda. Marx, Paulo Freire e Foucault: os autores mais citados em universidades do Brasil. Gazeta do Povo, 26 mai. 2024b. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/marx-paulo-freire-foucault-os-autores-mais-citados-universidades-brasil/?ref=veja-tambem?ref=link-interno-materia. Acesso em: 22 out. 2024.



Marx, Foucault e Freire: o pódio dos autores mais citados na academia brasileira (Foto: Wikimedia/Universidade de Barcelona/ Instituto Paulo Freire)

171 indignados

Ouça este conteúdo

A afirmação de que as universidades brasileiras estão imersas na influência ideológica de pensadores de esquerda não é nova. Mas, na maior parte das vezes, ela se baseava em episódios esparsos que vinham à tona ocasionalmente: um professor flagrado fazendo campanha política dentro da sala de aula, um curso transformado em pregação ideológica ou uma manifestação extremista dentro de um campus universitário.

Assine a Gazeta por R$ 1 nos 6 primeiros meses! Quero

Agora, a **Gazeta do Povo** encontrou provas de que essa afirmação é, ao menos em parte, verdadeira.

Uma análise em larga escala de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas em 2022 e 2023 indica que Karl Marx, Paulo Freire e Michel Foucault — todos de esquerda — são os três autores mais citados da academia brasileira.

A análise usou o Banco de Teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O levantamento incluiu a íntegra 7.000 trabalhos escolhidos a esmo, sem qualquer pré-seleção de universidades ou disciplinas.

Publicidade

O levantamento foi feito por meio da ferramenta Pinpoint, em uma parceria entre a **Gazeta do Povo** e o Google. O Pinpoint usa inteligência artificial para identificar padrões, como nomes de pessoas e lugares mencionados.

Os trabalhos acadêmicos de 2022 podem ser consultados neste link. Os de 2023, neste link.

As teses de 2023

Para obter as 5.000 teses e dissertações, a **Gazeta do Povo** analisou o resumo de mais de 9.700 trabalhos na lista da Capes. Cada resumo traz o autor, o título, a instituição de ensino e a área do conhecimento. Na maioria dos casos, a plataforma também oferece um link para a íntegra do trabalho.

Publicidade

Os 5.000 trabalhos vieram de 93 instituições de ensino e mais de 240 áreas do conhecimento diferentes — de administração a zootecnia. Ou seja: a lista

traz os autores mais citados de forma geral, e não apenas nas ciências humanas e sociais.

Dentre as 5.000 teses de 2023, 545 citam Karl Marx. Nenhum autor foi mencionado por tantos trabalhos quanto o autor de "O Capital".

O segundo lugar ficou com Michel Foucault. Depois, surgem Pierre Bourdieu, Albert Einstein, Aristóteles, Boaventura Sousa Santos, Maria Cecília de Souza Minayo e Sigmund Freud.

A simples menção a Karl Marx não significa, de antemão, que essas teses sejam boas ou ruins, ou mesmo que os mestres e doutores sejam entusiastas das ideias marxistas. É possível, em tese, que a maioria das obras seja crítica a Marx. Mas na prática, não é fácil encontrar uma crítica ao pensador socialista.

Publicidade

Os 50 autores mais citados em 2023

Autor - Citações (dentre 5.000 trabalhos)

1. Karl Marx - 545
2. Michel Foucault - 486
3. Paulo Freire - 467

4. Pierre Bourdieu - 368
5. Albert Einstein - 240
6. Aristóteles - 217
7. Boaventura Sousa Santos - 207
8. Maria Cecília de Souza Minayo - 187
9. Sigmund Freud - 181
10. Ruy Barbosa - 176
11. Hannah Arendt - 173
12. Norberto Bobbio - 172
13. Max Weber - 171
14. Platão - 168
15. Friedrich Engels - 161
16. Walter Benjamin - 157
17. Milton Santos - 154
18. Machado de Assis - 151
19. Judith Butler - 146
20. Santo Agostinho - 138
21. Florestan Fernandes - 135

22. Ludwig Boltzmann - 135
23. Simone de Beauvoir - 134
24. Gilberto Freyre - 129
25. Laurence Bardin - 128
26. Leonhard Euler - 127
27. Antonio Gramsci - 126
28. John Locke - 126
29. Gilles Deleuze - 125
30. Frantz Fanon - 121
31. Mikhail Bakhtin - 120
32. Sueli Carneiro - 116
33. Dermeval Saviani - 113
34. Lev Vygotsky - 113
35. Jean-Jacques Rousseau - 111
36. Adam Smith - 110
37. Georg Wilhelm Friedrich Hegel - 110
38. Immanuel Kant - 110
39. John Dewey - 109

40. Isaac Newton - 97
41. Stuart Hall - 95
42. Zygmunt Bauman - 95
43. David Harvey - 92
44. Paul Dirac - 92
45. Friedrich Nietzsche - 86
46. Félix Guattari - 85
47. Abdias do Nascimento - 84
48. Aníbal Quijano - 83
49. Eric Hobsbawm - 82
50. René Descartes - 81

Apologia ao marxismo

Publicidade

Um dos trabalhos que cita Karl Marx é o de Rodrigo da Luz Silva, da Faculdade de Educação da UFBA (Universidade Federal da Bahia). Em muitas passagens, o autor até apresenta algumas análises objetivas da relação entre o pensamento de Paulo Freire e Marx. "O pensamento freireano e o materialismo histórico e dialético se complementam, na medida em que

Marx e seus seguidores lançam as bases necessárias à revolução popular e Freire tece os caminhos pedagógicos pelos quais essa revolução precisaria trilhar, explicitando que, para haver revolução, é indispensável a constituição de processos educativos críticos", ele escreve.



Karl Marx: influência duradoura na academia.

Mas, mais adiante, Rodrigo deixa de lado o tom neutro e sai em defesa da revolução socialista. "Vislumbro novos caminhos a serem trilhados. Novos horizontes de luz não completamente ofuscados pela lógica capitalista, pelo retrocesso atual nas políticas públicas e pelos valores neoliberais. Caminhos que sinalizam novas direções, novas rotas, outros mundos possíveis, como diria Paulo Freire."

E ele encerra sua tese de doutorado assim: "Em tempos caracterizados pelo

avanço da onda neoliberal, conservadora e negacionista, faz-se necessário resgatar os pressupostos político-pedagógicos, científico-tecnológicos e socioambientais freireanos no sentido de denunciar os mecanismos de dominação reinantes, ao passo em que anunciamos novos caminhos e horizontes fincados na esperança que nos possibilita a construção de outras formas de ser e de estar no mundo.”

Publicidade

É um exemplo da postura “engajada” que se tornou onipresente na academia brasileira, especialmente nas ciências sociais.

"Não surpreende nada. Este é o resultado de mais de 50 anos de trabalho da esquerda no sentido de capturar as instituições, dentre as quais se destacam as universidades. A prevalência de uma produção acadêmica com viés de esquerda reflete o sucesso desse processo", afirma Anamaria Camargo, mestre em Educação e presidente do Instituto Livre para Escolher.

Anamaria também aponta para outro problema mais profundo: os autores mais citados na academia brasileira favorecem uma abordagem pouco científica dos problemas humanos.

"Marx baseia sua teoria econômica em uma utopia, para Foucault, não existe verdade objetiva e segundo Paulo Freire, 'não há saber mais nem saber menos; há saberes diferentes'. Podemos então concluir que as chances

de que as hipóteses baseadas nesses pensadores serão falseáveis são remotíssimas", diz ela, que explica: "Ou seja, essas pesquisas provavelmente sequer podem ser cientificamente refutadas. Para legitimar tais estudos, basta que se baseiam em 'experiências vividas' de determinados grupos estrategicamente posicionados nas interseções dos chamados 'sistemas opressão'."

Publicidade

Marx presente em outras áreas

A influência de Karl Marx na academia brasileira vai além das Ciências Sociais e Humanas.

Por exemplo: um trabalho de Enfermagem apresentado em 2023 citou o autor como referência, embora de forma superficial: “Como defendeu Marx, a centralidade do trabalho continua atual, o que se precisa é lutar pelo trabalho digno e decente”, escreve Samira Silva Santos Soares, em uma tese de doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Uma dissertação de mestrado em Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte adotou uma abordagem marxista para estudar o enfrentamento da pandemia na cidade de Natal. "A natureza do objeto de estudo da presente investigação exigiu a abordagem de totalidade fundamentada na teoria social crítica e no método dialético na acepção formulada por Engels e Marx, buscamos nos aproximar da essência do

objeto de estudo a fim de capturar sua estrutura e dinâmica, em um processo dialético, em um movimento de aproximações sucessivas para apreender as principais determinações que o circundam", escreve Renata Celli da Silva Nogueira Medeiros.

Em muitas ocasiões, a obra de Karl Marx é apresentada de forma acrítica. Nas palavras desses acadêmicos, Marx "esclarece", "ensina", "evidencia" — como se a obra do autor comunista fosse evidentemente correta e não precisasse passar por escrutínio.

Publicidade

Em uma tese doutorado em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo, Verônica Martins Tiengo parece se juntar esse grupo: "O capitalismo está alicerçado na exploração de uma classe sobre a outra. Um grande diferencial de Marx é evidenciar que a riqueza, ao invés de vir da propriedade sobre a terra, ou sobre os meios de produção, vem do trabalho abstrato, afinal a mais-valia é produzida pelos trabalhadores e apropriada pelo capitalista, que remunera a força de trabalho com um salário bem inferior ao que de fato foi produzido." O trabalho têm 225 referências a Marx.

Na PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro, Paola Sarlo Pezzin não se incomodou em tratar Marx como professor: "Assim, foi Marx

quem ensinou que os homens nunca produzem absolutamente, isto é, como seres biológicos em um universo de 'necessidade' física", ela argumenta, em uma tese de doutorado em Comunicação Social.

Na sua tese de doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Ceará, Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves diz que o objetivo do trabalho é "apontar a íntima relação entre capital e violência". O trabalho é repleto de afirmações apresentadas sem maiores explicações, como esta: "A busca irrefreável do capital pela infinitude sob condições de produção e consumo absolutamente desiguais transforma o crédito em base de transações fraudulentas." O nome de Marx aparece 643 vezes na tese de 177 páginas.

O parágrafo de encerramento da tese de Queiroz é quase um convite à revolução socialista: "O modo burguês de produção lança as bases para uma forma mais elevada de metabolismo social, na qual o intercâmbio necessário entre homem e natureza será regulado pelo livre jogo das forças físicas e espirituais. Sob uma economia planificada, o emprego da tecnologia já não resultará em pauperismo e crises cíclicas, mas na aplicação da máxima: 'De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades'".

O uso da academia para a defesa de uma ideologia também tem a ver com o número dois da lista de autores mais citados em 2023.

Publicidade

Foucault: desconstruir sem reconstruir

Nas teses apresentadas em 2023 e analisadas pela **Gazeta do Povo** o segundo autor mais popular é um pós-moderno: o francês Michel Foucault, mencionado em 486 trabalhos.

Focault é um dos principais nomes de uma corrente de pensamento segundo a qual verdades objetivas não existem — ou, se existem, não são acessíveis. Para ele, tudo o que podemos fazer é analisar discursos, narrativas e exercícios do poder.

Isso ajuda a explicar porque tantos trabalhos acadêmicos no Brasil mais parecem um relato pessoal de experiências que não podem ser replicadas. Para Foucault, nenhuma experiência pode ser replicada. O conhecimento universal simplesmente não existe.

Publicidade

Conclamados por Foucault, muitos autores abandonaram a ideia de verdade socrática ou da objetividade iluminista. O resultado por vezes é uma produção de acadêmica que beira o ininteligível.

“Apoiada nas ferramentas do filósofo Michel Foucault, considero que a habilitação/reabilitação, como prática individualizada (ainda que ampliada pelas referências da funcionalidade) e como serviço dirigido à determinada população, é atravessada e constituída por técnicas de poder sobre a vida”,

escreve Francine de Souza Dias, em sua tese de doutorado em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz.
O título do trabalho, aliás, é um exemplo representativo da linguagem pós-moderna que se espalhou pela academia brasileira: "Empoemar a reabilitação, deslimitar a deficiência, transver o cuidado: das normativas humanitárias à encantaria contracolonial".

Em sua tese de doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Fabiana da Costa Gonçalo repete o mantra foucaultiano de que a prisão não serve para reduzir a criminalidade. Ela cita diretamente o autor, para quem "as prisões não diminuem a taxa de criminalidade: pode-se aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las; a quantidade de crimes e de criminosos permanece estável, ou, ainda pior, aumenta". Sem dados ou evidências, Fabiana dá um salto no tempo e no espaço e pousa no Brasil do século 21: "Apesar de o filósofo analisar a situação francesa dos séculos XIX e XX, percebe-se que esta não é muito diferente da verificada no contexto brasileiro atual."

Publicidade

Embora as ideias de Foucault não possam ser reduzidas a uma caricatura, a rejeição da objetividade permitiu que trabalhos acadêmicos de baixa qualidade se multiplicassem. Se a objetividade não existe, também não existe um critério objetivo para a excelência acadêmica.

Simone de Beauvoir acima de Gilberto Freyre

A lista dos autores mais citados de 2023 permite algumas comparações interessantes. O autor (de esquerda) português Boaventura Sousa Santos aparece à frente de Sigmund Freud e Platão. Judith Butler e Simone de Beauvoir, teóricas fundamentais no desenvolvimento das chamadas "teorias de gênero", foram mais citadas que Gilberto Freyre, possivelmente o mais influente sociólogo brasileiro. Antonio Gramsci, o pensador italiano que atualizou a doutrina marxista, tem mais citações que Jean-Jacques Rousseau. O liberal Adam Smith perde para o filósofo soviético Mikhail Bakhtin. Parceiro de Marx, Friedrich Engels tem mais citações que John Locke. Entre os 20 primeiros também está Walter Benjamin, da chamada Escola de Frankfurt.

O brasileiro com maior número de citações foi o pedagogo Paulo Freire, mencionado por 467 das 5.000 teses. Sozinhas, as 113 referências à "Pedagogia do Oprimido", obra mais famosa do autor pernambucano, já são mais numerosas do que toda a obra de Albert Einstein e Aristóteles.

Publicidade

Em 2022, Paulo Freire obteve um lugar ainda mais alto do ranking dos autores mais citados.

Em 2022, números foram semelhantes

O domínio de autores de esquerda na lista de 2023 é evidente. Mas, em tese, esse pode ter sido um ano atípico. Por isso, a equipe da **Gazeta do Povo** também compilou 2.000 dissertações de mestrado e teses de doutorado apresentadas em 2022 (ainda no governo Bolsonaro) e disponíveis na Plataforma Sucupira.

Desta vez, o critério foi o da ordem alfabética: a análise incluiu as primeiras 2.000 teses cuja íntegra estava disponível. Esse método gera um número desproporcional de trabalhos escritos por "Adrianas" e "Albertos", mas evita que a amostra tenha distorções (como incluir um número desproporcional de teses de uma mesma universidade ou uma mesma área do conhecimento).

Publicidade

Resultado: dos dez mais citados de 2023, nove também aparecem entre os dez mais de 2022. Os três autores no topo da lista são os mesmos de 2023, embora a ordem tenha sido diferente: Freire, Foucault e Marx, respectivamente (veja a lista completa abaixo).



Mural homenageando Paulo Freire em Brasília (Foto: Valter Campanato/Agência Brasil)

Paulo Freire é citado por acadêmicos como Alexandra Biondo Lopes Pacheco, da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Em sua tese de mestrado em Educação, ela trata Freire e o socialista italiano Antoni Gramsci como "dois grandes pensadores da educação" que defenderam uma "educação crítica com propósito de transformação das relações sociais vigentes, uma educação de qualidade acessível à classe trabalhadora". Alexandra contrapõe os autores socialistas ao que chama de proposta "neoliberal" da educação, que, segundo ela, foi proposta pela "burguesia".

Freire é tão popular que aparece com frequência em trabalhos das ciências exatas e da natureza. Um deles é a dissertação de mestrado sobre "gestão de resíduos de construção demolição em obras de infraestrutura urbana", apresentada por Alexandre Marques Nogueira Cobra, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. Nesse caso, o pedagogo é citado na epígrafe: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo".

Em sua dissertação de mestrado em Ciências da Saúde na Universidade do Oeste Paulista, Aline Graciele Leão Torres também faz uma deferência a Freire. "Não existe saber mais ou saber menos: existem saberes diferentes", diz a epígrafe, citando uma frase célebre do pensador pernambucano.

Publicidade

O trabalho de Aline tem o título de "Avaliação comparada da ação antioxidante de N-acetil-L-cisteína (NAC) e o extrato de caule da Coutarea hexandra (Rubiaceae) sobre os efeitos sistêmicos do envenenamento experimental por Lachesis muta muta (surucucu sul-americana) em ratos."

"Saberes", aliás, se tornou parte do jargão acadêmico no Brasil. Somando os trabalhos de 2022 e 2023, a expressão freireana é citada em 2.149 teses. Sinal de que a influência de Paulo Freire é ainda maior do que a contagem das menções a seu nome sugere. Assim como Foucault, Freire rejeitava a noção de que o conhecimento é algo objetivo.

Os autores mais citados em 2022

Autor - Citações (dentre 2.000 trabalhos)

1 - Paulo Freire - 310

2 - Michel Foucault - 207

3 - Karl Marx - 205

4 - Laurence Bardin - 175

5 - Boaventura Sousa - 162

6 - Pierre Bourdieu - 154

7 - Maria Cecília de Souza Minayo - 137

8 - Albert Einstein - 95

8 - Aristóteles - 95

10 - Immanuel Kant - 89

11 - Dermeval Saviani - 86

11 - John Dewey - 86

13 - Lev Vygotsky - 85

14 - Darcy Ribeiro - 76

15 - Mikhail Bakhtin - 75

16 - Sigmund Freud - 73

17 - Milton Santos - 71

18 - Max Weber - 70

19 - Hannah Arendt - 69

20 - Eva Maria Lakatos - 68

21 - John W. Creswell - 66

22 - Stuart Hall - 65

23 - Friedrich Engels - 62

23 - Platão - 62

25 - Gilles Deleuze - 59

26 - Adam Smith - 57

26 - Charles Darwin - 57

26 - Zygmunt Bauman - 57

26 - Machado de Assis - 57

30 - Jean Piaget - 56

30 - Marina Andrade - 56

30 - Walter Benjamin - 56

33 - Jürgen Habermas - 55

34 - René Descartes - 54

35 - Florestan Fernandes - 53

36 - Gilberto Freyre - 51

36 - Ruy Barbosa - 51

38 - Frantz Fanon - 50

39 - Judith Butler - 48

40 - Sueli Carneiro - 47

41 - Fernando Pessoa - 46

42 - Aníbal Quijano - 45

43 - Friedrich Nietzsche - 44

43 - Michel de Certeau - 43

44 - Antonio Gramsci - 42

44 - Jean-Jacques Rousseau - 42

46 - Edgar Morin - 41

47 - John Locke - 41

48 - Clarice Lispector - 40

48 - Conceição Evaristo - 40

48 - Georg Wilhelm Friedrich Hegel - 40

48 - Joseph Schumpeter - 40

48 - Tomaz Tadeu da Silva - 40

48 - Simone de Beauvoir - 40

Publicidade

Como o levantamento foi feito

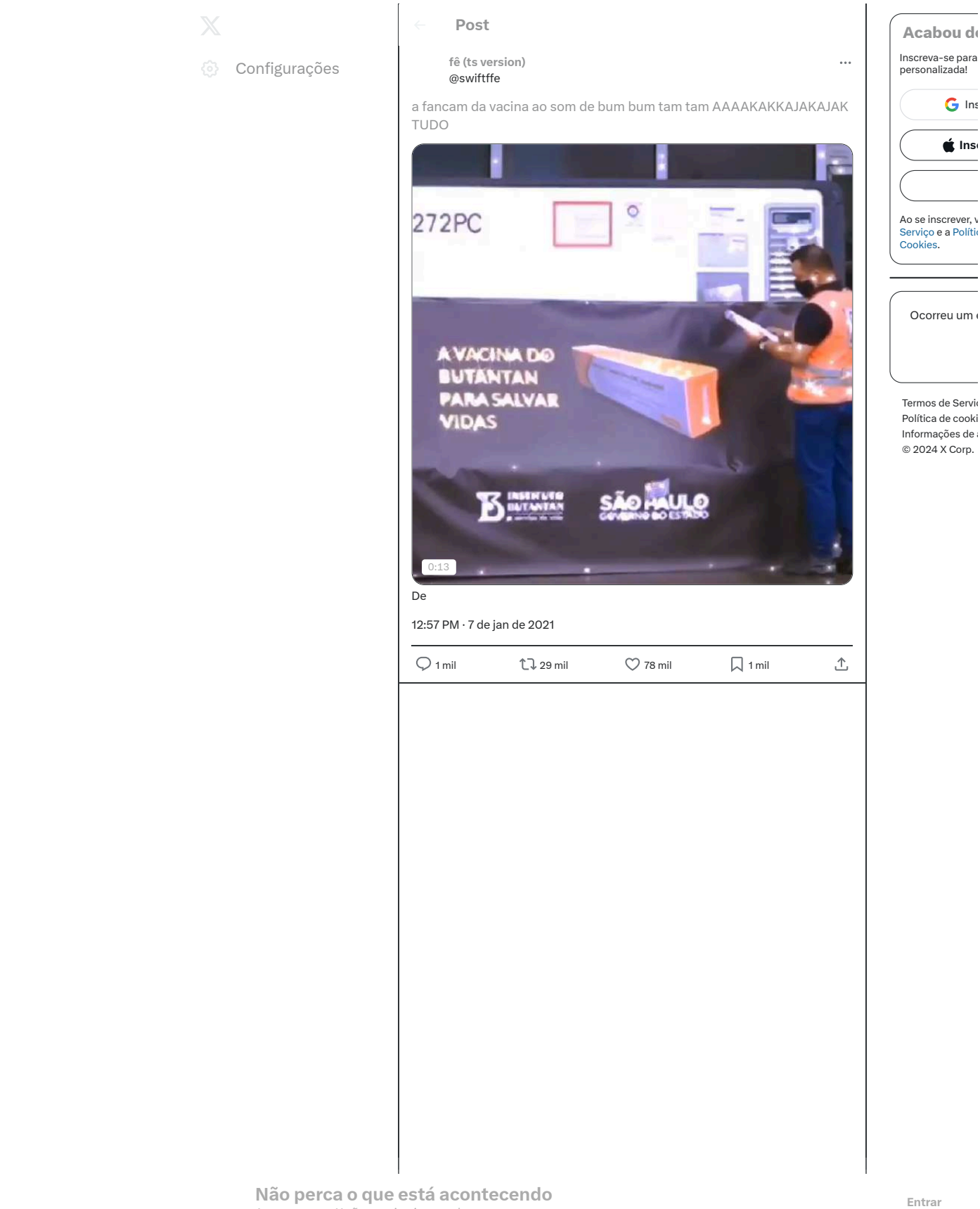
Embora a Capes forneça uma unificada das teses e dissertações apresentadas no Brasil, não há um banco de dados unificados com a íntegra desses trabalhos; é preciso baixá-los um a um. A coleta das teses e dissertações levou cinco semanas.

As teses e dissertações de 2023 foram baixadas na ordem apresentada pelo portal da Capes — a ordem em que o material foi publicado. As de 2022 seguiram a ordem alfabética do primeiro nome do autor.

Os nomes dos autores mais citados foram identificados pela ferramenta Pinpoint. Em alguns casos, os números podem ser enganosos. Por exemplo: Anísio Teixeira foi um autor influente, mas a maior parte das menções envolvendo Teixeira se dá porque ele empresta o nome ao Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Além disso, o mesmo nome por vezes é citado de duas formas diferentes. Ruy Barbosa, por exemplo, por vezes aparece como "Rui Barbosa". A reportagem da **Gazeta do Povo** corrigiu essas distorções.

Publicidade

ANEXO GGG — TWEET COM VÍDEO SOBRE A VACINA DO BUTANTAN AO SOM DA MÚSICA BUM BUM TAM TAM*



* DECKERJDOE. A fancam da vacina ao som de bum bum tam tam. [S. l.]. 7 jan. 2021. Twitter: @deckerjdoe. Disponível em: https://twitter.com/deckerjdoe/status/1347210885232816128?s=20. Acesso em: 25 nov. 2021. Ao acessar em 25 dez. 2024, o link redireciona para o perfil @swiftffe, porque houve mudança no nome de usuário. Na descrição do perfil, permanece o nome “deckerjdoe”.

ANEXO HHH — NOTÍCIA DE QUE A MÚSICA DE MC FIOTI HAVIA SE TORNADO “HINO DA CORONAVAC”, PUBLICADA NO SITE KONDZILLA*

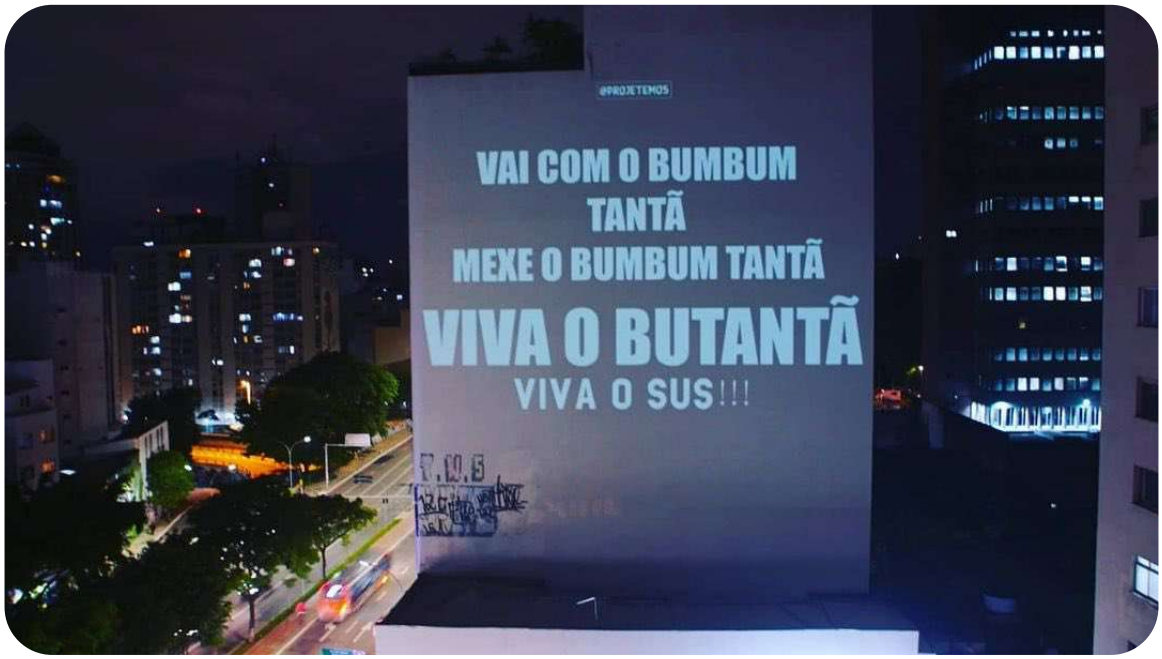


MÚSICA

“Bum Bum Tam Tam”, do MC Fioti, vira hino da Coronavac

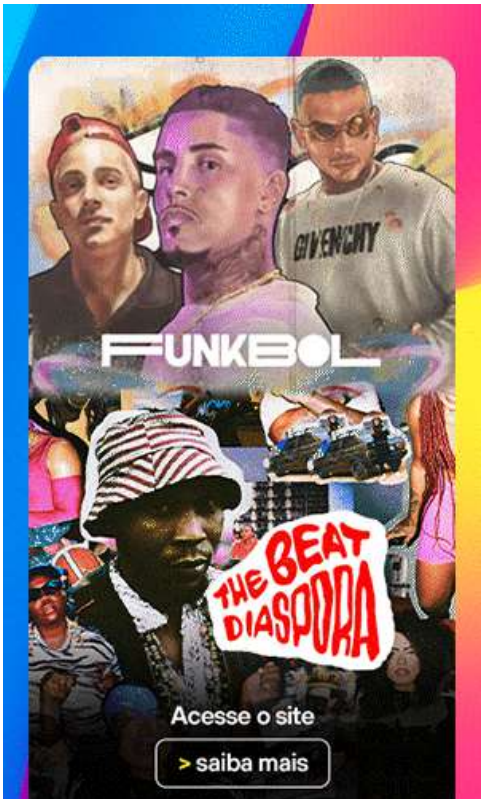
08.01.2021 | Por: Redação

* “BUM Bum Tam Tam”, do MC Fioti, vira hino da Coronavac. KondZilla, São Paulo, 8 jan. 2021. Disponível em: https://kondzilla.com/m/bum-bum-tam-tam-do-mc-fioti-vira-hino-da- coronavac. Acesso em: 25 nov. 2021.



Nesta quarta-feira (7), o Instituto Butantan anunciou que a vacina, desenvolvida por eles em parceria com a Sinovac Life Science, tem 78% de eficácia. A notícia foi recebida com muita alegria, e claro, com muitos memes. E adivinha qual som foi coroado como o hino da vacina? Ele mesmo: "Bum Bum Tam Tam", o hit internacional com mais de um bilhão de visualizações no YouTube, do MC Fioti. Se liga!

PUBLICIDADE







Se você não pegou o trocadilho, vem com a gente: o nome do Instituto que desenvolveu a vacina é Butantan. E no funk, Fioti canta “vem com o Bum Bum Tam Tam”. Ele praticamente viu o futuro e já sabia que o Instituto Butantan ia salvar geral do corona! Nas redes,

milhares de pessoas tem compartilhado vídeos da vacina, as chamadas “fancams” ou “edits”, que se popularizaram com os fãs de kpop, mas com o funk.

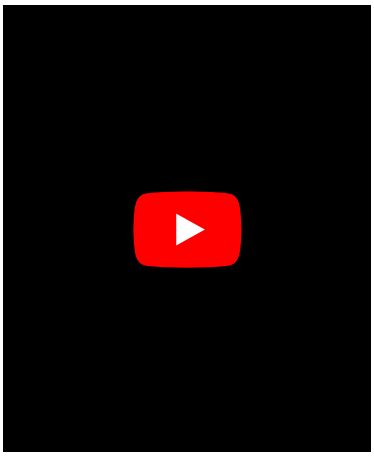
Não encontrada

E o Jardim da Ressurreição que mandou o famoso bum bum tantan

Nem o cemitério aguenta mais ver tanta gente morta 😕 #VemVacina pic.twitter.com/aejDdm7tZq

— Lelly (@lellycosta) January 8, 2021

Na rua, uma mensagem comemorando a eficácia da Coronavac também foi exibida na faixada de um prédio, com os dizeres: “Vai com o Bum Bum Tam Tam, Mexe o Bum Bum Tam Tam. Viva o Butantan. Viva o Sus!”. Nos comentários do videoclipe, já tem muita gente dizendo que voltou a ouvir o som por causa dos memes.

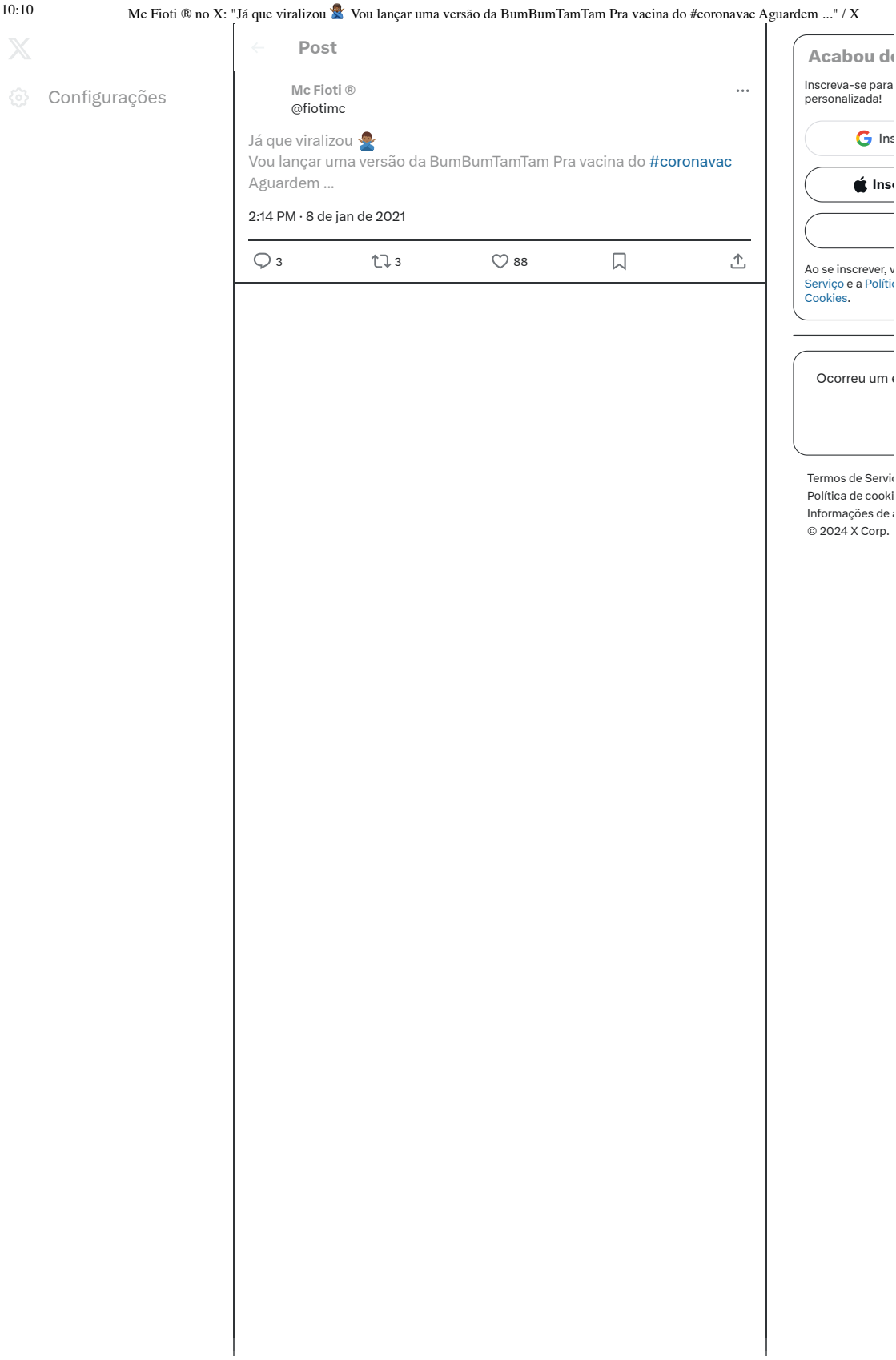


A música foi lançada em 2017 e é até hoje o videoclipe mais visualizado no Canal KondZilla, isso sem falar que é o primeiro videoclipe de música brasileiro a bater um bilhão de visualizações no YouTube. Além de ter sido um sucesso absurdo aqui no Brasil, o som ainda viralizou pela gringa e possibilitou que Fioti levasse o funk pra vários países.

E aí, quem é que vai mandar aquele “Bum Bum Tam Tam” na hora da vacinação?

Veja também

ANEXO III — TWEET DE MC FIOTI ANUNCIANDO O LANÇAMENTO DA VERSÃO DA MÚSICA BUM BUM TAM TAM PARA A VACINA DO INSTITUTO BUTANTAN*



* FIOTI, MC. Já que viralizou Vou lançar uma versão da BumBumTamTam Pra vacina do #coronavac Aguardem … 8 jan. 2021a. Twitter: @fiotimc. Disponível em: https://twitter.com/fiotimc/status/1347592419483774981. Acesso em: 25 nov. 2021.

ANEXO JJJ — POSTAGEM SOBRE A VISITA DE MC FIOTI AO INSTITUTO BUTANTAN, FEITA PELO PERFIL @BUTANTANOFICIAL NO INSTAGRAM*

Instagram

Entrar Cadastre-se



butantanoficial · Seguir
Instituto Butantan

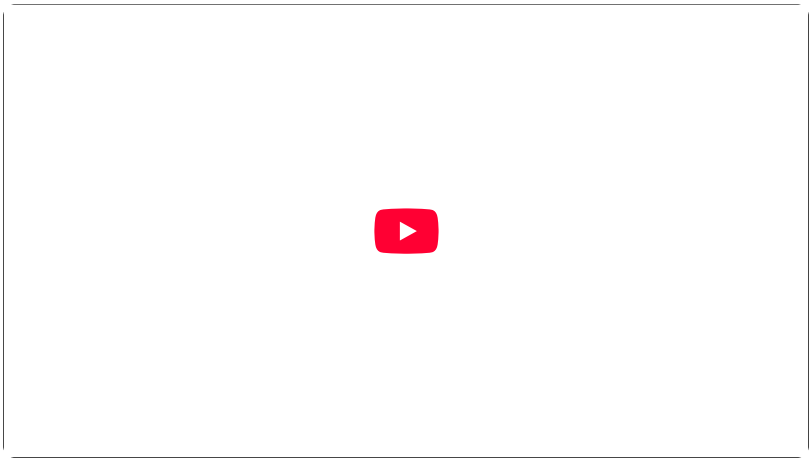
butantanoficial Hoje, o Instituto Butantan recebeu a visita do @mcfioti , conhecido pelo hit "Bum bum tam tam". Com certeza você ouviu esse sucesso lançado em 2017! O hit ganhou uma nova versão, e o cantor gravou um clipe aqui no instituto. O resultado será lançado em breve no Youtube.
A música, que voltou a viralizar com as noticias da Vacina do Butantan, bateu mais de 1,6 bilhão de visualizações.

Editado · 205 sem

katia.flag 👏👏
196 sem Responder

* INSTITUTO BUTANTAN. Hoje, o Instituto Butantan recebeu a visita do @mcfioti... São Paulo, 15 jan. 2021c. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKFLZ5QlQT2/. Acesso em: 21 nov. 2021.

ANEXO KKK — CLIPE VACINA BUTANTAN - REMIX BUM BUM TAM TAM, PUBLICADO NO CANAL KONDZILLA NO YOUTUBE*



MC Fioti - Vacina Butantan - Remix Bum Bum Tam Tam (KondZilla)

Canal KondZilla
67,5 mi de inscritos
Inscrever-se
832 mil
Compartilhar
Clipe

14.845.910 visualizações 23 de jan. de 2021 #PortalKondZilla #SomosPlural #KondZilla
OUÇA NOSSOS HITS:
https://kondzilla.lnk.to/MaisTocadasdY
https://kondzilla.lnk.to/LancamentosK...

SHOWS:
(11) 2385-0126
KondZilla Records

LETRA:
É a vacina envolvente que mexe com a mente de quem tá presente
É a vacina saliente, que vai curar "nois" do virus e salvar muita gente

Aí eu falei assim pra ela:
Vai, vai no Bubutantã, vai no Bubutantã
Vai, vai no Bubutantã, vem no Bubutantã

Autenticamente falando: Se vacina aí, pô

Nois tá tipo como? Instituto Butantã

PRODUÇÃO MUSICAL:
MC Fioti

DIREÇÃO:
Kaique Alves

REDES SOCIAIS:
Facebook:
/ mcfioti.nvi
Instagram:
@mcfioti

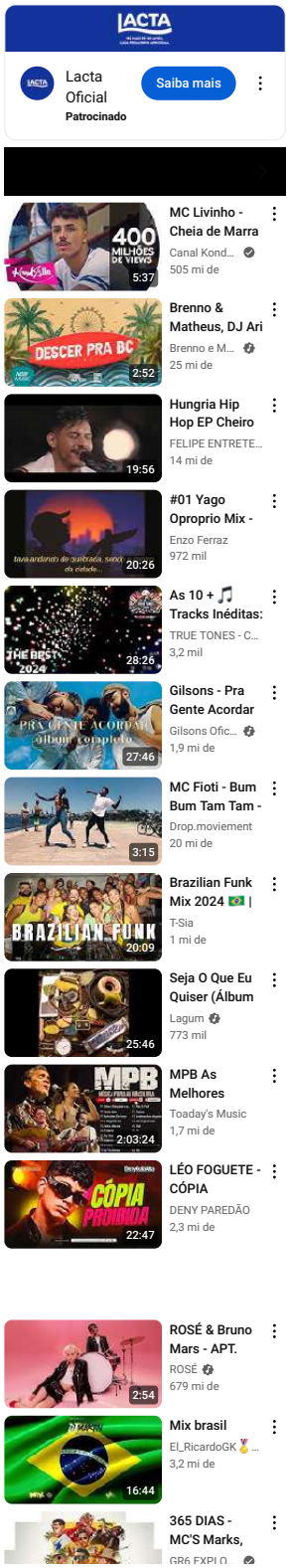
Inscreva-se no NOVO CANAL da KondZilla
http://bit.ly/CanalPortalKondZilla

#Funk #KondZilla #VacinaButantan #PortalKondZilla #SomosPlural
Copyright © 2021 KondZilla®. Todos os direitos reservados.

Música
1 músicas



Vacinabutantan (Remix)
MC Fioti
Vacinabutantan (Remix)



* FIOTI, MC. Vacina Butantan: Remix Bum Bum Tam Tam. São Paulo: KondZilla, 2021c. 1 vídeo (3min11s). Disponível em: https://youtu.be/yQ8xJHuW7TY. Acesso em: 3 nov. 2021.

ANEXO LLL — POSTAGEM SOBRE O LANÇAMENTO DO REMIX DA VACINA DO BUTANTAN POR MC FIOTI, FEITA PELO PERFIL @BUTANTANOFICIAL NO INSTAGRAM*

Instagram

Entrar Cadastre-se



butantanoficial • Seguir

butantanoficial Acaba de ser lançado o remix da vacina do Butantan, um dos maiores hits de 2021. De autoria de Mc Fioti, o hit da vacina do Butantan foi gravado no instituto e contou com a participação de diversos funcionários. Em uma batida contagiante, o remix traz a mensagem de que a imunização é o caminho mais curto para protegermos a nossa saúde. A feliz união entre a ciência e o funk visa conscientizar as pessoas, inclusive os jovens, sobre a importância da vacina. Se é do Butantan pode confiar. Créditos: Mc Fioti/ @kondzilla @kondzillarecords @mcfioti #Vacina #Podeconfiar #ÉdoButantan #VacinadoButantan

501.897 visualizações

23 de janeiro de 2021

Entrar para curtir ou comentar.

Mais publicações de **butantanoficial**

* INSTITUTO BUTANTAN. Remix contagiante de @mcfioti para vacina que salva vidas. São Paulo, 23 jan. 2021d. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CKZ3Ia_nV6Y/. Acesso em: 21 nov. 2021.

ANEXO MMM — MATÉRIA “DO CAPÃO REDONDO PARA O BUTANTAN, MC FIOTI REPRESENTA NO FUNK E INCENTIVA VACINAÇÃO”, PUBLICADA NO SITE DO BUTANTAN*

Do Capão Redondo para o Butantan, MC Fioti representa no funk e incentiva vacinação

Publicado em: 21/01/2021

A música “Bum Bum Tan Tan”, que viralizou e se tornou hino da vacina, trouxe o MC Fioti e sua equipe, na última sexta-feira (15), para uma atualização do clipe original. A proposta, que não deixa de ser uma homenagem à corrida do Butantan pela vacina, é dar uma repaginada na música e fazer a letra conversar com o momento atual. A visita também foi motivada pela vontade do artista de fazer um Flash Mob com os colaboradores do Butantan.

A visita começou bem cedo. Antes das dez da manhã, já era possível avistar na recepção algumas pessoas vestidas de camiseta preta com o logo “KondZilla” escrito em branco. Junto aos técnicos, estava Michael Muller Fardin, o produtor do clipe. Ele frisou a importância da ação frente ao atual momento de pandemia dizendo que esse projeto é a maneira mais fácil de chegar na população e que chama muita atenção do público. E reforçou: “Isso, inconscientemente [para a maioria dos fãs], vai ajudar mais pessoas a tomarem a vacina”.

Na sequência, chegou uma van com o restante da equipe, por volta de oito pessoas, incluindo a assessora do MC, Dagmar Alba. A profissional aproveitou a ocasião para compartilhar uma conversa que teve recentemente com o artista, sobre a força que o funk representa hoje. Segundo ela, o movimento chegou num outro patamar e por isso deve ser valorizado. Ainda afirmou: “O funk vai mostrar que a vacina é importante”.

Todos os envolvidos pareciam muito animados com a oportunidade que a experiência trouxe e, para a maioria deles, essa foi a primeira vez que pisaram no Butantan. Raul Fernando, assistente de produção, disse que mora há mais de 30 anos em São Paulo e nunca veio ao Instituto. Em suas palavras “esse dia foi, sem dúvida, um momento histórico e gratificante demais”.



É hora do Flash Mob

Durante o caminho, enquanto conheciam as dependências do Instituto, alguns pegavam seus celulares e tiravam fotos para registrar esse marco que reúne ciência e funk. O início do encontro foi voltado ao planejamento e orientações, bem como trocas de ideias – o que garantiu que a produção conhecesse bem o terraço e ficasse à vontade no ambiente de gravação.

* DO CAPÃO Redondo para o Butantan, MC Fioti representa no funk e incentiva vacinação. Instituto Butantan, São Paulo, 21 jan. 2021. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/do-capao-redondo-para-o-butantan-mc-fioti-representa-no-funk-e-incentiva-vacinacao. Acesso em: 26 nov. 2021.

ANEXO NNN — MATÉRIA “ESTREIA NOVA VERSÃO DE ‘BUM BUM TAM TAM’, DE MC FIOTI, GRAVADA NO BUTANTAN”, PUBLICADA NO SITE DO BUTANTAN*



Estreia nova versão de “Bum Bum Tam Tam”, de MC Fioti, gravada no Butantan

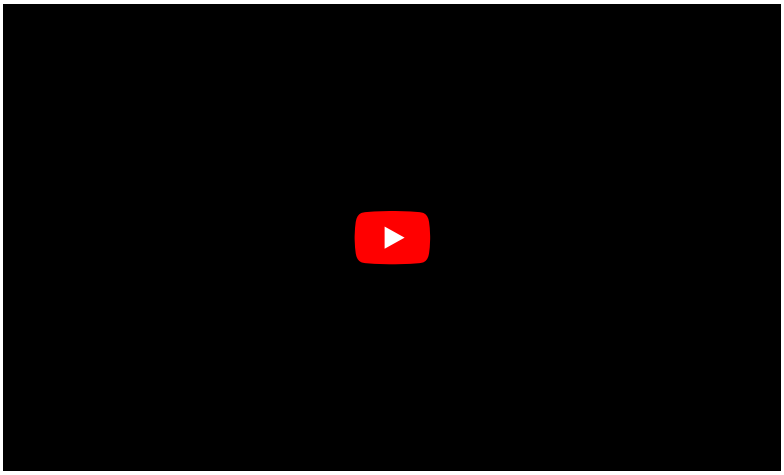
Publicado em: 26/01/2021

“Essa vacina é saliente, vai curar nóis do vírus e salvar muita gente”, canta MC Fioti na nova versão do clipe do hit “Bum Bum Tam Tam”, dirigido por Kaique Alves do KondZilla Records, maior canal de funk do mundo e maior canal do Youtube do Brasil e da América Latina. O clipe, lançado ao meio-dia deste sábado (23), traz letra adaptada de incentivo e valorização à Ciência.

O clipe conta a história do MC que tinha pendente com o gênio da lâmpada 2 desejos. Em uma nova oportunidade, Fioti pede “a cura do coronavírus” e, como terceiro e último desejo, “quero que traga paz, amor e saúde para a humanidade”. O gênio então concede os desejos e o jovem acorda na escadaria do Instituto – um dos maiores centros de pesquisa do Brasil, reconhecido mundialmente.

A partir daí, a história nos conduz às áreas internas do Butantan: Museus Biológico e Microbiológico, Biblioteca e diversas áreas do Instituto, como, por exemplo, o departamento de Compras. E, em uma cena ou outra, funcionários do Butantan fazem a magia acontecer. Relembre a visita do MC no Instituto **clicando aqui**.

A homenagem, cuja gravação ocorreu em uma sexta-feira, foi marcada por sorrisos, animação e a esperança de dias melhores. Na visita, a vacina ainda não tinha sido aprovada pela Anvisa. Agora, após a aprovação, a mensagem que fica é a seguinte: “Se vacina aí, pô”, incentiva MC Fioti.



WhatsApp Compartilhar

Todo o conteúdo deste site está publicado sob a licença **Creative Commons Atribuição-SemDerivações 3.0 Não Adaptada.**

* ESTREIA nova versão de “Bum Bum Tam Tam”, de MC Fioti, gravada no Butantan. Instituto Butantan, São Paulo, 26 jan. 2021. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/estreia-nova-versao-de-“bum-bum-tam-tam”-de-mc-fioti-gravada-no-butantan. Acesso em: 26 nov. 2021.

ANEXO OOO — VÍDEO SOBRE OS BASTIDORES DO CLIPE DO MC FIOTI NO INSTITUTO BUTANTAN, PUBLICADO NO CANAL BUTANTAN NO YOUTUBE*



Os bastidores do clipe do Mc Fioti no Instituto Butantan

Canal Butantan
103 mil inscritos
Inscrever-se
635
Compartilhar
Clipe

De um laboratório oficial de saúde pública do Brasil
Saiba como a Organização Mundial de Saúde (OMS) define e classifica as fontes de informação de saúde

8.653 visualizações 30 de jan. de 2021 #Instituto #Ciência #Educação
▶ Instituto Butantan - A serviço da Vida

▶ Inscreva-se, curta e compartilhe!

#Instituto Butantan #Ciência #Educação

Transcrição

Acompanhe usando a transcrição.

Mostrar transcrição

Canal Butantan
103 mil inscritos

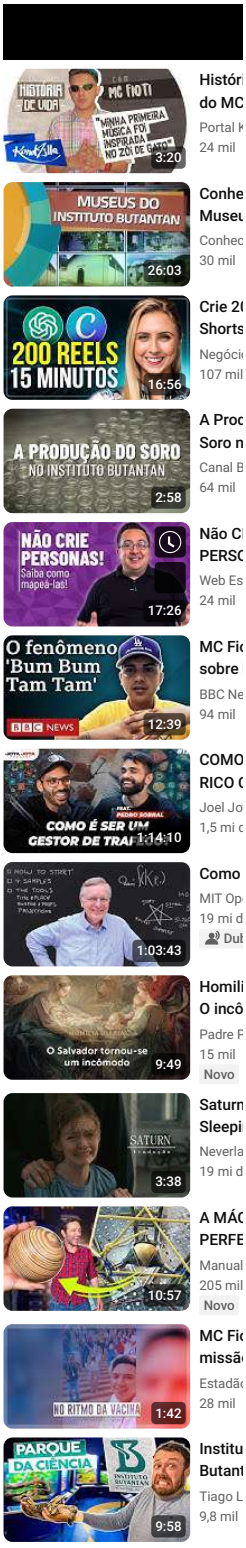
Vídeos Sobre Facebook Instagram

Mostrar menos

43 comentários Ordenar por

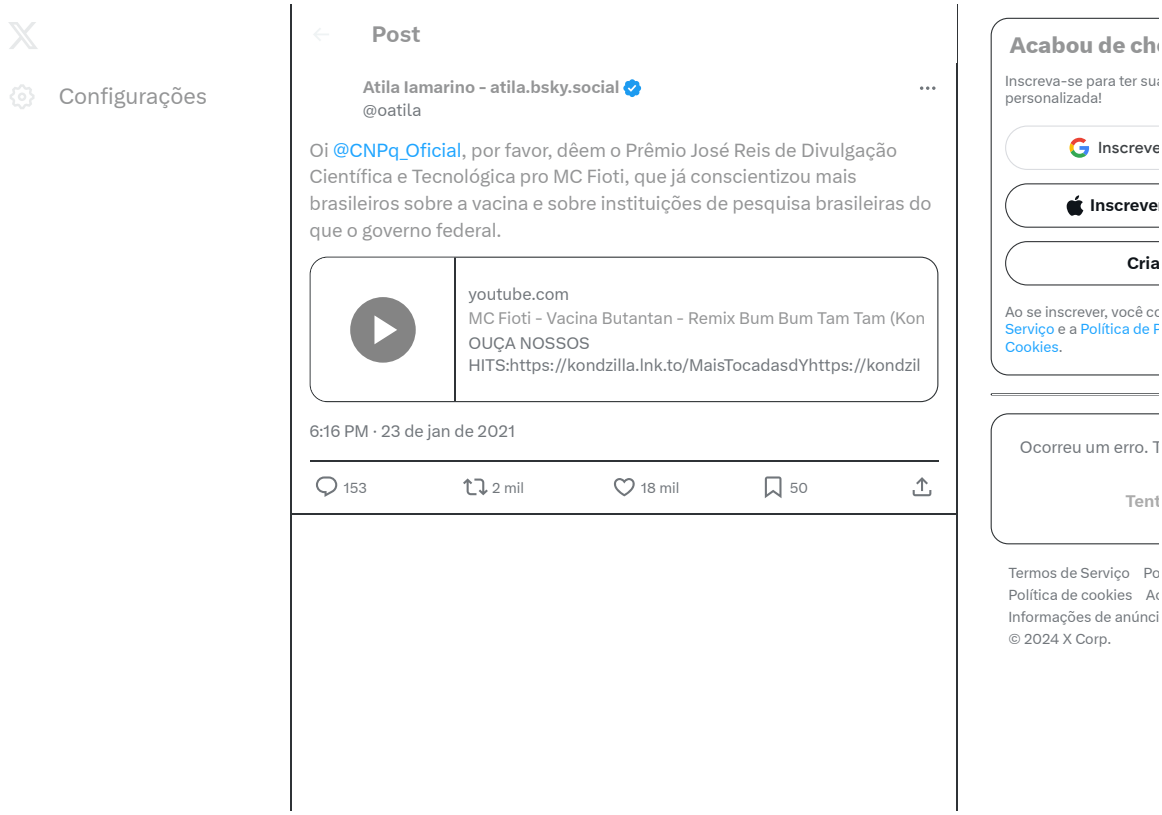
Adicione um comentário...

@deocleciogeronimo9647 há 3 anos (editado)
Parabéns para todos os Senhores e Senhoras que trabalham nesse importante Instituto.
33 Responder



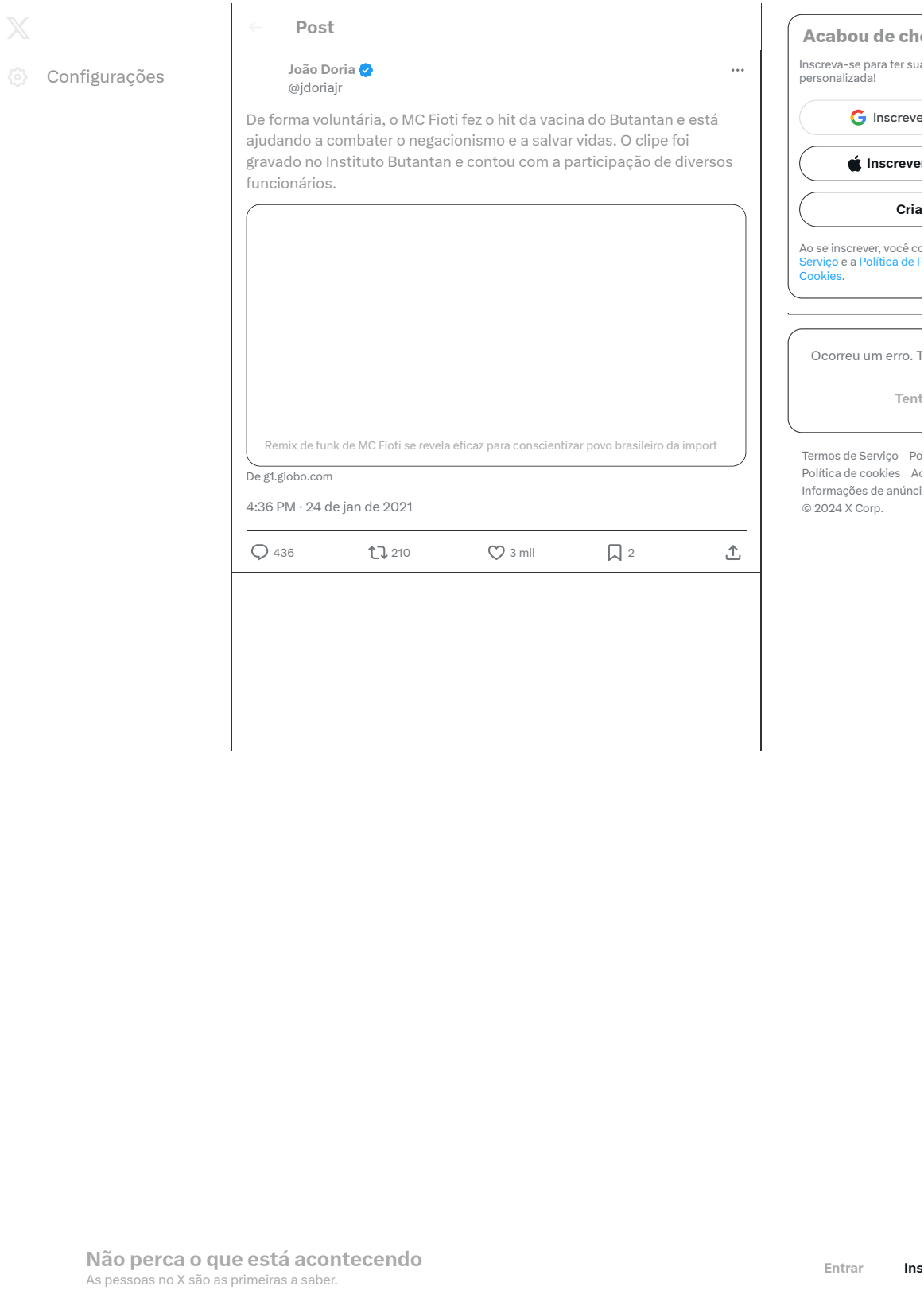
* OS BASTIDORES do clipe do Mc Fioti no Instituto Butantan. São Paulo: Canal Butantan, 2021. 1 vídeo (2 min 15 s). Disponível em https://youtu.be/7Hf2nThUVZ0. Acesso em: 28 nov. 2021.

ANEXO PPP — TWEET DO CIENTISTA ATILA IAMARINO SOBRE O CLIPE DA VACINA*

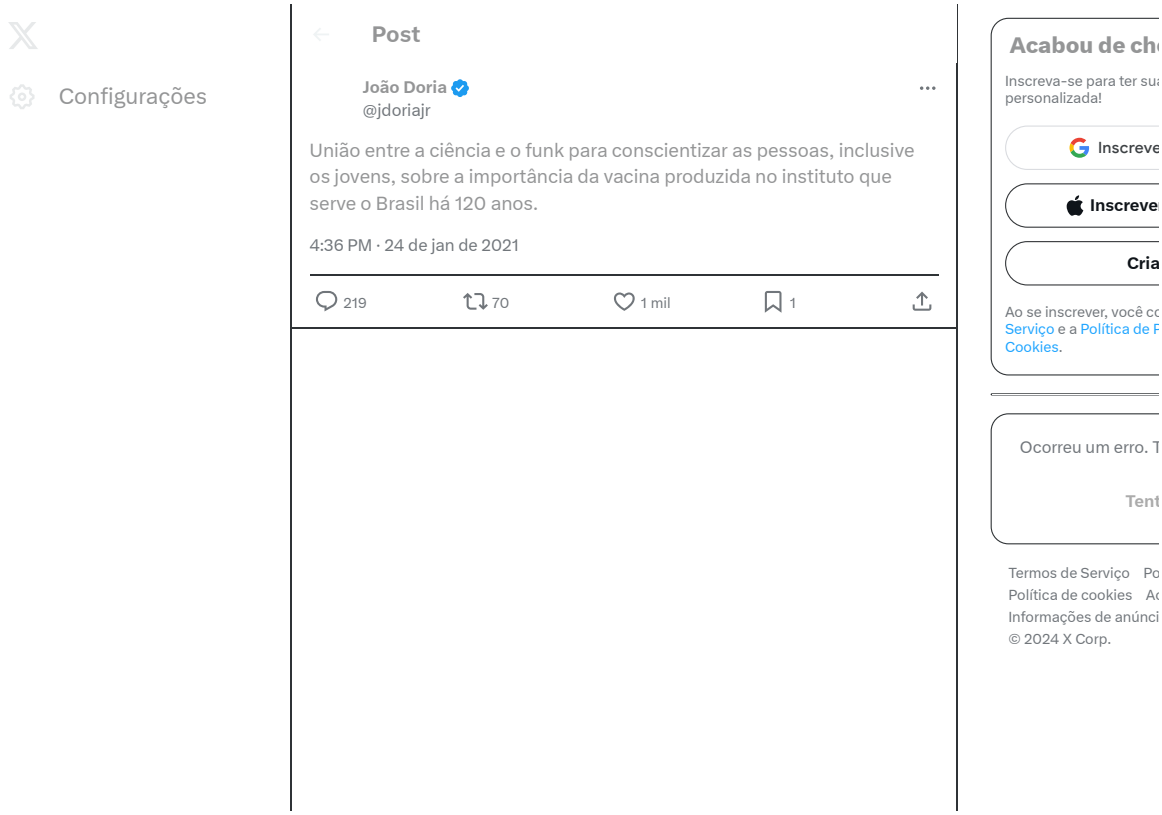


* IAMARINO, Atila. Oi @CNPq_Oficial, por favor, dêem o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica pro MC Fioti, que já conscientizou mais brasileiros sobre a vacina e sobre instituições de pesquisa brasileiras do que o governo federal. 23 jan. 2021. Twitter: @oatila. Disponível em: https://twitter.com/oatila/status/1353089231707635714. Acesso em: 29 nov. 2021.

ANEXO QQQ — TWEETS DO ENTÃO GOVERNADOR DE SÃO PAULO, JOÃO DÓRIA, SOBRE O CLIPE DA VACINA*



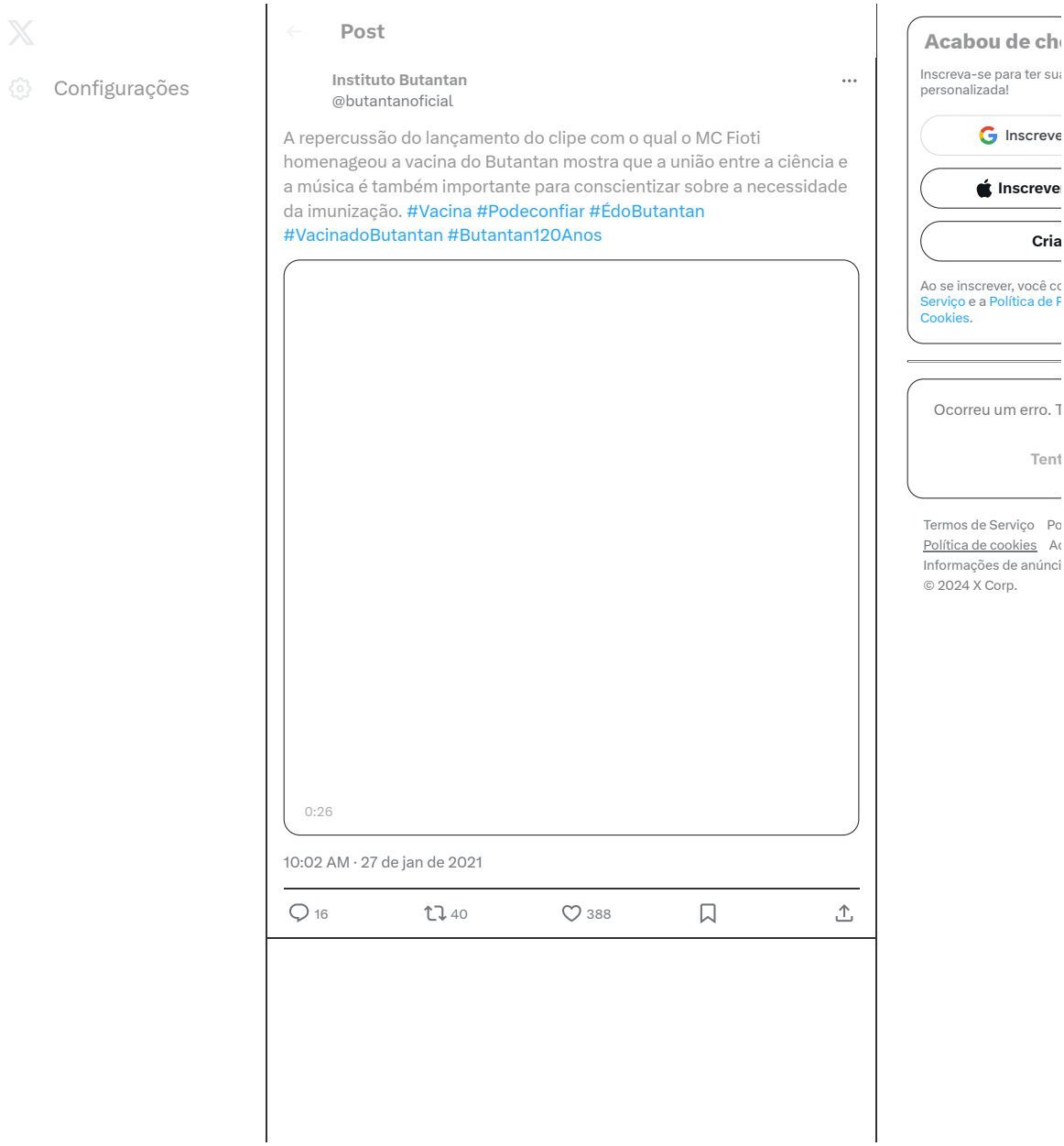
* DÓRIA, João. De forma voluntária, o MC Fioti fez o hit da vacina do Butantan e está ajudando a combater o negacionismo e a salvar vidas. O clipe foi gravado no Instituto Butantan e contou com a participação de diversos funcionários. 24 jan. 2021. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: https://twitter.com/jdoriajr/status/1353426378637643776. Acesso em: 29 nov. 2021.



Não perca o que está acontecendo
As pessoas no X são as primeiras a saber.

Entrar Ins

ANEXO NNN — TWEETS DO INSTITUTO BUTANTAN SOBRE A REPERCUSSÃO DO CLIPE DA VACINA*



* INSTITUTO BUTANTAN. A repercussão do lançamento do clipe com o qual o MC Fioti homenageou a vacina do Butantan mostra que a união entre a ciência e a música é também importante para conscientizar sobre a necessidade da imunização. #Vacina #Podeconfiar #ÉdoButantan #VacinadoButantan #Butantan120Anos. São Paulo, 27 jan. 2021a. Twitter: @butantanoficial. Disponível em: https://x.com/butantanoficial/status/1354414356377837568. Acesso em: 25 dez. 2024.

ANEXO SSS — PUBLICAÇÃO DESMENTINDO FAKE NEWS SOBRE A VACINA CORONAVAC, PUBLICADA NO PERFIL @BUTANTANOFICIAL NO INSTAGRAM*



butantanoficial • Seguir

butantanoficial É maldosa e leviana qualquer informação que circule sugerindo que as vacinas que estão sendo aplicadas pelo Butantan no projeto Serrana não estão surtindo efeito ou contribuindo para o aumento de mortes. Compartilhar informações sem embasamento científico é um desserviço à saúde. O projeto, pioneiro em todo o mundo, uma vez que vacinará uma cidade inteira, ainda não foi concluído. Para que a imunização seja considerada completa é preciso tomar as duas doses e ainda aguardar 15 dias, o que ainda não ocorreu em Serrana. Por enquanto, a vacinação geral alcançou 65,3% do público alvo, que é de 28.380. Até o momento, somente 18.535 dos voluntários tomaram a 2ª dose. A vacinação, portanto, não foi concluída. Tudo o que se disser agora de Serrana é especulação. A vacina do Butantan é segura e eficaz e é a que está sendo aplicada hoje em 90% dos brasileiros. É preciso, ainda, aguardar e manter as regras sanitárias. E também fugir das notícias falsas.

Ver todos os 393 comentários

gisasiqueirasiqueira Tomei a primeira dose da

* INSTITUTO BUTANTAN. Fake news também é vírus. São Paulo, 4 abr. 2021b. Instagram: @butantanoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNQojwghle9/. Acesso em: 8 abr. 2021.